

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**THIAGO MIKAEL SILVA**

**O “CIENTISTA AMADOR” LITERAL: A CIÊNCIA PARA  
TERRAPLANISTAS**

**Belo Horizonte**

**2024**

**THIAGO MIKAEL SILVA**

**O “CIENTISTA AMADOR” LITERAL: A CIÊNCIA PARA  
TERRAPLANISTAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social  
Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento

**Belo Horizonte**

**2024**

150	Silva , Thiago Mikael.
S586c	O “cientista amador” literal [manuscrito] : a ciência para terraplanistas / Thiago Mikael Silva . - 2024.
2024	328 f. Orientador: Adriano Roberto Afonso do Nascimento.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Psicologia – Teses. 2. Ciência - Teses. 3.Representações sociais - Teses. 4.Dissonância cognitiva - Teses. I. Nascimento, Adriano Roberto Afonso do. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE TESE DE THIAGO MIKAEL SILVA

Realizou-se, no dia 23 de fevereiro de 2024, às 14:00 horas, online Microsoft Teams, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *O “cientista amador” literal: a ciência para terraplanistas*, apresentada por THIAGO MIKAEL SILVA, número de registro 2020693750, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Adriano Roberto Afonso do Nascimento - Orientador (UFMG), Prof(a). Paulo Rogério Meira Menandro (UFES), Prof(a). Maria de Fátima de Souza Santos (UFPE), Prof(a). Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFPB), Prof(a). Alberto Mesaque Martins (UFMS).

A Comissão considerou a tese:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Roberto Afonso do Nascimento, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2024, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alberto Mesaque Martins, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 15:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria de Fátima de Souza Santos, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Eugênio Oliveira Lima, Usuário Externo**, em 13/03/2024, às 07:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Rogério Meira Menandro, Usuário Externo**, em 13/03/2024, às 22:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3062581** e o código CRC **ED89A553**.

---

*À memória dos meus avós*

## Agradecimentos

Certamente, existe uma numerosa quantidade de pessoas – anonimizadas pelo cotidiano – cujos nomes eu gostaria de saber para poder agradecê-las neste espaço. Ciente dessa injustiça e não desejando ampliá-la, quero agradecer a todos que fizeram parte dos bastidores deste e de outros trabalhos desafiadores durante minha jornada até aqui. Nominalmente:

À minha mãe, Maria, que não poupou esforços para concluir os estudos e ir para a faculdade, já na vida adulta, para que não só tivéssemos seu próprio exemplo, como também, condições de ingressar e prosseguir nos estudos.

Ao meu pai, que apesar de nunca ter concluído os estudos, me ajudou a concluir os meus e ter sido uma fonte de apoio nos fracassos e sucessos com os quais me deparei.

Ao meu irmão, Rafael, cuja inteligência, criatividade e bom humor sempre me ajudaram de uma forma que ficou ainda mais claro nos últimos anos.

À minha irmã, Larrayne, que também foi companhia de igual valor, com momentos de descontração.

À minha irmã, Lorrany, que ajuda a deixar os dias leves, aéreos e divertidos.

À minha tia querida, Rute Adriana, que também participa e acompanha cada luta diária.

À minha tia, Marlúcia, João e meu primo, João Adler. Jamais esquecerei os dias nos quais fui acolhido na casa de vocês e pude compartilhar tantos momentos, risos, conversas e aprendizados. Sem vocês, não sei como teria sido minha adaptação em Belo Horizonte.

À Roneida, que esteve todos esses anos na torcida e me apoiou carinhosamente nesta trajetória. Ao Flávio, Janine e Janer que também foram companhias com as quais estabeleci caras memórias afetivas.

Ao prof. Dr. Alberto Mesaque, quem, primeiro, me apresentou ao universo da ciência, da pesquisa e das publicações, além de mostrar que no meio do trabalho árduo, também há espaço para a diversão, alegria e partilha. Em quase todo passo importante que dei, tive a sorte de poder contar com sua generosa amizade, conselhos e aprendizados. E neste passo que estou dando não será diferente. Obrigado por aceitar participar e contribuir na minha banca!

Ao prof. Dr. Pablo Ferreira Bastos Ribeiro, pela amizade e convivência durante o período da pós-graduação, e por ter aceitado o convite para participar da banca.

Ao amigo, Laurent, uma das gratas surpresas que a pós-graduação trouxe diretamente para minha vida em termos de amizade e parceria nos desafios da pós e da vida. Sou grato por

ter dividido essa experiência contigo, passado por toda sorte de situações com a sorte de poder conviver e contar com alguém com quem não só aprendi muito, como enriqueci meu repertório de histórias para contar.

Ao Jeff, a quem devo minha segunda viagem, aos 32 anos. Foi a primeira vez que vi o mar fora das fotografias e telas. Sou grato por dividir essa experiência com amigos.

Ao Fabrício Bueno, outro amigo que a pós-graduação ofereceu. Em diversos momentos pude encontrar conversas e discussões instigantes. Sem contar com palavras de apoio valiosas em ocasiões nas quais precisei levantar.

Ao Juliano, grande amigo com o qual sempre mantenho valiosas conversas e pude contar em todos momentos.

À Emanuelle, amiga que também acompanhou de perto os bastidores da construção deste trabalho.

À minha amiga, Mônica, outra grande amizade que a graduação trouxe para minha vida.

Aos amigos da pós, Lucas Ed., Laura Valéria, Laura Dalcin, Sara Angélica, Gregório, Andréia, Elisângela, Karen, Camila, Jaíza, Flaviane e Walter. Ao Núcleo de Pesquisa em Memórias, Representações e Práticas Sociais.

À Natália, que é prova de que encontros inesperados que a academia nos proporcionam são fontes de parcerias e trocas significativas.

Ao prof. Daniel e sua equipe da Academia Viver Bem, que me ajudaram a incorporar um novo estilo de vida, sem o qual não me vejo daqui para frente.

Ao Fabrício Veliq, Cláudio e secretaria do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FAFICH. Aos funcionários e toda equipe que tornam esse ambiente acolhedor e memorável.

Ao prof. Dr. Rafael Wolter que também deu sugestões e contribuições muito ricas no momento em que esta tese era apenas um projeto.

À prof.<sup>a</sup> Laura Andrade, com quem aprendi muito durante a graduação. Isso faz tempo, mas não o bastante para apagar a estima, a influência e a contribuição que minha memória enxerga e retém.

Ao prof. Dr. Marcus Eugênio, de quem não tenho menos do que profunda admiração pela paixão que nutre pela Psicologia Social, além da certeza de ter tido e poder ter diálogos sempre instigantes. Agradeço ainda pelas contribuições dadas a este trabalho durante a qualificação na qual ele ainda ganhava forma, e por estar presente também na banca de defesa.



Ao prof. Pedro Lúcio, que desde a graduação compartilhava o que devia ser uma pequena amostra do bom gosto de sua estante. Devo a você muitas leituras posteriores, sobretudo as filosóficas.

À prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima por aceitar o convite para participar da minha banca, ler e poder contribuir com a discussão deste trabalho. E, claro, pelos textos e ensinamentos tão ricos e generosos que ajudaram a formar a mim e toda uma geração de estudantes.

Ao prof. Dr. Paulo Menandro por ter aceito o convite para participar da banca de defesa e pelo interesse em ler e contribuir com este trabalho. É uma honra e satisfação tê-lo em nossa banca.

Ao prof. Dr. Adriano, por me orientar até aqui e partilhar comigo, seu exemplo e sua experiência acadêmica e profissional, preocupando-se tanto com o caminho da pesquisa quanto com os desafios da construção de uma carreira acadêmica. Não quero poupar linhas, para não deixar menos que claro e óbvio, nem ficar aquém de sua conhecida modéstia – característica de todo grande mestre e docente. Pois que fique aqui registrado, a cada metamorfose que esse trabalho sofreu, tive a sorte de contar com alguém que olha longe feito uma águia. Mais, tive o privilégio comum às brincadeiras e raro ao empreendimento científico, qual seja o de encontrar deleite nos desafios da pesquisa. Contigo aprendi e aprendo com as leituras de exímio bom gosto, com as orientações sempre precisas e mesmo com diálogos despreziosos e ideias espontâneas em sala de aula. Muito obrigado!

À CAPES, que manteve e mantém os subsídios necessários para tornar tudo isso possível, desde o mestrado, atravessando os períodos mais nebulosos do país.

À ciência, à sociedade, à vida, ao universo ou ao Deus de Miguel de Unamuno.

*“— O acaso vai guiando nossas coisas melhor do que poderíamos desejar: olha lá, amigo Sancho Pança, onde estão uns trinta gigantes monstruosos, com quem penso travar batalha e a todos tirar as vidas. [...]*

*— Que gigantes? — disse Sancho Pança.*

*[...] Ele ia tão convencido de que eram gigantes que nem ouvia seu escudeiro Sancho nem conseguia ver o que eram, embora já estivesse bem perto; pelo contrário, ia dizendo aos brados:*

*— Não fujais, covardes e vis criaturas, que apenas um cavaleiro vos ataca.*

*[...] Quando deu uma lançada na pá, girou-a com tanta fúria o vento que fez a lança em pedaços, levando junto o cavalo e o cavaleiro, que foi rolando todo desconjuntado pelo campo. Sancho Pança correu para socorrê-lo [...]*

*— Que Deus me acuda! — disse Sancho. — Eu não disse a vossa mercê que olhasse bem o que fazia, que eram apenas moinhos de vento? [...]*

*— Quietos, amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, porque as coisas da guerra, mais que as outras, estão sujeitas à contínua mudança. Além do mais, eu penso, e esta é a verdade, que aquele mago Frestão, que me roubou o quarto e os livros, transformou esses gigantes em moinhos para me tirar a glória de vencê-los, tamanha é a inimizade que me tem. Mas no final das contas a magia negra dele pouco poderá contra a excelência de minha espada.”*

*(Miguel de Cervantes, 1605)*

## Resumo

Silva, M. T. (2020). *O “cientista amador” literal: a ciência para terraplanistas*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Embora a ciência tenha se tornado uma atividade coletiva, na qual a formação de consensos é crucial, não há consenso sobre sua própria definição. Diversas propostas filosóficas e sociológicas para conceituar a ciência surgiram, mas a cada proposição, as fronteiras entre o conhecimento científico e a sociedade foram se diluindo. Com o avanço das pesquisas sobre a percepção pública da ciência, a sociedade passou a ser questionada sobre sua compreensão científica. Entretanto, esse campo de pesquisa ainda mantém uma tradição de menosprezo pelo senso comum, considerando-o deficitário, errôneo e distorcido, incumbindo aos cientistas corrigi-lo por meio da comunicação e alfabetização científica. Atualmente, esse conjunto de pressupostos chamado Modelo do Déficit é cotidianamente desafiado pelo fenômeno das teorias conspiratórias impulsionadas pela Web 2.0. O caso mais emblemático que chamou a atenção da mídia e dos acadêmicos tem sido o movimento terraplanista, que defende o formato plano da Terra, confrontando um dos consensos científicos mais antigos da humanidade. Contrariando as expectativas do Modelo do Déficit, a compreensão e alfabetização científica não parecem reduzir a rejeição a esses consensos. Tendo como base, sobretudo, a Teoria da Dissonância Cognitiva, explicações promissoras surgiram com o intuito de entender esse fenômeno, mas não aprofundaram o diálogo com essa e outras teorias em Psicologia Social. Assim, partindo de um esforço para articular pressupostos da Teoria da Dissonância Cognitiva e Teoria das Representações Sociais, este trabalho buscou investigar e analisar as representações sociais de ciência para os defensores da Terra Plana. Com base na análise documental e pressupostos da Análise de Redes Sociais, foi realizado um mapeamento prévio dos canais que compõem a rede em torno do tema “Terra plana” no YouTube, usando módulos do *YouTube Data Tools*. Em seguida, por meio de uma análise criteriosa com auxílio do software *Gephi*, foram selecionados os 10 canais terraplanistas brasileiros mais relevantes numa rede formada por 2.338 canais. 44 vídeos provenientes desses canais informantes foram qualitativamente tratados e simultaneamente amostrados e analisados conforme procedimentos da Teoria Fundamentada e Análise de Materialidade Audiovisual. Os resultados mostraram que os terraplanistas produzem e compartilham suas ideias sobre a Terra plana e outras teorias conspiratórias principalmente através de *vlogs*, *screencasts* e *lives* no YouTube. Em torno da Terra plana, teorias, ideias e noções amplamente diversas e contraditórias são aglomeradas num intrincado sistema de crenças, tornando a Terra plana uma teoria metaconspiratória. No entanto, há evidências de que o processo do qual essa teoria metaconspiratória é produto final é o mesmo que pode ter convertido os sujeitos à perspectiva terraplanista. Por aderirem a uma leitura literal da Bíblia, os terraplanistas parecem experimentar um conflito entre o relato de uma Terra plana sugerida pela cosmologia hebraica e as descrições da ciência moderna. Após decidirem em favor da veracidade integral da Bíblia, surge a necessidade de justificar essa escolha e explicar como a ciência se tornou falsa, indicando um enfrentamento de dissonância cognitiva. A alternativa rejeitada é depreciada por meio de uma atribuição causal que infere uma conspiração. De um lado, é elaborada uma representação social de “ciência de verdade”, alinhada com a Bíblia, epistemologicamente “empírica”, metodologicamente “experimental”, socialmente “simplificada” e eticamente preocupada com a “melhoria” da condição humana. De outro, é produzida uma representação social alternativa de “ciência falsa”, alinhada com um sistema maligno, “não empírica” e “adulterada” para ocultar a “ciência de verdade”. No entanto, novas e inquietantes inconsistências surgem, seja pelas implicações da posição que o grupo adota, seja pelo contato com perspectivas contraditórias trazidas pelo alter. No primeiro caso, um amplo

arsenal de mecanismos de gerenciamento de inconsistências é mobilizado, reduzindo-as ou encontrando uma forma de mantê-las sem gerar dissonância cognitiva. Já na segunda situação, a distância Ego/Alter é regulada por barreiras semânticas e representações radicais da alteridade. Consequentemente, ao comprometer comparações sociais, essa distância cria condições para a autocontradição. O grupo acusa seus adversários de serem dogmáticos e supersticiosos ao mesmo tempo em que não parece perceber a complacência de seu sistema de crenças com posturas e ideias que poderiam lhes render a mesma acusação. Em suma, os desdobramentos dos resultados deste estudo apontam duplamente para a necessidade de revisão dos pressupostos das políticas públicas relacionadas à comunicação científica e para novos estudos que aprofundem empiricamente e experimentalmente os aspectos da proposta de articulação teórica sugerida neste estudo.

**Palavras-chave:** Ciência; Representações sociais; Dissonância cognitiva; Teorias conspiratórias.

## Abstract

Silva, M. T. (2020). *The literal "amateur scientist": science for flat-earthers*. (Ph.D. dissertation). Postgraduate Program in Psychology. Faculty of Philosophy and Human Sciences. Federal University of Minas Gerais. Belo Horizonte.

Although science has become a collective activity in which consensus formation is crucial, there is no consensus on its definition. Various philosophical and sociological proposals to conceptualize science have emerged, but with each proposition, the boundaries between scientific knowledge and society have blurred. With the advancement of research on public perception of science, society has been questioned about its scientific understanding. However, this field of research still maintains a tradition of disdain for common sense, considering it deficient, erroneous, and distorted, with scientists tasked to correct it through communication and scientific literacy. Currently, this set of assumptions known as the Deficit Model is regularly challenged by the phenomenon of conspiracy theories driven by Web 2.0. The most emblematic case that has caught the media's and academics' attention is the flat Earth movement, which advocates for the flat Earth, challenging one of humanity's oldest scientific consensus. Contrary to the expectations of the Deficit Model, scientific understanding and literacy do not seem to reduce rejection of these consensuses. Based primarily on the Theory of Cognitive Dissonance, promising explanations have emerged to understand this phenomenon. Still, they have not deepened the dialogue with this and other theories in Social Psychology. Thus, starting with an effort to articulate assumptions of the Theory of Cognitive Dissonance and the Theory of Social Representations, this work sought to investigate and analyze the social representations of science for flat Earth advocates. Based on document analysis and assumptions of Social Network Analysis, a preliminary mapping of channels composing the network around the "Flat Earth" theme on YouTube was carried out using YouTube Data Tools modules. Subsequently, through a meticulous analysis with the aid of Gephi software, the 10 most relevant Brazilian flat Earth channels were selected in a network made up of 2,338 channels. 44 videos from these informant channels were qualitatively treated and simultaneously sampled and analyzed according to Grounded Theory and Audiovisual Materiality Analysis procedures. The results showed that flat Earthers produce and share their ideas about the flat Earth and other conspiracy theories mainly through vlogs, screencasts, and live streams on YouTube. Around the flat Earth, widely diverse and contradictory theories, ideas, and notions are clustered into an intricate belief system, making the flat Earth a meta-conspiratorial theory. However, there is evidence that the same process that produced this meta-conspiratorial theory may also have stimulated the conversion of individuals to the flat-earth-ism perspective. By adhering to a literal reading of the Bible, flat Earthers seem to experience a conflict between the account of a flat Earth suggested by Hebraic cosmology and the descriptions of modern science. After deciding in favor of the absolute truth of the Bible, there arises the need to justify this choice and explain how science became false, indicating a confrontation with cognitive dissonance. The rejected alternative is depreciated through a causal attribution that implies a conspiracy. On one side, a social representation of "true science" is elaborated, aligned with the Bible, epistemologically "empirical," methodologically "experimental," socially "simplified," and ethically concerned with the "improvement" of the human condition. On the other side, an alternative social representation of "false science" is produced, aligned with a malign system, "non-empirical," and "adulterated" to conceal the "true science." However, new and unsettling inconsistencies arise, either due to the implications of the group's position or through contact with contradictory perspectives brought by the alter. In the first case, a broad arsenal of inconsistency management mechanisms is mobilized, reducing them or finding a way to

maintain them without generating cognitive dissonance. In the second situation, the Ego/Alter distance is regulated by semantic barriers and radical representations of otherness. Consequently, by compromising social comparisons, this distance creates conditions for self-contradiction. The group accuses its opponents of being dogmatic and superstitious while not seeming to realize the complacency of their belief system with positions and ideas that could subject them to the same accusation. In short, the outcomes of this study point doubly to the need to revise the assumptions of public policies related to scientific communication and for new studies that empirically and experimentally delve into the aspects of the proposed theoretical framework in this study.

**Keywords:** Science; Social representations; Cognitive dissonance; Conspiracy theories.

## Lista de ilustrações

<b>Figura 1. Relação entre polifasia cognitiva e dissonância cognitiva.....</b>	<b>91</b>
<b>Figura 2. Os tipos de polifasia cognitiva em perspectiva.....</b>	<b>98</b>
<b>Figura 3. Três vistas de um prisma no plano de projeção.....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 4. Rede de canais particionada segundo a modularidade e centralidade .....</b>	<b>112</b>
<b>Figura 5. Rede de canais particionada segundo a modularidade e centralidade .....</b>	<b>116</b>
<b>Figura 6. Canal Ciência de Verdade.....</b>	<b>131</b>
<b>Figura 7. Canal Débora G. Barbosa .....</b>	<b>133</b>
<b>Figura 8. Canal verdadeoculta .....</b>	<b>134</b>
<b>Figura 9. Canal Sem Hipocrisia .....</b>	<b>136</b>
<b>Figura 10. Canal IN – Inteligência Natural .....</b>	<b>137</b>
<b>Figura 11. Canal O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências.....</b>	<b>139</b>
<b>Figura 12. Canal Verdade Revelada.....</b>	<b>140</b>
<b>Figura 13. Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História .....</b>	<b>142</b>
<b>Figura 14. Canal Além da Nuvem.....</b>	<b>143</b>
<b>Figura 15. Canal Jose Marcio Artigo142 .....</b>	<b>145</b>
<b>Figura 16. Grafo de categorias.....</b>	<b>146</b>
<b>Figura 17. Diferença entre o tamanho de Deus na Terra plana e Modelo B do Deus Sol Invicto .....</b>	<b>162</b>
<b>Figura 18. Processo sociocognitivo de conversão à perspectiva terraplanista sobre o mundo e a ciência .....</b>	<b>195</b>
<b>Figura 19. Movimentos gerais de ancoragem e objetivação da RS Ciência de verdade</b>	<b>206</b>
<b>Figura 20. Condições de ocorrência para tipologias de polifasia cognitiva .....</b>	<b>227</b>
<b>Figura 21. Resumo de mecanismos acionados diante da inconsistência ou consistência .....</b>	<b>234</b>
<b>Figura 22. Inconsistências da busca por consistência .....</b>	<b>236</b>
<b>Figura 23. Perspectiva e pontos-cegos .....</b>	<b>237</b>

## Lista de Quadros e Tabelas

<b>Quadro 1. Principais diferenças entre o modelo do déficit e a CCC .....</b>	<b>61</b>
<b>Quadro 2. Relação entre sistemas de comunicação, tipologia de RS, condutas, polifasia cognitiva, ações quanto à diferença carregada de valor e barreiras/promotores semânticos .....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 3. Principais diferenças entre a comparação social em Tajfel e em Festinger .</b>	<b>286</b>
<b>Tabela 1 – Lista de canais terraplanistas brasileiros mais relevantes no YouTube .....</b>	<b>114</b>
<b>Tabela 2 – Canais que mais atuam como mediadores dentro da rede .....</b>	<b>115</b>
<b>Tabela 3 – Canais informantes e centralidade da temática da “ciência” .....</b>	<b>118</b>
<b>Tabela 4 – Corpus de vídeos analisados .....</b>	<b>124</b>
<b>Tabela 5 – Modos de lidar com inconsistências diferenciados pela natureza do (a) Processo Utilizado e (b) a Natureza do Resultado Alcançado.....</b>	<b>210</b>



## Lista de abreviaturas e Siglas

AC	Alfabetização científica
AI	<i>Artificial Intelligence</i>
AMA	Análise de materialidade audiovisual
ARS	Análise de Redes Sociais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C&T	Ciência e Tecnologia
CCC	Ciência da Comunicação Científica
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPI	Cognição protetora de identidade
CT&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
DMI	<i>Digital Methods Initiative</i>
EAC	<i>Espiral ascendente de complexidade</i>
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GDF	<i>Geos Dictionary File</i>
IC	Inteligência científica
IFERS	<i>International Flat Earth Research Society</i>
IFES	<i>International Flat Earth Society</i>
IGI	Índice Global de Inovação
LGB	Lésbicas, gays e bissexuais
LOA	Lei Orçamentária Anual
MC	Mentalidade de conspiração
MCTIC	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
NASA	<i>National Aeronautics and Space Administration</i>
NSF	<i>National Science Foundation</i>
NYZS	<i>New York Zetetic Society</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
ONU	Organização das Nações Unidas

OVNI	Objeto Voador Não Identificado
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PAI	Posição da assimetria ideológica
PUE	Posição da utilidade expressiva
RM	Raciocínio motivado
RS	Representações sociais
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
TC	Teoria conspiratória
TDC	Teoria da dissonância cognitiva
TFR(H)	<i>Thyrotropin Releasing Factor (Hormone)</i>
TIP	Tese da Irracionalidade Pública
TRC	Teste de Reflexão Cognitiva
TRM	Teoria do raciocínio motivado
TRS	Teoria das representações sociais
USP	Universidade de São Paulo
UZS	<i>Universal Zetetic Society</i>
YTDT	<i>YouTube Data Tools</i>

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	21
<b>O objeto “perdido”: breve relato das tentativas de caracterizar a ciência e os cientistas</b>	22
<i>Relatos da filosofia da ciência: principais tentativas de caracterização</i> .....	25
<i>A Sociologia da Ciência e os laboratórios: principais relatos</i> .....	31
<b>O diálogo entre a ciência e a sociedade: pressupostos e limitações</b> .....	35
<i>O mundo das Teorias Conspiratórias e dos consensos científicos</i> .....	40
<i>O movimento terraplanista</i> .....	43
<i>O ressurgimento do terraplanismo: os “nobres amadores” na era da internet</i> .....	47
<i>Além do Modelo do déficit: a Ciência da Comunicação Científica</i> .....	55
<b>Referencial teórico e metodológico</b> .....	62
<b>Intuição para o insólito: a teoria das representações sociais</b> .....	63
<i>Representações sociais, ciência e tecnologia</i> .....	70
<i>O escândalo da razão: representações sociais e teorias conspiratórias</i> .....	76
<b>Teoria da dissonância cognitiva: revisitando conceitos</b> .....	80
<i>Dissonância cognitiva: uma teoria, múltiplas visões</i> .....	84
<b>Polifasia cognitiva: lidando com a contradição de outra forma</b> .....	86
<i>Faces da mesma moeda: a polifasia e a dissonância cognitiva</i> .....	90
<i>Compartimentalização e prevalência seletiva: reflexos do self dialógico?</i> .....	95
<b>Aproximações gerais: o papel da dissonância nas representações sociais</b> .....	99
<i>O estranho: das representações sociais à dissonância</i> .....	103
<b>Síntese e perguntas norteadoras</b> .....	107
<b>Objetivos</b> .....	108
<b>Objetivo geral</b> .....	108
<i>Objetivos específicos</i> .....	108
<b>Métodos</b> .....	109
<b>Contexto de pesquisa</b> .....	109
<b>Coleta de dados</b> .....	109
<b>Procedimentos</b> .....	109
<i>YouTubesfera terraplanista: canais mais relevantes dentro da rede Terra Plana</i> .....	112
<i>Seleção de canais informantes</i> .....	117

<i>Caracterização dos canais informantes</i> .....	119
<b>Análise de dados</b> .....	123
<i>Pressupostos teórico-metodológicos e procedimentos de análise</i> .....	123
<i>Teoria fundamentada e pesquisa qualitativa</i> .....	123
<i>Tratamento do audiovisual: análise de materialidade audiovisual</i> .....	128
<b>Resultados</b> .....	130
<b>Produção da rede terraplanista: aspectos audiovisuais</b> .....	130
<b>O sistema de crenças terraplanista</b> .....	145
<i>A perspectiva terraplanista</i> .....	147
<i>A Bíblia e a Ciência: conflitos e contradições</i> .....	194
<i>O visto e o não-visto: Formas de estranhamento</i> .....	198
<i>Representações sociais alternativas: a maçã mordida ou Ciência falsa</i> .....	201
<i>A Ciência de verdade ou “ciência divina”</i> .....	205
<i>Ego, Alter e objeto: gerenciando contradições</i> .....	208
<i>O Topo da cascata: contradições centrais e conversão</i> .....	210
<i>Contradições periféricas: implicações funcionais da inconsistência após a conversão</i> .....	214
<i>Alteridade e perspectiva: tentando isolar a inconsistência regulando a distância</i> .....	228
<b>Síntese dos resultados</b> .....	238
<b>Discussão dos resultados</b> .....	240
<b>Despertar o espectador e denunciar as elites: vlog e amadorismo</b> .....	240
<b>Psicologia social e teorias conspiratórias: temas e conteúdos</b> .....	244
<i>Produzindo o conteúdo das teorias conspiratórias: o potencial da atribuição causal</i> .....	247
<i>Defendendo o conteúdo das teorias conspiratórias produzidas: breves implicações sociais</i> .....	250
<b>O terraplanismo contra a “ciência impostora”: em busca da ciência de verdade</b> .....	252
<i>A ciência e os cientistas para os terraplanistas</i> .....	255
<i>A ciência da desconsolação e as formas de estranhamento</i> .....	260
<i>Mal-entendidos e comunicação científica: prelúdio de uma Psicologia Social da ciência</i> .....	265
<b>Implicações e limitações: aspectos da teoria substantiva</b> .....	270
<i>Aspectos do gerenciamento de inconsistências</i> .....	274
<i>Breve resgate do fenômeno da “cegueira social”: autocontradição humana e perspectiva</i> .....	280

<b>Considerações finais</b> .....	289
<b>Referências</b> .....	295
<b>Apêndices</b> .....	320
<b>Teoria fundamentada: considerações metodológicas suplementares</b> .....	320
<b>Itinerário metodológico: da teoria fundamentada ao sistema de crenças terraplanista</b>	323

## Introdução

A presente tese se insere no campo da Psicologia Social em sua inter-relação com a Teoria das Representações Sociais e a Ciência da Comunicação Científica. Basicamente direciona seus esforços para o diálogo entre ciência e sociedade, mais especificamente, para as representações sociais de grupos que se organizam em torno de teorias conspiratórias, como é o caso dos movimentos terraplanistas brasileiros nas redes sociais.

Com a crescente disseminação de *fake news* e teorias conspiratórias nas redes sociais impactando o cenário sociopolítico de vários países, este tema tem estado na ordem do dia. No Brasil, desde as manifestações ocorridas em 2013 e a disputa eleitoral de 2014, a sociedade tem sido cotidianamente confrontada com as teorias conspiratórias mais diversas (Meinerz & Patschiki, 2015; Alba, Muller, Arnhold, Kieling & Casalinho, 2018; Ortellado, Solano & Nader, 2015). Especialmente entre os meios de comunicação de massa e sites de redes sociais, como o YouTube e o Facebook, que comportam uma grande magnitude de usuários ativos no Brasil e no mundo, uma das teorias conspiratórias que tem repercutido significativamente e desafiado consensos científicos basilares da sociedade é a Terra Plana (Silveira, 2017; Goertzel, 2010).

Embora conte com publicações ainda incipientes no Brasil, as teorias conspiratórias vêm sendo largamente investigadas enquanto um domínio de pesquisa emergente dentro da Psicologia Social (Van Prooijen, 2018; Van Prooijen & Douglas, 2017; Douglas & Sutton, 2011; Linden, 2015; Moore, 2015; Rezende et al., 2019). Em relação à ciência, trata-se de um objeto significativamente estudado na Psicologia Social, sobretudo através da perspectiva das Representações Sociais que, desde sua fundação teórica esteve intimamente relacionada à ciência e sua (re)apropriação pelos mais diversos segmentos da sociedade (Sá, Souto & Moller, 1996; Moscovici, 1987; 2003).

Diante disso, o presente estudo aborda uma questão de grande relevância para a Ciência da Comunicação Científica. Por certo, a Psicologia Social e seus pressupostos teórico-metodológicos podem trazer e têm trazido grande contribuição na compreensão sobre percepção, representações, modos de pensar e agir perante a ciência (Sá et al., 1996; Bauer & Gaskell, 1999; Nascimento-Schulze, Camargo & Wachelke, 2006).

Com a ciência, o homem comum mantém uma relação que não escapa às ambiguidades (Shattuck, 1998). Evidências atuais sugerem que quando o consenso científico ameaça as crenças e identidades dos indivíduos, há forte tendência a rejeitá-lo (Olshansky, 2018; Kahan, 2013a; Kahan et al., 2012; Lewandowsky & Oberauer, 2016; Sherman &

Cohen, 2002). Isso é o que acontece entre os grupos terraplanistas que não simplesmente rejeitam vários consensos científicos e as evidências que os sustentam, mas os reinterpretam a partir da construção de uma perspectiva própria sobre a ciência.

Nessa perspectiva, provisoriamente, indagamos: o que esse grupo entende como “ciência”? Como esse grupo constrói e partilha esse entendimento? Como representam esse objeto dentro da teoria conspiratória que elaboram sobre a Terra plana? Como criam uma visão “coerente” sobre ele? Essas são algumas perguntas, as quais os esforços desse trabalho tentarão responder.

### **O objeto “perdido”: breve relato das tentativas de caracterizar a ciência e os cientistas**

O século XVI foi marcado pela tese copernicana de que era o Sol, e não a Terra, o centro do universo. Por vezes, esse momento que assinala a gestação de uma visão de universo aberto, infinito e governado por leis é eleito como o nascimento da ciência moderna (Fara, 2014; Koyré, 1948; Portocarrero, 1994), mas essa ideia acaba ocultando o papel das diversas civilizações, tradições e culturas milenares que contribuíram ativamente no desenvolvimento do que se reconhece ocidentalmente como ciência. Até o final do século XVIII, a China era tecnologicamente superior à Europa, que, do século X ao XIII, dependeu fortemente das traduções árabes, as quais intermediavam o conhecimento grego e o ocidental (Benoit & Micheau, 1995; Fara, 2014). Ainda nesse período, que os humanistas rotularam de Idade das Trevas, além das transformações técnicas, houve considerável desenvolvimento do conhecimento filosófico e teológico sediado nos mosteiros e posteriormente nas Universidades ou *Universitas* – termo medieval para designar várias associações (Braga, Guerra & Reis, 2003; Benoit, 1995). Mais do que uma história ora narrada como corrida pela verdade, na qual cada cientista herda conquistas de seus antecessores e transmite novas aos sucessores, ora como revoluções que rompem dramaticamente com o saber vigente (Moscovici, 1976; Fara, 2014), o desenvolvimento da ciência é produto de múltiplos atores, grupos e instituições criadoras de conhecimento e ideias cujos caminhos se bifurcam e entrecruzam (Serres, 1995).

Não é equivocado considerar a história da ciência “a história de todas as coisas” (Fara, 2014, p. 10) ou de criaturas que, há cerca de 2,5 milhões de anos, têm tentado entender a elas e a si (Sagan, 2002). Por outro lado, os termos “ciência” e “cientista”, bem como seus significados, são recentes. O sentido moderno da palavra ciência apareceu no século XIX,

sendo o termo originário do verbo latino *scire* referente a “cortar”<sup>1</sup> ou “rachar”, que está ligado a *secare* – “cortar” (Lévy-Leblond, 2009). Já o termo “cientista” é um neologismo proposto<sup>2</sup> pelo polímata britânico William Whewell, em 1833, durante a 3ª reunião anual da *British Association for the Advancement of Science*, que discutia a necessidade de um nome característico para suas atividades (Fara, 2014). Não obstante, em diferentes sociedades humanas, existiram saberes nem sempre diferenciados da magia, adivinhação, astrologia, alquimia, navegação, curandeirismo e práticas artesanais, que desfrutavam de prestígio e status semelhante àquele que a ciência atual e os cientistas adquiriram (Ritter, 1995; Fara, 2014; Benoit & Micheau, 1995).

A preocupação com a diferenciação ou caracterização da ciência moderna surgiu mais tarde. Inicialmente, essa tarefa emergiu nas teorias do conhecimento, posteriormente na filosofia da ciência e, em seguida, nas epistemologias lógicas e históricas ou abordagens sociológicas (Portocarrero, 1994). No século XVII, vários filósofos investigaram o conhecimento científico com ênfase na natureza humana, pressupondo que a compreensão das formas de aquisição de conhecimento deveria considerar as faculdades do sujeito cognoscente e sua capacidade de produzir representações objetivas do mundo (Chalmers, 1994). Duas correntes surgiram: a primeira afirmava que o conhecimento era produzido por meio do dado e, somente depois, elaborado pela razão; e a segunda considerava que a razão produzia o conhecimento científico, ainda que precisasse recorrer à experiência (Portocarrero, 1994).

Inspirado pelo êxito experimental de Galileu, Francis Bacon (1561-1626) foi pioneiro na tentativa de fixar o método científico em bases empíricas (Chalmers, 1993). Ferrenho defensor do progresso, seu principal manifesto foi o *Novum Organum* (1620), cujo objetivo era substituir o *Organon* de Aristóteles e toda a tradição baseada em suas obras, na religião e em formas de conhecimento estereis que “não consultava[m] devidamente a experiência” na compreensão do livro da natureza (Bacon, 2002/1620, p. 35; Fara, 2014; Shattuck, 1998). Na visão baconiana (2002/1620), o “homem, ministro e intérprete da natureza”, deveria priorizar a “observação dos fatos” (p. 11), “administração dos sentidos” (p. 120) e a adoção da “verdadeira e legítima indução” (p. 121). Ele dividiu a interpretação da natureza em duas partes gerais: 1) estabelecer axiomas por meio da experiência – administrando-se os sentidos, a memória, o intelecto e a razão através de exaustivas *tábuas e coordenações de instâncias*; 2) deduzir e extrair novos experimentos dos axiomas (Bacon, 2002/1620). Apesar de ter sido

---

<sup>1</sup> Alguns, como Foucault (1989), ainda defendem o sentido original: “o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (p. 47).

<sup>2</sup> Só no século XX, após 60 anos, o termo foi aceito, não sem resistência de vitorianos que preferiam “‘homem da ciência’, ‘naturalista’ ou ‘filósofo experimental’” (Fara, 2014, p. 233).



mais eficiente em determinar o que deveria ser realizado do que fazê-lo propriamente (Merton, 2013/1936; Fara, 2014), Bacon impulsionou a *visão comum de ciência* que supõe observações “neutras” e uso de indução (Chibeni, 2010a; Chalmers, 1993).

Assim como Bacon, René Descartes (1596-1650) se preocupou em reformar a filosofia natural rejeitando a tradição passada e a autoridade como fontes satisfatórias de fundamentação do conhecimento (Braga et al., 2004). Porém, ao invés da experimentação, seu projeto privilegiava o pensamento racional e abstrato da matemática. No *Discurso do método* (2001/1637), Descartes buscou “comunicar fielmente ao público todo o pouco que [...] [havia] descoberto” mediante um caminho que levaria “infalivelmente” ao encontro da ciência (p. 70). Esse caminho, imune aos enganos da imaginação e dos sentidos, continha quatro preceitos lógicos e uma moral provisória. Os preceitos lógicos eram: 1) nunca aceitar algo como verdade antes de conhecê-lo claramente; 2) fracionar as dificuldades em parcelas menores; 3) ordenar o pensamento dos objetos mais fáceis aos mais difíceis; 4) estabelecer relações metódicas e revisões sistemáticas para evitar omissões. Sua moral provisória também continha quatro máximas: a) obedecer às leis e costumes de seu país; b) ser firme e decidido em suas ações; c) modificar antes a si mesmo do que o mundo; e d) cultivar a razão e o conhecimento da verdade (Descartes, 2001/1637). Seguro dessas máximas, Descartes (2001/1637) coloca em dúvida os próprios sentidos, mas ao fazê-lo era necessário que ele, que “pensava, fosse alguma coisa”, o que tornava o “*penso, logo existo* [...] o primeiro princípio da filosofia que buscava” (p. 38, grifos do autor). Tal filosofia dedutiva somada à visão mecanicista – refinada pelas leis de Newton –, segundo a qual o mundo físico funcionaria através de processos mecânicos, constituiu a base de toda a ciência até o século XIX (Chibeni, 2010b; Braga et al., 2004).

Essas duas visões, respectivamente *empirista* e *racionalista*, foram adquirindo gradientes ao longo dos anos, precedendo o esforço positivista na explicação da ciência e de seus métodos (Chalmers, 1994). Outros como Locke e Hume, na Inglaterra, desenvolveram uma teoria do conhecimento realista e empirista, e, mais tarde, Kant buscou condições de possibilidade para o conhecimento verdadeiro (Portocarrero, 1994). Entretanto, nenhuma dessas correntes conseguiu justificar logicamente a dedução, nem empiricamente a indução de forma inquestionável<sup>3</sup> (Chibeni, 2010a).

---

<sup>3</sup> Sobre o método dedutivo, que extrai dedutivamente novas proposições a partir de uma premissa ou lei geral verdadeira, nenhum conjunto de observações asseguraria logicamente a veracidade dessa lei; quanto à indução, que pretende derivar uma lei de um conjunto de observações, uma única contra-evidência seria suficiente para questioná-la (Chibeni, 2010a). Acrescente-se ainda, a dificuldade de distinguir claramente a observação da teoria, isto é, a possibilidade de observar sem uma teoria prévia, ou teorizar sem observações (Chalmers, 1993).

### ***Relatos da filosofia da ciência: principais tentativas de caracterização***

No começo do século XX, com a Teoria da Relatividade de Einstein e a Teoria Quântica, a física moderna revelava um universo de fenômenos inacessíveis à experiência comum (Lévy-Leblond, 2009). Essa novidade foi interpretada como o nascimento de um *novo espírito científico*, o qual Bachelard (2005/1938) contrapôs ao *estado pré-científico* – da Antiguidade clássica até o século XVIII –, ao *estado científico* – do final do século XVIII até o início do século XX – e, principalmente ao senso comum agora contradito e deformado pelo *pensamento abstrato* da física, cujo desenvolvimento superou uma série de obstáculos epistemológicos ao processo cognoscitivo. “A ciência contemporânea é cada vez mais uma reflexão sobre a reflexão” (p. 307), dizia Bachelard (2005/1938) a propósito da abstração.

Embora disciplinas científicas continuem a operar com a Mecânica newtoniana e Einstein tenha sido pouco conhecido até os 40 anos de idade, um seleto grupo de físicos e matemáticos também julgou importante aprimorar a visão comum de ciência (Fara, 2014; Chibeni, 2010a). Formado por volta de 1922, sob a coordenação do físico Moritz Schlick, esse grupo ficou conhecido como Círculo de Viena (Chalmers, 1994). Em seu principal manifesto – *A concepção científica do mundo: o círculo de Viena* (1929) – o movimento divulgou como foco do programa, “alcançar a ciência unificada, mediante a aplicação [...] [da] análise lógica ao material empírico” (Hahn, Neurath & Carnap, 1929, p. 12). Schlick (1975/1932) nomeou esse programa como *Positivismo lógico* em referência ao termo análogo cunhado por Comte (Castro, 2002). O autor usou essa expressão para descrever o “espírito positivo” de sua filosofia positiva que consistia “em ver para prever, em estudar o que é, a fim de concluir disso o que será, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais” (Comte, 1978/1844. p.131). Mas, sob esse rótulo, surgiram diferentes posições imbuídas de variadas formas de metafísica<sup>4</sup>, cabendo “uma purificação lógica do mesmo” (Schlick 1975/1932, p. 69). Não se tratava nem sequer de rejeitar proposições metafísicas, mas de considerá-las “destituídas de sentido” (p. 69), na medida em que o sentido decorre da “indicação das circunstâncias ou condições sob as quais uma proposição é verdadeira” (Schlick 1975/1932, p. 50). E essas condições implicam a verificabilidade – cerne da concepção científica positivista lógica –, isto é, uma proposição “só tem sentido se for verificável” lógica ou empiricamente (Schlick, 1975/1936, p. 94).

---

<sup>4</sup> Além da metafísica tradicional, Schlick (1975/1932) chamava atenção para a metafísica realista – só o dado é real, há um mundo externo transcendente; a metafísica idealista – o dado tem caráter de consciência, “não existe ser fora da consciência” (p. 48); e a metafísica solipsista – só se pode falar do que é dado a si mesmo.

A despeito da grande influência, o Círculo de Viena logo se dissolveu na década de 1930, na qual Kurt Gödel apresentou seu teorema da incompletude, demonstrando a impossibilidade de elaborar um discurso lógico fechado sobre si mesmo (Dortier, 2012). Mas a preocupação em distinguir o conhecimento científico não cessou, apoiando-se numa filosofia da ciência dentro da qual predominam duas formas de ver o conhecimento científico: “método universal” (busca critérios e características universais que distinguem o conhecimento científico de outros conhecimentos) e “relativismo cético” (relativiza os critérios e características que distinguem um conhecimento de outro) (Chalmers, 1994). Adicionalmente, a primeira adota uma postura internalista, que busca elementos propriamente científicos, e a segunda toma uma posição externalista, na qual a explicação científica não é possível sem levar em consideração seus aspectos sociais e históricos (Portocarrero, 1994).

Na primeira categoria, temos Karl Popper, que gravitava ao redor do grupo de Viena sem necessariamente ser membro dele (Dortier, 2012). Assim como os positivistas lógicos, Popper havia ficado impressionado com a física de Einstein, especialmente após assistir uma palestra sobre a Teoria da Relatividade Geral, em 1919, e se convencer de que era possível separar nitidamente a ciência verdadeira da não ciência (Fara, 2014). Em 1934, ele publica *A lógica da pesquisa científica*, na qual tece incisivas objeções à concepção comum de ciência enroupada pelo positivismo lógico (Chibeni, 2010a). Popper (1972/1934) rejeita a lógica indutiva – predominante na concepção do método científico – por ela não “proporcionar *adequado ‘critério de demarcação’*”, permitindo a distinção entre “as ciências empíricas, de uma parte, e a Matemática e a Lógica, bem como os sistemas ‘metafísicos’, de outra” (p. 34). A verificabilidade tal como defendida pelo positivismo lógico não permitia incluir enunciados que não fossem passíveis de verificação, os quais podiam ser arbitrariamente desqualificados como “destituídos de sentido” ou “pseudoproblemas” por meio de uma visão restrita à ciência natural (Popper, 1972/1934, p. 53). Pressupondo que “as teorias científicas nunca são inteiramente justificáveis ou verificáveis, mas que, não obstante, são suscetíveis de se verem submetidas à prova” (p. 46), Popper (1972/1934) substitui a verificabilidade pela falseabilidade: “não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser [...] válido [...] em sentido positivo; exigirei, porém, [...] [que] se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas, em sentido negativo: *deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico*” (p. 42, grifos do autor).

Embora, na concepção popperiana, uma hipótese não deva necessariamente ser falsificada, quanto mais falseável mais valor ela tem (Chalmers, 1993). Diferentemente do senso comum, que conserva “caráter tautológico” (Bachelard, 2005/1938, p. 14), e das

pseudociências, que não são refutáveis (Pilati, 2018), o critério demarcativo da ciência seria sua refutabilidade (Popper, 1972/1934). Esse critério, entretanto, esbarra em pelo menos três limitações: 1) práticas: não encontraremos exemplos de cientistas empenhados em refutar as próprias teorias; 2) metodológicas: falhas metodológicas podem comprometer previsões de uma dada teoria; e 3) históricas: muitas teorias, hoje aceitas, teriam sido rejeitadas precocemente sem ter a chance de se desenvolver, e muitas que foram refutadas não foram imediatamente abandonadas (Chibeni, 2010a; Chalmers, 1993; Moscovici, 1993).

Atento a essas limitações, Imre Lakatos (1979) propôs um refinamento do relato popperiano. Em seu ensaio *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*, Lakatos (1979) sustenta que os críticos de Popper reconheceram apenas o “falseacionismo metodológico ingênuo”, ignorando uma posição mais sofisticada cuja racionalidade não se baseia nele. Antes de apresentá-la, o autor descreve e critica duas formas de falseacionismo: 1) *falseacionismo dogmático*: só admite teorias refutáveis por uma quantidade finita de observações, o que rejeitaria teorias probabilísticas e muitas outras que não podem ser refutadas por nenhum número finito de observações; 2) *falseacionismo metodológico*: amplia a crítica falibilista – se as teorias são sempre falíveis, só é viável criticar sua inconsistência –, propondo teste experimental e subsequente abandono da teoria, caso seja contradita (Lakatos, 1979). A essas duas formas, Lakatos (1979) contrapôs o *falseacionismo metodológico sofisticado*, no qual “não há falseamento antes da emergência de uma teoria melhor” (p. 147), pois, em vez de confrontar a teoria apenas à base empírica, ela é contrastada com uma *série de teorias* concorrentes. Assim, uma teoria será aceita se trazer fatos novos.

Tomar as *séries de teorias* implica uma continuidade, logo o passo seguinte de Lakatos (1979) foi propor sua famosa *metodologia dos programas de pesquisa*. Segundo essa ideia, a continuidade que liga elementos das séries de teorias desemboca num programa de pesquisa que “consiste em regras metodológicas [...] [que] dizem quais são os caminhos de pesquisa que devem ser evitados (*heurística negativa*) [e] [...] quais são os caminhos que devem ser palmilhados (*heurística positiva*)” (Lakatos, 1979, p. 162, grifos do autor). A *heurística negativa* representa um “núcleo rígido” que reúne hipóteses centrais e é decretado não refutável. Já a *heurística positiva* apresenta um “cinto de proteção”, cuja estrutura engloba hipóteses não essenciais à teoria, que suportam o impacto dos testes e ajustes feitos para defender o núcleo (Lakatos, 1979). Como o critério de demarcação popperiano (falseacionismo) exclui substancialmente o que pode ser considerado ciência, Lakatos (1979) propôs a demarcação entre “ciência madura”, que envolve programas de pesquisa que antecipam tanto fatos novos como teorias auxiliares, e “ciência imatura”, que é apenas um

“remendado padrão de ensaio-e-erro” (p. 216, grifos do autor). À medida que acumulam hipóteses *ad-hoc* e refutações, os programas se tornam *degenerescentes* (Lakatos, 1979).

Antes de passarmos ao relativismo cético<sup>5</sup>, a ainda impopular obra do médico judeu-polonês Ludwik Fleck<sup>6</sup> nos oferece um valioso relato do conhecimento científico. Tal como Popper, Fleck também alvejou o Círculo de Viena, mas teceu críticas à fixidez<sup>7</sup> com a qual o movimento e a filosofia humanista tratavam a noção de “fato”. Para o autor, o fato era variável e aparecia primeiramente como “um sinal de resistência no pensamento inicial caótico, depois uma certa coerção de pensamento e, finalmente, uma forma (*Gestalt*) a ser percebida de maneira imediata” (Fleck, 2010/1935, p. 144, grifo do autor). Fleck (2010/1935) apoiou esse entendimento em estudos de caso sobre o conceito de sífilis e o teste para sua detecção, a reação de Wassermann. Ambos não eram produtos de uma possibilidade lógica, e sim “do desenvolvimento e da coincidência de algumas linhas coletivas de pensamento” (p. 62) condicionadas pela história, psicologia e sociologia do pensamento (Fleck, 2010/1935). Antes que a reação de Wassermann emergisse como fato cientificamente estável, em 1930 (Löwy, 1994), o relato histórico da nosologia da sífilis exibiu o entrelaçamento de ideias e representações coletivas veiculadas por comunidades (grupos exotéricos), religiosas, astrológicas e populares (ideia de sangue impuro). Fleck (2010/1935) chamou de protoideias essas noções que surgem muito antes da comprovação científica.

A reminiscência dessas protoideias indicava que o fato estava aberto às influências e transformações, mas a comunidade de sorologistas que surge se esforça para fechá-lo (Fleck, 2010/1935). Regido por um sistema de opiniões orientadas por uma *tendência à persistência*, esse grupo (comunidade esotérica), numa *harmonia de ilusões*, passa a acreditar que o fato elaborado pela interseção de diferentes visões faz parte de uma realidade que já existia independentemente deles (Fleck, 2010/1935). Para analisar esse fenômeno, Fleck (2010/1935) propôs uma teoria comparada do conhecimento, que supõe a existência de um coletivo de pensamento definido como “a comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos” (p. 82, grifos do autor) e o

---

<sup>5</sup>Fleck (2010/1934) rejeita o rótulo de cético: “que não se compreenda as posições aqui expostas como ceticismo” (p. 95). Kuhn também o fez e, mesmo assim, Chalmers (1993) o categorizou entre os relativistas céticos. Se não inserimos Fleck nessa categoria, é muito mais porque Chalmers não falou dele.

<sup>6</sup>Ao priorizar a categorização de Chalmers (1994), subvertemos a ordem cronológica das obras – Popper (1934), Fleck (1935), Kuhn (1962), Lakatos (1965) e Feyerabend (1975). Também concordamos com Chalmers (1993), que apresenta Lakatos primeiro, já que seu trabalho é uma “culminação do programa popperiano em uma resposta direta a ele” (p. 112) e a Kuhn (Lakatos, 1979/1965).

<sup>7</sup>Na visão fleckeana (2010/1934), Schlick e seus colegas do Círculo de Viena concebiam o pensamento como “fixo e absoluto, sendo que o fato empírico é relativo”, enquanto os filósofos humanistas “consideram o fato como fixo e o pensamento humano como algo variável” (p. 94).

*estilo de pensamento*, que comporta uma percepção direcionada por regras que a comunidade adota. Ao contrário de uma derivação lógica, o estilo de pensamento é aprendido pela iniciação numa comunidade através da ciência dos periódicos, manuais e livros didáticos; e uma vez aprendido, os adeptos terão dificuldade de visualizar contradições ou entender imediatamente *estilos de pensamento* diferentes (Fleck, 2010/1935).

Embora Fleck tenha oferecido uma abordagem sociológica pioneira, seu trabalho permaneceu praticamente desconhecido nas décadas seguintes (Löwy, 1994). Somente em 1962, um ano após sua morte e três anos depois da primeira edição inglesa da obra de Popper, o pensamento fleckeano encontrará eco na teoria de Thomas Kuhn<sup>8</sup> (Moscovici, 2003). Com sólida formação em física, Kuhn interessou-se pela história da ciência e ficou surpreso com os relatos tradicionalmente indutivista e falseacionista, que não coincidiam com o testemunho histórico (Oliva, 1994; Chalmers, 1993). Assim como Fleck, Kuhn (1997) acreditava que, para entender o conhecimento científico, é necessário “conhecer as características essenciais dos grupos que o criam e o utilizam” (p. 257). Uma das características centrais de um grupo de cientistas é a existência de um paradigma compartilhado. Na tentativa de explicar a fonte de diferenças entre ciências naturais e sociais<sup>9</sup>, que, diversamente das primeiras, pareciam evocar controvérsias endêmicas, Kuhn (1997) desenvolveu esse conceito referente às “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (p. 12).

O paradigma orienta a *ciência normal* praticada cotidianamente por cientistas a fim de aproximar a teoria dos fatos, aumentando seu alcance e precisão (Kuhn, 1997). Durante esse processo, que juntamente com os manuais, ajuda a introduzir novos membros ao paradigma, não há busca de fenômenos ou teorias novas, pelo contrário, novidades que contrariam as expectativas do paradigma são suprimidas ou despercebidas (Hochman, 1994). Essas expectativas paradigmáticas, entretanto, podem ser violadas por anomalias cuja permanência sem solução instaura uma crise (Kuhn, 1997). No período de crise, além do “obscurcimento de um paradigma e o conseqüente relaxamento das regras que orientam a pesquisa normal” (p. 98), prosperam-se versões de uma teoria em meio à discórdia e aos debates intensos sobre a legitimidade dos métodos e soluções (Kuhn, 1997). Em resumo, as revoluções e a conseqüente mudança de paradigmas ocorrem da seguinte forma: “*pré-ciência – ciência*

---

<sup>8</sup> Em seu prefácio, Kuhn (1997) reconhece que o trabalho de Fleck havia antecipado muitas de suas ideias, merecendo uma “colocação no âmbito da Sociologia da Comunidade Científica” (p. 11). Essa referência acabou desencadeando o interesse por Fleck (Schafer & Schenelle, 2010; Martins, 2020).

<sup>9</sup> De 1958 a 1959, Kuhn permaneceu no *Center for Study in the Behavioral Sciences*. Segundo Oliva (1994), “Kuhn ficou particularmente impressionado com os combates epistemológicos aí travados por cientistas sociais, em torno de questões e procedimentos basilares” (p. 67).

*normal – crise-revolução – nova ciência normal – nova crise*” (Chalmers, 1993, p. 112, grifos do autor).

Evidentemente, o novo paradigma não se impõe por força da lógica, até porque paradigmas rivais podem ser incomensuráveis (Kuhn, 1997). Como afirma Moscovici (1976) “os não galileus não se tornam galileus: eles morrem. O mundo em que viviam se extingue com eles” (tradução nossa, p. 125)<sup>10</sup>. Em suma, apesar de não ter visado um critério de demarcação formal, o trabalho kuhniano sugere que uma disciplina se torna ciência à medida que ingressa “em uma fase na qual os problemas são consensual e unificadamente enfrentados com base em padrões estandardizados de abordagem” (Oliva, 1994, p.75).

Na década de 1970, Paul Feyerabend levou essa visão mais além, recusando-se a oferecer uma nova metodologia ou Teoria da racionalidade (Regner, 1994). Em sua obra emblemática *Contra o Método* (1977), o autor afirma que “a ideia de que a ciência pode e deve ser elaborada com obediência a regras fixas e universais é [...] quimérica e perniciosa” (p. 449). Além de reduzir a plasticidade da ciência e torná-la dogmática, regras predefinidas acabariam ocultando as condições historicamente complexas que atuam no percurso científico (Feyerabend, 1977). Observando condições históricas de algumas ideias como as de Galileu, cujo conhecimento de óptica que sustentou suas observações telescópicas era incipiente e, mesmo assim, o astrônomo se manteve intransigente na defesa do copernicanismo mediante propaganda e artifícios persuasivos, Feyerabend (1977) conclui que “não há uma só regra [...] que deixe de ser violada em algum momento” (p. 29). Para Feyerabend (1977), mais do que regras, a irracionalidade, os preconceitos, as paixões e, sobretudo a quebra das regras (contra-regras) também conduzem às descobertas. Frente à constatação de que “todas as metodologias têm limitações” (p. 450), Feyerabend (1977) defende que “o único princípio que não inibe o progresso é: *tudo vale*”<sup>11</sup> (p. 27, grifos do autor), levando ao anarquismo epistemológico e pluralismo metodológico (Regner, 1994).

Ao que parece, as condições históricas que circundam o trabalho de Feyerabend também refletiram em sua forma de ver a ciência. Como o próprio autor reconheceu, ao longo do século XX, a ciência havia deixado “de ser aventura filosófica para tornar-se negócio” (p. 301) financiado pelo Estado<sup>12</sup> e instituições econômicas (Feyerabend, 1977; Shattuck, 1998).

---

<sup>10</sup>“Les non-galiléens ne deviennent pas galiléens: ils meurent. Le monde dans lequel ils vivaient s'éteint avec eux”.

<sup>11</sup> Se levado a cabo, esse princípio seria autodestrutivo ao incorporar, por exemplo, o princípio “nem tudo vale” (Regner, 1994). Na prática, tudo continuaria exatamente da mesma forma (Chalmers, 1993).

<sup>12</sup>Feyerabend (1977) desaprovava essa relação: “a separação entre o Estado e a Igreja há de ser complementada por uma separação entre o Estado e a ciência, mais recente, mais agressiva e mais dogmática instituição

São esses aspectos que encontraram um solo fértil na Sociologia da Ciência contemporânea, que, a exemplo de Feyerabend, passou a enfatizar a dimensão social da ciência e, por vezes, questionar seu estatuto privilegiado na sociedade (Chalmers, 1994).

### ***A Sociologia da Ciência e os laboratórios: principais relatos***

Na primeira metade do século XX, a Grande Ciência emergia como um empreendimento movido por forças econômicas, tecnológicas e militares vinculadas aos governos e organizações comerciais (Fara, 2014; Lima, 1994; Lévy-Leblond, 2009). Era cada vez mais necessário considerar o caráter social do conhecimento (Ferreira & Britto, 1994). Compreendendo essa necessidade, Karl Mannheim (1968/1929) fundou uma Sociologia do Conhecimento. Ele percebeu que a ruptura do monopólio da interpretação eclesiástica do mundo culminara numa crise no pensamento moderno, cujas características essenciais eram:

- 1) Multiplicidade de visões compartilhadas por grupos com estilos de pensamento conflitantes sobre a realidade.
- 2) Dissolução da compreensão *particular* de ideologia – unilateralmente usada, no século XIX, para desmascarar interesses dos grupos dominantes – numa noção *total* – que passa a ser usada para questionar também os interesses de todos aqueles que a empregam –, levando ao ceticismo e relativismo.
- 3) Emergência da *intelligentsia* como um grupo relativamente desvinculado de uma classe social, “cuja tarefa específica consiste em dotar aquela sociedade de uma interpretação do mundo” (p. 27-28).

Assim, caberia à Sociologia do Conhecimento analisar a relação entre conhecimento e existência e suas formas, entendendo o desenvolvimento do pensamento – inclusive científico – como produções coletivas mais bem capturadas pela noção de “perspectiva”, aplicada para substituir a “ideologia” e sua conotação moral unilateral (Mannheim, 1968/1929).

Em meados da década de 1930, o sociólogo norte-americano Robert Merton fundou e inseriu, na grade da Sociologia do Conhecimento, a Sociologia da Ciência (Lima, 1994). Porém Merton (2013/1937) não poupou críticas ao pensamento mannheimiano por: a) isentar a matemática e as ciências naturais do condicionamento social e histórico (Moscovici, 2003); b) não especificar as formas de relação entre a determinação existencial e o conhecimento; c)

---

religiosa” (p. 447). Mais do que isso, o autor criticava a soberania científica que destituía os pais de autonomia, não podendo escolher que os filhos aprendessem mágica em vez de ciência (Feyerabend, 1977).



levar a um relativismo radical que compreende todos os modos de pensamento como arbitrários, sem oferecer um critério de verdade (Ferreira & Britto, 1994; Marková, 2006).

Além dessas críticas, Merton empreendeu diversas pesquisas sobre a natureza cultural da ciência, cujo foco pode ser organizado em duas fases (Lima, 1994). Primeiramente, Merton (2013/1936) se debruçou sobre o papel da ética puritana no estímulo ao interesse e cultivo da ciência. Em busca de apoio social e independência, os grupos puritanos, aos quais muitos filósofos naturais pertenciam, justificaram a ciência como meio para atingir o progresso econômico e a glorificação de Deus (Merton, 2013/1936). Isso desembocou na crescente penetração de interesses exógenos à ciência – produção militar e pressões econômicas (Merton, 2013/1938) – e, ao mesmo tempo, na sua consolidação como instituição autônoma portadora de um *éthos* próprio. Tendo essa autonomia ameaçada pela emergência de regimes totalitários, Merton (2013/1942) analisou a relação entre democracia e ciência, focalizando os valores e normas peculiares ao conhecimento científico. Para ele, o *éthos* da ciência moderna é um “complexo afetivamente modulado de valores e normas que se considera serem obrigatórios para o homem de ciência” (p. 183), cujos imperativos institucionais são “universalismo, comunismo, desinteresse, ceticismo organizado” (Merton, 2013/1942, p. 185). Somente na segunda fase de seus estudos é que Merton analisou outros aspectos como a competição e ambiguidade na ciência (Ferreira & Britto, 1994). Merton (2013/1988) percebeu uma estrutura de classe na ciência, cujos créditos, recursos e reconhecimento são desproporcionalmente distribuídos para aqueles que já possuem significativa reputação em detrimento daqueles que são pouco conhecidos – o que ele chamou de “efeito Mateus”<sup>13</sup>.

Mesmo tendo antecipado características típicas da configuração econômica da ciência, foi a primeira fase dos estudos mertonianos que recebeu mais atenção (Lima, 1994). Bourdieu (2004), por exemplo, criticou o “estruturo-funcionalismo” mertoniano que concebe o universo científico como uma “comunidade” dotada de valores justos aceitos sem lutas. Essa crítica é também estendida à visão comunitarista de Kuhn, reconhecendo nela uma espécie de *internalismo* no qual um paradigma muda após atingir certo esgotamento intelectual (Bourdieu, 2004). Sem, entretanto, comungar do relativismo radical da sociologia de base pós-modernista, Bourdieu (2004) acreditava que o comunitarismo ocultava as disputas pelo “monopólio da manipulação legítima’ dos bens científicos” (p. 68). Seria necessário localizar

---

<sup>13</sup> Referência aos versículos 25, 29 do Evangelho segundo Mateus: “para todo aquele que tem, mais será dado e ele terá abundância; mas daquele que não tem, será tirado inclusive o que tem” (Novo Testamento, s.d. apud Merton, 2013/1988, p. 204).

os atores científicos no campo social do qual extraem regras que orientam suas ações (Ferreira & Britto, 1994).

Para isso, Bourdieu (2004) inseriu a noção de *campo* científico “descrito como um conjunto de campos locais (disciplinas) que tem interesses [...] e princípios mínimos comuns” (p. 93). Dentro desse *campo*, os agentes e instituições travam batalhas por crédito científico, isto é, pelo *capital simbólico* que os mune de reconhecida autoridade e competência científica (Hochman, 1994). Como a estrutura do *campo* distribui o *capital simbólico* desigualmente, há agentes dominantes – que impõem a representação de ciência mais oportuna aos seus interesses – e os dominados, que não dispõem de suficiente capital e estão na parte inferior da hierarquia (Bourdieu, 2004). Logo, ao contrário de respostas à crise na ciência normal, a ruptura e o consenso com um paradigma, seriam parte de três estratégias possíveis na busca de crédito científico: 1) conservação imposta pelos dominantes; 2) ascensão mediante acúmulo de créditos até a sucessão daqueles que estão no topo da hierarquia; e 3) subversão do campo por um agente externo (Hochman, 1994).

A despeito da crítica contumaz a Merton, uma proposta de substituição derradeira do seu programa apareceu apenas em meados da década de 1970. Na chamada Escola de Edimburgo, Bloor (2009) questionou o fato de a sociologia ter relegado aos filósofos a tarefa de definir a natureza do conhecimento, evitando abordar o conteúdo da ciência. A explicação sociológica só era aceita quando a ciência se desviava, como no caso Lysenko na URSS e na biologia eugenista nazista (Chalmers, 1994), ficando a “sociologia do conhecimento [...] confinada à sociologia do erro” (Bloor, 2009, p. 27). A fim de combater a inibição de seus colegas em levar a cabo um programa que colocasse todo conteúdo da ciência sob questionamento, Bloor propôs um “programa forte” em sociologia do conhecimento (Palacios, 1994). Tal programa se baseava em quatro princípios: 1) *causalidade*: as teorias deveriam ser causais e não teleológicas, isto é, não pressupor que a racionalidade era um fim autoexplicável; 2) *imparcialidade*: verdade/falsidade, racionalidade/irracionalidade e sucesso/fracasso são dicotomias que requerem igual explicação; 3) *simetria*: as mesmas causas devem explicar crenças verdadeiras e falsas; e 4) *reflexibilidade*: os padrões explicativos devem ser aplicáveis à própria sociologia do conhecimento (Bloor, 2009).

Inspirada<sup>14</sup> na Escola de Edimburgo e, de certa forma, numa sugestão feyerabendiana<sup>15</sup>, emergiu uma tradição de estudos da atividade científica nos espaços onde

---

<sup>14</sup>Essa inspiração tem limites, é claro, os estudos de laboratório estão muito mais interessados nos atores e nas práticas do que nas descobertas científicas (Löwy, 1994; Palacios, 1994).

ela ocorre (Palacios, 1994). Em 1980, com o desenvolvimento das empresas de biotecnologia e engenharia genética, esses espaços eram predominantemente os laboratórios (Fara, 2014; Moscovici, 1976). Da macro à microanálise da ciência, as investigações nesses locais reagiam tanto às análises que conferiam um lugar destacado ao conhecimento científico quanto às críticas sociológicas que também se distanciavam da prática científica (Hochman, 1994).

Sob essa premissa, Latour e Woolgar (1997) se propuseram a descrever a ciência tal como ela ocorre na “vida cotidiana do laboratório” (p. 29). Ao longo de dois anos de observação etnometodológica num laboratório de neuroendocrinologia, Latour e Woolgar (1997) investigaram a construção do *Thyrotropin Releasing Factor (Hormone)* – TRF(H). Os autores tentaram entender a gênese do TRF(H) enquanto um fato. Quase um milhão e meio de dólares eram gastos anualmente para que um grupo produzisse em torno de 25 artigos sobre esse hormônio. Durante esse processo, eram aplicados procedimentos de escrita e leitura pelos quais o laboratório atuava como “um sistema de inscrição literária cuja finalidade é [...] convencer que um enunciado é um fato” (Latour & Woolgar, 1997, p. 101). Para isso, o enunciado é estabilizado, perdendo “qualquer referência ao processo de sua construção” (192) – que o caracterizaria como artefato – e ganhando caráter “objetivo” e “exterior” (Latour & Woolgar, 1997). Toda essa produção de dados confiáveis, para Latour e Woolgar (1997), é ainda, um meio que os pesquisadores usam estrategicamente para se locomoverem pelo “comércio da ciência” e obter *credibilidade* para, por exemplo, ter mais publicações aceitas, mudar de posição e ser mais acreditado.

Endossando essa linha de estudos, Knorr-Cetina (2005) desenvolveu uma pesquisa num laboratório de microbiologia e proteínas vegetais em Berkeley. Assim como Latour e Woolgar (1997), a autora propôs que, ao contrário de entidades dadas, os fatos são fabricações oriundas de decisões e interpretações seletivas contextualmente situadas. Essas decisões são mais orientadas por raciocínios práticos, oportunistas e conservadores do que pelo ideal de busca racional pela verdade (Knorr-Cetina, 2005). Dentro dessa lógica oportunista, os cientistas angariam diversos recursos disponíveis a fim de serem bem-sucedidos transformando o produto de seu trabalho em “descobertas” que o descontextualiza (Knorr-Cetina, 2005). Mas, diferentemente de Latour e Woolgar (1997) ou Bourdieu (2004), a autora rejeita o que ela chama de modelos quase-econômicos da comunidade científica, os quais reduzem o comportamento humano a decisões racionais e calculadas. Para superar essa noção, Knorr-Cetina (2005) propõe a existência de arenas transc científicas ou transepistêmicas

---

<sup>15</sup>“Meu argumento pressupõe, naturalmente, que o método antropológico seja o método correto para estudar a estrutura da ciência” (p. 378), dizia Feyerabend (1977).

integradas por agências de financiamento, indústrias, editores e múltiplos atores com os quais os cientistas mantêm trocas e desempenham papéis não necessariamente científicos.

Em suma, o que essa e outras análises anteriormente apresentadas permitem entrever é a diluição das fronteiras entre a ciência e a sociedade à sua volta (Hochman, 1994). Recapitulando, quando se buscou um método, alguns encontraram a lógica (Popper, 1972/1934; Lakatos, 1979); outros, por trás da lógica, viram a comunidade (Fleck, 2010/1935; Merton, 2013/1942; Kuhn, 1997; Feyerabend, 1977); mais tarde, os que buscaram a comunidade, encontraram o mercado (Bourdieu, 2004; Latour & Woolgar, 1997) e, por trás dele, toda a sociedade com suas instituições e atores (Knorr-Cetina, 2005).

Certamente, essa é só uma fração da complexidade do que se chama “ciência”, mas, para nossos propósitos aqui, o relato acima – que não pretende ser exaustivo – é suficiente. Afinal, não é preciso mais do que isso para perceber a característica mais comum à concepção de ciência: o *dissenso*. Após quase meio milênio, não fomos capazes de entrar num acordo sobre a própria existência desse objeto. Provavelmente porque “não existe um conceito universal e atemporal de ciência” (Chalmers, 1993, p. 200), e o conhecimento científico, em constante transformação (Fara, 2014), não é a única forma de conhecimento (Chalmers, 1994). Por isso, “há *ciências*” (p. 278, grifos do autor) tanto no sentido das variadas disciplinas científicas quanto das variações do conhecimento em cada lugar ou época (Lévy-Leblond, 2009). Geralmente visto como empreendimento quintessencial (Moscovici, 1976), o conhecimento científico não dispõe de certezas (Sagan, 2006). Por outro lado, “a ciência parece estar por toda parte” (Shattuck, 1998, p. 174). Ela tem sido a solução e a fonte de muitos problemas modernos (Giddens, 2002); generalizada demais para que sua presença seja facilmente lembrada, peculiar demais para que sua mínima ausência seja esquecida. Acontece que “para os especialistas existem *as* ciências, para o público, existe *a* ciência” (Moscovici & Hewstone, 1986, p. 685, grifos dos autores, tradução nossa)<sup>16</sup>. E essa forma singular de existência também enseja tentativas da própria ciência<sup>17</sup> responder o que ela é para as pessoas.

### **O diálogo entre a ciência e a sociedade: pressupostos e limitações**

Na atualidade, o poder e o nível de desenvolvimento de uma nação não são mais determinados por sua extensão territorial e riquezas naturais, mas fundamentalmente pela capacidade de produção de conhecimento e tecnologia de ponta (Mota, 2010). Elementos que

---

<sup>16</sup> “Para los especialistas existen *las* ciencias, para el público existe *la* ciencia.”

<sup>17</sup> Daqui em diante, adotaremos o termo ciência em referência ao seu uso mundano.

estruturam a civilização global, como a economia, o transporte, a comunicação, as indústrias, a agricultura, a medicina, a saúde, a política, a educação e a própria democracia passam a depender fortemente da Ciência e da Tecnologia (C&T), bem como da Pesquisa e do Desenvolvimento (P&D) (Sagan, 2006; Borges, 2011). Isso faz da ciência não apenas um bem público, mas também um importante objeto de atuação das políticas públicas (Negri, 2018).

Segundo o Índice Global de Inovação (IGI), os gastos mundiais com P&D mais que dobraram nos anos de 1996 e 2016, aumentando cerca de 3% (Dutta, Lanvin & Wunsch-Vincent, 2018). Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019) mostram que os gastos globais em P&D atingiram um recorde de aproximadamente US\$ 1,7 trilhão. No Brasil, até 2019, os gastos com P&D representavam 1,3% do Produto Interno Bruto (PIB) (UNESCO, 2019).

Embora essa porcentagem estivesse abaixo da média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), onde o investimento corresponde a cerca de 2,38% do PIB, os gastos brasileiros vinham aumentando (Negri, 2018). Em 2013, por exemplo, conforme o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC, 2016), o Brasil investia 1,20% do PIB, tendo um total de dispêndios públicos e privados de R\$63.748,6 milhões. Já em 2016, passou a investir 1,27% do PIB, chegando a um total de R\$79.228,3 milhões. Essa quantia estava acima da de outros países latino-americanos como o México e a Argentina, o que colocou o Brasil na 64ª posição no IGI de 2018, avançando cinco posições desde 2017 (Dutta et al., 2018). Ademais, a produção científica brasileira cresceu significativamente, saltando de 20 artigos por milhão de habitantes, na década de 1990, para 182 em 2013, o que representa quase 3% das publicações mundiais (Negri, 2018).

Panoramicamente, entretanto, essa tendência de aumento gradativo dos investimentos federais e privados em C&T no Brasil vem sofrendo significativa redução. Enquanto os investimentos globais em C&T aumentaram 19,2%, entre 2014 e 2018, os investimentos brasileiros sofreram queda de 16% entre 2015 e 2017 (UNESCO, 2021). A tendência de queda se manteve nos anos seguintes. Suprindo a ausência de indicadores do MCTI, atualizados de 2018 em diante, à época, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) emitiu nota técnica constatando essa realidade. Rompendo com mais de uma década de um ciclo relativamente estável de ampliação, os investimentos em C&T baixaram cerca de 37% entre 2013 e 2020, atingindo, em 2020, nível inferior ao verificado em 2009. Essa redução tem afetado drasticamente o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). Se antes essas unidades orçamentárias já foram responsáveis por 40% dos investimentos nas pesquisas desenvolvidas por empresas, universidades e instituições não vinculadas aos Ministérios, passaram a representar apenas 28% de um orçamento em decadência. Mesmo em se tratando de investimentos privados, há uma queda observada, entre 2018 e 2020, de US\$600 bilhões para US\$355 bilhões respectivamente (Negri, 2021).

Em 2022, os Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação divulgados não relataram mudanças nesse cenário de decadência (MCTI, 2022). Na contramão das principais economias globais, os investimentos em P&D, em 2020, sofreram queda de 8,2% em relação a 2019. Considerando percentualmente o PIB, o investimento total caiu de 1,21% para 1,14% nesse mesmo período (MCTI, 2022). De um lado, a nota técnica do Ipea ressalta o impacto da crise da Covid-19 no PIB brasileiro, o qual sofreu queda de 4% (Negri, 2021). De outro, deve-se reconhecer que o orçamento, no Brasil, não tem caráter impositivo, isto é, o Poder Executivo não é obrigado a cumprir integralmente o plano orçamentário aprovado pelo Congresso Nacional. De 2000 até 2018, o MCTI executou, em média, 60% do orçamento previsto no projeto de lei orçamentária para o ano em vigor. Essa discrepância é muito mais reflexo de contingenciamentos e do esforço fiscal do Governo Federal para atingir sua meta de *superavit* primário do que da sua capacidade de execução (Negri & Koeller, 2019).

Com a instituição do Teto de Gastos, em tese, contingenciamentos seriam descabidos, já que o orçamento aprovado já seria inferior às necessidades da administração pública (Mazza, 2022a). Todavia, à revelia da Lei Complementar nº 177/2021, que prometia assegurar o montante da arrecadação do FNDCT, na Lei Orçamentária Anual (LOA), isto é, impedir contingenciamentos, o MCTI perdeu R\$135 milhões em 2022. Além disso, conforme a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em razão da MP 1.136/2022, a quase totalidade dos recursos disponíveis no FNDCT (R\$2 bilhões) foram bloqueados para o último trimestre daquele ano (Mazza, 2022b).

Além de questões político-econômicas, a prioridade que C&T tem, em um país, suscita outras preocupações, sobretudo, ligadas à forma como a sociedade percebe a ciência. Tradicionalmente, uma tentativa de avaliar a percepção da ciência ocorre através de pesquisas sobre o conhecimento e a percepção pública sobre ciência (Pedranci, Carvalho & Silva, 2017). Esse tipo de pesquisa é importante para subsidiar temas relacionados à Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), ajudando a nortear também a comunicação e a divulgação científica (Borges, 2011).

A primeira pesquisa sobre essa temática ocorreu nos Estados Unidos, em 1957 e, mais tarde, em 1977, a sondagem Eurobarômetro passou a desenvolver pesquisas semelhantes na Europa (Santos, Machado & Silverio, 2019). Ao longo das décadas seguintes, essa iniciativa difundiu-se pela Índia, China e Japão. Na América Latina, essa tendência se popularizou nos anos de 1990, sendo o Brasil um dos países pioneiros, realizando enquetes desde meados da década de 1980 (Massarani, Castelfranchi & Fagundes, 2021).

Em 2015, o MCTIC encomendou, ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), a realização da 4ª edição da pesquisa *Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil*. Nessa edição, foram ouvidos 1.962 jovens e adultos com idade acima dos 16 anos, em todas as regiões do país. Os resultados indicaram que a maioria da população brasileira (61%) se declara interessada em C&T. Quanto à imagem da ciência e dos “cientistas”<sup>18</sup>, 73% acreditam que a ciência traz mais benefícios do que malefícios para a humanidade, e metade dos brasileiros retratam os “cientistas” de forma positiva. Apesar do alto interesse e da visão positiva sobre o assunto, a apropriação de informações científicas e tecnológicas foi considerada baixa, já que 93% dos entrevistados não se lembravam do nome de nenhum cientista brasileiro importante, e apenas 13% conheciam alguma instituição de pesquisa. Paradoxalmente, o interesse pela C&T não significa nível de acesso elevado à informação sobre a temática (Castelfranchi et al., 2013).

Na 5ª edição dessa mesma série de levantamentos, compreendendo 2.200 pessoas com idade acima de 16 anos, em todas as regiões do país, em 2019, esses resultados se mantiveram estáveis (Santos et al., 2019). Mais da metade dos participantes (62%) declarou interesse por algum assunto associado à C&T, conservando uma visão positiva sobre a ciência (73%) e os “cientistas” (41%). Mas, novamente, 90% não souberam indicar o nome de algum “cientista” brasileiro e 88% não se recordaram de nenhuma instituição de pesquisa. Em termos de apropriação de conteúdo científico, 73% informaram equivocadamente que antibióticos eliminam vírus. Em geral, os participantes se mantiveram divididos sobre assuntos considerados controversos, como as mudanças climáticas ou a evolução humana, exibindo o mesmo padrão de descompasso entre a avaliação acerca da ciência e o conhecimento e envolvimento em atividades correlatas (Santos et al., 2019).

Ainda em 2019, essa tendência também foi verificada entre o público mais jovem (entre 15 e 24 anos) através de enquete com 2.206 indivíduos de todas as regiões brasileiras (Massarani et al., 2021). Além de focalizar a juventude, o estudo realizou etapa qualitativa,

---

<sup>18</sup>É preciso lembrar que a profissão “cientista” não é regulamentada no país. Ela não consta na Classificação Brasileira de Ocupações. Ver em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf>

abordando as representações de ciência e temas mais recentes como *Fake News*. Uma diminuta porcentagem de jovens (5%) citou o nome de algum cientista brasileiro e de uma instituição de pesquisa (12%), a despeito de manifestar significativo interesse por C&T (67%) e representar a ciência como um tipo de “estudo” relacionado à tecnologia – sem citar, entretanto, exemplos claros dessa relação.

Na mesma direção, o trabalho de Lopes, Marques e Freitas (2014) sobre percepção pública de ciência de 385 indivíduos em São Carlos/SP constatou uma imagem positiva da ciência. Embora 79,5% dos entrevistados reconhecessem a presença da ciência em seu cotidiano, muitas pessoas tiveram dificuldade em responder de que forma ela estava presente. Diante disso, estudos voltados para a percepção pública de C&T vêm reconhecendo a necessidade de que os métodos quantitativos sejam complementados com estudos qualitativos capazes de investigar as concepções, motivações, crenças e representações sociais que diversos grupos têm sobre a ciência (CGEE, 2015; Castelfranchi et al., 2013; Lopes et al., 2014; Pedranci et al., 2017; Nascimento-Schulze et al., 2006).

Mas as limitações existentes nessas pesquisas não envolvem apenas os métodos, passando também seus pressupostos. De acordo com Guivant (2006), geralmente a metodologia dos estudos sobre cultura científica baseia-se num modelo de análise desenvolvido pela *National Science Foundation* (NSF) em 1972, que avalia o nível de informação, atitudes e interesses, mas não reflete, por exemplo, o grau de envolvimento com o avanço da pesquisa. Além disso, termos como “percepção pública da ciência”, “compreensão pública”, “educação científica” ou “alfabetização científica” (AC) estão centrados no sujeito que recebe as mensagens e é alvo da comunicação (Caribé, 2015). Em especial, a AC popularizada, em 1958, por Paul Hurd, triunfou até os dias atuais contando com surpreendentemente poucas evidências históricas ou empíricas (Feinstein, 2010; Kahan et al., 2011).

A maior limitação, no entanto, não reside na terminologia adotada, e sim no próprio modelo por trás dela. Tradicionalmente adotado em comunicação científica, o chamado “Modelo do déficit” se baseia num esquema hierárquico “emissor-transmissor-receptor”, no qual o papel dos cientistas – únicos detentores do saber sobre C&T – é esclarecer o público (Allain & Nascimento-Schulze, 2009). A necessidade de esclarecimento, por sua vez, supõe que: 1) durante sua transmissão ao público, o conhecimento científico – que era puro e objetivo – se distorce; 2) a distorção é a causa e a consequência da lacuna existente entre a informação dos especialistas e dos leigos (Galli & Fasanelli, 2020); 3) o conhecimento do homem comum é repleto de lacunas, déficits, mal-entendidos e ignorância, necessitando de



informações mais precisas (Bauer & Gaskell, 1999; Olshansky, 2018); 4) as lacunas podem ser superadas e corrigidas com maior conhecimento científico; e 5) se as pessoas tiverem maior conhecimento científico, elas apreciarão e apoiarão a atividade científica (Kahan et al., 2012; Bauer & Gaskell, 1999).

Esses pressupostos parecem reafirmar o ideal iluminista, que elegeu o conhecimento como meio para atingir o progresso no qual o Ocidente depositou suas esperanças (Giddens, 2002; Shattuck, 1998; Marková, 2007). Mas essas suposições simplistas ignoram que, no mundo ultraespecializado da pesquisa científica, há um fosso também entre especialistas de campos distintos, isto é, especialistas podem fazer parte do público leigo quando confrontados com as múltiplas especialidades existentes (Lévy-Leblond, 2009; Giddens, 2012). É preciso considerar que dificilmente o conhecimento científico viaja intacto de um contexto para outro, sendo readaptado e assimilado de forma diferente (Fara, 2014). Logo, não se trata de apropriação do conhecimento científico, e sim de reapropriação (Giddens, 2012). As pessoas podem não conhecer Freud ou Dawkins, por exemplo, mas falam sobre “inconsciente”, “recalque” (Moscovici, 1978) ou “memes” e outras ideias originárias do universo científico.

Ademais, o Modelo do déficit tem se mostrado bastante equivocado, sobretudo quando defrontado com questões científicas que têm se tornado objeto de controvérsia pública (National Science Council, 2016; Kahan, 2015a). Não é que o conhecimento e compreensão não desempenhem um papel na aceitação pública da ciência, mas sua interpretação, independentemente de a comunicação ser clara ou não, é condicionada por valores culturais, crenças, representações e concepções de mundo (Landrum, Olshansky & Richard, 2019).

### *O mundo das Teorias Conspiratórias e dos consensos científicos*

Num cenário paradoxal, onde nunca se soube tanto sobre formas de combater os perigos enfrentados pela sociedade e, ao mesmo tempo, concordou-se tão pouco sobre o que se sabe, vem crescendo mundialmente uma erosão da autoridade de todos os tipos, que inclui também certa rejeição social à ciência e à sua autoridade epistêmica (Kahan, 2015a; Giddens, 2012; Sharp, 2008; Goertzel, 2010; Harambam & Aupers, 2014). Essa rejeição é comumente observada entre grupos que compartilham crenças e teorias conspiratórias (TCs) que colidem com importantes consensos científicos (Douglas & Sutton, 2015; Harambam & Aupers, 2014; Jolley & Douglas, 2017; Linden, 2015; Van Prooijen, 2018; Landrum & Olshansky, 2019; Pasek, 2017; Scheufele & Krause, 2019).

Etimologicamente, o termo conspiração deriva da palavra latina *conspirare*, que significa “respirar junto” (Bale, 2007). Já na acepção atual, uma teoria conspiratória refere-se a uma tentativa de explicar as causas de eventos como tramas e enredos secretos maquinados por indivíduos, organizações ou grupos poderosos e maléficos (Zonis & Joseph, 1994; Douglas et al., 2015; Linden, 2015). Em geral, esse padrão explicativo esbarra em pensamento conspiratório, isto é, a “[...] percepção da existência de uma realidade oculta *por trás* da realidade familiar, [...] a ideia de que aquilo que se pensava estar acontecendo o tempo todo era [...] uma ilusão” (Zonis & Joseph, 1994, p. 449, grifos dos autores, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Apesar de poderem assumir uma conotação pejorativa, tanto essa forma de pensamento quanto as TCs não são sinônimos de erro ou “mentira”. Elas podem variar desde teorias implausíveis ou não comprovadas até conspirações verdadeiras, como os casos *Watergate* e *Tuskegee* (Douglas & Sutton, 2014; Goertzel, 2010; Jolley, Douglas & Sutton, 2018). E, longe de serem teorias restritas a indivíduos considerados “paranoicos” e “excêntricos”, as TCs são amplamente populares e difundidas graças à internet (Saputra, 2018; Clarke, 2002; Douglas, Sutton, Callan, Dawtry & Harvey, 2015; Douglas & Sutton, 2011; Pedranci et al., 2017; Douglas & Leite, 2017; Van Prooijen & Douglas, 2017; Landrum; & Olshansy, 2019; Melo, Passos & Salvi, 2020).

Na Europa, por exemplo, pesquisa conduzida como parte do Projeto *Conspiracy & Democracy*, da Universidade de Cambridge, com 11.523 adultos, constata essa popularidade. Na Hungria, 48% das pessoas acreditam que o governo esconde a verdade sobre a imigração, sendo que os níveis de crenças conspiratórias também foram altos na Alemanha (35%), França (32%), Grã-Bretanha (30%), Suécia (29%) e nos Estados Unidos (21%). Quase metade dos entrevistados que votaram a favor do Brexit (47%) e em Trump (44%) acreditam que o governo oculta a verdade sobre a imigração. Para 41% dos eleitores de Trump e 31% dos eleitores do Brexit, a imigração muçulmana faz parte de um plano maior – *Great Replacement* – para tornar os muçulmanos a maioria da população do país (YouGov-Cambridge, 2018).

Já no Brasil, desde as eleições presidenciais de 2014, vem-se notando aumento expressivo das TCs na população (Alba et al., 2018). Estudo envolvendo 571 indivíduos que participaram de uma manifestação na Avenida Paulista, no dia 12 de abril de 2015, mostrou que 96,8% estavam insatisfeitos com o sistema político, 64,1% acreditavam que o Partido dos Trabalhadores (PT) queria implantar um regime comunista no Brasil, 55,9% concordavam

---

<sup>19</sup> “ perception of the existence of a hidden reality behind the familiar reality, the idea that what one thought was going on all the time was [...] an illusion”.

que o Foro de São Paulo queria criar uma ditadura bolivariana no país, 53,2% achavam que o PCC é um braço armado do PT e 42,6% também endossavam que esse partido trouxe 50 mil haitianos para votar na presidenta Dilma Rousseff nas eleições anteriores (Ortellado et al., 2015).

Embora as TCs possam ter efeitos positivos, como maior questionamento quanto às hierarquias sociais e transparência dos governos (Clarke, 2002; Rezende et al., 2019), suas consequências sociais negativas são consideráveis (Douglas & Leite, 2017). No âmbito das políticas ambientais, circulam TCs que contestam as mudanças climáticas, alegando que os cientistas estão inventando-as por razões políticas ou para obter financiamento para pesquisas, fraudando dados a fim de promover a energia nuclear. Para Douglas e Sutton (2015), essas teorias podem reduzir o apoio de ações ou adoção de medidas para minimizar o problema. No estudo de Linden (2015), com 316 americanos, a exposição às TCs sobre o aquecimento global influenciou consideravelmente a tomada de decisões pró-social e ambiental. Os sujeitos estavam menos propensos a enxergar um consenso científico sobre o impacto humano na mudança climática e a assinar petição para reduzir o aquecimento global.

Em meio ao problema de saúde global decorrente da confiança do público na imunização, as TCs também trazem consequências significativas (Larson et al., 2016). Estudo envolvendo 1.351 indivíduos verificou que 49% dos americanos concordam com pelo menos uma TC médica sobre a CIA ter infectado afro-americanos com HIV, alimentos transgênicos, perigos ligados às vacinas ou fluoretação da água (Oliver & Wood, 2014). Outros estudos vêm mostrando que a exposição e adesão às TCs antivacinas podem reduzir significativamente a intenção dos pais em vacinar seus filhos (Jolley & Douglas, 2014) e que, uma vez estabelecidas, TCs deste tipo impõem efeitos negativos difíceis de serem revertidos (Jolley & Douglas, 2017). Ainda mais grave, ao investigar TCs que contestam a associação entre o HIV e a AIDS entre 4.752 adultos e adolescentes na Cidade do Cabo, na África do Sul, Grebe e Natrass (2012) verificaram que as TCs negacionistas da AIDS eram uma das principais variáveis que reduzia as chances de uso de preservativos.

De forma geral, estudos também vêm reunindo evidências de que as TCs e a ideação conspiratória<sup>20</sup> funcionam como importantes preditores da rejeição à ciência, às descobertas e aos consensos científicos (Harambam & Aupers, 2014; Lewandowsky, Oberauer & Gignac,

---

<sup>20</sup> Às vezes referida como mentalidade conspiratória, que para alguns descreve um fenômeno social mais amplo (Moscovici, 1987; 2020; Graumann & Moscovici, 1987; Delouvé, 2015), a ideação conspiratória pode se referir tanto a uma visão de mundo conspiratória caracterizada pela desconfiança dirigida a instituições, grupos e pessoas (Olshansky, 2018) quanto a um estilo cognitivo ou forma de pensamento (Lewandowsky, Gignac & Oberauer, 2013). Nesse pensamento, a conspiração opera como modelo explicativo (Zonis & Joseph, 1994).

2018; Lewandowsky, Gignac & Oberauer, 2013). No Brasil, estudos sobre TCs são bastante escassos, porém alguns trabalhos já vêm demonstrando o impacto dessas teorias, sobretudo no cenário político (Meinerz & Patschiki, 2015; Rezende et al., 2019; Alba et al., 2018).

As TCs tendem a aumentar substancialmente em momentos de crise social, insegurança e baixa confiança em autoridades, além de serem largamente compartilhadas em redes sociais, como YouTube e Facebook, nas quais os posts de notícias de conspiração têm valor muito mais alto do que aqueles sobre notícias científicas (Van Prooijen & Acker, 2015; Bale, 2007; Van Prooijen & Douglas, 2017; Van Prooijen, 2016; Bessi et al., 2015; Saputra, 2018). Assim, essas plataformas têm recentemente auxiliado na disseminação de conspirações que rejeitam os consensos científicos mais básicos e antigos (século IV A.C.), como a esfericidade da terra – questionada pelo movimento terraplanista (Goertzel, 2010; Garwood, 2008; Silveira, 2017).

### ***O movimento terraplanista***

Na véspera de Natal de 1968, durante a missão *Apollo 8* que orbitou a Lua, o homem registrou a primeira fotografia em cores da Terra (Fara, 2014). Após 20 horas em órbita da Lua, os astronautas registraram o “nascido da Terra”, mostrando uma esfera deslumbrantemente azul e embaciada por nuvens brancas que contrastavam com a escuridão em volta (Macau, 2007). Essa visão foi uma novidade, porém todas essas características, sobretudo a forma esférica da Terra, representa um dado milenário. À exceção de algumas civilizações como a babilônica, que deduzia que a Terra era plana e oca, para abrigar um submundo, ou a egípcia, que considerava a Terra um quadrado bordado por montanhas, a esfericidade terrestre era um sólido e antigo consenso (Simanek, 2006). Embora não se saiba a origem desse consenso, Pitágoras (582-500 a.C.) e seus seguidores já acreditavam que a Terra era redonda (Garwood, 2008). No século IV a.C., a visão globular era dominante na Grécia, onde Aristóteles (384-322 a.C.) ofereceu como provas os navios que sumiam no horizonte, certas estrelas mais visíveis em viagens marítimas mais ao sul e os eclipses lunares nos quais a sombra terrestre na Lua aparecia curva (Silveira, 2017). Mais tarde, Erastóstenes (276-195 a.C.) estimou a circunferência da Terra com surpreendente precisão (39.250 km), errando por pouco – 40.075 km (Sagan, 2017).

O consenso sobre o formato esférico da Terra prosseguiu sólido ao longo da Idade Média. Algumas passagens bíblicas sobre a abóbada (firmamento), dentro da qual os corpos

celestes se movem (Gênesis 1:7), sugerem um formato plano como possível herança do modelo babilônico, mas não há uma afirmação categórica sobre a forma terrestre (Schadewald, 2015). Por isso, mesmo havendo propostas como a de Lactâncio e Cosmas, que defendiam uma Terra plana com base numa interpretação literalista da Bíblia, a Igreja adotou o modelo de Cláudio Ptolomeu, que havia perdurado por mais de mil anos (Sagan, 2017; Fara, 2014). No século II, Ptolomeu tanto compilou provas antigas quanto reuniu evidências novas sobre o formato redondo da Terra em seu tratado *Almagesto* (Garwood, 2008). Como o modelo ptolomaico era compatível com a descrição bíblica de uma Terra estacionária no centro do universo, a crescente repressão que sucedeu à Reforma e Contrarreforma católica, mais de meio século após o surgimento do modelo rival de Copérnico, na Renascença (1543), combatia a visão móvel e heliocêntrica e as provas trazidas, sobretudo por Galileu e Kepler (Kuhn, 1990; Sagan, 2017). A essa altura, a cosmologia copernicana tão somente reafirmava a rotundidade da Terra que a expedição inicialmente liderada por Fernão de Magalhães, de 1519 a 1522, comprovou ao circum-navegá-la com êxito (Garwood, 2008).

Em suma, o consenso sobre o formato da Terra permaneceu inquestionável até o século XIX. A última discussão relacionada com esse assunto havia terminado em meados do século XVIII. Antes, os newtonianos e os cartesianos discutiam se a Terra era mais achatada (esferoide) ou alongada (esferoide prolato). As expedições financiadas, em 1735 e 1736, pelo rei Luís XV corroboraram a visão newtoniana sobre o achatamento do eixo polar (Silveira, 2017). Paradoxalmente, no século seguinte – um dos períodos científicos mais férteis –, a defesa da Terra plana apareceu. Em 1822, a Igreja passou a permitir a impressão de livros sobre o movimento da Terra e, em 1835, removeu o trabalho de Galileu da lista de obras proibidas (Kuhn, 1990). Mas com a Teoria da evolução (1859) e os crescentes progressos da Geologia, a ciência adotava uma atitude cada vez mais secular, ameaçando as poucas acepções religiosas remanescentes (Fara, 2014; Schadewald, 2015).

Foi nesse contexto que o inglês Samuel Birley Rowbotham – ex-secretário de uma colônia socialista – lançou *Astronomia Zetética: a Terra não é um Globo!* (1865). Sob o pseudônimo Parallax, Rowbotham já realizava palestras e publicava panfletos desde 1849, que foram integralmente reunidos nesse livro (Garwood, 2008). O termo “Zetético” fazia referência ao ceticismo pirrônico, atitude com a qual Parallax (2016/1865) caracterizou sua “astronomia”: “todas as teorias com essa característica supõem que, em vez de indagar, sistemas de imagem devem aprender a partir da observação e experimentar a verdadeira constituição das coisas” (p. 8). Com esse “método”, Parallax (2016/1865) propôs que a Terra é um disco plano imóvel, cujo polo norte fica no centro e os continentes ao redor situam-se

entre os oceanos e uma parede de gelo que os circunda e mantem – a Antártica; a gravidade não existe; o Sol, que está a cerca de 700 milhas (1.126 km) acima da Terra, está sujeito à refração da luz e à lei da perspectiva zetética, que criam a ilusão de que ele nasce e se põe; já a Lua, que tem o mesmo tamanho que o Sol, é autoluminosa, e ambos estão dentro do domo (firmamento) que isola a Terra do restante do Universo (Simanek, 2016).

Em Londres, os primeiros adeptos dessas ideias foram William Carpenter e John Hampden. O último era um polemista e literalista bíblico que tecia críticas histriônicas aos astrônomos e cientistas de sua época (Schadewald, 2015). Hampden teve um papel relevante na disseminação do terraplanismo na Inglaterra. Em 1870, ele anunciou, numa revista científica do período, uma aposta de £500 com algum cavalheiro da ciência que provasse que a Terra era redonda. O coprodutor da Teoria da evolução, Alfred Russel Wallace aceitou esse desafio, cujo resultado seria decidido por meio de um experimento capaz de testar a convexidade da água no canal *Old Bedford*, sob o veredito de um grupo de árbitros. Wallace venceu a aposta, mas passou os anos seguintes de sua vida sofrendo assédio e ameaças recorrentes (Garwood, 2008). Esses episódios renderam a Hampden duas sentenças de prisão que, ao transformá-lo num mártir, ajudaram a popularizar a ideia da Terra plana (Schadewald, 2015).

Foi o que Carpenter, jornalista e impressor, percebeu após se mudar para os Estados Unidos em 1879. Na América, a *New York Zetetic Society* (NYZS) já estava estabelecida desde 1873 sob a presidência honorária de Rowbotham e vice-presidência do PhD. George Davey, além de outras figuras notórias como o Cônsul dos Estados Unidos para a China, George Salter, os médicos Hans Powell e Lemuel Crane, o superintendente da escola pública de Baltimore John McJilton e o frenologista John Hecker (Schadewald, 2015).

À medida que o movimento atraía novos adeptos, uma rede formada por revistas, jornais, panfletos, palestras e periódicos zetéticos foi se desenvolvendo em diversos países. Na Inglaterra, John Williams fundou a *Universal Zetetic Society* (UZS), em 1892, reunindo colaboradores e agentes regulares da *Earth Review* – importante periódico zetético – em vários países de língua inglesa (Garwood, 2008). De 1906 em diante, a aristocrata Lady Elizabeth Anne Mould Blount, que usava sua fortuna para financiar a UZS, assumiu sua direção, ampliando ainda mais o movimento. Havia membros na Índia, Nova Zelândia, Austrália e na República Sul-Africana, cujo presidente até 1900, Paul Kruger, endossava o terraplanismo. Ademais, uma nova remessa de membros aparecia nos Estados Unidos, como o cirurgião PhD. Charles Watkyns de Lacy Evans e o ex-juiz Joe Holden – vice-presidente da UZS em 1906 (Schadewald, 2015).

Na primeira metade do século XX, a ideia da Terra plana chegou a integrar a grade escolar em algumas cidades. Em Zion, por exemplo, após John Alexander Dowie – um famoso “curandeiro” da fé – ter fundado e administrado essa cidade até 1906, Wilbur Glenn Voliva – pastor literalista bíblico – assumiu a prefeitura (Simanek, 2016). Adepto do terraplanismo, Voliva inseriu, no sistema paroquial de escolas de Zion, em 1916, o ensino da Terra plana e, em 1922, criou uma estação de rádio para alertar a população sobre a “trindade maldita” – evolução, astronomia e alta crítica (Garwood, 2008).

Já na segunda metade do século passado, momento de acentuados investimentos espaciais estimulados pela disputa entre a URSS e os EUA, o terraplanismo continuou ativo. Em 1956, o inglês Samuel Shenton refundou a UZS sob o título de *International Flat Earth Research Society* (IFERS). Shenton não conseguiu atrair muitos membros, mas até sua morte, em 1971, ele era uma das figuras prediletas da mídia ávida por ouvir suas considerações sobre o lançamento de satélites, fotografias e as frenéticas missões espaciais que ocorriam ao longo de todo o período da Guerra Fria (Schadewald, 2015; Fara, 2014; Macau, 2007). Em geral, as explicações de Shenton perpassavam a existência de uma conspiração satânica para enfraquecer a crença em Deus (Schadewald, 2015; Garwood, 2008).

Antes de morrer, Shenton tentou recrutar um sucessor para a IFERS, cogitando o influente geólogo, acadêmico e político londrino Ellis Hillman, mas o líder seguinte acabou sendo o californiano autodidata Charles Kenneth Johnson (Garwood, 2008). Diferentemente da sociedade britânica, os EUA pareciam oferecer um terreno menos hostil ao terraplanismo. Johnson herdou a IFERS e a manteve ativa até sua morte, em 2001, direcionando publicações assíduas aos membros por meio do jornal *The Flat Earth News*. Para ele, o pouso na Lua, em 1969, foi uma farsa produzida pelos estúdios de Hollywood (Schadewald, 2015). No mesmo período em que Johnson atuou, havia outra comunidade no Canadá (*Flat Earth Society of Canada*), formada, em 1970, pelo PhD. Leo Ferrari – professor de filosofia na *University of St. Thomas* –, o poeta e romancista Raymond Fraser e o célebre poeta e dramaturgo Alden Nowlan, mas suas diretrizes não eram tão sérias quanto as de Johnson (Garwood, 2008).

Tudo isso mostra que o movimento terraplanista é recente e teve grande influência durante os séculos XIX e XX (Simanek, 2016). Ao contrário de uma crença arcaica da “Idade das trevas”, o modelo plano e estacionário foi produto de um período no qual a educação estava se tornando compulsória (Schadewald, 2015; Garwood, 2008), os periódicos científicos se popularizavam junto com as comunidades de leitores e entusiastas (Fara, 2014; Lévy-Leblond, 2009) e, em geral, a ciência atualizava seus patamares de otimismo com Comte – grande arauto do progresso social mediante conhecimento científico e proponente de

ideias secularmente ousadas como um calendário positivista para substituir os meses e dias santos por datas que exaltavam figuras do mundo douto, por exemplo, Descartes, Dante e Shakespeare (Comte, 1978/1844). Acrescente-se ainda que muitos terraplanistas poderiam seguramente fazer parte dessa elite, em tese instruída, pois a comunidade terraplanista contou com médicos, engenheiros e clérigos com posição social, econômica e intelectual destacada.

### *O ressurgimento do terraplanismo: os “nobres amadores” na era da internet*

A internet surgiu na década de 1960, e sua arquitetura básica foi delineada, em 1973, pelos cientistas Robert Kahn e Vint Cerf (Castells, 2017). Inicialmente denominada *Arpanet*, a rede estava restrita às operações militares e atividades de pesquisadores e acadêmicos, tornando-se mais acessível aos usuários nos anos 1990 com a criação da *World Wide Web* por Tim Berners-Lee (Burke, 2012). Esse passo foi importante para a privatização e comercialização da internet para a sociedade mais ampla em 1995 (Castells, 2011). Em se tratando da relação entre o conhecimento e a sociedade, esse movimento talvez tenha representado a última grande “utopia” da nossa época. Além da relação entre a Grande Ciência do pós-guerra e a pesquisa militar, a internet nasceu também da interseção com a cultura libertária e *hacker* da qual herdou o sonho de conectar o mundo e democratizar o conhecimento – idealizado na aldeia global de McLuhan (Fara, 2014; Castells, 2011).

A promessa de concretizar esse ideal veio com a 2ª geração da *World Wide Web*, a Web 2.0, criada por Tim O’Reilly e seu grupo em 2004 (Jenkins, Green & Ford, 2015). Diferentemente da Web 1.0, cuja estrutura não havia sido projetada para fins interativos e conservava certa assimetria entre autor e público, a Web 2.0 simetizou essa relação, ampliando as possibilidades de produção, colaboração, compartilhamento e interação por meio de redes sociais, fóruns, blogs e demais comunidades virtuais (Saputra, 2018; Mounk, 2019). Esse novo sistema foi logo criticado por instaurar certo *culto do amador* caracterizado pelo “apagamento das linhas entre público e autor, fato e ficção, invenção e realidade [...] [e dificultar a diferenciação] entre leitor e escritor, artista e relações públicas, arte e publicidade, amador e especialista” (Keen, 2009, p. 30). À época, Keen (2009) se apropriou dessa expressão de outra voz heterodoxa, Nicholas Carr, que havia notado que, por trás das visões entusiasmadas com a Web 2.0, existia a “hegemonia do amador”, conforme o próprio O’Reilly tinha admitido ao descrever o espaço da Web 2.0 como “um mundo no qual a



‘antiga audiência’, e não poucas pessoas em uma sala nos fundos, decide o que é importante” (O’Reilly, 2005 apud Carr, 2017, p. 21, tradução nossa)<sup>21</sup>.

No cerne da ideologia do Vale do Silício, estava a aposta na sabedoria das multidões, cuja premissa era: “não confiem nos especialistas, as pessoas comuns sabem mais” (Empoli, 2019, p. 25). Graças aos recursos da Web 2.0 e a essa premissa, Larry Sanger e Jimmy Wales criaram, em 2001, a Nupédia, revista por pares, que mais tarde virou a Wikipédia, que pode ser editada anonimamente por qualquer pessoa (Keen, 2009). Em meio a uma cultura participativa (Jenkins et al., 2015), a Wikipédia apareceu como um divisor de águas. Afinal, os iluministas escreveram a primeira Enciclopédia moderna, em 1772, e o povo está continuamente escrevendo a atual na internet. Por isso, ao estudar historicamente o conhecimento da Enciclopédia à Wikipédia, Burke (2012) a considerou como o emblema da ciência cidadã e principal exemplo da “tendência de ‘amadorização’ – ou, mais exatamente [...] de uma volta ao estudioso diletante” (p. 278).

Juntamente com a popularização dos smartphones e do 4G, essa tendência tem provocado transformações no espaço público do qual a internet agora faz parte (Bosco, 2017). Antes, os meios de comunicação de massa agiam como guardiões da cultura filtrando o conhecimento público (Keen, 2009). Agora a comunicação cuja produção é autônoma “processa mensagens de muitos para muitos” (p. 9) e atinge uma multiplicidade de receptores designados de forma autodirecionada e recuperável de modo autosselecionado (Castells, 2011). A princípio, essa modificação empoderou movimentos políticos que estavam à margem, facilitando a organização de protestos (Castells, 2017; Bosco, 2017), mas trouxe consideráveis problemas. A facilidade de criar comunidades em torno de interesses comuns fortaleceu a tendência ao cultivo de relações homofílicas e, conseqüentemente, câmaras de eco nas quais as pessoas se isolam em visões de mundo homogêneas e se tornam menos tolerantes ao dissenso (Brummette, Distaso, Vafeiadis & Messner, 2018; Quattrociochi, Scala & Sunstein, 2016). Por fim, sem o filtro dos meios de comunicação tradicionais da antiga elite política, econômica e intelectual, ideias extremistas, *fake news* e teorias conspiratórias estão sendo compartilhadas com mais facilidade (Mounk, 2019; Empoli, 2019; Keen, 2009; Saputra, 2018; Clarke, 2002; Douglas et al., 2015; Van Prooijen & Acker, 2015).

Nesse novo espaço, o movimento terraplanista contemporâneo encontrou condições favoráveis para ressurgir. Com a internet, Eric Dubay reviveu a *International Flat Earth Research Society* (IFERS), e a *International Flat Earth Society* (IFES) primeiramente

---

<sup>21</sup> “a world in which ‘the former audience,’ not a few people in a back room, decides what’s important.”

apareceu como fórum online em 2004, sendo oficialmente reinaugurada em 2009 (Simanek, 2016; Bonfim & Garcia, 2021). Todo o sistema de crenças original de Parallax foi reciclado e permaneceu praticamente o mesmo. O que mudou foi a importância que os elementos conspiratórios – que já existiam com Shenton e Johnson – passaram a ter no modelo atual. Existem, é claro, variações entre as ideias terraplanistas, mas em geral, há certo consenso sobre a presença de uma grande conspiração envolvendo cientistas e instituições como a maçonaria, a Organização das Nações Unidas (ONU), a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) e outras organizações e atores cuja atuação oculta a “verdade” sobre o formato da Terra (Garwood, 2008; Silveira, 2017; Olshansky, 2018).

Para veicular essas ideias, esses grupos contam com sites sofisticados e realizam encontros e conferências entre seus membros. A primeira conferência – *Flat Earth International Conference* – aconteceu em 2017, na Carolina do Norte, e posteriormente na Inglaterra em 2018 (Olshansky, 2018). No Brasil, a primeira conferência terraplanista, denominada *Flat Con*, ocorreu em 2019, em São Paulo, com a participação de aproximadamente 400 pessoas (Bonfim & Garcia, 2021). Nesse mesmo ano, o grupo lançou a primeira revista brasileira – *Revista Terra Plana* – sobre o gênero (Bertotti, 2020). Portanto, há uma rede que utiliza o espaço híbrido – virtual e físico – para articular os grupos de terraplanistas que se reúnem para divulgar essa TC, organizar eventos e obter financiamento para experimentos e expedições exploratórias para provar que a humanidade vem sendo enganada há mais de 400 anos pela ciência (Silveira, 2017; Garwood, 2008). Comumente os grupos que defendem o formato plano da Terra endossam outras conspirações ligadas às vacinas, ao aquecimento global etc., já que um dos maiores preditores da crença em TCs são outras TCs (Zonis & Joseph, 1994; Goertzel, 2010; Fasce & Picó, 2019; Delouvée, 2015).

Além das redes sociais, a ideia da Terra plana passou a ser amplamente disseminada nos meios de comunicação de massa (Goertzel, 2010; Silveira, 2017). Pesquisa envolvendo 8.215 adultos norte-americanos constatou que 5% acreditam, com ressalvas, no formato plano da Terra e 2% tinham convicção de que o planeta é plano (YouGov, 2018). No Brasil, levantamento realizado pelo Instituto Datafolha (2019) com 2.086 entrevistados, com mais de 16 anos de idade, estima que cerca de 11 milhões de brasileiros (7%) acreditam que a Terra seja plana.

Como esses levantamentos não investigaram como e onde os sujeitos formaram suas crenças, é possível que parte deles não conheça nem participe dos movimentos terraplanistas. Dito isso, a popularidade dessa ideia e a atual saliência do terraplanismo em plataformas de

redes sociais, tornando essa ideia mais disponível enquanto TC, não parece simples coincidência. O crescente interesse acadêmico por esse fenômeno apoia essa associação.

Com um vasto banco de dados de vídeos sobre Terra plana no YouTube, de 2006 até 2017, Paolillo (2018) descreveu o discurso terraplanista nessa plataforma. Até 2011, havia poucas menções à Terra plana, mas após esse período, vídeos sobre esse assunto cresceram significativamente, atingindo o ápice durante as eleições presidenciais nos EUA, em 2016. A maioria dos vídeos fundia diversos conteúdos e influências, e seu formato mesclava técnicas virais, *clickbait* – títulos e miniaturas sensacionalistas –, propaganda e *trolling*. Já o conteúdo envolvia ataques às celebridades científicas como Neil deGrasse Tyson e Stephen Hawking, além de figuras como Elon Musk e astronautas. Essas e outras personalidades eram acusadas de participar de uma ampla conspiração descrita mediante referências cinematográficas da cultura pop e fundamentalismo religioso. Frequentemente outras conspirações envolvendo a Antártica, as mudanças climáticas, judeus, Illuminati e maçons eram acopladas. Para lidar com essa realidade, os vídeos apresentavam experimentos, observações, análises especulativas e tentativas de minar autoridades científicas e instituições.

Nessa atmosfera que estimula a desconfiança generalizada, outra estratégia terraplanista parece priorizar a confiança básica nos sentidos e nas experiências pessoais. Foi o que Isola-Lanzoni e Gonçalves-Segundo (2019) perceberam ao analisar a posição sustentada por youtubers brasileiros frente ao movimento terraplanista. Os autores chamaram de *empirismo pessoal limitante* a valorização das experiências cotidianas como critério de veracidade do conhecimento. A primazia dos sentidos e de experiências pessoais também foi levantada pelo Canal Nostalgia, que produziu vídeo combatendo a visão terraplanista.

Mas a contraposição à cosmovisão dos terraplanistas não é a tendência predominante no YouTube. O estudo de Mohammed (2019), por exemplo, examinou 500 vídeos, dos quais 301 (60,2%) eram pró-Terra plana e somente 139 (27,8%) tentavam desmistificar essa ideia. Apesar da menor quantidade, os vídeos contrários ao terraplanismo tiveram média maior de visualizações (400.916 contra 128.584). A maioria dos vídeos terraplanistas (79,7%) afirmava a existência de uma atuação conspiratória envolvendo governos, Illuminati e judeus para encobrir a verdade. 25,2% concebiam a ciência tradicional como uma religião falível, que realiza lavagem cerebral na sociedade. Porém isso não necessariamente significava uma rejeição à ciência, e sim a proposição de outra “ciência” pautada em métodos zetéticos com os quais 75,1% dos vídeos desafiaram a matemática e outras ciências, cujo conteúdo ensinado nos livros didáticos foi considerado parte da lavagem cerebral.

No estudo de Melo et al. (2020), com *tweets* do perfil *Flat Earth Society*, essa desconfiança em relação à ciência era a condição para o estabelecimento do discurso conspiratório do terraplanismo. Havia uma ambiguidade frente à ciência, cuja confrontação da autoridade era, de um lado, a condição criadora das ideias do movimento e da reação à segregação imposta aos adeptos da Terra plana e, de outro, a razão da necessidade de purificá-la e tornar o espírito científico livre e não dogmático. Essa purificação se estendia também à rede de ensino que, impregnada pela ciência, promove doutrinação ideológica. Tal como os estudos anteriores, os autores perceberam a existência de um sistema de crenças sincrético capaz de agregar outras conspirações desconexas e potencialmente contraditórias, cuja ligação era mais o sentimento de desconfiança do que a lógica.

Essa visão foi reforçada em outro estudo, cujo propósito foi mapear a circulação de TCs nas diferentes plataformas digitais brasileiras (Oliveira, 2020). Na primeira etapa do estudo, a análise detalhada de Oliveira (2020) permitiu a detecção de uma rede na qual o fluxo das TCs envolvia o Facebook, Whatsapp e YouTube. No Facebook, havia 15 grupos com mais de 300 membros. A participação em cinco desses grupos levou a dois grupos de Whatsapp, um com 115 membros e outro com 220 indivíduos. Ambos os grupos repercutiam notícias de jornais e revistas especializadas em C&T, como o Jornal do Brasil, a revista Veja, o portal de notícias Uol e a revista Galileu. O principal conteúdo compartilhado, entretanto, eram os vídeos. Dos 43 vídeos partilhados nos grupos, a maioria (36) pertencia ao YouTube, cuja importância foi corroborada pela segunda etapa do estudo, na qual 31 pessoas responderam um questionário. A maioria dos respondentes (58%) tinha ensino superior completo (n=9) ou incompleto (n=9) e acessava conspirações pelo YouTube (71%). Como a terceira e última etapa mostrou, o YouTube apresentou uma complexa rede com *clusters* sobre conteúdo conspiratório formada pelos canais “IN - Inteligência Natural” (contendo *playlists* sobre política e terraplanismo), “Sem Hipocrisia” (conteúdo sobre política, religião e história); e conspirações diversificadas (canais “Tio Lu”, “Desperte – Thiago Lima” e “Verdade Oculta”). Em posição central nessa rede, estava o canal “Ciência de Verdade”, do doutor em Geofísica pela Universidade de São Paulo (USP) Afonso Emidio de Vasconcelos Lopes, compartilhando TCs sobre Terra plana, “ciência” e religião. Em relação à credibilidade da ciência, a postura adotada era não simétrica, já que notícias favoráveis às visões dos grupos eram creditadas, enquanto as desfavoráveis eram alvos de desconfiança e contestação. E, essa contestação à ciência coexistia ainda com um reforço à autoridade científica como forma legítima de comprovar os pontos de vista compartilhados pelos grupos.

Martins (2020) se referiu a essa característica como uma *relação bipolar* com o conhecimento científico. Essa foi uma das seis características identificadas no discurso terraplanista observado durante a *Flat Con* em São Paulo, dentre as quais estão: 1) o terraplanismo está fora do “sistema” que oculta a verdade – os palestrantes adotavam uma postura de “nós” (os terraplanistas) contra “eles” (os “globulistas”) formado pela mídia, política, ciência e escola; 2) relação bipolar com a ciência – a ciência é rechaçada como intolerante, dogmática e pseudocientífica, mas o conhecimento científico é constantemente referenciado; 3) uso “particularizado” de noções científicas – termos como “magnético” são apropriados de forma descontextualizada; 4) uso seletivo de dados e informações – certas fotografias oriundas da ciência são confiáveis, outras não; 5) vinculação com elementos religiosos – é afirmada uma relação com o livro do Gênesis, com a criação divina do homem e com uma vida dotada de propósito; e 6) crítica à educação escolar – a escola é considerada parte do “sistema” que ajuda a alienar e esconder a verdade sobre o formato da Terra.

Além do sistema de crenças terraplanista, alguns estudos têm direcionado o foco para as razões associadas com a adesão a essa TC. No primeiro grupo de razões que podemos identificar, há as *conjunturais* – muitas das quais descrevemos no início – que compreendem a pós-verdade e subsequente enfraquecimento das instituições modernas.

Com base nessa perspectiva, Albuquerque e Quinan (2019) analisaram a construção da autoridade científica em vídeos do canal “Professor Terra Plana”. Esse canal divulgava conteúdo próprio e também traduções de vídeos terraplanistas estrangeiros, endossando visões criacionistas e conspiratórias. Para os autores, esse tipo de conteúdo reflete uma crise institucional e epistêmica que gerou uma fragilização das instituições modernas e seus critérios tradicionais de veracidade em detrimento de narrativas pessoais de *outsiders* trazidos para o centro do debate graças às novas tecnologias de comunicação.

Bonfim e Garcia (2021) também seguiram essa linha de raciocínio e, ao analisar a forma pela qual o terraplanismo se constitui nos vídeos brasileiros mais populares do YouTube, consideraram o fenômeno um desdobramento do contexto de pós-verdade. Nesse estudo, foram selecionados 10 vídeos: os cinco mais visualizados e os cinco mais relevantes ranqueados pela plataforma. A conclusão foi de que a maioria desses vídeos buscou contrapor a visão terraplanista, porém terminou por reforçá-la ao usar recursos satíricos, ao apresentar o problema na forma de debate científico que equiparava a Terra plana à Terra esférica ou apresentar uma imagem acrítica da ciência que a elege como fonte inquestionável de verdade.

Um segundo grupo de estudos enfatizou aspectos cognitivos *individuais* e *grupais* na adesão à TC da Terra Plana. Landrum e Olshansky (2019) avaliaram a suscetibilidade de 402

indivíduos a crer no conteúdo de vídeos sobre Terra plana no YouTube. Inicialmente os sujeitos assistiam a um vídeo e, em seguida, respondiam escalas e questionários para testar o papel da inteligência científica (IC) e da mentalidade conspiratória (MC) na crença nas ideias terraplanistas. A MC e a IC interagem com a avaliação da força dos argumentos terraplanistas e a abertura para receber e buscar informações sobre Terra plana após assistir ao vídeo. Mas essa relação estava condicionada à IC, isto é, a percepção sobre a força dos argumentos crescia conforme aumentava a MC e reduzia à medida que a IC diminuía. Como a IC interrompia a influência da MC, foi encontrado certo suporte à hipótese do déficit. Entretanto, os autores reconheceram limitações na amostra oriunda do serviço *TurkPrime* – conhecido pelo alto número de ateus e agnósticos. Além disso, como a maioria dos participantes considerou os argumentos terraplanistas fracos e já não tinham considerável abertura a eles, o viés classificativo impeliu os autores a interpretar os resultados mais em termos de resistência do que de suscetibilidade (Landrum & Olshansky, 2019).

A dissertação de Olshansky (2018), por sua vez, sobre a predição do literalismo bíblico e MC na crença terraplanista, trouxe resultados distintos. O autor comparou essas variáveis entre uma amostra nacional (n=513) e outra recrutada numa Conferência Internacional de Terra Plana (n=23). Na primeira parte do estudo, os resultados não encontraram diferenças significativas na religiosidade entre as duas amostras. A amostra terraplanista pontuou mais alto em MC e, em geral, considerava-se mais cética e lógica. Isoladamente o literalismo bíblico não previa a crença na Terra Plana. Na segunda parte, 31 terraplanistas foram entrevistados. Percebeu-se que, devido à desconfiança em relação às autoridades e à primazia dos sentidos e experiências pessoais para acessar a realidade, os adeptos das ideias terraplanistas não podiam ser persuadidos a acreditar na esfericidade da Terra. As evidências científicas para a rotundidade terrestre eram percebidas como falsas e manipuladas através do *Photoshop*. Por trás desse padrão, o autor percebeu uma motivação para reduzir a dissonância cognitiva trazida por informações novas e conflitantes com as crenças terraplanistas. Isso os levava a aceitar e ajustar visões favoráveis ao sistema de crenças e rejeitar informações conflituosas. Por conseguinte, Olshansky (2018) concluiu que o problema não era necessariamente o conhecimento ou sua falta, a qual poderia ser sanada por meio da alfabetização científica.

Muito próximo dessa visão, Martins (2019) estudou comunidades brasileiras que alegavam contatos com alienígenas – dentro das quais havia adeptos do terraplanismo. Inicialmente, na região sudeste, foram entrevistadas 81 pessoas, sobre as quais uma avaliação prévia descartou a influência de transtornos psiquiátricos ou mesmo variações

sociodemográficas. Em seguida, foram feitas observações etnográficas em comunidades na Serra do Cipó e numa clínica de terapias alternativas em Minas Gerais e na Serra do Roncador, no Mato Grosso, onde existia uma seita com crenças em fenômenos paranormais e alienígenas com a qual a comunidade de ufólogos tinha contato. Quando os ufólogos interagem com ambas as comunidades, validando ou desafiando suas crenças, tinha início um processo de adição de novas informações. Esse processo foi chamado de *espiral ascendente de complexidade* (EAC) e indicava ganhos não lineares de complexidade nas crenças que eram ressignificadas, agregando novos elementos. A EAC permitia a perda gradativa do aspecto contraintuitivo das novas ideias ao proporcionar a dessensibilização cognitiva às reações de estranhamento que elas provocavam.

Somado aos estudos anteriores, o relato acima nos compele a repensar as estratégias que a comunicação científica deve adotar na compreensão e abordagem desse fenômeno. Bertotti (2020), por exemplo, propôs uma forma alternativa de lidar com a popularização da concepção terraplanista. Pressupondo que o discurso Deferencialista – venera a ciência e considera sua autoridade inquestionável – gera o discurso Cínico – reduz a ciência à negociação social, precipitando o abandono da “racionalidade” e “objetividade” – que, por sua vez, retroalimenta a TC dos terraplanistas, Bertotti (2020) sugere um caminho medial. Ao invés de reafirmar posições extremas que beneficiam o ceticismo terraplanista, a proposta seria buscar um modelo equilibrado entre o respeito à ciência e as críticas a ela.

A despeito do interesse considerável pelo terraplanismo moderno, a literatura sobre esse movimento ainda é incipiente. Entretanto, juntamente com o breve quadro histórico anteriormente apresentado, os resultados preliminares dos estudos acima não nos impedem de depreender algumas tendências opostas ao Modelo do déficit: 1) o terraplanismo não é necessariamente um movimento anticiência, e a rejeição à ciência tradicional é feita também a partir da própria “ciência” segundo o modelo que esses grupos consideram mais adequado; 2) embora um estudo (Bonfim & Garcia, 2021) tenha insistido na educação e divulgação científica para combater esse tipo de TC, não foram apresentadas evidências empíricas em favor disso; 3) desde seu surgimento, no século XIX, o terraplanismo contou com membros com diferentes níveis de escolaridade (Schadewald, 2015), dentre os quais houve indivíduos com elevado grau de formação – tendência que parece se manter até hoje (Oliveira, 2020); 4) não há evidências sólidas de que se esses grupos tivessem maior compreensão do método científico – até porque a existência de um método científico universal não é consenso nem mesmo na academia, como mostramos nas seções anteriores – eles acreditariam na rotundidade da Terra, pois a desconfiança da ciência é uma das condições para defender e

manter sua perspectiva (Melo et al., 2020; Olshansky, 2019); e 5) o sistema de crenças terraplanista é aparentemente contraditório e reúne, em vários níveis, elementos potencialmente incompatíveis, logo a compreensão desse fenômeno parece exigir a adoção de outros pressupostos epistemológicos (Melo et al., 2020).

### ***Além do Modelo do déficit: a Ciência da Comunicação Científica***

Seja dentro da perspectiva terraplanista, seja no panorama conspiratório mais amplo, a ciência retorna ao centro do debate e das controvérsias sociais, sendo obrigada a rever seus pressupostos (Kahan, 2014a; 2015; Lewandowsky & Oberauer, 2016). Antes vista como a principal resposta à onda de pseudociência e teorias conspiratórias (Sagan, 2006), que cresceram com o surgimento das comunicações online, a confiança na ciência pode surpreendentemente ter o efeito contrário (Palmer, 2018).

No âmbito das mudanças climáticas, Kahan et al. (2011) desafiaram o que eles chamam de *Tese da Irracionalidade Pública* (TIP). A TIP é formada pela junção da *teoria do “analfabetismo científico”* – as pessoas têm pouca compreensão da ciência e de seus métodos, o que as impede de entender as evidências do aquecimento global e não serem enganadas por visões que as distorcem –, da *Teoria da “racionalidade limitada”*, que supõe duas formas de processamento da informação postuladas por Kahneman (2012): a) Sistema 1: toma decisões baseadas em operações automáticas e intuitivas que consomem menos energia e são suscetíveis a vieses e heurísticas; b) Sistema 2: envolve raciocínio lógico e analítico baseado em operações voluntárias, meticulosas e cognitivamente onerosas (como o Sistema 1 é usado na maior parte do tempo, as heurísticas levariam à subestimação dos riscos climáticos); e por fim, da *Teoria da “cognição cultural”* – com base na teoria cultural do risco de Mary Douglas e Aaron Wildavsky, sugere que cada grupo cria percepções de risco opostas que refletem seus próprios valores com os quais avaliam as ameaças ambientais. Juntas, essas teorias amparam a Tese da Irracionalidade Pública (TIP) na suposição de que a população é desprovida de conhecimento básico para interpretar corretamente evidências científicas, suprimindo essa lacuna com heurísticas das quais a cognição cultural faria parte.

Para testar esses pressupostos, Kahan et al. (2011) contaram com uma amostra representativa de 1.540 adultos estadunidenses. Essa amostra foi submetida a escalas para medir os valores – hierarquia/igualitarismo e individualismo/comunitarismo –, a alfabetização científica (AC), a numeracia (depende do Sistema 2) e a percepção sobre o risco das mudanças climáticas. Contrariando as previsões da Tese da Irracionalidade Pública (TIP), os



resultados evidenciaram que, à medida que a pontuação dos indivíduos em alfabetização científica e numeracia aumentava, a percepção sobre a gravidade das mudanças climáticas diminuía. Por outro lado, a Teoria da cognição cultural foi confirmada. Os sujeitos individualistas-hierárquicos classificavam os riscos climáticos como menos graves do que os comunitaristas-igualitários. Quando a Tese da Irracionalidade Pública (TIP) foi cruzada com essas percepções de risco, novamente falhou. Embora modesta, a alfabetização científica e a numeracia tiveram correlação positiva com o aumento da preocupação dos comunitaristas-igualitários sobre os riscos das mudanças climáticas, mas entre os individualistas-hierárquicos, essa correlação foi negativa. Para esses dois grupos, quanto maior era o nível de alfabetização científica e numeracia, maior a polarização cultural. E, como a alfabetização científica e numeracia pressupõem o uso do Sistema 2, a cognição cultural não podia ser considerada mera heurística do Sistema 1. Em suma, à medida que os sujeitos sabiam mais sobre ciência e aquecimento global, mais se tornavam hábeis em tornar as evidências científicas mais consonantes à posição do seu grupo do que ao consenso científico.

Em amostras estadunidenses de duas pesquisas bienais sobre o clima, em 2006 (n=1.862) e 2010 (n=1.006), Hamilton, Cuttler e Schaefer (2012) corroboraram esses resultados. O conhecimento científico teve papel positivo na preocupação com os riscos das mudanças climáticas, mas sua correlação era mediada pela orientação política. Entre os liberais e moderados, a probabilidade de se preocupar com o clima polar e com a Antártica crescia ligeiramente de acordo com a AC, enquanto entre os conservadores, esse efeito foi drasticamente negativo ou quase nulo. Já num estudo com uma amostra mais diversificada formada por 1.600 cidadãos estadunidenses, 280 cientistas e 55 consultores políticos do Congresso americano, esse padrão se manteve (Bolsen, Druckman & Cook, 2015). 89% dos cientistas, 64% do público e 71% dos consultores políticos acreditavam que o aquecimento global realmente estava ocorrendo. Contudo, em todos esses grupos, valores individualistas-hierárquicos juntamente com maior partidatismo e conhecimento sobre política, mudanças climáticas e ciência reduziam a probabilidade de aceitar o consenso sobre o aquecimento global. Por exemplo, entre os cientistas conservadores e mais bem informados, houve menos propensão a aceitar que o aquecimento global está acontecendo.

Mas ao contrário do que se poderia supor, o conservadorismo político não é a causa desse fenômeno. Um estudo com 1.750 adultos norte-americanos, dos quais 25% se identificaram como “liberais”, 37% como “conservadores” e 29% como “moderados” (depois foram excluídos), não apoiou essa suposição (Kahan, 2013b). Dessa vez, além da *posição da racionalidade limitada* (PRL) – causa do conflito público sobre risco é a predominância do

uso do Sistema 1 –, foram testadas duas novas hipóteses: a chamada *posição da assimetria ideológica* (PAI), que supôs que a afinidade entre ideologia conservadora e dogmatismo ou aversão à complexidade é a causa do conflito; e a *posição da utilidade expressiva* (PUE), cuja premissa era de que um maior uso do Sistema 2 aumenta o efeito polarizado da cognição protetora de identidade. Os sujeitos fizeram rigoroso Teste de Reflexão Cognitiva (TRC), que mede a predisposição ao uso de vieses cognitivos no processamento de informações, e tiveram sua posição sobre riscos das mudanças climáticas avaliada. Não houve diferenças entre o desempenho dos conservadores e dos liberais no TRC em favor de uma assimetria. Os sujeitos que pontuaram mais alto no TRC exibiram maior tendência ao raciocínio motivado (RM) ideologicamente.

Outro estudo usou uma medida padrão para avaliar a relação entre “mente aberta” e ideologia política na controvérsia das mudanças climáticas em 1.600 adultos nos EUA (Kahan & Corbin, 2016). A suposição de que o conflito político deriva de um traço de personalidade ligado ao conservadorismo – “mente fechada” – não foi confirmada. Ao contrário dos liberais, quanto mais os conservadores pontuavam na medida de mente aberta, menor era a aceitação do consenso sobre o aquecimento global.

O conhecimento ou desconhecimento de algum consenso científico também não explica sua aceitação ou rejeição (Lewandowsky & Oberauer, 2016). Numa amostra total de 9.496 americanos, Pasek (2017) avaliou a disposição a concordar com diversos consensos científicos. Mas diferentemente das medidas tradicionais de alfabetização científica, que examinam se as crenças dos indivíduos estão alinhadas com o consenso científico, os participantes tiveram que identificá-lo e depois declarar se concordavam ou não com ele. Isso permitiu constatar que era possível identificar corretamente a existência de algum consenso entre os cientistas e, ao mesmo tempo, rejeitá-lo. Somente 32% não divergiram dos cientistas em alguma questão. Essa divergência foi mediada principalmente pela religiosidade e pelo partidarismo.

Especificamente na controvérsia envolvendo o consenso sobre a evolução humana, outros estudos identificaram a persistência desse mesmo padrão (Kahan & Stanovich, 2016), inclusive entre alunos de graduação em biologia (Bishop & Anderson, 1990). Ocorre que nossas crenças não dizem apenas o que sabemos, mas também quem somos (Sagan, 2006; Giddens, 2012). Logo, a raiz da controvérsia sobre a evolução não reside num déficit de conhecimento ou racionalidade, mas num excesso dela, isto é, em ambos os lados, as pessoas raramente resistem à utilização da sua capacidade de raciocínio crítico para apoiar crenças que indicam quem elas são e de que lado estão (Kahan & Stanovich, 2016). Por isso, é comum

que muitos adeptos de TCs acreditem que a posição de seu grupo “sempre” é consistente com o consenso científico e com a ciência (Kahan, 2014a; 2017b).

Em relação às TCs, ainda há poucos estudos que detalham a forma como elas interagem com a alfabetização científica e outras medidas. Porém na Espanha, estudo com 290 estudantes universitários não encontrou indícios de que uma maior compreensão da ciência poderia ser uma proteção contra as TCs (Fasce & Picó, 2019). Por outro lado, no que concerne às TCs de conteúdo político-partidário – por exemplo, sobre a nacionalidade de Obama, o 11 de setembro ou o assassinato de John Kennedy –, há evidências sobre o papel desempenhado por maior conhecimento político. Numa amostra de 2.485 conservadores e liberais norte-americanos, Miller, Saunder e Farhart (2015) verificaram que maior conhecimento político levava esses indivíduos a endossar conspirações que colocavam seus adversários políticos em posição negativa. O mais provável é que as TCs também não sejam uma exceção quando se trata da relação com o conhecimento científico, pois apesar de serem produzidas no Sistema 1, é o Sistema 2 que as justifica e mantém (Van Prooijen, Klein & Đorđević, 2020). Além disso, indivíduos com alta confiança na ciência podem endossar e disseminar TCs quando elas contêm conteúdo científico – o que não é incomum (Palmer, 2018).

Atualmente, as implicações das descobertas supracitadas têm provocado uma ampla revisão dos pressupostos que pautaram o diálogo entre a ciência e a sociedade (Kahan, 2017a; Kahan & Stanovich, 2016; Bolsen et al., 2015; Lewandowsky & Oberauer, 2016; Miller, Saunders & Farhat, 2015; Olshansky, 2018; Hamilton et al., 2012). Os Conselhos e estudiosos da comunicação científica estão abandonando o Modelo do déficit e discutindo a agenda de pesquisas em divulgação científica (*National Scientific Society*, 2016; *National Science Council*, 2016; *National Academy of Sciences*, 2017).

Essa agenda passou a trabalhar em prol da construção de uma Ciência da Comunicação Científica (CCC). Nessa abordagem, Kahan (2014a) defende que a comunicação científica não apenas comunique as evidências científicas de uma determinada área, mas que ela própria seja baseada em evidências. E o que as evidências da CCC sugerem na controvérsia pública envolvendo consensos científicos é que ela decorre de um excesso de racionalidade (Kahan, 2014a; Kahan & Stanovich, 2016). Isso não significa que a rejeição de certos consensos científicos seja inócua. Do ponto de vista coletivo, essa atitude continua sendo considerada irracional e altamente prejudicial, mas do ponto de vista individual, não é insensata (Kahan et al., 2011). Segundo a teoria do raciocínio motivado (TRM), as pessoas não têm a liberdade de acreditar em qualquer coisa que desejam. Para chegar a uma dada

conclusão, os indivíduos tentam ser racionais e elaborar justificativas por meio do uso da memória e de crenças que podem apoiar a meta desejada (Kunda, 1990; Kahan, 2016; Lewandowsky & Oberauer, 2016). Uma meta recorrente, nesse caso, é a proteção das crenças e identidade contra informações que as ameaçam (Sherman; Cohen, 2002; 2006; Bolsen et al., 2015), o que Kahan et al. (2011) chamaram de cognição protetora de identidade (CPI).

Esse mecanismo faz com que as pessoas se engajem em estratégias cognitivas para reinterpretar favoravelmente a fonte de ameaça aos seus valores e identidade (Sherman & Cohen, 2006). É por meio desses valores e compromissos culturais prévios que os sujeitos interpretam os riscos na hipótese da cognição cultural (Kahan et al., 2011). Novamente isso pode parecer irracional, mas, no caso dos consensos científicos, rejeitar muitos deles não afeta direta e imediatamente a vida cotidiana das pessoas (Kahan, 2014a). Por outro lado, aceitá-los, quando eles são dissonantes dos valores e identidade, pode impactar direta e instantaneamente a perda de vínculos significativos de sociabilidade dos grupos, dos quais a identidade de um indivíduo depende (Kahan, 2014b; Sherman & Cohen, 2006; Kahan et al., 2017). Contudo, isso não necessariamente constitui um empecilho para que as pessoas possam, em alguns casos, convergir com o consenso. Dificilmente os indivíduos ignoram as melhores evidências terapêuticas quando se trata de buscar tratamento médico para alguma enfermidade (Kahan, 2017b). E, embora existam movimentos e TCs antivacina, ao contrário do frequente alarde midiático, essa tendência é significativamente limitada (Kahan, 2014b).

Para que essa e outras tendências confluentes com os consensos científicos se mantenham, a CCC recomenda que a comunicação em ciência evite termos carregados de significados culturalmente antagônicos, principalmente quando envolve algum tipo de risco (Kahan, 2016). Em nossa cultura, muitas palavras assumem o caráter de símbolos ou emblemas de lealdade a determinados grupos com os quais uma ruptura poderia afetar a vida das pessoas mais do que uma ruptura com parte da ciência (Kahan et al., 2017; 2016).

Numa amostra de 2.400 adultos norte-americanos, Kahan et al. (2016) testaram o efeito da exposição a uma comunicação culturalmente carregada sobre os riscos do Zika Vírus para a saúde pública. Os participantes leram uma notícia que ora combinava os riscos do Zika Vírus com o aquecimento global, ora com o problema da imigração. Na condição “aquecimento global”, os individualistas-hierárquicos se tornaram mais céticos em relação aos riscos do Zika. Já na condição “imigração”, os comunitários-igualitários reagiram com igual menosprezo ao vírus. Cabe lembrar que essa mesma estratégia foi efetivamente explorada nas campanhas políticas que levaram extremistas ao poder, sobretudo na Itália e no Brasil (Empoli, 2019).

E foi também essa dinâmica que gerou o imbróglio da vacina contra o HPV nos EUA<sup>22</sup> (Kahan, 2014b). Seria equivocados supor que a resistência da qual essa vacina acabou sendo alvo foi causada por se tratar de uma doença sexualmente transmissível associada ao câncer. A vacina contra a hepatite B, que também é sexualmente transmissível e causa câncer, não contou com esse tipo de reação (Kahan et al., 2016). Ocorre que, em busca de uma posição hegemônica no mercado, o fabricante da vacina contra o HPV se engajou numa campanha mobilizando atores políticos nos EUA. Isso criou um caminho traiçoeiro, no qual, em vez de se familiarizar com a vacina durante a visita ao pediatra, as pessoas a conheceram nos meios de comunicação política carregados de significados antagônicos (Kahan, 2013a).

Para lidar com essa dinâmica, que tem sido ampliada com a popularização dos sites de redes sociais nos quais circulam memes culturalmente antagônicos (Kahan et al., 2016), a CCC propõe uma estratégia de comunicação científica em dois canais: a) Canal 1 – focaliza a elaboração do conteúdo científico pautado em evidências sólidas comunicadas em observância ativa às melhores evidências de como transmiti-las; b) Canal 2 – concentra-se nos significados culturais, isto é, nas afinidades e animosidades que fazem parte do universo de símbolos, crenças, compromissos e representações que os grupos utilizam para se posicionar diante dos riscos e de informações contraditórias (Kahan et al., 2015).

Por meio desses dois canais, os comunicadores em ciência podem utilizar a estratégia do *desemaranhamento*<sup>23</sup>. Esse princípio propõe desvincular o conteúdo das comunicações científicas de significados antagônicos, evitando que os profissionais da comunicação científica coloquem seu público no dilema entre “*saber o que é sabido pela ciência e ser quem eles são*” como membros de diversas comunidades culturais” (Kahan, 2015a, p. 10, grifos do autor, tradução nossa)<sup>24</sup>. Isso desobriga as pessoas de acreditar naquilo que elas precisam aprender. Antes vista como um problema (Pilatti, 2018), no Modelo do déficit, essa possibilidade é uma consequência promissora do que Kahan (2015b) denominou dualismo cognitivo. O dualismo cognitivo permite que as pessoas adaptem o processamento de informações para finalidades múltiplas e contraditórias.

Sumamente a Ciência da Comunicação Científica (CCC) reúne evidências de que, ao contrário do que o Modelo do déficit pressupunha, a desinformação, a pseudociência e as TCS não são algo do qual as pessoas são vítimas, e sim cúmplices (Kahan, 2017b). Mas para que as propostas da CCC tenham êxito, pactos entre os acadêmicos e governos locais, bem como

---

<sup>22</sup>No Brasil, em Uberlândia, isso também ocorreu. Ver em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/12/mpf-de-uberlandia-pede-proibicao-da-vacina-contra-o-hpv-em-todo-pais.html>

<sup>23</sup> Não há ainda uma tradução oficial para o termo “disentanglement”. Usamos aqui um termo aproximado.

<sup>24</sup> “*knowing what’s known by science and being who they are as members of diverse cultural communities.*”

discussões devem ser estabelecidos para que cada país crie sua própria agenda (Kahan, 2015a). Abaixo, sintetizamos as principais características e diferenças entre o Modelo do déficit e a CCC (Quadro 1).

Relação ciência e sociedade	Posição	
	<i>Modelo do déficit</i>	<i>Ciência da Comunicação Científica</i>
Variáveis estudadas	Sociodemográficas	Socioculturais
Conhecimento do público	Deficitário; Distorcido; Irracional	Não deficitário; Transformado; Racional (do ponto de vista pessoal)
Recepção pública a ciência	Interpretação/Apropriação; Homogênea; Mediada pelo comunicador	Reinterpretação/Reapropriação; Heterogênea; Mediada pelas crenças e cultura
Desinformação	Público é vítima	Público é cúmplice
Rejeição a consensos científicos	Déficit em: Alfabetização científica; Numeracia; Raciocínio analítico	Valores culturais: Cognição cultural; Cognição protetora de identidade; Raciocínio motivado
Sistema que mantém TCs	Sistema 1	Sistemas 2 e 1
Polarização	Menor conhecimento; uso do Sistema 1	Maior conhecimento e uso do Sistema 2
Tratamento da contradição	Exclusivista	Inclusivista (dualismo cognitivo)
Solução da controvérsia pública	Foco na transmissão de conteúdo; Divulgação científica; AC e numeracia; Mudar as crenças	Foco na forma de comunicar conteúdo; Comunicação baseada em evidências; Desemaranhamento; Contornar as crenças do público

**Quadro 1.** Principais diferenças entre o modelo do déficit e a CCC

Fonte: elaborado a partir de Feinstein (2010), Kahan et al. (2011) e Kahan (2015a; 2015b)

Nosso diálogo aqui se restringe ao Canal 2, pois nele nos parece oportuno alojar as preocupações que guiam o presente estudo. Porém esse diálogo encontra seus limites nas escolhas teóricas que apresentaremos a seguir. De um lado, a Ciência da Comunicação Científica (CCC) dispõe de um rico arcabouço teórico-empírico para compreender, sobretudo os motivos que levam as pessoas a recusar os consensos científicos e aderir a TCs, como a do terraplanismo, ou ainda, no que as pessoas acreditam quando rejeitam determinado entendimento científico. De outro, ela não parece oferecer meios para compreender: a) o que as pessoas criam quando rejeitam consensos científicos; e b) como elas criam e compartilham o que acreditam. No caso do terraplanismo, nosso percurso até aqui indica que esse grupo cria mais do que uma rejeição ao consenso científico sobre o formato da Terra. Ademais, embora a CCC tenha se referido a algumas teorias clássicas, como a *Teoria da dissonância cognitiva* (TDC) (Kahan et al., 2011; Pasek, 2017; Kahan et al., 2016; Olshansky, 2018; Kahan, 2013a; Landrum & Olshansky, 2019; Scheufele & Krause, 2019), ela não aprofundou o diálogo com essa<sup>25</sup> e outras teorias em Psicologia Social.

<sup>25</sup> Ao estudar a cognição cultural, cognição protetora de identidade e o raciocínio motivado isoladamente, a CCC se distancia da combinação fundante da TDC entre cognição e motivação (Festinger, 1975; Aronson, 1992), o que a nosso ver é uma vantagem teórico-metodológica da teoria original não superada por essas microteorias.

## Referencial teórico e metodológico

Levando em consideração o breve conjunto de fenômenos e resultados preliminares de estudos que os abordaram sob diferentes propostas teóricas, parece-nos pertinente adotar duas teorias norteadoras para a construção da nossa base e *postura* teórica: Teoria das representações sociais (TRS) e Teoria da dissonância cognitiva (TDC). Ambas são teorias clássicas do campo da Psicologia Social. Apesar da proximidade dos fundadores (Serge Moscovici e Leon Festinger) dessas duas correntes e da manifesta “ambição” do primeiro de “redefinir os problemas e os conceitos da Psicologia Social a partir desse fenômeno [representações sociais]” (Moscovici, 1978, p. 14), ainda permanece certo isolamento entre suas formulações científicas. Essa distância tem deixado inexplorados – senão subestimados – os pontos de contato que poderiam engendrar uma base fecunda para a compreensão do fenômeno das teorias conspiratórias. Algo que, para Jovchelovitch e Priego-Hernández (2015), pode abrir um profícuo caminho de pesquisa para psicólogos sociais e culturais. E, por isso, tem feito parte de uma agenda emergente de pesquisa em TRS (Lo Monaco; Girandola; Guimelli, 2016; Moliner & Abric, 2015).

Para articular essas duas tradições, dividimos nosso percurso teórico em dois eixos. O primeiro, o *eixo central*, é formado pelas teorias de maior protagonismo: a) Teoria das representações sociais, pressupostos e conceitos emergentes; e b) Teoria original de Festinger sobre Dissonância cognitiva, pressupostos e revisões. Já o segundo, o *eixo de apoio*, é constituído por teorias coadjuvantes, cujo papel é fornecer suporte às articulações propostas. Em ambos os eixos, há uma terceira classe periférica de conceitos derivados de teorias que, a despeito de serem geradas em campos distintos e englobarem estudos com propósito discrepante dos nossos, serão tomadas mais como ilustrações, sem a pretensão de incorporá-las à nossa base. Esse movimento não é ilegítimo nem dentro da grade mais ampla da Psicologia social, muito menos na TRS (Castro, 2002). Como Sá (2007) recomendou:

[...] antes de tudo, não há que permanecer apenas na psicologia, mas buscar formulações conceituais e teóricas relevantes onde quer que elas se encontrem. Se, como não é incomum, pelos níveis de análise e vieses próprios das diferentes disciplinas, tais formulações não dão conta da inteira natureza psicossocial do fenômeno, cumpre aos psicólogos sociais reconstruir o estudo nos seus próprios termos (p. 290).

Como considerou Castro (2002), uma articulação entre perspectivas teóricas pode ocorrer em três níveis: teórico, metateórico e epistêmico-metodológico. Cronologicamente, concentraremos nossos esforços nos dois primeiros, o teórico (nível dos conceitos e

pressupostos) e o metateórico (nível dos pressupostos ontológicos e epistemológicos). Estruturalmente, nossa rota será a seguinte: a) primeiramente apresentaremos as duas teorias que compõem o *eixo central*, *T1* (TRS) e *T2* (TDC); b) em seguida, trataremos das teorias e conceitos que integram o *eixo de apoio* como suporte para articular, inicialmente, as formulações mais marginais de *T1* (por exemplo, polifasia cognitiva) aos conceitos fundamentais de *T2* (por exemplo, dissonância cognitiva); c) tendo feito esse percurso, articularemos, finalmente os conceitos elementares de *T1* (por exemplo, representações sociais) ao *T2*. Esse caminho pode parecer retrospectivo, já que parte dos conceitos periféricos aos centrais, mas ele possibilita a familiarização ordenada com todos os elementos necessários para a compreensão do diálogo geral entre as duas teorias do *eixo central*.

### **Intuição para o insólito: a teoria das representações sociais**

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é um arcabouço conceitual flexível que oferece recursos teóricos para compreender e explicar como os indivíduos e grupos elaboram, transformam e comunicam sua realidade social (Rateau, Moliner, Guimelli & Abric, 2012). Enquanto perspectiva psicossociológica, ela faz parte de uma tradição cunhada por Jovchelovitch (2008a) como “fenomenologia da vida cotidiana”. Procura investigar como o homem comum, agindo como um “cientista amador”, tenta entender situações, eventos e objetos novos ou ameaçadores, com ênfase nos processos pelos quais o conhecimento especializado é reelaborado a fim de possibilitar o funcionamento social e prático da vida cotidiana (Moscovici, 2003; Bauer & Gaskell, 1999; Farr, 1993). Seu objetivo é “descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível [numa sociedade diversa]” (Moscovici, 2003, p. 79).

O primeiro delineamento formal dos conceitos desenvolvidos pela TRS foi realizado pelo psicólogo social, romeno radicado na França, Serge Moscovici (Sá, 1995; Marková, 2006). Quando o autor chegou à Paris, em 1948, o debate sobre a relação entre a ciência e a sociedade mobilizava ativamente sua geração (Moscovici, 2005; Sá et al., 1996). Após a 2ª Guerra Mundial, como o físico Heisenberg (1995) supôs, a permeação social de conceitos da física geraria apropriações diferentes e potenciais conflitos entre a ciência e as tradições de uma dada cultura. Em geral, essa foi uma tendência em toda a ciência ao longo do século XX (Fleck, 2010/1935; Fara, 2014; Lévy-Leblond, 2009; Sagan, 2006), com a qual Moscovici (2003) se preocupou já durante a guerra.



Ele identificou duas posições na discussão sobre o impacto da ciência na sociedade: 1) *posição marxista* – mais do que purificar o conhecimento ideológico das massas, a ciência deveria erradicar o pensamento comum; 2) *posição do iluminismo* – a comunicação e a educação científica poderiam dispersar a ignorância, os preconceitos e erros do pensamento comum. Seu objetivo era transformar as pessoas em cientistas e fazê-las pensar racionalmente (Moscovici, 2003). Ambas as posições compartilhavam de uma ideia nomeada na França como *vulgarização*. Trata-se da suposição de que, ao se espalhar socialmente, a ciência se torna impura e distorcida tanto pela incapacidade dos indivíduos de assimilá-la quanto pelos erros típicos do conhecimento comum (Moscovici, 2003; Kronberger, 2015; Jodelet, 2014).

Após a guerra, Moscovici reagiu contra a ideia subjacente a essas posições de que, ao contrário dos intelectuais, o “povo não pensa” racionalmente (Vala, 2004; Marková, 2006). Tanto nas ciências naturais como nas ciências sociais, o lugar do senso comum parecia mal resolvido (Germano, 2011). Especialmente na Psicologia Social, era preciso reabilitar o conhecimento comum enquanto um terceiro fator crucial, além do conhecimento científico e da ideologia (Jovchelovitch, 2008b). Para isso, foi necessário inverter o percurso corrente à época (Koyré, 1948; Bachelard, 2005/1938; Germano, 2011). Em vez de perguntar como o senso comum se torna ciência, indagar como o conhecimento científico é transformado em conhecimento comum (Moscovici, 2003; Moscovici & Hewstone, 1986; Farr, 1993). Em sua tese *A psicanálise, sua imagem e seu público* (1961), Moscovici (1978) ecoou essa lógica.

Na década de 1950, a psicanálise era um dos saberes que estimulava debates entre intelectuais e estudantes universitários parisienses (Sá, 1995; Bauer, 2015). Graças à imprensa francesa, esses debates transbordavam o círculo acadêmico circulando amplamente nas camadas populares (Spink, 1995). Essa dinâmica indicou primeiramente um “fenômeno particular” referente à (re)apropriação de conhecimentos, teorias e conceitos científicos pelo público comum (Vala, 2004). Na primeira parte de sua obra seminal, Moscovici explorou esse fenômeno em uma amostra formada por: a) população parisiense; b) classe média ordenada em subgrupos de acordo com os níveis de instrução e socioeconômico; c) profissionais liberais; d) classe de operários; e) estudantes universitários; e f) alunos de escolas técnicas e dois grupos oriundos de províncias (Grenoble e Lyon). Para contemplar as peculiaridades desses grupos, 2.265 entrevistas foram realizadas (Moscovici, 1978; Spink, 1995).

Já nessa época, a análise de Moscovici (1978) mostrou que a posição tomada pelos indivíduos frente à psicanálise não dependia do seu nível de informação sobre ela. Cada um dos distintos grupos – religiosos, comunistas e liberais – selecionava, realçava e omitia aspectos diferentes desse objeto novo e estranho (Kronberger, 2015). À psicanálise “alguma

coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica” (Moscovici, 1978, p. 59). Além dos grupos, os significados da psicanálise também variavam de acordo com os diferentes ambientes franceses (Sammur, Andreouli, Gaskell & Valsiner, 2015). Na segunda parte de sua tese, Moscovici (1978) empreendeu uma análise de 1.640 artigos publicados em 110 jornais parisienses e 120 da província. Novamente cada meio contava com um sistema de comunicação diferenciado e consonante com os propósitos do grupo com o qual se comunicava. Os veículos comunistas usavam a *propaganda*, os católicos, a *propagação* e a mídia urbana liberal, a *difusão* (Moscovici, 1978). Na *propaganda*, a comunicação baseia-se numa visão clivada e conflitual sustentada na oposição “Nós/Eles” (Vala, 2004; Marková, 2006). Aqui, a psicanálise era rejeitada e estereotipada pelos meios comunistas como uma “pseudociência” da sociedade norte-americana “imperialista” e “decadente” (Moscovici, 1978). Já a *propagação* refere-se a uma modalidade na qual as mensagens são direcionadas ao próprio grupo a fim de assimilar convenientemente o objeto para legitimar sua própria ortodoxia (Staerklé, 2015). Na imprensa católica, por exemplo, esse sistema moldava as atitudes do grupo que associava a psicanálise ao confessionalismo, mas rejeitava as ideias ligadas à sexualidade (Moscovici, 1978; Bauer & Gaskell, 1999). Por fim, a *difusão* comunica a informação de forma indiferenciada a fim de informar os diferentes públicos (Vala, 2004). Entre os profissionais liberais, a psicanálise era informada através de opiniões caracterizadas pelo distanciamento, ceticismo e antidogmatismo (Moscovici, 1978; Howarth, Cornish & Gillespie, 2015; Sammur et al., 2015).

No que tange ao problema da ciência, a obra seminal de Moscovici ofereceu uma terceira posição que Bauer e Gaskell (1999) chamaram de *reconstrução criativa*. Essa posição está diretamente ligada à emergência de um *novo senso comum*. A modernidade enquanto ordem pós-tradicional<sup>26</sup> caracterizada, sobretudo, pela instituição do princípio moderno da dúvida radical (Giddens, 2002), pela conseqüente multiplicidade de perspectivas (Mannheim, 1968/1929) e por fontes de autoridades e pela abundância de informação (Burke, 2012), levou à crescente necessidade de especialização (Moscovici, 1976). A especialização, por sua vez, alargou a distância – pequena no começo do século XIX – entre especialistas e leigos, que passaram a depender cada vez mais da mídia e do jornalismo científico (Meadows, 1999). Deixando o conhecimento comum às massas (Bachelard, 2005/1938), os especialistas cultivam uma cultura especializada e esotérica (Fleck, 2010/1935) circunscrita a suas

---

<sup>26</sup> O que Giddens (2002) chama de ordem pós-tradicional não significa uma ruptura com as certezas da tradição e do hábito, muito menos uma substituição pela certeza ou razão. As tradições continuam a existir. A dúvida e o ceticismo da modernidade, ao contrário, oferecem às tradições uma fonte revigorante para resistir e persistir.

instituições e disciplinas (Moscovici & Hewstone, 1986). Nessa dinâmica, o *novo senso comum* passou a ser um conhecimento de segunda mão derivado da ciência, do uso da razão, da disseminação midiática e da assimilação de elementos científicos da nossa sociedade tecnocientífica e destradicionalizada (Moscovici & Hewstone, 1986; Lévy-Leblond, 2009). Em resumo, “a ciência era antes baseada no senso comum e fazia o senso comum menos comum; mas agora senso comum é a ciência tornada comum” (Moscovici, 2003, p. 60).

Essas transformações convenceram Moscovici da necessidade de resgatar o conceito de representações coletivas de Durkheim e, ao mesmo tempo, adaptá-lo (Castro, 2002; Sá, 1995). Em vez de representações coletivas, ele usou o termo representações sociais (RS) para demarcar o fenômeno geral revelado por sua obra inaugural (Vala, 2004). As representações coletivas sinalizavam um conjunto genérico de fenômenos tradicionais e relativamente estáveis, como a religião, o mito, a ciência etc. (Moscovici, 1978; Marková, 2006), mas numa sociedade destradicionalizada, esse fenômeno adquire uma nova moldura na qual a crença numa ordem preestabelecida dá espaço a uma pluralidade de realidades, cuja autoridade está em constante questionamento (Jovchelovitch, 2008a). Logo, as representações pelas quais Moscovici (2003) se interessou “são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis” (p. 48).

Esse caráter dinâmico e flexível que as RS visam capturar refletiu na própria definição do conceito. Como não queria emular a precisão da física, Moscovici não priorizou a elaboração de uma definição unívoca de RS (Sá, 1995). Percebendo que uma RS não é mera cópia ou reflexo, e sim “uma rerepresentação diferente do objeto” (p. 58), o autor a definiu como “*uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos*” (Moscovici, 1978, p. 26, grifos do autor). Elas são, portanto, sistemas de conhecimento e atividades cognitivas de senso comum, pelas quais os seres humanos podem dar sentido e inteligibilidade ao mundo (Sammut et al., 2015; Moscovici, 1978). Estaticamente, as RS “se mostram semelhantes a *teorias* que ordenam ao redor de um tema [...] uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante” (Moscovici, 2003, p. 207, grifo do autor). Vistas dinamicamente, as “representações sociais se apresentam como uma ‘rede’ de idéias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias” (Moscovici, 2003, p. 338).

Sinteticamente, as RS são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989, p. 22). Além de parcimoniosa, essa conceituação contém implicitamente os critérios que tornam uma representação social, quais sejam: *critério quantitativo* – superficialmente se pode dizer que uma representação é social porque é compartilhada por um conjunto de indivíduos (Sá, 1995); *critério genético* – uma representação é social na medida em que é coletivamente produzida nas relações entre grupos e conseqüentemente reflete seus projetos, estratégias e interações (Vala, 2004); e *critério de funcionalidade* – a representação cumpre uma função prática (Jodelet, 1989), isto é, ela “contribui exclusivamente *para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais*” (Moscovici, 1978, p. 77, grifos do autor).

A natureza social confere às representações sociais o caráter simultâneo de processo e produto da elaboração do conhecimento social (Andreouli & Chrysochoou, 2015). Essa dupla propriedade traz implicações ontológicas, epistemológicas e teórico-metodológicas para o estudo das RS. Ontologicamente, o sujeito cognoscente na TRS busca compreender e criar ativamente sua realidade, agindo como um “sábio amador” ou “cientista amador” (Moscovici, 1978; Moscovici & Hewstone, 1986; Farr, 1993), mas o processo cognoscitivo não é iniciado pelo sujeito ou pelo objeto cognoscível, e sim pela – e na – interação dialógica com ele; esquematicamente triádica *ego-alter-objeto* (Moscovici, 2003; Marková, 2006). Por isso, epistemologicamente, não se pode falar em RS de algum objeto sem antes demarcar o indivíduo, grupo ou população que a elabora (Sá, 1998). Como afirmou Moscovici (1978), “uma representação é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa” (p. 26). Finalmente, teórica e metodologicamente, a dupla propriedade das RS demanda abordagens complementares, quais sejam: a perspectiva estrutural de Abric, cujo foco são as RS como produto e seus elementos cognitivos e estruturais; a abordagem societal de Doise, voltada para as condições de produção e circulação das RS; a virada dialógica que enfatiza as relações dialógicas com a alteridade e os encontros de conhecimentos; e, por último, a abordagem processual de Jodelet e Moscovici (Sá, 1998; Spink, 1995; Marková, 2006; Jovchelovitch, 2008a; Priego-Hernandez & Jovchelovitch, 2015).

Nesta pesquisa, estamos mais alinhados com a abordagem processual focada na forma pela qual as RS são produzidas e circulam entre os indivíduos, tendo em vista o fato de serem geradas pelas necessidades e pelos desejos de grupos variados (Banchs, 2000). Pressupõe-se que “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (Moscovici, 2003, p. 54, grifos do autor). Quando uma nova

ciência ou algum objeto novo surge no horizonte das pessoas, conflitos são anunciados. “São suscitadas questões para as quais não se conheciam respostas, e são dadas respostas onde ninguém via questões” (Moscovici, 1978, p. 107). É como se ocorresse uma fissura naquilo que um grupo percebe como normal, impelindo-o a suturá-la por meio de processos que confirmem, confortem e restabeleçam um sentido de continuidade (Moscovici, 2003). Os indivíduos e grupos tendem a buscar informações alinhadas com suas crenças prévias (Moscovici, 1992). Essa busca pela familiaridade em situações que causam estranheza significa que as RS tendem para o conservadorismo e para a confirmação do que já se sabe (Moscovici, 2003).

Essa tendência aproxima as RS dos conceitos centrais da Ciência da Comunicação Científica (Kahan et al., 2011; Kahan, 2014a), porém ela não decorre do uso isolado ou do conjunto dos *Sistemas 1* e *2*<sup>27</sup>. A tendência à familiaridade surge da coabitação do homem ocidental em dois mundos diferentes de pensamento (Moscovici & Hewstone, 1986). O primeiro é o *universo reificado*, que faz circular o conhecimento científico e o pensamento erudito caracterizado pela lógica, rigor metodológico, teorizações abstratas, ordenação em disciplinas, autoria e hierarquização, de acordo com o mérito e a competência (Moscovici, 2003). O segundo, por sua vez, é o *universo consensual*, no qual a sociedade é vista como uma comunidade de sujeitos iguais e livres para usar um conhecimento anônimo, cuja forma é de teorias de senso comum (Moscovici, 2003; Sá, 1995; Bauer & Gaskell, 1999). Diferentemente da ciência, que prossegue da premissa à conclusão e prioriza a impessoalidade e o julgamento sobre o veredito, no *universo consensual* “a conclusão tem prioridade sobre a premissa e nas relações sociais [...] o veredicto tem prioridade sobre o julgamento” (Moscovici, 2003, p. 58). Logo, no *universo consensual*, a imanente tensão entre familiar e não familiar está predominantemente estabelecida em favor do familiar, permitindo que o homem comum escape da sujeição e das restrições da impessoalidade e da regra (Moscovici, 2003; Moscovici & Hewstone, 1986).

No processo de produção de RS, dois mecanismos asseguram a predominância da familiarização: ancoragem e objetivação (Spink, 1995). A ancoragem consiste na transformação de algo estranho e perturbador num sistema de categorias familiares (Moscovici, 2003). Entendemos o novo em oposição ao antigo (Moscovici & Hewstone,

---

<sup>27</sup> Moscovici (1992) conhecia o trabalho de Kahneman sobre os atalhos cognitivos e o considerou. Ele afirma: “E eu *subscervo* à opinião generalizada de que adultos normais são pouco inclinados a pensar em termos de frequências e correlações entre as experiências que tiveram, observaram ou ouviram falar”. (p. 768, grifo nosso). “And I subscribe to the widespread opinion that normal adults are little inclined to think in terms of frequencies and correlations between the experiences they have had, observed or have heard of.”

1986), isto é, o novo e o desconhecido são inseridos e estabilizados num quadro familiar de referências (Sammut et al., 2015; Kalampalikis & Haas, 2008). Ancorar é, portanto, “classificar e dar nome a alguma coisa” (Moscovici, 2003, p. 62) com base em protótipos estocados na memória (Bauer & Gaskell, 1999). Esse movimento permite, ao mesmo tempo, a generalização ou a diferenciação e a avaliação do objeto como normal ou desviante (Moscovici, 1978). Em suma, “o processo de ancoragem é, a um tempo, um processo de redução do novo ao velho e reelaboração do velho tomando-o novo” (Vala, 2003, p. 474-475).

A objetivação, por sua vez, consiste na transformação de um objeto abstrato em algo quase concreto que passa a fazer parte da realidade (Jodelet, 1989; Arruda, 2015). Por meio desse processo de externalização, o significado ancorado do objeto ou da ideia é projetado no mundo através de imagens e proposições (Sammut et al., 2015). Esse movimento ajuda a solidificar uma nova ideia abstrata e potencialmente ameaçadora (Bauer & Gaskell, 1999). O percebido é substituído pelo conhecido, isto é, as ideias deixam de ser vistas como produto da atividade intelectual e passam a ser percebidas como tendo existência exterior (Moscovici, 1978). Há três etapas que asseguram esse processo: 1) construção seletiva: a nova informação é selecionada – filtram-se apenas os aspectos consonantes com os valores do grupo – e descontextualizada – distancia-se do contexto original para modelar da forma que se deseja (Moliner & Abric, 2015; Moscovici, 1978); 2) elaboração de um núcleo figurativo: a informação selecionada é recombinada num conjunto simplificado de noções que dão suporte para apreender novos objetos (Jodelet, 1984); 3) naturalização: o que era abstração se torna realidade plena (Moscovici, 1978; Castro, 2002). Essa terceira fase compreende ainda a *personificação*: o pessoal substitui o impessoal (por exemplo, uma teoria é associada a um indivíduo); a *figuração*: substitui noções complexas por metáforas, diagramas ou imagens; e a *ontização*: são combinadas qualidades, forças e substância às palavras e ideias (Moscovici & Hewstone, 1989; Moscovici, 2003; Vala, 2004).

Após esses processos, a RS formada pode variar conforme a seguinte tipologia: a) RS hegemônicas: equivalem às representações coletivas e designam entendimentos largamente compartilhados, inquestionáveis e uniformes. Elas estão mais associadas à modalidade comunicativa da propagação; b) RS emancipadas: derivam da cooperação entre os grupos e da permuta de significados distintos sobre o mesmo objeto, estando mais ligadas à difusão; e c) RS polêmicas: são engendradas pelo conflito e antagonismo entre os grupos. Como elas apresentam pontos de vista excludentes sobre o mesmo objeto, seu sistema comunicativo é a propaganda (Vala, 2004; Castro, 2002; Howarth et al., 2015).

Independentemente da tipologia, uma RS cumprirá funções semelhantes. Embora essas funções variem de acordo com os objetivos dos indivíduos e grupos, no geral, as RS convencionalizam objetos, indivíduos e eventos e têm cunho prescritivo (Moscovici, 2003); permitem a resistência autônoma perante influências externas (Bauer, 2015) e domesticam o não familiar (Andreouli & Chrysochoou, 2015; Kalampalikis & Haas, 2008). Sistemáticamente, Abric (2001a) especificou quatro funções: 1) Função de saber: permite aos indivíduos e grupos obter conhecimentos e inseri-los numa grade assimilável e inteligível, favorecendo a comunicação social; 2) Função identitária: na medida em que aproximam ou distanciam os grupos, as RS fornecem um quadro interpretativo para construir e manter a identidade (Kronberger, 2015; Breakwell, 2015); 3) Função de orientação: embora não sejam causas, ao antecipar conclusões, as RS funcionam como guias para ações; e 4) Função justificadora: permite a justificação a posteriori das ações praticadas.

Com esse robusto inventário de conceitos, cujos mais periféricos e menos explorados apresentaremos ao longo do capítulo, a TRS desemboca num amplo e versátil campo de estudos psicossociológicos (Sá, 1995; Jovchelovitch, 2008a). Os fenômenos sociais e temas estudados nesse campo são variados, mas preferivelmente tem em comum o fato de gerarem “estranheza”. Assim Moscovici (2008) recomenda a TRS ao estudo dos fenômenos que “são insólitos nos seus conteúdos e antropologicamente significativos porque tocam na vida quotidiana das pessoas na qual elas investem e de que falam com paixão” (p. 19). Dois reconhecidos temas insólitos são a ciência e a magicologia ou TCs (Moscovici, 2008).

### ***Representações sociais, ciência e tecnologia***

A TRS foi originalmente concebida para o estudo da ciência transformada em senso comum (Kronberger, 2015; Kalampalikis & Haas, 2008; Moscovici, 1978; Farr, 1993). Ela não traz uma definição formal desse objeto, mas o considera inseparável de nossa vida intelectual e das relações sociais. Para Moscovici e Hewstone (1986), “ao que parece, as ciências apenas refinam e filtram materiais ordinários proporcionados pelo senso comum” (p. 683, tradução nossa)<sup>28</sup>. Essa visão se aproxima da metáfora de Lévy-Leblond (2009): “a ciência é um saber *alambicado*” (p. 241-242, grifos do autor). Exatamente por isso, a ciência age na contramão das RS, tornando o familiar não familiar (Moscovici, 2003). Sagan (2006) nos dá uma ilustração desse processo: “a velocidade das mudanças na ciência é responsável

---

<sup>28</sup> “Al parecer, las ciencias tan sólo refinan y tamizan los materiales ordinarios proporcionados por el sentido común”.

por parte dos ataques que atraí [...] quando por fim compreendemos algo que os cientistas estão falando, eles nos dizem que aquilo já não é verdade” (p. 214). Isso faz das RS de ciência mediadoras entre o mundo científico e o mundo da vida (Bauer & Gaskell, 1999).

Acima, duas características ajudam a tornar a ciência um objeto insólito: seu paradoxal distanciamento e proximidade do cotidiano e sua incessante mutação. Essas duas particularidades interagem ainda com a crescente diversidade de públicos. Para dar conta dessa complexidade, há um progressivo domínio de estudos clássicos de RS sobre C&T. Na Europa, pesquisas da série Eurobarômetro estudam trienalmente, em nome da Comissão Europeia, as RS da biotecnologia desde 1991 (Massarani et al., 2021).

Nesse front, Bauer, Kohring, Allansdottir e Gutteling (2001) caracterizaram a discussão sobre a biotecnologia nas esferas públicas da Europa, do Canadá e dos Estados Unidos. Por meio da cobertura midiática em 15 países, os períodos de 1992-96 e 1997-99 foram comparados. Nomeadamente, 1996 e 1997 são os anos divisores de águas na controvérsia pública. Em 1996, a primeira safra de soja geneticamente modificada (GM) chegou à Europa e, no ano seguinte, foi anunciada a clonagem da ovelha Dolly (Grabner, Hampel, Lindsey & Torgersen, 2001). Na imprensa, a cobertura cresceu amplamente após esse período. Os textos ficaram mais longos e jornalisticamente diversos, conjugando, de um lado, argumentos perspectivos sobre progresso científico, tecnológico e econômico e, de outro, preocupações éticas. Essa diversidade se estendia também aos 40 atores sociais diferentes, cujos discursos eram reproduzidos nas matérias. Suas respectivas atuações polarizavam as representações dos riscos da biotecnologia. Cada vez mais, as aplicações *Red* – médicas – eram vistas como benéficas, e a biotecnologia *Green* – agrícola – era considerada problemática. Enquanto a primeira consistia numa questão da ciência, da ética e da opinião pública, a segunda pertencia a empresas privadas e grupos de interesses encarados com desconfiança (Bauer et al., 2001).

Em 1999, esse levantamento ganhou uma quarta série de pesquisas na União Europeia, Noruega e Suíça (Gaskell et al., 2001). Foi possível avaliar a estabilidade de aspectos da percepção do público em relação às series anteriores. No geral, a tendência decrescente do nível de otimismo – já notada nos períodos anteriores – manteve-se, e 41% da população estavam otimistas com a biotecnologia. A preocupação com a biotecnologia *Green* continuou assimétrica em relação às aplicações *Red*. O público foi mais tolerante aos riscos do uso da biotecnologia na área da saúde do que na melhoria dos alimentos. Em contraposição ao Modelo do déficit, o levantamento também evidenciou pouca influência da educação no apoio à biotecnologia. Parte do público mais engajado com a biotecnologia cultivava opiniões



negativas sobre ela. Essa tendência crescia conforme a categorização dos sujeitos nos grupos *Blue* – com valores conservadores – ou *Green*, cujos valores pautavam-se no ceticismo e na incerteza (Gaskell et al., 2001). Nas últimas décadas, embora a polarização verificada nos anos de 1996-97 tenha reduzido, a combinação entre biotecnologia e alimentos continuou polêmica (Gaskell & Stares, 2002; Gaskell et al., 2011).

Em Portugal, onde o debate sobre a biotecnologia não atingiu os mesmos níveis de controvérsia na década de 1990 (Grabner et al., 2001), Castro e Gomes (2005) analisaram 239 artigos da imprensa sobre organismos geneticamente modificados (OGM). De 1999 a 2001, a maioria desses artigos fazia parte da mídia generalista, cuja modalidade comunicativa mais empregada era a difusão. Por ser impessoal e não dicotômica, essa forma de comunicação propiciou a introdução de novas ideias-fonte ou *thematats* sobre a biotecnologia na sociedade portuguesa. Sob o par risco/segurança, as preocupações *Red* (saúde/doença, benefícios/malefícios e passado/presente) e *Green* (natural/cultural, passado/presente e global/local) podiam ser ancoradas e tornadas familiares.

No estudo da ciência, numa perspectiva promissora em Portugal, a TRS tem sido usada para compreender as RS de natureza e meio ambiente (Castro, 2002). Em Lisboa, Castro (2002) realizou cinco estudos em série. O primeiro buscou compreender pontos de consenso nos valores e crenças de 460 sujeitos. Em relação às crenças ambientais, houve maior consenso sobre a fragilidade da natureza (valores tradicionais) do que a crença na capacidade humana (valores de abertura) de solucionar problemas ambientais. Quanto ao conhecimento científico, as RS relativistas predominaram sobre a visão positivista, sendo que as primeiras se associaram menos ao antropocentrismo. Frente à ciência e à relação humana com a natureza, os dois sistemas de crenças foram Ceticismo (Ciência é provisória, o Homem e a natureza têm limites) e Confiança (Ciência pode explicar tudo, e o Homem pode solucionar todos os problemas ambientais). A adesão a esses sistemas variou entre a rejeição a ambos (os Descrentes), adesão aos dois (Paradoxais) e aceitação maior a um do que a outro (Céticos e Confiantes). Em geral, essa variação refletia a importância que o tema ambiental tinha para a identidade dos sujeitos. Os conservadores, por exemplo, rejeitavam mais as ideias ambientalistas. Além disso, quanto mais relevante para a identidade e menos ambíguo para os indivíduos, maior a possibilidade de enquadrar o assunto em dicotomias rígidas. O segundo estudo tentou reproduzir esses resultados numa amostra maior de 2.450 sujeitos. De forma exitosa, o padrão se repetiu. O consenso sobre os problemas ambientais e a necessidade de interpor restrições à ação humana foi predominantemente reconhecido. Grupos ecocêntricos aderiram fortemente aos valores ambientalistas e revolucionários; os Paradoxais buscaram

conciliar as crenças ambientalistas com seus valores através de um entendimento reformista; os Antropocêntricos tiveram adesão restrita; e os Descrentes não aderiram a nenhum sistema. Castro (2002) ainda pôde inferir que os grupos Paradoxais aderiram ao sistema da propagação, os Céticos à propaganda e os Confiantes e Descrentes à difusão.

Com parte da amostra do primeiro estudo, Castro (2001) implementou um terceiro estudo com cinco grupos de discussão (n= 20). As discussões permitiram a identificação de quatro discursos: 1) Discurso da conciliação: tenta conciliar e equilibrar visões ambientalistas com visões tradicionalistas sobre a natureza e ambiente; 2) Discurso da resistência: busca resistir ao “fundamentalismo ambiental” e o “esquecimento do humano”; 3) Discurso da ação: foca nas ações de preservação e recuperação do ambiente e mudança comportamental; e 4) Discurso da espécie humana: prioriza a humanidade quando os interesses humanos conflitam com a natureza. À exceção do discurso da ação – mais dicotômico e menos propenso à moderação –, todos os outros discursos advogavam alguma forma de moderação. O quarto estudo investigou se essas variações discursivas poderiam refletir visões diferentes da ciência num fórum público sobre Avaliação do Impacto Ambiental e gestão de resíduos. No entanto, seja para os argumentos favoráveis ou contrários, por exemplo, à incineração de resíduos, a visão de ciência era positivista. O que diferia é que cada grupo considerava a “sua ciência” objetiva e imparcial, e a “ciência dos outros” parcial e motivada por valores. Finalmente, o quinto estudo trouxe um dado importante sobre a forma como 305 estudantes universitários projetavam o consenso ambiental. O estatuto minoritário ou majoritário atribuído à questão ambiental refletia o conteúdo das RS sobre ela. De um lado, quando um grupo valorizava significativamente um assunto, mantendo ideias não ambíguas, a tendência era acreditar que a posição defendida era minoritária na população geral; de outro, se não houvesse grande valorização do assunto, a tendência era vê-lo como muito difundido no público geral.

Embora o foco de Castro (2001) não tenha sido propriamente as RS de ciência, seus resultados são coerentes com um estudo com esse fito (Bauer, Petrova & Boyadjieva, 2008). Os autores testaram uma escala atitudinal de ciência variável entre tradicional (idealista) e cético (realista) numa amostra formada por 366 estudantes universitários britânicos e búlgaros e 878 indivíduos da população geral do Reino Unido e da Bulgária. Apesar de os estudantes búlgaros reiterarem representações mais tradicionais da ciência do que os ingleses, quando comparados à população mais ampla, os estudantes tendiam a ser mais céticos. Menos familiarizada com a ciência, a população cultivava uma visão menos cética ou relativista.

No Brasil, a TRS também vem sendo usada para o estudo da C&T. Em Florianópolis, Allain e Nascimento-Schulze (2009) estudaram o impacto da exposição científica sobre

transgênicos, nas RS desse objeto, em 120 alunos do Ensino Médio. Antes de participarem da exposição científica, o núcleo central da RS continha os elementos *alimentos* e *remédios*. Um mês após o evento, passou a incluir *genética*, *modificados* e *biotecnologia*. Essa mudança indicou que a RS dos alunos ainda estava em construção. Aléssio, Apostolidis e Santos (2008), por sua vez, analisaram a construção do embrião humano na mídia brasileira. Seguindo a tendência mundial sobre a pesquisa com embriões humanos na primeira década de 2000 (Grabner et al., 2001), o Supremo Tribunal Federal (STF) deliberou sobre a pauta em 2008. Nessa pesquisa, nas 447 matérias analisadas, a mídia tentava manter o assunto longe de controvérsias maiores, como a interrupção da gravidez. Logo, fazia-se uso da difusão para disseminar o assunto na sociedade brasileira edificando apenas opiniões sobre a temática.

Também na mídia, sobretudo em revistas como a Superinteressante e a Globo Ciência, Sá et al. (1996) investigaram as RS de ciência entre 430 assinantes e 420 não consumidores. Para ambos os grupos, as RS de ciência não exibiram diferenças consideráveis. A princípio, a RS dos não consumidores trouxe elementos centrais mais ligados à prática científica – *natureza*, *ecologia* e *corpo* –, ao protótipo – *medicina* – ou à utilidade – *melhoria de vida* e *invenção*. Depois de uma reavaliação da centralidade desses elementos, entretanto, o núcleo central da RS dos não consumidores se tornou semelhante ao do outro público – *desenvolvimento*, *conhecimento*, *pesquisa* e *descoberta*.

Em geral, no Brasil, a pesquisa sobre RS de ciência parece ter espaço consolidado na área da educação e do ensino de ciências (Hilger & Moreira, 2016; Freitas & Silva, 2017). Em Porto Alegre, Fonseca (2019) investigou as RS de ciência em duas turmas do Ensino Médio ligadas à educação profissionalizante. Via de regra, o núcleo central das RS dos alunos tinha os elementos ligados à *pesquisa*, a *experimentos* e à obtenção da *verdade*. Já os cientistas foram retratados como pessoas que trabalham de forma solitária. Nascimento-Schulze et al. (2006) caracterizaram as RS de C&T de 411 estudantes do Ensino Médio em Florianópolis, e 63,3% dos alunos relataram alto interesse em C&T. Quanto às RS de C&T, esse público concebia a ciência como explicação para a natureza, o mundo e o universo. Dentro dessa visão, a tecnologia era um produto do avanço científico com o objetivo de facilitar a vida diária. Ainda no Ensino Médio, estudo com 18 alunos entrevistados reforçou esses resultados (Zaiuth & Ogata, 2010). Apesar de ponderar sobre os usos bélicos da ciência, as RS de C&T compartilhadas pelos estudantes indicavam uma concepção positivista baseada nos benefícios da ciência, sobretudo na busca da cura de doenças, como a AIDS e o câncer.

Já no Ensino Superior, estudo com 30 graduandos do último ano do curso de Química, em São Paulo, também encontrou uma RS de ciência semelhante (Colo grande & Arroio,

2018). Os elementos do núcleo central da RS de ciência foram *pesquisa, descoberta e estudo*. As palavras *experimento e comprovação* se apresentaram na primeira periferia. Quanto à RS de cientista, os elementos centrais foram *louco, pesquisador e laboratório*. Ambas as RS reforçaram a visão de ciência exclusivamente empírica e experimental. Já o cientista foi percebido de forma estereotipada trabalhando num laboratório. Numa turma de 26 graduandos do último período de Física, Melo, Tenório e Accioly-Junior (2010) avaliaram as RS de ciência dos estudantes, tendo como base as visões idealista-empirista e construtivista-externalista. Os resultados mostraram que, embora alguns elementos indicassem a influência de fatores sociais na construção do conhecimento científico, o núcleo central da RS de ciência dos graduandos mantinha elementos típicos da visão idealista e empirista.

Entre professores do Ensino Fundamental, no Espírito Santo, à exceção de elementos vinculados à prática docente, a RS de ciência encontrada por Vitorazzi e Silva (2020) foi parecida. No núcleo central, havia *conhecimento, leitura e observação*. Já na primeira periferia, os elementos não fugiram à regra – *experiência, pesquisa, seres vivos*. Mesmo entre pesquisadores, essa RS parece ter pouca variação. Yamamoto e Ichikawa (2007) entrevistaram 11 pesquisadoras, quatro do departamento de Agronomia e sete da Enfermagem. Para esses dois grupos, as RS de ciência faziam uma divisão entre ciência aplicada e básica. As pesquisadoras que exerciam a segunda tinham dificuldade de se verem como “cientistas”. Para elas, a verdadeira ciência seria extraordinária e desempenhada no laboratório.

Resumidamente, o campo de estudos de RS de ciência indica que, no Brasil, as RS de ciência não parecem diferir daquelas encontradas na população geral inglesa e búlgara (Bauer et al., 2008). Os elementos que constituem essas RS indicam uma visão idealista, isto é, a visão comum de ciência (Chibeni, 2010a; Chalmers, 1993). Trata-se de uma visão baconiana, que prioriza a ideia empirista de experimentação, a ideia positivista-iluminista de desenvolvimento e progresso e a noção positivista lógica de verdade. No debate da ciência e sociedade, essa visão equivaleria à posição iluminista destacada por Moscovici (2003).

É digno de nota que, na TRS e também na história (Fara, 2014), muitos dos objetos sociais provêm do universo reificado. Logo, a aplicação da TRS ao estudo da C&T é muito maior e mais genérica do que podemos apresentar aqui. Dito isso, essa generalidade não constitui uma limitação para o nosso trabalho, pois as RS de ciência pelas quais nos interessamos também se ancoram na mentalidade de conspiração – que não é a mentalidade do público geral.

### *O escândalo da razão: representações sociais e teorias conspiratórias*

Ao longo de sua produção científica, Moscovici dedicou pelo menos três trabalhos que tatearam o fenômeno das TCs e superstições. Em *The Conspiracy Mentality*, Moscovici (1987) considerou a conspiração como uma mentalidade que podia ser vista como protótipo ou matriz do pensamento de sua época. Para o autor, seu século instituiu a conspiração como modo de pensamento coletivo e método de ação. Por isso, a conspiração pode ser entendida como o núcleo figurativo ou imaginário de uma RS associada com esse tipo de pensamento. Como modo de pensamento coletivo, a mentalidade de conspiração (MC) caracteriza-se por um *dualismo radical* que cinde a sociedade e os grupos em dois polos opostos sem absolutamente nada em comum. Os membros dos grupos não existem individualmente, só podem ser reconhecidos como expressão de uma coletividade com a qual mantêm laços secretos indissolúveis. Invariavelmente esse pensamento esbarra em dogmatismo e etnocentrismo, prepara perseguições de um lado e, de outro, justifica-as.

Enquanto ação, a MC é dominada pela noção de intenção como causa e efeito. Aqui Moscovici (1987) sublinha as minorias como os principais alvos da conspiração. “A mera existência de uma minoria já constitui uma conspiração”, afirma Moscovici (1987, p. 158, tradução nossa)<sup>29</sup>. Como esses grupos desafiam a norma ou rompem um tabu, são vistos como poderosos ou privilegiados (Moscovici, 2011). Daí surge o ressentimento e o ímpeto de restabelecer uma superioridade perdida, pois “o vício é recompensado e a virtude é punida” (Moscovici, 1987, p. 162, tradução nossa)<sup>30</sup>. Institivamente os sujeitos procurarão a causa de sua privação. Para Moscovici (1987), uma TC pode ser usada de três formas:

- 1) Responder à necessidade de incorporar a imagem da sociedade a uma causa — muda-se o status ontológico da minoria, colocando-a numa classe à parte cujas diferenças constituem barreiras que separam o nativo do estrangeiro.
- 2) Diminuir a influência de uma minoria reduzida a interesses pessoais ou à imagem de fantoches manipulados por forças maiores.
- 3) Mobilizar seguidores contra o grupo estrangeiro por meio da ressurreição de imagens culturais arcaicas.

Como afirmam Graumann e Moscovici (1987), as TCs tornam as massas conscientes de seus próprios descontentamentos, despertando-as de sua indiferença e as tornando

---

<sup>29</sup> “The very existence of a minority already constitutes a conspiracy”.

<sup>30</sup> “Vice is rewarded and virtue is punished”.

apaixonadas. Tal “descontentamento, hostilidade e medos vagos são trazidos para um foco tão claro que se tornam cegantes” (Graumann & Moscovici, 1987, p. 6, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Recentemente foi publicado um texto inédito de Moscovici<sup>32</sup>, no qual o autor atualizou parte dos eixos teóricos expostos anteriormente. Ao reler seu primeiro trabalho, Moscovici (2020) retificou a limitação das TCs a um traço da psicologia das minorias ativas. E, ao olhar para a literatura mais recente à época, percebeu a importância decisiva das RS nas TCs. Primeiramente, Moscovici (2020) reabilita utilitariamente a MC. Segundo o autor, a conspiração nasceu duas vezes, sendo a primeira, na Idade Média, com a implantação da Inquisição europeia, em XIII, e subsequente perseguição às heresias. Já a segunda vez deriva da Revolução Francesa. Nesse período, havia crenças antimacônicas e posições antienciclopédicas que apoiavam a propaganda eclesiástica da maçonaria como responsável pela queda do *Ancien Régime*.

O segundo aporte feito por Moscovici (2020) caminhou rumo à tentativa de sistematizar provisoriamente o diálogo entre RS e TCs. Comumente, ambas entreveem um mundo virtual que *poderia* ter acontecido. Por isso, o autor especula sobre RS *virtuais* ou *contrafactuais* que capturam um mundo *possível* ou o que se considera uma realidade melhor. Apoiado na MC, Moscovici (2020) tateou as RS virtuais numa corrente thematogênica. Na década de 1990, Moscovici e Vignaux (2003) apropriaram o conceito de *themata* – originalmente proposto por Gerald Holton – como ideias-fontes oriundas das antinomias próprias do pensamento humano e do senso comum. Por força da cultura e história, certos pares de oposição são reanimados e *thematizados*, constituindo fonte de tensão e conflito que engendra RS (Marková, 2006; Castro & Gomes, 2005). Moscovici (2020) propõe quatro *thematas* agregados à MC: 1) *proibição do saber*: refere-se ao conhecimento secreto e misterioso sentido como um conhecimento proibido<sup>33</sup>; 2) *dualidade entre maioria e minoria*: parte-se do princípio de que pequenas mudanças desencadeiam grandes efeitos, daí brota o poder conspirante das minorias mais esclarecidas do que as massas às quais o saber foi interditado; 3) *história primária*: busca de um *fenômeno primário* ou uma gênese capaz de conectar eventos históricos da mesma forma que as RS enquanto crenças retrospectivas fazem. Os sujeitos agirão tal como um advogado cuja argumentação apoia-se na ficção; e 4)

<sup>31</sup> “Discontent, hostility, and vague fears are brought into such clear focus that they become blinding”.

<sup>32</sup> O trabalho foi inicialmente pensado como uma palestra a ser proferida na 8ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais em Roma, em 2006. Porém, Moscovici acabou cancelando sua participação. No texto, Moscovici (2020) reafirma o interesse pelo fenômeno das TCs. O autor revela a leitura assídua de narrativas conspiratórias e da literatura sobre o assunto durante duas décadas, em busca de uma teoria.

<sup>33</sup> Ao categorizar as formas de conhecimento proibido, Shattuck (1998) chamou esse tipo de *conhecimento frágil*: “O conhecimento frágil encontra sua morada natural no domínio da discrição e da privacidade” (p. 321).

*modernidade e tradição*: a tradição é resgatada e superestimada como forma de resistência à modernidade.

Moscovici (2020) estava ciente do caráter provisório das relações que tentou estabelecer. Frente à popularidade das TCs e à invisibilidade do fenômeno no ambiente científico, sua intenção era mostrar que a TRS deveria enfrentar o fenômeno, o que não ocorreu, sobretudo, porque à época as abordagens ao fenômeno queriam combatê-lo em vez de entendê-lo (Moscovici, 2020). Contudo isso não impediu que as TCs encontrassem seu espaço na Psicologia Social. Como já mostramos, um promissor campo de estudos nasceu (Van Prooijen & Douglas, 2017; Douglas & Sutton, 2011; 2015; Linden, 2015; Moore, 2015; Landrum & Olshansky, 2019; Rezende et al., 2019; Douglas, Sutton & Chichocka, 2017).

O surgimento da Psicologia Social das TCs parece estar despertando um – ainda – embrionário interesse da TRS pelo fenômeno. Nesse sentido, Frank, Bangester e Buer (2013) se apoiaram na TRS para explicar algumas propriedades das TCs, em especial, como elas se espalham por meio da comunicação e mobilizam a ação coletiva. Os autores propõem que a disseminação de TCs opera por meio dos processos de ancoragem e objetivação. Em primeiro lugar, nas TCs minoritárias, identificam-se grupos estigmatizados como bodes expiatórios para eventos, e nas TCs majoritárias (“elite do mal”), concentra-se em organizações poderosas que orquestram eventos de forma secreta. Em ambos os casos, pode-se falar em quadros gerais dentro dos quais os eventos podem ser flexivelmente acomodados. Em segundo lugar, as TCs permitem lidar com traumas coletivos por meio de seu desenvolvimento e partilha como RS. E, em terceiro, a rejeição dos discursos autoritativos pelas TCs decorre da forma pela qual o conhecimento especializado é reconstruído como uma RS (Frank et al., 2013).

Já Sire, Rateau e Trémolière (2018) exploraram, de forma inédita, as associações entre o estilo cognitivo, as RS e a adesão às TCs. Recrutando uma amostra de 523 franceses, foram investigadas as RS de laboratórios farmacêuticos, por vezes, referidos como a “elite do mal” entre os apoiadores de TCs antivacina. Mediante técnicas de evocação hierárquica, listagem de elementos centrais e da valência emocional das evocações, além de escalas sobre crenças conspiratórias e estilo cognitivo (analítico ou intuitivo), os resultados mostraram que o estilo cognitivo predizia o uso dos elementos centrais da RS e a valência emocional associada, mediando também parcialmente a relação entre adesão às TCs e uso de elementos centrais.

Há por fim, adjacente às TCs, o que Moscovici (2008) chamou de “magicologia” ou “superstições secundárias”<sup>34</sup>. É aqui que se situa o terceiro trabalho ao qual nos referimos –

---

<sup>34</sup> Moscovici (2008) faz referência ao termo empregado por Adorno em estudo sobre a astrologia.

*The new magical thinking*. Nessa obra, Moscovici (1992) argumenta que, à medida que a ciência se tornou menos determinista e mais probabilística e estatística, um novo pensamento mágico surgiu como reação. Nele, as explicações personalizadas reposicionam os sujeitos num mundo ameaçado pelo ruído quântico. Segundo Moscovici (1992), essa preferência por explicações cujas causas são atribuídas à pessoa reflete o fato de que o indivíduo parece ser o único fator estável na modernidade. Logo, o individualismo conduz ao mágico (Moscovici, 1992).

Partindo desse *insight*, o autor fez duas recomendações. Na primeira, teorizou duas direções de ancoragem nas RS: a) ancoragem no sujeito – utiliza como parte do *self* o “Mim”, apoiando o ato de representar ou julgar na hipótese mantida. A atitude tomada é a de um ator, e o raciocínio predominante é dedutivo. Consequentemente, a pessoa se sente envolvida no ato de julgar; b) ancoragem no objeto – utiliza a parte do *self* “Eu”, e sustenta o julgamento nas evidências disponíveis. Por isso, a atitude assumida é a de observador, e o tipo de raciocínio mais comum é indutivo. Essa postura gera distanciamento de nossas próprias hipóteses (Moscovici, 1992). Cognitivamente, esses dois tipos de ancoragem parecem refletir duas formas de adquirir conhecimento, pensar e observar. Na filosofia, a priorização de um ou outro modo pode levar ao racionalismo ou ao empirismo (Chalmers, 1993). Eles aludem ainda ao provérbio francês *compreender é perdoar*. Refletindo sobre esse provérbio, Shattuck (1998) observou que quanto mais se compreende algo ou alguém, mais se percebe que nada poderia ser diferente do que é. Logo, “quanto mais nos aproximamos de um acontecimento ou de alguém, menos seguro parece ser nosso conhecimento” (Shattuck, 1998, p. 153). Assim, se na ancoragem no sujeito, o indivíduo acaba se aproximando de si e se distanciando do outro, na ancoragem no objeto, distancia-se de si para se aproximar do outro.

A segunda recomendação, por sua vez, indicou a necessidade de levar em conta a polifasia cognitiva (Moscovici, 1992). Na obra seminal, os sujeitos utilizavam diferentes racionalidades ao falar da psicanálise (Jovchelovitch, 2014; Moscovici, 1978). Saberes e racionalidades contraditórias viviam, lado a lado, no mesmo indivíduo ou grupo (Jovchelovitch, 2008b). Essa plasticidade do senso comum levou Moscovici (2003) a propor a polifasia cognitiva, que se refere à capacidade dos indivíduos de usarem diferentes formas de pensamento e representações conforme o grupo ao qual pertencem e ao contexto em que se encontram. No âmbito das TCs, a polifasia cognitiva está no epicentro da preocupação do autor com o fenômeno. Paradoxalmente, tudo o que se tentou banir da mente humana, em termos de superstições, resiste firmemente (Moscovici, 1992). Em sua estadia em Nova Iorque, o autor ficou impressionado com, por exemplo, as curas televangelistas (Moscovici,



2008). Na nossa história humana, contada como uma progressão na direção da razão científica, à revelia da filosofia das Luzes e da modernidade, esse fenômeno é largamente difundido precisamente nos países cientificamente mais desenvolvidos e entre as pessoas mais instruídas (Moscovici, 2020; 2008; 1987).

Como afirmou Moscovici (2003), “a polifasia cognitiva, a diversidade de formas de pensamento, é a regra, não a exceção” (p. 323). Porém “é porque a psicologia social é dominada por uma atitude instrumental<sup>35</sup> que o poder da polifasia cognitiva não foi reconhecido por ela” (Moscovici, 1992, p. 777-778, tradução nossa)<sup>36</sup> durante muito tempo (Jovchelovitch, 2008a; Provencher, 2007). Só nos últimos anos, estudos têm dedicado mais atenção à polifasia cognitiva, explorando esse conceito em associação à outra corrente teórica clássica – a Teoria da dissonância cognitiva (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015; Martinez, 2018; Falade & Bauer, 2018; Martinez, 2018; Panagiotou & Kadianaki, 2018; Hildering & Born, 2012; Provencher, 2007; Friling, 2012).

### **Teoria da dissonância cognitiva: revisitando conceitos**

Considerada uma das teorias mais influentes da psicologia social, a Teoria da Dissonância Cognitiva (TDC) foi originalmente proposta por Leon Festinger, em 1957 (Harmon-Jones, Amodio & Harmon-Jones, 2009). Em seu auge, a teoria gerou mais de mil experimentos isolados, fornecendo dados valiosos sobre a motivação e a cognição humanas (Aronson, 1992; Cooper & Fazio, 1984; Rodrigues, 1969). O *insight* original da teoria nasceu de estudo documental no campo da comunicação e influência social. Após a catástrofe causada pelo terremoto indiano Bihar-Nepal, em 1934, boatos sobre novos terremotos ainda piores passaram a circular. Esses boatos soavam contraintuitivos, pois aparentemente só provocariam mais medo e ansiedade. Mas Festinger (1975) compreendeu que, ao contrário, eles existiam para justificar a ansiedade que havia na contramão das evidências para uma nova catástrofe. Ele concluiu que, quando são mantidas duas ou mais cognições incompatíveis

---

<sup>35</sup> No que concerne à atitude instrumental, a Psicologia Social se consolidou, via de regra, buscando entender influências grupais, coletivas ou sociais no comportamento humano. Sua motivação, sobretudo nos países subdesenvolvidos, é quase comteana, isto é, contribuir com a transformação social. Embutido nessa visão, há o pressuposto de certa coerência no comportamento humano. Esse pressuposto é posto à prova pela polifasia cognitiva que lhe apresenta a engenhosidade da incoerência humana. Assim como Moscovici (2011) detectou um viés que comprometeu o estudo da influência minoritária, talvez seja o caso de se falar de um viés coerentivista, pois as elaborações que, como a dissonância e a polifasia cognitiva, mostram uma realidade contraditória e indócil ao projeto da Psicologia Social, ficaram por muito tempo em segundo plano (Moscovici, 2003; 2008). Essa tem sido uma crítica feita por Marková (2007), que acredita que o anseio legítimo de transformar a realidade social não deve superar os esforços científicos de compreendê-la primeiro em sua complexidade.

<sup>36</sup> “It is because social psychology is dominated by an instrumental attitude that the power of cognitive polyphasia has not been recognised by it”.

e relevantes, cria-se um estado de desconforto chamado dissonância, que, por sua vez, motiva os indivíduos a reduzi-lo, atingido a consonância (Festinger, 1975).

Usando essa hipótese, Festinger, Riecken e Schachter (1956) se infiltraram numa seita com crenças em OVNI's entre outubro de 1954 e janeiro de 1955. Os chamados *Seekers* profetizavam um dilúvio cataclísmico em Lake City em 21 de dezembro de 1954. A líder do grupo, que alegava receber mensagens de uma entidade de outro planeta, previa ainda que todos os seguidores do culto seriam salvos por um disco voador na véspera do evento. Festinger et al. (1956), por sua vez, previam que, após a iminente desconfirmação da profecia, o grupo emergiria inabalável e proselitista, acreditando ainda mais nela. Foi precisamente o que ocorreu. Para reduzir a dissonância, o grupo adiava a data e fazia novas previsões, além de negar sua refutação. Muitos membros fizeram onerosos sacrifícios para se manterem no grupo, abdicando de laços sociais, do emprego, de bens materiais etc. Por isso, os sujeitos racionalizaram o evento, acreditando que espalharam tanta luz que Deus poupou o mundo. Eles imediatamente passaram a receber jornalistas e divulgar suas crenças a novos membros.

Finalmente, em 1957, Festinger (1975) sistematizou esse e outros resultados numa teoria formal. A dissonância cognitiva foi conceituada como “a existência de relações discordantes entre cognições [...] [que] ao ser psicologicamente incômoda, motivará a pessoa para tentar reduzi-la e realizar a consonância” (Festinger, 1975, p. 12-13). A consonância pode ser atingida de três formas: 1) alteração do elemento cognitivo-comportamental: esse é o método mais recorrente e consiste em “mudar a ação ou o sentimento que o elemento comportamental representa” (p. 26); 2) alteração do elemento cognitivo-ambiental: com uma ocorrência obviamente mais rara, altera-se a situação à qual o elemento cognitivo-ambiental corresponde; e 3) adição de novos elementos cognitivos: aumenta-se a proporção de cognições consonantes para reduzir a magnitude da dissonância (Rodrigues, 2018; Miller, Clark & Jehle, 2015).

Essa simples e elegante formulação revitalizou a Psicologia Social no final da década de 1950, estimulando vários estudos e paradigmas experimentais para testar hipóteses da teoria (Aronson, 1992). Dentre esses paradigmas, pode-se destacar:

- *Livre escolha*: a dissonância é causada pela escolha entre alternativas consideradas atraentes, podendo ser reduzida ao considerar a alternativa escolhida mais atraente e/ou as opções rejeitadas como menos atrativas (Harmon-Jones et al., 2009). Nesse paradigma, um dos primeiros experimentos foi conduzido por Brehm (1956), que ofereceu aos 225 participantes de sua pesquisa duas opções de eletrodomésticos e outros objetos. Os sujeitos avaliaram as alternativas antes e depois da tomada de

decisão e, diferentemente das decisões fáceis (alternativas muito diferentes em atratividade), nas decisões difíceis (opções muito semelhantes em atratividade), a avaliação posterior se modificou consonantemente em favor da alternativa escolhida e negativamente em relação à alternativa rejeitada. Ainda nesse modelo, Aronson e Carlsmith (1962) desenvolveram um experimento com 22 crianças pré-escolares que pararam de brincar com um brinquedo desejado após uma ameaça de punição leve ou grave. Como previsto, a dissonância e subsequente reavaliação negativa do brinquedo ocorriam na condição de ameaça leve.

- *Conformidade induzida*: dissonância despertada quando o sujeito age de forma contra-atitude. Aqui Festinger e Carlsmith (1959) realizaram um experimento com 71 estudantes do sexo masculino, os quais tiveram que desempenhar uma tarefa chata e depois foram pagos com valores que variavam entre um e 20 dólares para dizer a alguém que a experiência era interessante e agradável. Na recompensa de um dólar, como a magnitude da dissonância era mais alta, os sujeitos sofreram maior pressão para reduzi-la. Esse é um exemplo de situação que envolve aspectos morais, já que os indivíduos tiveram que mentir sobre a tarefa (Kelman & Baron, 1968a).
- *Justificação do esforço*: a dissonância decorre do envolvimento do indivíduo em uma atividade desagradável para obter um resultado desejável (Harmon-Jones, Harmon-Jones & Levy, 2015). No primeiro experimento para testar essa ideia, Aronson e Mills (1959) submeteram 63 universitárias a uma “iniciação” severa ou leve como pré-requisito para participarem de um grupo de debate sobre sexo, cujas discussões eram propositalmente tediosas. Na condição de iniciação severa, as mulheres se envolveram em atividades embaraçosas e, após serem admitidas no grupo, avaliaram-no de forma mais favorável do que as mulheres em condição de iniciação leve. Outros estudos corroboraram essa reação em pessoas dentro (Yarvan & Festinger, 1961) e fora dos laboratórios (Festinger et al., 1956) e mesmo em ratos (Festinger, 1961).
- *Hipocrisia*: a dissonância deriva do confronto de um comportamento público com outras ações contrárias feitas outrora pelo sujeito (Harmon-Jones et al., 2009; Miller et al., 2015). Essa situação foi testada em estudo de Aronson, Fried e Stone (1991 apud Aronson, 1992), no qual estudantes foram convidados a gravar um vídeo para conscientizar o público sobre o uso de preservativo, tendo também a oportunidade de lembrar situações nas quais não se protegeram. Como esperado,

indivíduos com alta dissonância cognitiva declararam maior intenção de usar preservativos no futuro.

Apesar das preciosas evidências geradas através dos paradigmas acima, a teoria necessitou de acréscimos posteriores. Festinger (1975) já havia esboçado uma distinção entre dissonância e conflito, propondo que a dissonância só existe após o conflito, e a pressão para reduzi-la “*não impele a pessoa em duas direções simultaneamente*” (p. 43, grifo do autor).

Só na década de 1960 foram empreendidos estudos que deram sustentação a essa caracterização, demonstrando que antes de tomar uma decisão, o indivíduo se encontra em conflito (Festinger, 1964; Rodrigues, 1969). Esse período pré-decisional difere dinamicamente do momento pós-decisão, no qual ocorre a reavaliação sistemática das alternativas (Davidson & Kiesler, 1964; Jecker, 1964a), e essa reavaliação, característica da dissonância, só acontece se os indivíduos tiverem que desistir de uma alternativa e se comprometer com o curso de ação escolhido (Allen, 1964). Antes disso, as alternativas oferecidas tendem a ser avaliadas de forma imparcial, sendo que a familiarização pré ou pós-dissonância com suas especificidades afeta a velocidade com que a dissonância é reduzida (Davidson, 1964). Portanto, a resolução da dissonância cognitiva requer certo esforço, podendo haver inclusive arrependimento pós-decisional, que caracteriza sua saliência (Festinger, 1964; Festinger & Walster, 1964).

Além dos processos pré e pós-decisão, essa revisão iluminou outros dois pontos da TDC. O primeiro diz respeito às condições para a existência de dissonância cognitiva. Já era sabido que “*dois elementos estão em relação dissonante se, considerados isoladamente, o inverso de um elemento decorrer do outro*” (Festinger, 1975, p. 21, grifos do autor). Agora é amplamente aceito o papel da volição na magnitude da dissonância e a imprescindibilidade do compromisso na existência do fenômeno (Rodrigues, 1969; Festinger, 1964; Joule & Beauvois, 1997; Harmon-Jones, 1999). Para Festinger (1964), “uma decisão traz compromisso com ela se a decisão afetar inequivocamente o comportamento subsequente” (p. 156)<sup>37</sup>. Na prática, essa afetação assumirá diferentes formas, podendo envolver, por exemplo, sacrifícios (Festinger et al., 1956) ou a antecipação de interação futura com um grupo ou pessoa (Kiesler, 1968).

O segundo ponto, por sua vez, trouxe algum suporte à hipótese da exposição seletiva. Essa hipótese previa que indivíduos tendem a buscar e preferir informações consonantes, evitando as dissonantes (Rodrigues, 1969), mas foi mostrado que essa preferência ocorre

---

<sup>37</sup> “A decision carries commitment with it if the decision unequivocally affects subsequent behavior”.

apenas se o processo de redução da dissonância já estiver em curso (Jecker, 1964b) e depende do grau maior de confiança de um indivíduo nos próprios argumentos (Canon, 1964).

Mais tarde, essas evidências se mostraram controversas. Por isso, embora alguns estudos detectem esse efeito (Cotton & Hieser, 1980; Tsang, 2017), a posição mais viável é a de que a exposição seletiva tem efeito pequeno e varia conforme a irrefutabilidade dos argumentos dissonantes, a competência percebida da fonte de informação, a necessidade de apoio, a estabilidade do sistema cognitivo, a quantidade e utilidade das informações, a reversibilidade de uma decisão e a intensidade da dissonância (Frey, 1986). Em suma, propostas de revisão foram se tornando mais frequentes e mais distantes dos pressupostos centrais da teoria original. Falaremos brevemente sobre essas propostas a seguir.

### ***Dissonância cognitiva: uma teoria, múltiplas visões***

A partir da década de 1970 e início dos anos de 1980, com a popularização de abordagens puramente cognitivas em Psicologia Social, surgiram várias miniteorias da dissonância cognitiva (Aronson, 1992). Os pesquisadores começaram a desafiar a teoria original, propondo que a discrepância cognitiva poderia não ser a causa das mudanças cognitivas e comportamentais observadas nos experimentos iniciais (Harmon-Jones, 1999).

A primeira grande revisão da teoria festingeriana surge já na década de 1960, com Elliot Aronson. O autor argumentou que as previsões mais sólidas da Teoria da dissonância cognitiva ocorrem quando o autoconceito do sujeito está envolvido (Aronson, 1969). Ou seja, a dissonância seria mais evidente em cognições sobre o *self* e o comportamento que viola o autoconceito. Nessa revisão, que ficou conhecida como *autoconsistência* (*self-consistency*), Aronson (1992) afirma que foi mantida a ideia central de inconsistência, mudando-se apenas a ênfase para o autoconceito por meio de três suposições: pessoas lutam para 1) “preservar um senso consistente, estável e previsível do *self*”; 2) “preservar um senso competente do *self*”; e 3) “preservar um senso moralmente bom de si” (tradução nossa, p. 305)<sup>38</sup>.

Diferentemente de Aronson, Cooper e Fazio (1984) lançaram outro foco sobre a questão, postulando que a discrepância cognitiva não era suficiente e nem necessária para produzir alterações cognitivas e comportamentais. Essa perspectiva, conhecida como *New Look* ou revisão das *consequências aversivas*, propôs que agir de forma contra-atitudinal pode gerar dissonância única e exclusivamente pela associação com a produção de um evento

---

<sup>38</sup> “1. To preserve a consistent, stable, predictable sense of self. 2. To preserve a competent sense of self. 3. To preserve a morally good sense of self”.

indesejado ou aversivo (Harmon-Jones, 1999). Isso implica uma necessária atribuição de autorresponsabilidade pela consequência, cujos componentes se referem à percepção de liberdade – ação foi exercida de forma livre – e previsibilidade dos resultados do comportamento (Cooper & Fazio, 1984).

Dentre outras inúmeras releituras, é válido destacar ainda a abordagem da *autoafirmação* proposta por Steele (1998) no final da década de 1980. Estudos nesse modelo postularam a existência de um sistema voltado à manutenção da autointegridade que, ao ser ameaçada, leva as pessoas a buscarem formas de restaurarem sua autoestima (Sherman & Cohen, 1998; 2002; 2006). Em outras palavras, resolver a dissonância nem sequer é necessário, já que o sujeito pode buscar meios de afirmar a integridade do *self* em outra área que não precisa ter relação com a inconsistência geradora de dissonância (Steele, 1998).

Ao que parece, a principal contribuição dessas revisões foi o próprio retorno da teoria, que, após ampla popularização, havia perdido espaço na Psicologia Social. Esse é um dos pontos defendidos na crítica que Aronson (1992) faz à proliferação de miniteorias que, além de conter no fundo a assinatura original da teoria inicial, sintomatizam a errônea valorização acadêmica de estudos que propõem análises ao invés de sínteses. Endossando a crítica acima, Jole e Beauvois (1997) argumentaram que a versão original da teoria foi abandonada prematuramente, defendendo um retorno radical às proposições iniciais de Festinger.

Compartilhando dessa visão, Harmon-Jones (1999) revisou uma série de evidências oriundas de diferentes paradigmas experimentais, os quais indicavam que a produção de consequências aversivas não era necessária para gerar dissonância. Toda a revisão de consequências aversivas havia sido realizada mediante o paradigma da *conformidade induzida*, de modo que os experimentos revisados contemplavam situações nas quais os sujeitos se envolviam em declarações contra-atitudeis que não necessariamente produziam consequências aversivas, mas ocasionavam dissonância cognitiva. Logo, como previsto pela formulação original, a discrepância cognitiva era suficiente para causar efeitos de dissonância (Harmon-Jones, 1999; Jole & Beauvois, 1997; Festinger, 1975).

Esse movimento redirecionou o campo de estudos para questões sobre por que a inconsistência cognitiva produz um efeito negativo e por que esse efeito mobiliza ajustes cognitivos e comportamentais (Harmon-Jones, 1999). Para dar conta dessas questões, foi proposto um modelo de dissonância baseado na ação (*Action-Based Model of Dissonance*), que distingue dois componentes da dissonância cognitiva: a inconsistência entre cognições – ou “discrepância cognitiva” – e o estado emotivo desagradável que é a própria “dissonância” (Harmon-Jones et al., 2009). Cabe destacar que é o estado desagradável que oferece a

motivação para se engajar em outras atitudes e formas de reduzir a dissonância. Em outras palavras, há um *motivo proximal* – diminuir ou eliminar a emoção negativa – e um *motivo distal* – necessidade de ação eficaz e sem conflito (Harmon-Jones & Harmon-Jones, 2002). Em suma, esse modelo propõe que a redução da dissonância, ainda que implique um processamento tendencioso de informações, geralmente é funcional, pois auxilia as pessoas a agirem de acordo com suas decisões, eliminando cognições cujo estado negativo evocado pode interferir, gerando, por exemplo, conflitos ou arrependimento excessivos (Harmon-Jones et al., 2009; Harmon-Jones & Harmon-Jones, 2002).

Atualmente, o *Action-Based Model* entende aspectos como consequências aversivas, relevância e autorrelevância das cognições como fatores que podem aumentar a magnitude da dissonância à medida que acarretam implicações para uma ação efetiva (Harmon-Jones & Harmon-Jones, 2002). Esse modelo também tem acumulado evidências favoráveis respaldadas em achados neurocognitivos, os quais identificam aumento das atividades do córtex cingulado anterior, durante tarefas que causam dissonância, e de regiões do córtex pré-frontal que são críticas para sua diminuição (Harmon-Jones et al., 2015; Harmon-Jones et al., 2009; Miller & Jehle, 2015). Ademais, a TDC é reconhecida<sup>39</sup> como base teórica para outros fenômenos empregados no entendimento de TCs que negam consensos e evidências científicas (Kahan, 2013a; Landrum & Olshansky, 2019; Kahan et al., 2016; Kahan et al., 2015; Andrade, 2020; Pasek, 2017; Scheufele & Krause, 2019; Olshansky, 2018).

### **Polifasia cognitiva: lidando com a contradição de outra forma**

Etimologicamente a palavra polifasia deriva da junção do radical grego *poly* (equivalente a  *muito*) e do sufixo *phasia* derivado de *phásis* e do verbo grego *phanai* que significa *falar* (Bluteau, 1720). Como explica Marková (2006), o termo “polifasia” advém da

---

<sup>39</sup> Kunda (1990) afirmou: “os teóricos da dissonância podem facilmente reafirmar qualquer um dos estados motivacionais supostamente despertados nesses estudos em termos de tensões entre duas crenças inconsistentes” (p. 491). “Dissonance theorists can easily restate any of the motivational states presumed to be aroused in these studies in terms of tensions between two inconsistent beliefs”. Mas à época, a autora foi judiciosa e não inseriu sua teoria do raciocínio motivado na grade geral da TDC. Seu interesse era pela teoria original de Festinger que vinha sendo questionada pelos automodelos e as consequências aversivas. Só mais tarde, Harmon-Jones (1999) mostrou que esses questionamentos eram equivocados, propondo a reabilitação da teoria original. Não obstante, ao usar a teoria de Kunda como exemplo de uma tendência de redescoberta da ideia de motivação após declínio do interesse pela TDC, com a revolução cognitiva dos anos 70 e 80, Aronson (1997) acabou reconhecendo a teoria do raciocínio motivado como uma miniteoria da dissonância cognitiva: “vários psicólogos sociais parecem ter redescoberto a ideia de motivação [...] nos últimos anos, surgiram muitas miniteorias. Estes incluem: teoria de auto-afirmação [...] e teoria da inferência motivada (Kunda, 1990)” (Aronson, 1997, p. 133). “Several social psychologists seem to have rediscovered the idea of motivation [...] in the past few years, a great many minitheories have emerged. These include: self-affirmation theory [...] and motivated-inference theory (Kunda, 1990)”.

física da eletricidade, na qual o adjetivo “polifásico” indica a existência de correntes alternadas e simultâneas que podem estar em desconformidade entre si.

Muito pouco foi dito sobre as inspirações de Moscovici na construção do conceito, porém antes de invocar essa hipótese, num diálogo com Ivana Marková sobre o sujeito cognoscente, o autor declara sua escolha pelos heróis Bouvard e Pécuchet do romance inacabado de Flaubert (1881/2015), “como protótipos do sujeito do senso comum” (Moscovici, 2003, p. 322). Essa obra narra o percurso de dois amadores entusiasmados com a ciência do século XIX que, a fim de entender globalmente seu mundo, se apropriam de noções da agricultura, história, filosofia, química, medicina e outras disciplinas (Flaubert, 1881/2015). Curiosamente, num trecho do romance, maravilhado com a obra de Balzac, Bouvard o elogia – “que observador!” – e Pécuchet retruca: “— Eu acho-o quimérico [...] Ele acredita nas ciências ocultas, na monarquia, na nobreza, maravilha-se com os velhacos, mexe em milhões como se fossem cêntimos, e os seus burgueses não são burgueses, mas colossos” (p.129).

Uma ideia semelhante à proposição moscovicianiana também aparece na obra de um contemporâneo do autor – George Orwell. Na distopia de *1984*, há o chamado *duplipensamento*, que consiste numa disciplina mental caracterizada pela capacidade de “defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; recorrer à lógica para questionar a lógica [...] esquecer tudo [...], depois reinstalar o esquecido na memória no momento [...] necessário” (Orwell, 2009, p. 40-41). No posfácio de Thomas Pynchon, essa ideia é imprecisamente associada à dissonância cognitiva.

A despeito de Moscovici (1978; 2003) ter sido cuidadoso ao inserir a polifasia cognitiva como hipótese, os dados de sua obra e de novos estudos não deixam dúvidas sobre a validade desse *insight* (Jovchelovitch, 2008b; 2008a). No trabalho de Wagner, Duveen, Verma e Themel (2002), por exemplo, foram analisadas noções associadas à etiologia e ao tratamento de transtornos mentais no norte da Índia, envolvendo 19 homens e 20 mulheres da cidade de Patna, onde a inserção da medicina ocidental convivia com o uso das tradições ayurvédica, Tantra e Bhuta-Vidya no tratamento das doenças mentais. Embora houvesse preferência pela psiquiatria moderna, as curas tradicionais também eram consideradas. Na mesma direção, Shein, Li e Huang (2014) investigaram a relação entre o conhecimento científico e as crenças/práticas tradicionais de adivinhação, em Taiwan, numa amostra de 1.863 adultos. Entre outros achados, verificou-se que o maior conhecimento de fatos



científicos esteve positivamente associado ao engajamento real em práticas de adivinhação, reforçando o fenômeno da polifasia cognitiva.

Provencher (2007), por sua vez, examinou esse conceito teórico e empiricamente através da controvérsia em torno da vacina contra sarampo-rubéola-caxumba (MMR) e sua suposta ligação com o autismo, no Reino Unido, entre 1998-2005. Dentre outras contribuições, a autora destacou duas formas de abordar a polifasia cognitiva: a) *perspectiva diacrônica*: a cognição está associada aos arranjos sociais, políticos e econômicos presentes em distintas sociedades, isto é, da modernidade e pós-modernidade, diante das quais o descontentamento de indivíduos com suas características mais flexíveis e seus tipos de conhecimento reforçam a persistência de saberes tradicionais; b) *perspectiva sincrônica*: aqui, ao invés de reação ao surgimento da modernidade, a polifasia representa uma característica positiva através da qual os sujeitos selecionam diferentes tipos de conhecimentos para cumprir diferentes funções e atribuir sentido à realidade social.

Nessa última abordagem, outras significativas contribuições teóricas vêm sendo feitas. O estudo de Jovchelovitch e Priego-Hernández (2015), por exemplo, forneceu pelo menos dois importantes achados. O primeiro refere-se às variedades de polifasia, e o segundo à influência dos estilos de comunicação nessas modalidades. Três tipologias foram sugeridas: *Prevalência seletiva*: trata-se da forma mais comum, tais como múltiplas gavetas, os sistemas de conhecimento são armazenados juntos, porém são recuperados separadamente em diferentes contextos para cumprir diferentes funções; *Hibridização*: os múltiplos sistemas de conhecimento são simultaneamente combinados e interpenetram-se, originando um único e misto campo representacional; *Deslocamento*: um sistema de conhecimento é favorecido levando ao deslocamento ou exclusão do conhecimento do outro. Na Nigéria, além de verificar que a maioria dos nigerianos tinha fé na ciência e em Deus, Falade e Bauer (2018) constataram três tipos de polifasia, que parecem corroborar a tipologia das autoras anteriores: *hierarquia* – uma forma é elevada sobre a outra; *paralelização* – ambos satisfazem funções separadamente; e *empoderamento*<sup>40</sup> – um conhecimento complementa o outro.

Em relação à influência dos estilos de comunicação, já se conhecia a vinculação entre certos tipos de atos comunicativos, tipologias de RS e edificação da conduta. Esquemáticamente, a difusão, a propagação e a propaganda estão respectivamente associadas a certos tipos de RS e à edificação da conduta – opinião, atitude e estereótipos. Assim, a difusão associa-se às RS emancipadas e opiniões, enquanto a propagação vincula-se às RS

---

<sup>40</sup> O empoderamento pode ser um desfecho da hibridização, já que não está claro de que se trata de uma mistura.

hegemônicas e construção de atitudes e, por fim, a propaganda está ligada às RS polêmicas e aos estereótipos (Jodelet, 1989; Vala, 2004; Castro, 2002; Sammut et al., 2015).

Recentemente, Jovchelovitch e Priego-Hernández (2015) acrescentaram ao esquema acima, as modalidades de coexistência de conhecimentos ou tipos de polifasia cognitiva (Quadro 2).

Sistemas de comunicação	Tipologia de RS	Edificação da conduta	Modalidade de polifasia cognitiva	Ação quanto à diferença	Estratégias quanto à valoração negativa	Gerenciamento de sistemas concorrentes
Difusão	RS emancipadas	Opinião	Prevalência seletiva	Circunvexão	Eliminação do contraste	Barreiras semânticas
Propagação	RS hegemônicas	Atitude	Hibridização	Erradicação da diferença	Tornar favorável	Promotores semânticos
Propaganda	RS polêmicas	Estereótipo	Deslocamento	Acentuação da diferença	Intolerância eliminativa	Barreiras semânticas

**Quadro 2.** Relação entre sistemas de comunicação, tipologia de RS, condutas, polifasia cognitiva, ações quanto à diferença carregada de valor e barreiras/promotores semânticos

Fonte: Elaborado a partir de Vala (2004), Jodelet (1989) e Jovchelovitch & Priego-Hernández (2015), Valsiner (2012) e Gillespie (2008)

No Quadro 2, temos uma amostra da riqueza do potencial sintético da polifasia cognitiva. É possível ir além e articular a polifasia com sistematizações oriundas de campos distintos, como a psicologia cultural – *locus* privilegiado para encontro de saberes – proposta por Valsiner<sup>41</sup> (2012). Ao discorrer sobre tendências à ação geradas pela adição de valores às diferenças perceptuais feitas pelo sistema psíquico, o autor propôs as seguintes interpretações: a) *circunvexão* – quando nos abtemos de valorações intergrupais; b) *erradicação da diferença* – tornar-se como o outro ou vice-versa; c) *acentuação da diferença* – valoração intergrupar (nós/eles) positiva e negativa da diferença percebida. Ao serem carregadas de valores, as interpretações podem se revestir de caráter prescritivo, gerando: a) *eliminação do contraste* – as diferenças são vistas como incomensuráveis; b) *tornar favorável*: as diferenças são convertidas nos próprios termos do sujeito; c) *intolerância eliminativa*: a diferença se torna alvo de eliminação ou segregação (Valsiner, 2012).

<sup>41</sup> Há outros modelos de encontros culturais em sociedades plurais, como o de Berry (1984; 2011) que, em linhas gerais, traz quatro possibilidades de mobilidade grupal numa sociedade pluralista: *assimilação*, *integração*, *segregação-separação* e *desculturação*. Uma exposição extensa das diferenças entre Berry e Valsiner seria descabida. No geral, o modelo berryano expressa uma visão verticalizada das relações grupais. Na assimilação, o grupo “não dominante” assimila a cultura do grupo “dominante”; na integração, novamente é a minoria que se integra à estrutura hegemônica; na segregação, a minoria é segregada pela maioria, enquanto na separação, ela mesma opta por se isolar; por fim, na desculturação, o grupo é marginalizado pela maioria. À parte o fato de que um indivíduo é simultaneamente membro de minorias e majorias, o foco de Berry (1984; 2011) acaba se aproximando de modelos criticados por Moscovici (2011), os quais ignoram a influência minoritária reduzindo suas possibilidades de ação à conformação. Valsiner (2012), por outro lado, oferece um modelo mais molecular. Ele não está tratando de um grupo étnico, e sim do sistema psíquico. Logo, seu modelo parece ser capaz de englobar mais fenômenos e situações.

Quanto às barreiras semânticas, num mundo de crescente pluralidade e variedade, os indivíduos inevitavelmente encontram alternativas que se opõem às suas próprias representações (Panagiotou & Kadianaki, 2018). Foi pensando na incontornável necessidade de negociar ou não essas representações que Gillespie (2008) propôs a ideia de representações sociais alternativas que, tal como espantalhos (*strawman*), são representações das RS de outros, e a noção de *barreiras semânticas*. Diferentemente dos *promotores semânticos*, as barreiras semânticas, como irracionalidade, tabu, estigma e oposições rígidas, permitem aos sujeitos tratar as representações alternativas como “corpos estranhos, isolados e em quarentena do diálogo” (Gillespie, 2008, p. 388, tradução nossa)<sup>42</sup>. Sugerimos que as *barreiras semânticas* sejam mais comuns às tipologias *prevalência seletiva* e *deslocamento*, enquanto *promotores semânticos* que estimulam o diálogo são mais adotados na *hibridização*.

Essas articulações nos parecem relevantes, pois apontam para o fato de que a polifasia cognitiva não é um campo pacífico e isento de conflitos. É justamente essa consideração que ajuda a abrir caminho para a justaposição desse fenômeno à dissonância cognitiva.

### ***Faces da mesma moeda: a polifasia e a dissonância cognitiva***

Atualmente tem sido dito que a “dissonância cognitiva é um resultado possível da polifasia cognitiva” (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015, p. 177, tradução nossa)<sup>43</sup>. Endossando essa aceção, Martinez (2018) sugere a possibilidade de conciliação entre esses dois conceitos na medida em que a dissonância comporta um estado mental específico na confrontação de informações contraditórias, e a polifasia envolve vários desfechos cognitivos que perpassam a negociação de racionalidades concorrentes sem, entretanto, estar livre de desconforto psíquico. Já Jovchelovitch e Priego-Hernández (2015) defendem que ambas as estratégias são formas de lidar com a coexistência dinâmica de conhecimentos, raciocínios e emoções presentes em todos os sistemas sociocognitivos das esferas públicas, o que abre um fértil caminho de pesquisa.

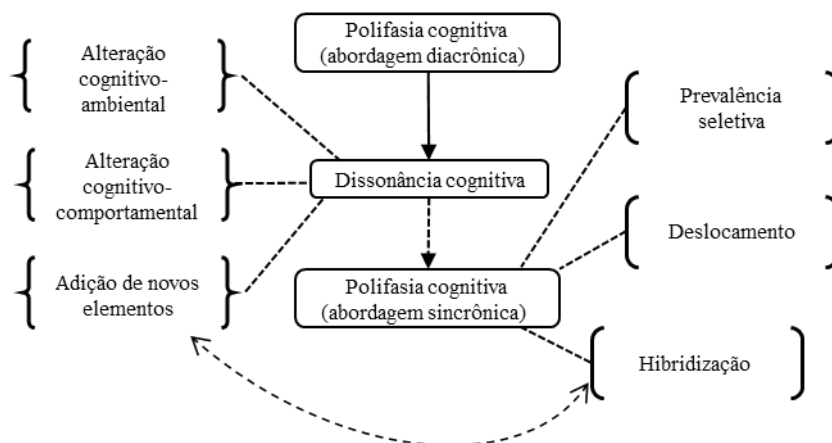
É nessa frente que o campo de pesquisa em RS tem abordado ou se deparado com os dois fenômenos. No Chipre, Panagiotou e Kadianaki (2018) exploraram inconsistências de 12 cipriotas carnívoros e vegetarianos sobre o paradoxo da carne. Após serem entrevistados individualmente, os sujeitos participaram de um grupo focal. Diferentemente das entrevistas individuais, no grupo focal, os carnívoros tentavam gerenciar a dissonância exibindo a

---

<sup>42</sup>“foreign bodies, isolated and quarantined from dialogue”.

<sup>43</sup> “Cognitive dissonance is one possible outcome of cognitive polyphasia”.

coexistência de modos de pensar e representações contraditórias nas três modalidades de polifasia. Na Holanda, Hidering e Born (2012) investigaram a rejeição ao evolucionismo e darwinismo entre 10 cristãos protestantes. Curiosamente os sujeitos usavam justificativas científicas para embasar a decisão não científica de rejeitar o evolucionismo, o que evidenciava o desejo de consonância e redução da dissonância, já que os indivíduos pareciam não estar confortáveis mantendo crenças opostas entre religião e ciência. A seguir, a Figura 1 apresenta uma associação entre as abordagens da polifasia e a dissonância cognitiva.



**Figura 1.** Relação entre polifasia cognitiva e dissonância cognitiva

Fonte: Elaborado a partir de Jovchelovitch & Priego-Hernandez (2015), Martinez (2018) e Provencher (2007)

Como demonstra a Figura 1, é na perspectiva diacrônica que algum descontentamento pode levar ao conflito entre conhecimentos (pós) modernos e tradicionais (Provencher, 2007; Giddens, 2002). Mas é na perspectiva sincrônica que a gerência da contradição por meio da polifasia pode emergir após a dissonância (Provencher, 2007), ambas duas formas de lidar com as inconsistências. Logo, sugerimos, aqui, que se trata de uma via de mão dupla, já que a dissonância cognitiva também pode conduzir à polifasia cognitiva, de modo que as duas estratégias se encontram em justaposição (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015; Martinez, 2018). Podemos observar ainda que a adição de novos elementos na resolução da dissonância é equiparável à *hibridização* através da qual se pode gerar um novo conhecimento a partir da conciliação de elementos potencialmente dissonantes.

Portanto, como a dissonância cognitiva geralmente provoca a modificação/exclusão das crenças e dos comportamentos contraditórios e causadores de desconforto, caso o sujeito deseje preservá-los, minimizando a tensão ao invés de extinguir completamente a dissonância – o que quase nunca é possível (Festinger, 1975) –, é provável que se chegue às estratégias de polifasia que dão conta disso.

O estudo de Anderton, Pender e Asner-Self (2011) parece reforçar essa sugestão ao revisar a literatura sobre conflitos entre a identidade religiosa e a orientação sexual de

lésbicas, gays e bissexuais (LGB) a partir da dissonância. Muitos indivíduos LBG focavam na identidade espiritual em vez da religião (alteração do elemento cognitivo-comportamental), questionavam ou reinterpretavam as escrituras (adição de novos elementos) ou mudavam constantemente de congregações ou denominações religiosas (modificação do elemento cognitivo-ambiental). Porém outra estratégia semelhante à prevalência seletiva foi amplamente identificada. Trata-se da *compartimentalização*, isto é, nas atividades religiosas, os aspectos da identidade LGB eram escondidos, enquanto que, nas ocasiões abertas a esse público, a identidade religiosa é que era omitida, permitindo a manutenção das duas identidades em ambientes separados.

Também na grade da TDC, Amiot, Louis, Bourdeau e Maalouf (2017) investigaram como a compartimentalização poderia ser predita no *self* e no conflito intraindividual pela congruência com normas grupais pró-sociais e antissociais. Foram conduzidos três experimentos. No primeiro, 122 indivíduos se imaginaram como tomadores de decisão em uma grande empresa internacional. Na condição pró-discriminação, os sujeitos eram informados de que era tradição da empresa dar preferência a um americano qualificado do que a um estrangeiro mais qualificado. Já na condição pró-mérito, a preferência era pelo candidato mais qualificado independentemente da nacionalidade. Após a decisão, os sujeitos preencheram uma escala de compartimentalização para mensurar o quanto suas escolhas os representavam como pessoas. Como esperado, na condição pró-discriminação, os participantes relataram mais compartimentalização.

O segundo experimento replicou esse modelo, porém solicitou a 149 alunos de uma escola de negócios francófona que distribuíssem cortes orçamentários entre sua faculdade e uma escola rival. Inversamente à condição pró-paridade, na condição pró-discriminação, os sujeitos eram informados de que seu grupo estaria majoritariamente inclinado a distribuir os cortes de maneira desigual. Em seguida, eles preencheram uma escala de conflito intraindividual, e os resultados indicaram maior conflito na condição discriminatória.

O terceiro e último experimento seguiu as normas do primeiro e apenas testou o efeito que normas preexistentes poderiam ter. Nesse caso, além da norma local da empresa, os participantes leram simultaneamente uma norma nacional. O conflito percebido entre as normas não teve efeito, continuou havendo compartimentalização da norma discriminatória.

Apesar de pertencer ao quadro da TDC, há considerável semelhança conceitual entre a compartimentalização e a prevalência seletiva, o que merece alguma reflexão sobre a

possibilidade de síntese e sobreposição. Isso não deve, é claro, surpreender. Além do esquecimento seletivo<sup>44</sup>, Festinger (1975) reconheceu outras formas de reduzir a dissonância:

[...] outros meios de reduzir a dissonância, teoricamente possíveis, mas sobre os quais há poucas provas, são, por exemplo, a redução da importância de toda a área de conteúdo cognitivo em que existe dissonância; e a *compartimentação* de diferentes conjuntos cognitivos de forma tal que eles, com efeito, nada tenham a ver uns com os outros (p.238, grifo nosso).

Do ponto de vista das miniteorias da dissonância que justificavam novas formas de consonância e que Festinger supostamente não considerou, esse fato é, no mínimo, desconcertante. Do ponto de vista que nos interessa, a polifasia cognitiva e suas modalidades, parece correto afirmar que Festinger também intuiu o mesmo fenômeno que Moscovici (1978; 2003), mas foram Kelman e Baron (1968b) que exploraram o fenômeno na grade da TDC. Os autores esboçaram uma proposta de análise funcional da dissonância cognitiva a fim de gerar hipóteses sobre as condições nas quais o tratamento de uma inconsistência desemboca na sua redução ou manutenção.

Para isso, Kelman e Baron (1968b) organizaram duas categorias sobre os modos de lidar com a inconsistência: 1) *natureza do processo usado para lidar com a inconsistência* – evitá-la ou enfrentá-la ativamente; 2) *natureza do resultado alcançado* – redução ou manutenção da inconsistência. Dentre os processos de *redução-evitação*, Kelman e Baron (1968b) listaram as seguintes estratégias de *evitação*: a) *negação* – nega-se o elemento inconsistente ou a inconsistência entre dois elementos; b) *distorção* – opiniões de pessoas admiradas são percebidas como mais próximas (assimilação), enquanto as ideias de pessoas desprezadas podem ser vistas como mais distantes (contraste) do que realmente são; c) *racionalização* – a inconsistência é racionalizada; e d) *derrogação da fonte* – a inconsistência é neutralizada pela deslegitimação da fonte. Já entre os processos de *redução-confrontação* da inconsistência, há: a) *mudança de atitude* – que pode ocorrer no afeto, intensidade do sentimento, importância e envolvimento ligado ao objeto inconsistente; b) *mudança na ação* – a ação inconsistente é revertida ou desfeita; c) *mudança no padrão* – muda-se o padrão que orienta o comportamento; d) *tentativa de influência* – o sujeito age sobre o ambiente tentando persuadir outros cujas visões diferem da sua.

Nos modos de *manutenção* da inconsistência, novamente as estratégias usadas para reduzir a tensão causada pela inconsistência sem eliminá-la podem envolver evitação ou confronto (Kelman & Baron, 1968b). Nas estratégias de *manutenção-evitação* há: a) *compartimentalização* – o sujeito pode conservar crenças e ações incompatíveis “mantendo diferentes áreas de sua vida separadas umas das outras” (Kelman & Baron, 1968b, p. 672,

---

<sup>44</sup> Estudos sobre memória coletiva e social ou nostalgia podem facilmente corroborar essa estratégia.

tradução nossa)<sup>45</sup>; b) *insulação institucionalizada* – quando institucionalizados, comportamentos inconsistentes são mais facilmente isoláveis dos valores de uma pessoa; e c) *ritualismo compensatório* – refere-se a comportamentos rituais e automáticos que ajudam a esconder a inconsistência. Por fim, no conjunto de mecanismos *manutenção-confrontação*, três foram descritos: a) *reforçamento* – reforçam-se aspectos positivos do comportamento inconsistente, ofuscando aspectos negativos; b) *diferenciação* – separação de componentes e dimensões de um objeto a fim de avaliá-los de forma diferente; e c) *transcendência* – uma premissa maior é erguida e em nome dela o comportamento inconsistente “deixa” de sê-lo.

Com base nessa classificação, foram levantadas algumas hipóteses sobre as condições, nas quais cada mecanismo pode ser empregado: 1) na medida em que dois elementos inconsistentes estão vinculados ao mesmo objetivo, é mais comum que eles sejam gerenciados por mecanismos de redução da inconsistência; 2) quando dois elementos inconsistentes estão ligados a objetivos diferentes e igualmente importantes, manter a inconsistência pode ser mais comum; e 3) se a inconsistência tem implicações de curto prazo, e o indivíduo está preocupado com a preservação do *status quo*, mecanismos de evitação são mais prováveis; por outro lado, se a inconsistência esbarra em metas de longo prazo e existe a preocupação com a preparação para ações futuras, mecanismos de confronto são mais prováveis de serem aplicados (Kelman & Baron, 1968b).

Apesar de promissora, a abordagem funcional da dissonância cognitiva parece ter recebido pouca atenção. Fora da Psicologia Social, entretanto, podemos perceber – de forma não exaustiva – menções à compartimentalização. Fleck (2010/1935), por exemplo, conhecia esse mecanismo: “elementos logicamente contraditórios de pensamento de um indivíduo nem chegam a causar uma contradição psíquica, pois estão separados um do outro: determinadas configurações, [...] são consideradas [...] questão de fé; outras, [...] questão do saber e ambos os âmbitos não se influenciam” (p. 162). Sagan (2006) também: “nós compartimentamos. É o que alguns cientistas [...] fazem, movimentando-se [...] entre o mundo cético da ciência e o mundo crédulo da crença religiosa [...]” (p. 254). O astrônomo ainda indaga:

A não ser dividindo a mente em compartimentos herméticos separados, como é possível voar em aeroplanos, escutar rádio ou tomar antibióticos, sustentando ao mesmo tempo que a Terra tem cerca de 10 mil anos ou que todos os sagitarianos são gregários e afáveis? (Sagan, 2006, p. 254).

Mas, para a TRS, esse fenômeno não é necessariamente um problema, já que as sociedades modernas são multiculturais (Bauer, 2015). Moscovici (1975) concebia a

---

<sup>45</sup> “Keeping different areas of his life apart from each other”.

sociedade como contraditória, isto é, como “uma instância que inibe aquilo que ela estimula, [...] imagina as proibições e prepara os caminhos para sua transgressão [...] dentro ela procura impor a coalização das forças antagônicas suscitadas, fora procura rejeitar a possibilidade duma alternativa ou duma pluralidade” (p. 357). Ele parecia próximo a um dos mais apaixonados defensores modernos das contradições humanas, o filósofo polonês Leszek Kołakowski (1963) – também um ex-comunista – que via na inconsistência a esperança de sobrevivência da humanidade. A “consistência absoluta é, na prática, idêntica ao fanatismo, e a inconsistência é a fonte da tolerância [...]” (p. 203, tradução nossa)<sup>46</sup>, dizia Kołakowski (1963). Politicamente, a dissonância está mais associada aos variados tipos de ditaduras produzidas pela humanidade, e a polifasia aos regimes democráticos (Priego-Hernandez & Jovchelovitch, 2015; Viana & Morigi, 2018).

#### *Compartimentalização e prevalência seletiva: reflexos do self dialógico?*

Aparentemente a diferença entre a *compartimentalização* e a prevalência seletiva reside na explícita ênfase da primeira no *self* e nas identidades que podem ser assumidas. Contudo a polifasia não se resume apenas à coexistência de múltiplas racionalidades, envolvendo também a polifonia do *self* enquanto entidade ideográfica e social multifacetada, que mantém múltiplas identidades e posicionamentos (Martinez, 2018; Elejabarrieta, 1994), logo a polifasia cognitiva reflete a multidimensionalidade do “self social” – característica mister para transitar habilmente entre vários contextos sociais (Martinez, 2018).

Essas ideias foram apoiadas em estudo que associou a polifasia cognitiva às noções bakhtinianas de polifonia e posicionamento do sujeito e ao conceito de *self* dialógico de Hermans e Kempen (Renedo, 2010). A autora constatou que polifasia e polifonia do *self* são lados da mesma moeda na medida em que são coconstruídos em processos representacionais nos quais as pessoas adotam e negociam *posições de Eu* em diferentes contextos de interação.

Não por acaso, os modelos de dissonância de Aronson (1992) e Steele (1998) exibiram duas tendências que permaneceram separadas durante anos. Enquanto o primeiro autor pressupôs um senso de identidade e constante busca por estabilidade no *self*, o segundo propôs que os sujeitos podem se autoafirmar em outro campo díspar daquele que engendrou a dissonância, o que sinaliza certa multiplicidade do *self*. Foi exatamente esse par de dicotomias entre unidade/multiplicidade e continuidade/descontinuidade, detectadas na noção de *self*

---

<sup>46</sup> “Absolute consistency is in practice identical with fanaticism, and inconsistency is the source of tolerance”.



jamesiana e no *romance polifônico* de Bakhtin, que Hermans, Kempen e Loon (1992) conciliaram na *teoria do self dialógico*. Os autores perceberam que, ao dividir o *self* em *Eu* (*self*-conhecedor) e *Mim* (*self*-conhecido), embora William James reconhecesse a multiplicidade do *self*, ele enfatizou sua continuidade ou estabilidade (Hermans et al., 1992). Já Bakhtin acabou dando mais ênfase às vozes mútuas e plurais que o *self* poderia assumir (Freire & Branco, 2016). O que Hermans et al. (1992) fizeram foi combinar características espaciais e temporais do *self* (Harré & Langenhove, 1991; Hermans, 2001). Espacialmente, o *self* pode transitar entre posições opostas; temporalmente, pode narrar posições que se materializam no diálogo como posicionamento (Freire & Branco, 2016). Portanto, nessa teoria, o *self* dialógico baseia-se “[...] na suposição de que existem muitas posições de *Eu* que podem ser ocupadas pela mesma pessoa” (Hermans et al., 1992, p. 29, tradução nossa, grifo do autor)<sup>47</sup>. Assim, o *Eu* numa dada posição pode concordar, discordar ou contradizer o *Eu* em outra posição (Hermans, 2001).

Como essas posições são estrategicamente escolhidas em contato dialógico mútuo, ao investigar a noção de polifasia, Priego-Hernandez (2011) julgou a necessidade de retorno à *Teoria da perspectiva*. Desde a tenra infância, a construção de uma identidade perpassa a adoção de RS socialmente disponíveis que são comunicadas a partir de posicionamentos com os quais os sujeitos entram em contato (Duveen, 1993). Nesse contato, conhecimentos distintos se chocam, avaliam-se e se julgam, podendo ou não reconhecer e legitimar a perspectiva do outro (Priego-Hernandez, 2011; Jovchelovitch, 2008b). Todo conhecimento está associado a posições através das quais objetos e eventos são percebidos, e a posição pela qual algo é visualizado refere-se ao ponto de vista – que é um elemento estrutural da perspectiva (Graumann, 1994).

Atento ao fato de que essa ideia estava presente no vocabulário de várias pesquisas em diversos campos da psicologia social, Graumann e Sommer (1989) se preocuparam com a construção de uma teoria cognitiva da perspectiva. Originalmente retirado da Teoria da arte, o termo perspectiva sugere que objetos, indivíduos ou eventos podem ser percebidos em apenas um de seus aspectos ou facetas, de modo que a “relação do ponto de vista do observador (espacial ou cognitivo) com o aspecto de um objeto é chamada *perspectiva*” (Graumann & Sommer, 1989, p. 199-200, grifos dos autores, tradução nossa)<sup>48</sup>. Mannheim (1968/1929) também observou esse fenômeno e, na modernidade órfã de uma perspectiva onipresente, o mundo se esfacelou em múltiplas perspectivas.

<sup>47</sup> “On the assumption that there are many *I* positions that can be occupied by the same person”.

<sup>48</sup> “The relation of the perceiver’s (spatial or cognitive) viewpoint to an object’s aspect is called *perspectival*”.

Falar em perspectiva e ponto de vista, portanto, implica a “posição da qual uma pessoa ou um grupo vê algo (coisas, pessoas ou eventos) e comunica suas observações” (Graumann & Kallmeyer, 2002, p. 1, tradução nossa)<sup>49</sup>. Com o termo “aspecto”, Graumann e Kallmeyer (2002) se referem aos “lados, atributos ou características, nas quais os objetos de nossa percepção ou cognição aparecem” (p. 1, tradução nossa)<sup>50</sup>.

Com a reabilitação teórico-experimental desses conceitos, Graumann e Sommer (1989) buscaram reconciliar duas hipóteses amplamente presentes na extensa revisão que fizeram: a) *hipótese da divergência*: sujeitos que não partilham da mesma posição ou pontos de vista semelhantes verão as coisas de modo divergente, conforme indicavam as evidências geradas em pesquisas sobre ator-observador, ator-vítima e diferenciações endogrúpis/exogrúpis; b) *hipótese da convergência*: na tenra infância, aprendemos a adotar a perspectiva do outro, tornando a comunicação e a convivência possíveis conforme indicariam a psicologia do desenvolvimento e a acomodação na interação verbal.

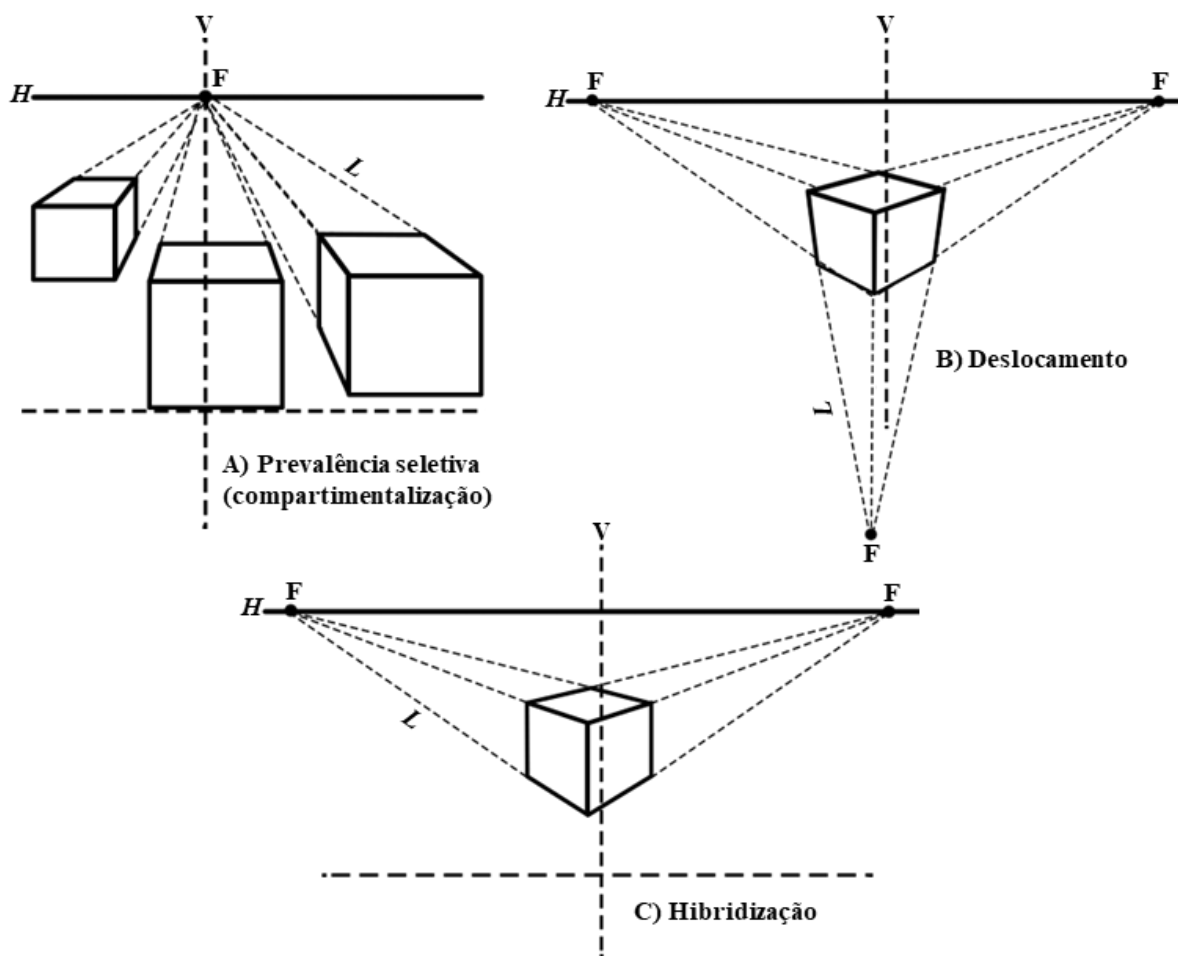
Mas Graumann e Sommer (1989) ignoraram voluntariamente o que a Teoria da arte poderia oferecer. Como eles, não vemos a necessidade de detalhar séculos de princípios artísticos renascentistas, mas não se pode ignorar o que esse campo pode ofertar. A perspectiva é reconhecida como uma das grandes inovações da ciência, da técnica e da arte, permitindo a representação tridimensional num plano bidimensional e detalhes como proporção e profundidade (Braga, Guerra & Reis, 2004). Sem ela, o trabalho gráfico e as observações telescópicas de Galileu teriam sido drasticamente comprometidos (Edgerton, 2006). É por isso que nos baseamos em Alberti (1435/1992), sistematizador da perspectiva, redesenhando seus esboços originais (Figura 2) para ilustrar a polifasia e as RS.

Considerando que a estrutura da perspectiva é cognitiva/perceptiva, sendo formada pelo ponto de vista e pela posição (Graumann & Sommer, 1989) cuja adoção pelo *self* dialógico permite a visualização e a compreensão de conhecimentos, objetos e pessoas (Hermans, 2001; Graumann, 1994), é possível esquematizar espacialmente os tipos de polifasia num plano multidimensional (Figura 2).

---

<sup>49</sup> “With “perspective” and “viewpoint” we refer to a position from which a person or a group view something (things, persons or events) and communicate their views”.

<sup>50</sup> “With ‘aspects’ we refer to those sides, attributes or features in which the objects of our perception or cognition appear”.



**Figura 2.** Os tipos de polifasia cognitiva em perspectiva

Fonte: Elaborado a partir de princípios sistematizados por Alberti (1435/1992)

Na Figura 2, a linha horizontal (H) demarca *o que se pode ver*, enquanto a linha vertical indica o ponto de vista (V) de *onde se vê*. Já o ponto de fuga (F) revela *de onde vêm o que é visto*, ao passo que as linhas de fuga (L) indicam a *distância daquilo que se vê*. Esquemáticamente, o ponto de fuga pode representar a alteridade num diálogo, o horizonte, o contexto ou *projeto* do grupo (Bauer & Gaskell, 1999), o ponto de vista, a posição adotada; e as linhas de fuga comunicariam a avaliação e valoração sobre a distância/diferença entre “Nós”/“Eles”, ou seja, nessas linhas é que barreiras semânticas, ações e estratégias se situariam, de modo que se o que é visto é o outro, sua alteridade poderia ser colocada em graus ou matizes que regulam a semelhança/diferença (Jodelet, 1999). Se o que é visto é um objeto, é aqui que se pode inserir o conceito de *distância ao objeto* proposto por Abric e recentemente validado empiricamente<sup>51</sup> (Dany, Apostolidis & Harabi, 2014; Dany, 2016).

<sup>51</sup> O conceito foi proposto como um dos fatores associados com a maior ativação de elementos do núcleo central de uma RS. Trata-se de uma variável de três componentes: 1) conhecimento real e percebido; 2) envolvimento, isto é, importância, grau de identificação ou habilidade associada ao objeto percebido; e 3) nível de práticas

Assim, no esquema A, perspectivas paralelas sobre objetos diferentes partem do mesmo ponto. Enquanto no esquema B, embora o mesmo objeto surja de pontos diferentes, prevalece uma perspectiva superior ou hierárquica (Falade & Bauer, 2018). Por fim, no esquema C, a perspectiva oblíqua do mesmo objeto é gerada por dois pontos diferentes. Em suma, essa breve esquematização converge com a arquitetura dos sistemas de saberes proposta por Jovchelovitch (2008b), cujas dimensões envolvem “o ‘quem’, o ‘como’, o ‘porque’, ‘que’ e o ‘para que’” (p. 22).

Evidentemente, nosso esquema pode ser aperfeiçoado em futuros estudos. Nosso objetivo aqui foi apenas explorar brevemente a sobreposição dos conceitos de *compartmentalização* e *prevalência seletiva*. Ambos os conceitos não apenas se sobrepõem – e preferimos o primeiro –, como indicam a relação circular entre dissonância e polifasia, enquanto a dissonância é o estudo da incoerência da coerência, a polifasia é o estudo da coerência da incoerência.

Sobre a perspectiva, como disse Moscovici (1978), “uma pessoa se informa e se representa alguma coisa unicamente depois de ter adotado uma posição, e em função da posição tomada” (p. 74). Assim, é possível falar numa *perspectiva representante* (mais bem explorada na abordagem processual da TRS) e numa *perspectiva representada* (deve ser mais bem investigada na abordagem estrutural).

### **Aproximações gerais: o papel da dissonância nas representações sociais**

A relação entre as produções científicas de Moscovici e Festinger que estamos tratando requer uma breve tentativa de esclarecimento. Há sugestões de que Festinger (1975) teria herdado pressupostos de sua visão da cognição humana da teoria do equilíbrio de Heider, que pressupunha uma tendência de equilíbrio nas atitudes relativas às pessoas e objetos (Heider, 1946; 1970; Moliner & Abric, 2015). Moscovici, por sua vez, rejeita a noção heideriana do homem como “cientista ingênuo” por trás desse postulado. Essa visão supõe um sujeito adâmico desprovido de preconceitos, que observa de forma inocente, neutra e transparente as informações do mundo exterior; quando ele viola essas suposições, é acusado de irracionalidade (Moscovici & Hewstone, 1986). Quanto ao princípio do equilíbrio ou não contradição, o autor não o rejeita, mas admite que a coerência nas RS é estabelecida de forma diferente. Ele sugere um princípio da *compensação* (Moscovici, 1978). Segundo esse

---

relacionadas ao objeto de RS. Basicamente, sujeitos mais “próximos” de um objeto podem ter mais conhecimento, envolvimento e práticas associadas a ele (Dany, 2016; Dany, Apostolidis & Harabi, 2014).

princípio “*cada termo, num julgamento, é mudado ou escolhido de maneira a poder pertencer à classe (ou categoria) que melhor corresponda ao quadro de referência principal da pessoa que reflete*” (Moscovici, 1978, p. 274, grifos do autor). Via de regra, isso é o que se faz ao mudar ou adicionar novas cognições para tornar algo consonante (Festinger, 1975).

Um exemplo, nesse sentido, que podemos rapidamente resgatar, na obra seminal, refere-se à rejeição da psicanálise pelos grupos comunistas. Moscovici (1978) percebeu que a base da atitude desse grupo era o desejo de “situar a Psicanálise fora da região dos saberes aceitáveis e decentes. O quadro de referência ideológico, notadamente comunista, impõe-lhe uma *escolha*. Para tanto, ele enumera a lista de atributos negativos da Psicanálise que motivam essa opção e sustentam a sua necessidade” (p. 276, grifo nosso). Ele conclui: “uma vez feita essa *escolha* de modo seguro, a direção global do argumento é firme e dá a impressão de uma ausência de incompatibilidade entre os juízos particulares e a totalidade a que eles pertencem” (Moscovici, 1978, p. 277, grifo nosso).

Em acordo, Festinger (1975) reconhece que “só raras vezes — ou nunca — [as incongruências] são psicologicamente aceitas *como incoerências* pelas pessoas em questão. O mais comum é fazerem-se tentativas para racionalizá-las, com maior ou menor êxito” (p. 12, grifo do autor). Sobre a escolha que o quadro impele ao sujeito, “uma das principais consequências de se ter tomado uma decisão é a existência de dissonância” (Festinger, 1975, p. 37). Para resolvê-la, tal como os comunistas fizeram, os experimentos de dissonância pós-decisão preveem exatamente a reafirmação da alternativa escolhida e a depreciação da alternativa rejeitada a fim de estabilizar o curso da ação tomada (Festinger, 1975; Harmon-Jones et al., 2009; Brehm, 1956; Aronson & Carlsmith, 1962). Cabe dizer, é claro, que as escolhas são mais dramáticas no grupo exemplificado, sobretudo porque seu sistema comunicativo é polarizado. A pessoa é “empurrada em duas direções opostas ao mesmo tempo” (Festinger, 1975, p. 44). Se o sistema de comunicação do grupo fosse a propagação, sua ação seria outra (Quadro 2).

Ainda sobre o exemplo citado, se lembrarmos que ele descreve parte do processo de familiarização com um objeto (ancoragem), a TDC tem mais a dizer. Davidson (1964) testou a hipótese de que uma maior familiaridade com características de uma pessoa ou objeto impacta a redução da dissonância pós-decisão. Após ouvirem a entrevista de um sujeito fictício chamado Bill numa sala ao lado (na verdade uma gravação), 76 sujeitos preencheram questionário para manipular o tempo gasto pensando em Bill. Na condição de alta-familiaridade, o questionário continha uma série de itens a serem julgados sobre Bill – por exemplo, introversão/extroversão. Já na condição de baixa-familiaridade, os participantes

respondiam o mesmo questionário, porém avaliaram a si mesmos. Em seguida, os sujeitos tiveram que ler uma avaliação muito depreciativa sobre Bill, pensando que ele fosse capaz de ouvir tudo na outra sala. Em metade dos participantes de cada condição de familiaridade, a dissonância foi medida imediatamente, enquanto outra parte foi medida com atraso proposital para que os sujeitos gastassem tempo pensando em Bill antes de preencherem os questionários cronometrados para avaliar o quanto gostaram dele. Como esperado, entre os indivíduos na condição de alta-familiaridade pré ou pós-decisão, houve maior e mais rápida redução da dissonância. Eles se tornaram menos favoráveis a Bill. Logo, seja antes ou depois da decisão, pensar em atributos positivos/negativos – tal como Moscovici sugeriu na *compensação* – facilita a redução da dissonância cognitiva (Davidson, 1964; Festinger, 1964).

Quanto à sensibilidade humana à razão, Festinger (1975) não é fiel ao “cientista ingênuo”. Ele e seus discípulos perceberam que o homem era mais um “animal racionalizante” do que racional (Aronson, 1969; Harmon-Jones et al., 2009; Harmon-Jones & Harmon-Jones, 2002; Steele, 1998; Festinger, 1975). Aqui novamente Moscovici se compatibiliza com Festinger ao rejeitar suposições de irracionalidade/racionalidade do homem comum. Para Moscovici (1992), “as pessoas são imunes à informação. Vamos acrescentar que, mesmo nos casos em que elas têm uma mente mais aberta, tendem a preferir informações de acordo com suas representações anteriores” (p. 767, tradução nossa)<sup>52</sup>. Não raro, uma RS pode estar “[...] em oposição ostensiva a princípios de raciocínio ou informação” (Moscovici, 2003, p. 338). Resumindo:

A maior parte das pessoas prefere explicações populares a explicações científicas, fazendo correlações enganadoras que fatos objetivos são incapazes de corrigir. Em geral as correlações não levam em consideração as estatísticas [...] Distorcem a informação que lhes é acessível. Além disso, como já foi dito repetidamente sem que ninguém contestasse, as pessoas aceitam acima de tudo aqueles fatos ou percebem aqueles comportamentos que confirmam suas crenças habituais. E as pessoas procedem assim mesmo quando sua experiência lhes diz “está errado” e a razão lhe diz “é um absurdo”. Deveríamos tomar tudo isso com moderação, argumentando que as pessoas são vítimas de preconceito, são enganadas por alguma ideologia ou forçadas por algum poder? Não, os fatos são por demais generalizados para que nos contentemos com tais explicações e finjamos que não sentimos algum desconforto ao ver até que ponto o *Homo sapiens*, o único animal dotado de razão, mostrou ser irracional (Moscovici, 2003, p. 167, grifo do autor).

Igualmente, na TDC, quando as pessoas são involuntariamente expostas a uma “nova cognição dissonante, processos efetivos poderiam ser iniciados para impedir que os elementos dissonantes se consolidem cognitivamente” (Festinger, 1975, p. 125). Dentre esses processos,

---

<sup>52</sup> “People are immune to information. Let us add that, even in cases when they are more open-minded, they tend to prefer information in line with their anterior representations.”

a nova cognição percebida pode ser “declarada de forma demasiado aberta e distinta pelo sujeito para permitir uma distorção eficaz ou subsequente incompreensão” (Festinger, 1975, p. 126). Na TRS, já falamos da necessidade de seleção e descontextualização de novas informações para modificá-las e bricolá-las convenientemente (Moliner & Abric, 2015; Moscovici, 1978; Jodelet, 1984; Castro, 2002; Vala, 2004). Resta acrescentar que, para Festinger (1975), o termo cognição se refere a “qualquer conhecimento, opinião ou convicção sobre o meio ambiente, sobre nós próprios ou o nosso comportamento” (p. 13). Ora, mais importante do que inferir que essa definição genérica pode englobar RS, é perguntar por que há mais de meio século essas tradições têm permanecido isoladas?

Abric (2001b) fez uma afirmação que parece ter passado despercebida: “a *representação* permite regular os *conflitos* de identidade relacionados com a *dupla pertença*, no sentido de que permite manter uma identidade pessoal gratificante em qualquer caso” (p. 29, tradução nossa, grifos nossos)<sup>53</sup>. De uma só vez, ele reconheceu três aspectos: 1) os sujeitos pertencem a grupos potencialmente contraditórios (polifasia cognitiva); 2) pode haver conflitos<sup>54</sup> relacionados a essa pertença (dissonância cognitiva); e 3) as RS podem regular conflitos, evitar a dissonância cognitiva – ou justificar a consonância – reduzindo-os no nível interpessoal e intrapessoal (Abric, 2001b). Daí porque Abric (2001b) considerou que “são efetivamente as práticas<sup>55</sup> que criam as representações e não o contrário” (p. 196, tradução nossa)<sup>56</sup>. Ademais, ele insistiu que as orientações epistemológicas moscovicianas convergiam com contemporâneos pioneiros na pesquisa em cognição social como Festinger (Moliner & Abric, 2015).

Isso nos redireciona para a necessidade de algumas breves considerações sobre a natureza das RS. Para explicar a natureza das RS e suas propriedades cognitivas, Moscovici (2003) percorreu três hipóteses: 1) desiderabilidade – grupos criam imagens e afirmações subjetivamente distorcidas que revelam e escondem intenções; 2) desequilíbrio – visões de mundo são compensações imaginárias que buscam resolver tensões psicoafetivas e restaurar a

---

<sup>53</sup> “La representación permite regular los conflictos identitarios relacionados con la doble pertenencia en el sentido en que permite mantener en cualquier caso una identidad personal gratificante”.

<sup>54</sup> Assim como o termo “cognição”, “a amplitude com que o termo “conflito” passou a ser usado parece-me incluir a dissonância”, afirmou Festinger (1975, p. 38).

<sup>55</sup> Por se originarem das práticas, pode haver inconsistência entre elas e elementos representacionais. Nesse sentido, dentro da abordagem estrutural, a dissonância cognitiva é umas das correntes com as quais a agenda de pesquisa de Lo Monaco et al. (2016) visa explorar interconexões. Em linhas gerais, a agenda usa os paradigmas da hipocrisia e exposição seletiva para testar hipóteses dentro da Teoria do núcleo central. Na hipocrisia, pressupõe-se que relembrar um comportamento que ameaça um elemento central levará a um estado de excitação maior do que quando se trata de um elemento periférico. Na exposição seletiva, as RS são hipotetizadas como um quadro referencial contra o qual informações consonantes/dissonantes são processadas.

<sup>56</sup> “Son efectivamente las prácticas las que crean las representaciones y no a la inversa”.

estabilidade e homeostase; e 3) controle — as representações permitem controlar o comportamento individual através da filtragem de informações externas. Para o autor, essas hipóteses não eram desprovidas de verdade, mas sua generalidade as enfraquecia (Moscovici, 2003). Por isso, Moscovici (2003) preferiu a premissa mais parcimoniosa de que RS são elaboradas para tornar familiar o estranho ou o não familiar.

### ***O estranho: das representações sociais à dissonância***

Metodologicamente, pelo menos três condições perfazem a possibilidade de identificar RS: 1) *dispersão da informação* – refere-se às condições de produção, fluxo, acesso, exposição e diversidade das informações sobre um objeto; 2) *engajamento* – grau de interesse consciente ou inconsciente por algum objeto; e 3) *pressão à inferência* – objeto exerce pressão sutil demandando ao sujeito ou grupo uma posição (Souza Filho, 1995; Moscovici, 1978). Epistemologicamente, essa última condição está intimamente relacionada à necessidade de introdução do “estranho” e do “novo” para a elaboração de RS (Kronberger, 2015). No cotidiano, “a ‘familiaridade’ é a tônica da confiança” (Giddens, 2012, p. 128), logo:

[...] toda violação das regras existentes, um fenômeno ou uma ideia extraordinários, tais como os produzidos pela ciência ou tecnologia, eventos anormais que perturbem o que pareça ser o curso normal e estável das coisas, tudo isso nos fascina, ao mesmo tempo em que nos alarma. Todo desvio do familiar, toda ruptura da experiência ordinária, qualquer coisa para a qual a explicação não é óbvia, cria um sentido suplementar e coloca em ação uma procura pelo sentido e explicação do que nos *afeta* como estranho e perturbador (Moscovici, 2003, p. 204, grifo nosso).

Nesse quadro, as RS indicam “um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade” (Moscovici, 2003, p. 58). Se na ciência, esse sentimento é involuntariamente produzido no público, na arte, por exemplo, ele é intencional (Marková, 2006). Ao tomar a arte como procedimento, o aclamado formalista russo Viktor Chklóvski (1917/2006) descreveu o sentimento ao qual Moscovici se refere como *estranhamento*. O autor partiu da lei cognitiva da economia da atenção, na qual os objetos são reconhecidos em apenas um de seus traços (algebrização), o que automatiza as ações associadas a eles, e usou como uma das ilustrações *Kholstomér* (1886), de Liev Tolstói – conto narrado da perspectiva de um cavalo. Ele concluiu que “o procedimento da arte é o procedimento da singularização [de estranhamento<sup>57</sup>] dos objetos e o

---

<sup>57</sup> Kothe (1977) explica que o ensaio e manifesto teórico do Formalismo *A arte como procedimento* teve seu neologismo central (*ostranenie*) mal traduzido para a língua portuguesa (singularização) através da tradução francesa. Mas segundo Guerizoli-Kempinska (2010) “[...] a tradução literal e segura de ‘*ostranenie*’ para o



procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção” (Chklóvski, 1917/2006, p. 45).

Seja na arte erótica, seja na linguagem poética, por exemplo, a percepção artística exige alguma ruptura com o familiar (Chklóvski, 1917/2006). Como “o habitual não é vivenciado, não é visto, mas reconhecido” (Chklóvski, 1913/2017, p. 210), o “objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento” (Chklóvski, 1917/2006, p. 45). Da mesma forma, na TRS, o “estranho” é polimórfico. Foi por isso que Moscovici (2003) recomendou que “ao se estudar uma representação, nós devemos sempre tentar descobrir a *característica* não-familiar que a motivou, que esta absorveu” (p. 59, grifo nosso). Objetos “são não-responsivos, isto é, monológicos”, e o mundo social é constituído de “realidades multifacetadas e multivocais situadas nas culturas” (Marková, 2006, p. 125). Como afirma Moscovici (1978), “o que determina seu caráter estranho – e torna o objeto estranho – é o indivíduo ou grupo” (p. 64), pois “o discurso e o pensamento dos outros contêm *estranheza*, que o Eu tenta superar [...] [criando] teorias a respeito daqueles fenômenos sociais que se tornaram [...] alvo da preocupação pública” (Marková, 2006, p. 151). Logo o que caracteriza essa preocupação pública “não são as informações que são trazidas a sua atenção, mas a mudança de perspectiva, a forma de representar as coisas” (Moscovici & Hewstone, 1986, p. 695, tradução nossa)<sup>58</sup>. A Figura 3 coloca esse fenômeno num plano de projeção:

Cada uma das perspectivas, na Figura 3, vê faces potencialmente conflitantes do paralelepípedo. Para visualizar a mesma face que A, B ou C captam, seria necessário mudar a perspectiva habitual. De acordo com Graumann e Kallmyer (2002), “é a partir de uma dada posição no espaço que os objetos espaciais são vistos em um de seus aspectos; quando o sujeito que vê muda sua posição ou ponto de vista, outros aspectos do mesmo objeto aparecem” (p. 1, tradução nossa)<sup>59</sup>, mas no jogo do senso comum (Moscovici & Hewstone, 1986) e das RS, em vez de ajustar a perspectiva ao objeto, é o objeto que é ajustado à perspectiva<sup>60</sup>.

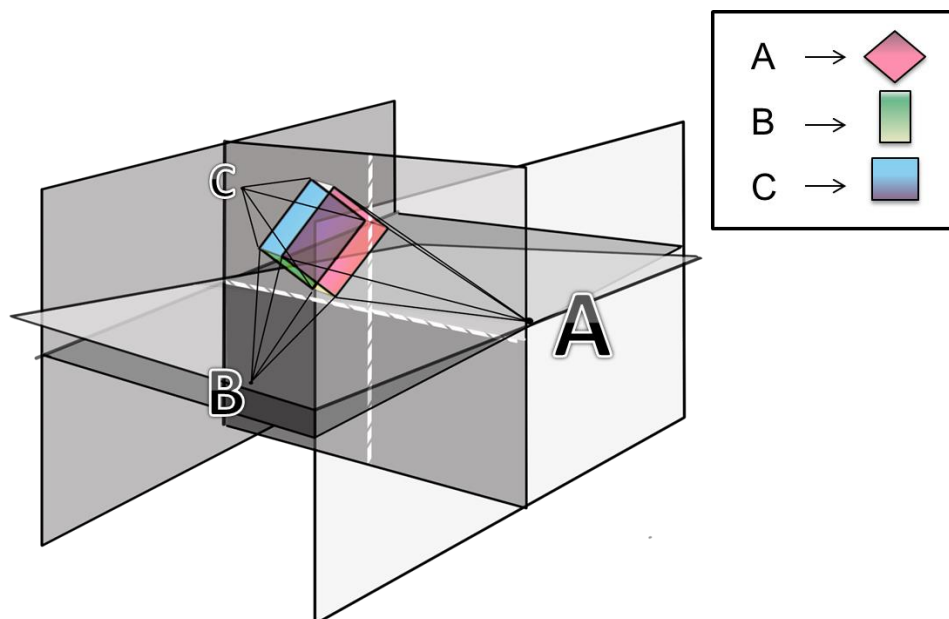
---

português é sem dúvida ‘estranhamento’” (p. 64). No inglês, o termo usado foi *desfamiliarization* (Vaz, 2018; Caracciolo, 2016).

<sup>58</sup> “No es la información que es sometida a su atención, sino el cambio de perspectiva, la manera de representar las cosas”. Não por acaso, Moscovici & Hewstone (1986) tomaram a obra *Flatland: a romance of many dimensions* (1884) do erudito Edwin Abbott como ilustração.

<sup>59</sup> “It is from a given position in space that spatial objects are viewed in one of their aspects; when the viewing subject changes his/her position or viewpoint other aspects of the same object come into view”.

<sup>60</sup> Esse é um movimento reconhecido por Graumann e Kallmyer (2002), isto é, “mover o próprio objeto”. Outras duas possibilidades também reconhecidas e possíveis na Figura 3 são: “mover-se em torno do objeto” e “assumir a perspectiva do outro”. Em geral, se mudamos de posição, podemos ver o que os outros veem; se mudamos a posição do objeto, vemos o que queremos ver; se tomamos a posição do outro, podemos ver como eles veem.



**Figura 3.** Três vistas de um prisma no plano de projeção

Fonte: autor

Ao receber o objeto numa outra perspectiva, uma dimensão nova e estranha é revelada (Moscovici, 2011). Sem entrar em detalhes, Moscovici (2003) empregou o termo “exatidão relativa” para descrever esse estado ambíguo e conflituoso que o estranhamento nos impõe. Como esclarece Shattuck (1998), “*ambíguo* denota uma situação em que o que sabemos sofre uma reversão diante de nossos olhos e nos confunde, transformando-se em seu próprio oposto” (p. 324, grifo do autor). Na exatidão relativa, “algo parece ser visível sem o ser: ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível e, no entanto, ser inacessível” (Moscovici, 2003, p. 56). Na Figura 3, é possível ver o prisma na posição vertical (face frontal virada para esquerda) ou horizontal (face frontal virada para direita). Estabilizar a posição do objeto requer a adoção e convencionalização de uma perspectiva. Em suma, “o mundo da realidade [...] é basicamente resultado das limitações e/ou de convenção” (Moscovici, 2003, p. 55).

Quando os objetos são afastados da maneira habitual pela qual são vistos pela realidade de um indivíduo ou grupo, seus marcos habituais são modificados, oportunizando formas de estranhamento (Kothe, 1977). O sujeito “não encontra o que esperava encontrar e é deixado com uma sensação de incompletude e aleatoriedade” (Moscovici, 2003, p. 55). Ele explica:

Sem dúvida, a tendência a familiarizar constitui uma resistência ao novo, ao desconhecido ou ao extraordinário. Mas é precisamente essa resistência que compele as pessoas a fazerem um esforço cognitivo, nutre as polêmicas sociais e, em última análise, muda o que é conhecido ou habitual. Em outras palavras, mobiliza um

---

Mover o objeto e assumir a perspectiva do outro pode ser mais viável. Em termos espaciais, nem sempre a mobilidade de posição é possível para um sujeito ou grupo.

excedente na ordem das representações e assim perturba as convenções e cria *dissonâncias* entre velhas e novas noções e combinações, entre vocabulários incompatíveis (Moscovici, 1990, p. 385, grifo nosso)<sup>61</sup>.

É por isso que o estranhamento, em suas múltiplas formas, pode gerar dissonância cognitiva (Kupchyshyna & Davydyuk, 2017; Palkovich, 2015). Caracciolo (2016), por exemplo, investigou os dois fenômenos em conjunto. Ao oferecer um ambiente controlado no qual as pessoas entram em contato com perspectivas não só diferentes das suas, mas estranhas e repulsivas, a literatura ficcional oferta um *locus* de estudo privilegiado. Com base nesses pressupostos, o autor analisou o engajamento de leitores em cerca de 3.025 resenhas de 10 ficções contemporâneas. Nelas, a capacidade de estabelecer laços com personagens fictícios como se eles fossem reais foi chamada de *ilusão centrada no personagem*. Ela tende a ser mais comum em romances narrados em primeira pessoa, nos quais os leitores têm acesso à mente do personagem, podendo tomar uma perspectiva empática. Mas nos romances escolhidos, os narradores eram estranhos de quatro formas diferentes: narradores infantis (com problemas de desenvolvimento); narradores perturbados (com psicose e psicopatia); narradores impossíveis (desencarnados ou de mundos paralelos); e narradores obsessivos (conspiratórios e paranoicos). Essa estranheza dificultava, mas não impedia a tomada de perspectiva empática, gerando estranhamento e dissonância, pois os leitores eram expostos a uma perspectiva social, cultural ou moralmente diferente da sua perspectiva real, logo eles se envolviam em rotas interpretativas que resolviam a dissonância cognitiva através da psicologia popular ou leiga.

O referido autor não se pautou na TRS, mas sua escolha pela psicologia popular nos encoraja a ler essas rotas interpretativas em termos de RS. No modelo de Caracciolo (2016), o envolvimento com os personagens fictícios colocava o leitor num conflito entre sua perspectiva e a do personagem. Para resolvê-lo, eles podiam abandonar a leitura ou permanecer numa “zona cinzenta”, na qual toleravam alguma contradição e oscilavam entre a resistência imaginativa e a tomada de perspectiva empática. Em ambas as situações, podemos supor que eles dependiam da criação de teorias de senso comum (RS) para justificar sua posição e de estratégias de gerenciamento do conflito e da contradição (dissonância e polifasia cognitiva). Em suma, “*a incerteza e a ambiguidade são conceitos e estados que derivam do*

---

<sup>61</sup> “No doubt, the tendency to familiarize constitutes a resistance to what is new, unknown or extraordinary. But it is precisely this resistance that compels people to make a cognitive effort, nourishes social polemics and ultimately changes what is well-known or usual. In other words, it mobilizes a surplus in the order of representations and thus perturbs the conventions and creates dissonances between old and new notions and combinations, between incompatible vocabularies”.

*conflito*. A dúvida nasce do encontro com o que é diferente” (Moscovici, 2011, p. 111, grifos do autor). As RS funcionam para reduzir esse sentimento (Kronberger, 2015).

### **Síntese e perguntas norteadoras**

Nosso percurso até aqui teve duas funções: 1) apresentar nossos principais pressupostos teórico-metodológicos e 2) articular as duas teorias que os integram (TRS e TDC). A segunda tarefa exigiu um eixo de apoio trazendo evidências de teorias e campos variados para nossa proposta de articulação. Assim, iniciamos tentando explorar alguns desdobramentos teóricos das recomendações de Moscovici no estudo das TCs e da ciência. Moscovici recomendou o estudo das TCs, considerando as RS e a polifasia cognitiva. As representações, como mostramos, são retrospectivas e compatíveis com as TCs. Já a polifasia cognitiva não está mais da forma como estava nos anos 1990, à época de seu conselho. Os novos estudos a associam à dissonância, que é a base usada por outras abordagens para compreender as TCs (Kahan et al., 2011; Kunda, 1990), mas nos pareceu que a dissonância cognitiva não é apenas produto da polifasia cognitiva diacrônica, mas também produtora de formas sincrônicas de polifasia. Por isso tentamos mostrar como um conceito próximo a uma modalidade de polifasia sincrônica já existia tanto na obra de Festinger (1975) quanto em trabalhos posteriores (Kelman & Baron, 1968b). E, para sustentar que a compartimentalização é mais heurística e se sobrepõe à prevalência seletiva, apoiamos-nos na Teoria do *self* dialógico, que já vinha sendo trazido ao corpo da TRS e na Teoria da perspectiva, conforme recomendou Priego-Hernández (2011). Para aproximar mais as teorias, exploramos alguns elementos em comum na natureza das RS e da dissonância cognitiva. Em linhas gerais, discutimos os elementos da tríade da TRS, o *ego*, o *alter* e o *objeto*, mas o mais importante é a relação entre eles, que não pode se limitar a expedições teóricas, por isso refaremos agora nossas perguntas e depois apresentaremos nossos objetivos e procedimentos metodológicos.

Em termos de articulação, um último nível é epistêmico-metodológico e se traduz na possibilidade de fazer perguntas que não podem ser de outro modo feitas e respondidas em um ou outro paradigma isoladamente (Castro, 2002). Assim reformulamos nossas perguntas: como e por que a ciência e o formato redondo da Terra se tornaram estranhos para os terraplanistas? Como o terraplanismo constrói uma “ciência” que rejeita a própria ciência? Que posição os terraplanistas tomam ao representar a ciência e que perspectiva eles veiculam nas RS que elaboram? Como gerenciam contradições externas e internas ao “conhecimento” que produzem e compartilham? Que incoerências sua perspectiva vê, e quais ela esconde?

## **Objetivos**

### **Objetivo geral**

- ✓ Investigar e analisar as representações sociais de ciência para defensores da Terra Plana.

### **Objetivos específicos**

- ✓ Compreender o processo de (re)produção e popularização de TCs em canais de Terra Plana no YouTube.
- ✓ Avaliar como e quais características e dimensões não familiares ou estranhas percebidas pelos terraplanistas motivam suas RS de ciência.
- ✓ Identificar e analisar a posição tomada para representar a ciência e a perspectiva veiculada nas RS dela.
- ✓ Analisar a forma pela qual os terraplanistas percebem e gerenciam evidências que contradizem e ameaçam seu sistema de conhecimento.

## **Métodos**

### **Contexto de pesquisa**

O presente estudo buscou investigar a perspectiva psicossociologicamente construída sobre a ciência entre defensores da Terra Plana. O ambiente dessa pesquisa foi a plataforma YouTube. De acordo com o *World Internet Users Statistics*, até março de 2019, a internet contava com 4.346.561.853 usuários em todo o mundo. Somente no Brasil, dados de 2017 computavam 149.057.635 (70,7% da população) usuários de internet. Já entre as redes sociais mais populares, o Facebook conta com 2, 7 bilhões de usuários e, na segunda posição, está o YouTube (2 bilhões) (Statista, 2020). Em se tratando de teorias conspiratórias, essas são também as redes sociais mais utilizadas pelos participantes de vários estudos sobre o assunto (YouGov-Cambridge, 2018; Ortellado et al., 2015; Bessi et al., 2015; Saputra, 2018). Especialmente o YouTube tem sido a principal plataforma utilizada para compartilhamento do conteúdo produzido por terraplanistas e para estudo desse grupo (Landrum et al., 2019; Mohammed, 2019; Olshansky, 2018; Paolillo, 2018; Albuquerque & Quinan, 2019; Isola-Lanzoni & Gonçalves-Segundo, 2019).

Originalmente fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, em fevereiro de 2005, e comprado pela Google, em 2006, o YouTube se define como “a comunidade de vídeos online mais popular do mundo, permitindo que milhares de pessoas descubram, assistam e compartilhem vídeos criados de modo original” (Google, 2020; Burgess & Green, 2009; Coruja, 2017). Na presente pesquisa, a referida plataforma não foi o tema central, mas sim a ambiência dentro da qual os atores e o tema de interesse aparecem em busca de visibilidade – o que é uma forma válida de utilizar essa plataforma online (d’Andréa, 2018).

### **Coleta de dados**

#### ***Procedimentos***

Na primeira etapa deste estudo, o método de coleta de dados empregado foi a análise documental. Trata-se de um método que reduz, em parte, a eventualidade de influência – desempenhada pela presença ou ação do pesquisador – do conjunto de interações, eventos e comportamentos estudados, envolvendo documentos de natureza escrita, impressa,

iconográfica ou cinematográfica, os quais podem constituir fontes primárias ou secundárias – exploradas e não criadas (Cellard, 2008, p. 296).

Cellard (2008) esquematiza cinco dimensões da análise documental na construção de um *corpus* satisfatório:

- 1) *Contexto*: considerar o contexto de produção dos documentos permite o conhecimento de esquemas conceituais de seu(s) autor(es), dos grupos sociais, fatos e aspectos associados.
- 2) *Autor/Autores*: elucidar a identidade do(s) autor(es) é crucial para avaliar a credibilidade do texto, interpretações e posições produzidas.
- 3) *Natureza do texto*: como saber a origem social do autor do documento não é suficiente, é recomendado delimitar adequadamente o sentido de palavras e conceitos que fazem parte da linguagem corrente dele e de seu grupo.
- 4) *Análise*: a fim de estabelecer conexões e (re)constituir configurações relevantes, deve-se extrair elementos pertinentes do texto e compará-los com outros elementos do *corpus* documental, buscando cercear a questão para obter um ponto de vista diverso e global a partir de encadeamentos e ligações entre a temática pesquisada e as observações oriundas da documentação.
- 5) Detecção de *conceitos-chave* e lógica interna do texto.

Considerando as dimensões citadas e o esforço necessário para reconhecer possíveis acervos de arquivos ou fontes potenciais de informação (Cellard, 2008), foi utilizado o *YouTube Data Tools* (YTDT). Desenvolvida pelo pesquisador Bernhanrd Rieder, ligado ao projeto *Digital Methods Initiative* (DMI), da Universidade de Amsterdam (d’Andrea, 2020), essa ferramenta de mineração de dados oferece uma coleção de instrumentos simples para a extração de dados da plataforma do YouTube<sup>62</sup> (Rieder, 2015). Através dos módulos oferecidos por esse conjunto de *scripts* – *Channel Network*, *Channel\_Info*, *Video List*, *Videonetwork* etc. –, foram rastreados: a) a rede de canais envolvidos com o tema “Terra plana”; b) as ligações entre os atores e suas posições dentro da rede; c) os canais e atores mais relevantes dentro do movimento terraplanista brasileiro no YouTube; d) os vídeos para compor o *corpus* através de categorias nativas<sup>63</sup> do YouTube, metadados e centralidade da ciência entre os assuntos tratados.

<sup>62</sup> Ver em: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>

<sup>63</sup> Para produtores de conteúdo, o YouTube oferece as seguintes categorias: “Film & Animation”, “Autos & Vehicles”, “Music”, “Pets & Animals”, “Sports”, “Travel & Events”, “Gaming”, “People & Blogs”, “Comedy”, “Entertainment”, “News & Politics”, “How to & Style”, “Education”, “Science & Technology” e “Nonprofits & Activism”.

Como o formato de saída do YTDI é geralmente um arquivo GDF (*Geos Dictionary File*) – um grafo – (Chagas & Toth, 2016), o software Gephi 0.9.3 foi utilizado para visualizar e trabalhar esses dados. O Gephi consiste numa ferramenta gratuita *open source* (aberta), desenvolvida pelos estudantes franceses Bastian, Heymann e Jacomy, e atualmente é um dos softwares mais populares na visualização de dados apresentados em forma de grafos e análise a partir de métricas e algoritmos específicos (Recuero, Bastos & Zago, 2018). Trata-se de uma ferramenta que possibilita grande liberdade ao pesquisador e permite identificar, de forma clara, *clusters* e *hubs* ou influenciadores de maior importância (Silva & Stabile, 2016; Chagas & Toth, 2016).

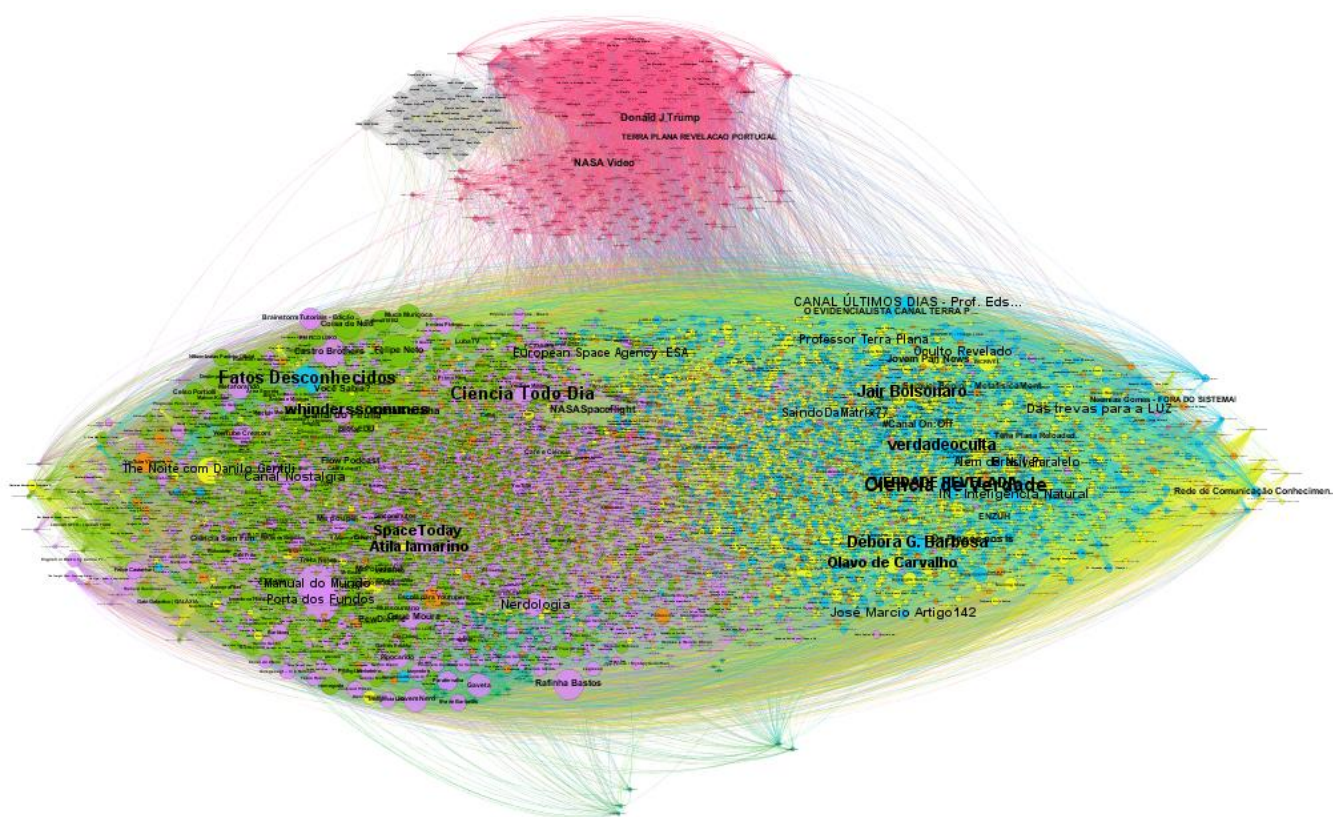
Utilizar os recursos desse software, bem como interpretar e compreender os grafos que podem ser trabalhados no Gephi, requer algum entendimento sobre Análise de Redes Sociais (ARS). A ARS “é uma das perspectivas de estudo de grupos sociais que permite sua análise sistemática a partir de sua estrutura, através de medidas específicas para esta” (Recuero, 2017, p. 13). Essa abordagem oferece a possibilidade de compreender “*como* o capital social está sendo gerado pelas conexões, onde se concentra e *quem* é mais importante na estrutura [...] [e como ela] influencia a difusão de informação e ainda mais, quais grupos existem nela” (Recuero, 2017, p. 22, grifos da autora). Em suma, utilizamos as seguintes métricas: a) *modularidade* – auxilia na identificação de subgrupos de atores (*clusters*) com conexões mais frequentes dentro de uma rede; b) *grau de intermediação* (*betweenness*) – indica o quanto um ator (nó) exerce o papel de ponte, isto é, conecta diferentes *clusters* na rede, ajudando a informação a circular; c) *grau de entrada* – indica a centralidade do nó, ou seja, o quão popular o indivíduo é dentro da rede; d) *centralidade de autovetor* (*eigenvector*) – métrica muito utilizada para apontar os influenciadores dentro das redes de conversações (Recuero, 2017; Recuero, Bastos & Zago, 2018).

Conforme detalharemos a seguir, esses procedimentos permitiram a inclusão criteriosa de canais terraplanistas e a amostragem de vídeos mais relevantes dentro da plataforma do YouTube. Outros critérios também foram considerados: a) vídeos públicos – o que é particularmente relevante, sobretudo em atenção aos aspectos éticos do trabalho. Tal como em outros trabalhos (Paolillo, 2018), questões éticas foram examinadas individualmente em observância aos eventuais riscos relativos às informações compartilhadas, sobretudo àquelas de caráter pessoal envolvendo familiares ou terceiros, por exemplo; b) boa qualidade de áudio e de vídeo (no mínimo resolução HD – 1280/720); c) categorias, temática, metadados e títulos associados à ciência e seu campo de significação.



### *YouTube esfera terraplanista: canais mais relevantes dentro da rede Terra Plana*

Usando a palavra-chave “Terra plana” no módulo *Channel Network* do *YouTube Data Tools*, chegamos a uma rede formada por canais associados e subinscrições com 13.020 nós e 172.442 arestas. Primeiramente, aplicamos uma métrica de *modularidade*, que identificou 296 comunidades *clusterizadas* segundo a cor. Em seguida, usamos a métrica *Eigenvector centrality* para identificar os nós (canais) mais relevantes e populares da rede (nós maiores). Como forma de distribuição, usamos o layout *OpenOrd* que é indicado para destacar comunidades em redes muito grandes (Recuero, Bastos & Zago, 2019). A fim de melhorar a visualização, também ajustamos a sobreposição e os rótulos e filtramos os nós a partir de 10 conexões.



**Figura 4.** Rede de canais particionada segundo a modularidade e centralidade  
Fonte: dados da pesquisa

Dentre os seis *clusters* mais expressivos na rede, há os grupos Rosa (22,08%), Verde (19,08%), Azul (17,17%), Amarelo (14,28%), Laranja (10,92%) e Vermelho (4,19%). No primeiro grupo, os canais mais relevantes são Canal Nostalgia, Manual do Mundo, Porta dos Fundos, Cauê Moura, Rafinha Bastos, Castro Brothers, Jovem Nerd, Felipe Castanhari, Metaforando, Ciência Todo Dia, Café e Ciência, Atila Iamarino, Canal do Pirula, Space Today, NASA Spaceflight e Henry Bugalho. Adjacente à essa comunidade formada

principalmente por canais sobre cultura pop, curiosidades, entrevistas, política e divulgação científica, encontra-se o grupo verde. Os principais canais desse grupo englobam uma rede de youtubers mais antigos na plataforma, como Whindersson Nunes, Felipe Neto, Canal Canalha, PewDiePie, Você Sabia?, Coisa de Nerd, BRKsEDU, Zangado, MrPoladoFul, Inutilismo e Mussomano. Em geral, trata-se de canais de vlogs e games. Ambas as comunidades estão relativamente próximas também do grupo laranja, do qual fazem parte Escola para YouTubers, CanalTech e canais de cantores sertanejos. Apesar de haver um emaranhado significativo de conexões entre essas comunidades e os grupos à direita no grafo, a maior proximidade entre elas sugere maior interação entre si.

Na parte direita do grafo, encontra-se uma rede de canais terraplanistas e canais mais próximos ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Os nós azuis integram uma comunidade de canais, cujas temáticas estão associadas mais diretamente ao terraplanismo, literalismo bíblico, teorias conspiratórias, “medicina natural”, direita e extrema direita. Já os nós amarelos parecem indicar um aglomerado de canais de alguma forma associados ao governo bolsonarista vigente à época. Dentre os canais mais relevantes com os quais o núcleo terraplanista interage estão Jair Bolsonaro, Os Pingos nos Is, Jovem Pan News, Olavo de Carvalho, Brasil Paralelo, Pânico Jovem Pan, Alexandre Garcia, Bernardo Küster e Caio Coppola. Na parte superior direita do grafo, há ainda um conjunto de canais internacionais que incluem Donald J Trump, NASA Video e European Space Agency ESA<sup>64</sup> (*cluster* vermelho). Em se tratando de Terra plana, além de canais portugueses (Terra Plana Revelacao Portugal) e espanhóis (Decimal Z), essa rede contém dois dos precursores do atual movimento terraplanista, Eric Dubay e markksargent. O maior número de conexões azuis em direção a esse conjunto pode indicar que a rede terraplanista brasileira reproduz conteúdo dessa comunidade internacional.

Quando se trata de uma consulta pela expressão “Terra plana” no YouTube, a comunidade de canais associados com esse tema é o terceiro maior *cluster*. Juntamente com a generalidade da forma de busca que usamos, o YouTube tem se empenhado em reduzir a visibilidade de canais conspiratórios e terraplanistas. No caso de canais sobre Terra plana, a plataforma informa abaixo dos vídeos que essa é uma “concepção arcaica”. Por essa razão, usamos esse primeiro grafo para mapear a rede terraplanista mais ampla e, em seguida, fazer

---

<sup>64</sup> Dentro da rede, esses canais não têm relevância. Com intervalo de grau superior a 10 conexões, eles desapareceriam, porém essa “irrelevância” é por si só um sinal importante quando se trata do terraplanismo. Afinal, é esperado que a NASA e a ESA tenham pouca interação com esse movimento e vice-versa. Por isso, assim como outros canais citados, destacamos propositalmente seus rótulos para aumentar sua visibilidade.

um rastreamento supervisionado (*supervised crawling*) através das *channels Ids* dos 20 canais (*seeds*) mais relevantes (*centralidade de autovetor*) sobre Terra plana (Tabela 1).

**Tabela 1 – Lista de canais terraplanistas brasileiros mais relevantes no YouTube**

Nº	Título do canal	N.º inscritos	Local	Data de criação
1	Ciência de Verdade	439000	US	2016-06-20T03:49:38Z
2	Débora G. Barbosa	652000	GB	2017-03-11T21:23:12Z
3	verdadeoculta	493000	BR	2009-07-14T21:19:02Z
4	VERDADE REVELADA	439000	BR	2011-04-04T01:42:46Z
5	Sem Hipocrisia	146000	BR	2015-01-19T18:04:51Z
6	CANAL ÚLTIMOS DIAS - Prof. Edson Silva História	54900	BR	2013-07-16T15:50:05Z
7	IN - Inteligência Natural	140000	BR	2017-01-11T18:51:27Z
8	Além da Nuvem	174000	BR	2011-11-29T21:35:14Z
9	#Canal On:Off	649000	BR	2011-10-02T01:44:37Z
10	Das trevas para a LUZ	82800	not set	2016-01-30T20:07:27Z
11	O EVIDENCIALISTA CANAL TERRA PLANA EVIDÊNCIAS	64500	BR	2017-01-27T00:33:36Z
12	Oculto Revelado	329000	BR	2011-10-23T15:52:07Z
13	Professor Terra Plana	33100	BR	2017-10-26T08:03:44Z
14	ENZUH	244000	BR	2010-09-16T08:11:54Z
15	Rede de Comunicação Conhecimento é Poder	63400	BR	2007-04-06T18:51:18Z
16	Samuel Benini - MetafisicaMente MM	74600	BR	2019-04-12T21:27:51Z
17	SaindoDaMatrix77	40300	not set	2013-09-08T17:39:28Z
18	Neemias Gomes - FORA DO SISTEMA!	255000	BR	2013-08-18T15:16:03Z
19	Jose Marcio Artigo142	403000	not set	2015-07-23T01:57:04Z
20	Terra Plana Reloaded	45300	BR	2018-05-30T00:14:55Z

A lista apresentada na Tabela 1 foi elaborada através dos dados do *cluster* azul e da filtragem dos canais (em ordem decrescente) com base na *Eingevector centrality*. De uma lista de 3.113 canais, checamos transversalmente cerca de 200 destes a fim de determinar se seus protagonistas realmente acreditam na conspiração da Terra plana. Em geral, além de conteúdo sobre Terra plana, essa rede é caracterizada por canais sobre conspirações diversas associadas a “nova ordem mundial”, “reptilianos”, “Illuminati”, “óvnis”, tramas políticas, literalismo bíblico (nefilins, arcanjos, satã, profecias etc.) e “medicina natural”. Muitos desses canais também reproduzem conteúdo político de extrema direita ligado às vacinas contra a Covid-19, ao ex-presidente Jair Bolsonaro e a ideias propaladas por Olavo de Carvalho.

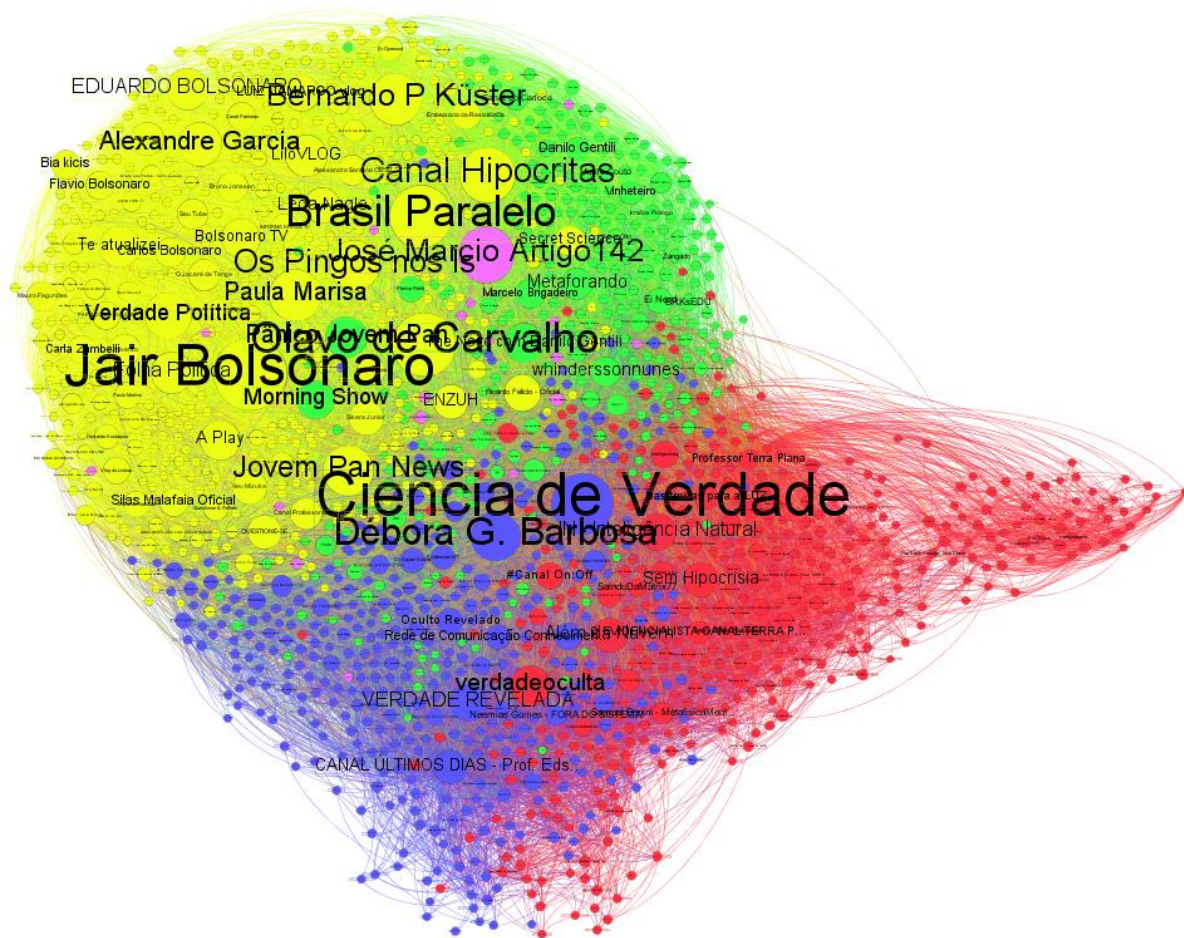
Com base no primeiro grafo (Figura 1), aplicamos a métrica *betweenness centrality* para determinar quais os canais que mais atuam como mediadores dentro da rede terraplanista (Tabela 2). Na Tabela 2, cabe destacar o Canal Últimos Dias – Prof. Edson Silva História e

canal Professor Terra Plana, os quais têm significativas conexões com a rede internacional sobre Terra plana – papel já identificado na literatura (Albuquerque & Quinan, 2019). Para a comunidade vizinha, Olavo de Carvalho aparece como um importante inter e intramediador nas redes terraplanista e bolsonarista. Aplicamos essa mesma métrica com a rede gerada pelo rastreamento supervisionado, mas não obtivemos diferenças significativas.

Tabela 2 – Canais que mais atuam como mediadores dentro da rede

Título do canal	N.º inscritos	Local	Data de criação
CANAL ÚLTIMOS DIAS - Prof. Edson Silva História	54900	BR	2013-07-16T15:50:05Z
O Plano	9260	BR	2016-06-12T23:42:28Z
Professor Terra Plana	33100	BR	2017-10-26T08:03:44Z
Luana Martins BR	21400	not set	2016-07-26T21:51:04Z
Evangelho Underground	64700	BR	2011-06-26T00:53:46Z
Jose Marcio Artigo142	403000	not set	2015-07-23T01:57:04Z
Verdade Urgente	1440	BR	2018-02-19T13:53:57Z
Gênesis Terra Plana	772	not set	2018-03-02T01:25:50Z
Olavo de Carvalho	1060000	not set	2007-07-07T14:12:23Z

Com base na busca supervisionada, obtivemos um novo grafo com 2.338 nós e 30.746 arestas (Figura 5). Embora os atores relevantes continuem os mesmos, este grafo determina com mais precisão os *clusters* mais próximos da rede terraplanista. Diferentemente do primeiro grafo, aqui a rede está particionada em 5 *clusters*. No *cluster* Azul (30,33%), os canais mais populares são Ciência de Verdade, Débora G. Barbosa, Verdade Revelada, Canal Últimos Dias – Prof. Edson Silva História, Humberto Volts, Oculto Revelado e Rede de Comunicação Conhecimento é Poder. Em toda a rede, esses parecem ser os canais mais populares e recebem conexões da maioria dos nós. Na sequência, o *cluster* Vermelho (22,84%) representa importante parcela do movimento terraplanista no YouTube, reunindo os canais IN - Inteligência Natural, verdadeoculta, Sem Hipocrisia, O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências, Professor Terra Plana e outros canais presentes na Tabela 1. As maiores conexões desse *cluster* ocorrem internamente. Há, porém, ligações consideráveis com a rede internacional (extremidade direita) e principalmente com o *cluster* mais próximo (rosa).



**Figura 5.** Rede de canais particionada segundo a modularidade e centralidade  
Fonte: dados da pesquisa

Ainda na Figura 5, o terceiro *cluster* mais expressivo é o Amarelo (18,26%), contendo muitos dos canais representados pelos nós amarelos do primeiro grafo (Figura 4). Há aqui canais terraplanistas como Enzuh, porém o foco do conteúdo dos principais canais dessa rede parece ser político. Esse grupo é composto por uma rede que orbita em torno dos canais Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho, agregando atores políticos (Eduardo Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, Flávio Bolsonaro, Bia Kicis, Carla Zambelli, Bernardo Küster), setores da mídia e jornalistas alinhados com o governo (Brasil Paralelo, Os Pingos nos Is, Jovem Pan News, Verdade Política, Alexandre Garcia e Sikera Junior). Entre todos os canais do grafo, está Jose Marcio Artigo142 junto com canais menores e menos relevantes (Rosa – 16,12%). Nesse grafo (Figura 5), seu canal é aquele que mais atua como mediador entre todos os nós da rede.

Por último, o *cluster* Verde (12,45%) comporta canais que, no primeiro grafo, pertenciam aos *clusters* Roxo (Porta dos Fundos, Metaforando), Verde (Whindersson Nunes, BRKsEDU e Zangado) ou Amarelo (The Noite com Danilo Gentili, Pânico Jovem Pan e Morning Show). Uma mudança notável é que os canais de divulgação científica – além dos canais da NASA e ESA – desaparecem desse conjunto, restando apenas os canais de vlog,



humor e games. Ou seja, canais que podem ser mais facilmente assistidos por diversos públicos independentemente da orientação política ou da concepção de ciência.

É preciso lembrar, é claro, que alguns desses canais podem estar presentes apenas por mencionar ou reagir ao terraplanismo em algum vídeo. Assim que o movimento ganhou destaque nos meios de comunicação brasileiros, representantes e membros do terraplanismo participaram de entrevistas e conversas em programas que fazem parte dos *clusters* Amarelo e Verde.

### *Seleção de canais informantes*

Com base na Tabela 1, procuramos avaliar os canais listados enquanto potenciais fontes de informações sobre as RS de ciência. O primeiro critério de inclusão que adotamos remeteu à atividade do canal, isto é, estar postando vídeos no ano de 2022. Para tal, utilizamos o módulo *Video List* do *YouTube Data Tools* e a respectiva ID de cada um dos 20 canais. Como o próprio nome sugere, o *Video List* cria uma lista de todos os vídeos de um canal juntamente com informações estatísticas referentes a eles. Uma dessas informações é a data de publicação, que nos permitiu excluir quatro canais, cujos últimos vídeos postados são anteriores ao ano estabelecido (Das trevas para a Luz, Professor Terra Plana, SaindoDaMatrix77 e Terra Plana Reloaded).

Para os 16 canais restantes, aplicamos um critério de centralidade do tema da ciência em meio a outros assuntos. Primeiramente, realizamos uma busca interna pelos termos “ciência” e “cientista” em cada canal. A partir dos resultados, criamos um banco de dados formado por planilhas contendo uma lista de títulos hiperlinkados e seguidos de algumas informações extraídas pelo módulo *Video List* (data, categoria, duração, *thumbnails*, *views*, *likes* e número de comentários).

Até aqui aplicamos mais dois critérios: 1) exclusão de vídeos repetidos de cada canal; 2) exclusão de vídeos posteriores à data na qual o primeiro grafo foi gerado (04/02/2022). Na sequência, realizamos um ordenamento material do conjunto de vídeos. Segundo Strauss e Corbin (2008), esse tipo de organização pode se basear em atores, ações, títulos e subtítulos. A partir da leitura dos títulos, subtítulos e visualização transversal dos vídeos listados (assistir até identificar o assunto do qual o vídeo irá tratar), fizemos a distribuição conforme o assunto comunicado. Especialmente para identificar potenciais vídeos mais próximos do tema da ciência, selecionamos aqueles cujos títulos faziam menção direta ao tema (presença das palavras “ciência” e “cientista” no título) ou indiretamente (referência nominal a cientistas ou

a instituições, tecnologias e outros objetos associadas com a atividade científica). É digno de nota que essas menções indiretas, por vezes, misturavam-se à cosmologia da Terra plana – considerada uma “ciência” para os adeptos do movimento.

Além de identificar a centralidade que cada canal dava à temática da ciência em relação aos outros temas, pudemos visualizar preliminarmente as combinações (eixos temáticos) que esse assunto fazia com outros. Ao final, excluímos seis canais com combinações repetidas<sup>65</sup>: Oculto Revelado, Rede de Comunicação Conhecimento é Poder, Samuel Benini – MetafísicaMente MM, #Canal On:Off, Neemias Gomes – FORA DO SISTEMA! e ENZUH. Os canais informantes escolhidos para análise estão dispostos na Tabela 3, seguidos dos principais eixos temáticos comunicados e o total de vídeos encontrados na busca através das palavras-chave adotadas. No primeiro grupo, encontram-se os canais nos quais assuntos ligados à ciência ocupam maior centralidade, constituindo o eixo principal em relação aos outros temas apresentados. Já o restante dos canais informantes parece manter assuntos do universo científico em segundo plano. Apesar disso, incluímos estes canais para assegurar uma variedade de fontes que, além de considerar aspectos da rede anteriormente apresentada, pode indicar a diversidade do próprio universo terraplanista no YouTube. A seguir faremos uma caracterização sucinta de cada um desses canais.

**Tabela 3 – Canais informantes e centralidade da temática da “ciência”**

Nº	Canais		Eixos principais		Vídeos
1	Ciência de Verdade	“Ciência”	TCs	Religião	388
2	Débora G. Barbosa	“Ciência”	Geopolítica	TCs	105
3	verdadeoculta	“Ciência”	Política	TCs	173
4	Sem Hipocrisia	“Ciência”	TCs	Entretenimento	274
5	IN - Inteligência Natural	“Ciência”	TCs	Escatologia	779
6	O EVIDENCIALISTA CANAL TERRA PLANA EVIDÊNCIAS	“Ciência”	Religião	“Arqueologia oculta”	407
7	VERDADE REVELADA	Religião	“Ciência”	Escatologia	228
8	CANAL ÚLTIMOS DIAS - Prof. Edson Silva História	Religião	“Ciência”	Coach	69
9	Além da Nuvem	“Arqueologia oculta”	“Ciência”	Religião	148
10	Jose Marcio Artigo142	Política	“Ciência”	TCs	520

<sup>65</sup> A partir do ordenamento material e de técnicas de análise documental, listamos e classificamos os vídeos segundo os três eixos temáticos percentualmente mais salientes. Como essa classificação não envolve visualização completa dos vídeos, optamos por não apresentar as frequências relativas de cada eixo, já que elas não foram utilizadas a título de precisão. Ademais, quando falamos em combinações repetidas entre os eixos centrais, estamos nos referindo a canais que, independentemente da ordem, apresentam três eixos temáticos comuns nos quais a ciência aparecia em primeiro ou segundo plano. Por exemplo, Ciência de verdade combina “Ciência”, TCs e Religião, ao passo que Samuel Benini - MetafísicaMente MM combinava Religião, “Ciência” e TCs. Além de a Ciência não ser o assunto principal, impedindo que o canal fosse para o primeiro grupo (1 ao 5), no segundo grupo (7 ao 10), já havia canais cuja religião era o assunto principal. Todos esses canais eram mais importantes, considerando os critérios anteriores que adotamos.

### *Caracterização dos canais informantes*

Juntamente com outros módulos já citados do *YouTube Data Tools*, utilizamos o *Channelinfo* para colher dados sobre os canais informantes. O primeiro deles, Ciência de Verdade, notadamente o nó mais relevante da rede, pertence a Afonso Emidio de Vasconcelos Lopes e está ativo desde 20/06/2016. Afonso é doutor em geofísica pela USP e mantém, dos Estados Unidos, canal com cerca de 441.000 inscritos e 37.427.354 de visualizações totais. Seu canal pertence às categorias *Society*, *Religion* e *Knowledge*; usa como palavras-chave “Ciência de Verdade” e “Professor Afonso”. Dos 388 vídeos encontrados em seu canal, a maioria (314) pertence à categoria nativa *People & Blog*, e o restante, às categorias *Science & Technology* (69) e *Education* (5). A maior parte desses vídeos foi publicada em 2021 (153). Conforme descrito, o objetivo do canal é “melhorar um pouco a imagem da Ciência” (Quadro 1). Além da ciência e da Terra plana, o canal traz inúmeros vídeos com TCs associadas aos “Illuminati”, “Nova Ordem Mundial” (NOM), “maçonaria” “pré” e “pós-diluviana”, “templários”, “sociedades secretas”, “aliens”, “Terra oca” etc. Sobre a religião, há vídeos sobre a genealogia de figuras bíblicas, seres descritos na cosmologia bíblica, como “Neflins”, “Dragões” e “anjos caídos”; e datas comemorativas no judaísmo. Há, por fim, vídeos sobre “casamento”, consumo de carne e outros alimentos, e anúncios de cursos oferecidos pelo autor (empreendedorismo, riqueza etc.).

O segundo canal, Débora G. Barbosa, pertence a uma youtuber que se apresenta como Débora. Conforme descrição disponível no canal, Débora é mestra em inteligência e segurança e doutoranda em propaganda britânica na Guerra Fria. O canal está ativo desde 11/03/2017 e conta com mais de 682.000 inscritos e 66.007.074 de visualizações. A categoria informada para o canal é “*Society*” e as palavras-chave utilizadas são “debora g barbosa”, “*intelligence studies*”, “*cia mi6 mi5*” e “*intelligence agencies*”. Os 105 vídeos recuperados em seu canal encontram-se distribuídos nas categorias nativas *Entertainment* (85), *Education* (5), *News and Politics* (3), *Sports* (11) e *Travel & Events* (1), a maioria publicada em 2016 (68). Como as informações extraídas pelo *Channelinfo* sugerem, o local de gravação desses vídeos é o Reino Unido. Aqui a temática da ciência parece vir acompanhada de conteúdos turísticos envolvendo passeios e visitas e temas geopolíticos ligados à Rússia, CIA, KGB, agências britânicas, G20, Covid-19 etc. Esses assuntos estão conectados também com TCs associadas a lideranças mundiais, “Nova Ordem Mundial”, “sociedades secretas”, “Sistema”, “Protocolos de Sião”, dentre outros assuntos. Em menor quantidade, há vídeos sobre idiomas e religiões.



Já o canal verdadeoculta é conduzido pelo Irmão Rubens que, por vezes, aparece ao lado de sua esposa Elaine. O canal está no ar desde 14/07/2009, contém cerca de 498.000 inscritos e 51.084.901 de visualizações. As categorias das quais ele faz parte são *Religion*, *Lifestyle* e *Society*, enquanto as palavras-chave são “verdadeoculta”, “irmão Rubens”, “nova ordem mundial” e “Illuminati”. Há mais de 12 anos no ar, verdadeoculta contém cerca de 3.062 vídeos, dos quais 173 apareceram nas nossas buscas internas. As categorias nativas desses vídeos são *News and Politics* (171), *Education* (1) e *Science & Technology* (1). A maior parte desses vídeos foi publicada no ano de 2018 (72). Como a descrição já indica, a temática científica vem acompanhada e misturada com TCs sobre “Nova Ordem Mundial”, “Illuminati”, “Senhores do mundo”, “Sociedade 5.0”, “inteligência artificial” e comentários sobre notícias da esfera política nacional e local.

O canal Sem Hipocrisia, por sua vez, é apresentado por Jota Marthins, um dos principais expoentes do terraplanismo brasileiro. O canal pertence à categoria *Society* e, conforme sua descrição, busca expor “todas as mentiras contadas para o povo de todo o mundo durante a história da humanidade!”. Para tanto, seu canal está ativo desde 19/01/2015, acumulando em torno de 147.000 inscrições e 15.256.060 de visualizações. Dos 274 vídeos que apareceram nas buscas realizadas, a maioria foi publicada em 2016 (71) e pertence à categoria nativa *Science & Technology*. O restante se encontra nas categorias *People & Blogs* (130), *Entertainment* (4) e *Gaming* (1). Concomitante às menções à ciência e a cientistas, há conteúdo conspiratório diverso sobre o “Islam”, “crise migratória”, “agrolifos” (círculos e padrões deixados em plantações). Alguns vídeos são trechos legendados de *Talk shows* e documentários estrangeiros sobre, por exemplo, design inteligente. Entre as postagens mais antigas, existem vídeos de curiosidades, mensagens subliminares em comerciais e entretenimento. Como dito na descrição do canal, “no início do canal, tivemos que pescar e para isso, postamos diversos vídeos ‘fora de contexto’ em relação à proposta do canal”.

Outro canal relevante é IN - Inteligência Natural, cujo título parece contrapor a sigla AI (*Artificial Intelligence*). No ar desde 11/01/2017, o canal é conduzido por Leandro Oliveira Batista, que informa ser “acadêmico de relações internacionais” e tem como objetivo “incentivar o pensamento natural com total liberdade aos órgãos dos sentidos, sem manipulações ou mentiras”<sup>66</sup>. Seu canal pertence às categorias *Lifestyle* e *Society*, contém aproximadamente 141.000 inscritos e mais de 35.388.748 de visualizações. As palavras-chave

---

<sup>66</sup> Em julho de 2023, Leandro Batista foi até a Noruega para observar o fenômeno conhecido como Sol da Meia-noite. No ártico, é possível observar o permanecer ativo durante 24 horas, o que é incompatível com o modelo plano. Ao contrário do heliocentrismo, o terraplanismo supõe que, em vez da Terra, é o sol que se move. Desde que teve essa experiência, Leandro abandonou o movimento terraplanista, se desconvertendo.

usadas são “Ciência”, “Astronomia”, “Atualidades”, “Questionamentos”, “notícias”, “informação”, “conhecimento”, “mundo”, “ideias”, “debates”, “opinião”. Dentre os 779 vídeos recuperados, a maioria (254) foi publicada no ano de 2019. 387 destes se encontram na categoria *Science & Technology*, 303 em *News & Politics*, 80 em *People & Blogs* e nove em *Entertainment*. Aqui o objeto ciência vem acompanhado de TCs associadas à “Nova Ordem Mundial”, “Micro” e “Biochips” implantados pela vacina contra a Covid-19, “alienígenas”, “Área 51”, “Nasa”, “Baralho Illuminati”, “Tecnologia dos anjos caídos”, “híbridos”, “Discos voadores”, “Operação Prato”, “Projeto quimera”, “reptilianos”, “neflins”, “Marca da besta”, “Elon Musk”, “Tio Bill” etc. Em geral, o conteúdo escatológico também presente aborda sinais proféticos do “fim do mundo”, enquanto as temáticas religiosas envolvem a “bíblia judaica” e figuras da mitologia grega.

O próximo canal, O EVIDENCIALISTA CANAL TERRA PLANA EVIDÊNCIAS, é conduzido por Alê e publica vídeos desde 27/01/2017. A categoria do canal é *Society* e apenas diz: “1 Coríntios 16: 23. A graça do Senhor Jesus seja convosco”. Até o momento da pesquisa, O Evidencialista tinha 65.500 inscritos e 6.135.574 de visualizações. Dentre as palavras-chave usadas, há “algoritmo do YouTube você é o melhor eu te amo”, “Antarctica”, “Marvel”, “Netflix”, “flow podcast” etc. Do total de 407 vídeos buscados e filtrados, a maioria (279) foi publicada em 2020. Os vídeos estão distribuídos em três categorias, quais sejam *Science & Technology* (349), *People & Blogs* (29), *Entertainment* (29). Como os outros canais, os assuntos abordados nos vídeos transbordam as categorias nativas. Além de TCs sobre “Nova Ordem Mundial”, “Illuminati”, “Bitcoins”, “Vimanas”, “OVNIS”, há vídeos abordando salmos e provérbios bíblicos, Livro de Enoque etc. Outra corrente expressiva, são vídeos sobre “arqueologia proibida” ou “oculta”, que aborda a “era pré-diluviana”, “neflins”, “anunnakis”, “anjos caídos”, “cidades subterrâneas”, “portais” etc.

No segundo eixo de canais informantes, entre aqueles com ênfase religiosa, o primeiro é VERDADE REVELADA. Apresentado por Neemias Gomes, o canal foi criado em 04/04/2011, pertence às categorias *Religion* e *Society*, tem mais de 441.000 inscritos e 59.572.405 de visualizações. As palavras-chaves usadas são “verdade revelada”, “judaísmo messiânico” e “israel”. Segundo a descrição do canal, seu objetivo é “mesclar os eventos da atualidade com as profecias bíblicas, levando o espectador á [sic] uma análise mais correta dos fatos para que tome a decisão correta pela verdade!”. Para tal, o canal informa trazer “Estudos das Escrituras, Escatologia, Notícia, Cosmologia, História, Estilo de Vida e a Preparação para a Crise Final!”. Dos 228 vídeos encontrados no canal, a maioria (69) foi publicada em 2021. 146 pertencem à categoria *News & Politics*, 77 à *Entertainment*, 2 à *Film*

& Animation e 1 à Science & Technology. Aqui, tanto os temas associados à ciência, como “metaverso”, “vacinas”, “embriões humanos”, “híbridos”, “mutação genética”, “inteligência artificial”, “trans-humanismo”, “CERN”, “NASA”, quanto às TCs envolvendo “Nova Ordem Mundial”, “Illuminati”, “Reset mundial”, “aliens”, “Marca da Besta”, dentre outros, são relacionados com “sinais proféticos” e discussões sobre as “escrituras hebraicas”, “livros perdidos da Bíblia” e demais temas da cosmologia bíblica.

Assim como o canal Verdade Revelada, o CANAL ÚLTIMOS DIAS - Prof. Edson Silva História pertence às categorias *Society* e *Religion*. O canal é apresentado por Edson Silva, que, em sua descrição, divulga outras redes sociais como TikTok e informa ser Bacharel em Processos Gerenciais e Gestão de Pessoas, além de possuir Pós-graduação em Liderança e *Coaching* em Gestão de Pessoas e em Ciências Sociais. O canal foi publicado em 16/07/2013, conta com 55.300 inscritos e 5.889.914 de visualizações. Dos 69 vídeos encontrados, a maioria (22) foi publicada até fevereiro de 2022. 61 vídeos estão na categoria *News & Politics*, três em *Science & Technology*, dois em *Entertainment*, dois em *Gaming* e um em *People e Blogs*. Dentre os temas abordados nesse conjunto, há vídeos sobre sinais e profecias bíblicas envolvendo “Lúcifer”, “Yahushua”, “Juízo final”, “Apocalipse”, “Tehom” etc.; TCs sobre a “China”, “Chip”, “ONU”, “Livro de Enoque”, “Maçonaria”, “QAnon”, “Protocolos dos Sábios de Sião”, “Rede Globo”, “Redução da população mundial” etc.

Não muito distante desses temas, encontra-se o canal Além da Nuvem, publicado em 29/11/2011 e apresentado por Márcio Pichel. O canal pertence às categorias *Lifestyle*, *Society* e *Knowledge*, não conta com uma descrição, e a única palavra-chave utilizada é o próprio título. Tem cerca de 178.000 inscritos e 9.479.895 de visualizações. Dos 148 vídeos encontrados, a maior parte (86) foi publicada em 2021. 129 vídeos estão na categoria nativa *Entertainment*, 14 em *Education* e cinco em *People & Blogs*. O foco do conteúdo de Além da Nuvem é o que Márcio chama de “arqueologia proibida”, “ciência oculta”, “criptozoologia”, “mistérios” ou “civilizações perdidas”, logo muitos dos temas abordados envolvem civilizações perdidas como “Atlantis” e “Tartária”; “templários”; criaturas míticas, como “Medusa”, “Quimera”; seres da Cosmologia bíblica, como “anjos”, “demônios”, “Neflins”, “Dragões” etc.; “história secreta do Brasil” e da “Amazônia”; além de TCs envolvendo “descendentes de gigantes”, “humanoides voadores”, “tecnologias desconhecidas”, “máquinas antigas”, “pirâmides”, “seitas apóstatas”, “Satanistas”, “Alienígenas”, “Vimanas”, “OVNIS”, “maçonaria” etc. Há ainda assuntos políticos associados a “Bolsonaro”, “Trotskismo”, “marxismo” e “capitalismo reverso”.

Por último, o canal Jose Marcio Arigo142, criado em 23/07/2015, é aquele que mais aborda temas da esfera sociopolítica brasileira. Apresentado por Jose Marcio, o canal pertence às categorias *Politics* e *Society*. A única palavra-chave descrita é “142”, e o canal tem por volta de 404.000 inscritos e 75.586.643 milhões de visualizações. Dentre os 520 vídeos recuperados e filtrados, a maior parte (137) foi publicada em 2019. Todo esse conteúdo varia entre duas categorias, *News & Politics* (491) e *People & Blogs* (29). Entre os assuntos políticos com os quais a temática da ciência parece ser comumente citada, há menções a “Bolsonaro”, “Lula”, “Trump”, membros do STF, “comunismo”, “islamismo”, “EUA”, “PT”, “PSOL” etc. Em relação às principais TCs que circulam nos temas abordados em seu canal, aparecem aquelas que envolvem “Nova Ordem Mundial”, “Socialismo”, “Comunismo”, “Illuminati”, “Globalização”, “Aquecimento global” e “defensores da pedofilia”. Finalmente, entre os assuntos religiosos abordados, há menções ao “cristianismo”, “muçulmanos”, “judeus”, “papas” etc.

## **Análise de dados**

### ***Pressupostos teórico-metodológicos e procedimentos de análise***

#### *Teoria fundamentada e pesquisa qualitativa*

Até aqui, descrevemos os canais que constituíram potenciais fontes de vídeos sobre a ciência. Mas essa descrição esbarra em limitações inerentes à estrutura genérica de classificação que o YouTube confia aos usuários ao criarem um canal e fazerem *uploads* de vídeos. Com uma interface denominada “estúdio de criação”, o YouTube oferece aos usuários um conjunto de ferramentas de edição de vídeo, transmissão ao vivo e um sistema de classificação do conteúdo publicado (Montanõ, 2017). Embora esse sistema seja baseado principalmente em *tags*, palavras-chave e categorias nativas, títulos que permitam uma descrição e seleção de canais, ele é muito amplo e incapaz de armazenar informações suficientes sobre os vídeos, bem como os gêneros, a estética e os tipos de comunicação empregados (Burgess & Green, 2009). Da mesma forma, as palavras-chave e descrições podem e são estrategicamente utilizadas de forma imprecisa para aumentar a probabilidade de que os vídeos publicados sejam mais assistidos (Paolillo, 2018; Burgess & Green, 2009). Por essa razão, a estrutura imposta pelo design da plataforma pode não condizer com a estrutura que surge organicamente da interação e criatividade dos Youtubers.

Por conseguinte, os vídeos selecionados através das ferramentas e critérios anteriormente descritos foram tratados segundo pressupostos da pesquisa qualitativa. Conforme Bauer, Gaskell e Allum (2002) a abordagem qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais” (p. 23). Esquemáticamente, para a compreensão do processo de gênese e formação de representações sociais, a abordagem processual associa-se aos métodos qualitativos de coleta e análise dos dados (Sá, 1998; Flick, 2009).

Portanto, foi privilegiada a qualidade e diversidade dos documentos (vídeos), atentando-se à saturação das categorias, tal como sugerido por Cellard (2008) em pesquisas documentais de caráter qualitativo. Logo, tanto o número de canais quanto o número de vídeos deles extraídos para constituição do *corpus* foram definidos satisfazendo-se três critérios: “(a) nenhum dado novo ou relevante pareça surgir em relação a uma *categoria*, (b) a categoria esteja bem desenvolvida em termos de propriedades e de dimensões, demonstrando variação, e (c) as relações entre categorias estejam bem estabelecidas e validadas” (Strauss & Corbin, 2008, p. 205, grifo do autor). Considerando esses critérios, realizamos rodadas<sup>67</sup> de amostragem/análise seguindo a ordem de canais da Tabela 3. Na segunda rodada de vídeos, certa tendência de saturação das categorias começou a aparecer. Para confirmá-la, foi realizada uma terceira rodada. Com o material das três rodadas, percebemos a saturação, mas para atender às questões levantadas na pesquisa, pareceu-nos pertinente a realização de uma quarta e última rodada incluindo vídeos com interações (conversas, entrevistas, debates) entre terraplanistas e outros indivíduos – preferivelmente não adeptos da Terra plana. Após essa rodada, relemos e reorganizamos os dados minuciosamente, identificando a necessidade de enriquecer uma única categoria com dados do vídeo nº 44. No total, nosso *corpus* de análise conteve 44 vídeos (Tabela 4).

**Tabela 4 – Corpus de vídeos analisados**

<b>Cód.</b>	<b>Título</b>	<b>Canal</b>	<b>Data</b>	<b>Gênero</b>	<b>Views</b>	<b>Likes</b>
V1p	Farsas da Ciência   Parte 1 - O que é Ciência de Verdade? (Ciência de verdade)	Ciência Verdade	de 28/10/2017	Vlog	15860	2315
V2p	Farsas da Ciência   Parte 2 - Como identificar uma Farsa? (Ciência de verdade)	Ciência Verdade	de 28/10/2017	Vlog	10393	1930
V3	O ÉTER (AETHER) (Débora G. Barbosa)	Débora Barbosa	G. 28/01/2022	Vlog	14623	22938
V4	15 mil cientistas contra nos (Verdade oculta)	verdadeoculta	21/01/2018	Vlog, react	4222	449
V5	Terra Plana - O Que é Ciência? A Bíblia é um livro Científico? (Bônus - Cgi da Pseudociência) (Sem Hipocrisia)	Sem Hipocrisia	30/07/2019	Vlog, Screencast	16679	3191

<sup>67</sup> A quantidade de vídeos por rodadas não necessariamente é igual. Em alguns casos, há vídeos com continuação (com mais de uma parte), o que demandou a tomada de decisões sobre a pertinência da inclusão dessas partes.

1ª R O D A D A	V6	A Simplicidade Lógica da Verdadeira Ciência (IN – Inteligencia Natural)	IN - Inteligência Natural	26/03/2021	Vlog	5567	1271
	V7	Ciência de verdade provando a Terra plana!! O sol se movendo!! ☀️☀️ a Terra é imóvel!!	O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências	06/07/2020	Screenecast	2381	538
	V8	A deusa ciência nos salvará	Verdade Revelada	13/11/2020	Screenecast, react	6828	1535
	V9	Halooween   a magia da ciência   Os Sentinelas	Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História	08/11/2021	Live	1748	378
	V10	Mil cientistas contestam teoria da evolução	Além da Nuvem	13/02/2019	Vlog, screenecast	9718	1476
	V11	A Ciência não necessita de lentes que deformam a realidade.	Jose Marcio Artigo142	08/09/2019	Vlog	10662	1714
	V12	A importância da Moral religiosa na Ciência	Ciência de Verdade	29/10/2017	Vlog	15778	2302
	V13	O Que As Escolas Não Te Ensinam Sobre Cientistas Famosos	Débora G. Barbosa	31/05/2020	Screenecast, documentário	211480	30772
	V14	Cientistas ja sabem quando será o fim do Sol	verdadeoculta	29/07/2018	Vlog, react	6146	713
	V15	Terra plana - a base da ciência moderna   "as universidades"	Sem Hipocrisia	09/07/2020	Vlog	14511	2373
	2ª R O D A D A	V16	A ciência moderna é ocultismo e vãs filosofias (feat Olavo de Carvalho).	IN - Inteligência Natural	13/06/2018	Vlog, react	3778
V17		Qual A Intenção Da Ciência De Verdade!?! + Desafio Aos Defensores Do Globo E Nasa!	O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências	14/10/2020	Screenecast	3253	642
V18		A Influência da Maçonaria e da Cabala na Ciência - Parte 3	Verdade Revelada	21/09/2018	Screenecast, documentário	8259	810
V19		Edson Silva História   Terra plana   A Ciência está na Bíblia   Yahu ,o Círculo da Terra	Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História	09/01/2022	Live	2468	477
V20		Evidências de eclipse e terremoto na crucificação de Jesus   o que diz a ciência??	Além da Nuvem	29/04/2021	Screenecast, vlog	19411	2890
V21		TERRA plana - A "Falsa Ciência" é uma fábrica de ateus	Jose Marcio Artigo142	14/12/2016	Vlog	298772	18666
V22		Matéria Escura e a Energia Escura: A face da "ciência" moderna!	Ciência de Verdade	15/01/2020	Vlog, vídeo-aula	98595	15558
V23		É Loucura Acreditar No Modelo Geocêntrico Da Terra?	Débora G. Barbosa	30/01/2022	Vlog	129189	25663
V24		Cientistas não estão cientes sobre a formação da Terra e mudam a estoria contada anteriormente	verdadeoculta	31/12/2017	Vlog, react	2520	280
V25		Terra plana - maçonaria + ciência = o globo	Sem Hipocrisia	08/01/2016	Screenecast, documentário	6740	327
3ª R O D A D A		V26	A fé e a ciência do "terraplanista"	IN - Inteligência Natural	15/02/2021	Screenecast, vlog	4438
	V27p	Série Deus e a ciência moderna! Parte 01/ Josué 10,13 - deus é irresponsável?	O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências	08/06/2020	Screenecast	1617	362
	V28p	O Domo!! Série Deus e a ciência moderna! Parte 02 - a cobertura curva! Ezequiel 1,26	O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências	11/06/2020	Screenecast	2075	385

	V29	4# o criacionismo, a cosmologia e a ciência hebraica @verdaderevelada	Verdade Revelada	04/11/2021	Live, vídeo-aula	6398	1099
	V30	Cadê o fuso horário na Terra bola????	Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História	15/01/2020	Live	3242	529
	V31p	Éter: a essência do elétron é o espírito do universo	Além da Nuvem	23/02/2020	Vlog	12796	1674
	V32p	Porque eles o escondem o Éter? Entenda os mistérios do Éter / parte 02    além da nuvem	Além da Nuvem	23/07/2017	Vlog	223754	12232
	V33	Canal ciência de Verdade, espetacular.	Jose Marcio Artigo142	05/11/2016	Vlog	97736	10579
	V34	417 – Henry Bugalho, os Povos Antigos e a Terra plana (DIA 7)	Ciência de Verdade	07/07/2019	Vlog, vídeo-aula	177809	20630
	V35	Não olhe para cima	Débora G. Barbosa	28/12/2021	Vlog, react	238201	34490
	V36	O cientista Bill Gates sabe nada	verdadeoculta	18/05/2018	Vlog, react	4944	636
	V37	Terra plana x globo - o melhor debate do mundo sobre o formato da Terra!	Sem Hipocrisia	31/12/2020	Entrevista	47094	4035
4 <sup>a</sup>	V38	Meu debate Terra plana na GNT Quebrando Tabu	IN - Inteligência Natural	14/10/2019	Conversa	40555	4991
R	V39	Debate! Terra plana vs globo imaginário! O evidencialista vs sistemático! Às 21:00 horas! Não perca!	O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências	17/10/2020	Live	7626	1131
O	V40	ONU anunciou criação de religião mundial	Verdade Revelada	28/03/2021	Screencast, react	28369	5385
D	V41	Terra plana - apocalipse 12 mal interpretado pelos JF da ONU	Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História	11/04/2020	Live	2068	347
A	V42	Afonso Ciência de Verdade mente sobre Nova Aliança	Além da Nuvem	31/10/2020	Vlog	32230	3837
	V43	Medinha - "O Apocalipse do Médico de Circo" diante da Ciência e do Bom Senso.	Jose Marcio Artigo142	23/04/2020	Vlog, react	14905	3581
	V44	O que esta por trás da "ciência"! +18 o Deus pagão adorado por quase todos!	O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências	12/08/2019	Screencast	9009	1797

Concomitante à amostragem de vídeos, foram empregados procedimentos de análise do *corpus* construído. Utilizamos a estratégia da *Teoria fundamentada* cujo objetivo é elaborar uma teoria derivada de dados sistematicamente reunidos e analisados por meio do processo de pesquisa (Strauss & Corbin, 2008). Esse método foi exitosamente usado num estudo envolvendo grupos terraplanistas (Olshansky, 2018). Não se trata de uma teoria formal, e sim de uma teoria substantiva que se aplica apenas ao campo investigado (Santos et al., 2017).

Essa abordagem pode ser usada para elaborar uma teoria nova ou ampliar uma que já existe. Em nosso caso, já temos uma teoria formal (TRS) e uma postura teórica – que levanta questões que a aproximam de outra teoria (TDC) –, por isso usamos essa abordagem para tentar estendê-la. Como afirmam Strauss e Corbin (2008), “se o pesquisador está interessado em ampliar uma teoria já existente, então ele deve entrar no campo com alguns conceitos e

relações em mente e procurar saber como suas propriedades e suas dimensões variam sob um conjunto diferente de condições.” (p. 60). De acordo com tais pressupostos, foi preciso *descrever* – transmitir uma imagem mental de um conjunto de fatos ou experiências –, *ordenar conceitualmente* – classificar fatos e objetos de acordo com dimensões declaradas, sem relacioná-los ainda – e *teorizar* – “o ato de construir [...] a partir dos dados um esquema explanatório que integre sistematicamente vários conceitos por meio de declarações de relações” (Strauss & Corbin, 2008, p. 37). Ao final, os temas são conectados para constituir um esquema teórico integrado.

Para isso, a teoria fundamentada dispõe de procedimentos de codificação. O primeiro procedimento aplicado foi a *microanálise*, que é uma análise minuciosa, linha por linha, cujo objetivo é abstrair categorias iniciais – conceitos que representam o fenômeno em termos de propriedades e dimensões – e relações entre elas. Para cada canal, elaboramos um arquivo contendo a transcrição dos vídeos, utilizando as opções de transcrição do próprio YouTube. Em seguida, abstraímos conceitos e relações entre eles. Esse processo foi registrado em *memorandos*, que são recomendados para armazenar ideias e interpretações (Strauss & Corbin, 2008). Usamos dois tipos de *memorandos*, o primeiro baseou-se em notas e comentários feitos nos próprios arquivos, e o segundo consistiu em um arquivo separado contendo categorias que eram ampliadas e reorganizadas a cada *microanálise* de vídeo feita.

Além de *memorandos*, a *microanálise* conta com a codificação aberta e axial (Strauss & Corbin, 2008). A *codificação aberta* é um processo analítico, no qual os conceitos (fenômeno rotulado ou classificado) são identificados em suas propriedades (características ou atributos que dão significado à categoria) e dimensões (extensão em que as propriedades da categoria variam) nos dados. No segundo tipo de memorando, agrupamos categorias e subcategorias, cujas propriedades foram dimensionadas para identificar padrões e formar a base estrutural da teoria substantiva. Esse procedimento para relacionar categorias às subcategorias e reagrupar os dados divididos na codificação aberta é chamado codificação axial. Durante esse processo, o reagrupamento dos dados e a relação entre categorias e subcategorias foram orientados pelo paradigma apresentado em nosso referencial teórico.

Finalmente, usamos a *codificação seletiva* para integrar e refinar a teoria. Para integrar, é preciso decidir a categoria central que representa o tema basal da pesquisa, forma um esquema explanatório e responde à variação nas outras categorias. Para refinar, é preciso rever eventuais falhas e inconsistências lógicas do esquema, podendo ou acrescentando dados, comparando o esquema com os dados brutos (Strauss & Corbin, 2008; Santos et al., 2017). Nessa parte, relemos todo o material para identificar eventuais lacunas e construir os



diagramas e esquemas explicativos que serão apresentados nos resultados. Uma lacuna foi preenchida com a inclusão do vídeo nº 44.

### *Tratamento do audiovisual: análise de materialidade audiovisual*

Uma vez que o conteúdo a ser analisado consistiu em vídeos, foram levados em conta pressupostos da *Análise de Materialidade Audiovisual* (AMA). Essa abordagem foi desenvolvida por Coutinho (2016) no âmbito dos estudos desenvolvidos no Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF). Tomando como princípio a não decomposição do produto audiovisual, a AMA compreende o objeto de avaliação como uma unidade texto+som+imagem+tempo+edição. Basicamente os procedimentos da AMA envolvem: 1) identificação do objeto empírico em investigação; 2) estabelecimento de eixos e itens de avaliação com base nas questões de pesquisa e referencial teórico usado; e 3) elementos paratextuais inscritos na materialidade audiovisual.

Primeiramente, deve-se identificar os sentidos propostos pelo produto audiovisual para o público ou mídia (canal) em que este está inscrito. Em seguida, com os eixos avaliativos estabelecidos, deve-se mapear e explicitar as promessas, propostas, aspectos de circulação, gêneros/estilos do material audiovisual e outros elementos dependentes do referencial teórico adotado. Em geral, esses dados estão presentes nos elementos paratextuais formados por chamadas, vinhetas, grade e programação e demais dados que funcionam como uma moldura (Coutinho, 2016). Posteriormente, estabelece-se uma ficha de leitura/avaliação com base em categorias elencadas a priori ou associadas à temática. Por fim, uma amostra é estabelecida, considerando a representatividade do produto investigado, a exaustividade e a disponibilidade; a pertinência aos objetivos da pesquisa; e a periodicidade da veiculação do material investigado (Coutinho, 2016). Apesar de ter sido desenvolvido visando a análise de produtos jornalísticos, a AMA tem sido exitosamente utilizada para análise de vídeos do YouTube, suprindo uma limitação associada à sistematização de abordagens para tratamento das especificidades do conteúdo que circula nessa plataforma (Marino, Santos & Coutinho, 2017; Montezano & Coutinho, 2019).

A despeito de tomar de empréstimo pressupostos e procedimentos sistematizados por Coutinho (2016), reconhecemos que a definição de vídeo não é simples. Diga-se de passagem, não é o vídeo que pertence às categorias do audiovisual (Coutinho, 2016) ou mesmo imagens

em movimento (Rose, 2002), são, pelo contrário, elas que podem pertencer ao vídeo<sup>68</sup>. Embora o YouTube promova certa ruptura cultural e econômica, a plataforma reúne a coexistência de antigas e novas formas, práticas e aplicações da mídia (Burgess & Green, 2009). Assim como uma palavra-esperanto, o vídeo não tem distinção de escrita em nenhum idioma e sua etimologia advém do latim *videre*, que significa “eu vejo” (Oliveira & Albuquerque, 2011). Logo, o vídeo está associado às representações imagéticas e ao ato de ver, apresentando essência híbrida favorável à experimentação, já que “é híbrido por ser uma amálgama de fontes artísticas diversas (pintura, escultura, cinema, teatro), porém essa característica não se resume somente à sua linguagem, expandindo-se, também, aos seus gêneros” (Oliveira & Albuquerque, 2011, p.110).

Essa identidade volátil, que dificulta uma conceituação unívoca e permite que a hibridez emergja (Oliveira & Albuquerque, 2011) parece mais adequada às finalidades desta pesquisa e ao caráter do próprio YouTube enquanto comunidade de vídeos online que têm permitido a (re)construção tanto profissional quanto amadora de vídeos em vários formatos consolidados, como o *Vlog*, o *Screencast*, o *Podcast*, o *Review*, o *Ranking*, *React*, *Unboxing*, *Gameplay* etc. (Coruja, 2017). Essas especificidades que compõem as dimensões visuais e orientam a produção de conteúdo no YouTube e vêm sendo exploradas em estudos sobre grupos terraplanistas (Paolillo, 2018; Mohammed, 2019) foram mais enfatizadas durante a análise de aspectos visuais e imagéticos.

---

<sup>68</sup> É evidente que isso não compromete nossa análise, pois ao priorizar vídeos com boa qualidade de som e imagem/visual, acabamos por selecionar aqueles que se enquadram como material audiovisual. Nossa ressalva aqui tem o intuito apenas de reconhecer que um vídeo no YouTube pode ser menos que áudio+visual; e menos ou mais que imagens em movimento.

## Resultados

A seguir, apresentaremos nossos resultados em três partes. Na primeira, descreveremos os resultados da Análise de Materialidade Audiovisual (AMA), abordando aspectos ligados à produção, ao gênero, às promessas e à circulação dos vídeos do *corpus* analisado (Tabela 4). O próximo tópico, por sua vez, apresentará os resultados dos procedimentos analíticos de codificação aberta, axial e seletiva. Durante a codificação axial, deve-se adotar um paradigma que “não é nada além de uma *perspectiva* assumida em relação aos dados, outro ponto de vista analítico que ajuda a reunir e a ordenar os dados sistematicamente” (Strauss & Corbin, 2008, p. 128, grifo nosso). Uma vez que nosso estudo abraça um paradigma teórico que nos permite levantar questões sobre a perspectiva terraplanista, optamos por mantê-la para uma maior clareza na introdução dos resultados. Isso significa que o segundo tópico manterá como categoria central aquela que organiza todas as outras categorias segundo a perspectiva terraplanista, para, então, no terceiro e último tópico, apresentarmos nosso ponto de vista analítico sobre os mesmos dados, dessa vez, apoiados no paradigma que os norteia e os integra no “esquema lógico, sistemático e explanatório” que visamos<sup>69</sup> (Strauss & Corbin, 2008, p. 34).

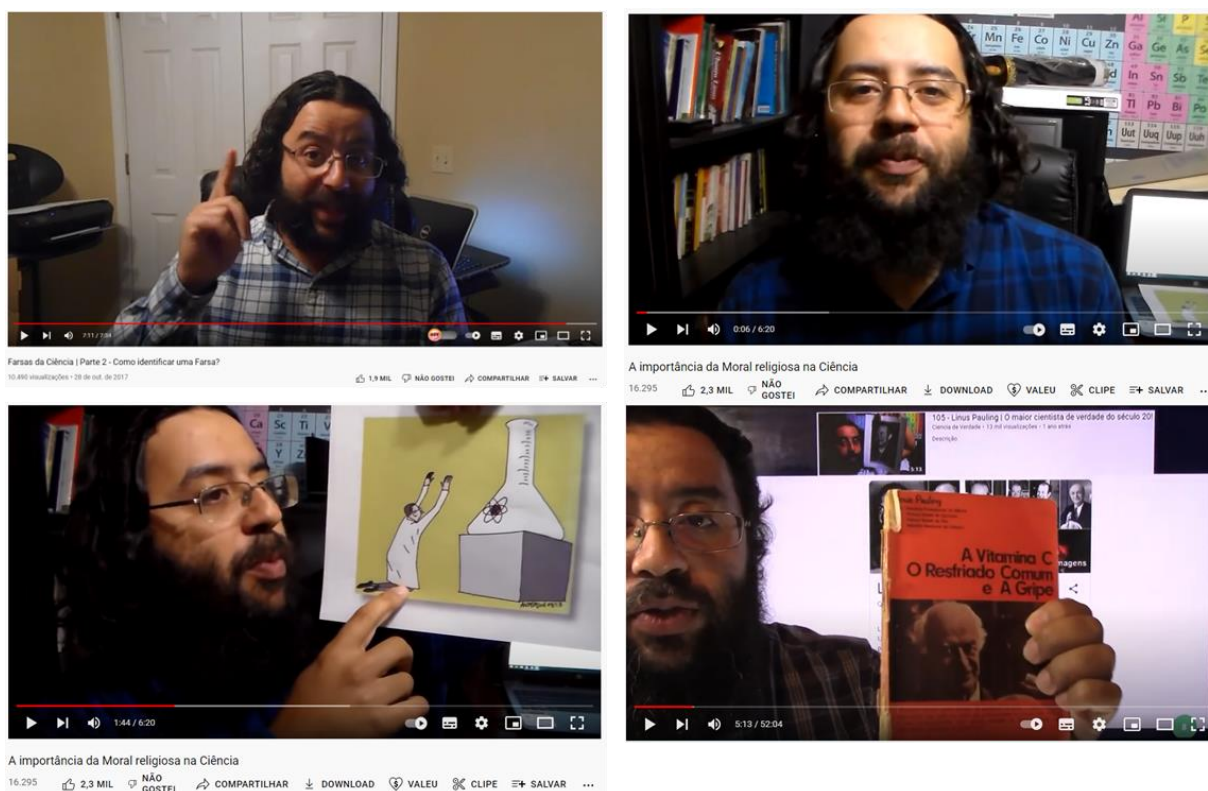
### Produção da rede terraplanista: aspectos audiovisuais

Dos 44 vídeos que formaram nosso *corpus* analítico, 55% (24 vídeos) pertenciam ao gênero *Vlog*. O segundo e o terceiro gênero audiovisual mais frequentes foram respectivamente *Screencast* – (27% = 12) e *Live* (14% = 6). O canal Ciência de Verdade foi aquele que mais produziu *Vlogs*. Todos os cinco vídeos analisados tinham esse formato e parecem se articular com a proposta do canal – “melhorar um pouco a imagem da Ciência” que “muitos loucos estão prejudicando [...] tornando a ‘ciência’ em algo que vai contra tudo o que o ser humano acredita e idealiza”, isto é, uma ciência sem “coragem, humildade e determinação”, que é feita por um “pesquisador arrogante”, “fraco” e sem “determinação verdadeira”. Para isso, ele costuma gravar vídeos em três cenários distintos que sugerem ambiente doméstico, ora com uma porta dupla ao fundo (V1p e V2p), ora com uma estante de livros ao lado, uma tabela periódica atrás de sua poltrona, livros e um notebook do outro lado (V12). Há também um cenário contendo um monitor (V22 e V34), no qual slides e imagens

---

<sup>69</sup> Como se verá, essa manobra representa mais uma estratégia de introdução aos resultados do que uma duplicidade na categoria central inferida durante a codificação seletiva.

são exibidos. Apesar de poupar tempo de edição, sobrepondo imagens à faixa de vídeo em softwares de edição, esse não parece ser o único motivo para usar o recurso. Afonso é tratado como “0:11 professor”<sup>70</sup> (Jose Marcio – V33). Aparecer ao lado de um monitor, buscando interagir com o público – “Alguém 2:50 tem dúvida? Hã?” (V22) – parece reforçar essa imagem. Em geral, seus vídeos têm pouca edição. Dos cinco vídeos analisados, nenhum possuía vinheta. Afonso apenas diz “00:02 Olá a todos” (V34) e, ao final, agradece e se despede. Dentre os recursos usados nesses vídeos, Afonso costuma mostrar livros como a Bíblia, livros de conspiração e de cientistas famosos, além de imagens impressas. Há vídeos divididos em partes com a promessa de “falar um pouquinho sobre fraudes 0:10 na ciência” (V1p) e demonstrar como se “identifica 0:16 uma farsa” (V2p). Outros dois vídeos prometem respectivamente, “fazer uma reflexão 0:09 sobre o código moral dos cientistas” (V12) e provar “que o 0:11 Einstein tava errado!” (V22).



**Figura 6.** Canal Ciência de Verdade

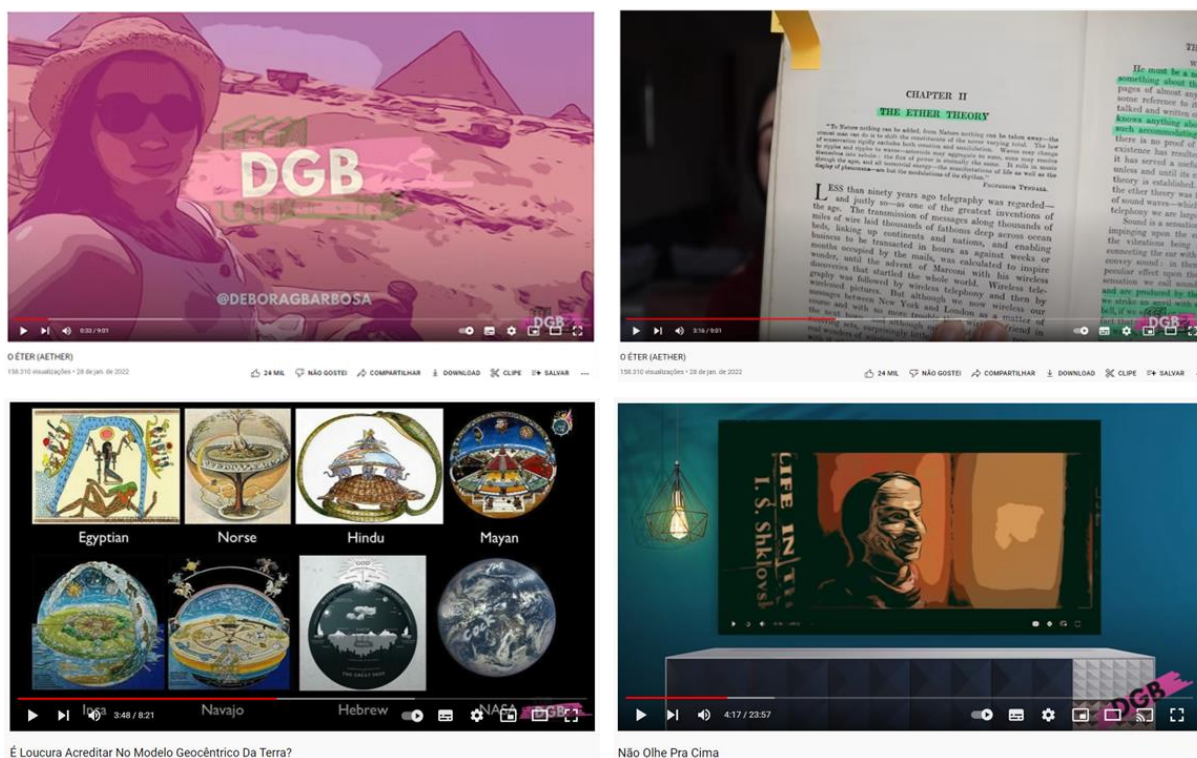
O quinto vídeo faz parte da “00:02 semana especial de entendimento dos bolistas e do culto à bola 00:10” (V34), ou seja, é uma tentativa de “entender a mente deles [bolistas] e ver quais são os obstáculos que eles encontram” (V34). Para isso, ele discute um conselho de Henry Bugalho com o objetivo de tentarem publicar suas ideias numa revista científica com

<sup>70</sup> Todos os trechos de falas extraídos dos vídeos serão mantidos apenas entre aspas acompanhados da minutagem feita pela transcrição oferecida pelo próprio YouTube.

revisão por pares. Afonso seleciona exemplos de cientistas que o fizeram e tiveram suas carreiras arruinadas, sendo chamados de “charlatão”, “farsante”, “curandeiro”, como: Linus Pauling (“falou que” Vitamina C “tinha um poder anticâncer”), Weston Price, cujo livro “sobre o canal dentário” é considerado “pseudociência” – inclusive, Afonso admite segui-lo: “eu tô rancando os dentes com canal” – Gilberto Chierice (“o cara que inventou a pílula pra curar o câncer”), Andrew Wakefield (associou vacina contra sarampo, caxumba e rubéola com autismo) e Judy Anne Mikovits (também associou o “autismo” com “vacinas”).

Na descrição dos vídeos, costuma haver links externos dirigidos àqueles que têm “interesse em assuntos especulativos sobre o formato da Terra e outros temas polêmicos”, “interesse em conhecer a área de Membros de Cursos”, bem como “cupons de desconto” para “cursos individuais do canal”. Afonso explica que, em um dos links, para o Patreon, há “vídeos exclusivos” contendo “23:24 ideias especulativas” sobre as quais ele se sente “mais confortável” em comunicar por lá do que no YouTube, sem o risco de ter seu canal apagado (V34). No YouTube, ele afirma tomar “22:52 muito cuidado com questão de vacina” para preservar seu canal. Não obstante, quando se trata da “ciência moderna”, em geral, seu tom é de escárnio.

Assim como no canal anterior, dos quatro vídeos analisados do canal Débora G. Barbosa, três eram *Vlogs*. Na descrição de todos os vídeos, havia links externos direcionados aos seus produtos, estudos e conteúdos sobre “História escondida da humanidade”. Além de comercializar cursos, essas outras plataformas ajudam a youtuber a gerenciar conteúdos contrários às políticas adotadas pelo YouTube. Débora inicia seus vídeos com uma vinheta, cujo efeito visual converte as imagens turísticas da youtuber em desenho enquanto as iniciais de seu nome (DGB) aparecem acima de seu usuário @deboragbarbosa. As mesmas iniciais são também a marca d’água de seu canal, aparecendo acima de quatro livros. Esses aspectos parecem condizentes com a proposta implícita em seu canal, que se debruça sobre assuntos turísticos e geopolíticos. A própria autora informa ter cursado “administração na Inglaterra com graduação sanduíche na Alemanha” e ter obtido mestrado em “Moscou”. Três vídeos parecem ter sido gravados em ambiente doméstico (V3, V23 e V35), possivelmente numa sala, enquanto um dos vídeos (V13) mescla elementos de *screencast* e documentário.



**Figura 7.** Canal Débora G. Barbosa

Nos *Vlogs*, após a vinheta, a autora cumprimenta seu público – “0:38 Bom dia, pessoal! Bem-vindos a mais um 0:41 vídeo” – e ao final, despede-se desejando a todos “um 8:58 ótimo dia e até a próxima!”. As promessas costumam ser comunicadas através de perguntas: “O que é o éter e qual o propósito ele 0:24 serve no modelo do universo geocêntrico 0:26 eletromagnético?” (V3); “0:00 É loucura acreditar na Terra plana? Bom, 0:03 vamos levantar essa questão no vídeo de 0:05 hoje” (V23). Já nas análises filmicas (V35) e nos vídeos com estilo documentarista (V13), a promessa aparece implícita. O vídeo V13, por exemplo, promete mostrar o que as escolas não ensinaram sobre cientistas famosos. Para isso, apresenta imagens acompanhadas de uma narração sobre aspectos biográficos que sugerem o envolvimento de Pitágoras, Newton, Franklin e Einstein com sociedades secretas e práticas ocultistas.

O restante dos vídeos utiliza recursos semelhantes, como livros, artigos, mapas e modelos terrestres antigos. Somente no vídeo no qual Débora analisa o filme de Adam McKay, “Não Olhe para Cima” (2021), é utilizado filtro de desenho para distorcer as cenas. Juntamente com a linguagem mais contida, essa estratégia dribla a política do YouTube em relação a direitos autorais e temas sensíveis. Nesses casos, a autora armazena o material que poderia ser excluído pelo YouTube em outra plataforma: “eu já 0:15 tenho todo ali um repertório cheio de 0:18 análises de filmes e seriados, aonde eu 0:20 faço análises muito mais



extensas [...], porque aqui no 0:24 YouTube eu não consigo falar tudo 0:25 abertamente” (V35).

No canal Verdade Oculta, todos os quatro vídeos incluídos eram *Vlogs*, porém o Irmão Rubens mescla o gênero com outros. O conteúdo de todos os vídeos analisados aqui é constituído de comentários que Rubens tece sobre notícias, o que os aproxima também do *react*. Enquanto as notícias aparecem do lado esquerdo da tela, Rubens fica sentado numa poltrona na parte inferior direita, exibindo sua imagem por *facecam* com efeito *Chroma Key* para remover o fundo atrás de si. Abaixo de sua imagem, costuma haver o pedido para fazer “uma boa ação”. A descrição dos vídeos contém links externos pedindo inscrições, divulgando seu site, *Whatsapp* e canais de doação (“boa ação”) no *Pagae*, *Picpay*, *Paypal* e Mercado Pago. Durante os vídeos, Rubens também interage com inscritos que lhe enviam perguntas pelo *facebook* ou doações. Já a promessa dos vídeos parece sofrer poucas variações, estando fortemente ligada à proposta do canal de trazer “Vídeos diários mostrando passo a passo a agenda global implementada pelos Senhores do Mundo no objetivo de impor a Nova Ordem Mundial”. Para tanto, ele reinterpreta e analisa notícias atuais sob essa “ótica”, tentando mostrar quais intenções estariam por trás das matérias. Nos quatro vídeos, ele tenta mostrar, em tom provocativo e, às vezes, hostil, o que está por trás do alerta de 15 mil cientistas sobre o “aquecimento global” (V4), sobre o “fim do Sol” (V14), sobre a proposição de “nova teoria sobre a formação da Terra” (V24) e a advertência de Bill Gates sobre o risco de uma “nova epidemia” (V36).

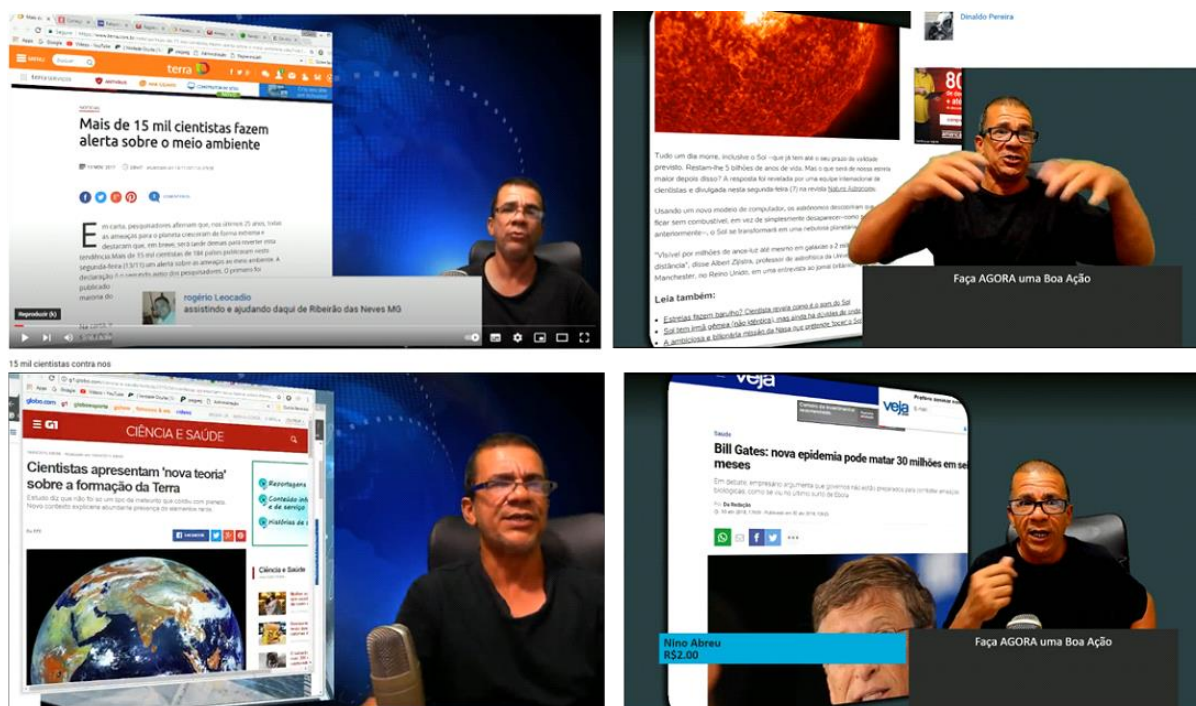
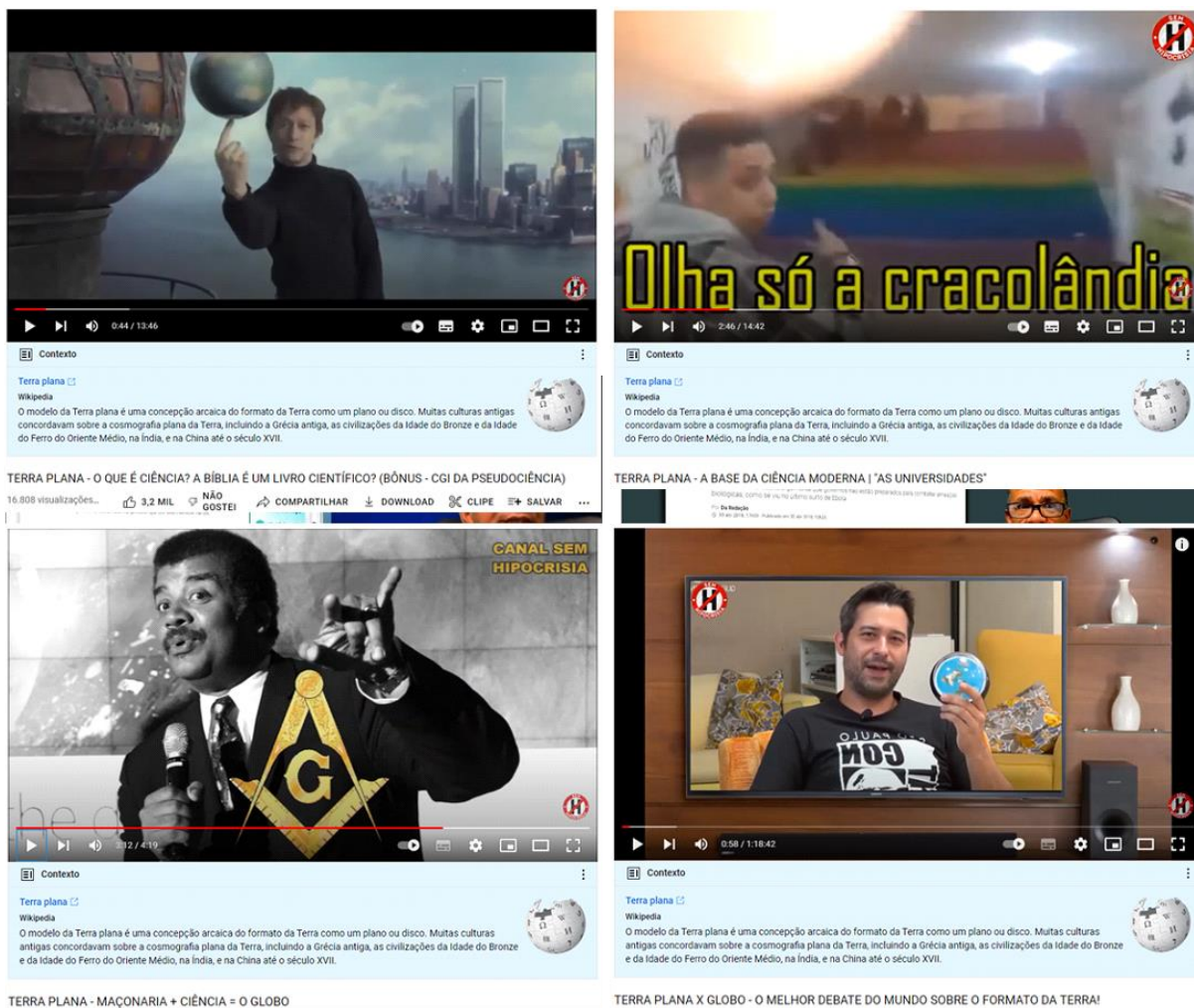


Figura 8. Canal verdadeoculta

No próximo canal analisado, Sem Hipocrisia, à exceção do vídeo de entrevista que Marthins dá ao programa “Quem somos nós?” de Celso Loducca, os vídeos analisados eram *vlogs* (V5 e V15) ou *screencast* (V25). Seus vídeos se iniciam com uma vinheta na qual um homem tira um globo terrestre de uma cartola e o faz girar até que ele fique plano. Sobre o disco plano, aparece o slogan de seu canal (também é a marca d’água do canal) e um aviso de inscrição. Após a vinheta, uma propaganda costuma aparecer: “0:00 Quer saber como a ciência verdadeira funciona? 0:22 Procure pelo livro ‘O universo que não 0:26 te apresentaram’, link na descrição” (V15). Na descrição, além de procedimentos para adquirir o produto, aparecem livros sobre “astronomia zetética” – incluindo obras de um de seus precursores, William Carpenter, links para vídeos relacionados, cursos de outros canais, como Débora G. Barbosa, e links para compras de ingressos para FlatCon (V5). Os vídeos terminam com a afirmativa “PENSE!” acima do pedido de inscrição.

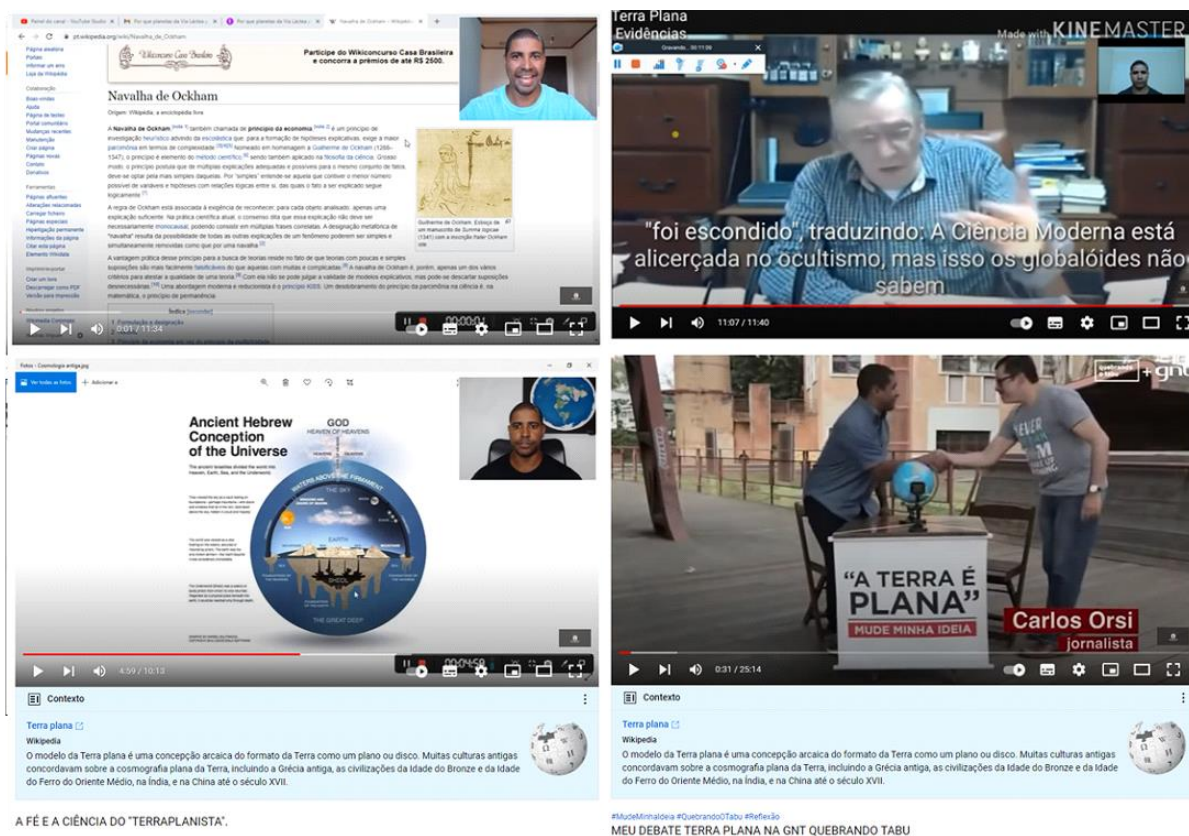
Em relação à promessa dos vídeos, o primeiro deles (V5) responde a “uma pergunta que” Marthins afirma receber “corriqueiramente”: “A bíblia agora é um livro de 1:05 ciências?”. Para responder à pergunta, são mobilizadas imagens, esquemas, modelos terrestres antigos, versículos bíblicos e trechos de um documentário sobre a “ciência filosófica” da NASA, que se baseia em “imagens 5:44 geradas por computador” (V5). O segundo vídeo (V15) promete mostrar a base da ciência moderna – as universidades. Para isso, ele usa um vídeo de Gabriel Monteiro, do Movimento Brasil Livre (MBL), que, para Marthins, “retrata bem a ‘qualidade’ da ‘ciência’”. No vídeo, Gabriel está supostamente visitando um setor da Universidade Federal Fluminense (UFF), mostrando o estado “degradante” das instalações cobertas de pichações, com “alunos” consumindo bebidas alcoólicas e outras drogas. Gabriel compara o “prédio” a “uma cracolândia”. O terceiro vídeo mescla elementos do *screencast* e do documentário, mas não possui narração, apenas texto e trilha sonora. Sua promessa é semelhante ao V13 de Débora, pois discorre sobre a “verdade oculta e a ciência”. Assim, Marthins tenta mostrar como Pitágoras, Copérnico, Newton, Galileu, Kepler, Giordano Bruno, Cavendish, Einstein, Darwin, Carl Sagan e DeGrasse Tyson eram maçons e trabalharam para promover o ateísmo e o “globo”. O último vídeo traz a entrevista dada para a série sobre “como pensam as pessoas que andam contra o 1:15 consenso científico, ou seja, na contramão do consenso científico” (V37) e, portanto, foi apenas compartilhado no canal de Marthins.





**Figura 9.** Canal Sem Hipocrisia

Em relação aos vídeos do canal IN – Inteligência Natural, dois são *vlogs*, um é *screencast* e outro é um debate promovido pelo “Quebrando o Tabu”, da GNT. O formato utilizado por Leandro se assemelha àquele usado por Rubens, porém os temas de seus vídeos não se resumem a *reacts* e comentários de notícias científicas. A *facecam* com seu rosto aparece na parte superior direita do vídeo e, atrás de sua cadeira, há um mapa da Terra plana. Enquanto Leandro fala, a tela de seu computador é gravada exibindo imagens que ilustram suas afirmações. Em vez de uma vinheta, seus vídeos sempre começam com o bordão “0:00 Falaaa, galera, beleza?! Leandro de volta 0:05 com a Inteligência Natural”. Na descrição, aparece seu e-mail de contato e links para *Twitter* e *Instagram* com pedido de inscrição e compartilhamento dos vídeos. Há também links com camisetas e canecas do canal.



**Figura 10.** Canal IN – Inteligência Natural

No primeiro vídeo, a promessa é “falar 0:18 um pouquinho sobre a Navalha de Ockham” (V6). Nesse sentido, Leandro procura argumentar que o princípio é mais compatível com a Terra plana do que com a Terra esférica. No segundo vídeo, ele reage a um vídeo produzido por seu amigo “Alê do canal Terra plana 0:48 Evidências” (V16) e aproveita para pedir a inscrição de seu público em outros canais terraplanistas nominalmente citados. Ao final, um *feat* de Olavo de Carvalho é apresentado para reforçar a mensagem do vídeo de Alê, segundo a qual toda a ciência moderna está calcada em “esoterismo” e “ocultismo”. Em geral, o formato do vídeo é semelhante a outros que propalaram essa mesma ideia (V13, V25).

O próximo vídeo, por sua vez, trata da “fé dos terraplanistas” (V26). Para isso, Leandro tenta separar as circunstâncias nas quais terraplanistas creem daquelas sobre as quais eles têm certeza. Por fim, o último vídeo (V38) pertence ao programa “Mude Minha Ideia” e “Quebrando o Tabu” da GNT. Na rua, Leandro se senta numa mesa com uma placa, apresentando sua crença e um pedido para mudá-la. Ele conversa com um físico (Daniel), um jornalista (Carlos) e dois geólogos (Adriana e Caio), e as conversas são intercaladas com as opiniões de transeuntes.

No Canal O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências, o formato predominante dos vídeos foi o *screencast*, e a maioria deles (5) traz apenas a gravação da tela do computador

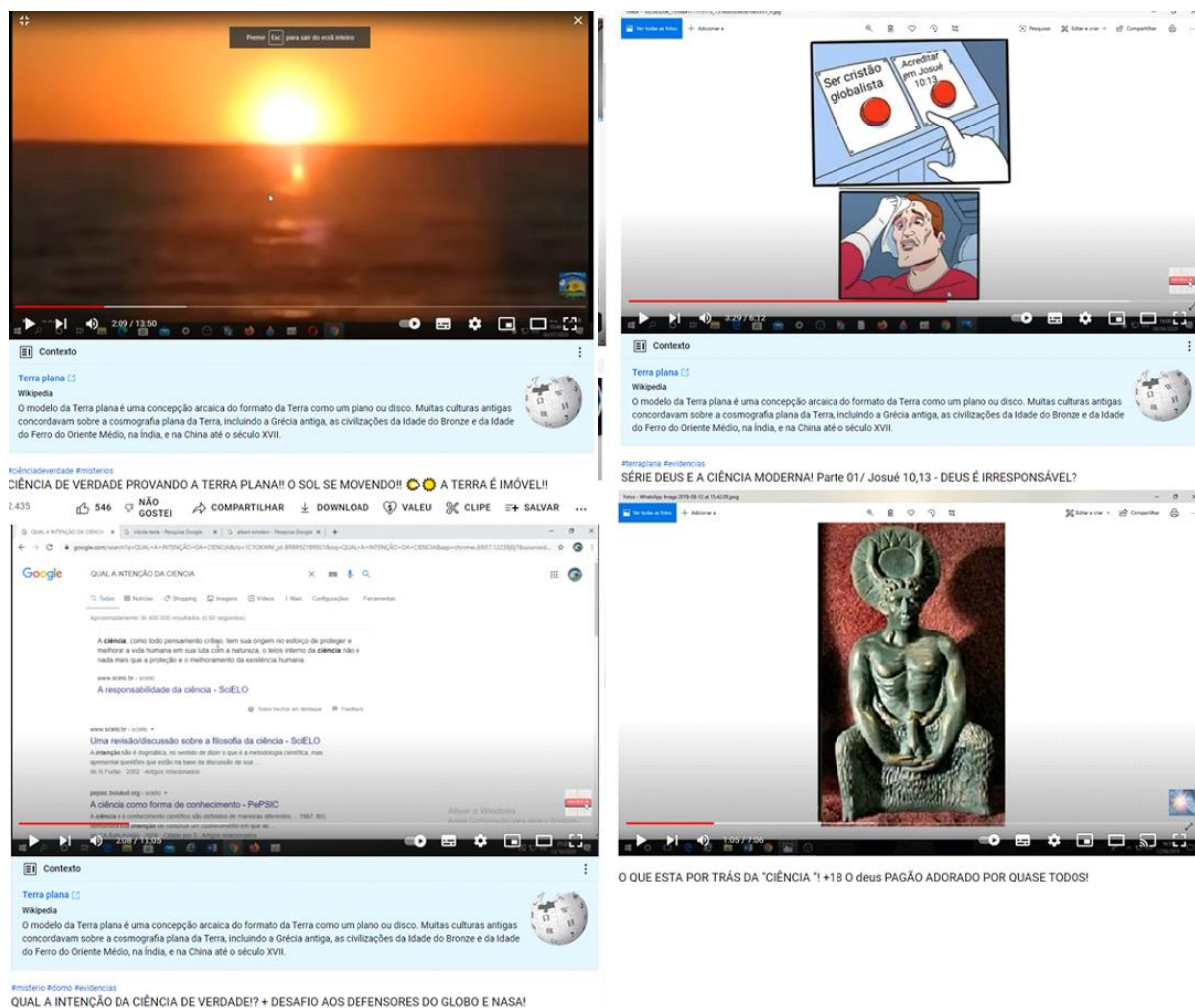
acompanhada da narração de Alê. Em geral, o tom e a linguagem adotados nos vídeos apelam para o deboche, *shaming*, *trolling* e a hostilização, sobretudo de cientistas e instituições científicas. Não há uma vinheta, Alê apenas dá as boas-vindas ao seu público. Na abertura das *lives*, cumprimenta nominalmente os participantes e condecora os primeiros a chegar com medalhas de ouro, prata e bronze. Na descrição de seus vídeos, ele pede inscrições, divulga seu canal e grupo no *Telegram*, e publica o link de outros canais sobre Terra Plana. Em dois vídeos (V7 e V17), ele insere a mesma descrição do canal Ciência de Verdade.

O vídeo V7 promete “mostrar dois experimentos 0:10 científicos provando que, na verdade, é o 0:15 Sol que se move e não a Terra”. Para isso, Alê apresenta diversos vídeos com observações do pôr do Sol, com o Sol sumindo acima do horizonte, e experimentos com *lasers* e lanternas. Depois, compara a Terra esférica com planetas desproporcionais de desenhos animados. Já no vídeo V17, Alê tenta responder “2:02 O que é a ciência? Qual a intenção da 2:06 ciência?”, usa definições encontradas no *Google Search* e como exemplo de cientista de verdade, ele apresenta imagens de Nikola Tesla, de cientista falso, exibe Einstein. O vídeo encerra com uma encenação de Tiago 1:19-27 sobre ser “cumpridor da palavra”. Os próximos dois vídeos (V27p e V28p) fazem parte da série “Deus e a Ciência moderna”. A promessa de ambos é “0:14 abordar versículo por versículo que 0:18 trata do formato da Terra” (V27p). Alê também convida seu público a “interpretar”, de forma literal, os versículos que apresenta. No segundo vídeo, além de versículos, é apresentado um diálogo entre Neo e o arquiteto sobre a Matrix, extraído do filme de Lilly Wachowski e Lana Wachowski, *Matrix Reloaded* (2003).

Já o vídeo seguinte consiste numa *Live* (V39). Trata-se de um “debate” entre Alê e Eduardo do canal Sistemático, um ex-terraplanista. Em vários momentos, seu “interlocutor” se queixa do formato adotado por Alê, que só permite que Eduardo faça perguntas caso ele responda às suas: “Alê: – Assim, se tu responder essa 19:27 próxima aqui, porque essa aí tu não conseguiu responder, né. Eduardo: – Ah, então, se eu não responder 19:33 nenhuma, eu não vou fazer nenhuma pergunta?! Vai ser isso?!”. Alê elabora perguntas com base em matérias jornalísticas com descobertas da NASA que supostamente inviabilizam e contradizem o pouso do homem na Lua, mas Eduardo, sem ter lido antes e sem tempo para estudar as matérias ao vivo, indaga com surpresa: “você tá usando uma informação da NASA e tá querendo 35:00 combater a própria NASA?!”. Em suma, não acontece um “debate” e Alê se dirige a seu “interlocutor” com o mesmo sarcasmo e risos que usa nos outros vídeos.

Quanto ao último vídeo (V44), a promessa é mostrar o que está por trás da “ciência”, especialmente do heliocentrismo. Antes de mostrar a “figura horrenda”, porém, Alê pede ao

público que “não deixe criança assistir”. Em nosso *corpus*, é esse vídeo que esclarece a ligação feita pelos terraplanistas entre o paganismo e o heliocentrismo.



**Figura 11.** Canal O Evidencialista Canal Terra Plana Evidências

Assim como os vídeos de Alê, três dos vídeos analisados do canal Verdade Revelada eram *screencasts*, e somente um era *live*. A predominância desse gênero parece estar de acordo com a proposta de seu canal em mesclar profecias bíblicas com eventos da atualidade. Via de regra, é o que Neemias faz nos vídeos V8 e V40, comentando notícias exibidas na tela com sua voz ao fundo. Ele começa e encerra esses e outros vídeos com uma saudação hebraica – “0:00 Shalom, meus irmãos”. Na descrição desses vídeos, costuma haver uma síntese do que está sendo tratado e links externos para seu outro canal (Neemias Gomes - FORA DO SISTEMA!), além de parcerias no Apoia-se e Patreon.

No vídeo V8, Neemias critica o tratamento que a mídia e o presidente estadunidense Joe Biden deram à ciência durante a pandemia do Coronavírus: “Eles 0:42 estão tratando a ciência como uma deusa”. Ele ainda rechaça as vacinas, afirmando que “esse problema 3:02 biológico [pandemia do Coronavírus] é permanente” e “ser 3:07 marcado pela besta [ser



vacinado], não vai resolver o 3:10 problema”. No vídeo seguinte, uma proposta semelhante aos vídeos V13 e V25 é apresentada. Mas, dessa vez, além de tentar mostrar como a Maçonaria e a Cabala influenciaram a “ciência”, o vídeo sugere que esse vínculo com o ocultismo e o paganismo faz parte de um plano de Satanás “0:21 para obter o controle total de volta” e “1:53 se demonstrar, diante do mundo, um ser 1:55 supremo e digno da adoração da humanidade”. No terceiro vídeo, Neemias utiliza a *live* para “aprender 0:10 as escrituras da maneira que o Criador a fez”, enquanto sua esposa Jemima cuida da moderação do *chat*. Trata-se da quarta parte de um estudo iniciado em outros vídeos, no qual o youtuber promete “discutir [...] e estudar a 1:28 fundo dentro das escrituras, a ciência hebraica”. Aqui ele adota um tom pastoral e responde 10 questões cosmológicas – apresentadas em slides – através de salmos e versículos bíblicos com ênfase na ciência hebraica de “Yahuh” (proposta de tradução hebraica do nome de Deus). Tal como o primeiro, o último vídeo (V40) reage à uma notícia da instauração do Dia Internacional da Fraternidade Humana pela ONU. Para Neemias, a data esconde o interesse em instaurar a NOM por meio da criação de uma nova “Babilônia” ou “torre de 6:23 babel”, juntando todas as religiões e promovendo uma “prostituição 5:25 espiritual”.

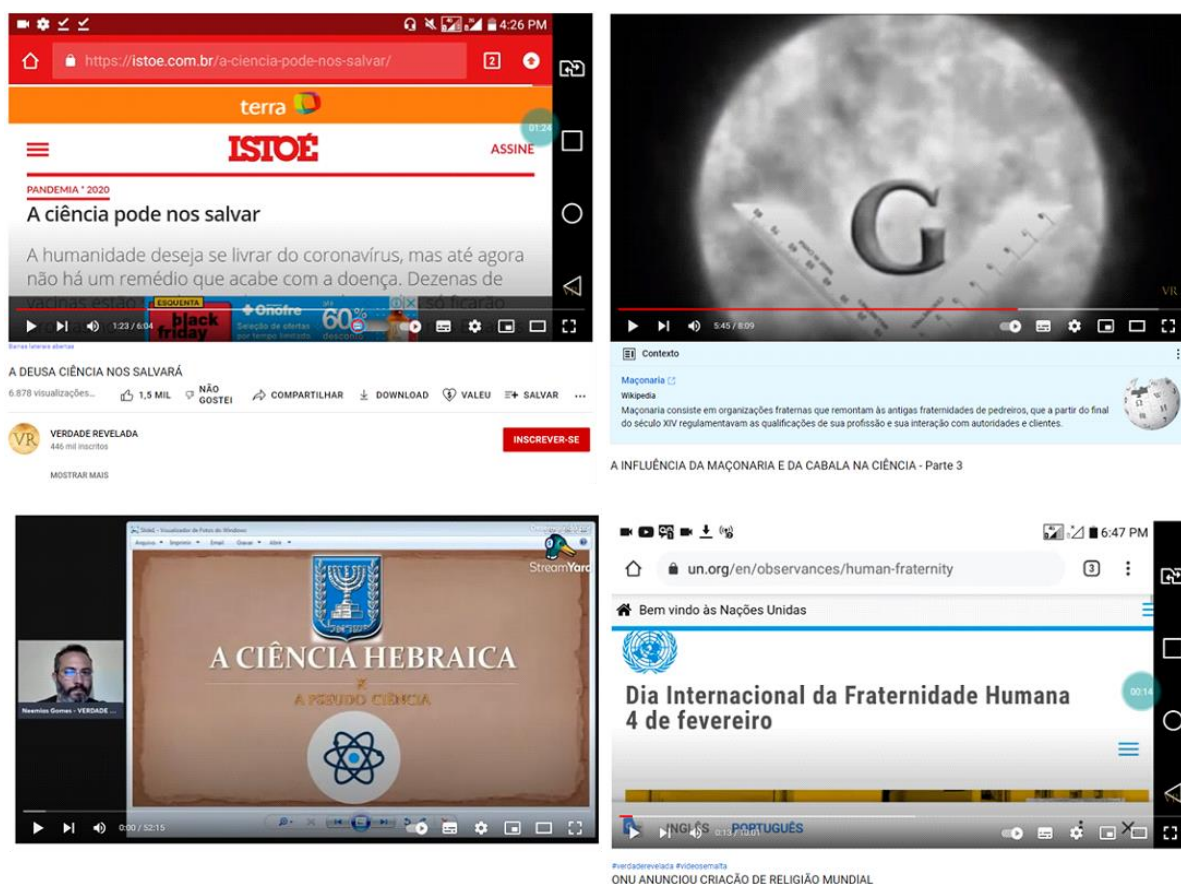


Figura 12. Canal Verdade Revelada

Assim como Neemias, no Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História, Edson adota um tom pastoral. Ele próprio revela que “era o Pastor Edson da 47:40 Igreja da Graça” que “enchia a Igreja” e ajudou a “abrir muitas Igrejas [...] 47:22 na zona oeste do Rio de Janeiro”, pois “gostava de 48:02 cantar, gostava de pregar alto, tipo assim um, Silas Malafaia” (V19). Sua proposta no YouTube, no entanto, parece distinta. Edson admite ter enganado várias pessoas dentro “desse sistema religioso”: “eu usava Jesus no palco, mas nos bastidores, eu era 49:42 o próprio diabo” (V19). Agora, em seu “32:49 oitavo ou nono canal” (V41), Edson fala de “Yahuh” e “Yahushua” (Jesus) e critica a Igreja – referida como “Templo de pedra” (V9) –, os “judaizados” e os “terrabilistas” (V30).

O gênero predominante, em seus vídeos, é a *live*, estilo favorável para se pregar à “nação” – termo com o qual se refere ao seu público. Antes de aparecer, músicas e vídeos de pessoas sorrindo, dançando e realizando alguma atividade, são apresentados simultaneamente aos dados bancários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Na descrição, os mesmos dados aparecem juntamente com a conta do Nubank para “ofertas”. Ainda assim, Edson faz questão de destacar que não recebe “dízimo”, e sim “ofertas”. Prestes a começar, uma narração diz: “Aqui você tem informação, notícia, fatos que vão mudar a sua vida e toda a sua maneira de enxergar as coisas que foram ocultadas de nós”. Quando abre a *live*, Edson dedica vários minutos saudando nominalmente as pessoas que chegam. Assim que começa a falar, são acionadas três tomadas de câmera, uma frontal, uma lateral direita e outra esquerda, além de zoom em seu rosto. Ao término, Edson se despede da “nação” e finaliza a *live* com um boneco de ventríloquo chamado “Igrejildo”, que reforça o pedido de inscrição, likes e comentários. Não raro, Edson aparece cantando alguma canção, acompanhado de seu teclado.

No primeiro vídeo (V9), Edson promete “falar sobre a Grécia”, “magia” e “Halloween”. Ele conta com a participação de Felipe, que possui um canal de games e precisava de, pelo menos, “mil” inscritos para conseguir uma melhor colocação na plataforma de vídeos. Durante a *live*, Edson argumenta que a ciência já existia na Bíblia, mas era vista como “magia”, pois não estava “na mão do povo”. Juntamente com Felipe, distinções são feitas entre “magia”, “poder”, “truque” e “bruxaria”. No vídeo seguinte (V19), a promessa é mostrar que “a ciência não é do mal, pelo contrário, a ciência tá na Bíblia”. Para isso, Edson apresenta e interpreta versículos, salmos e passagens bíblicas que contêm a palavra “ciência”. Já no vídeo V30, Edson propõe “falar [...] sobre um desafio aos [...] terrabilistas [...] 14:19 pra eles nos apresentar como se aplica o fuso horário na Terra bola”. No decorrer da *live*, ele cobra experimentos e critica a “desculpa” dos “terrabilistas” ao afirmarem que as “pessoas não vão entender, porque é muito complexo”. Finalmente, no vídeo V41, Edson busca

evidenciar a má interpretação de Apocalipse 12, usando um comentário deixado em um de seus vídeos. O comentário sugeria que a Terra não deveria ser plana, já que Apocalipse 12 descreve uma “mulher” que tinha a “Lua debaixo dos seus pés”. Edson compara essa manobra interpretativa com a tendência do “sistema religioso” e dos “judaizados” de tornarem as coisas “complexas” propositalmente para que as pessoas não as entendam e eles se tornem “os 5:30 mestres das coisas complexas”.

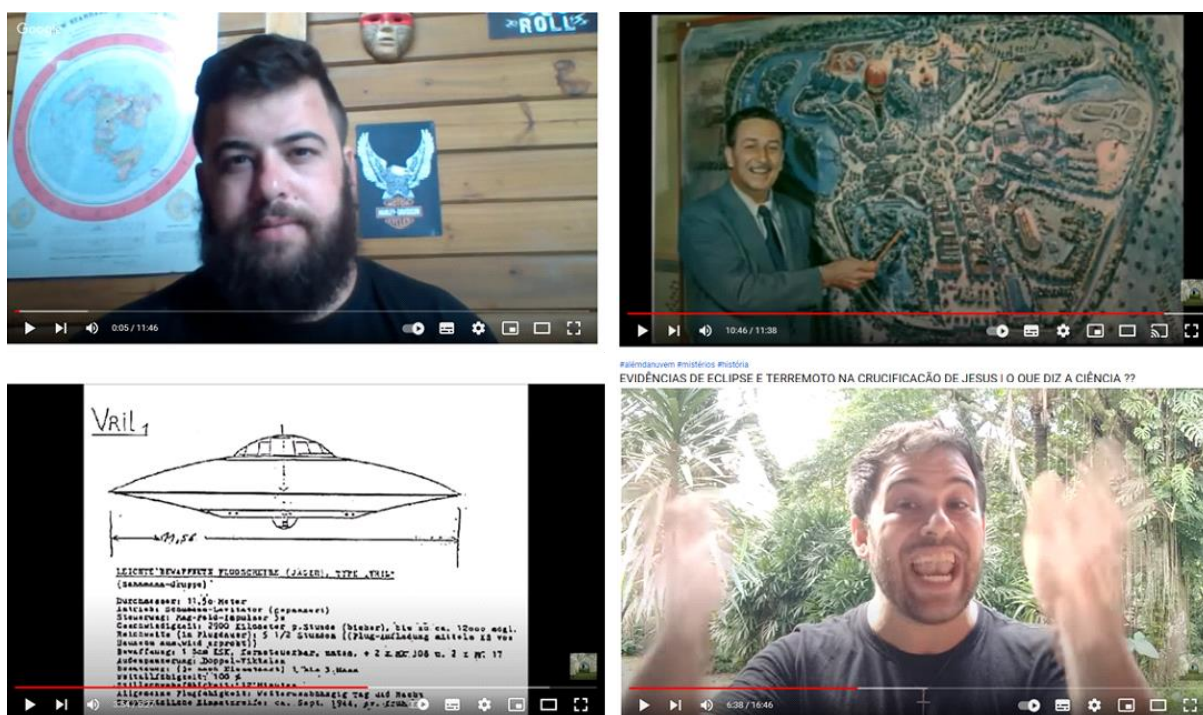


**Figura 13.** Canal Últimos Dias - Prof. Edson Silva História

Os próximos vídeos analisados foram recuperados do canal Além da Nuvem. Embora Márcio Pichel costume começar seus vídeos no formato *Vlog*, introduzindo o assunto a ser tratado, o youtuber geralmente insere elementos de *screencast*, apresentando diversas imagens ilustrativas com sua narração ao fundo. Os vídeos que analisamos foram gravados pelo *hangouts*. Desde o vídeo mais antigo analisado (V32p – 2017), o cenário no qual Márcio os grava varia entre uma parede de madeira com um mapa da Terra plana, máscaras tribais e pôsteres fixados na parede (V10); um grande microfone em primeiro plano, miniaturas de cavaleiros, dois candelabros medievais e um papel de parede de pedra (V20); uma estante com livros, uma máscara tribal na parede e um microfone na parte inferior direita (V31p). Somente no vídeo V42, Márcio aparece numa área externa com vegetação. Na descrição de seus vídeos, Márcio disponibiliza links para seus cursos oferecidos no Instituto Licentia. No vídeo V10, Márcio comenta a notícia de que “mil cientistas 0:14 assinaram um documento contestando a 0:18 Teoria da evolução de Charles Darwin”, o que “confirma” o que ele vinha

“falando há 0:10 muito tempo”. Segundo Márcio, aqueles que defendem “6:02 as teorias mais diferentes [...] dentro do meio 6:08 acadêmico são boicotados”. A notícia escolhida na busca através do *Google Search* pertencia ao site Opinião Crítica e era uma adaptação do site Evolution News – comprometido com o *Design* Inteligente. Já no vídeo V20, a promessa é apresentar o que a “0:53 ciência fala a respeito” do “terremoto” e “possível Eclipse” na “crucificação de Jesus”. Para investigar a questão, o youtuber cita quatro artigos: *Dating the Crucifixion (Nature)*; *Historical earthquakes in Jerusalem – A methodological discussion (Journal of Seismology)*; *Earthquakes in Israel and Adjacent Areas: Macroseismic Observations since 100 B.C.E (Israel Journal Exploration)*; e *An early first-century earthquake in the Dead Sea (International Geology Review)*. Ele também menciona obras do escritor grego Flégon de Trales, do historiador Thallus e de Paul Maier.

Além de usar essas referências para sustentar os eventos ocorridos na crucificação de Cristo, Márcio apresenta mapas medievais que tinham Jerusalém no centro. Comparando os mapas com uma fotografia do mapa da Disneylândia, com Walt Disney apontando para algum local, Márcio sugere que o famoso produtor estaria apontando para “Roma”.



**Figura 14.** Canal Além da Nuvem

No vídeo V31p, Márcio adota o jargão da física do século XX para oferecer “uma “cosmovoisão restaurada sob a 0:09 ótica quântica”. São mencionados artigos e experimentos sobre o Éter, cujo abandono pela física moderna em favor de outras teorias é associado com uma conspiração para escondê-lo. Em vários momentos, Márcio aproveita para divulgar seu

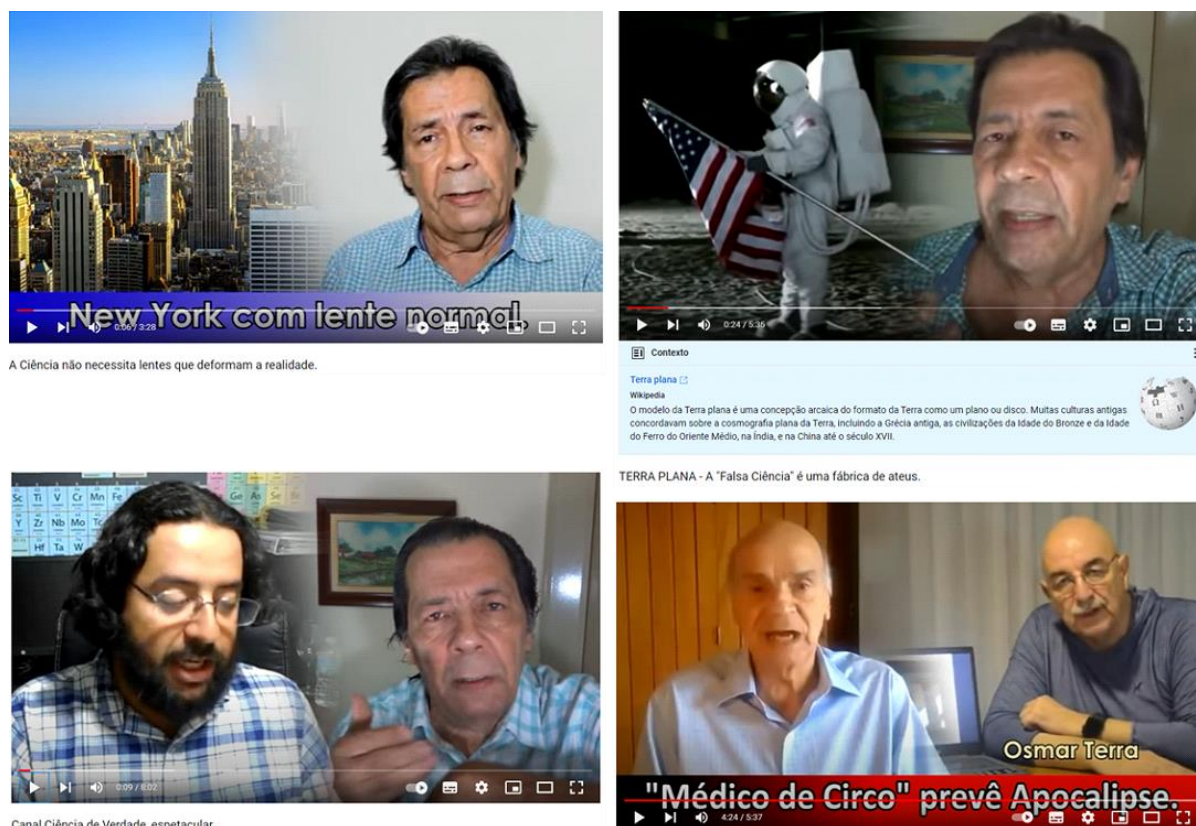


curso em promoção, “21:29 cosmovisão restaurada sob a ótica 21:31 quântica”, com o fito de “destravar” a “cosmovisão” do público para que ele comece “a enxergar o que 5:11 está fora de você a partir de uma 5:15 reestruturação do que está dentro”. É, entretanto, no vídeo V32p que Márcio pretende “mostrar [...]0:12 por que eles escondem o éter”. Utilizando-se de esboços de protótipos de discos voadores, Márcio sugere que Nikola Tesla criou modelos que não foram “bem aceito[s] pela comunidade 3:19 científica e nem pelo Governo dos 3:22 Estados Unidos, até porque seria 3:24 necessário 3:25 destronar a teoria da gravidade, 3:27 relatividade e, em sequência, a teoria do 3:29 planeta redondo, infinito, entre outras 3:32”. Ele ainda afirma que os “OVNIS e deuses da antiguidade 5:42 entenderam bem essa técnica de manipular 5:45 o éter”. No último vídeo, V42, Márcio critica Afonso por estar “negando a Nova aliança” e, por conseguinte, por disseminar “heresias” e “blasfêmia”. Ele ressalta, porém, que não tem “problema nenhum quanto ao cara 3:46 ser judeu”, e sim “quando um cara se disfarça 3:55 de cristão”.

Em relação ao canal Jose Marcio Artigo142, os quatro vídeos que analisamos também eram *Vlogs*. Jose Marcio grava seus vídeos no que parece ser um ambiente doméstico. Ele combina elementos do *react* (V36) com *screencast* (V21). Um recurso comumente utilizado é a divisão da tela ao meio através de uma linha desfocada que separa Jose Marcio dos interlocutores, notícias e eventos sobre os quais ele comenta. Na descrição dos vídeos, costuma haver apenas a repetição de seus títulos. Não há vinheta, seu estilo é direto e sarcástico, e ele inicia seus vídeos com o cumprimento “Olá, meus amigos”.

No vídeo V11, ele já começa exibindo uma imagem de Nova Iorque “numa lente 0:11 normal” e, em seguida, numa “lente olho 0:16 de peixe” que a deixa redonda “que nem a bola giratória fica 0:32 esférica”. Ele traz outros exemplos de “avião” e “asa-delta”. A promessa parece ser mostrar como as imagens que sugerem uma Terra redonda são geradas por distorções da “lente olho de peixe”. No vídeo V21, por sua vez, registros do pouso na Lua são apresentados. Na sequência, Jose Marcio aparece afirmando que “0:24 Isso é ficção!”. Segundo o youtuber, a “finalidade” dessa “ficção” baseada em “comunismo” e “NOM”, promovida pela “ONU”, “é destruir o cristianismo”. Ele finaliza mostrando vídeos de astronautas em estações espaciais e pronunciamentos sobre “exploração além da órbita baixa da Terra”, emitidos por Barack Obama, tecendo críticas ao aquecimento global e reafirmando o formato plano da Terra. No vídeo V33, Jose Marcio reage a trechos do canal Ciência de Verdade, referindo-se a Afonso como “0:17 um cientista de verdade” que tal “como o professor Olavo”, “tocou-o”. Por fim, no vídeo V43, Jose Marcio reage às “previsões apocalípticas” de Dráuzio Varella sobre a Covid-19. Cético sobre as falas do médico, Jose

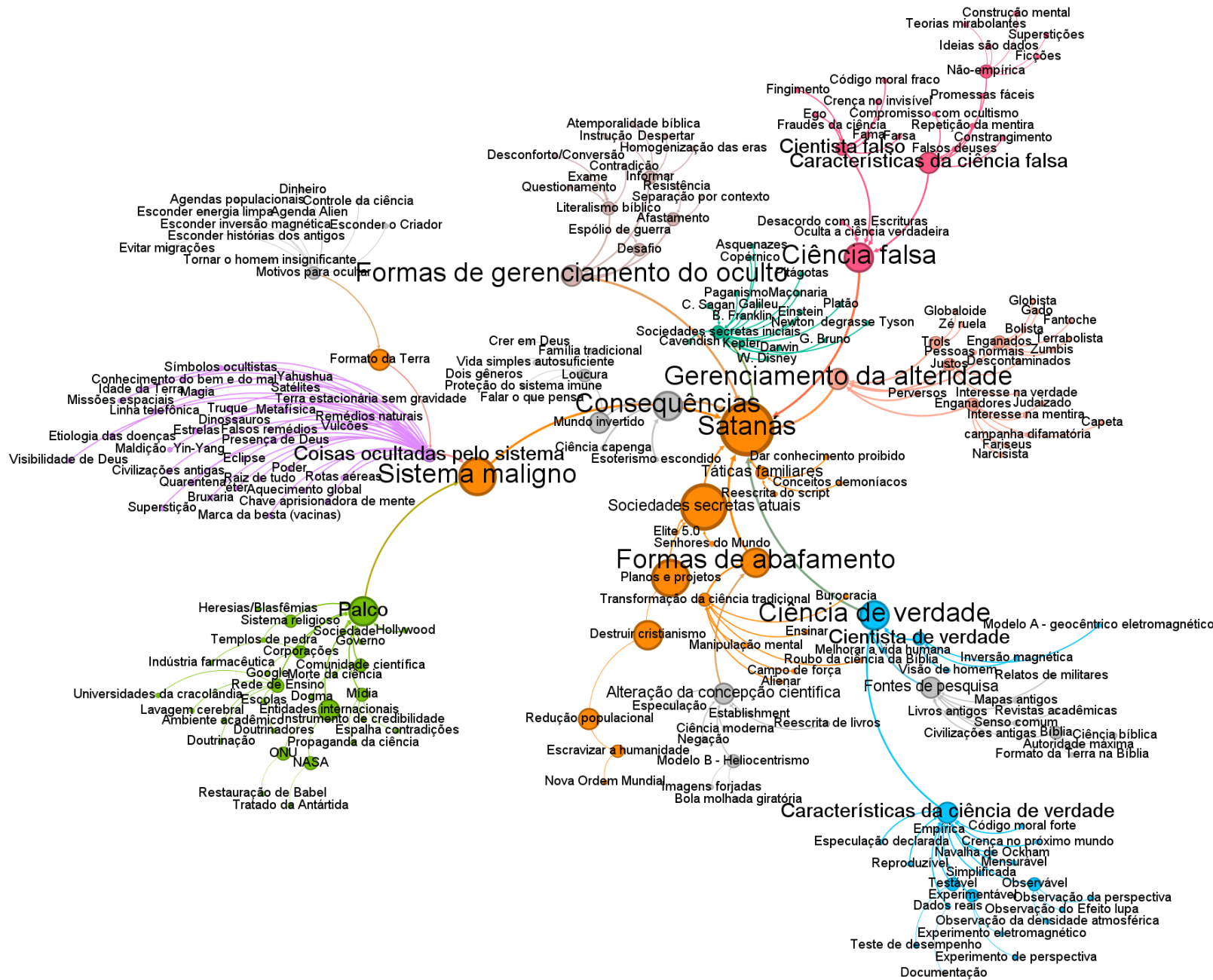
traz recortes de falas de Alessandro Loiola, Anthony Wong e Osmar Terra para confrontar a previsão de Dráuzio quanto a uma “tragédia nacional”.



**Figura 15.** Canal Jose Marcio Artigo142

### O sistema de crenças terraplanista

Através dos procedimentos analíticos empregados, identificamos oito categorias, 29 subcategorias e 197 propriedades. A relação entre as categorias, subcategorias e propriedades que codificam o sistema de crenças terraplanista é expressa pela Figura 16. No grafo, cada nó e sua respectiva cor representam uma categoria que tem, ao seu redor, suas subcategorias e propriedades derivadas representadas pelos nós menores, cuja distância e ligação são marcadas pelas arestas. As oito categorias primárias são *Satanás*, *Sistema maligno*, *Formas de abafamento*, *Consequências*, *Ciência falsa*, *Formas de gerenciamento do oculto*, *Ciência de verdade* e *Gerenciamento da alteridade* (Figura 16).



**Figura 16.** Grafo de categorias

Fonte: dados da pesquisa

A categoria central que responde pela variação nas demais é *Satanás*. Contudo, essa é apenas uma escolha estratégica para apresentarmos a perspectiva dos terraplanistas, pois, por si só, esse já é um sinal óbvio de que a categoria central é, na verdade, o literalismo bíblico. Mas do ponto de vista acessado pelo grupo, o literalismo bíblico é uma forma de gerenciar o que está oculto, isto é, de enfrentar as manobras do sistema para esconder a verdade. Logo, na perspectiva do grupo, o literalismo bíblico não pode ser ao mesmo tempo uma estratégia de luta contra o sistema e sua fonte de produção. Ou seja, na perspectiva terraplanista, o *Sistema maligno* deriva de *Satanás*, e não de uma leitura literal da Bíblia. Então, por ora, tomaremos essa categoria como ponto de partida para compreendermos as outras.

### ***A perspectiva terraplanista***

Remontando elementos da cosmologia bíblica, o grupo investigado compartilha um sistema de crenças no qual *Satanás* é uma figura central. Dentro desse sistema, após o fracasso da “rebelião” dos “anjos caídos”, *Satanás* busca “implementar outro plano” para “obter o controle total de volta” por meio de uma “agenda de rebelião contra o 2:28 Criador” (V18). Como Satã teria que “se demonstrar diante do mundo um ser 1:55 supremo e digno da adoração da humanidade” (V18), era necessário “reformular seu reino e sua mensagem”. E, para reformulá-la, “tinha que rescrever o inteiro script” com “uma nova 2:22 história e um novo ângulo” capaz de conquistar “corações e mentes”. Ele recorre, então, a *Táticas familiares*. Duas dessas táticas são respectivamente conceder “à 2:38 humanidade conhecimento proibido” e provê-la de “conceitos demoníacos” (V18). A primeira é “uma tática antiga” que, além de ser usada de “maneira enganosa e tirânica”, leva ao “orgulho e arrogância”. Ela é baseada “no 2:47 conhecimento oculto, a gnosés, [...] 2:50 remodelado em ciência” (V18). Já a segunda tática, serviu, por exemplo, para “entreter as 3:25 mentes dos homens durante o renascimento 3:26 na Europa” (V18).

O *conhecimento oculto* não foi, entretanto, dado diretamente à humanidade, mas difundido por meio das *sociedades secretas*. Há pelo menos dois tipos de *sociedades secretas*, as *sociedades secretas iniciais* e as *atuais*. O primeiro tipo é aquele que, por influência satânica, passou a se interessar, num primeiro momento, pelos “conselhos” e “ensino” das “escolas do mistério oculto” e “rituais pagãos”, na “Grécia” e em “Roma”; e, num segundo momento, interessou-se pela “Cabala”, “Alquimia” e “manuscritos ocultos” (V18). Três grupos são citados como exemplos dessas sociedades: “maçonaria” (V25), “paganismo” (V25; V44) e os “senhores asquenazes” (V19).

Os membros dessas sociedades eram “filósofos gregos”, “pensadores e monges” e cientistas famosos tomados como “satanistas [...] da seita jesuíta infiltrada dentro da Igreja Católica” (V28). O primeiro nome citado é Pitágoras de Samos cuja fundação da Sociedade e Irmandade Pitagórica (tinha como símbolo um Pentagrama) juntamente com o culto a números inteiros e crenças na “transmigração da alma após a morte” rendem-lhe, na ótica terraplanista, o título de criador da “primeira conspiração viável para a dominação global” (V13). Suas viagens também reafirmam essa forma de ver o filósofo e matemático grego: “por coincidência [Pitágoras] viveu no Egito e Babilônia, os dois maiores símbolos de paganismo da história” (V25). Assim como Pitágoras, Platão também “fazia parte de certas 4:55 sociedades secretas” (V23). O próximo grupo de membros de sociedades secretas remonta aos precursores do heliocentrismo. Nicolau Copérnico, o primeiro nome citado, é referido como “um padeco nojento sem 4:35 vergonha” que “fazia parte da Ordem dos 2:17 jesuítas” (V44). Giordano Bruno, Galileu Galilei e Johannes Kepler também são citados como membros de sociedades secretas.

Já na ciência moderna, Isaac Newton é citado e retratado como um “religioso fanático, obcecado por experiências místicas” (V16) e “um grande aplicador da Cabala” (V19) “profundamente mergulhado nas práticas supostamente não-científicas da alquimia e do ocultismo” (V13). Henry Cavendish também é citado. Benjamin Franklin, por sua vez, é descrito como frequentador do “*Hell Fire Club*” que, além de espaço “de orgia da sociedade secreta para pessoas ricas em reuniões subterrâneas” servia “para reuniões entre espiões britânicos” (V13). Charles Darwin também é mencionado: “Celso — O Darwin estava mancomunado pra nos enganar por que? Marthins — Pra você ver, 22:27 Charles Darwin trocava cartas com Karl Marx [...] Karl Marx disse que 22:40 Darwin deu o amparo científico pra teoria social dele”. Outros nomes citados são: Albert Einstein – retratado como estudante de “filosofia esotérica” (V16) que teria mantido “uma cópia muito notada das chaves de Blavatsky, *The Secrete Doctrine*” (V13); Walt Disney – tido como “membro da sociedade Plus-Ultra” (V20); os astrônomos Carl Sagan e Neil DeGrasse Tyson.

Apesar dos nomes supracitados terem vivido em épocas diferentes, todos são retratados como membros de sociedades secretas: “Todos os ‘renomados’ cientistas, tinham em comum a maçonaria e trabalharam durante milênios para implantarem a operação do erro chamado: GLOBO!” (V25). Além disso, são os homens pelos quais os “ateus” trocaram Deus: “Os ateus, trocaram o Criador do céu, da Terra [...] por homens mentirosos que precisaram inventar cálculos matemáticos mirabolantes e sem nexos para que colocassem o paganismo do Deus Sol Invictus como o centro de tudo!” (V25).

Embora muitas dessas sociedades tenham deixado de existir, elas funcionam de forma trans-histórica – “tudo 17:06 é conectado por essas sociedades secretas (V35)”. Portanto, elas mantêm vínculos com as *sociedades secretas atuais*. Mas, diferentemente das sociedades secretas anteriores, as atuais são mais opacas, como se o passado fosse mais claro que o presente. O grupo no controle é referido como “Elite 5.0” (V4) ou *Senhores do mundo*. O segundo termo – mais empregado – parece uma referência a Efésios 6:10-12: “[...] a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso (...)”<sup>71</sup>. Como afirma Edson: “19:09 os inimigos das nossas almas são todos aqueles que trabalham junto 19:16 com o principado e potestade” (V41). Assim, os chamados “Senhores do mundo da elite global” (V9) são descritos apenas como “algozes” “assassinos da humanidade de outrora, do presente e do futuro” membros de uma “casta maldita que governa esse planeta com mentalidade 01:32 direta de Satanás” (V24). Seu principal plano e projeto parece ser a instauração da Nova Ordem Mundial (NOM), que consiste em tornar o mundo semelhante à Babilônia descrita na Bíblia pela imagem da Torre de Babel, isto é, “tornar todas as nações uma nação só, um conceito só, uma religião só, tá, que a 20:36 confusão acabe aí” (V41). Para tal, o grupo almeja *destruir o cristianismo*, elevando o “homem a uma insignificância” (V21); *reduzir a população mundial*, isto é, “matar 99% da população do mundo, que é a redução populacional” (V36); e, finalmente, *escravizar a humanidade*, usando a “ciência” de tal forma que as pessoas acabem “ovacionando as pessoas erradas” (V19).

Para concretizar esses planos, há um *sistema maligno*. Novamente, essa é outra referência bíblica. Dessa vez, a 1 João 5:19 que diz: “Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no Maligno”. Como explica Alê, “quando a Bíblia 14:18 fala que o mundo jaz no maligno, ela não tá falando do nosso Domo, dos oceanos, das 14:24 montanhas. Não, ela tá falando do sistema corrompido! Do sistema maligno, desse mundo aqui 14:29” (V28). Como “esse sistema 6:31 podre que jaz no maligno [...] é cheio 6:35 de mentiras” (V23), ele é alegorizado pela Matrix do filme das irmãs Wachowski, que simula a realidade. Mas não se trata de uma simples alegoria. Comentando uma cena de *Matrix Reloaded*, na qual o protagonista Neo conversa com o Arquiteto que projetou a Matrix, Alê afirma:

[...] não um filme e sim um documentário, né, expondo a Matrix, que a 8:28 gente vive, né, aliás que vivíamos, né, então, ahh... nesse trecho do 8:33 filme ele tá

---

<sup>71</sup> A expressão também aparece em *Paraíso perdido* (1667-2015). No poema épico, Milton profere: “No mais senhores do universo Mundo: Quem lhes urdiu a sedução malvada Que os lançou em tão feia rebeldia? O Dragão infernal. Com torpe engano, Por inveja e vinganças instigado, Ele iludiu a mãe da humana prole, Lá depois que seu ímpeto soberbo O expulsara dos Céus coa imensa turba Dos rebelados anjos, seus consócios”(p. 4-5).

conversando aí com o senhor que muita gente ahh... ahmm... acha que aquele ali ele tá 8:41 representando Deus. Não! Aquele senhor ali tá representando os Senhores das sombras, os dominadores desse mundo, que 8:47 querem manter a gente preso na Matrix (V28).

No trecho acima, é sugerido que se pode deixar de viver na Matrix ou *Sistema Maligno*, o que implica a principal subcategoria do Sistema, o *Palco*. Não por acaso, os planos de Satanás sob os quais o Sistema jaz, são comparados com “um conto antigo 2:08 de Shakespeare” ou “um musical moderno da 2:11 Broadway” (V18). O *Palco* separa os bastidores da plateia. Enquanto os Senhores do mundo atuam nas sombras, os atores e marionetes encenam para o público. Hierarquicamente, esses atores são:

1) *Corporações*: são responsáveis por tornar “corrupta a 16:48 nossa sociedade”, “quem 17:00 controla tudo são as corporações [...] 17:02 que também estão sendo 17:04 controlados pelas sociedades secretas” (V35). Exemplos de corporações poderosas, segundo eles, são as *Indústrias farmacêuticas* que “escravizam” as pessoas: “Olhe para a 5:37 Indústria Farmacêutica, o que ela tem 5:39 feito pra ajudar as pessoas? Nada! Não 5:41 cura ninguém! Tornam-nos escravos, viciados e 5:43 dependentes do... das suas drogas” (V8); e a *Google*: “se a Terra não é plana 58:54, por que o medo do Google de tirar todos os sites de Terra plana? [...] se a Terra plana fosse uma 59:56 mentira, por que escondê-la?” (V19).

2) *Comunidade científica*: ao contrário de outros atores, “não 36:58 tem um interesse em mentir”, e sim “em encontrar a verdade” (V34). Assim, “a comunidade científica ela não [es]tá escondendo, nada, ela simplesmente tem os seus dogmas” (V34). Juntamente com a “doutrinação que ela tem”, há algo “direcionando os dogmas” e, “esse algo é: esconder coisas das pessoas, coisas que 50:58 fariam as pessoas pensarem diferente” (V34). Por conseguinte, a “ciência” “vai morrendo”, e o “cientista que é inovador” vai “sumindo” (V34).

3) *Mídia*: é a mídia quem prepara “o palco” com “matérias” que “servem exclusivamente pra 0:30 colocar [algo] na cabeça do povo, do gadão” (V4); nela, “tudo é uma mentira”, “é 12:44 artificialmente programado com 12:46 antecedência” (V35). Além de incutir ideias na mente das pessoas, a mídia ainda cumpre três funções: a) *propaganda da ciência*: “00:41 Isso não é notícia, é propaganda da ciência! 00:43; é propaganda dos órgãos de ciência pra que a gente confie” (V14); b) *instrumento de credibilidade*: “revista *Nature Astronomy* 01:16 [...] você conhece quem criou essa revista! [...] 01:24 É só... apenas mais uma ferramenta, um instrumento 01:27 de credibilidade deles”; c) *disseminadora de contradições*: “a mídia [...] 0:48 insiste em dizer que os 0:51 terraplanistas são crentes [...] que 1:07 nós que temos a fé e eles que são [...] 1:09 os científicos que estão na 1:12 razão, da

intelectualidade, da sabedoria 1:15 da última galáxia. [...] 1:19 isso é uma grande contradição” (V26).

4) *Hollywood*: se a mídia prepara o palco, é através dos “filmes” que os “Senhores do mundo” exibem “uma encenação para o próximo crime que eles vão fazer”, “eles sempre bota[m] o seu projeto na sua mídia televisiva” (V9). Isso implica que Hollywood sabe a “verdade”: “8:09 esses caras que [...] tem muito poder aquisitivo, [...] 8:18 Hollywood, eles tudo sabem da verdade, [...] então, o Keanu Reeves já falou 8:23 que o filme Matrix é [...] um documentário [...] 8:03 deu uma entrevista dizendo que a gente vive [...] num planeta 8:09 prisão” (V28). A fala do ator é tomada como sem “sentido no modelo do globo” e, por isso, uma sugestão de um mundo “coberto pelo Domo”.

5) *Agências e entidades internacionais*, como: a) *ONU*: como os terraplanistas acreditam que “o símbolo da ONU é de uma Terra plana”, afirmam que “ela rasga 22:20 na cara de todos os terrabolistas que ela esconde a Terra plana” (V30). Uma vez que a ONU vem trabalhando em prol de uma “Semana mundial da harmonia 5:40 inter-religiosa”, é acusada também de tentar “reconstruir a Torre de 6:23 Babel”. Essa seria uma maneira de fomentar o “renascimento da Escola de Mistérios de 6:21 Babilônia” (V40); b) *NASA*: trata-se de uma agência “fundada por nazistas” como “Wernher von Braun” (V39) que, apesar de ter internamente “pessoas que defende[m] a Terra plana”, precisa “continuar ajudando a difundir a Terra bola” (V30). Com isso, ela ganha “27 bilhões 36:50 [...] por ano” (V39). Mas as missões, pesquisas e atividades que esse dinheiro financia são falsas, como o diálogo abaixo sugere ao mencionar falhas e pactos como o “Tratado da Antártida”:

Celso — Lá pegou, Marte 48:50 [...] mandaram o trequinho lá, não é. Marthins — Celso, desculpa, desculpa! Celso — Não mandaram?! Marthins — Essas [...] 48:56 agências espaciais não têm credibilidade depois que foram feitas diversas pesquisas e mostraram o tanto de falhas que 49:02 têm, em ida à Lua, em robô em Marte, [...] acharam um rato em Marte. [...] Celso — Rato?!! Marthins — Na foto da NASA tinha um rato! Numa foto que eles divulgavam como sendo em Marte. 49:13 [...] Celso — Por que eles vão mentir? Eu não consigo entender isso, 49:26 qual é a vantagem [...] Marthins — Tem o interesse da mentira [...] Celso — o que que eu ganho dizendo 49:48 que é redondo? Marthins — Se 49:53 as viagens espaciais, por exemplo, elas terminarem, a NASA deixa de receber do 49:59 governo americano, por exemplo, 19 bilhões de dólares. Celso — Mas por que que o governo americano quereria gastar 19 bilhões à toa? 50:07 Marthins — Poder! [...] Celso — E o chinês também? [faz sinal de sim] Mas tudo com a mesma 50:14 mentira? Marthins — Sim! Celso — Por exemplo, eu tô disputando o poder com os Estados Unidos. Marthins — Bem-vindo [...] à globalização! Celso — Eu era a 50:21 União Soviética e agora é a China que são [...] o equivalente no sentido de polo de poder, por que que eu faria igual os 50:28 americanos, então? Por que que eu também lançaria foguete, por que que eu também lançaria essa tese? [...] Marthins — Por que que você também assinaria o Tratado da Antártida? Celso — Se eu quero... se eu quero ganhar dos Estados Unidos, 50:39 por



que eu entraria no jogo dos Estados Unidos? Marthins — E se você não quiser ganhar e for amigo dos Estados Unidos? É essa a questão. 50:46 Celso — Só tô fingindo? Marthins — Exatamente, o Tratado da Antártida é a grande prova de que não houve guerra fria! É grande prova. Celso — Rapaz! (V37)

Vinculada às instituições anteriores, encontra-se a:

6) *Rede de Ensino*: detém espaços responsáveis pela “doutrinação” pela qual “desenharam” a “Terra bola” diretamente na “glândula pineal” (V30) dos indivíduos. Nesses espaços, nem todos são “professores”, e sim “doutrinadores” (V33). Esses espaços são:

a) *Ambiente acadêmico*: trata-se de uma “*cria da ONU*” (V42) na qual “aqueles que defendem 6:02 as teorias mais diferentes” e “ousam questionar dentro do meio 6:08 acadêmico são boicotados, [...] 6:11 sabotados, são expulsos, são 6:13 marginalizados” (V10). Em virtude da “doutrinação”, suas estruturas, como Universidades e Faculdades são semelhantes à “Cracolândia” (V15). Seu propósito não é “formar pessoas mestre-cuca do 1:15:41 planeta, [...] [e sim] tornar complexo o que é fácil” (V30). Um exemplo seriam “as parteiras” cujas “orientações” e “chazinho” foram substituídos por práticas “complexas” envolvendo “ultrassonografia, pré-natal”, “ir lá no médico” (V30).

b) *Escolas*: difundem uma “mitologia 10:39 científica” que deixa de fora dos livros didáticos a “imagem completa” dos “cientistas”, sobretudo de seus vínculos com alguma “doutrina secreta pouco conhecida do público e quase nunca ensinada nas Escolas” (V13). São locais nos quais a “*lavagem cerebral*” ocorre desde a infância: “igual todo mundo, tive minha 26:53 lavagem cerebral que foi o que fizeram desde criança com todo mundo. Normal, eu e todos os outros cientistas” (V34).

7) *Sistema religioso*: ele é formado principalmente pelas religiões judaico-cristãs e segmentos evangélicos que “deturparam a Bíblia” (V19). Através dos “Templos de pedra”, que são “uma indústria que 15:44 pega a escritura como matéria-prima e transforma no prisma que eles querem” (V41), são inventadas noções que não “existem” nas “Escrituras” nem “nos apócrifos” (V30). Além de mudar o “sentido” original (V41), invenções como, por exemplo, “Criador onipresente” (V30) e “dízimo” servem para levar “as pessoas” a “praticar aquilo que não está na 16:01 Escritura” (V41), incorrendo em “heresias” e “blasfêmias” que podem comprometer sua “salvação” (V42). É o que ocorre com as passagens bíblicas que sustentam a Terra plana. Nos blocos evangélicos, a existência de “pastores defendendo essa teoria heliocentrista” representa uma “afronta ao 4:42 verdadeiro Criador” (V44). Igualmente nos segmentos católicos, o “establishment 2:50 religioso” mantém ornamentos que sugerem

“Mitraísmo” e “adoração ao Sol” (V44). Por fim, os dois últimos atores são aqueles que detém menor poder.

8) *Governo*: é controlado pelas corporações. Os governos são “corruptos” e não estão “preparados” para lidar com grandes crises (V36). Um governo “só se prepara pra tomar dinheiro” do povo, visto apenas “como pagador de imposto” ou “pessoas a ser[em] tributadas” (V36).

9) *Sociedade*: é constituída de pessoas “15:10 tapadas [qu]e se recusam a olhar o que [es]tá na 15:14 cara” (V35).

No sistema de crenças terraplanista, o *sistema maligno* usa todos esses atores para ocultar a natureza de elementos consensualmente aceitos como verdade, que direcionariam para a principal delas, o real *formato da Terra*. Haveria, portanto, “uma conspiração mundial pra esconder o verdadeiro formato da Terra” (V39), na qual “não é a mentira 59:49 que tem que ser escondida, é a verdade que tem que ser escondida pra mentira continuar” (V19). Em geral, como o formato da Terra é ocultado, tudo que pressupõe a forma terrestre esférica, tende a envolver ocultação. A começar pela real *idade da Terra*, que em conformidade com o Livro de Gênesis seria “de aproximadamente seis mil anos” (V37), o que implica que dinossauros não teriam existido como Marthins sugere em diálogo com Celso:

Celso — [...] como que justifica os dinossauros? Marthins — [...] nós não temos hoje um fóssil inteiro de um suposto dinossauro, 16:54 o que temos são reconstruções a partir de um dente [...] Celso — Não, tem coisa e são bastante... 16:59 Marthins — [...] Inclusive existe uma fábrica, na China, que fornece material plástico pra 17:05 todos os museus do mundo [...] 17:12 Celso — Não, mas tem alguns que são 70, 80%, não é um dente só... Marthins — Não, não! [...] Celso — Eu não vou bancar, porque [...] não sou arqueólogo, mas depois a 17:29 gente vale a pena eu pesquisar. Marthins — Na verdade, nós temos relatos de 17:43 animais extintos também, há muitos anos, que eram maiores, por exemplo, usam ossos de girafa, ossos de baleia pra fazer uma 17:50 composição e apresentar pro público. [...] Celso — É, mas tem o DNA, não é? [...] DNA funciona no... neste modelo? Marthins — Sim, funciona, o grande problema é 18:15 quem está realizando o teste (V37).

Além dos dinossauros, *satélites*, *rotas aéreas* e mesmo *linhas telefônicas* e *missões espaciais* não seriam tal como é divulgado. Em vez de satélites, existem apenas “cabos submarinos que conectam o mundo inteiro pelos oceanos”. Eles não funcionam: “Marthins — Não funciona, Celso. Celso — Vai lá e volta, não é... (V37)”. Isso ocorre devido ao domo: “Aí é que tá o grande segredo, tanto que 1:15:52 vocês querem subir toda hora lá para cima através da Elon Musk e tudo explode! [...] Mentiram sobre os satélites. Dizem que satélite tá no alto e 1:16:04 o satélite é subterrâneo” (V19). O domo da Terra plana também interfere em voos. Como questiona Celso, algumas viagens aéreas “deveria[m] demorar menos tempo”,

mas seu interlocutor explica que “pela presença do domo, a velocidade dos ventos [...] no Sul”, permitem que os “pilotos” usem “*Jet Streams*” (V37). Esse recurso, entretanto, não parece ser considerado no preço das passagens aéreas. Acontece que como as pessoas não sabem que a Terra é plana, a “Terra bola [...] bota na [...] cabeça” delas “que o voo de 1:10:21 avião gasta muito dinheiro” (V30). O mesmo ocorre com as *linhas telefônicas* que custariam mais barato “no modelo da Terra plana”, pois, em vez de satélites, funcionariam de forma diferente: “Meu amigo, 1:10:57 a linha telefônica foi criada através de uma brincadeira de dois copos e um barbante” (V30). Quanto às *missões espaciais*, elas seriam realizadas não por astronautas, e sim por “atonautas” (V39) vinculados às agências, cujas fotografias são montagens:

Carlos — Todos os países e 3:17 empresas do mundo que têm algum tipo de 3:18 programa de exploração espacial 3:20 tão mentindo pra gente? É isso? Leandro — Boa a questão! 3:22 Não é que todas as empresas estão 3:24 mentindo, [...] 3:29 só que a gente percebe que existe um 3:30 monopólio espacial [...] Carlos — Não é... exatamente o monopólio do espaço, [...] a 4:01 única agência espacial que colocou seres 4:04 humanos na Lua foi a NASA. 4:05 Mas, a agência espacial soviética [...] foi a 4:09 primeira a manter uma estação espacial em órbita da Terra, [...] os 4:13 chineses tiveram uma estação espacial por 4:14 algum tempo. [...] O 4:18 Japão já enviaram [...] sondas 4:21 robóticas pra Lua, pra Marte [...] Leandro — E, qual a prova que a gente tem 4:28 que realmente foi pra lá? Como que eu provo isso 4:30 pra uma pessoa, a não ser se ela crê que 4:32 isso realmente aconteceu? (V38)

Daniel — Nós temos viagens 4:42 espaciais que já observaram a Terra ao 4:46 longe. [...] o que que você 4:56 me diz, você refuta, então, as fotos também? 4:58 Você acha que ninguém saiu do planeta? Leandro — É 5:01 muito questionável, né, [...] uma vez que nós 5:03 temos um relato de que a NASA publicou 5:06 uma imagem real da Terra em [...] 5:08 2002, chamada *Blue Marble*, depois em 2018 5:11 ela colocou uma nota no próprio site 5:14 dela, [...] de que 5:16 aquela imagem ali, ela não é uma foto real da 5:18 Terra [...], 5:24 aquela foto ela foi montada graficamente. 5:28 Então, se ela deu como foto real, o mundo 5:31 acreditou 5:34 (V38).

Alguns fenômenos astronômicos e geológicos também teriam outras explicações ocultadas pelo sistema. Na Terra plana, *Eclipse*, por exemplo, é explicado com base em “interações magnéticas entre Sol e Lua” (V37). No eclipse lunar, “a Lua entra em campo magnético diferente do que ela está [...] acostumada e aquele campo 45:40 magnético ele abaixa a temperatura da Lua”, o que provocaria “uma variação de cor” (V37). Já os vulcões seriam “como se fosse o respiro da Terra, como se fossem válvulas” (V37). No caso das estrelas, sua distância e composição são ocultadas: “até por causa do ensino do globo, 19:32 muita gente acha que as estrelas estão 19:34 muito distantes da gente, assim como o 19:37 Sol” (V38). Finalmente, o aquecimento global não estaria acontecendo, como afirma

Marthins: “eu sou da corrente que não acredita em aquecimento global e tudo na Terra é cíclico, 59:05 nós temos variações cíclicas de anos e anos” (V37).

Há um grupo de objetos, cujo abandono ou perda de interesse no meio científico é visto como sinal de ocultação e, por isso, são reciclados na Terra plana. A *metafísica* é considerada “parte desta realidade” que “pode ser outra 16:37 dimensão” com “outra faixa vibracional de frequência” (V31). Já o *Éter* é considerado “a chave”, “o quinto elemento” ou “quintessência do universo” que “permite que tudo 5:58 esteja no seu lugar” (V3). Ele seria “criado pelo 8:00 Criador”, sendo “energético”, “vibracional”, “eletromagnético” e “espiritual” (V3). Apesar da importância, nunca se “aprendeu sobre o éter [...] porque senão” as pessoas iriam “começar a investigar o real 4:20 formato da Terra” (V3). Mais, as pessoas descobririam que a Terra é *estacionária e sem gravidade*, pois a gravidade é apenas “uma ideia” (V30), uma “força mágica que cria 0:29 coisas” (V22). Como afirma Leandro, “o modelo globular, ele é amarrado pela 11:29 teoria da gravidade, [...] 11:36 só que a gravidade, 11:38 a gente não consegue sentir, a gente não 11:40 consegue medir, a gente não consegue 11:42 provar” (V38).

Quando se trata da saúde humana, as patologias também são alvo de ocultação na medida em que a *etiologia das doenças* é, na verdade, *teológica*. Neemias afirma que o “salvador é o médico dos médicos”, que deu ao homem um manual (Bíblia) para ter saúde: “o 26:05 Criador ele nos fez, nos deu um manual; se a gente quebra as regras desse manual, nós 26:11 ficamos doentes. [...] Doença é o quê? É transgressão das leis de saúde do Criador” (V29). Complementando tal entendimento, Edson identifica a origem da doença no consumo do “fruto do conhecimento do bem e do mal” (V9). Esse evento teria gerado a “maldição do 23:48 yin-yang” (V19), na qual tudo passa a ter um “contrário” ou “sombra”, sendo que “a doença é a sombra 43:54 da saúde” (V9). Por isso, tanto as medidas de isolamento social adotadas na *quarentena* quanto as vacinas seriam “pseudociência”, consistindo numa forma de implantar a NOM e escravizar a humanidade. Em Levítico 13:43-46, Neemias relembra que se “isola o doente, não o sadio, o sadio tem que 42:12 trabalhar pra sobreviver” (V29). Quanto às vacinas, referidas como “marca da besta”, seriam *falsos remédios*: “ser 3:07 marcado pela besta, não vai resolver o 3:10 problema” (V8). Os únicos remédios recomendados como verdadeiros “são remédios 3:44 naturais” como “ervas medicinais na natureza”, “ar puro”, “água pura”, “solo não contaminado de campos do interior” (V8) etc.

Há aqui pelo menos dois problemas que podem agravar o uso adequado do “manual” supracitado, ampliando o estado geral de ocultação da realidade. Embora não seja consenso entre os terraplanistas, Edson e Neemias admitem que o nome verdadeiro de Deus e Jesus

Cristo é ocultado. Esse é, portanto, o primeiro problema: “falar de 27:42 Yahushua, logo de cara, pra muita gente vai ser uma coisa estranha, porque o sistema escondeu isso de uma tal forma 27:49 que ele programou as pessoas para aceitar o Jesus; [...] 27:55 pras pessoas pensarem que Igreja é Templo de pedra” (V9). Deus, por sua vez, é referido como “Yahuh” (V29), e não só seu nome é ocultado, como também sua presença e distância da Terra. Juntamente com o “sistema religioso”, o “cristianismo católico e o evangélico” são considerados responsáveis pela ideia de que o “Criador de todas as coisas é onipresente”. Essa seria uma forma de esconder sua presença e, conseqüentemente, o formato plano da Terra: “nosso Criador não é onipresente! 30:51 Ele é presente! Ele tá num determinado ponto do universo, que a Bíblia 30:57 identifica como o Círculo da Terra e de lá de cima, [...] ele 31:06 presencia tudo que tá acontecendo aqui embaixo” (V30). Logo, “o Criador não é invisível, 31:31 ele só é visível na Terra plana”, “eles deram a forma invisível para o pai 33:07 por causa da Terra bola” (V30); e o mesmo fizeram com “espíritos” e “anjos” cujas aparições descritas na Bíblia não sugerem invisibilidade.

O segundo problema tem relação com *símbolos ocultistas* que estão inocentemente presentes no cotidiano. Uma estrela, por exemplo, não é “nada menos que um pentagrama”. E “o pentagrama [es]tá em todo lugar” (V9), “no time de futebol”, “na farda da Polícia”, “na carteira de trabalho”, “no CPF” e até “na varinha de Condão da fada madrinha” (V9). Como “o pentagrama é o símbolo da magia” (V9), aspectos da magia são ocultados. Essa afirmação funciona com base num intrincado sistema de diferenciação entre *magia*, *poder divino*, *bruxaria*, *superstição* e *truque*. Aqui a magia é tomada como algo que existia “antigamente”, e sua “mãe” é a própria “ciência”. Nesse contexto, a “magia com ciência” seria aquela que os “magos [...] do Faraó usaram para poder combater Moisés” (V9). Isso implica que a ciência seja, na verdade, o que Edson entende como *multiplicação*: “toda a ciência que existe hoje, ela não é nova, ela é uma 8:18 multiplicação” (V9). Ou seja, “os magos já tinha[m] o poder do holograma” e a “bola de cristal foi a primeira televisão no mundo” (V9). Porém, como a “ciência” estava “na mão de um grupo seletivo, não do povo, eles viram essas pessoas como mágicos” (V9). A magia, destarte, decorre de uma assimetria *epistêmica* em favor dos “poderosos”. Essa assimetria afetaria, por exemplo, Moisés e outras figuras bíblicas, não fosse o “*poder divino*”. As façanhas do personagem “era[m] 8:36 mesmo o poder”, “porque Moisés veio do deserto, esteve com o dono do poder” (V9). O poder, portanto, não deriva da relação dos homens com outros homens, mas do homem com Deus. Já a “bruxaria” - ou “*halloween*” - não é nem “magia” nem “poder”. É, em geral, a explicação para os feitos de outras religiões, como a “macumbaria”. Sua origem é atribuída a Alexandre, o Grande, que “conquistou o

império-mãe do ocultismo, que é a Babilônia” (V9). Quando não são baseadas em “informações” de “entidades” e “espíritos sem corpos” “que estão no outro plano” (V9), não são mais do que “truque” ou “superstição” que consistem em “artimanhas” usadas como “chaves” que aprisionam “a mente” (V9), haja vista que, agora, a “ciência [es]tá na mão do povo” (V9).

Todo esse jogo de diferenciações ainda supõe que “tudo teve um começo”, mas a “raiz de tudo” (V9) é ocultada. Ora essa raiz é localizada nas histórias relatadas na Bíblia, ora nas civilizações antigas. Cada fenômeno do presente tem uma origem que pode assumir a forma de: a) Eventos aparentemente pequenos que genealogicamente desencadeiam grandes fenômenos: “Felipe — Se gente não 52:53 vem na raiz, a gente não vai entender naa... Edson— Você pega a cultura do homossexualismo, vem de Alexandre o Grande! [...] Você pega a 53:01 cultura das drogas, vem da Grécia dentro do Egito” (V9); ou b) Acontecimentos aparentemente grandes que culminam em fenômenos menores: “qual 48:40 foi o objetivo da 1ª e 2ª Guerra Mundial? Primeiro, foi realmente 48:45 estabelecer o *Halloween!* 48:52 [...] só em um discurso que o Hitler fez para mais de 12 milhões de 48:58 alemães, ele hipnotizou não só o povo, mas também o exército!” (V9). Ademais, é o conhecimento dos antigos que está por trás de previsões acertadas, por exemplo, da NASA e centros de ciência:

Aí hoje você 10:31 vê a NASA dizendo aí ó: [...] vai ter o 10:33 eclipse tal [...] e batata! Páh! 10:38 No dia e na hora certinha acontece o eclipse. Aí 10:40 não! Muitos, caramba! NASA é... 10:44 Não, cara. Eles aprenderam com os 10:47 antigos, os caras deixaram tudo 10:48 registrado. Deixaram em tábuas, em 10:51 escritos, os caras deixaram tudo que eles 10:53 descobriram no peito e na raça, eles 10:55 deixaram tudo pra nós. O que a NASA e 10:58 centros de ciência e etc. fazem é pegar 11:00 a informação, joga no software, o computador 11:03 trabalha ali rapidinho e te dá a data ali 11:05 certinho, o local, a área geográfica, tudinho [...] Mas os 11:10 caras fizeram tudo isso considerando 11:12 viver-se num plano estacionário (V6).

Como “parte do conhecimento 49:43 [...] é oculto intencionalmente” (V34), há pelo menos *10 Motivos para ocultar* esses objetos, fenômenos e eventos. Todos esses motivos têm como epicentro o formato plano da Terra que, por sua vez, beneficia-se sistematicamente de outros elementos ocultados, pois, como ver-se-á, o motivo para esconder uma coisa é esconder outra. O primeiro motivo seria “Esconder a existência do Criador como é 7:14 descrito na Bíblia” (V23). Assim, “o modelo que vem do heliocentrismo, que vem do Big 20:51 Bang, que você teve um ancestral em comum com o macaco” serve para “tirar Deus da equação” (V37). Mas essa tarefa só pode ser completa se a forma da Terra for omitida. Diferentemente da Terra plana, a “Terra bola” não tem um domo. Por isso, não é necessário imaginar um Criador. Todavia, se as pessoas soubessem que estão “numa Terra que tem um

domo [...] aquilo ali não foi criado aleatoriamente, se não foi 38:58 criado aleatoriamente, alguém criou”, pois, “não tem como [...] viver numa Terra plana criada aleatoriamente como 39:04 na bola” (V34). Consequentemente, elas prestariam “atenção na Bíblia” que sugere esse modelo.

O segundo motivo é desacreditar e *esconder histórias dos antigos*. Afonso explica que “nos dias atuais e nos dias passados [...], a ciência desacreditou todas as histórias dos antigos”, incluindo “a 40:35 Bíblia”, “os índios” (V34) etc. Aos olhos da “ciência”, as “lendas” e “histórias” desses povos se tornam “um lixo” e as pessoas “confia[am] só nas agências”. Mas se for feito esforço para “tentar interpretar” e “entender” as “figuras de linguagem”, será possível perceber que “no mundo 41:06 inteiro, eles [antigos] estão falando coisas de forma uniforme” (V34). Ou seja, as histórias convergirão com a Bíblia. Um exemplo pode ser depreendido através do próximo motivo, *esconder a inversão magnética*. A chamada “inversão do campo magnético” seria um “cataclismo cíclico” (V23) que, apesar de ser ocultado sob o título de “aquecimento global”, é, na verdade, a “descrição científica do 0:58 Apocalipse bíblico” (V3). Logo, se as “lendas” dos antigos forem levadas a sério, ver-se-á que a “Medusa”, o “dragão que cospe fogo” dos “chineses” e o “fogo que vai destruir o mundo” relatado pelos povos nativos dos Estados Unidos, os “Cherokees”, são consonantes com esse evento apocalíptico. Uma vez que esse evento derradeiro é cíclico e irá ocorrer, o quarto motivo consiste em *evitar migrações*. O cataclisma não afetará toda a Terra de forma homogênea, “abaixo de uma latitude tem pouco sobrevivente” (V34). Portanto, “se as pessoas conhecessem o modelo verdadeiro, [...] poderiam 44:38 fazer [...] uma imigração em massa pra esses lugares”, e isso geraria “uma muvuca” (V34).

Não obstante, os próximos motivos estão associados com a promoção de agendas mundiais. A primeira delas, o quinto motivo, seria uma Agenda *Alien*. Débora explica que há o interesse de “mover a agenda 7:16 alienígena, que na verdade são demônios ou 7:18 anjos caídos do anticristo” (V23). Já a segunda agenda, o sexto motivo, é aquela que oculta a inversão do campo magnético e se traduz no anseio de “promover agendas de 7:25 população ao dizer que a Terra está 7:27 muito cheia e nós somos culpados das 7:29 mudanças climáticas” (V23), preparando as pessoas para a “redução populacional” (V36) que tentará reverter essa “tendência” “matando o ser humano comum” (V4). O sétimo motivo seria *esconder a energia limpa*. Conhecendo o modelo plano, as pessoas entenderiam “como é que funciona a energia na Terra” e “conseguiria[m] gerar energia livre” através do Éter, tal como o fez Tesla em seu “protótipo” de “disco voador” que poderia “surfear”, “navegar” e “flutuar pelo éter”, mas foi tornado “*Top Secret*” pela “CIA” (V32). Sem esse conhecimento, “as

pessoas [são] escravizadas com uma energia 8:08 suja através do carvão” (V23). Esconder essas coisas esbarra no oitavo motivo, o *dinheiro*: “Rola muito dinheiro, muita grana pra que 36:52 a Terra continue sendo uma Terra bola! [...] Ó, no patamar 37:01 acadêmico, no patamar religioso, no 37:07 patamar da imprensa, no patamar histórico” (V30). Assim, a “Terra bola” tem lucros colossais com “missões espaciais”, com “modelos metalogenéticos” que impedem países de “encontrar jazidas minerais” com “mais facilidade” (V34), “passagens aéreas” superfaturadas, “satélites”, “linhas telefônicas” etc.

O nono motivo seria “Controlar a ciência 7:36 com todos os dados que eles querem” (V23). Esse motivo parece sugerir a manipulação dos dados científicos em prol da ocultação do formato da Terra, o que está diretamente vinculado com o décimo e último motivo: *Tornar o homem insignificante*. Essa insignificância seria uma forma de “escravizar alguém” fazendo com que as pessoas acreditem “que 21:20 Deus não existe”, e tudo que há é “um sistema financeiro, econômico, social” (V37). Por isso, ao contrário da Terra plana, na qual o homem “é a coroa da criação” e “Tudo foi feito pra” (V37) ele, na “Terra bola”, “a pseudociência” (V29) dirá que o ser humano “não é nada além de 7:41 uma poeirinha insignificante rodando no 7:43 universo” (V23), sendo que “não 6:23 existe propósito na criação, é tudo aleatório, é um caos, tá tudo sendo 6:29 atirado aí no espaço e sem propósito, sem direção” (V29), onde “a vida poderia ter emergido de uma ameba” (V18) e somos “parentes de um ser irracional” (V28). Abaixo, Jose Marcio mostra como esse motivo reconduz ao primeiro descrito:

Vamos 0:48 elevar o... o ser humano a um grão de poeira 0:50 ínfimo lá; e esse universo infinito a uma 0:54 grandeza incomensurável, inimaginável. 0:57 Então, vamos inventar esse sistema solar aí, onde 0:59 a Terra é um cistozinho dentro de um 1:02 sistema solar que faz parte de uma via 1:04 láctea, uma galáxia só, que é a via láctea, e que 1:08 há bilhões de galáxias e tudo bilhões de 1:11 anos-luz, bilhões não sei do quê, trilhões 1:14 não sei o quê. O que que o ser humano é nisso?! 1:16 Zero! Que que Deus, o Criador, é nisso?! Nada! Nem 1:19 existe! (V21).

Uma vez que os motivos acima tenham se concretizado pela ocultação efetiva da natureza dos elementos aceitos e veiculados como verdade, além de ocultar, o *Sistema maligno* precisa manter a ocultação. É aqui que adentramos na terceira categoria – *Formas de abafamento*. Débora, por exemplo, ressalta que mesmo que existam alguns “cientistas 5:34 falando sobre”, por exemplo, o “Éter”, “isso é 5:36 abafado da gente” (V3). Segundo ela, dois processos aconteceram. O primeiro foi a *Transformação da ciência das Escrituras na Ciência tradicional*. A “ciência não foi inventada pelo homem” (V19). Pelo contrário, a “ciência seria um 4:35 presente que seria dado mais à frente, [...] mas Adão e Eva não esperaram, e eles 4:48 resolveram comer o fruto fora do tempo” (V19). Quando, na verdade, “Yahuh tinha que limpar essa ciência primeiro”, mantendo apenas “o conhecimento do bem” para livrá-la da



“maldição do bem e do mal” ou “Yin-Yang”. De forma contrafactual, sem um lado ruim, “tudo que existe hoje ia existir”, porém os produtos da ciência seriam eternos e não estragariam, já que a “imortalidade [...] estava no pacote da ciência”. Mais, o homem “ia ser igual [a]o Criador”, mas o “Dragão” induziu “Adão e Eva” ao “pecado”. Desde então, “roubaram” a “ciência” da “Bíblia” e a “transformaram na ciência 3:28 tradicional” (V19):

a Bíblia queria te presentear, mas os Senhores do mundo não permitiu que esse conhecimento da ciência chegasse até o 22:00 povo, nos empobrecendo tanto no sentido financeiro como num sentido também de 22:07 intelectualidade. Então, a intelectualidade ela foi tirada do povo 22:12 e dado a um grupo seletivo de seres insignificantes que hoje se tornam os 22:17 heróis da humanidade, mas a ciência é totalmente bíblica (V19).

A ciência foi parar na “mão de pessoas que negam o Criador”, isto é, de cientistas “ateus” que a roubaram para “serem o[s] criador[es] de tudo” (V19). Não por acaso, muitas invenções recebem ou são amalgamadas aos nomes de seus inventores – “Tanto que você ouve assim ó: “quem foi que criou o telefone?” 28:15 Graham Bell! Quem criou o avião? Ah, Santos Dumont” (V19). Em suma, “a ciência [...] é 29:44 [...] um presente que hoje [es]tá na mão errada” (V19). Embora esteja na Bíblia, “a gente não consegue enxergar 22:50 ciência na Bíblia, porque nós fomos manipulados mentalmente”, afirma Edson (V19). Além da manipulação, os *Senhores do mundo* criaram também a *burocracia*, que impede as pessoas de se apropriarem do conhecimento científico: “burocracia existe pra proteger a ciência que não pode chegar nas tuas mãos pra 24:29 que você não fique mais inteligente do que eles” (V19). A burocracia ainda tende a tornar tudo *complexo* para gerar “*canseira*” nos indivíduos fazendo-os “desistir de 1:14:17 compreender como funciona” (V30) algo: “coloca complexo que é fácil, aí você para de procurar e 1:15:26 aí, então, ele continua escondendo tudo da gente” (V30). Essa complexificação, por sua vez, depende do *ensino*. O *ensino* é considerado um processo pelo qual um “assunto” é tornado “tão complexo” que as “pessoas não aprende[m]”, ainda que passem a ver seus professores e mestres “como pessoas inteligentíssimas” (V41). Esse processo é feito propositalmente para *alienar* as pessoas mediante “quatro áreas”: “astronomia”, “biologia, geologia e filosofia” e “Ministrando essas ciências elementares, 3:13 úteis, de uma forma errada” (V33). Tendo se corrompido “no meio do caminho”, em vez de servir para “orientar”, a astronomia “serve pra mostrar o quanto a gente é 3:28 insignificante” (V33); já a biologia serve “pra justificar como é que a gente foi 3:43 criado”, isto é, “a gente 3:49 simplesmente começa lá como uma ameba”; como essa teoria depende de que a Terra seja extremamente antiga, “pra 4:16 convencer todo mundo que a Terra tem 4:18 bilhões de anos, a gente tem que ter um 4:20 monte de geólogos falando que

cada 4:22 pedrinha que encontraram na Terra tem 4:24 alguns milhões de anos” (V33); e, por último, é preciso “modificar o 4:42 pensamento, [...] 4:44 e aí entra a filosofia e essa área de 4:47 ciências humanas 4:48” (V33). Através desse processo, o Irmão Rubens afirma que o sistema insere “conceitos e pré 5:01 conceitos [...] na nossa 5:04 cabeça” de modo que se alguém “analisar algo que 5:06 é óbvio pra eles [atores do sistema]”, se torna “um idiota mais idiota 5:29 do mundo”. Isso instaura um “campo de força deles [...] para se 5:20 proteger”, colocando as pessoas “contra o próximo”, “um ficar contra o outro 6:01 em favor do sistema” (V4).

O segundo processo de abafamento foi a alteração da *concepção científica do mundo*: “como é 6:57 que você mantém [...] tudo [...] escondido? [...] alterando a 7:09 concepção científica do mundo [...] e ensinando pras pessoas 7:13 através da doutrinação das escolas que 7:16 nós vivemos num mundo totalmente 7:17 diferente” (V3). Para tal, de “200 anos” “para cá”, os “livros foram reescritos” usando o “modelo” do “Globo” (V23). Antes de “Copérnico” e “Galileu Galilei”, acreditava-se no “modelo geocêntrico [plano], [...] depois passou pro geocêntrico de Terra esférica com tudo girando, e depois foi 43:45 a Terra esférica [...] girando em torno do sol, heliocêntrica” (V37). Assim, o *establishment* alterou a concepção científica do mundo inaugurando uma “ciência filosófica” conhecida como “Ciência moderna” (V5). “Toda a Ciência moderna” seria “baseada em esoterismo e ocultismo”, especulação – “especula, cria 9:27 hipóteses, teorias em cima de teoria” (V6) – e negação – “mesmo tendo conhecimento das 6:36 coisas, eles negam a natureza delas” (V6). Como afirma Olavo de Carvalho, uma “pesquisa histórica” sobre “as origens da Ciência moderna [...] mostra que [...] 10:55 esse elemento esotérico ocultista era o 10:57 dominante” (V16).

Devido ao esoterismo e ocultismo, no chamado “Modelo B” (V26) ou “modelo heliocêntrico”, “o Criador possui um 5:00 tamanho insignificante”, “menor 5:27 [do] que o Deus Sol Invicto” pelo qual foi substituído (Figura 17). Logo, a “teoria 1:50 heliocêntrica” seria “uma 1:53 religião pagã travestida de ciência” (V17), “herdada pelos jesuítas”, “povo egípcio” e “cultura romana”. Seu “nome” remonta ao “culto ao Deus Sol, ao 0:45 Deus Helios” cujo “equivalente [...] na mitologia romana é o Deus Sol, mais especificamente, o Sol Invicto” (V44). Essa “religião pagã 1:02 conhecida como o heliocentrismo [...] nos ensinou que a Terra é uma bola 1:08 giratória supersônica e molhada” (V27). Trata-se de uma “Terra imaginária” (V7) e “ficcional” (V28), na qual o Sol estaria descendo “numa suposta curvatura da Terra” (V7), que, caso existisse, tornaria as dimensões do planeta caricatas como as do “B612 [...] do pequeno príncipe, ou o 12:28 planetinha do Senhor Kaioh” (V7). Tal curvatura, quando vista de cima, nada mais é do que fruto de câmeras “com a 2:17 lente olho de peixe

vagabunda” (V11), que distorcem a imagem tornando-a “esférica”. Essa “bola molhada” estaria “girando ao redor do Sol 4:36 e no universo a milhares de quilômetros por hora, 4:38 sem eira nem beira” (V23). Nesse mundo, o homem está destituído de “um propósito”. É “uma partícula de poeira perdida no universo” (V29). Mas, esse “modelo ficcional” (V28), “só existe [...] dentro do 8:03 computador e [...] imagens forjadas da 8:06 NASA” (V7). Marthins afirma: “até 1968, 32:10 existia a discussão, na comunidade científica, [...] se a Terra era plana ou esférica, 32:17 pós 1969 com a divulgação da suposta foto da Terra, acabou essa discussão! Ou seja, era 32:24 necessário que fosse gerado uma imagem pra poder convencer o público” (V37).



**Figura 17.** Diferença entre o tamanho de Deus na Terra plana e Modelo B do Deus Sol Invicto

Fonte: Canais Sem Hipocrisia e O Evidencialista

Estando “na mão das pessoas erradas” (V19) e tendo sido alterada por uma religião pagã que, como sugere Olavo de Carvalho, em vídeo de Leandro, “cria” uma “imagem da ciência objetiva 8:04 cartesiana e vende pra trouxa” (V16), a ciência “se tornou capenga” (V19). Por conseguinte, ela “não consegue praticar o que [...] estabelece como regra”, isto é, “você só pode afirmar aquilo que você pode provar” (V9). Mas se tornar capenga não é a única consequência das manobras de abafamento citadas. Outra consequência drástica é que as pessoas passam a viver “em um mundo aonde 3:36 tudo tá invertido. Tudo tá de cabeça 3:39 pra baixo” (V23). Como está tudo de cabeça para baixo, é “loucura” “acreditar que só existem “dois gêneros, homem e mulher, feminino e 2:46 masculino”; “que o seu sistema 2:50 imune vai te manter saudável”; “falar o que 2:59 você pensa [...] sem ser cassado”; “acreditar em Deus e seguir a Bíblia”; desejar “ter uma família tradicional, 3:16 ter um casamento sem [...] traição” e “ter uma vida 3:29 simples, autossuficiente” (V23).

Em se tratando da ciência produzida dentro desse sistema que “jaz no maligno” e inverte o mundo, trata-se de uma *Ciência falsa*, uma “*pseudociência*”. É, pois, uma ciência que “se opõe às 1:04 Escrituras” (V8). Os cientistas estão sempre “2:15 estudando e estudando e nunca chegando ao 2:17 conhecimento da verdade que são as 2:19 Escrituras, pseudociência, ela nunca aproxima o 2:24 homem do Criador, mas sempre o distancia” (V8). Como diz Alê: “a ciência tem que tá de acordo com a Bíblia, fora disso é pseudociência” (V28). Por estar em desacordo com a Bíblia, a ciência falsa não “vem do alto”, foi “adulterada”, é “diabólica”, “terrena” e “maligna” (V29). Assim, o objetivo principal da Ciência falsa é ocultar a Ciência de verdade: “Então, eles vão criando uma ciência falsa pra 1:10:17 ocultar a Ciência verdadeira” (V19).

Um dos primeiros traços da *Ciência falsa* é seu caráter *não empírico*. É uma “ciência de sofá” (V8), cujos cientistas respondem tudo com “filosofia científica e física filosófica” (V39). “Ideias e interpretações” são apresentadas “como se fossem dados” ou “fatos” (V2p2) e depois se distendem em “novas teorias” (V29). Um exemplo seria a gravidade, que segundo Edson, é só uma “ideia”: “isso não é experimento! Isso é uma ideia! E ideia não sustenta 26:03 ciência” (V30). Assim como a gravidade, outras “ideias” de Newton são “pura construção 8:42 mental” (V16). É o caso, por exemplo, dos conceitos de “espaço absoluto” (Olavo de Carvalho/Leandro, V16), “sistema isolado” (V31); e da “matéria escura” (V28), “abstrações” que se estagnaram no primeiro passo do método científico, a “teorização! Teoria aceita tudo” (V28). Tais conceitos “funciona[m] bem no papel” (V22), mas não passam de “conceitos 3:49 abstratos criados por uma ciência que 3:52 visa esconder os fatos e não revelar os 3:54 fatos, como bem ilustrou Francis Bacon” (V31). Essas *construções mentais* seriam ainda baseadas em *Superstições*, *Teorias mirabolantes* e *Ficções*. Como exemplo de superstições, Afonso cita a gravidade, uma “força mágica que cria coisas” (V22). Por ser mágica, é “invisível” como a matéria escura, que apesar de “representar 95% do universo” (V22) “ninguém nunca mediu e nunca viu” (V22). Essas superstições, por sua vez, são criadas matematicamente: “pra bater 8:08 tudo, a gente tem que enfiar lá dentro da 8:10 conta uma coisa que a gente nunca viu” (V22). Quanto às *Teorias mirabolantes*, além de “negar [a]o Criador” (V8), elas trazem “explicações 49:10 complexas de fórmulas de números para que as pessoas desistam da caminhada e 49:15 vocês [cientistas falsos] fiquem em bons lençóis” (V30). Como diz Marthins ao citar Tesla: “e ele [Tesla] mesmo disse, né, substituíram 19:05 os experimentos empíricos por cálculos matemáticos” (V37). De acordo com Leandro “o negócio é complicar”:

[...] o negócio 5:03 é tornar uma doideira! “Não aqui a Terra 5:07 tá em 1.660 km/hora... eh... em rotação, né, 5:11 em torno de seu próprio eixo. 5:12 É, mas ao mesmo tempo tá em 110 de mil km/hora 5:14 em translação em torno do Sol, 5:17 que o Sistema solar já tá mais de 900 5:20 mil km/hora num dos braços e 5:24 aspiralados da Via Láctea que, por sua 5:26 vez, também está viajando na imensidão do 5:29 Cosmo e do Universo. Cara, só de falar isso 5:31 a minha cabeça cansa, Cansei já! Cansei, 5:34 por que? São números que você não pode 5:38 colocá-los na prática, são distâncias que 5:40 você nunca vai poder alcançar, você não 5:43 tem a mínima noção do que seja tudo isso; 5:46 e coisas que não se podem observar, já 5:49 que a metodologia científica carece da 5:52 observação 5:54 (V6).

Para Edson, a *Ciência falsa* envolve “muito blábláblá” e, se solicitada a apresentar e explicar experimentos, dá desculpas prepotentes: “porque eu e as pessoas não 16:58 têm capacidade pra entender o que eles sabem, porque é muito eloquente, muito 17:05 complexo” (V30). Por último, há *Ficções* como a ida à Lua e agendas exploratórias “além da órbita da Terra” (V21). Por não ser “empírica” e “experimental”, não é “reprodutível” nem “testável”, tornando-se “ficção” (V2p1).

Outra característica da *Ciência falsa* é o *constrangimento*. Se alguém ousar questionar a Ciência falsa e o “formato da Terra”, é imediatamente “tachado como louco, como burro, 0:29 imbecil, idiota, negacionismo” (V23). Mas esse constrangimento não vem apenas da comunidade científica, pode vir dos “Terrabolistas” e “globaloides” que vão “pra internet fazer chacota de quem acha que a Terra não é uma bola” (V30); dos filmes como “Não Olhe para Cima”. Aqui Débora identifica os terraplanistas com os personagens de DiCaprio e Jennifer Lawrence que estão tentando avisar sobre o cometa e são “zuados”: “é um filme [...] 3:47 chato pra caramba! [...] 3:55 porque [...] ele tira 3:57 sarro das pessoas [...] como nós que estão 4:00 falando sobre” “assuntos sérios” (V35); e também dos seguidores de outros terraplanistas como “o público do 0:43 Afonso” que dirigiu a Márcio uma “enxurrada de 0:36 ataques” após apontar “os erros do Canal Ciência de 0:33 Verdade” (V42). Assim, o *constrangimento* é também uma tática do *Sistema* e do seu *Campo de força* que coloca até terraplanistas uns contra os outros. A próxima característica é a *Repetição da mentira*. A mentira é “repetida na mídia” e na “escola” “desde a nossa infância” (V2p2):

[...] todo dia a Ciência moderna 7:40 repete pra você dizendo que você mora 7:42 numa bola que nem reclama, todo dia, todo 7:45 dia! Todo dia, todo dia, todo dia, todo dia, 7:47 todo dia! Até quando tu vai no cinema que 7:50 tá ali pra ver um filme. [...] tu 7:52 comprou a tua pipoca, tu levou a tua 7:53 namorada [...] 7:55, tua noiva, tua esposa, teus filho, 7:56 tua família, [...] 8:00 enfim, leva alguém... [...] tu 8:02 senta pra ver um filme. Antes do filme 8:04 começar, Studios Universal, aparece lá a 8:07 bola azul gigantesca! (V26).

Além de “conquistar um público”, transformando a mentira em verdade, a repetição leva ao sentimento de superioridade entre os adeptos: “Só que, os 4:18 caras que engoliram isso, aprenderam a 4:21 fazer umas continhas [...] De repente o cara começa a se sentir superior, sou 4:34 quase igual a um Deus” (V2p2). Associado a essa sensação, a característica subsequente é o *Compromisso com o ocultismo*:

[...] a ciência que 6:44 nos passa o conceito de Sol, Lua, estrelas, 6:47 formato da Terra, Sistema solar e o Universo 6:49 tá completamente comprometida com 6:52 ocultismo! [...] Ao invés de darem a 6:59 glória ao Criador dos céus, do Sol, da Lua 7:02 e das estrelas e de toda a Terra com toda 7:04 a sua plenitude, eles glorificam a deuses 7:08 que não são Deus, que tem boca, mas não 7:11 falam, que têm olhos, mas não veem, que tem 7:13 ouvidos, mas não ouvem, [referência ao Salmo 115] 7:14 ok. Glorificam a ídolos. 7:17 Então, saiba, é por isso que você vê tanta 7:21 pedrada em cima de quem mostra um mínimo 7:23 de simpatia por um modelo de Terra plana, 7:25 porque a Terra é plana e o Criador a fez 7:28 assim (V16).

Esse compromisso leva ao culto da “ciência como uma deusa” (V8) e a criação de “falsos deuses que não podem ser questionados” (V2p2) e, por isso, foram considerados durante a pandemia como “salvadores” (V8). Diga-se de passagem, “a própria 2:32 pseudociência é uma falsa deusa. 2:34 É a deusa Medicina [...] 2:39 das serpentes entrelaçadas” (V8). Mas, as pessoas só são persuadidas pela ciência falsa porque ela apresenta *Promessas fáceis*. Neemias explica:

[...] a 4:04 pseudociência engolda muitas pessoas, 4:08 [...] porque ela é fácil! Simplesmente, 4:13 coloque aqui esse chip e você vai ter 4:16 toda a comodidade possível e segurança e 4:19 benesses. “Vamos 4:21 te dar dinheiro pra isso”, dizem eles. Você vai 4:24 continuar recebendo o seu auxílio, se 4:27 tiver isso, você vai ter empregos, você 4:29 vai ser alguém na sociedade. Sem isso, 4:31 você não será ninguém, você será marginalizado 4:34 nessa sociedade. É essa a última cartada de 4:37 Satanás [...] nos [...] iludimos com 5:29 as promessas dessa pseudociência fajuta 5:32 que só tem levado a humanidade à 5:35 decadência e à destruição (V8).

Quem pratica esse tipo de ciência são os *Cientistas falsos*. Trata-se de pessoas que, primeiro, tem algo contra a Bíblia: “quem tem algo contra a 30:43 Bíblia, na verdade, são os nossos opositores, esses pseudocientistas que pesquisam aquilo que eles nunca 30:50 viram” (V28). Eles *acreditam* em “*coisas invisíveis*” (V22). Fisionomicamente, são indivíduos que tentam equivocadamente parecerem gênios através de excentricidades como “mostrar a língua”, “andar descabelado por aí” e “usar matemática complexa” e “estilosa” para falar de “uma coisa invisível” (V22). Outra característica dos *cientistas falsos* é o  *fingimento*:

[...] a maioria dos cientistas 18:48 eles fingem ser cientistas, porque eles fingem criar algo que já estava nas 18:54 Escrituras. Né, então, nós temos um problema hoje também com o mundo, porque o Isaac Newton 19:01 não foi cientista como o sistema quer colocá-lo, né, o Isaac Newton ele foi um 19:09 cooperador maçom, ele fazia parte da sociedade da mão invisível dos 19:15 cavaleiros de Malta, ele também trouxe o

cálculo da lei da 19:20 gravidade através da Cabala, que hoje pertence aos rabinos, que tão aí fingindo 19:27 que aquilo ali é o poder do Criador (V19).

Ou seja, eles fingem que a ciência não é uma *multiplicação*. Portanto, são “homens mentirosos” que se tornaram “deuses do ateísmo” (V25). É aí que entra o *Ego*. O “cientista falso” “depende 55:30 de verba [...] governamental” e, não raro, trabalha “em empresas específicas do modelo do 55:35 globo” (V37). Além disso, ele “fica [...] anos dentro de uma Universidade pra chegar um dia [...] uma pessoa e confrontar e falar que o que 55:22 você aprendeu é mentira. Então, existe muito ego nisso” (V37). E por ter um “Código moral fraco”, isto é, “ele não segue uma Bíblia, ele não 2:10 tem nada que fortaleça ele” (V12), estando mais suscetível a cometer *fraudes* em busca de “fama”. Sem um código moral, ele pensa de forma hedonista: “‘olha, não vai ter o [‘próximo mundo’] 3:42 [...] depois que morreu já era’. Qual que é o 3:45 melhor momento para um cara desses? 3:47 É o momento atual!”(V12). Assim, se alguém fizer uma “proposta indecente” – “Olha que tal inventar [...] uma fraude 2:50 específica que vai permitir você ter 2:52 fama?”(V12) – ele não resiste. Ainda de acordo com Afonso, as fraudes são danosas, porque “sem código moral, 5:16 a ciência não avança, porque tem fraudes; 5:20 ou se ela avança, ela pode avançar na 5:25 direção errada” (V12).

A fraude, por sua vez, é caracterizada por “informações discutidas de forma tão abrupta”, “de forma tão nervosa”, “sem paciência” (V1p1); e não “testáveis” (V1p1). Por meio da *fraude* de dados, o *Cientista falso* fabrica *farsas*. A mais importante característica das *farsas* é que “uma farsa não pode 0:20 ser discutida” (V1p2). Para chegar ao estágio da indiscutibilidade, a *farsa* perpassa as características já mencionadas da *Ciência falsa*. Um exemplo desse processo é o fuso horário. De acordo com Edson, (V30) o “fuso horário” não é compatível com “a Terra Bola”, no entanto, temos várias evidências diárias de que os horários funcionam corretamente nas diferentes partes do mundo. Inclusive as previsões do tempo também são relativamente precisas. O que ocorre, para Edson, é que eles não mostram “de onde vem a informação”. “Maju” do Jornal Nacional “nem mostra a Terra bola nos 1:08:49 gráficos”. E, isso é proposital, pois, na verdade, eles estariam usando secretamente o modelo da Terra plana: “É impossível nessa vida temporal, 1:23:51 vocês quererem aplicar fuso-horário em Terra bola. Confessem logo, gente, que 1:23:57 vocês fazem o horário mundial funcionar através da Terra plana que fica muito mais bonito pra vocês” (V30).

A partir daqui, as categorias finais reúnem a contraparte do *Sistema maligno*. Para lidar com tudo que ele oculta, existe um conjunto de estratégias que faz parte da categoria *Formas de gerenciamento do oculto*. A principal estratégia usada, nesse caso, é o *literalismo*

*bíblico*<sup>72</sup>. Essa tática permite “enxergar a verdade na própria verdade que é a Bíblia” (V28).

As falas abaixo pactuam esse compromisso com o público:

[...] vamos interpretar [...] 1:13 este texto aqui literalmente, porque a 1:16 exegese nada mais é do que uma 1:18 conjectura humana, você tem que 1:21 interpretar literalmente o que a Bíblia 1:23 fala! (V27)

Nós entendemos a Bíblia de modo literal, exatamente como a 5:23 palavra está falando, não há alegorias, não há [...] 5:28 outra interpretação... àquela que a 5:34 palavra está falando, se ele fala em dias de criação, então, foram dias, não milênios, 5:39 não séculos, não anos, são dias de criação; e é nesse contexto que a criação 5:47 hebraica, ela entende, né, a origem das coisas, de todas as coisas (V29).

Portanto, trata-se de um compromisso de entender a Bíblia como um “documento histórico”: “a Bíblia é 16:54 um documento histórico, [...] e a Bíblia, ela é clara, tá, ela é literal” (V27). Essa forma se opõe à forma humana de entendimento que está sujeita a erros e vieses propositalmente cometidos e induzidos pelo *Sistema maligno*. Ela propõe “aprender 0:10 as Escrituras da maneira que o Criador as fez. Não como os homens a veem, como as 0:16 religiões, como os filósofos, como o Sistema religioso as vê” (V29); e “que as pessoas, por visão religiosa, acabam enxergando de outra 1:14:43 forma, aonde elas deixam um homem subir no púlpito e falar pra você o que você deve entender daquilo que você está lendo” (V37). Edson, por exemplo, usa a leitura literal para quebrar o “paradigma” que diz que a fé é contra a ciência, mostrando não só que a ciência já estava na Bíblia como, devido ao pecado original, caiu em mãos erradas: “Olha aqui, gente, isso quebra um paradigma [...] quando os pastores da 31:11 Abadia dizem: “‘a fé é contra a ciência’ [...]”; ‘A 31:16 ciência é ateu’, ‘porque a ciência nunca vai [...] tá a favor da fé’. E, aqui [“Pedro” 1:5-7<sup>73</sup>] desmente 31:23 isso” (V19). Relembrando uma passagem sobre a Terra de Canaã, ele diz: “isso aconteceu na América! Por isso que eles encontram muito fóssil de Gigantes na América, como dinossauros, 32:53 como gigantes” (V19). Ele também parte do literalismo para entender fenômenos atuais: “a religião tá aí pra isso, pra você ler a Escritura, mas não 35:42

<sup>72</sup> Importante notar que o literalismo bíblico na perspectiva terraplanista conserva certo apego a determinadas traduções portuguesas. Marthins, por exemplo, chega a mencionar a tradução inglesa de King James (V5), datada do século XVII e realizada em favor da Igreja Anglicana, sob ordens do Rei Jaime. A primeira tradução portuguesa data de 1611. Alê, se refere à ela como “uma bíblia 20:07 muito boa!” (V27). Já Edson, destaca a tradução do pastor protestante João Ferreira de Almeida, datada de 1681, na maioria de seus vídeos. Ambas as traduções já passaram por atualizações e coexistem com outras versões portuguesas. Contudo, as traduções originais se encontram facilmente acessíveis online. Dois dos sites que aparecem constantemente nos vídeos terraplanistas são <https://www.bibliaonline.com.br> e <https://bibliaportugues.com>. Por essa razão, não nos atemos aqui a uma ou outra tradução, nem procuramos discutir diferenças de tradução. As citações que fazemos da Bíblia são preferivelmente aquelas relativas as versões com as quais os terraplanistas estão trabalhando.

<sup>73</sup> “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a *ciência*. E à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade. E à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade” (grifo nosso).



perceber que ela tá querendo gritar para você como tudo isso faz parte da nossa 35:48 vida hoje em pleno século 21!” (V19).

Para perceber o que a “Escritura” diz, o *literalismo bíblico* deve direcionar o *exame*. Segundo Edson, “a Escritura fala que temos que examinar as Escrituras, 9:50 o povo erra por não examinar” (V41). Ao não examiná-la de forma literal, os indivíduos erram, pois há “pessoas que [es]tão envolvidas com o Sistema querendo burlar a sua 13:03 compreensão”. (V41). Além do *exame*, os terraplanistas recorrem ao *questionamento*. Por meio do questionamento daquilo “que foi 3:44 ensinado”, Débora acredita que pode “volta[r] à história 3:48 antiga [...] dos antepassados” e “ver que todos os povos acreditavam numa 4:04 Terra plana, que estava fixa” (V23). Essa estratégia também é citada por Leandro, em referência à postura do terraplanista frente a “supostas” evidências do Globo, sobretudo aquelas contraintuitivas que ele não está “vendo” (V26). Já Marthins complementa que “a princípio é o 7:32 questionamento” que surge quando se confronta a esfericidade da Terra em observações nas quais é possível ver “algo que teria que estar abaixo da curvatura” (V37). Em seguida, o *questionamento* conduz a novas perguntas: “E, logo depois que é apresentado um modelo semelhante a esse 7:38 que hoje nós acreditamos, [...] surgem diversas questões: como que Sol e Lua ficam suspensos? Como planetas ficam 7:45 suspensos?” (V37). O questionamento também é aplicado para desvendar o que está por trás da falta de “fotos reais” e “imagens forjadas” às quais a comunidade científica faz vista grossa; e para colocar em dúvida matérias veiculadas na mídia e donos de corporações:

29:40 por que uma agência que recebe dezenas de bilhões de dólares precisa fazer uma 29:47 foto da Terra com computação gráfica ao invés de tirar com satélite? [...] por que uma agência que recebe dezenas de bilhões de dólares 31:38 fez uma foto montada desse jeito aqui? [...] 31:51 Me explica uma coisa, como é que a comunidade científica não viu isso? Quem viu foi um monte de 31:58 pessoas amadoras que se dizem terraplanistas procurando erros da NASA (V34).

Detalhe, quem está falando aqui? Este homem [Bill Gates] é quem? Este homem é um médico? 00:32 Este homem ele é um cientista? Este homem ele é alguém ligado à ONU? 00:39 E, e... responsável pelo setor de epidemias? 00:43 É... é ligado ao Ministério da Saúde de algum país? Ele é ligado à alguma agência da ONU voltada pra saúde, como por exemplo a [...] OMS? [...] 00:58 Não!! Esse homem não é médico! Esse homem não é cientista! Esse homem não é da ONU! Ele é apenas um bunda rachada! 01:08 Milionário, que fica falando as coisas e porque ele é milionário e tem valor! (V36)

Apesar de serem formas de se chegar à “verdade”, o *exame* e o *questionamento*, que estão relacionados com o literalismo, podem colateralmente provocar dilemas, *contradições* e *desconforto*. Na sequência a seguir, temos alguns exemplos de *contradições* entre ser cristão e acreditar na esfericidade terrestre; apoiar interpretações exegéticas e admitir que Deus deixou

seus profetas registrarem sua palavra de forma errônea; ser terraplanista e não se converter e ir para o inferno; Terra esférica versus Terra com firmamento do Livro de Gênesis:

3:35 E aí fica a questão, [...] ser 3:38 cristão globalista, acreditar no globo 3:41 ou acreditarem no Criador, né, em Josué 10: 13, né, 13:46 muitos cristãos falam: “não, que não 3:50 é bem assim, a gente tem 3:52 interpretar, tá, daí, vem a exegese, tá”. Eles 3:56 pegam, modificam tudo pra adequar o 4:00 versículo ao que eles acreditam, ao que 4:03 eles querem acreditar, mas não é meu 4:06 erro, não! Você tem que ler a Bíblia e 4:10 interpretar de uma forma literal, né, ou 4:14 outros cristãos também falam: “não, naquele 4:17 tempo eles tinham uma visão de mundo 4:19 diferente, né, não existia a ciência”. Ah, a 4:23 Ciência Moderna! [...]. Daí eu faço uma pergunta 4:30 pra ti: você acha mesmo que Deus é 4:35 ... é irresponsável? 4:36 Será que Deus é irresponsável?! 4:39 Que iria deixar os antigos profetas 4:41 dele escrever errado a Bíblia! 4:47 É o que parece, né, alguns cristãos 4:50 afirmam isso! Será que é isso?! Não! É o que 4:55 parece que eles tão querendo dizer pra nós! 4:57 Não! O Criador jamais iria deixar erros 5:02 para que a gente se atrapalhasse depois (V26).

Jesus 24:16 vai voltar com toda a glória do pai agora, né [...] A Terra plana é importante, ela [...] converte as 25:45 pessoas ao Criador, só que [...] não 25:50 adianta ser terraplanista e ir pro inferno! [...] Tu tem que se 25:56 converter, tu tem que seguir Jesus. Isso é o mais importante pra tua vida (V28).

Marthins — Então, como 13:30 descrita no Livro de Gênesis, ehh... no primeiro livro do pentateuco, esse é que é o modelo, que 13:37 é descrito lá. Celso — Quem fala que é plana? Marthins — Sim, sim, sim. E, o firmamento... Celso — Olha, eu não sou um 13:44 especialista em... Marthins — E fez Deus um firmamento para separar as águas acima e águas abaixo. 13:51 No globo não existe firmamento. Celso — Existe é o... o que tá tudo em volta, né. 13:56 Marthins — Firmamento é algo firme, a palavra vem do hebraico *Hakiá*, é algo sólido, firme. Então fica muito complicado pegar 14:03 Gênesis e defender uma Terra de modelo esférico (V37).

O *exame* ainda leva a comparações semânticas e, elas, a novos *questionamentos* sobre o que condiz e o que não é condizente com a Bíblia:

Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, 17:43 Plutão. Isso não [...] condiz com Escritura, por isso que nós vamos ver realmente a verdade sobre o 17:50 que são o Sol, a Lua e as estrelas. [...] eles chamam o Sol de astro-rei, a 17:57 Estrela Maior, [...] é o centro do universo, o heliocentrismo [...] E diz mais a seguir: e ‘sejam para luminares’ [Gênesis 1:14-19<sup>74</sup>], 18:57 opa, então, qual a função do Sol, da Lua e das Estrelas? Elas são luminares! 19:07 São pontos de luz, não são planetas, meus irmãos, e tem gente aí enviando sonda pra 19:13 Marte! Tem, gente fazendo uma estação espacial na Lua. 19:22 Só que você não... é lógica! Cê não vai conseguir pousar em cima de um luminar (V29).

Aquela passagem lá que o salvador diz, olha, eu 49:23 vou subir, mas assim como eu tô subindo, os anjos falaram, assim como ele está subindo, ele vai descer também e

<sup>74</sup> “Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. 15 E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim é. 16 E fez Eloah os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas; 17 E Eloah os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra. E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Eloah que era bom. 19 E foi a tarde a manhã, o dia quarto” (V29, grifos do autor).

todos os... e 49:29 todo o olho verá [Apocalipse 1:7<sup>75</sup>; Mateus 24:30<sup>76</sup>]. Quando Yahushua disse isso, que todo o olho verá, nação, na 49:39 Terra bola fica complicado, né [...] Agora, na Terra plana, ele vai vir no centro do círculo, no 50:06 centro da Terra, todo mundo vai ver, de norte a sul, leste e oeste, dos quatro cantos da Terra, 50:14 todo mundo vai ver, todo mundo vai ver. 50:20 Isso aí é fato, gente! (V30).

1:04:57 Mas o significado do que eles estão usando a palavra pastor hoje não é bíblico! 1:05:02 A gente não tem que ater na palavra que é bíblica, mas no significado [...] se esse 1:05:08 significado condiz com o que você tá lendo na Bíblia! [...] 1:05:17 Mas nós temos que focar o significado que tão tendo, que tão dando pra 1:05:24 gente! Deus é invisível, esse significado é verdadeiro ou é falso?! (V30).

Além de descrever como o processo de comparação semântica ocorre, permitindo a tomada de decisões sobre o que é condizente com as Escrituras, a última fala acima antecipa um aspecto crucial. Trata-se do caráter dialógico do exercício de *examinar* e *questionar*. Ambas são categorias dialógicas que operam em diálogo presente – como a próxima fala exibirá –, passado ou futuro com terceiros, isto é, em antecipação. Portanto, as contradições não podem ser fruto apenas de duas posições individuais opostas que o sujeito pode assumir, mesmo porque essas posições são oferecidas por terceiros presentes imaginariamente ou fisicamente:

Marthins — Então, 15:04 [...] a minha crença é na Ciência! Na Ciência verdadeira, na ciência provada empiricamente [...] Celso — Não, Gênesis não é isso, certo? Marthins — Gênesis, não, mas o que é relatado em 15:17 Gênesis pode ser provado cientificamente! Essa é a grande chave da questão, 15:24 você não tem um relato de uma Terra esférica em Gênesis, você tem um relato de Terra plana. Então, você vai pra 15:30 Ciência, tenta provar se as águas do mar são planas ou não [...]a fé ela também pode ser provada 15:48 cientificamente, hoje eu falo, eu não creio que a Terra é plana, eu tenho certeza que a Terra é plana! (V37).

Se por um lado, o *questionamento* viabiliza a identificação de contradições, por outro, ele traz consigo *desconforto* e *estranhamento*. Esse mal-estar, porém, pode ser minimizado com a conversão à Terra plana, como a fala abaixo demonstra:

E a gente sabe [...] onde está o Criador, o 26:44 Criador tá bem acima de nós, acima das águas do mar primordial, né, então, hoje a 26:50 gente tem ciência. A gente tem a consciência aonde que está o nosso Criador. Quando a gente achava, né, ahm... que a 26:57 Terra era uma bola, quantas vezes você parou assim e olhou pro céu, né, 27:03 e ficou pensando, cara, onde é que tá o... o Criador? Nossa, esse espaço, [...] 27:11 que foi nos ensinado, [...] é tão... tão grande, milhões e milhões de outros 27:16 planetas, [...] bilhões de galáxias, trilhões de estrelas, aonde é que tá o 27:23 Criador?! Bahh, nossa sou tão pequeno! O Criador não tá nem aí pra mim... Não é assim, 27:28 quantas vezes você pensou nisso?! Não, cara, tu tem valor! Jesus morreu por ti, porque tu 27:34 tem valor, tá, ele foi crucificado, porque tem valor, tá, e hoje com o modelo de

<sup>75</sup> “Eis que Ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram, e todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele. Certamente, assim será. Amém!”.

<sup>76</sup> “Então surgirá no céu o sinal do Filho do homem, e todos os povos da Terra prantearão e verão o Filho do homem chegando nas nuvens do céu com poder e majestosa glória”.

27:40 Terra plana, o verdadeiro modelo, inclusive apoiado pela Bíblia; eu vou dizer pra ti meu amigo, se não existir, se não 27:48 existisse versículo ahh... falando do formato da Terra na Bíblia, eu não seria terraplanista! 27:53 Eu não seria! Eu sou terraplanista, porque a Bíblia... a Bíblia fala que a 27:58 Terra é plana, tá. [...] Então, se não existisse [...] um respaldo 28:26 bíblico, cara, eu não ia ser terraplanista, tá [...] inclusive eu sou terraplanista 28:33 por causa de Gênesis 1:7 [...] que fala do firmamento. Eu me dei 28:40 conta, quando eu olhei aquilo ali eu, cara, mas pera aí, cadê o firmamento do globo?! Não tem, caramba, a Terra é plana! (V28).

Para o grupo, desacreditar na Bíblia gera estado de desconforto equiparável ao “choque”: “Beleza, 24:00 não que eu tenha acreditado sempre em Terra plana, né. Eu já desacreditei a Bíblia muitas vezes, percebi mais recentemente, igual 24:07 todo mundo fiquei em choque” (V34). Marthins e Edson explicam o mesmo processo, porém junto a uma resistência inicial à Terra plana, descrevem uma sensação epifânica, na qual as coisas começam a fazer sentido e se tornam inteligíveis:

Marthins — Bom, há cinco anos eu caí em vídeos do 3:49 YouTube, em vídeos norte-americanos, [...] Então, quando eu assisti o primeiro vídeo, eu tava pesquisando alguma coisa sobre a teoria 4:00 da Terra oca e na indicação de um dos vídeos apareceu 4:05 o canal Acordei tarde com um vídeo falando que a Terra era plana. [Risos] Falei, esses caras são malucos! Voltaram pra 4:12 Idade média, idade das trevas, não tem mais conhecimento, o que tá acontecendo?! E fui assistindo o primeiro 4:19 vídeo, dei risada, segundo vídeo dei risada, no terceiro vídeo eu olhei e falei opa, tem alguma coisa 4:25 estranha! Eu já conhecia o modelo do globo como todos nós somos doutrinados, 4:30 né, desde crianças, antes de aprendermos o nosso nome, a escrever nosso nome, nós sabemos que moramos em uma bola 4:36 molhada giratória e com o passar do tempo comecei ver uma sequência de vídeos, digitei *Flat Earth* em inglês e 2011 4:45 vi que nos Estados Unidos havia um... uma quantidade maior de vídeos e comecei a investigar, investigar, as coisas passaram a fazer 4:51 sentido. As peças... as peças começaram a se encaixar eh... de explicações que tinham no modelo do 4:57 globo, também no modelo plano (V37).

[...] Eu mesmo era terrabolista, eu acreditava na Terra bola de unhas e 1:03:25 dentes; e depois que você tira o óculos da mentira que eles colocaram, 1:03:31 você consegue ter explicação da Bíblia, da história do Brasil, do que acontece no 1:03:37 planeta, na existência de um Criador, se ele é esse Deus invisível que criaram aí. 1:03:44 O fato de você não vê algo ou alguém, não quer dizer que a pessoa é invisível! (V30).

O caminho para a conversão à Terra plana, entretanto, não é linear. Pelo contrário, “as pessoas acabam entendendo o modelo da Terra plana não por caminhos 24:33 iguais” (V37). Há indivíduos que “chegam por religião, [...] por fé, e 24:38 [...] pela ciência [...] e depois, tudo se une”, porque “todos esses assuntos circulam esse assunto principal [Terra plana]” (V37) de tal forma que “depois que você entende o modelo 25:55 fica difícil acreditar que estamos de lado numa bola, de ponta cabeça” (V37). Uma vez que se tenha aderido à Terra plana, após perceber contradições, é feito um último questionamento: “[...] a hora que você confirma que a Terra é plana, a segunda 1:16:00 pergunta que você faz é: o que mais

mentiram pra mim se eles conseguiram mentir a morada que eu vivo?” (V37). Esse questionamento, por sua vez, conduz a uma sensibilidade para identificar aspectos de uma conspiração sistêmica através de “preocupações de combater” o “modelo da Terra plana” que “não só unem aquelas 1:15:49 pessoas que [...] precisam esconder esse modelo, unem pessoas que precisam 1:15:55 esconder outras coisas” (V37). Finalmente, a ideia de que há uma conspiração generalizada é acomodada: “no começo choca mesmo! A 4:56 gente fica meio chocado e, depois a gente 4:59 vai acostumando com a ideia de nos 5:02 enganar” (V21).

Após a conversão e subsequente desvelamento das mentiras contadas pelo sistema, duas estratégias comumente adotadas pelo grupo são respectivamente *informar* e *instruir*. A primeira se apoia no YouTube. A plataforma é vista apenas como um meio de compartilhar *informação* (V9). Já a possibilidade de criar um canal no YouTube é vista como um meio “mais acessível” do que “livros” e “revistas” (V34) e serve precisamente a esse propósito: “[...] A intenção de nenhum terraplanista é mudar a ciência. 07:46 [...] A intenção é informar sobre uma ideia. Pôr as pessoas para pensar, porque os 07:52 cientistas não são deuses, eles erram e as pessoas têm que começar a questionar. [...] não acreditem cegamente” (V34).

Para atingir esse objetivo, entretanto, é preciso *despertar* as pessoas sobre a “*Terra plana*”. O que não é percebido como tarefa fácil – “[...] parece que tu tá mexendo no inferno” –, havendo “*pressão*” devido ao “6:05 peso [...] de tratar desse 6:08 assunto e tentar despertar você a abrir os 6:11 seus olhos para o engano que colocaram de 6:14 maneira forçada e ditatorial na sua 6:17 mente, nos seus filhos na escola” (V16). Para auxiliar nessa tarefa, Márcio acredita que os canais sobre o assunto deveriam se unir: “quando o 9:59 cara que tá começando a despertar, ele tá 10:00 em dúvida, tá em cima do muro, é muito 10:02 importante que os canais [...] estejam se unindo 10:09 pra expor a verdade em oposição às 10:13 mentiras” (V42). Porém, as rivalidades internas acabam aumentando a dificuldade de despertar os indivíduos, como sugere Márcio numa crítica às “heresias e blasfêmias 10:41 [...] deliberadamente anticristãs” de Afonso: “12:14 alguns [...] inscritos 12:16 do canal Ciência de verdade [...] me chamaram de arrogante, [...] você acha que eu ia perder o meu 12:33 tempo [...] 12:39 preparando o conteúdo 12:41 [...] pra você acordar, [...] parar de ser enganado, [...] 12:46 despertar” (V42).

Quanto à segunda estratégia, a *instrução*, ela atua como alternativa ao *ensino*. Se o *ensino* “faz lavagem cerebral”, “aliena”, “oculta” e torna as coisas complexas, gerando “burocracia”, “a instrução [...] simplifica o 7:00 complexo e ela faz as pessoas enxergarem coisas que o sistema não quer que você 7:06 enxergue” (V41).

As duas estratégias, *despertar* e *instruir*, não necessariamente têm como fim o real formato da Terra. São também um meio para a “*aceitação de Jesus*” (V28) ou “Yahushua”, que é nada menos que “o único requisito pra ter 12:55 a salvação eterna” (V42). Por isso, Edson, por exemplo, tenta chamar a atenção de seu público para a *atemporalidade bíblica*: “às vezes eu falo uma coisa que não é da Bíblia, alguém diz 58:[...] ‘irmão Edinho, tá fugindo do foco, tu tá falando de coisa de hoje, vamo pra Bíblia!’. Como se o 58:08 o hoje não pertencesse à Bíblia” (V9). Esse caráter atemporal da Bíblia não é simplesmente usado para categorizar algo como bíblico e reafirmar sua pertença a ela, e sim para afirmar a pertença da categoria bíblica ao conteúdo do presente. Reafirmar essa atemporalidade implica a *homogeneização das eras*. Edson explica o seguinte: “[...] porque você tem que homogeinizar as eras, não adianta você 57:17 ter só a verdade do presente se você não tem a verdade do passado. A identidade continuará ainda oculta” (V9). Quando Edson fala em homogeneizar para recuperar uma identidade, conectando de forma atemporal a Bíblia ao presente, uma continuidade em favor dos povos e civilizações descritas na Bíblia é restaurada. Um exemplo disso é feito ao associar a “Tribo de Isaacar” com celebridades do presente: “É a tribo que tá 1:10:42 no Estados Unidos. [...] Isaacar é de onde vem os cantores, né, Beyoncé, Michael Jackson, Ed Murphy, The Rock, 1:10:56 [...] ‘Eu, a patroa e as crianças’, né”; “‘Todo mundo odeia o Chris’”, é esses 1:11:01 artistas poderosos; a Oprah” (V19).

Por meio dos vídeos, outras estratégias também são utilizadas para lidar, sobretudo com os *terrabilistas* e *globalistas*. A primeira dessas estratégias, que cabe mencionar, é o *desafio*. O *desafio* é uma estratégia antiga (Schadewald, 2015; Garwood, 2008). No canal de Edson, ele descreve um desafio feito: “[...] fizemos um desafio semana 14:19 retrasada pra eles nos apresentar como se aplica o fuso horário na Terra bola [...] 14:55 [...] 15:01 nenhum terrabilista contestou [...], ou eles não querem ver, 15:12 ou eles viram e tão tentando buscar até hoje uma explicação” (V30). Alê também utilizou essa estratégia com um ex-terraplanista do Canal Sistemático, chamado Eduardo: “[...] 6:27 não vamos debater pessoas, e sim vamos debater [...] ideias, [...] 6:34 nós não temos medo, senão a gente não teria nem [...] feito 6:39 esse desafio pra essa *live*, [...] com Eduardo, com outro defensor aí do Globo” (V39). Durante a *live*, Alê não permitiu que Eduardo também fizesse perguntas. Ele usou outra estratégia largamente adotada, em especial, por Rubens e outros terraplanistas que reagem às matérias científicas veiculadas na mídia. Trata-se do chamado *espólio de guerra*. Na ocasião abaixo citada, Eduardo se queixava de que Alê estava usando uma matéria sobre grande quantidade de raios gama na atmosfera lunar, que, na visão de Alê, eram incompatíveis com o pouso na Lua. Na perspectiva de Eduardo, apesar de Alê não acreditar na NASA, ele toma os raios

gama como verdadeiros e o pouso na Lua como falso. Na perspectiva de Alê, ele está apenas usando as armas do inimigo para evidenciar uma contradição e, em seguida, pôr em dúvida ou desacreditar algo:

Alê — Não tem como um homem ter pisado na Lua, eu te mostrei, [...] eu peguei uma matéria da própria NASA [...] Eduardo — Só que [...] tem um 34:54 negócio [...] você tá usando uma informação da NASA e tá querendo 35:00 combater a própria NASA. Alê — Óbvio [...] 35:05 Ehh... espólio de guerra, né, eu uso as armas do inimigo contra ele (V39).

Outro grupo de estratégias pode gerenciar o oculto lidando com a contradição de outra forma. Nesse conjunto, a primeira estratégia é o *afastamento*. Márcio, por exemplo, usa essa estratégia contra o canal Ciência de Verdade, cuja “maioria dos 3:34 seguidores [...] são cristãos”, mas estão sendo levados “a crer 3:41 em ensinamentos que não são cristãos” (V42). Ele sugere: “[...] seguindo 4:55 as Escrituras [...], 4:57 afastai os seus olhos de toda a 5:00 aparência do mal. Eu tenho feito isso 5:02 [...] não fico mais vendo [...] gnosticismo, ensinamentos 5:09 de ocultismo como eu fazia [...] hoje [...] quando você tem 5:19 espírito santo, ele não aceita, [...] é muita profanação, [...] blasfêmia” (V42). Mas há estratégias que parecem lidar com o oculto sem se afastar das contradições. Trata-se da *separação por contexto*. Com essa estratégia, Afonso e Débora conseguem driblar conflitos entre o conteúdo de seus canais e a política do YouTube. No caso de Afonso, quando se trata de vacinas e outros temas, ele diz: “Muitas 23:16 pessoas falam o seguinte: ‘Afonso, por que você separa Patreon e aqui?’ [...] lá, é um ambiente de incubar ideias, tá, são 23:24 ideias especulativas e eu fico mais confortável, aqui ninguém vai apagar meu canal no YouTube” (V34). Débora também usa essa estratégia, mas numa plataforma diferente, na qual fala com mais segurança sobre temas sensíveis: “pra quem não sabe, eu já 0:15 tenho todo ali um repertório cheio de 0:18 análises de filmes e seriados, aonde eu 0:20 faço análises muito mais extensas do que 0:22 essa aqui do YouTube, porque aqui [...] eu não consigo falar tudo 0:25 abertamente” (V35). Fora do ambiente digital, essa estratégia também é usada. Discutindo com Edson sobre seguir Yahushua, jogar e ter um canal de games, no qual são gravados *gameplays* de jogos de terror contendo temas ocultistas e violência, Felipe afirma: “É o entretenimento, [...] é a mesma coisa que você jogar o xadrez, [...]. 22:23 O Bispo vai matar o Cavalo, tem morte também, mas é um jogo, as coisas é tu saber 22:28 se separar muito bem” (V9). Sobre a parceria de seu canal de games e o canal de Edson, ele diz: “25:35 a gente tem que ser muito inteligente, nem tudo requer você falar de nome, [...] lá no 25:41 canal, vocês não vão me ver [...] pregando, porque lá não é um lugar de pregar. É a mesma coisa que vocês me vissem na escola de 25:46 inglês. Vocês não vão me ver pregando sobre Yahushua” (V9). Já Edson diz o seguinte acerca

da manutenção dos filhos na escola versus a doutrinação praticada por elas: “Eu não tô falando para você tirar os filhos 6:21 da escola, ok, 6:22 tem muita coisa boa que se aprende lá e 6:25 como nós vivemos nesse sistema, temos que 6:27 aprender aquelas matérias pra podermos 6:29 passar de série, passar nos vestibulares, 6:32 nos concursos, arrumar um emprego melhor [...]. Então, faz parte” (V16). Por sua vez, Leandro usa a separação mais próxima da grande categoria que será apresentada posteriormente. Ao falar sobre a *observação*, ele afirma: “nesses debates, eu acho 9:53 que tá faltando a gente [...] saber separar, né, pera aí, 9:58 isso aqui é o que eu [...] não consigo ver, mas eu creio que existe, 10:01 isso aqui é o que eu vejo, é o que eu consigo 10:03 ver [...] nitidamente” (v26).

Antes de tratarmos da próxima categoria, uma última estratégia aparece, a *resistência*. Neemias a cita ao reagir aos planos da ONU de instaurar a NOM e a restauração de Babel: “[...] o Criador terá uma 9:12 resistência, isso não vai ficar barato 9:14 não, [...] vamos ver pessoas que não vão 9:17 dobrar seus joelhos a Baal [...] Eu convido a você 9:42 a ser a resistência, meu irmão” (V40). Novamente, a resistência não está desvinculada das estratégias anteriores, sobretudo aquelas mais próximas ao literalismo bíblico.

Embora não seja necessariamente uma forma de resistência ou enfrentamento do oculto, a próxima categoria pode ser considerada uma reação à ciência falsa, usada para ocultar a ciência verdadeira. Trata-se da *Ciência de verdade*. Sua definição resgata os entendimentos e princípios científicos difundidos – mas considerados não cumpridos – pelo próprio *establishment*. A ciência de verdade seria “qualquer 1:59 conhecimento ou práticas sistemáticos. Em 2:02 sentido estrito, ciência refere-se ao 2:05 sistema de adquirir conhecimento baseado 2:07 no método científico” (V5). Mas, diferentemente da ciência falsa, a “ciência [de verdade] como todo o pensamento 13:24 crítico”, tem como “Telos interno” “nada mais do que a 13:38 proteção e o melhoramento da existência humana” (V39). Ela só é capaz de cumprir esse propósito, porque é um modelo não corrompido ou uma aplicação mais “pura” da ciência roubada da Bíblia – com a qual ela não está fundamentalmente em desacordo. Pelo contrário, prova-lhe através da “confirmação” da Terra plana: “quando colocamos 2:40 a ciência bíblica à prova, ou seja, à luz do 2:43 método científico do establishment, a 2:46 ciência bíblica se comprova, pois, 2:48 provamos a Terra Plana” (V5). Essa “confirmação”, entretanto, só é possível seguindo-se fielmente um conjunto de princípios que caracterizam a Ciência de verdade.

A ciência de verdade tem, pelo menos, oito características basilares: 1) *Empírica*: “2:38 Ciência de verdade é empírica” (V16). Essa noção de empiria, por sua vez, está alicerçada nas próximas duas características: 2) *Observável*: “a ciência de verdade ela é 9:04



baseado em observações” (V22), isto é, naquilo que pode ser visto, sobretudo a olho nu: “1:39 Olha o mar lá no horizonte, você tá vendo 1:42 plano e nivelado, [...] cê tá vendo 1:44 uma lombada aí? Cê tá vendo uma curva? Não, 1:47 beleza! 1:48 O terraplanista acredita no que ele tá 1:51 vendo!” (V26). Há, pelo menos, três exemplos de observações das quais o terraplanismo extrai evidências para explicar, de uma forma diferente, os principais fenômenos tomados como base empírica da esfericidade terrestre:

a) *Observação da perspectiva*: “aqui a gente vê o Sol ahhh... já 0:53 indo pra oeste, né, e conforme ele vai 0:57 se afastando, ele vai diminuindo o seu 1:01 tamanho. Não diminuindo o seu tamanho em 1:04 si, mas pela perspectiva” (V7). Além de explicar como o Sol se põe, a refração e a perspectiva são os verdadeiros fenômenos por trás da forma como os navios desaparecem no horizonte: “Falam pra nós que quando um navio 16:51 tá sumindo no horizonte, ele começa a sumir 16:53 pelo casco, [...], mas [...]17:06 Os terraplanistas estão apontando suas 17:09 câmeras [...], aplicando zoom e ele tá 17:13 tornando a ser visível” (V38). Adicionalmente, pondo-se por perspectiva, o Sol teria, na verdade, um movimento: “15:54 Esses dias mesmo eu estive trabalhando ao ar livre e eu observei o 16:00 Sol acima da minha cabeça, daqui algumas horas tava lá mais à frente. É assim, 16:05 meus irmãos! O Sol tem um movimento” (V29).

b) *Observação da densidade atmosférica*: bastante associado às observações anteriores, a densidade atmosférica é usada para apoiar a lei da perspectiva. Quando “4:38 acontece o famoso pôr do Sol [...] ele some mesmo em 5:04 meio a densidade atmosférica” (V7). Trata-se de um fenômeno importante, já que por serem observações que qualquer indivíduo pode fazer, é ele que explica o erro que as observações da comunidade científica cometem ou tentam disfarçar:

8:24 Celso — Por que que [...] umas pessoas da ... da ciência, 8:29 falam: “não, é curva, porque papapa...” era só fazer [...] a mesma medida que vocês fizeram e 8:35 comparar [...] Marthins — porque eles sabem que se eles fizerem a medida e comparar vai dar 8:43 ponto pra Terra plana [...] Qualquer pessoa que chegar na beira do mar, fizer um teste de 8:49 curvatura durante sete dias, vai ver que um dia, ele não aparece por causa da umidade relativa do ar que tá 8:55 mais alta, no outro dia tá um pouco mais seco, a ilha vai aparecer. Celso — Não tem a ver com a maré? Marthins — Não [...] Celso — porque sete 9:02 dias [...] combina com maré, né? Marthins — [...] se 9:12 passar sete dias, lá, com tempo claro, clima seco, todos os dias você vai filmar a ilha, [...] depende da condição atmosférica (V37).

c) *Observação do efeito lupa*: durante o pôr do Sol, por vezes, em vez de se afastar, o Sol pode parecer se abaixar atrás das montanhas ou da linha do horizonte. Em alguns casos, pode parecer maior e mais próximo. Para dar conta dessas impressões visuais

contrárias à perspectiva, a cosmologia da Terra plana invoca o chamado *efeito lupa*, que está estreitamente associado com a condição atmosférica mencionada acima. Abaixo, Leandro explica o fenômeno ao seu interlocutor, o geólogo Caio, enquanto Marthins tenta convencer Celso, argumentando que o mesmo efeito impede que o Sol seja novamente visto com câmeras ou telescópios como acontece com os navios (V38):

Leandro — O pôr do Sol na Terra plana, ele 17:24 seria basicamente isso, o Sol ele vai se 17:26 pondo, [...] 17:30 perspectiva, ponto de fuga, 17:32 até que ele some no horizonte. Caio — Então, eu acho 17:35 que tem problema no seu raciocínio, porque 17:37 quando a gente vê as coisas em 17:38 perspectiva, quanto mais distante elas 17:40 tão menores elas vão ficando na nossa 17:42 percepção, como você falou, mas a questão 17:44 é que a nossa percepção é que os objetos 17:46 diminuem e convergem ao ponto de fuga. 17:48 Agora, o Sol 17:49 a gente vê ele sendo bloqueado, né, a gente 17:51 vê como se fosse uma parte dele, e da forma como 17:54 você explicou isso... o pôr do Sol não bate! 17:57 Leandro — Muitas pessoas questionam isso “ah, mas eu 18:00 vi o Sol se pôr e ele não diminuiu de 18:03 tamanho”, o que era esperado numa Terra 18:04 plana. Mas, sim, ele diminui sim de tamanho. 18:07 Só que depende de alguns fatores. 18:09 É aí que a gente entra em um fenômeno. É 18:11 chamado efeito lupa da atmosfera, por 18:13 exemplo, o pôr do Sol no mar, 18:15 né, cê vê [...] aquela bola enorme e 18:18 gigantesca. No deserto, por exemplo, é a 18:21 umidade relativa do ar baixa. 18:23 Você percebe o Sol diminuir drasticamente 18:24 de tamanho e convergir até ele se pôr. 18:27 Caio — Então, mas isso ainda não explica a sua 18:29 impressão do Sol tá bloqueado, né (V38).

Celso — [...] por que que tem dia e noite e por que eu não vejo o Sol quando é 1:06:36 noite? [...] Que eu acho que é mais assim ó, usando o teu... o teu modelo aqui ó, [...] por que que eu não 1:07:07 vejo ele daqui? Eu deveria ver, eu tô aqui, se eu pegar um telescópio ou uma câmera boa [...] Não deveria?! Marthins — Na verdade, não, Celso. [...] Celso — Ele não tá então próximo da cúpula? Marthins — Não! Ele está dentro da cúpula, [...] 5 mil quilômetros da superfície da Terra. Celso — Sim. Marthins — E, ele 1:07:49 circulando aqui, a hora que é dia no Brasil, 1:07:55 à noite no Brasil, ele vai estar em cima do Japão, por exemplo, tô escolhendo aqui um país aleatório. Celso — Aham, aham. Marthins — Que todo mundo sabe que é 180 graus e 1:08:03 você não vai conseguir ver o Sol daqui. Por que? Pela altura dele e por perspectiva mais as camadas atmosféricas 1:08:11 [...] Celso — se você olhar a gente vê o grandão, cê vai no 1:09:44 mar aquela coisa linda. Marthins — [...] Então, mas olha que questão interessante, por que que o Sol a pino, meio dia, ele é menor 1:09:52 do que o Sol se pondo? É a maior prova que a atmosfera age como uma lupa! Ela 1:09:58 amplia os objetos. Celso — Mas ela não existe quando tá aqui a atmosfera? Marthins — Ela existe, [...] Só que o que acontece, a camada atmosférica aqui é 1:10:06 uma coisa, a camada atmosférica que você tem que superar pra você ver o Sol aqui é outra, 1:10:13 cê concorda? Celso — Eu não sei (V37).

3) *Experimentável*: “0:24 Ciência é tudo aquilo que 0:27 permite experimento [...] 0:31 O que não permite experimento não é 0:33 ciência! É uma falsa ciência!” (V21). Isso explica o caráter *testável* da ciência de verdade, porém com alguma margem de erro, como explica Afonso: “é testável, mas não corresponde totalmente ao modelo esperado. Testável

estatisticamente, com exibição da porcentagem de a hipótese estar certa e errada” (V1p1). Logo, “a ciência é 56:08 bem clara, você só pode afirmar aquilo que você pode provar” (V19). Assim, diferentemente da ciência falsa que “não consegue praticar o que vocês [cientistas falsos] mesmo estabelece como regra” (V19), a ciência de verdade o faz, pois “pra poder vencer o conhecimento científico tem que ser através de experimentos e através [...] de provas” (V19). E o “experimento é no plano físico”, porque “linguagem não constrói plano físico”, especialmente a “linguagem técnica” (V30). Esses experimentos ainda devem conter *documentação* rigorosa: “7:11 a documentação do experimento ou da 7:15 teoria deve ser detalhada, 7:19 os dados devem ser detalhados na 7:21 documentação e todos os experimentos 7:25 incluindo os equipamentos utilizados, 7:27 marca precisão, resolução, tudo” (V1p1). Aqui, há dois exemplos de experimentos que “seguem” essas premissas e se somam às observações:

a) *Experimento de perspectiva*: o primeiro “experimento” apresentado por Alê é conduzido por “Philippe 7:20 Rockhout”. No vídeo, Rockhout usa “um *laser* e uma bancada de 7:27 73 polegadas” junto com uma “câmera” que está “no nível da 7:35 mesa”. Ele faz o *laser* sumir, e Alê atribui à perspectiva: “7:36 e o *laser* some, por que será que acontece 7:39 isso? Por causa da perspectiva! 7:42” (V7). No segundo experimento, também de perspectiva, em vez de *laser*, Rockhout usa uma “lanterna” que estaria “representando o Sol” e a “mesa é como se fosse [...] a Terra plana” ou o “horizonte”. Segundo Alê, no experimento é possível ver que “simplesmente o Sol se 8:39 afasta e some pelo ponto de fuga” (V7).

b) *Experimento eletromagnético*: outro experimento mencionado durante o vídeo (V23) foi feito para demonstrar o eletromagnetismo que, na cosmologia da Terra plana, substituiu força da gravidade. Débora explica: “[...] gente, esse modelo 5:45 eletromagnético, que todo mundo fala que é 5:47 loucura acreditar, tem pessoas que fazem 5:49 experimentos em seu laboratório” (V23). Uma dessas pessoas seria David Lapoint, que realiza em seu canal experimentos sobre a Teoria “Campos 5:54 primários” (*Primer fields theory*), que fornece à Débora o “modelo” de base para seus “5:59 estudos da inversão do campo magnético 6:00” (V23);

4) *Reprodutível*: cumprindo com os requisitos experimentais anteriores, a ciência de verdade deve ser replicável, isto é: “a ciência de verdade ela é 9:04 baseada em observações e experimentos 9:08 que aceitem repetições para várias 9:12 pessoas poderem repetir o experimento” (V22). Um exemplo de fenômeno “*observável*” é o próprio “eletromagnetismo”, cujos experimentos podem ser repetidos “indefinidas vezes”, tornando-

o, ao contrário da gravidade, parte da ciência de verdade: “Eletromagnetismo faz parte da ciência 9:28 de verdade, 9:28 já a gravidade funciona bem no papel, mas 9:34 ela não se dá bem em experimentos claros” (V22). Para que a reprodutibilidade seja possível, é preciso que, na ciência de verdade, diferentemente da ciência falsa, os *dados* sejam *reais*: “nós sabemos tudo, isto é, qualquer um pode reproduzir o mesmo dado”. Por conseguinte, a ciência de verdade produz dados que “são reais”, “[...] os 5:21 dados são reais, 5:22 nós sabemos, a... a resolução, precisão 5:25, amostragem, tudo do equipamento, eles 5:28 colocam nos artigos 5:29”. (V1p1);

5) “*Mensurável*” (V17): ser mensurável tem relação com a manutenção de testes de desempenho e reconhecimento de falhas: “um trabalho 9:01 sério tem teste de desempenho, 9:04 avaliação de erros e incertezas 9:07 [...], montei uma teoria, ela 9:13 não tem falhas 9:15, pronto, então ela já falhou porque tudo tem 9:18 falha” (V1p1).

6) *Simplificada*: como explica Marthins (V37), “2:34 O modelo da Terra plana, ele tem uma ciência mais simplificada, uma ciência de acesso pra todas as pessoas. 2:39” que “não depende de formação” (V37). Por isso, a ciência de verdade não deve apelar para “*teorias mirabolantes*” que funcionem burocraticamente para impedir as pessoas de a compreenderem e, conseqüentemente, participarem. Logo, é um modelo que “não tem blábláblá, 51:13 não tem calculozinho, não tem [...] fórmula de Bhaskara, [...] não precisa disso” (V30). Além disso, por prover explicações simples e compatíveis com as experiências sensoriais ordinárias, Leandro, por exemplo, considera a “*Navalha de Okham*” um princípio em favor da Terra plana (V6):

2:41 Então, pera aí... 2:43 então, nós temos um princípio da 2:46 Filosofia da ciência, [...] um elemento de metodologia 2:52 científica que ele tá dizendo para mim, [...] que aquilo que é mais 2:56 lógico, aquilo que é mais simples, aquilo 3:00 que é mais coeso, é que prevalece! [...] 3:48 Mas tirando essa condição atmosférica do 3:50 céu nublado, você vê o Sol passando aí ó 3:53 por cima da sua cabeça, ó faz a viagem dele e 3:56 vai embora; a Lua também. Então, não é mais 4:00 lógico para mim entender que eu tô 4:03 parado e os astros estão se movendo 4:06 acima da minha cabeça?! (V6).

7) *Especulação declarada*: “Marthins — Não tem 39:30 como saber com ciência, tá, com provas, o que [...] tem fora do domo e nem 39:37 embaixo da Terra. Isso é fato! Tá, saber não, mas existe alguma...especulação” (V37). Trata-se de uma especulação declarada, porque ela é utilizada quando se admite “franca”, “honestamente” e “humildemente” não ser capaz de “provar” algo relacionado à Terra plana. Sobre isso, Marthins afirma: “um cientista de verdade ele não pode ter vergonha de 40:58 falar eu não sei” (V37).

8) *Código moral forte*: “a ciência de verdade ela tem 5:53 que ser direcionada com moral, [...] 6:02 Sem moral, a gente não tem garantia 6:04 nenhuma, é só um homem falando que aquilo 6:07 está certo e nada mais!” (V12). Nesse caso, o código moral de Afonso, por exemplo, é a Bíblia: “eu sou 0:46 cristão, sigo a Bíblia sagrada, beleza! 0:50 Esse é meu código moral, ok” (V12). Nesse código moral, não há risco de tendenciosidade: “0:58 as minhas análises são tendenciosas como 1:00 alguns dizem? [...] Não existe nenhum pedaço da 1:12 Bíblia que diga que eu tenho que mentir 1:14 para proteger a minha fé [...] É o contrário. É Deus que me protege” (V12). Ora, se a tendenciosidade é a necessidade de proteger sua fé, como é Deus quem lhe protege, não é necessário mentir. Logo, se há um Deus, o cientista é isento da necessidade de se defender. Se não há, ele o faz e acaba criando “fraudes”. Compartilhando desse código moral, outros terraplanistas oram para aprender a “verdadeira ciência, a ciência que vem do alto, não adulterada, 0:39 não diabólica, não terrena, não maligna, mas aquela pura e cheia do teu temor, somente 0:48 vem de ti” (V29). Ou seja, a ciência que foi roubada, “a ciência hebraica ou a ciência divina”, “a ciência das Escrituras conforme nos foi 1:36 revelada” (V29). Com esse código moral, o cientista se torna capaz de resistir às fraudes, e dizer: “Negativo! 3:09 Afinal de contas esse mundo aqui, 3:11 material, não é nada! Tem o próximo mundo 3:14 ainda” (V12).

São essas as principais características da ciência feita por um *cientista de verdade*. Além de estar “sempre em busca da verdade” (V28), o cientista de verdade é “*inovador*”. Por isso, ele está “sumindo”, pois ao contrário dos cientistas falsos que contribuem com a morte da ciência através dos dogmas, o cientista verdadeiro representa “pontos de força na ciência” (V34). Ele é, ainda, temente a Deus, tal como os cientistas defensores do *design* inteligente: “vários 8:19 cientistas tementes já falam do *design* inteligente” (V29). Trata-se do cientista que dá “honra e glória ao nosso Criador” (V39). Assim, ser temente também significa possuir a fonte de toda a sabedoria:

[...] qual é a fonte de toda sabedoria e 46:08 conhecimento plenos? Provérbios 9:10 diz: “o temor de Yahuh é 46:14 o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo, a prudência”. 46:24 Então, ehh... o princípio da verdadeira sabedoria é temer ao eterno. 46:31 Muitas pessoas até conhecem vários dos princípios da ... da Torá, das Escrituras, só que 46:37 não temem o eterno. E aí que que adianta? Temor é o quê, meus irmãos? [...] A escritura ensina temer o Criador, dar-lhe Glória, né (V29).

Alguns exemplos de cientistas de verdade são: 1) Tesla: “Esse aqui, sim, é um cientista de 3:48 verdade, que trouxe benefícios para os 3:51 seres humanos, né. Hoje nós temos 3:54 eletricidade [...] alimentos resfriados, [...] geladeiras, [...] 4:03 Wi-fi, [...] o rádio graças a Nicola Tesla! 4:11” (V17). Outro exemplo, na visão de Jose Marcio, é o próprio

Afonso: “Professor 7:17 Afonso de Vasconcelos Lopes, um cientista 7:19 de verdade. Esse não engana ninguém. 7:24 Eu tenho plena convicção que foi Deus 7:28 que o enviou pra nós, 7:32 graciosamente!” (V33). Afonso, por sua vez, cita como exemplo Judy Mikovits, cuja carreira desabou após endossar a controvérsia da relação entre vacinas e autismo. Afonso vê em Judy a personificação exemplar de um “cientista cristão” (V34). Ele relembra que, ao ser consolada pela própria mãe, que havia visto no noticiário que o problema com sua pesquisa, “na verdade, foi 33:34 contaminação do laboratório”, recomendou a ela intransigentemente “desligar nossas 33:40 TVs, porque [...] elas inventam histórias” (V34). Na visão de Afonso essa postura é que difere um cientista cristão de um cientista ateu. Ele prossegue destacando que, “[...] ela, 34:10 mulher de 53 anos, foi pra cadeia, [...] ela bateu o pé e ela não saiu dali”. E a razão de sua determinação é a fé: “Adivinha por que ela fez isso? Porque ela é cristã! Se você me 34:22 falar que [...] um ateu faria isso, peço desculpas, [...] 34:29 você só consegue pular esse tipo de obstáculo se você tem muita fé” (V34). Ademais, por ser temente, o cientista de verdade nomeia de forma prudente os fenômenos da Terra plana, isto é, sem incorrer em blasfêmias e fazendo-o para a “honra” e “glória” do “Criador”, e não para sua própria:

Qual foi o nome escolhido para renomear Aurora boreal? [...] a gente vai chamar ela mesmo de luzes do Norte, né, porque vocês sabem que esse nome Aurora Boreal, [...] 8:16 tem paganismo nele, né. Então, são dois demônios do Norte, né, [...] a deusa pagã Aurora, 8:24 né, que ela representa o amanhecer nórdico, e o demônio Boreas, que ele representa os 8:31 ventos do Norte. Então, se a gente for ver aí, tudo que envolve o globo tem essa parada 8:37 de paganismo, né. Então, a gente não pode usar esse nome aí, né, porque se tudo é para glória do Criador. Então, um 8:44 espetáculo tão bonito [...] que ele criou é para ele (V39).

Ao contrário da ciência moderna e dos cientistas falsos que defendem o *Modelo B* (heliocêntrico), os cientistas de verdade aderem ao *Modelo A*. Tal modelo é chamado de *Modelo geocêntrico eletromagnético*. É a esse modelo que a Terra plana pertence. Como explica Leandro (V26):

[...] o cara da Terra plana, ele tá olhando assim, ó [olha para cima] 4:08 eu não sinto movimentação da Terra, não 4:11 consigo detectar isso de forma alguma, tô 4:13 vendo o Sol passar todos os dias, ou a 4:15 Terra tá parada e o Sol que se move (Modelo A!). [...] 4:20 Modelo B, o modelo do cara da bola: “não! 4:23 Eu tô... apesar de eu tá vendo o Sol passar, 4:26 não, o Sol tá parado e eu que tô orbitando em 4:28 torno dele” (V26).

Em vez de “cultuar” ao Sol Invicto, o *Modelo A* reconhece a existência do “Criador” e sua providência na ordenação dos eventos terrestres: “nesse modelo, a Terra é um relógio 4:17 que marca exatamente as datas dadas pelo 4:21 Criador, a magnitude do Criador para o 4:24 seu propósito, [...] a sua trajetória ali para 4:27 a humanidade” (V23). Portanto, o que a

ciência reconhece como planeta, no *Modelo A*, é nomeado como reino (V39). Trata-se de um “reino plano estendido, criado 6:34 pelo Criador, não pela explosão”, visto que uma “*explosão*” não pode “criar 6:39 nada, só destruir tudo”. Logo, “esse negócio 6:41 de Big Bang é a maior furada” (V7), conclui Neemias. Não sendo fruto do acaso, o reino tem um propósito especial:

O pai fez o 11:21 mundo para ser habitado pelos seus filhos. Esse é o propósito original [...] Em Isaías 45:18 diz que a Terra tem um propósito, 6:42 tem uma finalidade, ela foi criada por um motivo muito importante e está assim em 6:48 Isaías 45:18: “porque assim diz Yahuh, que tem 6:53 criado os céus, o Eloáh, o Criador que formou a Terra e a fez, ele a confirmou, 7:01 não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada. Eu sou Yahuh e não 7:10 há outro”. Um Criador fez a Terra para ser um 7:18 lugar, um habitat muito especial para uma criatura muito especial que o Criador 7:23 fez. A Terra não foi criada a partir de uma 7:29 explosão cósmica (V29).

Se o reino tem um propósito, a criatura para a qual ele foi construído também tem um desígnio. Assim, esse *Modelo* traz consigo ainda uma visão de homem oposta àquela considerada pertencente ao *Modelo B*. Jose Marcio seleciona um recorte de fala de Afonso, no qual ele descreve essa visão: “2:41 O homem é um animal sagrado, é o mais 2:45 sagrado de todos. 2:47 Deus nos fez na sua imagem e semelhança, 2:51 nós somos mais importantes que tudo” (V33). Por conseguinte, teorias como a Teoria da Evolução, vinculada ao *Modelo B*, são consideradas tentativas de minar deliberadamente o valor do ser humano: “Tudo 5:05 tentando diminuir o nosso valor, 5:08 mostrando que a gente está perto do... do 5:11 nicho animal, isso não é verdade” (V33). Por ter sido criada, a vida humana é provida de um sentido e de uma ordem, na qual o homem se encontra abaixo do Criador e acima dos outros seres:

Salmos 8:4-6, eu acho que em algum momento da nossa vida, 9:28 irmão, nós já nos questionamos pra quê que eu nasci, por que que eu tô aqui? 9:33 Será que realmente tenho importância no meu círculo familiar, meu círculo 9:39 social, né, a pessoa diz assim, né, “o mundo bem que poderia tá bem sem mim, eu não faço diferença” [...] 10:48 Apesar do pecado, claro, e... e... o Criador nos fez para ter o 10:56 domínio sobre as obras dele, sobre a Terra, sobre os animais, as plantas (V29).

A despeito de a humanidade consistir de “pessoas [...] dadas por uma 1:16:27 inteligência absurda, [...] mesmo com essa inteligência absurda nós somos facilmente manipulados 1:16:34 quando essas abordagens são feitas desde criança” (V39). Uma das áreas nas quais essa manipulação acontece ocultando um fenômeno de grande importância para o *Modelo A* são as mudanças climáticas: “2:13 mudança climática que nós sabemos é mais 2:15 uma agenda pra [...] 2:18 despistar a questão do evento que é a 2:21 inversão do campo magnético” (V35). Assim ocorre na comédia “Não olhe para cima”, cuja “simbologia” do “filme 8:08 inteiro [...] é sobre esse evento cíclico 8:11 que é a inversão do campo magnético”, porém “8:15 eles têm que falar que [...] é um cometa que vai 8:18 atingir [...],

porque eles precisam 8:21 dar suporte, dar apoio ao modelo errado 8:24 deles do heliocentrismo” (V35). Mas ao contrário do que defende o *Modelo B*, a inversão magnética (aquecimento global) “é a descrição científica do 0:58 Apocalipse bíblico, que é quando o 1:00 Messias vai retornar e os sete selos do 1:02 Apocalipse vão abrir, e as Sete Trombetas 1:04 serão tocadas” (V3). Uma vez que a forma de saber se “o evento está próximo é 2:53 olhando pra cima”, o próprio título do filme de McKay é “uma referência” (V35). No filme, “[...] o 6:21 Cometa vai atingir a Terra daqui seis 6:24 meses e 14 dias” (V35). E, na Bíblia “6:30 Gênesis 6:14 é a passagem [...] que 6:33 fala pra Nôe construir uma arca, 6:35 porque o Criador vai mandar, então, a 6:37 destruição”. Como a Terra é equiparada a um “*relógio*”, “essa [...] destruição 6:40 que o Criador vai mandar [...] é um evento cíclico que 6:44 acontece pra limpar a Terra da 6:45 corrupção, [...] não há nada de novo na história” (V35). Seguindo a descrição bíblica, Débora associa a “queda de energia” no momento final do filme a “um apagão generalizado”, já que o “sistema que depende 100% da eletricidade” será destruído “por conta do plasma” que causará “incêndios” dando a impressão de que “o céu está caindo”, isto é, “algo [que] está bem enraizado no nosso 22:04 subconsciente por gerações” (V35). Haverá também “terremotos” durante a “abertura dos sete selos e do toque das sete trombetas”; e a “descompressurização do domo”. Finalmente, ela conclui reiterando a profecia bíblica: “a gente vê que tudo termina com a 22:48 destruição do quê? Pelo fogo, porque como 22:51 é descrito para a gente bíblicamente, uma 22:53 vez pela água, outra vez pelo fogo” (V35).

Há pelo menos sete “*fontes de pesquisa*” cruciais para a ciência de verdade. A primeira, reforçando a interpretação anterior, é a Bíblia. Sendo “0:31 o mais importante livro do cristianismo” (V20), a Bíblia é considerada a “[...] máxima autoridade em ciência e entendimento do 48:46 mundo, e dos que nele vivem” (V29). Nela é possível “encontrar todos os princípios 47:33 fundamentais da existência humana” (V29), pois em vez de ser lido, “é o único livro que faz uma leitura 47:41 do [...] homem” (V29). Portanto, além de ser o *código de ética forte* dos cientistas de verdade, é uma base imprescindível para a ciência de verdade e para a Terra plana “pelo fato 1:07 da maioria dos terraplanistas usarem a 1:10 Bíblia para pesquisar o que este 1:12 compilado de livros diz sobre o formato 1:14 da Terra” (V5). No que concerne à “ciência bíblica” (V5), Edson oferece um exemplo farto de como a Bíblia pode ser usada como uma fonte de sustentação para a ciência de verdade. Seu argumento central é o de que “a ciência não foi dada para formar a faculdade de cientista. Ela foi dada



como 36:50 presente pra humanidade” (V19). Ao todo, ele resgata 11<sup>77</sup> passagens bíblicas distintas. Dentre outras passagens, a primeira é “Pedro” 1:5-7:

[...] Pedro diz: E vós também, pondo nisto mesmo toda 30:14 diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, 30:20 e à virtude (o que?) a ciência, e à ciência a temperança, e à 30:30 paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal, e ao amor 30:38 fraternal a caridade (V19).

Com base nessa passagem, Edson questiona: “Como que 36:05 a ciência é contra a fé? E a fé é contra a ciência, se a ciência tem que ser 36:11 acrescentada também a nossa fé?”. Sua resposta sugere a participação de dois atores do *sistema maligno*, quais sejam os líderes do sistema religioso e os cientistas falsos: “os líder consegue 36:16 dar [...] um oba-oba, né, confundindo [...], enganando as pessoas, usando a ciência de Yahuh como 36:38 nossos inimigos por causa dos cientistas falso [...] que tão tomando a 36:43 identidade que era pra ser tua” (V19). A segunda passagem, por sua vez, é Colossenses, capítulo 2:

Então, aqui tá dizendo assim ó: “para que os seus corações sejam 37:52 consolados, e estejam unidos em amor, e 37:58 enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e 38:04 de Cristo (olha bem!), em quem estão escondidos 38:12 todos os tesouros da sabedoria e da ciência” [...] (V19).

Antes de concluir a passagem, porém, Edson aproveita para esclarecer sobre os tesouros. Segundo o pastor, “a ciência [...] enriqueceu os Illuminati, [...] os Maçons, deputados, vereadores, donos de rede de televisão” (V19). Por conter tesouros, os senhores do mundo empreenderam expedições e esforços para monopolizá-la e conservá-la em suas mãos. Parte dos grupos que se enriqueceram são identificados em Romanos, capítulo 2 do verso 21 ao 24: “o instituidor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma de 1:06:46 ciência’ (olha aí ó, tá vendo, cientista?! Olha aí, Rede Globo)” (V19). Aqui, Edson sugere que os néscios sejam não só políticos e donos de emissoras de TV, mas também pensadores famosos: “quem é os néscios? Albert Einstein, Isaac Newton, Aristóteles, Platão, né, 1:07:04 é o

<sup>77</sup> 2 Pedro 1:5-7, Colossenses 2: 2-4, Êxodo 35.31, Jó 21:22, Isaías 40:22, Êxodo 31:3. Salmos 139:6, Romanos 2:20-24, 1 Crônicas 12:32, 2 Coríntios 8:7, 2 Coríntios 11:6, Apocalipse 19:20 3. Acima, tomamos apenas as passagens centrais para o argumento de Edson, sendo aquelas das quais não tratamos: “E o Espírito de Deus o encheu de Sabedoria, entendimento, ciência e em todo louvor” (Êxodo 35.31); “Porventura a Deus se ensinaria ciência, a ele que julga os excelsos?” (Jó 21:22); “Ele é o que está assentado sobre o círculo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos; é ele o que estende os céus como cortina, e os desenrola como tenda, para neles habitar” (Isaías 40:22); “E o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o labor” (Êxodo 31:3); “E dos filhos de Issacar, duzentos de seus chefes, destros na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer, e todos os seus irmãos seguiam suas ordens” (1 Crônicas 12:32); “Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir” (Salmos 139:6); “Portanto, assim como em tudo abundais em fé, e em palavra, e em ciência, e em toda a diligência, e em vosso amor para conosco, assim também abundeis nesta graça” (2 Coríntios 8:7); “E, se sou rude na palavra, não o sou contudo na ciência; mas já em todas as coisas nos temos feito conhecer totalmente entre vós” (2 Coríntios 11:6); “E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre” (Apocalipse 19:20 3).

Pitágoras. Todos esses que são os pensadores, Paulo tá chamando de néscios” (V19). Ele conclui que “Paulo sabia muito bem que eles [pensadores citados como néscios] iam pegar a 1:13:09 ciência pra poder escravizar a humanidade após a escravização física” (V19). A propósito da escravização humana – que depende da ocultação do real formato da Terra – é que Isaías 40:22 é, por fim, citado.

Essa ciência bíblica “apresenta a Terra em formato 2:33 plano confirmadamente sólido, pilares, 2:36 águas niveladas” (V5). Assim, o terraplanismo crê no modelo que a cosmologia dos antigos hebreus sugere dentro de uma leitura literal da Bíblia:

5:06. Na cosmologia dos antigos 5:09 hebreus, que é a cosmologia bíblica, o céu é 5:11 o quê? Tem o firmamento aqui ó, acima das... 5:15 de todas as camadas atmosféricas, vai chegar 5:17 no firmamento, uma estrutura sólida e 5:20 rígida que fecha a Terra em forma de 5:22 domo ou forma de... ou forma de cúpula. 5:24 Ninguém consegue sair daqui. E aí Leandro?! 5:28 Tu crê nisso aqui? Creio! [...] aqui 5:31 você pode me chamar de crente! 5:33 [...] Porque ao contrário de eu crer, 5:36 eu não vejo! [...] eu acredito! Por quê? Porque, 5:49 se eu acredito em tantas outras coisas 5:51 que tá na Bíblia, porque que essa aqui 5:53 [...] essa eu não acredito! 5:56 É, muitos cristãos hoje são assim! Eles 5:59 creem em Jesus, nasceu de uma virgem 6:02 chamada Maria, é [...] filho de 6:05 Deus, [...] que Jesus é o salvador, que ele 6:11 morreu e ressuscitou no terceiro dia, que 6:13 ele operava milagres, [...] e foi assunto ao 6:26 céu e um dia vai voltar. Todo mundo crê! 6:29 Mas a mesma Bíblia que diz pra nós essa 6:34 história toda de Jesus, é a Bíblia que 6:36 diz a história de que o céu é... tem uma... é 6:39 uma estrutura rígida! E que o homem tá aqui 6:42 na Terra e ele não tem como ultrapassar 6:45 o firmamento. Aí de... chega nessa hora 6:47 aqui, “não, isso é loucura, não, isso é um 6:49 absurdo, não”. Bom, me... meu filho, então, a Bíblia 6:51 toda é um absurdo! Ué! O... por que que só essa 6:56 parte é absurda?! (V26)

É seguindo a lógica acima que os terraplanistas leem “*Gênesis 1:7*” (V28). Em algumas traduções, a palavra “firmamento” realmente aparece nesse trecho: “então Deus fez o *firmamento* e separou as águas que ficaram abaixo do *firmamento* das que ficaram por cima. E assim foi” (grifo nosso). Outros trechos também são examinados literalmente para sustentar o formato plano. No exame feito por Marthins, parte-se de “*Isaías 40:22 na 3:38 tradução King James de 16-11*” que afirma, “3:42 ‘ele é o que se assenta sobre o círculo 3:44 da Terra e os habitantes desta, são como 3:47 locustas: que distende os céus como 3:50 uma cortina e os estende como uma tenda 3:52 para habitar nela’” (V5). Em seguida, Marthins destaca que “4:02 no original, em hebraico, temos a palavra 4:04 *Chug* [...] que significa círculo, 4:07 uma figura bidimensional” (V5). Ele, então, compara com outra passagem para demonstrar que Isaías sabia da diferença entre figuras bidimensionais e tridimensionais:

O mesmo Isaías 4:11 sabia a diferença entre um círculo e uma 4:13 esfera, pois, no capítulo 22, verso 18 do 4:16 mesmo livro, ele escreve: “ele certamente 4:19 irá resolver e arremessar-te como uma 4:22 bola para dentro de um país imenso. Lá tu

4:25 morrerás, e lá as carruagens de tua 4:28 glória serão a vergonha da casa do teu 4:30 senhor” (V5).

Uma passagem considerada complementar a Isaías é Ezequiel 1:26. Logo, quando Alê a recupera, tece uma crítica àqueles que não entendem o real sentido contido na passagem em relação ao “firmamento” ou “abóbada”: “o cristão que lê isso e continua acreditando no globo, pelo amor de 20:43 Deus, tem que fazer curso de interpretação! [...] tem que orar mais, porque não tá conseguindo enxergar a verdade na própria verdade que é a Bíblia” (V28). Ele prossegue destacando a visão do Criador acima do domo da Terra (Figura 17), sentado em seu trono, em Ezequiel 1:26:

Acima da abóbada [...] 21:03 existe o domo! Existe a abóbada! [...] o modelo do globo [...] foi criado por astrônomos e 21:16 astrólogos, tá. [...] Eles olharam pro céu para criar o modelo 21:22 do globo e eles enxergaram a única coisa curva que existe! [...] O modelo do globo é o modelo baseado no céu e não 21:46 na própria Terra!! [...] Copérnico, Kepler, essa turma 21:54 é de satanistas. [...] Sobre as suas cabeças havia algo 22:18 semelhante a um grande trono feito de safira, e, bem no alto, sobre o trono 22:24 estava sentado alguém que parecia um homem. Observei que a parte superior do 22:30 que parecia ser a cintura dele, se assemelhava a uma espécie de metal muito brilhante, como se toda a cintura 22:37 estivesse incandescente; e a parte da cintura para baixo parecia fogo puro; e 22:44 mais, uma luz radiante o cercava. O aspecto geral do fulgor ao seu redor 22:50 lembrava o aspecto de um forte arco-íris, quando a chuva passa e o Sol surge por 22:55 detrás das nuvens. Assim era todo o esplendor ao seu redor. Esta, pois, era a aparência da glória de 23:03 Yahweh, o Senhor. Quando contemplei tudo isso, prostrei-me, com o rosto rente ao 23:08 pó da Terra; foi quando ouvi uma voz a me chamar”. Cara, que visão que Ezequiel teve! (V28).

A visão de Ezequiel é ainda complementada com Êxodo 24:10, que traz outra descrição do Criador e seu trono sobre o domo: “em Êxodo, 24:10 diz assim: ‘eles viram o Deus de Israel. Debaixo de seus 30:58 pés, havia como um pavimento de safira, tão pura como o próprio céu’” (V28). Como se trata de um “sistema fechado” (V35), essas e outras descrições são consideradas contraditórias à ciência moderna: “a NASA tem uma 11:35 descrição da Terra. A pseudociência tem uma [...] 11:43 narrativa da mecânica da... da Terra, dos astros, né, do... dos planetas, como eles 11:49 chamam. Mas você vai ver que não é bem assim” (V29). Por meio dos Salmos 19, versos 1-6, Neemias explica essa contradição que indica a falsidade do relato da ciência moderna. No primeiro verso, consta: “os céus declaram a glória (kevod) de Eloáh, a glória do Criador, e o 12:20 firmamento anuncia a obra das suas mãos” (V29). Neemias aproveita para explicar que “essa palavra firmamento, ela vem de firma, de firmar, é do hebraico *Rāqīa* que quer dizer 12:33 [...] algo sólido, algo fundido, algo batido” (V29). Haja vista que o firmamento “declara a glória do Criador, [...] eles 12:46 tentam tanto esconder essa verdade” (V29). Já o verso 2 diz:

Um dia faz declaração a outro dia, e 12:52 uma noite mostra sabedoria a outra noite. Não há linguagem nem fala onde não se 12:59 ouça sua voz, as palavras 13:05 e a sua linha se estende por toda a Terra, [...] e as suas palavras até o fim do mundo. [...] Neles, pôs uma tenda para o 14:57 Sol (V29).

Aqui, Neemias destacará que a “essa linguagem de linha, cordel que tá lá no Livro de Jó, também sempre remete [...] a um nivelamento tanto da superfície da Terra como das águas, não existe curvatura, 13:40 toda linguagem hebraica [...] remete a algo nivelado, algo plano” (V29). Em relação à menção ao “fim do mundo”, Neemias destaca “outra revelação da estrutura 14:20 terrestre”, isto é, o mundo “tem um fim, [...] 14:27 você vai andar, andar, no sentido sul, qualquer sentido sul, você vai chegar 14:35 nos limites da Terra, né, Antártida” (V29). Ainda no verso 4, no final, Neemias chama a atenção para a “tenda para o Sol” que é “como se fosse uma câmara” ou “coberta”, conforme reforça o verso 5:

[...] o qual (se referindo ao 15:11 Sol) é como um noivo que sai do seu tálamo (né) dos seus aposentos e se alegra 15:17 como um herói a correr seu caminho, a sua saída desde uma extremidade dos céus e 15:24 seu curso até a outra extremidade nada se esconde ao seu calor (V29).

Em conformidade com os versos anteriores, Neemias conclui seu exame afirmando que “15:30 tanto o livro de Salmos, como o [...] o Livro de Jó, 15:36 provérbios, eles falam de um Sol e uma Lua 15:42 em movimento” (V29). Esse movimento, por sua vez, será detalhado em obra apócrifa: “O livro de Enoque vai detalhar a revolução 15:48 completa do Sol durante 364 dias ao ano, o Sol se movimenta [...] por isso, os fusos horários 16:36 diferentes” (V29). Não obstante, os livros canônicos também oferecem algum detalhe sobre esse e outros astros celestes. Em se tratando do Sol, da Lua e das estrelas, Neemias resgata outras passagens Bíblicas presentes “em Gênesis 1:14 a 19”:

18:20 e disse o Criador: haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a 18:28 noite e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e 18:37 anos [...] E fez Eloáh os dois grandes luminares, o luminar maior 20:47 para governar o dia [...] e o luminar menor 20:53 para governar a noite; [...]e fez as estrelas [...] e Eloáh os pôs na expansão dos céus para iluminar a Terra (V29).

O exame da passagem acima é finalizado com a conclusão de que “Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, 17:43 Plutão. [...] não condiz com Escritura” (V29). Nas Escrituras, o Sol, a Lua e as estrelas “são luminares”, isto é, “são simplesmente como abajures, lâmpadas”. Logo, “são pontos de luz, não são planetas” (V29).

Em geral, essas citações bíblicas constituem a principal fonte de pesquisa que oferece base de sustentação para a Terra plana, na perspectiva terraplanista. Elas dependem de um exame literal das Escrituras, que acaba possibilitando a emergência de contradições entre o que a Bíblia relata e o que a ciência moderna afirma. Apesar de propiciar o aparecimento de

contradições e incompatibilidades, esse movimento – que já apresentamos em categorias anteriores – não necessariamente é contrário à ciência moderna. Longe disso, em alguns casos a ciência moderna pode ser uma fonte de pesquisa para apoiar determinadas afirmações terraplanistas. Isso ocorre através de *revistas acadêmicas* e *livros antigos*. Márcio, por exemplo, usa ambas as fontes como suporte para a crucificação de Jesus. Embora não tenha relação direta com a defesa da Terra plana, o exercício que Márcio faz não tem menor importância, pois dentro do conjunto geral que está sendo apresentado, se uma passagem Bíblica for falsa, todas as outras o são. Buscando evidências “2:03 de que episódios descritos na Bíblia 2:06 realmente podem ter ocorrido”, Márcio cita um artigo publicado na *Nature*: “Em 1983, um artigo publicado 2:17 na revista *Nature* intitulado *Dating 2:21 the crucifixion*, [...] 2:32 utilizou dados históricos e astronômicos 2:35 para se chegar a uma possível data”. Essa data teria sido “três de abril do ano 33 d.C”. A partir daí, Márcio cita outro artigo para sustentar os eventos ocorridos na crucificação, como o eclipse lunar e os terremotos:

Em 1994, a revista 6:36 *Israel Exploration Journal*, editada pelo 6:40 Instituto de arqueologia da Universidade 6:42 Hebraica, publicou um artigo intitulado 6:46 “Terremotos em Israel e áreas adjacentes: 6:49 observações macrossísmicas desde 100 6:53 antes de Cristo”. Na página 265, eles 6:58 listam o ligeiro terremoto em Jerusalém, 7:00 em 30 d.C.; e um em 33 d.C. (V20).

Outro artigo citado seria de “2012”, publicado “na 7:15 revista *International Geology 7:17 Review*”, trazendo “evidências de um 7:20 terremoto na Palestina por volta do ano 7:23 31 d.C.”. As obras “Olimpíadas” do “autor grego, 4:20 [...] Flégon de Trales”, “Pôncio Pilatos”, de Paul Maier e algum trabalho “do 5:58 Historiador Samaritano Talo” também são mencionadas para apoiar “a Lua de sangue, devido a 2:52 um eclipse lunar” e o “terremoto” durante a crucificação. Diga-se de passagem, se para a Bíblia, uma única afirmação falsa condenaria todo resto ao “absurdo”, a recíproca não é verdadeira para a ciência moderna. Desde que esteja de acordo com as Escrituras, a ciência moderna pode ser uma fonte aceitável.

Outra importante fonte de pesquisa são as *civilizações antigas*. Trata-se de uma dupla fonte, já que ela é tanto usada pelos terraplanistas quanto secretamente pela NASA. Segundo Leandro: “[...] 10:14 é muito fácil de olhar o mundo à minha 10:15 volta e entendê-lo, as civilizações antigas 10:17 entendiam tudo assim, é o Sol que se move, 10:20 é a Lua que se move, [...] a Terra tá parada” (V6). É por isso que uma das motivações para ocultar o formato da Terra é *esconder as histórias dos antigos*. Afonso cita, por exemplo, um livro de Joseph River Wind sobre histórias “dos índios cherokees”. Porém, aqui a leitura não é mais literalista. Quando se trata de interpretar a cosmologia de outras religiões, essa regra não vale:

“o que eles falam aqui, sim é em figura de linguagem, mas se 41:00 você usa o conhecimento pra tentar interpretar, [...] você vai ver que [...] várias tribos de índios no 41:12 mundo inteiro falando a mesma coisa, pequenas diferenças” (V34). Nesse caso, o que é dito por outros povos, como os cherokees é interpretado de modo a ser sintetizado numa matriz bíblica. Ele associa um relato de um membro da tribo cherokee com a “inversão do campo magnético” ou “apocalipse bíblico”. Esse relato dizia: “[...] página 70, virá um fogo que vai destruir 42:23 o mundo e as pessoas que há muito tempo estavam 42:28 mortas vão voltar à vida novamente” (V34). Por falar de “grande fogo” e “queda do céu”, esse e outros relatos são considerados como descrições que culminam no mesmo evento.

Dos povos antigos, os terraplanistas ainda tomam como fontes de pesquisa seus *mapas antigos* e o *senso comum*. Mapas de diversas culturas que apresentam um modelo plano são resgatados para demonstrar que a verdade que continham passou por um processo de *transformação da concepção científica do mundo* (V3). Alguns mapas, como os medievais, conteriam indicações do centro da Terra, Jerusalém: “Aqui nós 9:43 estamos vendo alguns mapas antigos, né, 9:45 seis mapas maiores da Idade média, [...] 9:56 no centro 9:59 de todos eles você tem Jerusalém, e 10:03 sempre traçavam, de fato, Jerusalém no 10:05 centro 10:07 da Terra” (V20). Quanto ao senso comum, para Leandro, tanto os mapas quanto as descobertas dos povos antigos foram feitas considerando o formato plano induzido por ele:

[...] os 11:10 caras fizeram tudo isso considerando 11:12 viver-se num plano estacionário. Será que 11:15 eles estavam errados mesmo? [...] Eu fico 11:20 com a simplicidade da coisa. [...] O senso 11:24 comum e a observação, ele me diz que eu 11:27 vivo num plano estacionário (V6).

Uma última, mas não menos importante, fonte de pesquisa e fundamentação mencionada são *relatos de militares*. Apesar de conterem credibilidade questionável, esses relatos são prontamente aceitos como verdadeiros. Aqui há dois relatos. O primeiro é largamente citado na comunidade terraplanista. Trata-se do relato do *Almirante Byrd*. Segundo Marthins, Byrd, “um 27:53 militar financiado [...] pelo exército americano” realizou “27:45 expedições [...] em 1947 [...] na Antártida”. Essas operações ocorreram na parede de gelo da região, que teria entre “70 metros aproximadamente”. Nesse local:

Houveram três 27:58 operações na Antártida. A primeira foi a operação High Jump [...] Essa parede, ela, por ser muito alta, a operação foi designado com o nome 28:30 High Jump, salto alto, e depois nós tivemos duas operações que foram a Dominique e 28:36 Fishbowl. Se você pegar e juntar essas duas operações Dominique, FishBowl, 28:41 ela vai resultar na palavra no... no significado Aquário do criador. Celso — Humm? 28:47 Marthins — Tá, Fishbowl é aquário e Dominic é uma palavra que remete ao Criador, a Deus; e aqui eles 28:55 começaram a lançar mísseis pra cima, pra exatamente saber a altura do domo, ehh... em 29:02 relatos, o Almirante Byrd disse

que seguindo ao sul de avião, alguns aviões batiam em uma parede invisível e se 29:08 desintegravam, isso está tudo relatado pela... pelo almirante Byrd, só que hoje não podemos visitar mais 29:15 esta região, [...] porque 72 países assinam o tratado da Antártida (V37).

O próximo relato também está associado à Antártida, porém seu uso reforçava Isaías 40:22. O relato teria sido divulgado por “Alexander Zolinger, um americano que também mantém a sua página 30:30 no facebook” (V28). O longo relato, também de um “militar”, descreve uma experiência vivida na “unidade militar anexada na McMurdo”, na Antártida. Lá, o sujeito teria visto o curioso “gelo do céu” que “não derrete” nem “virá água, ele vira ar”. Além do gelo do céu, os cientistas que trabalhavam nessa unidade que “desenvolveram uma máquina de perfuração, 43:43 [a] trouxeram para a parede na Antártida”. Alê usa o relato para apoiar a existência do domo. Ele chega a ficar emocionado com o relato lido: “eu não posso afirmar que esse texto é real ou não, pessoal, mas pela 47:31 naturalidade que o cara descreveu esse texto [...], me parece ser 47:37 algo real, pessoal. 47:50 Cara, eh... é de emocionar” (V28).

Confiar ou não num relato humano, como acontece acima, depende de propriedades contidas na última categoria, o *gerenciamento da alteridade*. Dentro de um palco, no qual acontece uma conspiração pautada num *script* maligno, a alteridade requer manejo constante. Como afirma Marthins (V37), ao ser indagado por Celso se ele “se acha maluco”, sua resposta é um categórico “não”, seguido de uma autoclassificação como “realista”. Ele completa: “Marthins — A partir do momento que outro 1:12:33 homem dita a regra do que você deve ou não fazer, eu acho que você se tornou um maluco. 1:12:39 Celso — E quem é o outro homem? Marthins — Qualquer homem” (V37). Ora, algo só é ocultado porque há pelo menos três atores, aquele que *engana*, aquele que é *enganado* e aquele que percebe os outros dois atores, os *desenganados*. O outro pode ser qualquer homem, mas pela fala acima, tende a ser o enganador. Assim, o sistema terraplanista de classificação da alteridade tem três classes de pessoas: *justos*, *perversos* e *enganadores*. Essas três classes derivam da “maldição do Yin-Yang” que, por sua vez, decorre do pecado original.

O primeiro tipo de indivíduo, portanto, são aqueles que desejam fazer somente o bem: “olha bem, quando 43:18 você quer fazer só o bem, você se torna uma pessoa justa” (V19). Pressupõe-se que “uma pessoa que faz o bem, ela não te engana, 43:45 porque quem faz o bem não engana” (V19). Trata-se de uma pessoa “que 5:32 entende a verdade, sabe a verdade e 5:34 propaga a verdade” (V5). Dois exemplos são: as *pessoas normais*: “3:03 Eu não acredito nesses caras. Eu acredito nas pessoas 3:07 normais!” (V11). Nesse caso, as pessoas normais são aquelas que não têm acesso às experiências espaciais, como a NASA e os

“atornautas” envolvidos em missões espaciais e, por isso, confiam apenas nos próprios sentidos; e os *descontaminados*:

Eles mesmos criam a revista fajuta 01:31, um lixo. E, depois publica lá e diz pra gente que essa revista é digna de confiança 01:35, porque eles publicaram nela e, mesmo assim, escreveram com a canetinha deles 01:38 lá, ridícula, num papel higiênico sujo de cocô 01:41 e pra gente tem validade! Pro... pro gado pode ter! 01:45 Mas pra você que tá descontaminado, né, meu irmão. 01:48 Tu vai acreditar nessa *Nature Astronomy*? (V14).

O segundo tipo de pessoa é o perverso. O perverso deseja fazer só o mal: “quando você quer fazer 43:25 só o mal, você se torna uma pessoa perversa” (V19). Os perversos não se confundem com os enganadores, “porque uma pessoa que faz só o mal, ela não 43:39 te engana, ela só passa a ser perigosa” (V19). No sistema de crenças terraplanista, não encontramos exemplos desse tipo de indivíduo.

Já o terceiro e último tipo de pessoa “nasce” da “junção” das duas anteriores, isto é, do “Yin-Yang” (V19). Ou seja, “quando você quer fazer o bem 43:32 e o mal junto, você se torna uma pessoa enganadora!” (V19). A pessoa enganadora “tá 45:23 no meio dos dois. Ela quer ser uma pessoa boa, porque ela precisa entrar no meio da 45:30 multidão, mas ela precisa fazer o mal, que é a sua última intenção” (V19). Por “se vestir de pessoa boa” tem o pior “juízo”. Ela é ainda “pior do que aquele que é mau”, já que o perverso “45:55 tá mostrando que é mau, e não tá mentindo” (V19). O próprio Edson admite que já foi assim enquanto pastor: “cheguei a fazer muita injustiça com pessoas dentro da própria denominação, 48:39 mas sempre com aquele ar assim ó: ‘eu sou pastor, eu sou a pessoa boa, [...] eu 48:44 falo de Jesus. Então, ninguém pode vim contra mim’” (V19). A imagem associada a essa classe parece ser o “diabo”. O diabo, na verdade, seria “Lilith”, que é “bissexuada” e, por isso, é “natural” ouvir “falar do diabo” no masculino. Em outras culturas, “o deus Janus [...] representa a Lilith” que, por sua vez, “representa a coruja [e] [...] é comparada na Bíblia, em Isaías, com uma coruja”, pois “[n]o lado direito da coruja você enxerga uma 46:28 face masculina, e o lado esquerdo [...] uma face feminina” (V9).

No palco criado pelo sistema maligno, são as pessoas que possuem “5:36 interesse financeiro e psicológico na 5:38 mentira; e por mais que você apresente 5:40 provas científicas de que a Terra é 5:42 plana, preferem se alimentar de imagens 5:44 geradas por computador” (V5). Trata-se de pessoas cuja personalidade pode ser tipicamente “narcisista”, isto é, tentam destruir pessoas e manipulam, sobretudo passagens bíblicas (V41). Um exemplo daqueles que fazem isso são os “judaizados do whatsapp” (V30). Os judaizados são pessoas que gostam de “humilhar” indo “no Wikipédia” e copiando “suas fontes de pesquisa”



para colar no “whatsapp da pessoa e chama[r] a pessoa de um monte de nome” (V30). Porém, se convidados para algum desafio ou debate, aparecem “sempre com uma desculpa”. Eles teriam uma predileção por complexificar, sobretudo passagens bíblicas: “[...] é muito simples o apocalipse 12, 5:18 logo no início dele, mas o que que o judaizados gostam? De tornar complexo! 5:24 Porque eles gostam de fazer você achar que eles são os mestres” (V41). A comunidade científica, a mídia e entidades internacionais como a NASA, também são importantes exemplos desta tipologia, chamados de “capeta[s]”:

01:56 [...] isso aqui é foto?! Não, meu irmão! [...] 02:00 É infográfico, ou seja, CGI. 02:03 Tá certo, até do Sol eles fazem CGI. 02:05 Nem foto do Sol esses cara têm, é só virar a câmera pra lá e 02:08 filmava, apareceu um borrão branco. 02:11 Aí eles botam isso aí ó. 02:12 É tudo uns capeta, cara! Eu nem leio esse lixo! (V14)

Mas nem sempre os enganadores se encontram dentro do sistema. Eles podem estar fora dele. Há aqueles que, como “os fariseus”, tentam “destruir o canal das 1:00:16 pessoas” e para isso, pecam “querendo manchar a reputação de pessoa que tá fazendo um belíssimo trabalho” (V9). Um exemplo – não consensual – seria Afonso, do canal Ciência de verdade. Márcio o acusa de fazer “campanha de difamação” e promover “sionismo”: “o Afonso, ele tem praticado 7:06 assassinato de reputação contra todos os 7:09 cristãos, contra todos os canais cristãos [...] desvirtuando pessoas da fé cristã para a 7:17 fé judaica” (V42). Esse é um exemplo claro de como a classificação tipológica triádica mencionada opera na prática. Márcio afirma que não tem “problema nenhum quanto ao cara 3:46 ser judeu”, mas sim “quando um cara se disfarça 3:55 de cristão” (V42).

Embora seja triádica, podemos ainda identificar duas outras tipologias de pessoas que são reflexos das ações do terceiro tipo (enganadores). Trata-se dos *enganados* e dos *trols*. Os enganados comportam um grupo de indivíduos cuja diferença pode, às vezes, ser sutil. Há aqui os *fantoches*, que podem ser cientistas, celebridades e presidentes. Como um fantoche numa peça de entretenimento, seu papel está associado à distração e à falta de autonomia:

10:32 Então a presidente [presidente Orlean, Meryl Streep em “Não olhe para cima” (2021)] fala que ela vai mandar o 10:33 cientista investigar e por aí vai, mas 10:36 claramente, ela é um fantoche, dá pra ver 10:38 de cara que ela é um fantoche, porque ela 10:39 não leva as coisas a sério, ela não tá nem 10:41 aí; e, assim, não é alguém que você vê que 10:43 realmente está tomando as decisões. Então, 10:45 eles estão mostrando a realidade e olha aqui 10:47 mais uma foto com celebridades e tudo mais 10:48 para mostrar aqui os fantoches, as 10:51 celebridades, assim como os presidentes são 10:53 fantoches do mesmo grupo, são os 10:54 controladores, pra justamente distrair 10:57 as pessoas (V35).

A próxima variação é identificada por, pelo menos, três nomenclaturas que não parecem ser exclusivas: globistas, bolistas e terrabolistas. Os globistas são percebidos como

“defensores da Nasa” e “defensores do globo” (V17). Eles também são ateus, e seu ateísmo decorre de “falta de cultura”: “só é globista, só é ateu por falta de cultura, tá, principalmente os ateus evolucionistas aí [...]. Então, eles lê pouco, né” (V28). Já o termo bolista é usado como referência ao “culto à bola” (V34): “os bolistas, eles ficam loucos, né 01:05 com a bolinha deles lá. [...] E eles tem dúvidas também, tá, porque todos nós aqui fomos doutrinados. [...] Então, a gente tem que tentar entender a mente deles e ver quais são os obstáculos que eles encontram” (V34). Por fim, a expressão terrabolista parece ser outra possível variação. O termo é usado para se referir àqueles que foram enganados, sobretudo pela ONU, cujo símbolo “é de uma Terra plana”: “ela rasga 22:20 na cara de todos os terrabolistas que ela esconde a Terra plana, mas oferece para o 22:26 gado a Terra bola” (V30).

Na fala acima, a próxima tipologia já é antecipada, o “gado”. O gado sugere um coletivo de indivíduos passivos, que não foram descontaminados e estão doutrinados (V14). Às vezes, esse mesmo perfil é tratado como *zumbis*. Porém, se o gado é passivo, o zumbi, pela própria imagem culturalmente compartilhada, é agressivo. Quando Rubens fala sobre o campo de força usado pelo sistema para jogar as pessoas umas contra as outras, ele invoca a imagem do zumbi:

[...] vem contra, por quê? 6:25 porque são na verdade zumbis, pessoas que 6:29 têm hoje, vou dizer um problema elemental, 6:31 não porque é doente ou têm alguma 6:33 deficiência é... clínica, mas porque a mente 6:36 foi totalmente dominada pelo sistema que 6:39 está aí (V4).

Finalmente, no último tipo, os *Trols*, temos duas figuras, o *zé ruela* e o *globaloide*. Esses dois tipos têm a ver com o ambiente no qual os terraplanistas predominantemente veiculam suas ideias. No YouTube, são, portanto, os canais que aparecem primeiro na busca, “zuando” e “ridicularizando” o assunto da Terra plana:

Se você pesquisa, na busca do YouTube, Terra plana, o que que aparece ali? Aparece [...] aquele bando de zé ruela falando mal da Terra plana, fazendo gracinha, tirando onda com nós! [...] Isso tá errado, porque a pessoa que digita na pesquisa a Terra plana, ela 19:14 quer pesquisar a Terra plana, o YouTube mostra aqueles caras ali zuando, [...] ridicularizando (V28).

Quanto aos globaloides, trata-se daqueles que, além de não saberem que “a ciência moderna está alicerçada no ocultismo” (V16), xingam e constroem terraplanistas no YouTube, principalmente através de comentários: “os globaloide xinga a 8:52 gente aqui, [...] “não, nós temos 8:53 compromisso com a verdade... de combater 8:56 essa desinformação na internet” (V16). Não raro, eles podem se disfarçar como terraplanistas em *lives*: “tá cheio de... de globaloide disfarçado de terraplanista aí” (V39).

A seguir, rerepresentaremos os resultados acima sob o ângulo de uma teoria substantiva, cujo alvo é a forma como o grupo pode ter construído uma perspectiva tão peculiar e complexa como a que descrevemos. De antemão, é preciso levar em conta que essa empreitada requer que tomemos, como categoria norteadora, o literalismo bíblico, sobre o qual falaremos por último. Primeiro, é urgente dirigirmos nossos esforços ao que pode estar acontecendo aqui.

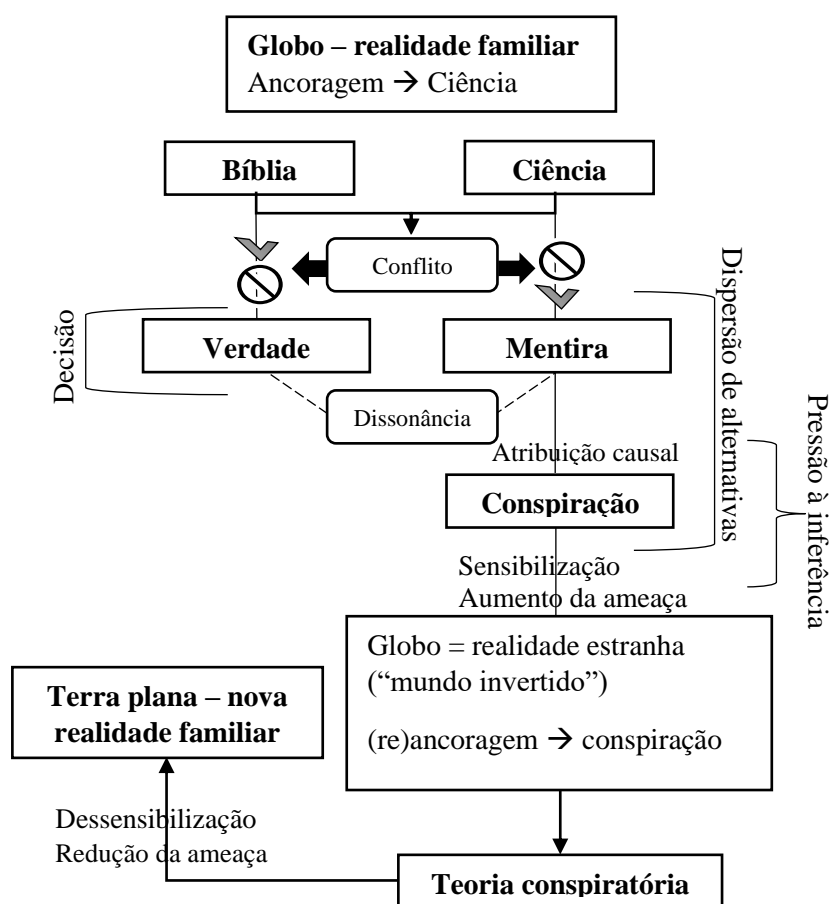
### ***A Bíblia e a Ciência: conflitos e contradições***

“Tudo conspira contra mim” (Carta 18, Cécile Volanges a Sophie Carnay)

Estando claro o papel que o literalismo bíblico, o questionamento e o exame têm na perspectiva construída pelos terraplanistas acerca do mundo e da ciência, vamos agora discorrer sobre esse processo de construção. Considerando que esse processo perpassa a conversão ao sistema de crenças terraplanista, o que antes era familiar, torna-se estranho, e o que, a princípio, poderia ser estranho ou absurdo se torna familiar. Após a conversão, um terraplanista pode olhar seu passado por uma nova perspectiva capaz de identificar evidências de que a realidade antes aprendida, acreditada e ensinada nas escolas e unidades da rede de ensino é, na verdade, uma manobra de “doutrinação” (V34), “lavagem cerebral”, “alienação” ou “manipulação”. Em sua totalidade, a realidade da qual falamos é o próprio mundo ou mais precisamente o planeta Terra. Uma razoável parcela do que sabemos sobre esse mundo provém, direta ou indiretamente, do conhecimento científico produzido no universo reificado e socialmente disseminado pelas instituições, sobretudo de ensino. Mas esse não é o único tipo de conhecimento com o qual entramos em contato. No armazém do senso comum, há exorbitante oferta de conhecimentos tradicionais, como o conhecimento religioso de matriz judaico-cristã. Por oferecer uma cosmologia distinta dos consensos científicos, a perspectiva bíblica tende a colidir com a perspectiva científica. Essa colisão, por sua vez, parece ser mais dramática se, em vez de interpretações exegéticas, o relato bíblico for tomado em sentido literal. Se isso ocorre, é provável que se instale um conflito, pois as duas descrições sobre o mundo, a saber, a científica e a bíblica, não podem ser simultaneamente verdadeiras. A Figura 18 traz uma proposta de como os grupos e indivíduos parecem enfrentar sociocognitivamente esse conflito, convertendo-se ao terraplanismo.

Não obstante os múltiplos “caminhos” (V37) que podem levar à crença no terraplanismo, a Figura 18 apresenta aquele que, em nosso *corpus*, parece o mais comum.

Trata-se do caminho que detecta incompatibilidades entre a descrição do formato da Terra em passagens bíblicas e o consenso científico aceito. Havendo um conflito entre essas duas vertentes, os indivíduos serão empurrados em direções opostas que se autoanulam. Desde que exista um compromisso prévio com uma leitura literalista que não admite relativizações e visualiza a Bíblia como inerrante, uma escolha é terminantemente necessária. Essa escolha é feita em favor do relato bíblico. Por conseguinte, a descrição científica do mundo é tomada como falsa. Se há decisão, há dissonância cognitiva. Mas de forma alguma a dissonância é trivial, pois essa não é uma decisão simples, já que toda a realidade aceita até então deve ser consequentemente colocada em dúvida – “o que mais mentiram pra mim se eles conseguiram mentir a morada que eu vivo?” (V37) –, ou descartada. Ademais, “quanto maior o conflito antes da decisão, maior será a dissonância depois” (Festinger, 1964, p. 5, tradução nossa)<sup>78</sup>.



**Figura 18.** Processo sociocognitivo de conversão à perspectiva terraplanista sobre o mundo e a ciência

Para lidar com a dissonância pós-decisão, a Figura 18 sugere que o grupo investigado submeterá, via de regra, a escolha rejeitada (ciência moderna) à dispersão de alternativas. Porém, não basta desprezar o conhecimento científico, sobretudo em relação ao planeta Terra.

<sup>78</sup> “The greater the conflict before the decision, the greater the dissonance afterward”.

Se a ciência é falsa e a esfericidade da Terra é uma de suas indecorosas mentiras, é preciso explicar como se foi enganado. É aqui que a psicologia do senso comum começa a dar as caras. Na vida cotidiana, temos a necessidade de entender nosso mundo em seus respectivos fenômenos e eventos (Moscovici, 2003), ao mesmo tempo em que buscamos entender a nós mesmos e aos outros (Heider, 1970). No senso comum, “‘não existe fumaça sem fogo’. Quando nós ouvimos ou vemos algo nós, instintivamente, supomos que isso não é casual, mas que este algo deve ter uma causa e um efeito” (Moscovici, 2003, p. 79). Portanto, se alguém mente, não deseja que os outros saibam a verdade. Trata-se de uma ação intencional, e a intenção é “fator central na causalidade pessoal” (Heider, 1970, p. 119). Finalmente, o desejo de que os outros não saibam a verdade deve também ter uma causa, pois se assume que “não é a mentira 59:49 que tem que ser escondida, é a verdade que tem que ser escondida pra mentira continuar” (V19).

Por que a mentira deve continuar? Se “o prazer previsto é um componente essencial do desejo” (Heider, 1970, p. 154), a mentira contada, “repetida” (V2p2) e mantida deve implicar algum benefício para o mentiroso. Mas não se trata, é claro, de uma mentira elaborada por um único indivíduo, e sim por um coletivo de pessoas. Se essas pessoas estão reunidas pelos laços da mesma mentira e são beneficiadas simultaneamente por ela, fazem parte de um complô. Se há um complô, uma trama está sendo secretamente combinada entre duas ou mais pessoas contra outra(s) pessoa(a). De um lado alguém é beneficiado, e de outro, alguém é prejudicado, como sugerem os 10 motivos para ocultar o formato da Terra, segundo a perspectiva terraplanista. Daí porque o grupo que está tramando atualmente é opaco, secreto e de difícil identificação como os “Senhores do mundo” ou “Elite 5.0”. Como seus atos são social e moralmente condenáveis, mantendo a verdade em segredo e enganando os outros, o grupo por trás da mentira se esconde nas sombras. Afinal, “só conspiram para suprimir a verdade aqueles que têm motivo para temê-la” (Popper, 2008, p. 36).

Todos esses elementos indicam, portanto, uma *conspiração*. Como a Figura 18 sugere, a *conspiração* não se confunde com uma teoria conspiratória. Antes disso, insistiremos aqui que a *conspiração* pode ser entendida como uma atribuição causal interna que infere intenções escusas e malévolas por trás das ações dos outros. Essa atribuição é provavelmente corriqueira e independe de uma teoria conspiratória bem estruturada. Por assim dizer, a *conspiração* é uma unidade formada por *indivíduos* e suas *intenções maléficas comuns*. No esquema da Figura 18, ao fazer esse tipo de atribuição, um estado de *sensibilização* é ativado. Ao se referir a esse momento epifânico, no qual tudo passa “a fazer 4:51 sentido” e “as peças” começam “a se encaixar” (V37), como “despertar”, “acordar” ou “sair da matrix”, uma

realidade que outrora se acreditava não existir, mas na verdade estava apenas oculta, torna-se acessível. Um indivíduo “desperto” está sensível a “sinais”, “símbolos” e “referências” subliminares em que os “não despertados” raramente reparam, como pentagramas ou falas, homenagens a deuses pagãos e criaturas míticas, números e datas presentes em obras fictícias que podem ser menções propositais à Bíblia. O acaso e a aleatoriedade dão espaço à ordem e à intencionalidade. Durante a *sensibilização*, é possível também que os indivíduos tendam a visualizar as ameaças que lhes deixam em alerta como maiores do que realmente são ou eram.

Por essa razão, um segundo movimento entrará em jogo, como sugere a Figura 18, isto é, a *pressão à inferência*. Esse movimento conduzirá à (re)elaboração de representações sociais de pelo menos dois objetos, a Terra e a ciência. Trataremos dos desdobramentos do segundo movimento mais tarde. Por ora, devemos retornar ao primeiro movimento – atribuição de *conspiração*. Identificando uma *conspiração* e sendo capaz de desvelar sensivelmente às evidências que a reforçam, os indivíduos podem construir uma teoria conspiratória sobre o formato da Terra. Ao final, a ameaça é acomodada e reduzida – “no começo choca mesmo! A 4:56 gente fica meio chocado e depois a gente 4:59 vai acostumando com a ideia de nos 5:02 enganar” (V21). Essa teoria, entretanto, parece ter uma estrutura distinta das teorias que habitual e popularmente circulam na esfera pública.

O quadro 3 apresenta um exemplo dessa diferença estrutural. Nas teorias conspiratórias populares – como aquela que questiona a ida do homem à Lua –, há, em geral, duas camadas, isto é, um objeto visível (A), que é apenas uma aparência para esconder um objeto B, que, embora oculto, é tomado como a verdade. Já a teoria conspiratória sobre a Terra plana apresenta pelo menos quatro camadas. Um objeto visível (D), como um satélite, é apenas uma fachada que ajuda a manter o verdadeiro formato da Terra (C) e seu Criador (B) ocultados para, então, obter controle e poder (A). Em suma, nas TCs populares, o objeto B oculta um motivo (A), enquanto na Terra plana, o objeto D oculta C, C oculta B e B oculta o motivo A. Ou seja, uma coisa é escondida para esconder outra. Dada essa diferença de estrutura, talvez devamos nos referir à ideia da Terra plana como uma teoria metaconspiratória, o que ajuda a entender sua capacidade de aglutinar outras teorias conspiratórias.

Camadas – TC comum	
Visível	Oculto
Aparência	Verdade
<b>A</b>	<b>B</b>
Ida à Lua	Vencer a guerra fria/demonstrar poder

Camadas – TC da Terra plana			
Visível	Ocultado	Ocultado	Oculto
Aparência	Verdade	Verdade	Verdade
<b>D</b>	<b>C</b>	<b>B</b>	<b>A</b>
Satélites	Formato da Terra	Deus	Controle/poder

**Quadro 3.** Diferenças entre Teorias conspiratórias comuns e Terra plana

Toda essa complexa trama conspiratória parece cumprir o papel de justificar a decisão e a posição tomada em favor do relato bíblico. Aqui a *conspiração* parece servir bem a esse propósito, pois permite colocar em dúvida o que é visível e largamente aceito como verdade. Do ponto de vista da atribuição causal, “entre essas possíveis causas subjacentes, será escolhida a que melhor se ajusta às ideias e desejos que a pessoa tem a seu respeito e a respeito dos outros” (Heider, 1970, p. 196). Do ponto de vista da dissonância cognitiva, essa causa é aquela que melhor justifica o curso da ação tomada (Festinger, 1975) e o compromisso prévio do grupo com uma interpretação literal da Bíblia. Finalmente, quando a teoria metaconspiratória começa a operar, a Figura 18 sugere que o formato esférico, antes familiar, torna-se estranho, ao passo que a Terra plana se torna familiar. O “globo” passa a representar “um mundo aonde 3:36 tudo tá invertido. Tudo tá de cabeça 3:39 pra baixo” (V23). Embora não tenhamos elementos suficientes para inferir sobre uma mudança de representação social mesmo da Terra, na parte que nos interessa, podemos perceber um consequente deslocamento. Rejeitar consensos científicos em favor de interpretações bíblicas, com base numa alegada conspiração, instaura uma dicotomia entre *ciência de verdade* e *ciência falsa*.

Desde que esteja de acordo com a Bíblia, nem tudo pode e deve ser rejeitado. E isso, é claro, deve demandar certo gerenciamento de contradições do qual falaremos mais tarde. Por ora, discorreremos sobre o segundo movimento mencionado, isto é, aquele que conduz à elaboração de representações sociais de ciência que parecem cumprir um papel crucial no quadro geral da teoria metaconspiratória da Terra plana.

### ***O visto e o não-visto: Formas de estranhamento***

Existem amigos e inimigos. E existem *estranhos* (Bauman, 1999, p. 62, grifo do autor)

Antes de tratarmos das representações sociais de ciência elaboradas pelos terraplanistas, é preciso entender quais características não familiares ou estranhas podem tê-las motivado. Falamos em características no plural porque, como relembra Moscovici (2011),

“é possível tornar psicologicamente ambíguo um objeto [...] destacando dimensões desconhecidas ou desatendidas e provocando uma divergência de juízos” (p. 11). Logo, um objeto de RS como a ciência possui dimensões visíveis ou não visíveis para uma dada perspectiva. Além disso, sendo o estranho polimórfico, devemos falar em *formas de estranhamento*. A decisão que os indivíduos tomam perante o conflito (Figura 18) é comunicada por meio de uma posição em função da qual representações sociais podem ser elaboradas. Essa posição, por sua vez, integra o que chamamos de *perspectiva representante*. O estranhamento será, portanto, fruto da interação entre a *perspectiva representante* e as dimensões de um dado objeto veiculado por uma *perspectiva representada*.

Em nosso *corpus*, pudemos identificar pelo menos cinco *formas de estranhamento* que podem obscurecer (Chklóvski, 1917/2006) e comprometer a inteligibilidade e a apreensão da ciência enquanto objeto. Essas formas são respectivamente *ambiguidade*, *aleatoriedade*, *invisibilidade*, *complexidade* e *desproporcionalidade*. A *ambiguidade* indica um estado no qual há duplicidade de sentido e significado. Não raro, esses significados são opostos, podendo dificultar a interpretação de algo gerando confusão e ambivalência. A ambivalência, por sua vez, pode ser considerada como a “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria” (Bauman, 1999, p. 9). E, “é por causa da ansiedade que a acompanha e da conseqüente indecisão que experimentamos a ambivalência como desordem” (Bauman, 1999, p. 9). Por envolver sentimentos mutuamente opostos, a ambivalência pode comprometer uma ação efetiva. Na perspectiva terraplanista que apresentamos, a *ambiguidade* indica, nos matizes de alteridade, o pior tipo de pessoa – “uma pessoa enganadora” (V19). São indivíduos que, como o deus Janus, possuem duas faces e querem “fazer o bem 43:32 e o mal junto[s]” (V19). Cientistas falsos e demais atores do *Sistema maligno* se enquadram nessa categoria.

A próxima forma é a *aleatoriedade*, que é a própria violação da ordem e parece ser experimentada como falta de sentido, propósito e previsibilidade. Em contraposição com a tradição judaico-cristã, a cosmologia científica entende o Universo, a Terra e a vida como frutos do acaso. Na perspectiva terraplanista, esse pressuposto cosmológico é visto como um estado de “*caos*” no qual “é tudo aleatório”; e tudo está “sendo 6:29 atirado” “no espaço” “sem propósito” e “sem direção” (V29), e a Terra é um planeta “girando” “sem eira nem beira” (V23). Desnecessário dizer que essas características são experimentadas com desconforto, afinal “não tem como [...] viver numa Terra plana criada aleatoriamente como 39:04 na bola” (V34).



A terceira forma estranha para o sistema de crenças terraplanista é a *invisibilidade*. Em geral, a ciência moderna está repleta de fenômenos relativamente invisíveis que podem ser detectados apenas por meio de aparatos tecnológicos, teorias ou cálculos complexos. Provavelmente a *invisibilidade* incomoda os terraplanistas porque denota uma forma de existência que escapa a um ou mais sentidos. No senso comum, a possibilidade de sentir algo é crucial para a emissão de um juízo sobre a existência e a posição de algo. Na visão terraplanista, o empenho dos cientistas em pesquisar “aquilo que eles nunca 30:50 viram” (V28) ou “coisas invisíveis” (V22) como a “gravidade” ou a “matéria escura”, é experimentado como “superstição”. Mesmo na área teológica, a *invisibilidade* é prontamente rejeitada. Por isso, a onipresença do “Criador” é questionada, haja vista que ela o torna invisível e não identificável, contradizendo as passagens bíblicas que sugerem que ele estaria no “Círculo da Terra” (V30).

Significativamente vinculada à anterior, a próxima forma é a *complexidade*. Devido à quantidade de elementos, nuances e partes, algo complexo pode ser também de difícil apreensão. Em geral, a apreensão de algo considerado complexo pode demandar inúmeros requisitos que possivelmente soem como barreiras, burocracias e complicações desnecessárias. É assim que teorias consideradas “mirabolantes” (V25) aparecem na perspectiva terraplanista, isto é, como “explicações 49:10 complexas” (V30) baseadas em “cálculos matemáticos” (V37), cujo propósito é causar “canseira” para que as pessoas “desistam” “de compreender como funciona” (V30).

Por fim, a quinta e última *forma de estranhamento* é a *desproporcionalidade*. Na cosmologia científica moderna, as dimensões do Universo são de uma magnitude temporal e espacialmente desproporcional à existência humana. Por ser infinito, quanto maior o Universo fica, menor o ser humano e seu mundo se tornam. Sublinhando o caráter egocêntrico das RS, Moscovici traz uma afirmação que ajuda a entender como a *desproporcionalidade* pode ser vista como estranha na perspectiva terraplanista:

Se a ciência, a natureza ou a política faltam em nosso universo ou nos parecem tão esotéricas é porque, como se sabe, elas desenvolvem grandes esforços para nos excluir, para apagar o menor vestígio que nos permita reconhecer-nos nelas. Um povo, uma instituição, uma descoberta, etc. parecem-nos distantes, bizarros, porque não estamos neles, porque se formaram e evoluíram “como se não existíssemos”, sem relação alguma conosco. Representá-los conduz a repensá-los, a reexperimentá-los, a refazê-los à nossa maneira, em nosso contexto, “como se aí estivéssemos”; em suma, introduzir-nos numa região do pensamento ou do real de que fomos eliminados e, de fato, a investir-nos nela e a tomá-la como própria. É profunda a propensão para dar uma existência conosco àquilo que tinha uma existência sem nós, para nos fazer

presentes onde estamos ausentes, familiares em face do que nos é estranho (Moscovici, 1978, p. 64).

Para os terraplanistas, as descrições cosmológicas da astronomia moderna são sentidas como “uma doideira” perante a qual a “cabeça cansa” (V6). Os “bilhões de galáxias e tudo bilhões de 1:11 anos-luz, bilhões não sei do quê, trilhões 1:14 não sei o quê” (V28) são encarados como “distâncias que 5:40 você nunca vai poder alcançar, você não 5:43 tem a mínima noção do que seja tudo isso” (V6). Perante essa “grandeza incomensurável” e “inimaginável”, “o Criador” é “nada” ou “nem existe” (V21); a Terra, por sua vez, “é um cistozinho dentro de um 1:02 sistema solar que faz parte de uma via 1:04 láctea” (V21); já os seres humanos não são “nada além de 7:41 uma poeirinha insignificante” (V23), “parentes de um ser irracional” (V28). Essa percepção das descrições científicas modernas parece angustiante, gerando a sensação de abandono e desimportância: “[...] é tão... tão grande, milhões e milhões de outros 27:16 planetas, [...] bilhões de galáxias, trilhões de estrelas, aonde é que tá o 27:23 Criador?! Bahh, nossa sou tão pequeno! O Criador não tá nem aí pra mim” (V28); “o mundo bem que poderia tá bem sem mim, eu não faço diferença” (V29). Se a familiaridade exige a proximidade e a convivência, esses exemplos de *desproporcionalidade* e assimetria terão êxito em tornar o mundo um lugar estranho para a perspectiva dos terraplanistas. A seguir, trataremos das representações sociais que, cada qual a seu modo, tenta enfrentar esse quadro.

### ***Representações sociais alternativas: a maçã mordida ou Ciência falsa***

No sistema de crenças terraplanista, percebemos uma divisão entre ciência falsa e ciência de verdade. Devemos ser cautelosos, mas é provável que antes de aderir às ideias da Terra plana, não havia duas RS de ciência. A dicotomia entre ciência falsa e verdadeira parece ser um imperativo da forma pela qual os terraplanistas justificam a decisão que eles tomaram, isto é, a *conspiração*. Após a decisão tomada, a ciência derogada e desprezada é a ciência falsa. A ciência de verdade é ainda mais necessária, sobretudo para que o “relato de Terra plana” presente na Bíblia possa ser “provado” “cientificamente” (V37).

Aqui emerge uma diferença básica entre as duas representações. Enquanto uma delas é ancorada na *conspiração*, a outra se ancora numa leitura literal da Bíblia. A primeira, portanto, a RS de ciência falsa é precisamente uma representação social alternativa referente à “ciência moderna” ou “ciência do *establishment*” (V5). Trata-se de uma ciência interna ao *Sistema maligno* e externa ao sistema de crenças terraplanista. Mas sendo a ciência, em todo

caso, uma representação, a ciência falsa é, por conseguinte, uma representação da representação dos “outros” quanto à ciência. Por isso, ela é caricaturesca e soa como um mero espantalho. É, por assim dizer, uma representação da diferença “manifesta como tensão e conflito” (Gillespie, 2008, p. 378).

Como a causa de a “ciência do *establishment*” ser falsa é o desacordo com as “Escrituras” (V8) – “a ciência tem que tá de acordo com a Bíblia, fora disso é pseudociência” (V28) –, e a causa do desacordo é a existência de uma conspiração maligna, o princípio da *compensação* (Moscovici, 1978) indica que o quadro de referência principal para ancoragem aqui é a *conspiração*. Haja vista que ancorar é classificar e nomear, quando atribuímos a causa de alguma coisa, damos a ela uma classe, uma categoria e um nome, reduzindo sua estranheza e ameaça. A um só tempo, todos os atributos vindouros, selecionados e listados para descrever a ciência moderna, fazem correspondência com o quadro de referência da conspiração e com o desejo e a decisão global de situá-la fora dos saberes aceitáveis e verdadeiros.

O que vem na sequência é uma exaustiva série de atributos intrincadamente conectados para dar sentido e “consistência” a essa manobra. Basicamente a ciência falsa integra uma *tática familiar* de Satanás, que consiste em munir a “humanidade” de “conhecimento proibido”, “conceitos demoníacos”, “conhecimento oculto” ou “gnoses” “remodelado em ciência” com o fito de implementar uma “agenda de rebelião contra o 2:28 Criador” (V18). Trata-se de uma “*ciência*” “roubada” da Bíblia e transformada “na ciência 3:28 tradicional” (V19). O propósito dessa ciência é fundamentalmente “ocultar a ciência verdadeira” (V19). Grosso modo, a ciência falsa é simbolicamente a “maçã mordida” ou “comida”.

A ciência falsa é objetivada, portanto, como uma ciência que não “vem do alto”, que foi “adulterada” e é “diabólica”, “terrena” e “maligna” (V29). Está “completamente comprometida com 6:52 ocultismo” (V16) e glorifica “falsos deuses que não podem ser questionados” (V2p2). Imagetivamente, as figuras associadas à ciência falsa são “Satanás”, “ocultismo”, “esoterismo”, “paganismo” e “Modelo B” (heliocentrismo) ou “Globo” (Terra esférica). Epistemologicamente é uma “pseudociência” (V28) que veicula uma “imagem da ciência objetiva 8:04 cartesiana e vende pra trouxa” (V16), mas, na verdade, é “baseada em esoterismo e ocultismo”, “especulação” e “negação” (V6). É, no máximo, uma “ciência filosófica” (V5) ou “filosofia científica e física filosófica” (V39). Empiricamente é uma ciência “capenga” (V19), pois “não consegue praticar o que [...] estabelece como regra”, afirmando coisas que não “pode provar” (V9). Logo, ela nem sequer é empírica, é uma

“ciência de sofá” (V8) impregnada de “ideias”, “interpretações”, “construções mentais”, “superstições”, “teorias mirabolantes”, “ficções” e “imagens forjadas”, que são tratadas “como se fossem dados” ou “fatos” (V2p2). No entanto, nada disso é “experimental”, “reproduzível” ou “testável”. Pelo contrário, constituem “dogmas” cujo questionamento rende os mais variados tipos de constrangimento – “louco, [...] burro, 0:29 imbecil, idiota, negacionismo” (V23). Esses dogmas só são endossados e mantidos porque, além de contar com uma comunidade científica que os confecciona e veicula, são repetidos, sobretudo “na mídia” e na “escola” “desde” “a infância” (V2p2).

Quando se trata da comunidade científica, importante ator do *Sistema maligno*, outra representação social alternativa aparece de forma complementar. Trata-se da RS de cientista falso. Essa RS alternativa engloba, na verdade, uma gama de cientistas e pensadores famosos que deram contribuições radicais ao conhecimento científico. Aqui, entretanto, suas representações são ancoradas, via de regra, na *conspiração*. As mais notórias figuras históricas, espacial e temporalmente distintas, são tomadas como indivíduos desviantes vinculados a *sociedades secretas* como a “maçonaria” (V25), o “paganismo” (V25; V44) ou a grupos religiosos como “judeus asquenazes” (V19) e “satanistas [...] da seita jesuíta infiltrada dentro da Igreja Católica” (V28). Foi por meio dessas sociedades que cientistas famosos receberam o “conhecimento oculto” e trabalharam durante séculos para implantar “a operação do erro chamado: GLOBO!” (V25), que alterou terminantemente “a 7:09 concepção científica do mundo” para substituir “o Criador do céu” e “da Terra” pelo “heliocentrismo”, que não passa de “uma 1:53 religião pagã travestida de ciência” (V17) e criada para inserir “o paganismo do Deus Sol Invictus como o centro de tudo!” (V25).

É por isso que essas pessoas estão sempre “estudando e nunca chegando ao 2:17 conhecimento da verdade, que são as 2:19 Escrituras” (V8). Até porque a RS alternativa de cientista que o objetiva como cientista falso faz isso associando-os a um “grupo seletivo de seres insignificantes”, que são “ateus” tratados como “heróis da humanidade” (V19) ou “deuses do ateísmo” (V25), mas não dispõem de um “Código moral forte” (V12). Sem um “código moral forte”, são meras criaturas hedonistas com um grande “ego”. Ora capazes de “inventar fraudes” em troca de “fama” (V12), ora fingindo “criar algo que já estava nas 18:54 Escrituras” (V19), como se a ciência não fosse “totalmente bíblica”, isto é, uma *multiplicação*. Ao fingir, eles usurpam a “honra e glória” que são do “Criador” (V39).

Nessa perspectiva, as duas representações alternativas parecem trabalhar juntas em prol da decisão tomada pelos terraplanistas. Ambos os processos de objetivação são semelhantes. As duas RS comportam um processo de construção seletiva, na qual

informações históricas e biográficas da ciência e de cientistas são respectivamente filtradas e descoladas de seus contextos. Informações envolvendo práticas consideradas esotéricas e pseudocientíficas convenientes à premissa geral dos terraplanistas são seletivamente destiladas e anacronicamente interpretadas. Em seguida, essas informações são recombinaadas através de um grupo de noções simplificadas como “sociedades secretas”, “seitas”, “ocultismo” etc., que permitem novas agremiações de indivíduos e objetos díspares. Por fim, ciência falsa e cientista falso são naturalizados, tornando-se parte da realidade. Ambos os objetos são personificados principalmente por meio da figura de Einstein: “mostrar a língua e 13:09 andar descabelado por aí [...] 13:12 e usar um monte de matemática 13:14 complexa e inclusive bem estilosa [...] não faz da 13:19 pessoa um gênio” (V22). Adicionalmente, uma série de metáforas e imagens como “bola molhada giratória supersônica”, “ciência de sofá”, “Satanás”, “Deus Sol Invicto” funcionam como figuração, auxiliando na naturalização de noções complexas; noções estas que são revestidas de força e poder controlador e alienante de toda uma classe de pessoas “enganadas”.

Resta dizer que enquanto representações sociais alternativas, ciência falsa e cientista falso cumprem funções importantes no esquema geral apresentado (Figura 18). Representações alternativas “geralmente simplificam e estereotipam a alternativa” (Gillespie, 2008, p. 381, tradução nossa)<sup>79</sup> protegendo a representação principal. A alternativa, nesse caso, era a ciência moderna com toda a sua concepção cosmológica integralmente diferente e ameaçadora à cosmologia bíblica, segundo a perspectiva terraplanista. Enquanto subcomponentes de uma representação social, representações alternativas compartilham e concorrem com o mesmo objeto de uma representação principal. Não obstante à sua dependência de barreiras semânticas, ao estereotiparem uma alternativa, representações alternativas “podem ajudar membros do endogrupo a resistirem a argumentos desafiadores e até mesmo se imunizarem contra a conversão” (Gillespie, 2008, p. 282, tradução nossa)<sup>80</sup>. Num contexto comunicacional, a representação alternativa ainda permite que aqueles que a utilizam não pareçam ingênuos e que as ideias que elas veiculam – e são, como vimos, fruto da perspectiva terraplanista – sejam atribuídas a terceiros reais ou imaginários (Gillespie, 2008). A seguir, trataremos das representações principais àquelas das quais falamos.

<sup>79</sup> “they usually simplify and stereotype the alternative”.

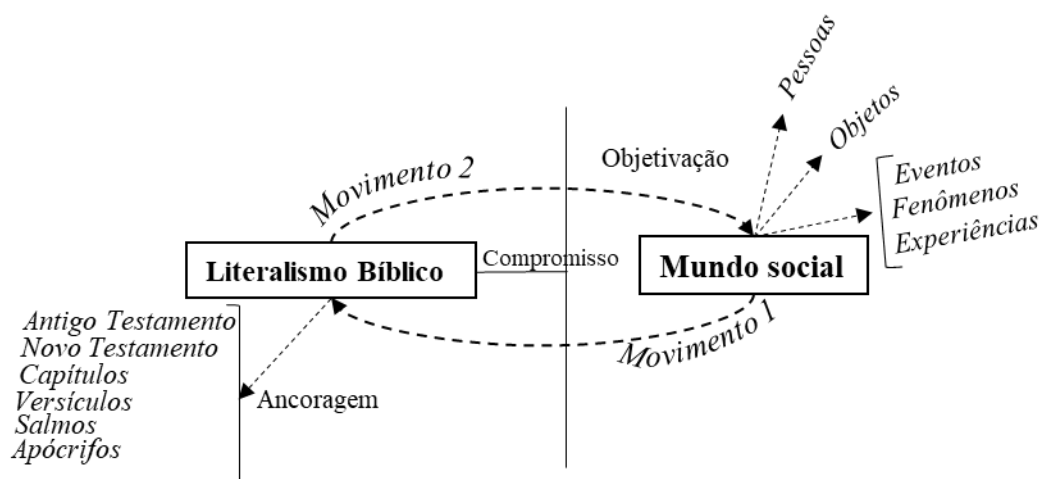
<sup>80</sup> “can aid ingroup members in fending off challenging arguments and even immunise them against conversion”.

### *A Ciência de verdade ou “ciência divina”*

Anteriormente usamos o termo alternativo para destacar uma alternativa que foi rejeitada – ciência moderna – e tornou-se objeto de uma representação alternativa. Essa representação, por sua vez, é alternativa à uma representação principal que tem o mesmo objeto da representação alternativa. Logo, o que estamos chamando de representação principal reúne paradoxalmente componentes da ciência moderna. Ou seja, a representação que os terraplanistas elaboraram – ciência falsa – é atribuída ao exogrupo, enquanto a representação social comum de ciência, apesar de ser reconhecida como criada pelo *establishment*, é reivindicada como fielmente praticada pelos adeptos da Terra plana. Como dissemos, a ciência falsa é uma ciência “adulterada” e deturpada pelo *Sistema maligno*. Essa representação ajuda a menosprezar a ciência moderna, abrindo caminho para a ciência de verdade.

Enquanto RS, a ciência de verdade é convencionalizada como uma ciência que busca estar em acordo com o relato bíblico. A Bíblia é tida como a “máxima autoridade em ciência e entendimento do 48:46 mundo” (V29). A priori, a ciência de verdade é uma forma de “pensamento crítico”, cujo “Telos interno” está orientado para “a 13:38 proteção e o melhoramento da existência humana” (V39). Ou seja, é o “método científico do *establishment*” (V5). A posteriori, esse método armazena pressupostos teórico-metodológicos, cuja aplicação disciplinada e genuína “comprova” descrições como a “Terra plana”, o que a classifica como “ciência bíblica”, reafirmando sua pertença às “Escrituras”. Ao fazê-lo, a ciência do *establishment* é objetivada como a “verdadeira ciência”, “a ciência hebraica ou a ciência divina”, “a ciência das Escrituras”, isto é, “a ciência que vem do alto, não adulterada, 0:39 não diabólica, não terrena, não maligna, mas aquela pura e cheia” do “temor” ao “Criador” (V29). Assim, após a realização da ligação da ciência do *establishment* com a Bíblia, a ciência deixa de ser uma invenção humana – “ciência não foi inventada pelo homem” (V19) – e passa a ser um “presente do Criador”, que foi corrompido e caiu nas “mãos erradas”. É digno de nota que essa RS é virtual. Não se trata de uma representação de *como* a ciência é, e sim de *como* ela *deveria ser*. Se a ciência moderna, portanto, não é tal qual a RS de ciência de verdade dos terraplanistas, é porque, em seu lugar, há uma ciência falsa. Numa lógica contrafactual, nada disso estaria acontecendo se Satanás não tivesse sabotado os planos divinos para a humanidade. Se a ciência não tivesse caído nas “mãos erradas”, os “cientistas falsos” do *establishment* estariam praticando a ciência de verdade e confirmando integralmente as “verdades” bíblicas, sobretudo em relação ao formato da Terra.

Não seria completamente equivocado dizer que a RS de ciência de verdade é ancorada na Bíblia. No entanto, há movimentos complexos na ancoragem e objetivação da ciência, que demandam maior precisão. A Figura 19 mostra como esses dois movimentos são feitos na construção da RS de ciência de verdade. Considerando que há diferentes formas de ler a Bíblia, a sugestão da Figura 19 é que essas formas sejam compreendidas como manifestações de *compromisso* com uma perspectiva. Logo, o *compromisso*, que é fator crucial para a ocorrência de dissonância cognitiva, também deve mediar o *significado* tanto dos atributos usados para ancorar quanto dos elementos utilizados para *objetivar*, já que existe *consonância* entre o literalismo e o significado dos atributos e elementos escolhidos. Adicionalmente, se o literalismo é usado para resolver contradições (Terra plana vs. Terra esférica, ciência vs. fé; heliocentrismo vs. cosmologia bíblica etc.), é possível que a dissonância ajude a impulsionar a gênese da RS. Na TRS, o *compromisso* pode ter a ver com a pertença grupal, pois é ela quem modula o significado. Compromisso com o literalismo traduz uma pertença a um grupo que compartilha uma mesma perspectiva sobre a Bíblia.



**Figura 19.** Movimentos gerais de ancoragem e objetivação da RS Ciência de verdade

Feita essa ressalva, na Figura 19, o movimento 1 é de introjeção, e o movimento 2 corresponde à projeção. Numa linguagem psicossociológica, isso equivale a dizer que o primeiro movimento enseja categorizações, enquanto o segundo esbarra em estereótipos e protótipos. O primeiro movimento, ancoragem, categoriza objetos (como a ciência moderna), pessoas, eventos, fenômenos e experiências com base em sentidos e significados derivados de uma leitura literal do Antigo Testamento, Novo Testamento, seus respectivos capítulos, versículos, salmos e textos apócrifos – “A gente não tem que ater na palavra que é bíblica, mas no significado [...] se esse 1:05:08 significado condiz com o que você tá lendo na Bíblia” (V30). Os planetas do sistema solar apresentados pela perspectiva científica moderna, por exemplo, não “condiz[em] com Escritura” (V29). Já o Sol, a Lua e as estrelas, embora sejam

“condizentes” com a Bíblia, não apresentam o mesmo significado. Essa tensão poderia ser resolvida se a perspectiva fosse modificada em vez dos objetos. Não é o que acontece. Os planetas são ancorados como “pontos de luz”, ao passo que o Sol e a Lua “são luminares”, segundo a leitura bíblica literal; ambos são objetivados como “lâmpadas” ou “abajures”, cuja função é “governar o dia” e a “noite” dentro de um “Reino plano” criado especialmente para o homem. O mesmo acontece com o que o *Sistema maligno* chama de ciência moderna, que é identificada em diversas passagens bíblicas. Porém, os indivíduos “não conseguem enxergar 22:50 ciência na Bíblia”, porque foram “manipulados mentalmente” (V19). Em suma, objetos – vacinas (“marca da besta”), planeta (“Reino”) –, fenômenos – aquecimento global (“apocalipse”, “profecia”) –, experiências – pôr do Sol (“tenda para o Sol”), luar (“movimento da Lua”) – ganham outras categorias.

O segundo movimento, por sua vez, seleciona pessoas, objetos, eventos, fenômenos e experiências que objetivam sentidos e significados literais extraídos da Bíblia. Quando projetado em objetos como a ciência, dir-se-á que ela “sempre” foi “bíblica”. Como a Bíblia está envolta por uma leitura literal, suas afirmações são consideradas atemporais. Diga-se de passagem, tomar as coisas de forma literal implica uma recusa à abstração. Não há como escapar, o “hoje” pertence “à Bíblia”, “se uma pessoa tenta te machucar, 58:14 é bíblico”, “se uma pessoa tenta te ferrar, é bíblico”, “o próprio Yahushua profetizou 58:21 [...] ‘no final dos tempos, muitos virão em meu nome’ [...] o quê que nós tamo vendo hoje? Muita gente falando o nome de Yahushua para confundir as pessoas com más intenções” (V19). Até mesmo as tribos de Israel continuam a existir segundo as premissas bíblicas, a exemplo da Tribo de Isaacar, objetivada como “pretos dos Estados Unidos mais ricos que qualquer outro preto de qualquer lugar do mundo”, isto é, celebridades e pessoas “top na calçada” (V19). Os néscios referidos por Paulo em Romanos, capítulo 2, versos 21 ao 24, são objetivados como “Albert Einstein, Isaac Newton, Aristóteles, Platão, [...] Pitágoras”. Todos exemplos de cientistas falsos.

Retomando a RS ciência de verdade, ela é ainda ancorada como uma ciência “empírica”, “observável”, “experimentável”, “testável” e “mensurável”. Outras características também são utilizadas para descrevê-la, como “ciência mais simplificada”, sem “blábláblá” ou “calculozinho”, que “não depende de formação” e é “de acesso pra todas as pessoas”, verdadeiramente compatível com a “Navalha de Okham”. Ela ainda deixa claro quando está especulando e detém um “Código moral forte”. Todas essas características, entretanto, remontam a aspectos que já fizeram parte da representação socialmente compartilhada de ciência. Discutiremos isso mais tarde, pois aqui interessa dizer que a perspectiva terraplanista



propõe resgatar esses princípios – os quais são bíblicos – que foram ocultados pela ciência falsa. Quanto aos cientistas praticantes dessa ciência, a RS que os objetiva como cientistas de verdade ancoram-nos como indivíduos “inovadores”, “sempre em busca da verdade”, que não tem “vergonha de 40:58 falar eu não sei” e dão “honra e glória ao” “Criador”. Ou seja, são indivíduos “tementes a Deus” tal como aqueles que “falam do *design* inteligente”. Na objetivação dessa RS, objetos como “eletromagnetismo” e “éter”, considerados experimentáveis, são tomados como exemplos da ciência de verdade. No campo das personalidades, a figura que personifica a ciência e o cientista de verdade é o inventor Nikola Tesla, considerado como um cientista que “trouxo benefícios para os 3:51 seres humanos” (V17), reprovava cálculos matemáticos complexos e realizava experimentos.

Dentro do sistema de crenças terraplanista, é a ciência de verdade que promete provar e reabilitar a legitimidade da cosmologia bíblica. Ela permite ainda que os terraplanistas possam se inserir em domínios e discussões científicas das quais eles foram excluídos. Mais precisamente, a RS ciência de verdade cumpre quatro funções: 1) função de saber: permite distinguir ou assimilar informações a propósito do que se considera ciência de verdade; 2) função identitária: ajuda a manter uma identidade como “cientistas de verdade”, “despertos”, “desenganados”, “tementes ao Criador”, “antissistema” ou “fora da matrix” etc.; 3) função de orientação: a RS ciência de verdade parece orientar tanto “observações” e “experimentos terraplanistas” quanto algumas das formas de gerenciamento do oculto, sobretudo aquelas que visam despertar e angariar novos adeptos à Terra plana; 4) função justificadora: ajuda a justificar a rejeição de informações oriundas da ciência moderna e a decisão tomada em favor da cosmologia bíblica.

### ***Ego, Alter e objeto: gerenciando contradições***

“a significação de quase todas as palavras, quer em si mesmas quer em seu uso metafórico, é ambígua, e na argumentação podem adquirir muitos sentidos” (Hobbes, 1651/2003, p. 238)

Até aqui argumentamos que um conflito entre a cosmologia bíblica e a cosmologia científica moderna é detectado, uma decisão é tomada em favor da veracidade do relato bíblico e comunicada por meio de uma posição, que faz parte de uma *perspectiva representante*. Após a decisão, haverá dissonância. De um lado, a alternativa rejeitada é, via de regra, desprezada e reavaliada como causada por uma *conspiração* que estimula um estado de sensibilização e alerta perante elementos estranhos, subliminares e ameaçadores, criando

condições para a elaboração de uma intrincada teoria conspiratória. Durante esse processo deve haver pressão à inferência, e representações sociais principais e alternativas são elaboradas para auxiliar a enfrentar desafios trazidos pela alternativa rejeitada<sup>81</sup>. Como a representação alternativa tem sua contraparte, essa manobra abre caminho para que, de outro lado, uma representação social da verdadeira ciência seja elaborada para justificar a decisão tomada e o curso da ação que ela prepara. O mundo e a realidade se transformam num “reino plano estendido, criado 6:34 pelo Criador” (V39) repleto de ordem e propósito. Objetos, pessoas, eventos, fenômenos e experiências adquirem novos sentidos e significados que estavam obscurecidos e ocultos e, agora, são revelados e tornados claros. Estratégias e formas de diferenciação são elaboradas para enfrentar, proteger e mitigar as forças poderosas que atuam para manter a ocultação.

Esse enfrentamento, entretanto, não depende só de representações sociais e representações alternativas. É aqui que a dissonância cognitiva vem se somar à polifasia cognitiva para prestar um último e não menos importante exercício de consistência e produção de sentido. Como e por que temos a impressão de que a “ciência” terraplanista é ampla o suficiente para englobar “anjos”, “metafísica”, “éter”, “neflins”, “dragões”, “medusas”, seres e objetos sobrenaturais e, ao mesmo tempo, é estreita demais para caber a “gravidade”, a “matéria escura” e “fotografias da NASA”, tomadas como “superstições”, “ficções” ou “imagens forjadas”? Como, de um lado, a Bíblia deve ser lida de forma “literal”, “sem alegorias” e “metáforas”, mas de outro, religiões e cosmologias alheias são interpretadas de forma não literal? Por que Tesla, que conhecidamente nutria crenças místicas é considerado um “cientista de verdade”, ao passo que Newton e Pitágoras, por exemplo, não o são? Se a NASA se esforça para esconder as coisas, porque ela esqueceria um “rato” numa fotografia de Marte? Por que as indústrias venderiam câmeras sofisticadas permitindo que os terraplanistas descubram justamente a verdade que se quer esconder? Enfim, como essas contradições são gerenciadas?

A fim de colocar essas desconcertantes e específicas indagações num quadro teórico geral, abordá-las-emos de três formas. A primeira delas tratará de contradições centrais que estão no núcleo da conversão à perspectiva terraplanista. Faremos isso com base nas três

---

<sup>81</sup> Não se trata apenas de uma alternativa rejeitada, é também uma decisão que poderia ser tomada e comunicada por uma posição que integraria outra perspectiva. Não qualquer perspectiva, mas uma perspectiva que os terraplanistas aceitavam, de alguma forma, antes de perceberem um conflito com a cosmologia bíblica. Para sustentar firmemente o curso da ação que a decisão impõe, sem dissonância e titubeação, a alternativa preterida e sua perspectiva têm que ser isoladas para que sua influência seja controlada, drenada e neutralizada. Daí o papel da dissonância cognitiva e representações alternativas.

estratégias festingerianas clássicas<sup>82</sup>. Já a segunda forma fará uso do esquema proposto por Kelman e Baron (1968b), tendo como alvo contradições mais sutis postas na perspectiva terraplanista. O modelo dos autores leva em conta a natureza dos modos de gerenciamento (evitação/confrontação) e a natureza do resultado atingido (redução/manutenção) (Tabela 5). Ademais, tomamos a liberdade de inserir mais dois modos em seu esquema, isto é, as respectivas formas de polifasia cognitiva, hibridização e deslocamento. Finalmente, a terceira abordagem discorrerá brevemente sobre implicações de processos que estão presentes na segunda abordagem.

**Tabela 5 – Modos de lidar com inconsistências diferenciados pela natureza do (a) Processo Utilizado e (b) a Natureza do Resultado Alcançado**

		Processo	
Resultado	Redução da inconsistência	Evitação da inconsistência	Confrontação da inconsistência
		Negação	Mudança na atitude
		Distorção	Mudança na ação
		Racionalização	Mudança no padrão
		Derrogação da fonte	Tentativa de influência
	Manutenção da inconsistência	Compartimentalização	Reforçamento
		Insulação institucionalizada	Diferenciação
		Ritualismo compensatório	Transcendência
			Deslocamento*
			Hibridização*

Nota. Fonte: Kelman e Baron (1968b)

\* Acréscimos ao esquema dos autores

### *O Topo da cascata: contradições centrais e conversão*

Em nosso esforço para compreender a construção da perspectiva terraplanista sobre o mundo e a ciência, a contradição aparentemente mais central é, sem dúvida, entre o “relato de Gênesis 1:7” e o consenso científico da Terra esférica. Primeiramente, “dois elementos são dissonantes se, considerados por si só, o inverso de um decorrer do outro” (Festinger, 1975). Ou seja, acreditar em Gênesis 1:7 (A) implica crer que seu relato seja verdadeiro, enquanto acreditar no consenso científico da rotundidade terrestre (B) implica que esse versículo seja falso ( $B \leftrightarrow \frac{1}{A}$ ). Segundamente, nossos resultados oferecem evidências de que os terraplanistas dos canais informantes já acreditavam simultaneamente na Bíblia e na esfericidade terrestre – “Quando a gente achava, né, ahm... que a 26:57 Terra era uma bola” (V28); “Eu mesmo era terrabolista, eu acreditava na Terra bola de unhas e 1:03:25 dentes” (V30). Mesmo aqueles

<sup>82</sup> Não é impossível abordar as contradições terraplanistas mediante todas as abordagens de uma só vez. Pelo contrário, há muitas possibilidades de interposição e sobreposição entre estratégias de solução da dissonância cognitiva conforme a teoria original de Festinger e a proposta de Kelman e Baron (1968b). Mas essas possibilidades podem comprometer a parcimônia do tratamento que desejamos dar às contradições.

que não admitiram diretamente o fizeram implicitamente: “Eu já conhecia o modelo do globo como todos nós somos doutrinados” (V37); “porque todos nós aqui fomos doutrinados” (V34). De qualquer forma, manter essas crenças parece ser desconfortável, acarretando recorrente sensação de estranhamento e insignificância – “aonde é que tá o 27:23 Criador?! Bahh, nossa sou tão pequeno! O Criador não tá nem aí pra mim [...] quantas vezes você pensou nisso?!” – e descontentamento com a origem evolucionária do homem. Autoperceber-se desacreditando a Bíblia é referido como um “choque”: “não que eu tenha acreditado sempre em Terra plana, né. Eu já desacreditei a Bíblia muitas vezes, percebi mais recentemente, igual 24:07 todo mundo fiquei em choque” (V34). Considerando esses aspectos, a forma de lidar com esse mal-estar parece levar à conversão ao terraplanismo, que corresponde a uma forma de alteração do elemento cognitivo-comportamental.

Outras soluções são cogitadas, mas elas parecem levar a contradições ainda mais intoleráveis. Se a leitura literal de Gênesis 1:7 e outros versículos fosse substituída por leituras menos radicais, as duas cognições poderiam ser mantidas. Porém, quando Alê cogita esse movimento, ele se depara com uma inconsistência ainda maior: “muitos cristãos falam: ‘[...] a gente tem que interpretar, tá, daí, vem a exegese’ [...] ‘naquele tempo eles tinham uma visão de mundo diferente’ [...] Será que Deus é irresponsável?! Que iria deixar os antigos profetas dele escrever errado a Bíblia!” (V26). Ou seja, Alê se sente forçado a admitir que o “Criador” irresponsavelmente “iria deixar erros 5:02 para que a gente se atrapalhasse depois” (V26). Ainda que somente os versículos bíblicos, os quais sugerem uma Terra plana com “domo” ou “firmamento”, fossem descreditados, o problema persistiria. Para Leandro, por exemplo, não faz sentido crer que Jesus “nasceu de uma virgem”, “é filho de Deus”, “é o salvador” que “morreu e ressuscitou no terceiro dia”, “operava milagres” e “um dia vai voltar” e não crer que a Terra seja plana. Pois, “a mesma Bíblia que diz” “essa história toda de Jesus” também “[...] diz [...] que o céu [...] tem uma estrutura rígida”. Logo, se “isso é um absurdo”, “então, a Bíblia toda é um absurdo!”. Afinal, por que “só essa 6:56 parte é absurda?!” (V26), ele indaga.

Mas qual a finalidade de acreditar integral e literalmente em cada palavra da Bíblia? Quando inserimos essa indagação, outra fonte de mal-estar aparece: “não 25:50 adianta ser terraplanista e ir pro inferno!” (V28). A “aceitação de Jesus” (V28) ou “Yahushua” é considerada “o único requisito pra ter 12:55 a salvação eterna” (V42). Como a “Terra plana é importante” na medida em que “converte as 25:45 pessoas ao Criador” (V28), crer na Terra plana e em todo conteúdo da Bíblia é um requisito para não ir para o inferno.

Claramente, o tratamento dado entre Gênesis 1:7 e o consenso científico da esfericidade terrestre bastaria para conduzir à rejeição de viagens espaciais e planetas e consensos astronômicos. No entanto, há diversas contradições envolvendo outras passagens bíblicas. Aqui convém lembrar das implicações da aceitação do argumento teológico da onipresença de Deus e das proporções do cosmos conforme a astronomia moderna. Nesse caso, tanto a onipresença de Deus quanto a vastidão do cosmos colidem, por exemplo, com a presença do “Criador” no “Círculo da Terra” (Isaías 40:22) ou com a visão de Ezequiel de Deus sentado num trono de safira (Ezequiel 1:26). Novamente, o mal-estar aparece, pois, se Deus é onipresente, é invisível; e se a descrição da astronomia for verdadeira, sua grandeza é reduzida e sua distância da Terra é aumentada deixando os adeptos da Terra plana com a sensação de abandono e indiferença.

Ainda em se tratando de alterações cognitivo-comportamentais, as experiências sensoriais representam uma fonte de dissonância relevante. Acreditar que “Sol [es]tá parado” e a Terra é que está “orbitando em 4:28 torno dele” (V26), ao mesmo tempo em que não se sente a “movimentação da Terra”, não se consegue “detectar isso de forma alguma” e se vê “o Sol passar todos os dias”, é potencialmente dissonante para os terraplanistas. Obviamente a ciência moderna dispõe de explicações milenarmente aceitas sem dissensão para esses casos. Porém, o grupo estudado aqui toma uma decisão em favor de suas experiências sensoriais: “Eu fico 11:20 com a simplicidade da coisa. [...] o senso 11:24 comum e a observação, ele me diz que eu 11:27 vivo num plano estacionário” (V6).

Mais uma vez, essa decisão não deve estar livre de novas inconsistências visíveis à perspectiva terraplanista. Não estamos falando de um grupo anticientífico – “eu quero é a ciência de verdade, 24:50 porque eu sou apaixonado por ciência” (V38). Além disso, eles parecem estar cientes de que sua adesão ferrenha à Bíblia é uma crença – “a minha crença é na ciência! Na ciência verdadeira, na ciência provada empiricamente [...] Celso — Não, Gênesis não é isso, certo? Marthins — Gênesis, não, mas o que é relatado em 15:17 Gênesis pode ser provado cientificamente!”. Logo, eles não podem “provar”, nos termos de sua RS de ciência, a existência do “domo” ou “firmamento”. É por isso que os terraplanistas “vão pra ciência” e tentam provar a “fé” “cientificamente” (V37) por meio da Terra plana. Afinal, se a Terra for plana, o domo deve existir e as outras sentenças bíblicas devem ser verdadeiras.

Aqui se iniciam as manobras de adição de elementos para lidar com eventuais dissonâncias que podem surgir, a começar pela “ciência falsa”. Para os terraplanistas, não faz sentido “que uma agência que recebe dezenas de bilhões de dólares” precise fazer uma “foto da Terra com computação gráfica ao invés de tirar com satélite” (V34). Segundo o grupo, a

“comunidade científica” “simplesmente tem os seus dogmas” (V34). Embora essa inconsistência seja retoricamente detectada criando um espantinho da ciência moderna – como já dissemos –, ela pode estabelecer consonância através da adição do elemento “dogma”, que estaria encobrindo o desejo de evitar questionamentos sobre a veracidade das fotografias tiradas do espaço. O restante dos exemplos centrais de adição de elementos cognitivos consiste de aplicações da ciência de verdade. Os livros de Salmos, de Jó e de Enoque, por exemplo, falam de um “Sol e uma Lua 15:42 em movimento” (V29). Uma das inconsistências que se coloca à ciência de verdade que os tenta a verificar é trazida por Celso: “por que que eu não 1:07:07 vejo [o Sol] ele daqui [posição oposta na miniatura do mapa plano]? Eu deveria ver, eu tô aqui, se eu pegar um telescópio ou uma câmera boa” (V37). Celso está supondo que quando anoitece num ponto terrestre, o Sol deveria ser ainda visível com um telescópio, sobretudo em pontos antipodais. Mas, a resposta de Marthins é “não”; e isso se deve à “perspectiva mais as camadas atmosféricas”. Segundo Marthins, além de a “atmosfera” agir “como uma lupa”, suas camadas são diferentes, dependendo do ponto terrestre onde se está. Ora, se o Sol se “põe por perspectiva”, alguém poderia indagar – como fez o geólogo Caio – por que o Sol nem sempre fica menor e converge “ao ponto de fuga”? (V38). É aí que se insere o “efeito lupa da atmosfera”, que explica inclusive o “pôr do Sol no mar” por causa da “umidade relativa do ar [alta]”, algo que não aconteceria “no deserto”. Essa mesma manobra explica uma observação de ilha, que “comprova” a “planicidade das águas”, quando Marthins, por exemplo, argumenta que “qualquer pessoa que chegar na beira do mar” e fizer um “teste de curvatura durante sete dias” confirmará a Terra plana. Porém, ele pondera que “um dia”, a ilha pode não aparecer, mas isso se deve à “umidade relativa do ar que [es]tá 8:55 mais alta, no outro dia [es]tá um pouco mais seco, a ilha vai aparecer” (V37). Mesmo quando Celso o contrapõe perguntando se essa variação “não tem a ver com a maré”, Marthins insiste que “depende da condição atmosférica”.

Desnecessário persistir mais nesse ponto, pois esse padrão de adicionar novos elementos parece se repetir em outras inconsistências referentes a eclipses, vulcões e outros fenômenos. Se as explicações convencionais precisam ser desacreditadas, algo tem que ser colocado em seu lugar para realizar a consonância. Adicionalmente, as nomenclaturas e os neologismos científicos – vistos com desconfiança – também podem envolver dissonância cognitiva. A Aurora boreal, por exemplo, precisou ser renomeada como “luzes do Norte”. Ocorre que “se tudo é para a glória do Criador”, não é aceitável um nome que “tem paganismo”, isto é, o termo faria menção a “dois demônios do Norte”, “a deusa pagã Aurora” e o “demônio Boreas” (V39).

O exemplo acima esbarra, por fim, em dois outros exemplos de alterações cognitivo-ambientais. Como a Bíblia diz “afastai os seus olhos de toda a 5:00 aparência do mal”, Márcio, que está “seguindo as Escrituras” tomou a decisão de não aceitar “blasfêmias”: “Eu tenho feito isso 5:02 [...] não fico mais vendo [...] gnosticismo, ensinamentos 5:09 de ocultismo como eu fazia [...] hoje [...] quando você tem 5:19 espírito santo, ele não aceita, [...] é muita profanação, [...] blasfêmia” (V42). Esse tipo de estratégia também pode ser empregada no afastamento de informações dissonantes veiculadas na mídia: “[...] isso aqui é foto?! Não, meu irmão! [...] 02:00 É infográfico, ou seja, CGI. 02:03 Tá certo, até do Sol eles fazem CGI. [...] É tudo uns capeta, cara! Eu nem leio esse lixo!” (V14). Nesse exemplo, Rubens declara a intenção de encerrar a leitura de uma matéria científica que parece lhe causar grande indignação.

Com o exposto, tivemos uma singela amostra de como a dissonância cognitiva é usada para lidar com contradições mais centrais. Esse exercício, portanto, representa um aprofundamento na dissonância básica que aparece em nosso esquema, na Figura 18. Como vimos, ela é predominantemente manejada por meio de um dos processos mais simples, a alteração de elementos cognitivo-comportamentais. Apesar de comum, essa estratégia esbarra em diversos desafios que parecem ser potencializados em razão do custo social e cognitivo de sustentar uma posição que vai contra um dos consensos científicos mais antigos. Ninguém mais – a não ser os terraplanistas – se importa com esse tema, especialmente porque evidências favoráveis são produzidas até mesmo de maneira acidental, sobretudo quando novas tecnologias que supõem uma Terra esférica são lançadas. Além disso, nos termos da TDC, como já advertiu Festinger (1975), “a dificuldade em mudar o comportamento pode ser demasiado grande; ou a mudança, embora elimine algumas dissonâncias, pode criar uma porção de outras novas” (p. 26). Trataremos de pormenores dessas outras dissonâncias a seguir.

#### *Contradições periféricas: implicações funcionais da inconsistência após a conversão*

“Na medida em que os grupos ou indivíduos são chamados a enfrentar e resolver problemas cada vez mais complexos, tanto da ordem social quanto natural, a variabilidade dos instrumentos mentais adotados é uma consequência inevitável” (Moscovici, 1978, p. 287)

Em nossa grade teórica geral, mostramos que Festinger (1975) reconheceu outras formas de reduzir a dissonância (esquecimento seletivo, negação, compartimentalização etc.).

No entanto, o autor admitiu mencionar “estes processos para indicar, meramente, alguns dos problemas envolvidos e o possível âmbito de investigação” (p. 238), pois ele não tinha “quaisquer idéias sobre como tratar” fatores compreendidos como “aspectos da *personalidade* em relação com a dissonância” (grifo nosso). Em nosso percurso até aqui, baseamo-nos nesse reconhecimento para aproximar a dissonância cognitiva da polifasia cognitiva, mediante análise de sobreposição entre a compartimentalização e a prevalência seletiva, a fim de pavimentar o caminho para a abordagem que faremos agora. Se Festinger não tinha interesse ou não sabia<sup>83</sup> como tratar os processos que indicou com precisão, coube a Kelman e Baron (1968a; 1968b) fazê-lo por meio de uma proposta de análise funcional.

Antes de colocarmos em prática a referida proposta, algumas diferenças precisam ser consideradas. Em sua abordagem, Kelman e Baron (1968a) tentaram superar a principal fraqueza dos modelos que reduziam a inconsistência a um estado de impulso, isto é, a ausência de base sistemática para prever a forma de resolução de uma inconsistência dilemática. Tomar a inconsistência somente como impulso pouco acrescentava no entendimento dos fenômenos sociopsicológicos. Por essa razão, a proposta dos referidos autores sugeriu hipóteses que conectam a natureza da reação de um indivíduo à inconsistência com suas respectivas implicações funcionais específicas. A aposta de Kelman e Baron (1968a; 1968b) era de que essa conexão proporcionaria a base sistemática que faltava aos modelos tradicionais.

Nessa base, a inconsistência passa a ser percebida também como um *signal*. Isso equivale a dizer que, em primeira instância, o impacto motivacional da inconsistência é a ativação de um *comportamento de busca*. Logo, “se a busca revelar que a inconsistência não tem implicações funcionais significativas – isto é, que não apresenta nenhuma ameaça ou reflete quaisquer inadequações nos mecanismos de enfrentamento da pessoa – então, ela não fará mais nada a respeito” (Kelman & Baron, 1968a, p. 334-335, tradução nossa)<sup>84</sup>. Em vez da inconsistência em si, as fontes de motivação são a ameaça e a inadequação sinalizados por ela. Assim, se a inconsistência tiver implicações funcionais, o sujeito pode reduzir a tensão gerada sem que isso signifique necessariamente reduzir a inconsistência. Se a motivação é reduzir as

---

<sup>83</sup> Pelo menos dois problemas podem ter limitado Festinger. O primeiro é que Festinger (1975) citou a “compartimentalização” dentre os “outros meios de *reduzir* a dissonância” (p. 238, grifo nosso). Ou seja, não fez diferenciação entre modos de *redução* e *manutenção*; uma coisa é *reduzir* a dissonância, outra é *reduzir* a inconsistência. Segundo, compreendeu esses processos como associados à personalidade, o que embora não seja de todo inverídico, pode ter dificultado seu enquadramento na Psicologia social. Essas limitações parecem ter sido sanadas por Kelman e Baron (1968a; 1968b).

<sup>84</sup> “If the search reveals that the inconsistency has no significant functional implications—i.e., that it does not present any threats to or reflect any inadequacies in the person's coping mechanisms—then he will do nothing further about it”.



fragilidades sinalizadas pela inconsistência, o indivíduo pode corrigi-las sem removê-la ou eliminá-la. Então, na proposta de análise funcional, haverá tanto mecanismos de redução quanto de manutenção da inconsistência. Essa possibilidade nos encorajou a tratar da polifasia cognitiva aqui. Festinger (1975) reconheceu outras possibilidades, mas foram Kelman e Baron (1968a; 1968b) quem ofereceram bases genuínas e viáveis para abrigar a dissonância e a polifasia cognitiva nos conformes de um campo emergente de estudos sobre mecanismos de gerenciamento de contradições vislumbrado por Jovchelovitch e Priego-Hernandez (2015).

Seguindo a Tabela 5, dentre os mecanismos de *redução-avoidance* usados pelos terraplanistas, o primeiro é a *negação*. Dentre os principais exemplos, temos: a) negação dos dinossauros – “Celso — [...] como que justifica os dinossauros? Marthins — [...] nós não temos hoje um fóssil inteiro de um suposto dinossauro, 16:54 o que temos são reconstruções a partir de um dente” (V37). Segundo eles, se os dinossauros existissem haveria uma inconsistência com a idade da Terra plana “de aproximadamente seis mil anos”; b) negação da existência e funcionalidade dos satélites – “Marthins — Não funciona [Satélites], Celso. Celso — Vai lá e volta, não é... (V37)”. Como os satélites estão no espaço orbitando a Terra, negá-los parece necessário, já que, na Terra plana, não é possível ultrapassar o domo. Isso, é claro, não resolve o problema, já que o mundo é indubitavelmente interligado por tecnologias que captam sinal de algum lugar, daí a adição dos elementos “cabos marítimos” ou “subterrâneos” e “conspiração”; c) negação da Guerra fria – “o Tratado da Antártida é a grande prova de que não houve guerra fria!” (V37). Ora, se existisse a Guerra fria, como seria possível alegar que todos os países estão mancomunados para esconder a verdade sobre a “Antártida” (“fim do mundo”) e ocultar a Terra plana? A Guerra fria supõe profundas rivalidades que comprometeriam o acordo necessário para um grupo conspirar; d) negação da existência da gravidade e experimentos para testá-la – “só que a gravidade, 11:38 a gente não consegue sentir, a gente não 11:40 consegue medir, a gente não consegue 11:42 provar” (V38); “Nunca teve um experimento de Isaac Newton pra confirmar 26:47 o que ele determinou em física! [...] ‘Ah ele fez um experimento e jogou uma bolinha [...] no chão’ [referência a Galileu e o experimento na Torre de Pisa]. [...] Isso continua sendo experimento pra provar que a Terra é plana e que tudo o que tá em cima 27:10 desce” (V30); e) negação da existência de evidências para a esfericidade terrestre – “você vai pra 13:53 escola, que que você aprende? Modelo globular! 13:55 Porque ele foi provado? Bom, pra mim ele 13:58 não foi provado!” (V38); f) negação da existência de galáxias – “se um foguete sobe pra 55:47 entrar na galáxia, não existe galáxia, existe um domo que os professores tão tentando 55:53 desmentir” (V19); g) negação do aquecimento global – “eu sou da corrente que não acredita

em aquecimento global e tudo na Terra é cíclico, 59:05 nós temos variações cíclicas de anos e anos” (V37); h) negação do caráter empírico da ciência moderna – “tudo teoria e filosofia. Nada 9:03 provado! Nada empírico, nada observável, 9:07 isso não é ciência de verdade” (V16).

Dentre os principais exemplos de *distorção*, temos: a) *distorção do sentido de afirmações de indivíduos, povos e entidades numa direção mais próxima e assimilativa da Terra plana*: “Hollywood, eles tudo sabem da verdade, [...] então, o Keanu Reeves [...] deu uma entrevista dizendo que a gente vive [...] num planeta 8:09 prisão” (V28); “conceitos 3:49 abstratos criados por uma ciência que 3:52 visa esconder os fatos e não revelar os 3:54 fatos, como bem ilustrou Francis Bacon” (V31); “Esse aqui, sim, é um cientista de 3:48 verdade, que trouxe benefícios para os 3:51 seres humanos, né. [...] Nicola Tesla!” (V17); “se você volta à história 3:48 antiga, lá dos antepassados, os 3:49 egípcios, os povos mais antigos ou até 3:52 mesmo os gregos, o próprio Aristóteles 3:55 acreditava que a Terra não era uma bola 3:58 molhada giratória” (V23); “não é todo lugar que esse sistema terrabolista foi implantado não, tanto é verdade 22:07 que o símbolo da ONU é de uma Terra plana” (V30); A um só tempo, admitiu-se que o ator e Hollywood inteira conhecem o real formato terrestre. A necessidade de trazer a fala do ator para mais perto parece refletir o apreço que os terraplanistas demonstram pelo filme “Matrix”. Quanto à citação atribuída a Bacon, certamente a ciência, a qual o autor pode ter se referido, é justamente aquela que os terraplanistas estão rejeitando. O mesmo vale para Tesla, pois ele não foi um “cientista de verdade”, segundo a definição terraplanista que apresentamos. Em relação a Aristóteles, foi ele quem reuniu algumas das evidências aceitas ainda hoje sobre a esfericidade terrestre. Finalmente, o símbolo da ONU é tido como sinal de que, apesar de conhecer, ela esconde o real formato da Terra. Aqui a aproximação é com a suspeita de uma conspiração; b) *distorção da ciência e dos cientistas*: “toda a ciência moderna é 3:04 baseada em esoterismo e ocultismo” (V19); “Todos os ‘renomados’ cientistas, tinham em comum a maçonaria” (V25); “ausente dos livros de história está a imagem completa desses famosos (0:55) cientistas” (V13); “É essa a última cartada de 4:37 Satanás [...]. Nos [...] iludimos com 5:29 as promessas dessa pseudociência fajuta 5:32 que só tem levado a humanidade à 5:35 decadência e à destruição” (V8). Em vez de assimilação, a ciência moderna e os cientistas são alvos de contraste. Ao resumir a ciência moderna ao “ocultismo” e os cientistas famosos ao envolvimento com práticas consideradas não científicas, informações verdadeiras, que estão nos “livros didáticos” e são inconsistentes com a Terra plana, são convenientemente descartadas na mesma embalagem. Ademais, se a ciência moderna só tem gerado

“decadência” e “destruição”, não há dúvidas de que deve ser deixada de lado em prol de algo melhor.

No próximo mecanismo aplicado, uma inconsistência desfavorável ao sistema de crenças terraplanista é racionalizada. Dentre outros exemplos de *racionalização*, temos: a) racionalização de previsões e princípios científicos: “O que a NASA e 10:58 centros de ciência e etc. fazem é pegar 11:00 a informação, joga no software, [...] e te dá a data ali 11:05 certinho, [...] Mas os 11:10 caras fizeram tudo isso considerando 11:12 viver-se num plano estacionário” (V6); “Confessem logo, gente, que 1:23:57 vocês faz o horário mundial funcionar através da Terra plana que fica muito mais bonito pra vocês” (V30); “filme 8:08 inteiro [...] é sobre [...] inversão do campo magnético [...] 8:15 eles têm que falar que [...] é um cometa que vai 8:18 atingir [...] porque eles precisam 8:21 dar suporte [...] ao modelo errado 8:24 deles do heliocentrismo” (V35). “temos um princípio [...] que ele tá dizendo [...] que aquilo que é mais 2:56 lógico, [...] simples, [...] coeso, é que prevalece! [...] não é mais 4:00 lógico [...] entender que eu tô 4:03 parado e os astros estão se movendo?” (V6). Nas duas primeiras falas, previsões cujo êxito é inegável são racionalizadas de modo a significar o sucesso do “modelo plano”, pois, se ele é verdadeiro e é ocultado pelos “centros de ciência”, previsões científicas acertadas só podem ser baseadas nele. Na penúltima fala, a razão de o filme “Não olhe para cima” ser sobre um cometa é dar suporte ao heliocentrismo, mas ele representa, na verdade, a “inversão do campo magnético” ou o “apocalipse”, validando o sistema de crenças da Terra plana. Já na última fala citada, a Navalha de Ockham não só é racionalizada, como distorcida, já que a ideia de simplicidade ou parcimônia corresponde, grosso modo, a explicar mais com menos. O princípio, que seria inconsistente, é tornado consistente; b) racionalização do risco de tendenciosidade ao basear a ciência na Bíblia: “as minhas análises são tendenciosas como 1:00 alguns dizem? [...] Não existe nenhum pedaço da 1:12 Bíblia que diga que eu tenho que mentir 1:14 para proteger a minha fé [...] É o contrário. É Deus que me protege” (V12).

O próximo e último mecanismo – *derrogação da fonte* – é provavelmente um dos mais salientes dos processos de *redução-avoidance*. No primeiro conjunto de exemplos, a fonte é derogada mediante: a) ceticismo: “Celso — [...] DNA funciona no... neste modelo? Marthins — Sim, funciona, o grande problema é 18:15 quem está realizando o teste” (V37); “Leandro — E, qual a prova que a gente tem 4:28 que realmente foi pra lá [Lua]? Como que eu provo isso 4:30 pra uma pessoa, a não ser se ela crê que 4:32 isso realmente aconteceu?” (V38); “a ciência de verdade ela tem 5:53 que ser direcionada com moral, [...] 6:02 Sem moral a gente não tem garantia 6:04 nenhuma, é só um homem falando que aquilo 6:07 está certo e nada

mais!” (V12). Nos trechos citados, uma vez que terraplanistas não têm acesso às tecnologias, ou não viram de perto algo ser feito, a desconfiança e o ceticismo são acionados. No último exemplo, entretanto, o ceticismo é acionado por não satisfazer pré-requisitos da ciência e dos cientistas considerados verdadeiros. Já no segundo grupo de recortes de fala, a fonte (objetos e pessoas) é desqualificada com adjetivos pouco lisonjeiros. A ciência moderna é tomada como “pseudociência fajuta”, “ciência falsa”, “ciência de sofá”, “esoterismo”, “ocultismo” etc., e o heliocentrismo é visto como “uma 1:53 religião pagã travestida de ciência”. Para completar, a ciência moderna estaria “na mão das pessoas erradas” (V19). Além de estarem envolvidos com “sociedades secretas”, figuras como “Copérnico” e “Kepler”, por exemplo, seriam meros “astrólogos” que fizeram parte de uma “turma” de “satanistas” da “seita jesuíta” “infiltrada dentro da Igreja Católica” (V28). Isaac Newton, por sua vez, “não foi um cientista como o sistema quer colocá-lo”, e sim “um 19:09 cooperador maçom” que “fazia parte da sociedade da mão invisível dos 19:15 cavaleiros de Malta”, cujas teorias são derivadas da “Cabala” (V19). Portanto, seriam “homens mentirosos”, com grande “ego” e “Código moral fraco” (V12). Outras figuras como Bill Gates são referidas como “apenas um bunda rachada” (V36). Por fim, notícias – “Isso não é notícia, é propaganda da ciência!” (V14) e revistas acadêmicas – “Eles mesmo criam a revista fajuta 01:31, um lixo [...] escreveram com a canetinha deles 01:38 lá, ridícula, num papel higiênico sujo de cocô [...] Tu vai acreditar nessa *Nature Astronomy*?” (V14) – são interrogadas. Interrogando-se a fonte, as informações inconsistentes que ela pode apresentar são desconsideradas ou desacreditadas.

Dentre os processos de *redução-confrontação*, há estratégias que não só foram reconhecidas por Festinger (1975), como envolvem processos de alteração de elementos cognitivo-comportamentais. No primeiro bloco de exemplos sobre *mudança de atitude*, temos: a) mudança de sentimento em relação à inconsistência: “numa Terra que tem um domo [...] aquilo ali não foi criado aleatoriamente, se não foi 38:58 criado aleatoriamente, alguém criou [...] não tem como [...] viver numa Terra plana criada aleatoriamente como 39:04 na bola” (V34); “Aquela passagem lá que o salvador diz, olha, eu 49:23 vou subir, [...] e 49:29 todo o olho verá. [...] na 49:39 Terra bola fica complicado, né [...] Agora, na Terra plana, ele vai vir no centro do círculo, [...] todo mundo vai ver” (V30). No primeiro caso, em vez de um sinal de aleatoriedade, o domo é percebido como evidência da existência do “Criador”. O sentimento de aleatoriedade dá espaço à intencionalidade. Já no segundo exemplo, a incompatibilidade de Apocalipse 1:7 e Mateus 24:30 com a “Terra bola” produz um sentimento de “complicação” que é modificado na adesão à Terra plana; b) mudança no afeto em relação à inconsistência: “é um filme [...] 3:47 chato pra caramba! [...] 3:55 porque [...] ele

tira 3:57 sarro das pessoas [...] como nós” (V35). Aqui, uma vez que o filme está “zuando” pessoas que distorcidamente são identificadas com os terraplanistas, ele é avaliado como “chato”. O próximo mecanismo, mudança na ação, dispensa exemplificações, uma vez que elas se inserem no quadro geral do que já foi apresentado no tópico anterior. Basta reiterar o que Festinger (1975) disse, isto é, “o processo mais simples e mais fácil de conseguir isso [consonância] consiste em mudar a ação ou sentimento que o elemento comportamental representa” (p. 26).

Na sequência, o penúltimo mecanismo promove uma *mudança no padrão* que dirige um comportamento inconsistente através da modificação do grupo de referência. Uma vez que a inconsistência é causada pela pertença de dois comportamentos contraditórios à mesma categoria, o padrão que os orienta é modificado. Alguns exemplos dessa estratégia podem ser identificados nas manobras de diferenciação entre “pastores” adeptos do heliocentrismo e os defensores do “Modelo geocêntrico eletromagnético”: “Isso 4:39 aqui é uma afronta! Uma afronta ao 4:42 verdadeiro Criador e [...] 4:45 vê ainda pastores defendendo essa teoria heliocentrista” (V44); “Por que que as pessoas hoje pega o seu dinheiro, 10%, 14:52 e dão como díizimo nos Templos de pedra na mão do homem que se diz pastor e não 14:58 é? Porque pastor só tem um” (V41); “Isso aqui não possa de Mitraísmo, 2:21 né, adoração ao Sol. Isso aqui não 2:24 tem nada adoração ao Criador!!! 2:26 Isso aqui não tem nada de Jesus aqui” (V44); “Ainda chamam nós terraplanistas 2:54 de fanáticos religiosos, nem religião eu 2:57 tenho!!! Eu sou cristão, [...] apenas 3:00 cristão!” (V44); “só que é isso que eu falo, a bruxaria que... 11:15 a feitiçaria, a macumbaria, tudo isso tá no mesmo patamar” (V9); “Ser 3:07 marcado pela besta, não vai resolver o 3:10 problema, principalmente se você se diz 3:12 Cristão” (V8). Em todos os exemplos acima, a mudança no padrão desloca o comportamento inconsistente para outro grupo que não aquele ao qual o indivíduo pertence. Ademais, enquanto comportamento, a forma de ler a própria Bíblia sofre mudança no padrão que a orienta quando se defende o literalismo bíblico como forma legítima de interpretação. Nos exemplos a seguir, mudanças são realizadas nos padrões que orientam a prática da ciência verdadeira. Em suma, quando um apelo à experimentação é invocado, práticas científicas ameaçadoras à perspectiva terraplanista têm sua validade confrontada: “o que o Isaac Newton criou em 25:46 relação [...] à gravidade, 25:51 cês podem ter certeza que isso não é regra da ciência, 25:57 isso não é experimento! Isso é uma ideia! E ideia não sustenta 26:03 ciência!” (V30); “0:24 Ciência é tudo aquilo que 0:27 permite experimento [...] 0:31 O que não permite experimento não é 0:33 ciência! É uma falsa ciência!” (V21); “Adivinha por que ela fez isso? Porque ela é cristã! Se você me 34:22 falar que [...] um ateu faria isso, peço desculpas, [...]

34:29 você só consegue pular esse tipo de obstáculo se você tem muita fé” (V34). Não obstante a negação, em alguns dos exemplos citados, a restrição à experimentação permite excluir inúmeros problemas comprometedores para a defesa da Terra plana. Adicionalmente, na última fala referida, a fé opera como padrão distintivo que concentra a virtude moral nos chamados “cientistas tementes”.

No último mecanismo de *redução-Confrontação*, é aplicada uma estratégia precisamente identificada no estudo com o grupo profético dos *Seekers* (Festinger et al., 1956). Trata-se da *tentativa de influência*. Como explica Festinger (1975), “um grupo social é um recurso potencial para a redução de dissonância [...]. Ao obter apoio social para alguma opinião, a pessoa adquire assim novos elementos cognitivos que são consonantes com essa opinião e reduz [...] a magnitude total da dissonância” (p. 170). Todos os subsequentes exemplos dessa estratégia refletem a própria presença dos terraplanistas nas redes sociais: “[...] A intenção de nenhum terraplanista é mudar a ciência. 07:46 [...] A intenção é informar sobre uma ideia. Pôr as pessoas para pensar, [...] começar a questionar. [...] não acreditem cegamente” (V34); “Você percebe o quão difícil é falar 5:58 do tema Terra plana aqui na internet, [...] e tentar despertar você a abrir os 6:11 seus olhos” (V16); “é muito 10:06 importante os canais estejam se unindo 10:09 pra expor a verdade em oposição às 10:13 mentiras” (V42); “Marthins — [...] Só que o que acontece, a camada atmosférica aqui é 1:10:06 uma coisa, a camada atmosférica que você tem que superar pra você ver o Sol aqui é outra, 1:10:13 cê concorda? Celso — Eu não sei” (V37).

Os próximos mecanismos lidam com a inconsistência sem reduzi-la, e sim mantendo-a. O primeiro bloco a ser tratado reúne estratégias de *manutenção-evitação*. Dentre as estratégias desse inventário, a primeira delas é a compartimentalização que inicialmente chamamos de separação por contexto durante a apresentação da perspectiva terraplanista. Nos exemplos a seguir, essa tática é aplicada para evitar ferir as políticas do YouTube para produtores de conteúdo, quanto à temas que, por serem considerados sensíveis ou inadequados, são passíveis de punições. Em vez de terminantemente abandonar esses temas, eles são compartimentados em outras plataformas, nas quais não estão em desacordo com suas diretrizes políticas: “Muitas 23:16 pessoas falam o seguinte: Afonso, por que você separa Patreon e aqui?” [...] lá, é um ambiente de incubar ideias, tá, são 23:24 ideias especulativas e eu fico mais confortável, aqui ninguém vai apagar meu canal no YouTube” (V34); “pra quem não sabe, eu já 0:15 tenho todo ali um repertório cheio de 0:18 análises de filmes e seriados, aonde eu 0:20 faço análises muito mais extensas do que 0:22 essa aqui do YouTube, porque aqui [...] eu não consigo falar tudo 0:25 abertamente” (V35). Um conflito semelhante pode

aparecer sem, entretanto, envolver as políticas da plataforma usada para veicular vídeos. Felipe, por exemplo, parece usar a compartimentalização para lidar com diferentes públicos oriundos dos dois canais dos quais ele participa. No canal de Edson, Felipe fala sobre Yahushua, porém esse tema está em desacordo com o conteúdo de seu canal que envolve games de terror com conteúdo considerado “ocultista” ou “violento”. Por outro lado, em seu canal de games, é provável que o público não tenha interesse nos temas religiosos: “É o entretenimento, [...] é mesma coisa que você jogar o xadrez, [...] 22:23 O Bispo vai matar o Cavalo, tem morte também, mas é um jogo, as coisas é tu saber 22:28 se separar muito bem” (V9); “25:35 a gente tem que ser muito inteligente, nem tudo requer você falar de nome, [...] lá no 25:41 canal, vocês não vão me ver [...] pregando, porque lá não é um lugar de pregar. É mesma coisa vocês me vissem na escola de 25:46 inglês. Vocês não vão me ver pregando sobre Yahushua” (V9). Na vida diária essa estratégia também parece ser fortemente aplicada, já que os terraplanistas parecem consumir diversos conteúdos que estão em desacordo com suas visões: “O Halloween ele é sério para os 18:14 Senhores do mundo, mas pra nós tem que ser entretenimento, a gente nunca pode ter a visão deles, [...] se eles cria um filme de terror, o filme de terror é pra você ver na 18:25 Netflix. Pra eles, é uma encenação para o próximo do crime que eles vão fazer” (V9). O próximo e último exemplo comporta uma manobra aplicada à “ciência de verdade” que, a despeito de ser “exclusivamente” baseada “em observações” (V22), defende a existência de um domo terrestre. Ora, como se pode criticar um cientista por acreditar em algo que “ninguém nunca mediu e nunca viu” (V22) e ao mesmo tempo defender o domo? A resposta é uma compartimentalização entre as “crenças” e as “observações”: “nesses debates, eu acho 9:53 que tá faltando a gente [...] saber separar, né, pera aí, 9:58 isso aqui é o que eu [...] não consigo ver, mas eu creio que existe, 10:01 isso aqui é o que eu vejo, é o que eu consigo 10:03 ver [...] nitidamente” (v26).

Aplicar tal estratégia parece ser mais fácil quando envolve comportamentos institucionalizados. É o que acontece na *insulação institucionalizada*. Como vimos, as escolas são rechaçadas como locais de “doutrinação” (V34), “alienação” e “lavagem cerebral” (V1p1) – “nós aprendemos na escola e nas 2:07 faculdades: ocultismo! Esoterismo! Alquimia, 2:12 Maçonaria” (V16). Isso, no entanto, não significa que terraplanistas deixem de frequentar a escola e instituições de ensino: “Eu não tô falando para você tirar os filhos 6:21 da escola, ok, 6:22 tem muita coisa boa que se aprende lá e 6:25 como nós vivemos nesse sistema, temos que 6:27 aprender aquelas matérias pra podermos 6:29 passar de série, passar nos vestibulares, 6:32 nos concursos, arrumar um emprego melhor [...]. Então, faz parte” (V16). A fala referida é um provável exemplo também do próximo mecanismo, isto é, o *ritualismo*

*compensatório*. Frequentar a escola não significa necessariamente a adesão àquilo que ela ensinará, e sim a reprodução ritualística e mecânica de ensinamentos nos contextos necessários. Mas há outro importante exemplo do qual não devemos nos furtar: o literalismo bíblico. Afinal, ater-se a uma leitura literal pode auxiliar a esconder eventuais inconsistências contidas em metáforas, alegorias, contextualizações etc.

O último conjunto de mecanismos pertence à categoria *manutenção-confrontação*. À exceção da hibridização, essa categoria engloba mecanismos que podem ser identificados em exemplos já mencionados. O *reforçamento* é um desses casos. Como o próprio nome sugere, aspectos positivos do comportamento inconsistente são reforçados. No exemplo da escola, Edson ressalta que “6:22 tem muita coisa boa que se aprende lá” (V16). Ou seja, não é somente “doutrinação”. Tanto esse quanto o próximo mecanismo – *diferenciação* – envolvem ainda adição de novos elementos cognitivos que ajudam o indivíduo a tolerar a inconsistência. Nas falas a seguir, temos dois exemplos distintos de diferenciação. O primeiro ocorre num diálogo direto, o segundo acontece num diálogo indireto e insere uma diferenciação sem a qual a afirmação poderia ser considerada antissemita: “Carlos — Todos os países e 3:17 empresas do mundo que têm algum tipo de 3:18 programas de exploração espacial 3:20 tão mentindo pra gente? [...] Leandro — [...] Não é que todas as empresas estão 3:24 mentindo, [...] 3:29 só que a gente percebe que existe um 3:30 monopólio espacial”; “Eu não 3:44 tenho problema nenhum quanto ao cara 3:46 ser judeu, o cara acreditar somente 3:48 na Torá, o cara seguir os preceitos 3:50 judaicos. [...] Eu tenho 3:53 problema quando um cara se disfarça 3:55 de cristão” (V42).

O mecanismo seguinte é a *transcendência*. Há diversos exemplos de transcendência que podem ser localizados na tarefa que os terraplanistas arrogam para si quanto a “despertar” os indivíduos. Embora seja uma tarefa considerada semelhante a estar “mexendo no inferno” (V16), perpassada por “xingamentos” e “zuação” por parte daqueles que se tenta despertar, essa parece ser uma espécie de premissa maior em nome da qual as inconsistências são gerenciadas: “6:44 Certo, perdão aí, mas ehh... eu sei que 6:48 eu vou perder alguns inscrito, mas faz parte, e tô 6:50 mesmo é por despertar a galera” (V44). Com essa fala, Alê reconhece que perderá inscritos ao “apresentar uma figura horrenda” inapropriada para crianças, porém há um motivo maior que levará seus inscritos a despertar. Outro exemplo se encontra no passado de Edson, no qual ele alega ter cometido injustiças simplesmente porque “falava de Jesus”: “cheguei a fazer muita injustiça com pessoas dentro da própria denominação, 48:39 mas sempre com aquele ar assim ó: ‘eu sou pastor, eu sou a pessoa boa, [...] eu 48:44 falo de Jesus. Então, ninguém pode vim contra mim’” (V19). Finalmente, o exemplo mais



emblemático consiste no chamado “espólio de guerra”, pelo qual Alê consegue usar informações da NASA contra a própria agência espacial. Se é para vencer o inimigo, é válido inclusive usar suas armas: “Alê — Não tem como um homem ter pisado na Lua [...] eu peguei uma matéria da própria NASA [...]. Eduardo — Só que [...] você tá usando uma informação da NASA e tá querendo 35:00 combater a própria NASA. Alê — [...] espólio de guerra, né, eu uso as armas do inimigo contra ele” (V39).

Os dois últimos mecanismos são fruto de nossas inserções (Tabela 5) e representam formas de polifasia cognitiva não contempladas pelo modelo de Kelman e Baron (1968b). O primeiro deles é o deslocamento. Trata-se de uma estratégia significativamente genérica em nosso *corpus*. Basicamente, dois sistemas de saber são mantidos, porém um é privilegiado em detrimento de outro. Em suma, na perspectiva terraplanista, o conhecimento religioso da Bíblia prevalece sobre a ciência; o “eletromagnetismo” sobre a “gravidade”; o “senso comum” e o “conhecimento dos antigos” sobre a ciência moderna; o “geocentrismo” sobre o “heliocentrismo”. Isso só ocorre, é claro, porque se todos esses sistemas epistêmicos podem ser eliminados da perspectiva terraplanista, o mesmo não pode ser feito em relação ao quadro geral da sociedade ao qual pertencem.

Como a Terra plana é considerada um tema central em torno do qual diversos outros assuntos circulam, a *hibridização* parece ser uma das estratégias mais importantes na formação do sistema de crenças terraplanista, até porque, pressupõe-se que há pessoas que “chegam por religião, [...] por fé, e 24:38 [...] pela ciência [...] e depois, tudo se une” (V37). Não obstante, a forma de hibridização mais frequente parece ocorrer entre a perspectiva literal da Bíblia e a perspectiva científica. Portanto, aqui a “a ciência não é contra a fé” (V19), pois a leitura literal de “Pedro” 1:5-7 sugere que “a ciência tem que ser 36:11 acrescentada” à “fé” (V19). Mais, a própria “ciência seria um 4:35 presente que seria dado mais à frente” à humanidade, caso o pecado original não tivesse ocorrido. Ou seja, a “ciência não foi inventada pelo homem” (V19). Em linhas gerais, há um constante e crescente movimento de fusão entre o conhecimento religioso e o conhecimento científico: fósseis de dinossauros podem ser vestígios dos gigantes (neflins) descritos na Bíblia – “isso aconteceu na América! Por isso que eles encontram muito fóssil de Gigantes na América, como dinossauros, 32:53 como gigantes” (V19). Já o aquecimento global é a “inversão magnética” que, por sua vez, “é a descrição científica do 0:58 Apocalipse bíblico” (V3); “o éter, o 8:29 Quinto Elemento, a força que mantém tudo. 8:34 É algo que é energético, que é 8:36 vibracional, que é eletromagnético, que é 8:39 espiritual também, algo muito complexo” (V3). A necessidade de invocar uma conspiração não deve ser surpresa. Além de justificar, a conspiração também é

outro bloco de construção adicionado a essas fusões epistêmicas: “mover a agenda 7:16 alienígena, que na verdade são demônios ou 7:18 anjos caídos do anticristo” (V23). Ou seja, alienígenas existem, porém são “demônios” e “anjos caídos”. Dentro dessa mistura, conhecimentos mitológicos e cosmológicos diversos são agregados. O pressuposto que permite isso parece ser o de que as “figuras de linguagem” que os mitos e as cosmologias geralmente contêm podem ser interpretadas na direção de uma leitura “uniforme” (V34). Uma vez que as “histórias dos antigos” e suas “lendas” contêm “informações” que perduram no “subconsciente por gerações” e “por milênios” (V35), elas são reabilitadas. Assim, suas figuras de linguagem seriam, por exemplo, referências ao apocalipse. Na mitologia grega, “a Medusa” que “transforma as pessoas em pedra [...] Não é uma mulher, [...] é algo que vem do céu, [...] é o plasma, [...] no 41:30 modelo da Terra plana”. Igualmente, o “dragão que cospe 41:36 fogo, [...] é o plasma que [es]tá descendo o céu” (V35). Na tribo Cherokee, suas profecias seriam ainda mais “claras”: “virá um fogo que vai destruir 42:23 o mundo, e as pessoas que há muito tempo estavam 42:28 mortas vão voltar a vida novamente”.

Numa abordagem funcional, é recomendada a geração de hipóteses a respeito das condições sob as quais um ou outro processo será colocado em jogo (Kelman & Baron, 1968b). De forma geral, o que os mecanismos do primeiro quadrante (Tabela 5) têm em comum é que informações discrepantes são recodificadas com o intuito de *evitar* o reconhecimento de suas devidas implicações. Já na segunda célula, nossos exemplos mostraram que os indivíduos *enfrentaram* ativamente o desafio sinalizado pela inconsistência, adotando ações corretivas. Em ambas as células, a característica comum das formas de redução da inconsistência é que um ou ambos os elementos incompatíveis são rejeitados, seja na forma de recusa em reconhecer o estímulo perturbador ou sua implicação (evitação), seja na forma de modificação da relação com o elemento (confrontação). Até aqui, a hipótese que prevê o uso de mecanismos de *redução* sugere que eles sejam mais provavelmente acionados quando “*dois elementos inconsistentes estão ligados ao mesmo objetivo*” (Kelman & Baron, 1968b, p. 676, grifo dos autores, tradução nossa)<sup>85</sup>. Se esse objetivo for, portanto, endossar uma conspiração global para ocultar o formato da Terra, é necessário que diferentes grupos poderosos estejam do mesmo lado (Tratado da Antártida). Consequentemente, a Guerra Fria não pode ter acontecido.

Algo ligeiramente diferente acontece nos quadrantes inferiores (Tabela 5). Na primeira célula, mecanismos de manutenção pautados na *evitação* tendem a reduzir a relevância da

---

<sup>85</sup> “two inconsistent elements are linked to the same goal”.

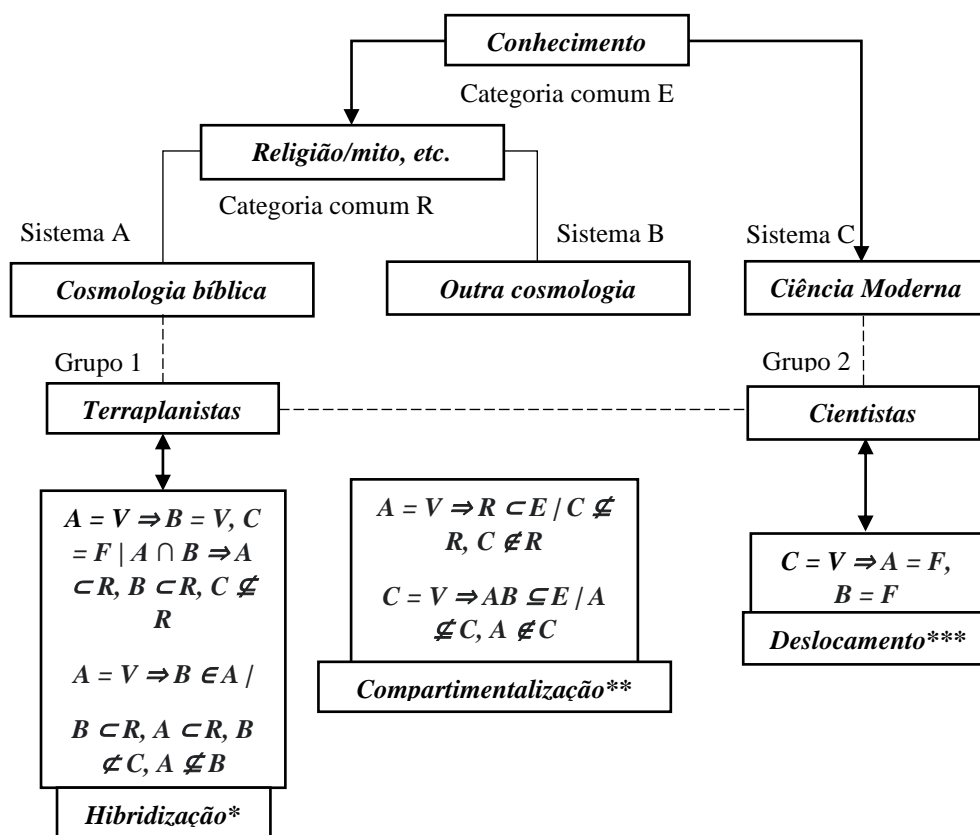
inconsistência, enquanto aqueles baseados na *confrontação* acrescentam relações consistentes. Ambos têm em comum o fato de envolverem maior manipulação no nível social do que no nível cognitivo – como os mecanismos das células superiores fazem. Logo, aqui a hipótese é a de que dois elementos inconsistentes estão associados com diferentes objetivos, cujas demandas são conflitantes. Nas palavras de Kelman e Baron (1968b) “*manutenção da inconsistência é motivada na medida em que os dois objetivos aos quais os dois elementos inconsistentes estão ligados são independentemente importantes para o indivíduo*” (p. 679, grifos dos autores, tradução nossa)<sup>86</sup>. Basicamente, o sujeito pode estar preocupado em preservar valores ou benefícios derivados de cada um dos elementos inconsistentes. Basta lembrar do dilema sobre a escola ser local de “doutrinação” avesso à “Terra plana”, mas ser necessária para conseguir um “emprego” no futuro.

São precisamente as implicações para o presente ou para futuro que, finalmente, podem influenciar na aplicação de mecanismos de uma ou de outra coluna na Tabela 5. Se as implicações estão afetando metas de curto prazo e o sujeito está interessado em preservar o *status quo*, sua intervenção tende a ser defensiva ou esquivada, por assim dizer, de *evitação*. Por outro lado, se a inconsistência envolve metas de longo prazo, e o sujeito deseja se preparar para interações futuras, o confronto pode e deve ser usado para deixar o caminho livre (Kelman & Baron, 1968b).

Essas hipóteses parecem fazer sentido, mas devemos reconhecer que nossos dados estão metodologicamente longe de poder suportá-las. Além disso, pouco ou nada podemos afirmar sobre as condições nas quais cada mecanismo tende a ser singularmente aplicado. Isso não obstrui, é claro, algum exercício no sentido de levantar algumas hipóteses sobre condições nas quais as três tipologias de polifasia cognitiva que inserimos parecem operar, entre algumas manobras terraplanistas já apresentadas (Figura 20). A Figura 20 sugere que essas condições podem ser tratadas em termos de implicações de três elementos, Cosmologia bíblica (*A*), Outra cosmologia (*B*) e Ciência Moderna (*C*) - todos pertencentes à categoria *E* (Conhecimento) e apenas dois pertencentes a categoria *R* (Religião) - serem verdadeiros ou falsos. Essas condições de veracidade ou falsidade são cruzadas com os referidos tipos de polifasia cognitiva.

---

<sup>86</sup> “inconsistency-maintenance is motivated to the extent that the two goals to which the two inconsistent elements are linked are independently important to the individual”.



**Figura 20.** Condições de ocorrência para tipologias de polifasia cognitiva

\*  $A$  verdadeiro implica  $B$  verdadeiro e  $C$  falso, tal que  $A$  interseção com  $B$  implica  $A$  está contido em  $R$ ,  $B$  está contido em  $R$  e  $C$  não está contido nem é igual a  $R$ ;

$A$  verdadeiro implica  $B$  pertence a  $A$ , tal que  $B$  está contido em  $R$ ,  $A$  está contido em  $R$ ,  $B$  não está contido em  $C$  e  $A$  não está contido nem é igual a  $B$ ;

\*\*  $A$  verdadeiro implica  $R$  está contido em  $E$ , tal que  $C$  não está contido nem é igual a  $R$  e  $C$  não pertence a  $R$ ;  $C$  verdadeiro implica  $A$  e  $B$  subconjunto de  $E$ , tal que  $A$  não está contido nem é igual a  $C$  e  $A$  não pertence a  $C$ ;

\*\*\*  $C$  verdadeiro implica  $A$  e  $B$  falsos

Assim, na hibridização, uma vez que  $A$  (Cosmologia Bíblica) e  $B$  (Outra cosmologia) são da mesma categoria  $R$  (Religião), considerada falsa por  $C$  (Ciência moderna), se  $B$  for falso, logo  $A$  é falso. Adicionalmente, embora pertençam a  $R$ ,  $A$  e  $B$  oferecem explicações diferentes, logo ambos não podem ser igualmente verdadeiros. O dilema será resolvido se  $B$  pertencer à  $A$ , o que equivale à hipótese da hibridização. Diga-se de passagem, foi o que os grupos católicos fizeram com a psicanálise na obra seminal de Moscovici. Excluída da ciência moderna, a psicanálise foi lançada para a mesma categoria da religião em termos de formas de cura. Dois elementos relativamente diferentes numa mesma categoria, cuja veracidade não pode ser negada e se deseja que um desses elementos seja o principal. Quanto à compartimentalização, dois elementos –  $A$  e  $C$  – serão verdadeiros, se um não estiver contido e nem pertencer à categoria do outro. Como o problema aqui é a mistura, mantendo-se os dois elementos isolados, ambos poderão ser indexicalmente verdadeiros. Já no deslocamento,

prevalece a lei aristotélica da não contradição, ou seja, *C* é verdadeiro se *A* e *B* forem falsos. Caso *A* e *B* fossem eliminados, estaríamos falando meramente de uma estratégia básica de dissonância cognitiva. Porém, aqui não há eliminação, e *A* e *B* podem existir desde que fiquem fora de *C*.

*Alteridade e perspectiva: tentando isolar a inconsistência regulando a distância*

“Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti” (Nietzsche, aforismo 146, p. 89)

Muitos dos movimentos anteriormente citados não parecem estar manejando apenas a inconsistência, mas também a distância. Se as inconsistências podem ser visualizadas como sinais de ameaça, regular a proximidade com suas fontes parece necessário. Quando objetos, pessoas e situações são avaliados como mais próximos ou mais distantes do observador, semelhanças e diferenças podem ser reduzidas ou acentuadas em razão da perspectiva. Cognitivamente, esse movimento envolverá distorção, subestimação ou superestimação. Por assim dizer, a proporção, a composição e o próprio jogo de luzes e sombras serão alterados. Como tudo aquilo que é trazido para perto ou para longe, nuances e detalhes podem se tornar visíveis ou perderem a nitidez. Funcionalmente, dados os seus efeitos óbvios no trato com inconsistências, a escolha em ver algo mais de perto ou mais de longe não deve ser fortuita. Socialmente, esses processos devem permitir a regulação de implicações indesejáveis e desconfortáveis da semelhança e da diferença, desembocando em consequências positivas ou deletérias para o diálogo. Já retoricamente, um indivíduo consegue ainda justificativas ou desculpas para não considerar e, por vezes, nem sequer ouvir seu(s) interlocutor(es). Essa, claro, é também uma função social, já que é provável que seria tão doloroso cultivar uma impressão ou autoconceito negativo em relação a nossa capacidade de dialogar (Ichheiser, 1946) quanto despertar nos outros essa mesma impressão.

Grosso modo, o que estamos dizendo é que adotar uma perspectiva implica (re)configurar a distância entre o observador e o objeto/alter, lembrando que essa configuração pode trazer implicações para o gerenciamento da inconsistência, bem como para as atitudes e ações ligadas a ela, facilitando-as ou dificultando-as. Numa sociedade plural, as pessoas e os grupos “se relacionam reciprocamente através dessas implicações” (Jodelet, 1999, p. 49). A fim de termos um desenho provisório dessas (re)configurações, discorreremos sobre as barreiras semânticas que são acionadas. Quando representações são elaboradas, uma linguagem específica e uma barreira semântica são criadas, sendo que “a adoção dessa

linguagem significa que não pode haver mais trocas pacíficas com membros de fora do grupo” (Moscovici, 2008, p. 334).

O primeiro tipo de barreira semântica identificada foram as *oposições rígidas*. Uma rede de oposições geralmente conectada a uma oposição maior é rigidamente criada de modo a vedar reaproximações e inibir relações dialógicas entre a representação central e a alternativa (Gillespie, 2008). Trata-se de uma dualidade própria da natureza dos estereótipos que demandam que um indivíduo tenha não menos que “total apoio” ou “total rejeição” (Moscovici, 2008). Para os terraplanistas, nesse caso, a oposição maior é Deus versus Satanás. Essa oposição incidirá na estrutura da sociedade, pois supõe-se uma “casta maldita que governa esse planeta” diretamente vinculada a “Satanás” (V24); nos “cientistas satanistas”, membros de “seitas” e sociedades secretas; e na ciência moderna, “diabólica” e “maligna” (V29). No nível moral, essa oposição assume a forma do bem versus o mal, haja vista que comer o “fruto do conhecimento do bem e do mal” (V9) condenou a humanidade à “maldição do 23:48 yin-yang” (V19). Essa “maldição” inaugura um sistema dicotômico no qual há pessoas que fazem “só o bem” (justos) e indivíduos que fazem “só o mal” (perversos). Aqueles que fazem “o bem 43:32 e o mal junto” (V19) borram a dicotomia e são “enganadores” e “mentirosos”. No nível religioso, a oposição central se desdobra em cristianismo versus paganismo: “teoria 1:50 heliocêntrica, que não passa de uma 1:53 religião pagã travestida de ciência” (V17); “a própria 2:32 pseudociência é uma falsa deusa. 2:34 É a deusa Medicina” (V8); “[...] o Criador terá uma 9:12 resistência [...] vamos ver pessoas que não vão 9:17 dobrar seus joelhos a Baal” (V40). Já no nível ontológico, a oposição é entre oculto versus revelado: “ciência que 3:52 visa esconder os fatos e não revelar os 3:54 fatos” (V31). No nível epistêmico, ainda merece destaque a oposição ciência versus pseudociência. Existe uma “pseudociência” que “não está de acordo com a Bíblia” (V28), “distancia” o “homem do Criador”, (V8) está repleta de “pseudocientistas”, os quais são “falsos deuses” (V2p2) reverenciados por uma “mitologia científica” com uma “narrativa mecânica da Terra” (V29) equiparada a uma “ficção” (V2p1) capaz de levar “a humanidade à 5:35 decadência e à destruição” (V8). Finalmente, no nível lógico, abre-se a oposição entre verdade e falsidade, que recai principalmente na divisão entre ciência falsa e verdadeira.

Vinculados à barreira anterior, os chamados *pensamentos proibidos* aparecem para demarcar os perigos da representação alternativa (Gillespie, 2008). A principal interdição aqui é moral e remonta ao pecado. Sendo a Bíblia “um manual” (V29), transgredir suas “regras” desemboca, dentre outras coisas, na doença. Logo, cuidados devem ser tomados para não praticar nem ser induzido a “praticar aquilo que não está na 16:01 Escritura” (V41)

cometendo “heresias e blasfêmias 10:41 [...] deliberadamente anticristãs” (V42), especialmente “gnosticismo” e “ocultismo”, dos quais as Escrituras recomendam se afastar – “afastai os seus olhos de toda a 5:00 aparência do mal” (V42). Daí a recusa, por exemplo, do nome “Aurora boreal”, que contém “paganismo” (V39).

A próxima barreira semântica novamente se relaciona intimamente com a anterior. Trata-se da *transferência de significado*. Nela ocorre a migração de emoções suscitadas pelas oposições primárias para as oposições secundárias (Gillespie, 2008). Basicamente, a oposição central ao modelo esférico da Terra é transmitida para diversos objetos, os quais passam a ser condensados numa simples menção a “Globo” ou “Terra bola”. “Globo” e “bola” podem servir para indicar uma rejeição ao paganismo, seja quando se assume que “renomados cientistas” ligados à “maçonaria” “trabalharam” para implantar o “Globo” (V25), seja quando a “religião pagã” do “heliocentrismo” ensina que “a Terra é uma bola 1:08 giratória supersônica e molhada” (V27). Se a oposição é, por exemplo, quanto a passagens aéreas caras, é a “Terra bola” que “bota” “na cabeça” (V30) das pessoas que voos são caros. O mesmo acontece com a oposição ao sistema que desemboca na “ciência do *establishment*” (V13) ou simplesmente “modelo do globo” (V37) que conta com um “ensino do globo” (V38). Enquanto mundo habitável, a oposição à noção de planeta é subsumida na “bola”: “todo dia a Ciência moderna 7:40 repete pra você dizendo que você mora 7:42 numa bola” (V26).

As próximas barreiras semânticas apontadas por Gillespie (2008) são respectivamente *estigma*, *separação*, *minar o motivo* e *parêntesis*. A segunda barreira é muito semelhante à compartimentalização, por isso, seria fatigante tratar dela. Já a primeira e a terceira merecem ser tratadas após apresentarmos pelo menos uma das duas barreiras semânticas extras que identificamos na perspectiva terraplanista. Trata-se da *atribuição de conspiração* e a *falsa consciência*. Como a *atribuição de conspiração* leva conseqüentemente à categorização de pessoas num grupo desacreditado, não seria equivocado pensá-la como estigma. Porém, aqui ainda estamos tratando apenas desse atributo, e não do processo de inferência que o sucede: “enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir *evidências* de que ele *tem* um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser [...], num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca” (Goffman, 2004, p. 6, grifo nosso). Possuir ou não tais evidências é assunto da próxima barreira. Nesta, o sujeito apenas sente algo errado como um “sistema podre” (V23) que “jaz no maligno” (V28), o qual une “pessoas” que “precisam esconder” o “Modelo plano” com aquelas que “precisam esconder outras coisas” (V37) e, por estarem “envolvidas com o Sistema”, querem “burlar” a

“compreensão” (V41) daquelas que não estão envolvidas. Assim, não só o conhecimento “é oculto intencionalmente” (V23), como haveria motivos para que as pessoas não o possuam. Para que isso se mantenha dessa forma, “conceitos e pré 5:01 conceitos” (V4) são colocados “na cabeça” dos indivíduos “através da doutrinação das escolas” (V3) para que elas não ousem questionar. Supomos que a atribuição de conspiração possa funcionar como barreira semântica na medida em que divide a sociedade entre os de *dentro* do sistema e os de *fora* dele. Com os de dentro, o contato dialógico pode ficar drasticamente comprometido.

A próxima barreira, o *estigma*, é demasiado saliente em todo o *corpus* e auxilia na estigmatização das relações com a representação alternativa (Gillespie, 2008). Ao encontrar evidências de que alguém pode ter o atributo anteriormente tratado, cientistas famosos e seus comportamentos são estigmatizados. Copérnico era “um padrego nojento sem vergonha” (V44), Newton era um “religioso fanático, obcecado por experiências místicas” (V16), “alquimia” e “ocultismo” (V13), e Einstein era um aprendiz de “*filosofia esotérica*” (V16). Quanto aos indivíduos que seguem essas e outras figuras, são genericamente referidos como “ateus” “sem cultura” que trocaram Deus por esses “homens mentirosos”, que inventaram “cálculos” “mirabolantes” para propagar o “paganismo do Deus Sol Invictus” (V25). Esses “pseudocientistas” fazem parte de “um grupo seletivo de seres insignificantes” (V19) que “fingem criar algo que já estava nas Escrituras” com grandes “egos” e pequeno “código moral”. Astronautas, por sua vez, são referidos pejorativamente como “atornautas” (V39) que trabalham numa agência espacial “fundada por nazistas” (V30); professores comumente são denominados “doutrinadores” (V33); presidentes e celebridades são comparados a “fantoques” (V35); religiosos e pastores, sobretudo adeptos da “Terra bola” são tachados de “judaizados” (V41), cujas Igrejas são meros “Templos de pedra” (V9). O restante da sociedade é referido como pessoas “tapadas” (V35) e “trouxa[s]” (V16) que se recusam a enxergar o que está “na cara” (V35), acreditando numa “imagem da ciência objetiva 8:04 cartesiana” (V16). Mais especificamente essas e outras pessoas podem ser tachadas de “globistas”, “bolistas”, “terrabolistas”, “gado”, “gadão”, “zumbis” ou “globaloides”. A última expressão é uma das mais emblemáticas, ela usa o sufixo “oide” não necessariamente para se referir à forma ou aparência de algo, mas para rebaixar as faculdades mentais do interlocutor.

Não apenas os estigmas parecem estar intrinsecamente associados com aqueles que são acusados de estarem conspirando, um ataque aos seus *motivos* também segue da mesma forma. Esse tipo de barreira semântica, mais uma vez, fornecerá justificativas para desconsiderar a relevância do que os grupos “envolvidos” com o *Sistema* dizem. No que concerne aos cientistas, tudo o que fizeram “durante milênios” consistiu em implantar o



“Globo” (25), fabricando “fraudes” em busca de “grana” ou “fama”. Quando se trata de entidades como a ONU, seus esforços em promover a “harmonia inter-religiosa” visam “reconstruir a Torre de 6:23 Babel” (V40). Em se tratando de instituições da rede de ensino e da mídia, seus motivos são respectivamente fazer “lavagem cerebral” (V34) e “propaganda da ciência” (V14). Governos, por exemplo, só existiriam para “tomar dinheiro” (V36) das pessoas. Igualmente, algumas religiões se resumiriam a “uma indústria” que inventa noções para as pessoas “botar[em] dinheiro em envelope” (V44), desvirtuando as “Escrituras”; ou ainda, no caso do catolicismo, uma forma de “mitraísmo” e “adoração ao Sol” (V44). Quanto à ciência moderna, os motivos de suas diferentes áreas se resumem a dar suporte ao “modelo do globo” e “alienar” pessoas para “tornar o homem insignificante” (V33). Enfim, os motivos de indivíduos, entidades e instituições mais diversas são reduzidos a uma *teatralidade* que os torna superficiais e ilegítimos.

A penúltima barreira é o que alguns (Jodelet, 2017) consideram um caro “anátoma marxista” – a “falsa consciência” (p. 107). Aqui, porém, a *falsa consciência* parece estar estruturalmente muito mais calcada na *alegoria da caverna* de Platão<sup>87</sup>. Na perspectiva terraplanista, a falsa consciência pode derivar de três “*abordagens*” de “manipulação mental” – que não devem ser exclusivas –, as quais são feitas “desde criança” (V39) e impedem as pessoas de “enxergar” a verdade (V19). São elas:

- a) Lavagem cerebral: supõe um “engano que colocaram de 6:14 maneira forçada e ditatorial” na mente de alguém ou de “seus filhos na escola” (V16).
- b) Doutrinação: também ocorre principalmente na escola, mas parece identificar especificamente as práticas disciplinares de ensino de uma “concepção científica do mundo” “alterada” (V3).
- c) Alienação: é o objetivo e resultado da manipulação orquestrada mediante pelo menos quatro áreas, a saber, a “astronomia”, a “biologia”, a “geologia” e as “ciências humanas” (V33).

Essas abordagens produzirão um “povo alienado gado” (V33) ou, mais especificamente, os chamados “globistas”, “bolistas”, “terrabilistas”, “globaloides”, “zumbis” etc. Trata-se de alteridades desprovidas de genuína consciência de si mesmas: elas não apenas não sabem de algo, mas na verdade, como diria Chomsky (1993), “nem sabem que não

---

<sup>87</sup> Em linhas gerais, sua famigerada alegoria sugere a Glauco que imagine uma caverna com prisioneiros com pés e pescoços algemados, com uma fogueira ao fundo a qual projeta sombras na parede a frente deles. Por não poder mover a cabeça, as sombras dos objetos são tomadas como a realidade. Se algum prisioneiro fosse solto e acessasse ao mundo superior poderia se sentir mais próximo da realidade e considerar as sombras de outrora como ilusões. Se caso o ex-prisioneiro retornasse e dissesse o que viu aos prisioneiros, caso não rissem, “diriam dele que, por ter subido ao munda superior, estragara a vista” (Platão, 1972, p. 319).

sabem” (p. 344, tradução nossa)<sup>88</sup>. Por isso, a falsa consciência costuma anular o que um indivíduo diz e autorizar a outro – preferencialmente alguém desperto – que o diga em seu lugar. Afinal, ao sugerir que a consciência verdadeira foi trocada pela falsa, as falas dos outros são destituídas de autonomia e autenticidade na medida em que são meras reproduções pré-programadas implantadas e introjetadas por sua mente. Não sabendo ou relutando em saber disso, o conhecimento que o sujeito tem de si mesmo e de seu mundo é inválido. Em certo ponto, o sujeito é infantilizado e se torna uma fonte de evidências contra si. Se ele resiste, sua resistência corrobora não menos que o caráter revolucionário da verdade que ele não quer aceitar; se ele ri ou faz troça, dá uma confissão de uma ortodoxia moribunda e soberba fatalmente golpeada pela humilde dissidência; se age com indiferença, está tentando silenciar e esconder a verdade.

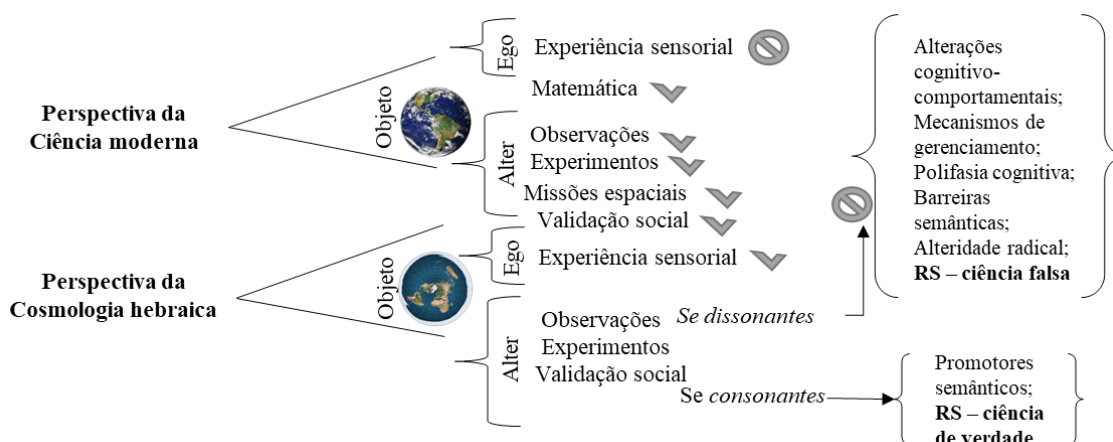
Encontrando uma forma de colocar em dúvida ou desconsiderar o que o outro diz, pode-se finalmente proceder para a última barreira semântica chamada *parêntesis*. Como o próprio nome sugere, termos são utilizados de modo a policiar a fronteira do que é aceito como real (Gillespie, 2008). Assim, quando se fala sobre os dinossauros, diz-se “fóssil inteiro de um suposto dinossauro” (V37). O mesmo recurso é usado na descrição da órbita elíptica da Terra em torno do Sol: “no início do século XVI, [Copérnico] criou a teoria heliocêntrica, onde a Terra supostamente realizava órbita ao redor do Sol” (V25); “suposto movimento da Terra 14:02 ao redor do Sol” (V31). Há vários outros exemplos na mesma direção: “suposta foto da Terra” (V37), “suposta curvatura da Terra” (V7), “suposto astronauta”, “supostos equipamentos” (V37), “suposto planeta” (V28), “um suposto cientista e diz que as pessoas 26:26 não cai, quando a Terra bola vira de cabeça pra baixo lá no Japão” (V30). Outro recurso com o mesmo efeito aparece no uso do termo “modelo”. Pressupõe-se que há o “modelo da Terra plana” (V37) ou “Modelo A” (V26) e o “Modelo B, o modelo do cara da bola” (V26). Além de colocar em dúvida a fatualidade da esfericidade da Terra, a expressão “modelo” reabilita um debate que não está mais aberto na ciência moderna. Mediante todas as barreiras semânticas indicadas e outras que podem existir, o diálogo com a representação alternativa e a alteridade se torna difícil. O trecho do diálogo entre Leandro e Daniel demonstra isso:

Leandro — A culpa do crescimento da 22:13 Terra plana, do assunto Terra plana não é 22:16 do Youtube, o assunto em si ele tá 22:19 cativando de alguma forma, ele tá 22:20 trazendo as pessoas a fazer perguntas 22:23 que ... algumas eu penso que a ciência não 22:26 responde de uma maneira convincente, não 22:28 seria um crer para ver? 22:30 ao contrário dum [...] eu estou vendo e 22:33 agora eu vou crer? Daniel — Mas, então, todos os 22:35 indícios que eu passo pra você ou que eu 22:38 tento te

<sup>88</sup> “Not only that, but the general population doesn't know what's happening, and it doesn't even know that it doesn't know”.

convencer, você diz que não 22:40 servem pra você. 22:42 Então, o que na verdade é fé? (V38).

Até aqui, um aparente paradoxo emerge, isto é, a familiaridade depende de manter certos objetos, pessoas e situações como “estranhos” para que suas implicações não sejam assimiladas. Ora, se recuperarmos a “unidade original de proximidade e de distância que contém cada relação entre os seres humanos” perceberemos, como Simmel (2005), que a “distância nas relações significa que o próximo está remoto, e o ser estrangeiro ou o estranho, contudo, seria aquele que se encontra mais perto do distante” (p. 1). Como afirma Jodelet (1999), “o outro [...] deve ser afastado ou tornar-se estranho pelas características opostas àquelas que exprimem o que é próprio da identidade” (p. 51). Internamente, a diferença é elaborada para proteger um grupo do risco que a assimilação comporta para a identidade e, externamente, deságua em tipificações depreciativas e estereotipadas do diferente, o que supõe a existência de gradações na passagem do ego ao alter e da diferença à alteridade e suas formas radicais (Jodelet, 1999). Desde que nomear e classificar “é sempre fazê-lo a partir de algum ponto de vista”, “o modo como as coisas são classificadas juntas revela, tanto gráfica quanto simbolicamente, as perspectivas do classificador” (Strauss, 1999, p. 39). Se tomarmos o *insight* tardio de Jodelet nas bases da perspectiva, podemos, enfim, perguntar: considerando as barreiras semânticas que apresentamos, que proximidade tem o observador, na perspectiva terraplanista, com seus interlocutores? Em geral, enquanto fontes de informação, a larga maioria dos indivíduos que poderia oferecer uma perspectiva distinta ao terraplanismo é terminantemente derrogada. Mantidas distantes, eventuais contradições que ameaçariam o sistema de crenças terraplanista – e junto com ele o autoconceito e a identidade do grupo – não são assimiladas. Podemos ilustrar esse estado de coisas, conforme a Figura 21.



**Figura 21.** Resumo de mecanismos acionados diante da inconsistência ou consistência

A Figura 21 sugere a existência de duas perspectivas apresentadas segundo o sistema de crenças terraplanista. Ambas propõem dois formatos diferentes para o objeto Terra. Esses respectivos formatos podem ser acreditados por meios diferentes, disponíveis ao ego e ao alter. No primeiro caso, as experiências sensoriais podem ser contraintuitivas à forma do objeto sugerida pela perspectiva da ciência moderna, embora a matemática possa ser utilizada pelo ego. O restante das evidências (observações, experimentos, missões espaciais e validação social) são relativamente menos acessíveis ao ego e requerem algum grau de confiança no alter. No segundo caso, a experiência sensorial estaria de acordo com a forma do objeto, segundo a perspectiva hebraica. Contudo, observações, experimentos e validação só podem ser considerados verdadeiros mediante algum manejo. Basicamente, se forem dissonantes, parecem ser alvos dos mecanismos e barreiras semânticas dos quais já falamos, culminando na RS de *ciência falsa*. Se por outro lado, forem consonantes, promotores semânticos são acionados, e o trabalho será orientado para a RS de *ciência de verdade*. Há, é claro, um limite plausível para esses procedimentos, a *realidade*. Ao conceituar cognição, Festinger afirmou (1975): “a realidade que incide sobre uma pessoa exercerá pressões na direção do estabelecimento de correspondência entre os elementos cognitivos apropriados e essa realidade” (p. 19). É possível que a realidade de alguns elementos cognitivos possa ser mais facilmente desacreditada, distorcida, negada ou derogada, se eles forem colocados à distância.

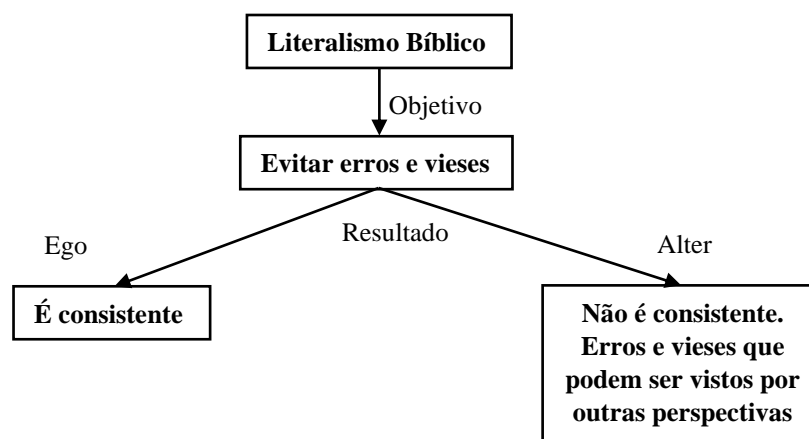
Embora não tenhamos empreendido uma análise dos sistemas de comunicação terraplanistas, algumas inferências podem ser feitas. Dada a estreita relação entre barreiras semânticas e a propaganda, isto é, elas permitem que essa forma de comunicação persista num mundo pluralista (Gillespie, 2008), essa parece ser a modalidade predominantemente utilizada ou pelo menos compatível com o quadro que apresentamos. Em suma, os processos sobre os quais discorremos são ainda compatíveis com a edificação da conduta, ação quanto à diferença e estratégia quanto à valorização negativa previstas no Quadro 2 – respectivamente os estereótipos<sup>89</sup>, a acentuação da diferença e a intolerância eliminativa. A título de polifasia cognitiva, nossos resultados também estão de acordo com o Quadro 2, que sugere o deslocamento. Como vimos, o “Modelo da Terra plana” é o “A”, e o “heliocentrismo”, o B.

Do ponto de vista social, esses processos são os mesmos que geram estratificação e exclusão. Mas eles também trazem consequências para os próprios terraplanistas. Se o outro é destituído de semelhanças e, por assim dizer, contatado radicalmente por um “parâmetro de

---

<sup>89</sup> Mesmo porque, como reconheceu Goffman (2004), “um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (p. 7).

distanciamento objetivo” (Simmel, 2005, p. 6), devido à perda de nitidez, ele se torna incomparável. Afinal, “uma pessoa não tende a avaliar suas opiniões ou suas habilidades em comparação com outras que são muito divergentes de si mesma” (Festinger, 1954, p. 3, tradução nossa)<sup>90</sup>. Ocorre que se os outros estão muito longe de nós mesmos, em termos de opiniões e habilidades, não é possível nos autoavaliarmos com precisão em comparação com a outra pessoa. Não por acaso, “a cessação da comparação com os outros é acompanhada de *hostilidade* ou *derrogação* na medida em que a comparação contínua com essas pessoas *implica* consequências *desagradáveis*” (Festinger, 1954, p. 8, grifos nossos, tradução nossa)<sup>91</sup>. A Figura 22 ilustra um exemplo central dessas consequências para os terraplanistas. Na perspectiva terraplanista, “a exegese nada mais é do que uma 1:18 conjectura humana” (V28), passível de erros e vieses. Dentre outras coisas, o compromisso com uma leitura literal da bíblia objetiva evitar esses erros próprios da interpretação. Do ponto de vista do ego, o resultado é consistente, mas de uma perspectiva exterior, temos a impressão de que os terraplanistas não conseguem escapar da advertência nietzschiana, isto é, eles parecem estar cometendo os erros e vieses que acreditam ser exclusivos e distintivos em seus “inimigos”. Em suma, como “o *self* não é mais imune do que qualquer outro objeto a um reexame a partir de novas perspectivas” (Strauss, 1999, p. 51), bloqueá-las, de alguma forma, para impedir a comparação social pode ser imprescindível.



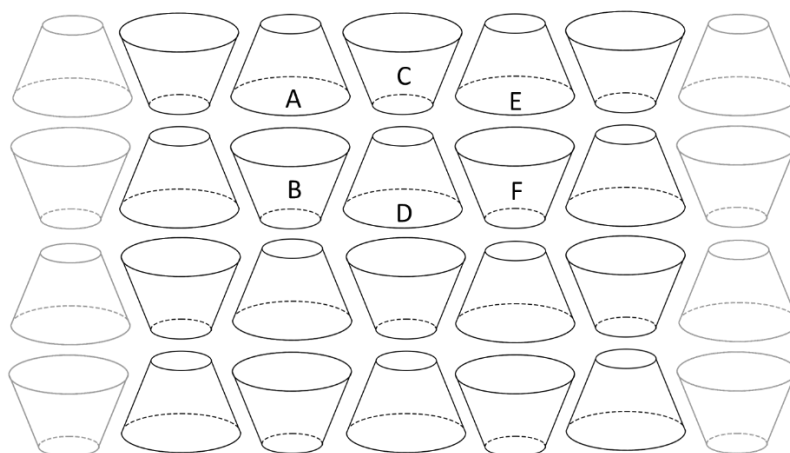
**Figura 22.** Inconsistências da busca por consistência

A Figura 22 mostra uma das facetas do jogo traiçoeiro da consistência – perspicazmente apontado por Kolakowski (1963). Buscando uma consistência radical, os terraplanistas acabam multiplicando suas contradições, as quais podem ser mais visíveis por

<sup>90</sup> “A person does not tend to evaluate his opinions or his abilities by comparison with, others who are too divergent from himself.”

<sup>91</sup> “The cessation of comparison with others is accompanied by hostility or derogation to the extent that continued comparison with those persons implies unpleasant consequences”.

outra perspectiva – a nossa, por exemplo, que é parte inseparável de nossa análise. Já a Figura 23 nos convida a pensar esse jogo de perspectivas no quadro mais amplo de uma sociedade pluralista repleta de grupos heterogêneos, cada qual com suas perspectivas, representações e realidades compartilhadas. Se a perspectiva pressupõe objetos e pessoas que podem ser percebidos em apenas alguns de seus aspectos ou dimensões, pontos-cegos podem ser inevitáveis. Por isso, na Figura 23, as perspectivas dos polos opostos C e D, por exemplo, têm pelo menos cinco pontos-cegos<sup>92</sup>. Epistemologicamente, isso torna os indivíduos e os grupos interdependentes (ainda que eles não desejem ativamente sê-lo). Afinal, “adotar o ponto de vista do outro e adotar o ponto de vista do *self* são processos inter-relacionados e complexos” (Strauss, 1999, p. 75). Não havendo “vista sem ponto de vista” (p. 159), “a verdade é a relatividade generalizada dos pontos de vista, subtraindo aquele que os constitui como tais ao constituir o espaço dos pontos de vista” (Bourdieu, 2004, p. 157).



**Figura 23.** Perspectiva e pontos-cegos

Eis mais uma razão pela qual os indivíduos raramente<sup>93</sup> reconhecem as próprias contradições (Festinger, 1975; Ichheiser, 1946; 1947). Pois que essas contradições, por vezes, só podem ser vistas por uma perspectiva exterior – para a qual, diga-se de passagem, são mobilizados esforços faustianos para desconsiderar. Mas, se não pudermos nos comunicar com o alter, real ou imaginariamente, por meio de posições que o *self* pode assumir, também não poderemos nos comparar com os outros – dos quais nosso autoconhecimento depende – que podem estar vendo o que não “estamos” vendo, conseqüentemente, não tomaremos as

<sup>92</sup> A Figura 22 é demasiado simplificada para poder representar fidedignamente o campo visual humano. Nosso objetivo é apenas o de representar um jogo de perspectivas, onde cada cone truncado delimita o campo visual ou a acuidade de uma perspectiva, sendo a base menor representativa de uma vista.

<sup>93</sup> Igualmente raro devem ser as ocasiões nas quais a consciência que percebe a consciência falsa cogita – por livre e espontânea vontade – sê-lo também falsa. Na contramão de implicações derivadas daquilo que Lisspector (1999) chamaria de “experiência maior”, isto é, concluir que “o outro dos outros era eu” (p. 31), o ato de percepção aqui é tomado como autoconfirmável – *o Alter não pensa, logo penso*.

perspectivas do alter e não veremos nossas contradições. Sem percebê-las nitidamente, pode ser desafiador evitar cometer as mesmas ações e erros que condenamos nos outros.

### **Síntese dos resultados**

Anteriormente apresentamos o sistema de crenças e a perspectiva terraplanista, tentando nos aproximar da forma peculiar pela qual esse movimento entende o mundo e a sociedade. Em seguida, um inevitável expediente teórico foi realizado à luz dos pressupostos teórico-epistemológicos que adotamos e buscamos integrar. Podemos agora resumir nossos resultados globais, afirmando que, grosso modo, por meio de uma leitura literal da bíblia, os terraplanistas: 1) tomam consciência de um conflito entre o relato bíblico sobre a Terra e a concepção científica vigente, sobre o qual cabe uma decisão; 2) escolhem a veracidade da cosmologia bíblica e rejeitam a cosmologia da ciência moderna; 3) ocorre dissonância cognitiva, e o grupo precisa explicar como foram e estão sendo enganados. Ademais, a alternativa rejeitada tem seu valor reduzido por meio de uma atribuição causal que infere uma conspiração. Essa conspiração ativa um estado de alerta e sensibilidade a elementos subliminares, novos e estranhos de, pelo menos, cinco formas diferentes, conforme tratamos. Essas formas de estranhamento ajudam a exercer pressão à inferência, e uma RS de ciência de verdade e uma RS de ciência falsa são elaboradas e passam a funcionar dentro de uma teoria metaconspiratória que parece modificar a realidade antes aceita como familiar. A ciência falsa ajuda a explicar como o *sistema maligno* engana e manipula as mentes, enquanto a ciência de verdade pode reconectá-las com a verdade.

Toda essa intrincada trama metaconspiratória não está isenta de novas e inquietantes inconsistências. Pelo contrário, contradições em cascata vão jorrando da própria tentativa de resolver outras inconsistências. E não é para menos, já que, como mostramos, a conversão ao terraplanismo parece envolver uma transformação radical na forma de compreender a realidade. Aqui, portanto, as estratégias tradicionais de resolução da inconsistência não bastam e, por conseguinte, se somam às variedades de polifasia cognitiva. Basicamente, a preocupação premente aqui é sobretudo com os conteúdos associados à alternativa rejeitada. O movimento predominantemente empregado consiste em ajustar o objeto à perspectiva. Finalmente, 4) o grupo precisa explicar como os outros continuam a ser enganados, isto é, como uma sociedade inteira persiste em não ver tamanho engano.

Havendo uma recusa a mudar de posição, só restaria ao grupo assumir a perspectiva do outro para ver a realidade de outra forma. Grosso modo, mudar de perspectiva não

necessariamente muda um ponto de vista, mas muda a vista de um ponto. Nesse momento, entretanto, a distância eu/outro é regulada através de barreiras semânticas e representações radicais da alteridade. Pessoas e objetos são (re)configurados e dispostos de tal maneira que acusam uma perspectiva, na qual a alteridade é tão remota e contrastante que impede comparações sociais e, conseqüentemente, torna a autocontradição uma sina. Em geral, a preocupação aqui se refere aos indivíduos e grupos que produzem e aderem aos conteúdos relacionados à alternativa rejeitada. Afinal, rejeitar uma alternativa não é rejeitar apenas seu conteúdo e significado, mas também pode se estender ao grupo e às pessoas por trás de sua produção e adesão.



## Discussão dos resultados

A seguir, faremos uma discussão dos resultados resumidos acima, percorrendo – de forma não exaustiva – quatro literaturas. Com cada uma dessas literaturas, faremos comparações e comentários a fim de forçar nossos dados a exibirem implicações e limitações. Assim, a primeira literatura com a qual faremos nossa discussão será referente às teorias conspiratórias; já a segunda, é a literatura que investigou, sob diferentes abordagens teóricas, o movimento terraplanista inicial (zetético) e o atual movimento presente nas redes sociais; a terceira literatura, por sua vez, refere-se aos estudos sobre a ciência e suas representações; finalmente, a quarta literatura é a própria Psicologia Social, da qual pinçamos alguns célebres estudos e *insights* que podem ser valiosos e fecundos ao desenvolvimento da teoria substantiva que propomos.

### Despertar o espectador e denunciar as elites: *vlog* e amadorismo

Desde que a Web 2.0 foi lançada, a internet se tornou um espaço no qual uma ampla gama de informações e perspectivas divergentes coexistem a “apenas alguns cliques” (Reynolds, 2011, p. 25, tradução nossa)<sup>94</sup> ou *touches* de distância. No mesmo ano em que a internet ficou mais interativa (Jenkins et al., 2015), em 2004, o movimento terraplanista ganhou novo fôlego, especialmente no YouTube, atingindo grande público com suas ideias (Albuquerque & Quinan, 2019). Tal como no passado, essas ideias parecem ainda atrair adeptos e divulgadores com grau de escolaridade relativamente alto (Schadwauld, 2015). Dentre nossos canais informantes, dois youtubers terraplanistas tinham (Ciência de Verdade) ou estavam cursando doutorado (Débora G. Barbosa), e outros informaram estar cursando a faculdade (IN-Inteligência Natural). O restante, embora não tenhamos informações sobre suas respectivas formações, demonstrava algum conhecimento de aspectos biográficos de célebres figuras científicas, pouco conhecidas do público geral.

Essas informações, é claro, eram emparelhadas com uma variedade de conteúdos conspiratórios, escatológicos e especulativos. Além do YouTube, o fluxo dessas informações incluía outras redes sociais como Twitter, Instagram, Telegram, Whatsapp e Facebook. Esse mesmo ecossistema informacional também foi observado no estudo de Oliveira (2020), porém a maioria dos vídeos circulados num grupo de Whatsapp terraplanista eram links para o

---

<sup>94</sup> “All the sound and imagery and information that used to cost money and physical effort to obtain is available for free, just a few key and mouse clicks away.”

YouTube, o que reafirma a centralidade dessa plataforma. Apesar de dividir espaço com outros gêneros como o *screencast* e a *live* – também observados em outros estudos (Paolillo, 2018; Mohammed, 2019) –, a maioria dos vídeos (55%) que analisamos eram *vlogs*, um gênero emblemático e popular no YouTube. Cerca de 44% dos usuários da internet assistem a *vlogs* mensalmente, e metade da população da América Latina assistiram a pelo menos um vídeo desse gênero no último mês (Global Web Index, 2016).

Caracterizado pela edição rápida e atuação ágil frente à câmera, o *vlog* enfatiza a comunicação vívida, imediatista e direta (Burgess & Green, 2009). Segundo Goosen (2015), visualmente, esse gênero pode apresentar os seguintes princípios: 1) olhar dirigido ao público: é comum abordar o público olhando diretamente para a câmera como insinuação de contato visual para atrair e prender a atenção do espectador; 2) Close-up médio e ângulo reto: mostra-se apenas o rosto e o tronco em ângulo reto em relação à câmera, o que revela a qualidade caseira do vídeo; 3) Falha e imperfeição: *vlogs* são considerados produções caseiras e amadoras, logo deve possuir erros e imperfeições que funcionam como atestados de veracidade e autenticidade; 4) edição e duração: muita edição é vista com certa suspeita e como a linguagem deve ser direta, a duração do *vlog* tende a ser curta; 5) autoexpressão: todo *vlog* é uma forma de autoexpressão de modo que o *self* é apresentado como a identidade verdadeira do vlogger; 6) são públicos: há o desejo expresso de compartilhar algo com aqueles que se supõe estarem interessados; 7) autopromoção: há o interesse manifesto em ganhar visibilidade e seguidores.

Devido às características citadas, o *vlog* é comumente percebido como uma forma de “diário em vídeo” (Andrade, 2015), que reflete uma valorização da “cultura do quarto” (Burgess & Green, 2009; Coruja, 2017), do *Do it yourself* (Hartley, 2009) e do “culto do amador” (Keen, 2009; Carr, 2017). Amaro (2012), entretanto, distingue quatro subgêneros de *vlog*: 1) autobiográfico: apresenta viés confessional e narra experiências pessoais como se o espectador fosse um amigo próximo; 2) memorial: o vlogger reage a fatos externos sobre os quais dá sua opinião<sup>95</sup>; 3) informativo: são apresentados informes e dicas relacionados a produtos culturais; 4) artístico/cômico: sujeitos apresentam seus interesses artísticos, seja falando sobre eles, seja expondo suas próprias performances.

Em nosso *corpus*, os vídeos terraplanistas parecem mais próximos das categorias memoriais e autobiográficas. Em geral, a predominância do *vlog* entre os vídeos analisados, bem como seus valores parecem ecoar os princípios historicamente compartilhados desde o

---

<sup>95</sup> Atualmente, essa categoria talvez seja um gênero próprio identificado como *react*.

terraplanismo zetético até o movimento atual. O chamado “processo” zetético (Robowthan, 2016, p. 10) sempre reivindicou o “pensamento livre”, a descoberta autodidata e o ceticismo às autoridades epistêmicas (Garwood, 2008; Schadewald, 2015). À medida que a desconfiança cresceu entre as gerações seguidoras dessas ideias, foi se consolidando como conspiração. Portanto, de um lado, as características do *vlog* se alinham com a valorização do autodidatismo, diletantismo e senso comum e, de outro, com a suspeita em relação às instituições e autoridades. Sobre a suspeita, não podemos perder de vista que a internet potencializou nossas disposições comunicativas de modo a ampliar os efeitos dos boatos (Andrade, 2020). Em sua acepção simples, boatos podem ser a origem de TCs e contribuem para sua propagação (Moscovici, 2020). Frequentemente, o *vlog* memorial reage a boatos.

São essas mesmas características históricas que parecem repercutir também na linguagem e no conteúdo comunicados nos vídeos. Quando não é hostil, a linguagem e o tom adotado, em muitos vídeos, tendem a ser desafiadores. Desafiar literalmente os cientistas e atores envolvidos na conspiração sobre a qual se tenta “despertar” o público foi uma estratégia usada no século XIX, com Wallace (Garwood, 2008; Schadewald, 2015). Diferentemente do naturalista, as figuras e instituições desafiadas nos vídeos – que incluem até emissoras de TV – dificilmente aceitariam tal provocação, já que provavelmente não acompanham esses canais. Retoricamente essas bravatas podem reforçar a grandiosidade da “verdade” que estão “revelando” e a covardia de seus inimigos. Em relação à linguagem hostil, especialmente o deboche e o sarcasmo são também identificados em outros estudos (Melo et al., 2020; Paolillo, 2018). Diga-se de passagem, o *hating* e o *trolling* são uma constante na sociabilidade digital (Burgess & Green, 2009). Não só os terraplanistas os praticam, mas também eles mesmos são alvos de achincalhamento por parte de canais do cluster rosa (Figura 4) no YouTube, por leigos e acadêmicos (Bonfim & Garcia, 2021). Adicionalmente, o termo “terraplanismo” foi associado à ignorância e adquiriu conotação depreciativa, sobretudo quando aplicado a questões da vida política e social nacional (Martins, 2020).

No que concerne ao conteúdo, a produção dos canais terraplanistas não está longe de ser problemática. Embora não tenha sido nosso interesse, não podemos deixar de destacar a relação controversa entre os temas e as visões abordados e a política regulatória de conteúdos sensíveis praticada pelo YouTube. A plataforma constantemente corteja novos parceiros e patrocinadores. Em razão dessas parcerias, o YouTube sofre cada vez mais pressão para gerir o conteúdo veiculado, segundo regras desejadas pelo público e pelos anunciantes (Burgess & Green, 2009). Contudo, o YouTube, parece negligente na tarefa de regular conteúdos

indesejáveis. Nos vídeos que analisamos, tal como em outros estudos, era comum a negação e o endosso de TCs ligadas ao aquecimento global (Douglas & Sutton, 2015; Van Prooijen & Acker, 2015; Van Prooijen & Douglas, 2017) e à rejeição de vacinas e afirmação de relações infundadas com o autismo (Provencher, 2007; Oliver & Wood, 2014). Mesmo que a vacina, por exemplo, contra a Covid-19 não fosse nominalmente citada, os terraplanistas evitavam os sensores da plataforma usando outros termos – “marca da besta”, “problema biológico”, “chip”. Cabe destacar que a crença em TCs são importantes preditores da hesitação vacinal (Hornsey & Fielding, 2017) e da rejeição de outros consensos científicos. Há ainda endosso de conspiração antisemita, conforme identificado em outros estudos (Bertotti, 2020; Paolillo, 2018). Tal como em outras TCs, os judeus aparecem juntos com os iluminati, maçons, templários etc. (Moscovici, 2020; Goldwag, 2009).

A mudança nas políticas de publicidade e algoritmos do YouTube contra discursos de ódio e práticas consideradas inadequadas, em 2017, não parece ter tido efeito nos conteúdos analisados (Paolillo, 2018). Parte da incúria do Google em remover esse tipo de conteúdo parece mesmo advir da noção de que toda audiência é necessária para o sucesso comercial da plataforma (Albuquerque & Quinan, 2019). Até o período decorrido em nossa análise, quatro canais informantes continuavam monetizados (Ciência de Verdade, IN – Inteligência Natural, O evidencialista e Além da Nuvem). Mesmo que os outros canais não estivessem monetizados, o YouTube tem criado novas formas de gerar rentabilidade, como o *Superchat*, permitindo que seguidores comprem destaque para suas mensagens durante uma *live*. Além disso, nas descrições dos vídeos que analisamos, era comum a existência de links externos para venda de produtos, sites de doação e financiamento ou divulgação de dados bancários para depósitos. Na prática, as TCs continuam a ser sistematicamente financiadas.

A veiculação de conteúdos conspiratórios juntamente com o apego à tradição cristã parece ter relação ainda com a proximidade que os canais terraplanistas mantêm com blocos da direita e extrema-direita brasileira (Figura 5). A “doutrinação” nas escolas e universidades, a ameaça “comunista”, a “ideologia de gênero” e a “família tradicional”, por exemplo, são preocupações recorrentes dos grupos considerados “conservadores” no Brasil. Historicamente, o terraplanismo zetético foi exitoso em atrair religiosos conservadores das mais diferentes classes profissionais (Schadwauld, 2015). No entanto, em nossa pesquisa, essa relação não é simples e nem está isenta de controvérsias. Nossos grafos não permitem afirmar que conservadores sejam atraídos pela ideia da Terra plana. No estudo de Mohammed (2019), embora 2% dos vídeos fizessem referências positivas a visualizações conservadoras, as opiniões políticas não eram um elemento popular no discurso terraplanista. Também não

podemos afirmar que os terraplanistas são atraídos por conteúdos de extrema-direita, ainda que semelhantemente ao estudo de Albuquerque e Quinan (2019), figuras como Olavo de Carvalho sejam comumente enaltecidas. Assim, a mera convergência de temas entre os terraplanistas e grupos conservadores pode ter relação com a defesa pontual de modos de vida tradicionais, sobretudo aqueles pautados numa interpretação literal das Escrituras (Giddens, 2012; Eco, 1998). Em seu estudo, Oliveira (2020) observou que os adeptos de teorias conspiratórias como a Terra plana preferem não se posicionar contra ou favoravelmente a representantes políticos. Na presente pesquisa, a despeito das convergências de temas e TCs, essa parece ser a posição dominante entre os canais que analisamos. Mesmo porque o tipo de teoria conspiratória construída e compartilhada pelos terraplanistas é demasiado sistêmica, isto é, inimigos mortais – como a URSS e os EUA durante a Guerra fria – são colocados num plano comum.

### **Psicologia social e teorias conspiratórias: temas e conteúdos**

Apesar do crescente interesse pelo fenômeno das TCs, esse campo de estudo ainda anseia por uma sistematização. O estudo científico das TCs não conta com um arcabouço teórico sólido capaz de contextualizar os diversos achados empíricos, possibilitando previsões e guiando intervenções efetivas (Van Prooijen & Douglas, 2017; Moscovici, 2020). Não bastasse os nossos dados estarem distantes da possibilidade de dar uma contribuição substancial para esse cenário, não foi esse o propósito de nosso estudo. Dito isso, cabe discutir alguns aspectos nos quais nossos dados ressoam com parte da literatura sobre as TCs.

O primeiro quadro com o qual podemos discutir nossos dados sobre a TC que os terraplanistas elaboram é a proposta thematogênica de Moscovici (2020). Embora provisória, a abordagem do autor nos lembra que, na constante circulação e reciclagem de conteúdos do senso comum, o que é velho frequentemente reaparece no que é novo (Castro & Gomes, 2005). De tempos em tempos, esses elementos são reanimados sob a forma de antinomias (Marková, 2006). Na TC sobre a Terra plana, isso aparece de cinco formas diferentes. A primeira diz respeito à *proibição do saber*. Numa sociedade como a nossa, nem tudo pode ser dito (Foucault, 1996), por isso, invocar a palavra conspiração já implica que algo seja secreto e oculto (Goertzel, 2010). Em nossa cultura, a forma mais antiga de interdição é o mito do fruto proibido (Moscovici, 2020; Shattuck, 1998). Para os terraplanistas, esse fruto é a própria ciência, que, estando em mãos erradas, serve à manipulação e a outros propósitos abomináveis. Com efeito, as verdades reveladas pelas explicações conspiratórias são segredos

bem guardados (Keeley, 1999). O que é misterioso e secreto, portanto, é um *themata* onipresente no conhecimento humano (Moscovici, 2020).

O segundo *themata* remonta à dualidade entre *maioria e minoria*. Aqui, a proposta de Frank et al. (2013) de dividir as TCs em minoritárias e majoritárias parece insuficiente para classificar a TC terraplanista. Primeiro, porque os terraplanistas identificam tanto grupos minoritários como os maçons, judeus, illuminati e senhores do mundo, quanto elites majoritárias envolvendo as organizações, a mídia, os governos e uma rede complexa de conspiradores. Segundo, porque essa dualidade é também inserida numa representação que remete à oposição entre hereges e fiéis (Moscovici, 2020). Além de minorias unidas por laços secretos indissolúveis (Moscovici, 1987), os terraplanistas também enxergam a si como minorias ou *outsiders*. Reencarna-se “o tema romântico de Davi e Golias – o leigo individualista determinado contra o *establishment*” (Cole, 1980, p. 2, tradução nossa)<sup>96</sup>, que sente como se vivesse “em um mundo virado de cabeça para baixo” (Moscovici, 1987, p. 163, tradução nossa)<sup>97</sup>. Seja na atuação reveladora dos terraplanistas ou ocultadora dos conspiradores, o princípio atuante é “a sabedoria popular de que pequenas causas podem produzir grandes efeitos” (Sokal & Bricmont, 2010, p. 109; Moscovici, 2020). Como na TC da Terra plana encontramos também o contrário, grandes causas podem produzir efeitos pequenos (duas guerras mundiais para implantar o Halloween), o terraplanismo não pode ser enquadrado como uma TC minoritária ou majoritária. Por fim, um último princípio atuante associado ao poder dos grupos que estão no controle é seu caráter dúbio. São ardilosos o suficiente para enganar globalmente a sociedade e medíocres o bastante para se atrapalharem de vez em quando, como a NASA, que esqueceu um “rato” numa fotografia da atmosfera marciana. Ora, “se os conspiradores nunca perdessem o controle, não teríamos *a menor ideia* de que uma conspiração já esteve em andamento” (Basham, 2001, p. 276, grifos do autor, tradução nossa)<sup>98</sup>.

O terceiro *themata* diz respeito à *história primária*. O éter como “o quinto elemento”, a “maldição do bem e do mal”, a “inversão magnética” ou a suposição genérica de que é possível se chegar à “raiz de tudo” parecem reflexos desse *themata*. Busca-se uma origem que sustente uma sensação de continuidade e articule eventos aparentemente não relacionados (Moscovici, 2020). Como afirma Moscovici (2020), a mentalidade de conspiração acessa esse *themata* para conectar retrospectivamente um fim a uma dada origem. Ao fazê-lo, RS virtuais

---

<sup>96</sup> “The romantic theme of David and Goliath – the rugged individualist layman against the Establishment”.

<sup>97</sup> “Everything happens as if we lived in a world turned upside down”.

<sup>98</sup> “If conspirators never lost control we would have *no inkling* that conspiracy was ever afoot”.

são escolhidas e imaginadas para tornar plausível essa origem, fazendo crer que o que ocorreu pode acontecer novamente no futuro. Para Shermer (2011), essa mesma propensão indica a base da cognição conspiratória, isto é, o viés de confirmação e o viés de retrospectiva. Enquanto o primeiro remete a uma busca seletiva por aquilo que se espera ou evitação pelo que não se espera, o segundo visa adaptar teleologicamente explicações posteriores ao que já se sabe que aconteceu (Klayman, 1995; Shermer, 2011; Van Prooijen, Klein & Dordovic, 2020). Em Shermer (2011), temos um exemplo de como esse themata aparece acompanhado do anterior na TC que nega o holocausto. No caso, o escritor inglês, David Irving, argumentava que não havia buracos no teto da câmara de gás do Krema II em Auschwitz-Birkenau, o que era incompatível com o relato de uma testemunha ocular de que os guardas usavam esses orifícios para despejar pastilhas de gás Zyklon-B. Em seguida, Irving operava uma série de generalizações contrafactuais: “ninguém foi gaseado no Krema II”, “nem em Auschwitz-Birkenau” ou “qualquer outro campo de concentração”, tampouco “algum judeu foi exterminado”. Portanto, esse aspecto unificador das TCs é uma *condição sine qua non* para sua força explicativa (Keeley, 1999).

O quarto themata, por sua vez, refere-se à *modernidade versus tradição*. Esse themata supõe que a tradição e tudo aquilo que restou do passado contém respostas legítimas para as perguntas atuais (Moscovici, 2020). Tão logo a Revolução Francesa espalhou a filosofia iluminista e rebaixou as tradições religiosas e folclóricas ao nível do preconceito, da superstição, do obscurantismo e da ignorância, a mentalidade conspiratória da época as reabilitou (Moscovici, 2020). Nossos resultados indicam que os terraplanistas fazem o mesmo, reivindicando a superioridade de “remédios naturais”, da “máxima autoridade bíblica”, dos “mapas antigos”, do “conhecimento dos antigos”, e denunciando a prepotência científica em descartar as “histórias”, “lendas” e “práticas” dos “antigos” como “lixo”. Seja como for, uma “sociedade que, com a difusão da ciência, está se tornando mais neutra e menos dramática é, assim, dramatizada novamente” (Moscovici, 1987, p. 165, tradução nossa)<sup>99</sup>. A vida é equiparada a um palco, onde as pessoas encenam suas performances atrás de suas máscaras.

O quinto e último themata não pertence ao quadro elaborado por Moscovici (2020), trata-se do *evemerismo*. Apesar de ter emergido num fenômeno isolado que alguns chamam de pseudoarqueologia (Feeder, 1984; Eve & Harold, 1986), arqueologia de culto (Cole, 1980) ou arqueologia alternativa (Holtorf, 2005), o *evemerismo* tem sido prontamente adotado pelos

---

<sup>99</sup> “A society that, with the spread of science, is becoming more neutral and less dramatic, is thus dramatized once again”.

teóricos da conspiração. Significativamente comum em nossos dados, sobretudo no conteúdo do canal Além da Nuvem que trata da “arqueologia oculta”, esse fenômeno caracteriza-se pela postulação da existência de civilizações antigas, criptídeos ou seres mitológicos e paleovisitas de Óvnis. As paleovisitas se tornaram extremamente populares com a obra de Erich von Däniken e sua “teoria” sobre os “alienígenas do passado”. O *evemerismo*, por sua vez, consiste numa doutrina criada por Evêmero que visa explicar a mitologia e a teologia supondo que deuses seriam homens cujo prestígio os divinizou. François, Quéllec e Lescop (2019) propuseram resgatar essa doutrina para explicar as alegações de que deuses, demônios e seres mitológicos seriam, na verdade, alienígenas. Nossos dados demonstram que os terraplanistas podem aderir a essa premissa de duas formas diferentes: 1) alegando que tecnologias atuais já existiam desde os tempos mais remotos – “bola de cristal foi a primeira televisão do mundo”; 2) proclamando que alienígenas eram “demônios” ou “anjos caídos do anticristo”. Acreditamos que, enquanto *themata*, o *evemerismo* pode contribuir decisivamente para o projeto moscoviciano das representações sociais virtuais. Especialmente a última alegação acima representa o auge da contrafactualidade. Em vez de os demônios existirem como extraterrestres, são os alienígenas que existem como demônios.

#### *Produzindo o conteúdo das teorias conspiratórias: o potencial da atribuição causal*

Nossos dados indicaram que tão logo uma decisão é tomada em favor da literalidade do relato bíblico, a dissonância pode surgir prosseguida de depreciações da alternativa rejeitada. Sugerimos que tais depreciações, comuns à dissonância pós-decisão, fossem compreendidas como dependentes de alguma atribuição causal. Um futuro resgate da teoria, revisões e desenvolvimentos posteriores ao trabalho inaugural de Heider (1946; 1970), parece necessário. Porém, por ora, tudo que podemos fazer aqui é discutir a pertinência do conceito para a Psicologia social das TCs. Embora uma revisão mais detalhada seja necessária, podemos provisoriamente indicar duas maneiras como a atribuição causal aparece no estudo das TCs, isto é, em sugestões *implícitas* e *explícitas*.

Em se tratando das sugestões *implícitas*, podemos facilmente identificar a comum presença do termo “causa” nas discussões sobre TCs. O termo aparece nas propostas de conceituação das TCs que tendem a defini-las como tentativas de explicar as *causas* de eventos (Zonis & Joseph, 1994; Douglas et al., 2015; Linden, 2015; Van Prooijen, 2016); na descrição das características das TCs ao oferecerem explicações *causais* na compreensão de eventos geralmente complexos (Rezende et al., 2019; Van Prooijen & Jostmann, 2013; Alba



et al., 2018; Palmer, 2018; Shermer, 2011; Sharp, 2008); e no funcionamento das TCs ao conectar *causas* a grupos, pessoas, objetos e acontecimentos (Bale, 2007; Marchlewska, Chichocka & Kossowska, 2017; Keeley, 1999; Van Prooijen & Douglas, 2017; Van Prooijen et al., 2020; Imhoff & Bruder, 2014; Douglas et al., 2015; Jolley et al., 2018; Douglas et al., 2017; Frank et al., 2013).

Como afirma Shattuck (1998), no século XX, é possível “escolher entre um destino exterior [...] e um destino interior” (p. 156). As TCs parecem priorizar o segundo tipo de destino. Inferências sobre as intenções malignas de grupos cujas ações são consideradas causas de acontecimentos diversos são novamente comuns na literatura sobre o fenômeno (Linden, 2015; Moscovici, 1987; Douglas & Sutton, 2015; Keeley, 1999; Andrade, 2020; Shermer, 2011; Goertzel, 2010; Van Prooijen & Douglas, 2017; Van Prooijen 2018). Aqui começam a surgir alusões ainda mais sugestivas: “[...] uma das principais tarefas atribuídas às 'conspirações', explicar, atribuir causas a fenômenos passados – ou presentes [...] consideramos a ideia de que as causas eficientes derivam de ações voluntárias: buscar uma razão significa buscar uma *intenção* e um *agente*” (Moscovici, 2020, p.6, grifos do autor, tradução nossa)<sup>100</sup>.

No rol das sugestões *explícitas*, deparamo-nos com menções ainda mais diretas à importância da atribuição causal no estudo das TCs. Reconhecendo as contribuições de Heider, Graumann e Moscovici (1987) sugeriram que é “necessário reduzir as teorias [conspiratórias] às suas formas mais elementares” (p. 6, tradução nossa)<sup>101</sup>. Farr (1987) também fez uma recomendação no mesmo sentido: “para entender com mais precisão *como* elas [teorias conspiratórias] operam, é necessário tomar emprestado um modelo teórico de um nível mais molecular, como o fornecido por Heider” (p. 216, grifos do autor, tradução nossa)<sup>102</sup>. Mas foi Kruglanski (1987) quem as acatou: “o paradigma de atribuição é pertinente para a análise das teorias da conspiração, pois lida com as atribuições de causalidade por leigos, incluindo o tipo de causalidade diabólica representada pelas teorias da conspiração” (p. 220, tradução nossa)<sup>103</sup>. O autor achou que esse paradigma poderia dar conta do significado motivacional das TCs para seus adeptos. Foi proposta uma ordenação dos esquemas de atribuição de culpa segundo o *locus* da ameaça percebida, universalista ou particularista, e a

<sup>100</sup> “One of the primary tasks assigned to ‘conspiracies’ to explain, to attribute causes to past – or present”; “we entertain the idea that efficient causes derive from voluntary actions: searching for a reason means searching for an *intention* and an *agent*.”

<sup>101</sup> “it became necessary to reduce the theories to their most elementary forms”.

<sup>102</sup> “To understand more precisely *how* they operate it is necessary to borrow one's theoretical model from a more molecular level such as that provided by Heider”.

<sup>103</sup> “The attribution paradigm is pertinent to the analysis of conspiracy theories as it deals with the ascriptions of causality by laypersons, including the kind of diabolical causality depicted by conspiracy theories”.

orientação temporal do esquema, isto é, futuro ou passado (Kruglanski, 1987). Enquanto no esquema particularista, a ameaça é representada por um grupo específico tomado como bode expiatório, no esquema universalista, ela reside num grupo destinado a dominar todo o resto do mundo. Ambos os esquemas, é claro, podem eventualmente se entrelaçar e se alimentar reciprocamente. Quanto à orientação temporal, os esquemas voltados para o passado visam localizar um culpado para que a justiça possa ser feita. Já os esquemas direcionados ao futuro têm a função de alertar e preparar as pessoas para eventos negativos que estão em curso.

Quando nos voltamos para nossos dados, a única discordância que teríamos em relação à proposta acima é quanto ao tipo de atribuição feita. Para Kruglanski (1987), inferir uma conspiração diabólica tende a ser uma atribuição causal externa. Ainda que essa classificação possa variar conforme a perspectiva, parece-nos que, na TC terraplanista, a atribuição é interna. O grupo que investigamos opera com uma visão internalista do bem e do mal, visto que, para eles, simplesmente há “pessoas boas”, “perversas” e “enganadoras”. Quando se trata de outras TCs, pensamos ainda que essa pode ser a tendência mais comum. Afinal, “parece que a mentalidade da conspiração é dominada inteiramente pela noção de intenção” (Moscovici, 1987, p. 156, tradução nossa)<sup>104</sup>.

Um estudo recente sobre as RS do coronavírus reforça nossas afirmações até aqui (Rateau, Tavani & Delouvee, 2021). A amostra contou com 1144 franceses divididos em quatro grupos com base no tipo de atribuição causal respondida para a origem do vírus: humano intencional (n= 84) versus humano não intencional (n= 112), não humano intencional (n=133) versus não humano não intencional (n=731). Em ambos os grupos, os únicos elementos estáveis e estruturantes eram a “morte” e o “contágio”. O restante dos elementos variava conforme o tipo de atribuição. Como esperado, para os indivíduos que acreditavam que a origem do vírus era humana e intencional, a RS foi organizada em torno de “*lockdown*”, “medo” e “conspiração”. Por conseguinte, apesar de nosso esquema geral necessitar de aprimoramento, reafirmamos o que está expresso nele (Figura 18), isto é, em sua forma elementar, a conspiração assume o caráter de uma unidade entre um grupo e suas intenções malévolas e conspiratórias<sup>105</sup>.

<sup>104</sup> “It seems as if the conspiracy mindset is dominated through and through by the notion of intention”.

<sup>105</sup> Tanto Moscovici (1987) quanto Pruitt (1987) observaram a mesma tendência acima, isto é, ver os adversários como inimigos e os inimigos como um grupo relativamente entrosado. Isso está na própria etimologia do termo (Bale, 2007). Em geral, a formação de unidades obedece a princípios da Teoria do equilíbrio de Heider (1946). Assim como Moscovici (1987) e Pruitt (1987), é a ela que fazemos menção quando falamos em unidade. Em estudo clássico Heider e Simmel (1944) observaram que entidades separadas poderiam formar unidades desde que elas fossem percebidas como ligadas entre si. Mais tarde, Heider (1946; 1970), com base em princípios gestaltistas supôs que as relações entre atitudes e sentimentos e as relações de unidade tendiam para um estado de equilíbrio.

*Defendendo o conteúdo das teorias conspiratórias produzidas: breves implicações sociais*

Como já dissemos ao longo desta pesquisa, nem sempre as teorias conspiratórias são falsas. Quando se trata da veracidade, o caráter absurdo de muitas TCs pode transmitir a falsa impressão de que essa é uma discussão simples. É claro que as consequências das TCs falsas tendem a ser indiscutivelmente mais graves do que aquelas que se mostram verdadeiras (Douglas & Leite, 2017; Douglas & Sutton, 2015; Linden, 2015; Larson et al., 2016; Oliver & Wood, 2014; Jolley & Douglas, 2014; 2017; Grebe & Nattrass, 2012; Hornsey & Fielding, 2017), até porque quando uma dada TC é comprovada, mais tarde, como verdadeira, resta pouco a fazer. Essa possibilidade traz consigo um problema epistemológico, sobretudo para a epistemologia falsificacionista. Embora raro, se TCs podem ser corroboradas, elas não podem ser antecipadamente descartadas como falsas.

Atento a esse problema, Keeley (1999) propôs uma distinção entre teorias conspiratórias *justificadas* e *injustificadas*. Ele foi judicioso ao procurar um critério substituto para a aparente falta de falsificabilidade das TCs refletida na comum recusa de seus adeptos em abandoná-las após sucessivas refutações (Melo et al., 2020). Ocorre que se os objetos investigados, por exemplo, na física, fossem dotados de volição e estivessem constantemente tentando apagar os próprios vestígios para nunca serem descobertos, físicos enfrentariam o mesmo problema que os teóricos da conspiração (Keeley, 1999). Por isso, evidências contrárias às alegações conspiratórias podem e geralmente são interpretadas como favoráveis a elas (Sharp, 2008). Consequentemente, o problema das TCs *injustificadas* “não é a falta de falsificabilidade em si, mas a quantidade crescente de ceticismo necessária para manter a fé em uma teoria da conspiração à medida que o tempo passa e a conspiração não é descoberta de maneira convincente” (Keeley, 1999, p. 122, tradução nossa)<sup>106</sup>. O custo para manter a crença na TC se torna, portanto, cada vez mais alto (Adam et al., 2018). Se intenções conspiratórias são atribuídas às instituições e atores sociais tão somente porque uma informação contradiz nossa visão de mundo, corremos o risco de adentrarmos num espaço no qual o conhecimento se torna completamente relativo (Landrum & Olshansy, 2019). Por assim dizer, o nível de ceticismo tende ao solipsismo, tornando a TC implausível (Keeley, 1999). Em estudo sobre a posição de youtubers diante do terraplanismo, Isola-Lanzoni e Gonçalves-Segundo (2019) identificaram essa tendência como *empirismo pessoal limitante*, já que somente as próprias experiências eram confiavelmente aceitas como critério

---

<sup>106</sup> “It is not their lack of falsifiability per se, but the increasing amount of skepticism required to maintain faith in a conspiracy theory as time passes and the conspiracy is not uncovered in a convincing fashion”.

epistemológico. Mas o crescente grau de ceticismo ainda parece ter outra relevante implicação que podemos perceber em nossos resultados. Trata-se da necessidade de que a conspiração atinja proporções cada vez maiores. Como afirma Keeley (1999), à medida que o ceticismo passa a incluir mais pessoas e instituições, a suposição de dissimulação alcança uma escala irracionalmente massiva. Ficamos com a sensação de que tudo passa a ser possível. Usando a mesma analogia que empregamos durante nossa análise, Moscovici afirma (1987) que “a mentalidade da conspiração conclui que, na vida real, como no palco, para expandir minha analogia, tudo é possível [...] Portanto, a contradição lógica ou a prova factual não têm relevância em questões de conspiração” (p.155-156, tradução nossa)<sup>107</sup>.

Como nossos dados mostram, na TC terraplanista, tanto o ceticismo quanto as alegações conspiratórias são desmedidas. Assim como em outros estudos, os terraplanistas falam em um “sistema” (Martins, 2020; Paolilo, 2018). Recorrentemente se referem a esse “sistema maligno” em analogia ao filme Matrix. Se de um lado esse recurso nos lembra do fascínio que nossa sociedade cultiva pelo tema da conspiração, presente em obras populares como Matrix e bestsellers como *The Da Vinci Code*, *The X-Files*, etc. (Harambam & Aupers, 2014; Zonis & Joseph, 1994), de outro, revela a extensão da conspiração global denunciada pelo terraplanismo. Nessa perspectiva, toda a realidade é passível de desconfiança. Por conseguinte, como percebido em outras pesquisas, uma numerosidade de outras TCs preexistentes são agregadas à Terra plana, envolvendo illuminati, maçonaria, Tratado da Antártida, Guerra Fria, mudanças climáticas, criacionismo da Terra Jovem, Pouso na Lua, missões espaciais, satélites, rotas aéreas, vacinas etc. (Olshansky, 2018; Paolillo, 2018; Bonfim & Garcia, 2021). Como dito, para defender a Terra plana, amplos corpos de conhecimento científico devem ser negados ou manipulados, o que requer novas excursões conspiratórias (Mohammed, 2019).

Essas características nos fizeram cogitar denominar a TC terraplanista como metaconspiratória. Fizemos essa sugestão com a intenção de evidenciar as diversas camadas de ocultação da realidade no sistema de crenças terraplanista. Em certo sentido, nossa sugestão guarda semelhanças com uma das classificações de Barkun (2013). O autor classifica como *superconspirações* aquelas que ligam várias conspirações hierarquicamente de forma sistêmica e complexa. No topo dessa hierarquia, haveria uma força maligna distante e invisível operando em segredo – tal como “Satanás”, “senhores do mundo” ou “Elite 5.0”. Uma provável diferença em relação a essa classificação é que mais do que ligar TCs

---

<sup>107</sup> “The conspiracy mentality concludes that in real life, as on stage, to expand on my analogy, everything is possible [...] Therefore, logical contradiction or factual proof have no bearing in matters of conspiracy”.

preexistentes, os terraplanistas parecem contar com um aparato capaz de produzir TCs novas com base nas antigas<sup>108</sup>. Esse aparato, em geral, reivindica as atividades dos terraplanistas como a verdadeira ciência. A seguir, discutiremos essa tendência com base em aspectos históricos e empíricos.

### **O terraplanismo contra a “ciência impostora”: em busca da ciência de verdade**

Nem sempre o elemento conspiratório foi tão claro ou mesmo presente no movimento terraplanista. Aliás, as atribuições que inferem conspirações não devem ser vistas como possíveis *causas* do ceticismo e desconfiança em relação às instituições e atores, e sim como o *meio* pelo qual isso ocorre. De antemão, a necessidade de desconfiar não tem a ver com uma conspiração – o que seria terminantemente incompatível com nossa análise. Também não partilhamos da posição de que a desconfiança dos terraplanistas é um reflexo de uma crise epistemológica relacionada à pós-verdade (Albuquerque & Quinan, 2019; Landrum, Olshansky & Richard, 2019). Como afirma Genesini (2018), quem sustenta que está vivendo “em um mundo pós-verdadeiro acha [ou supõe] que antes havia um mundo em que a verdade existia e era objetiva” (p. 48). Harari (2018), por sua vez, admite que “os humanos sempre viveram na era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie da pós-verdade, cujo poder depende de criar ficções e acreditar nelas” (p. 123). Sobre esse ponto, estamos mais de acordo com Giddens (2012), Lévy-Leblond (2009) e Kahan (2015). O primeiro autor, em oposição à chamada pós-modernidade, traça um diagnóstico preciso, no qual a vida atual acontece em “um mundo de autoridades múltiplas” (p. 136), onde a mera existência da especialização sugere que “não pode haver ‘os especialistas de todos os especialistas’”, logo, além de muito específicas, as afirmações do especialista são “com frequência passíveis de ser internamente contestadas” (p. 275). Nesse cenário, a verdadeira expertise, afirma Lévy-Leblond (2009), “trata-se menos de saber do que saber como saber” (p. 222). Nas palavras de Kahan (2015), passa-se a exigir das pessoas que elas identifiquem certificadores potenciais múltiplos, isto é, reconheçam quem sabe o quê. O problema é que o lugar no qual os indivíduos exercem melhor essa habilidade de reconhecimento é dentro dos grupos que definem suas identidades no cotidiano.

---

<sup>108</sup> Se no futuro a metaconspiração se mostrar relevante para explicar outros grupos além dos terraplanistas, devemos admitir que as TCs sobre 11 de setembro que alegam que foi obra do próprio governo, por exemplo, se encaixam nessa classificação. Ocorre que como afirma Shermer (2011), o atentado foi realmente planejado por 19 membros da Al-Qaeda, o que configura uma conspiração real. Em cima dela, entretanto, os teóricos da conspiração elaboram outra TC.

Isso nos redireciona para as características estáveis em torno das quais o grupo terraplanista se organizou. Aqui a desconfiança das instituições, em particular da rede de ensino, percebidas por nós e outros estudos sob a forma geral de “doutrinação ideológica” (Martins, 2020; Melo et al., 2020), já era corrente no terraplanismo zetético, que comumente declarava que crianças estavam sendo doutrinadas de modo a tomarem o conhecimento especializado como garantido (Garwood, 2008). Também já havia uma desconfiança instalada em relação à mídia, sobretudo no período de cobertura das missões espaciais, na segunda metade do século XX (Schadewald, 2015). No cerne do movimento estava ainda o ceticismo em relação à comunidade científica. O próprio termo zetético, referindo-se a um “buscador cético”, simbolizava a forte suspeita em relação às visões científicas sobre a forma da Terra consideradas ortodoxas (Simanek, 2006). Essa característica, que persiste fortemente no movimento atual (Olshansky, 2018; Bertotti, 2020; Melo et al., 2020), desembocava numa desconfiança ainda mais generalizada entre os zetéticos. De acordo com Garwood (2008), havia “um profundo desprezo pela autoridade e pelas elites religiosas e epistemológicas” (p. 101, tradução nossa)<sup>109</sup>. Não por acaso, a teologia zetética juntamente com o adventismo anteciparam o fundamentalismo moderno e sua bibliolatria (Schadewald, 2015).

Dentro da “trindade maligna” contra a qual os zetéticos lutavam, estava a alta crítica que surgiu no século XIX propondo uma análise crítica dos escritos bíblicos (Garwood, 2008). É aqui que o literalismo bíblico aparece como central na campanha terraplanista. Do ponto de vista histórico, o apego à leitura literal da Bíblia surgiu como uma reação às tendências do período, especialmente à cisão entre ciência e religião. Após a difusão da ciência experimental no século XVII, num “curto período, sua influência cresceu tão rapidamente que ela parece rivalizar com a religião e o Estado” (Shattuck, 1998, p. 174). Especialmente a astronomia, a geologia e a nova teoria da evolução através da seleção natural eram sentidas entre os cristãos ortodoxos como um ataque à Bíblia (Schadewald, 2015). A própria tradição iluminista difundia a ideia de que a Igreja havia obstruído o progresso científico – juízo que o positivismo comteano eleva a níveis formidáveis (Comte, 1978/1844). Entre os instruídos, a cosmologia hebraica havia praticamente morrido (Schadewald, 2015). Frente a essas mudanças, o terraplanismo estava empenhado em “provar que o conhecimento científico convencional é uma ilusão, a Bíblia está literalmente correta e a Terra é plana” (Garwood, 2008, p. 49, tradução nossa)<sup>110</sup>.

---

<sup>109</sup> “a profound contempt for authority and religious and epistemological elites”.

<sup>110</sup> “to prove that conventional scientific knowledge is a delusion, the Bible is literally correct and the earth is flat”.

Contrastando com sua importância desde a tenra origem do movimento, na literatura atual, o literalismo bíblico parece subexplorado. Na FlatCon, Martins (2020), por exemplo, percebeu certo vínculo com questões religiosas e até com citações de Gênesis, mas esse discurso não estava presente na totalidade das palestras (Martins, 2020). Já Mohammed (2019) testou apenas a hipótese de que os 119 vídeos analisados, em seu estudo, estariam associados a expressões pró-religião. Embora isso fosse verdade para todos os vídeos, não houve identificação do literalismo bíblico. Paolillo (2018), por sua vez, identificou citações de Isaías e Enoque, mas não inferiu sua ligação com uma interpretação literal. Olshansky (2018) suspeitou não só da possibilidade de dissonância cognitiva envolvendo a leitura literal da Bíblia e a cosmologia da ciência moderna, mas também testou a hipótese de que o literalismo pudesse prever a crença na Terra plana. Como nas duas amostras que usou, não houve diferença entre os níveis de religiosidade de terraplanistas e não terraplanistas, não foi encontrado apoio para a hipótese. Dentre outras limitações metodológicas, o autor ponderou que religiosidade para os terraplanistas implicava pertencer a alguma igreja institucionalmente organizada. Foi precisamente o que percebemos em nossos resultados. O *Sistema religioso* também faz parte da conspiração. Alê, por exemplo, afirma: “ainda chamam nós terraplanistas 2:54 de fanáticos religiosos, nem religião eu 2:57 tenho! Eu sou cristão apenas” (V44).

Há um último aspecto que devemos considerar perante a enganadora marginalidade que o literalismo bíblico aparenta ter nos valores partilhados pelo grupo. Trata-se de uma estratégia. Como nossa análise permite entrever, a Terra plana não é o fim do movimento. Isso vale para o movimento zetético, pois, “acima de tudo, os zetéticos estavam usando a ideia da Terra plana como uma arma intelectual para reafirmar o lugar do cristianismo na vida social e espiritual” (Garwood, 2008, p. 491, tradução nossa)<sup>111</sup>. Para isso, a tática do grupo supôs que a ciência teria mais força persuasiva do que o literalismo bíblico. É por isso que a compilação de “provas bíblicas” e a defesa de uma leitura literal só aparece no capítulo final da obra de Parallax (Garwood, 2008). Aqui, entretanto, há uma sutil diferença entre o terraplanismo zetético e o movimento atual, conforme apresentado em nossos resultados. No século XIX, quando a educação estava se tornando compulsória (Schadewald, 2015), provavelmente a necessidade de explicar como os cientistas estavam promovendo um engano imperava sobre a necessidade de explicar o próprio engano e sua respectiva manutenção.

---

<sup>111</sup> “Above all, the zetetics were using the flat-earth idea as an intellectual weapon to restate the place of Christianity in social and spiritual life”.

*A ciência e os cientistas para os terraplanistas*

Ao mesmo tempo que a conspiração justifica a rejeição da ciência moderna enquanto alternativa, ela ajuda a explicar como e porque a ciência convencional é falsa. Novamente a acusação de uma ciência falsa e impostora já estava assaz presente no movimento zetético. Como agora, no início do movimento, os terraplanistas se referiam à astronomia newtoniana como “um ‘malabarismo e confusão’ de fantasias e falsidades” (Garwood, 2008, p. 57, tradução nossa)<sup>112</sup>. Embora não tenha se baseado na TRS, acreditamos que é a representação de ciência falsa que deve explicar o que Martins (2020) nomeou como relação bipolar com o conhecimento científico. Os terraplanistas estão constantemente preocupados em distinguir a ciência falsa da verdadeira. Por essa razão, supomos que a ciência falsa indica uma representação social alternativa. Aqui a ideia de Gillespie (2008) se mostra imprescindível, pois nossos dados não necessariamente sustentam a existência de duas representações sobre dois objetos, quais sejam, a “ciência moderna” e a “ciência”. Além dos dois termos serem empregados recorrentemente como sinônimos, quando os terraplanistas conceituam a ciência de verdade, informam que se trata da “ciência do *establishment*”. Portanto, há duas RS sobre o mesmo objeto.

Na perspectiva dos terraplanistas, a RS de ciência de verdade que eles partilham não é vista como a RS hegemônica. Porém, se a ciência do establishment não é verdadeira, sua hegemonia se baseia em trapaças. Daí porque a ancoragem da ciência falsa é na *conspiração*. Se a ciência de verdade é, grosso modo, uma RS virtual de como a ciência *deveria* ser, é a *conspiração* que explica por que ela *não o é*. Em seu lugar, há uma ciência falsa que, ao promover teorias que colidem com a cosmologia bíblica, especialmente com a descrição da Terra plana, alimenta um desacordo. Destarte, de onde vem a necessidade de desmentir a “autoridade suprema” das Escrituras? Na linha do tempo, o marco zero da conspiração é Satanás. Foi Satã quem tramou contra Deus e causou a maldição do homem afastando-o de seu destino divino. O fruto do conhecimento (ciência), assim, contém a maldade e está nas “mãos erradas”. Quando os terraplanistas constroem a RS de ciência falsa, desse modo, tentam identificar as evidências subliminares desse mal e do desacordo com as Escrituras. Em geral, eles encontram toda uma série de informações históricas classificadas como ocultismo. Como afirma Shattuck (1998):

A palavra *oculto* vem sendo usada há muito tempo para designar uma coleção fluida de tradições e escritos que se limitam de perto com a religião, a magia e a superstição.

---

<sup>112</sup> “Newtonian astronomy was a ‘juggle and jumble’ of fancies and falsehoods”.



Além de seu sentido radical de “secreto”, ou “recôndito”, *oculto* possui muitas associações poderosas. Refere-se a verdades secretas bastante antigas, não de descoberta recente (p. 327, grifos do autor).

Embora desconcertante, a presença de elementos considerados esotéricos, místicos e pseudocientíficos no conhecimento científico é um fato conhecido (Lévy-Leblond, 2009; Garwood, 2008; Sokal & Bricmont, 2010). Discutiremos isso mais tarde. Importa dizer que a ciência falsa é representada como “diabólica”, “terrena”, “não empírica”, “mística” e contrária à leitura literal da Bíblia. No quadro geral, essa visão caricata transforma um moinho de vento num gigante, justificando toda uma campanha. Ou seja, há uma justificativa tanto para negar e combater as atividades científicas do Sistema, quanto continuar reivindicando e defendendo a verdadeira ciência mesmo que o êxito em “despertar” a sociedade e “desmascarar”, de uma vez por todas, o Sistema maligno e seus planos maléficos seja, em geral, irrisório.

As representações de cientista falso seguem a mesma lógica que a RS acima. O cientista falso, tal como Hampden se referiu a Wallace após perder a derradeira aposta, é um “patife”, “vigarista” e “mentiroso” (Garwood, 2008). É um indivíduo dissimulado, ávido por “fama” e bens materiais, “ateu” e “blasfemo”. Além de não serem nada inovadores, são “dogmáticos” e “arrogantes”. Em suma, esses e outros elementos desdenhosos são estranhos e permanecem estrategicamente estranhos aqui, pois são atribuídos ao Alter por meio de uma conspiração. Do ponto de vista terraplanista, não são eles os formuladores dessas caricaturas. Essa é a “realidade” da qual se convencem e tentam convencer os outros. Paradoxalmente, é somente sendo estranhos que alguns elementos podem ser familiares.

Esses elementos estranhos e as formas de estranhamento que os categorizam só são absorvidos na RS de ciência de verdade. A “ciência de verdade” ou “ciência bíblica” era o ponto focal das campanhas zetéticas. Os zetéticos afirmavam praticar a única ciência de verdade, guiados pelo senso comum, “investigação objetiva” e autoridade bíblica (Garwood, 2008). No estudo de Bertotti (2020), a reivindicação da verdadeira ciência pautada no que os terraplanistas entendiam ser o método científico livre do controle dos poderosos também foi percebida.

Na perspectiva dos terraplanistas, a RS de ciência de verdade é inteiramente o oposto da ciência falsa. É digno de nota que, em geral, essa RS de ciência não parece distante das representações do público mais amplo nem das imagens socialmente partilhadas. Historicamente, Garwood (2008) já havia observado que os zetéticos utilizavam imagens populares e heroicas do empreendimento científico. Aqui uma das primeiras características da RS de ciência de verdade é seu “telos” voltado ao “melhoramento” da vida humana. Merton

(1936) considerava essa característica um reflexo do *éthos* puritano na atividade científica. Segundo esse dogma utilitário, a ciência deveria “melhorar a condição material do homem” (p. 21). Estudos que investigaram as RS de ciência para diferentes públicos também identificaram benefícios ligados à qualidade de vida, cura de doenças, desenvolvimento humano e melhoramento geral da sociedade, como elementos importantes (Colagrande & Arroio, 2018; Petter, 2011; Zaiuth & Ogata, 2010; Nascimento-Schulze et al., 2006; Yamamoto & Ichikawa, 2007).

A segunda e a terceira característica mais enfatizadas na RS de ciência de verdade são respectivamente a experimentação e a observação. A prevalência dessas duas características é amplamente identificada na literatura sobre RS de ciência (Scheid, Ferrari & Delizoicov, 2007; Melo et al., 2010; Sá, 1996; Colagrande & Arroio, 2018; Fonseca, 2019; Vittorazzi & Silva, 2020). Para os terraplanistas, entretanto, a experimentação e a observação esbarram numa valorização radical do empirismo e das experiências sensoriais (Melo et al., 2020; Olshasnky, 2018; Bonfim & Garcia, 2021; Oliveira, 2020; Paolillo, 2018). Entre os zetéticos, essa tendência refletia diretamente a influência de dois filósofos expressivamente populares. O primeiro era o filósofo escocês Thomas Reid (1719–1796), que rejeitava especulações abstratas e metafísicas, argumentando que certas coisas são evidentes e que o senso comum deveria ser a base da investigação filosófica. Segundo Schadewauld (2015), no começo do século XIX, essas visões eram populares entre protestantes conservadores, os quais se contrapunham à astronomia e à geologia. O segundo filósofo, que foi inclusive citado no conteúdo que analisamos, é Francis Bacon. O filósofo inglês foi tão influente no movimento zetético, que Parallax reivindicou o método baconiano, o qual misturava empirismo (evidência observada) e indução (inferência a partir das evidências observadas), como uma criação sua (Garwood, 2008). Em Bacon, a defesa do empirismo era tão radical que a matemática era considerada sem utilidade no estudo das ciências (Merton, 1936). Os terraplanistas parecem aderir a essa visão na medida em que rejeitam terminantemente abstrações, teorias e cálculos considerados “complexos”. Seja para o público, seja para os terraplanistas, essas características desembocam no que Chibeni (2004) chama de *visão comum da ciência*.

Quanto à RS de cientista de verdade, encontramos aspectos semelhantes à visão corrente, na sociedade, sobre o que é um cientista. Para os terraplanistas, o cientista de verdade é alguém “em busca da verdade”, “inovador”, “aberto” e “temente a Deus”. Esses traços estão de acordo com a RS de cientista identificada em outros grupos que enfatizavam o trabalho individual do cientista empenhado em descobrir algo extraordinário (Fonseca, 2019;

Yamamoto & Ichikawa, 2007; Colagrande & Arroio, 2018). Mesmo Kuhn (2012) já havia notado que o cientista tende a ser frequentemente visto socialmente como um “investigador sem preconceitos em busca da verdade [...], objetivo e [...] [de] espírito aberto” (p. 23). Já a devoção a Deus e a um chamado “código moral forte” pode significar uma sutil diferença em relação às RS de ciência identificadas em outros estudos. Afirmamos que pode se tratar de uma diferença sutil, porque há razões para suspeitarmos que a religião não deve ser tão incompatível com a ciência para o público geral. Essa é uma questão que merece ser investigada. Da metade do século XVII até meados do século XVIII, a ciência inglesa foi fortemente marcada pela obsessão de se provar compatível com a religião (Lévy-Leblond, 2009). Nesse campo, Merton (1936) foi pioneiro ao mostrar que, sob influência da ética protestante, afirmações de que a ciência servia à “glória de Deus e ao bem do homem” (p. 18) eram comuns. Bacon (2007), por exemplo, afirmava que a ciência servia a “glória do Criador e melhoria do estado do homem” (p. 62).

No senso comum, essas premissas podem ainda ter importante ressonância. Na Nigéria, Falade e Bauer (2018) mostraram que a ciência e a religião coexistiam no senso comum. 70% da população tinha algum interesse na ciência, mas só 20% participavam de eventos científicos ou a apoiava com doações. Quando se tratava da religião, 84% assistiam a eventos religiosos, 91% frequentavam atividades religiosas e 75% doavam para causas religiosas. Nos EUA, cenário semelhante aparece, e 68% dos adultos afirmam que não há conflito entre suas crenças religiosas pessoais e a ciência (Pew Research Center, 2015). Somente aqueles que, em geral, não eram religiosos ou não tinham uma afiliação religiosa em particular tendiam a ver mais conflito. Estudo realizado com 1.506 indivíduos no Reino Unido também verifica essa mesma lógica (Leicht, Sharp, LaBouff, Zarzeczna & Baker, 2021). Dentre outros resultados, foi observado que indivíduos religiosos relatavam níveis mais altos de compatibilidade, enquanto os ateus percebiam níveis de conflito mais alto. Mesmo o conflito era mais presente quando se tratava das explicações oferecidas pelos dois campos para a origem da vida e do universo.

Dito isso, também é preciso lembrar que a ancoragem de uma RS ocorre dentro das redes de significado garantidoras da identidade social dos grupos (Rateau et al., 2012). Essa rede de significados corresponde a uma hierarquia de valores grupais que oferece categorias familiares pelas quais um objeto é localizado e avaliado. Cabe lembrar, entretanto, como insistimos, que o significado “não é determinado pela clareza de percepção ou precisão de inferências, fatos ou elementos de informação; em vez disso, depende, em grande parte, de *compromissos* anteriores com um sistema conceitual, uma ideologia, uma ontologia e um

*punto de vista*” (Moscovici & Hewstone, 1986, p. 692, tradução nossa, grifos nossos)<sup>113</sup>. Foi o que sugerimos na Figura 19. Quando há compromisso, assumir um ponto de vista pode alterar o significado dos atributos de um objeto.

Algumas evidências indiretas para essa suposição podem ser encontradas em estudos que investigaram o papel da perspectiva na memorização de textos. Sobre isso, Pichert e Anderson (1977) conduziram dois experimentos. No primeiro, 63 sujeitos leram duas passagens que descreviam respectivamente uma casa e uma ilha. Ambas podiam ser vistas de duas perspectivas, de um ladrão ou de um comprador de imóveis. Para cada perspectiva, foram distribuídos dois grupos de 1/3, com um terceiro grupo controle. Já na ilha, a mesma divisão foi feita, oferecendo a perspectiva de um florista excêntrico ou pessoa naufragada. Ao final, os participantes tiveram que classificar a importância das ideias do texto numa escala Likert. No segundo experimento, as classificações de importância foram usadas para investigar os efeitos da perspectiva no que era apreendido e lembrado. 113 indivíduos participaram, com 56 lendo a história da casa e 57 a da Ilha. Em seguida, eles fizeram um teste de recordação livre que também foi aplicado sete dias depois. Em geral, o estudo demonstrou que a estrutura não é propriedade invariável do texto, e sim dependente da perspectiva. Logo, como a capacidade de apreensão e memorização dependem da importância de uma ideia, e a importância dela depende da perspectiva, a perspectiva influenciava o que era mais eficazmente recordado.

Esse estudo foi replicado em outros dois experimentos (Anderson & Pichert, 1978). No primeiro, 39 sujeitos leram a história da casa através das duas perspectivas acima. Agora, após recordar a história uma vez, os sujeitos foram orientados a mudar de perspectiva e recordar novamente. No segundo experimento, com 16 pessoas, além dos procedimentos anteriores, foram feitas entrevistas. Em suma, na segunda recordação, mais informações importantes para a segunda perspectiva foram lembradas; e menos informações irrelevantes para a segunda perspectiva que eram importantes para a primeira foram recordadas. Outro estudo verificou o mesmo efeito em recordações feitas duas semanas depois (Anderson & Pichert, 1979).

Implícito, nos estudos acima, está o pressuposto de que a interpretação depende da perspectiva adotada. E a forma de interpretar, como sabemos, varia o significado de objetos, pessoas e situações. Isso torna o significado convencional, ou como diria Bartlett (1995), fruto

---

<sup>113</sup> “el significado no está determinado por la claridad de la percepción o la exactitud de las inferencias, por los hechos o los elementos de información; sino que depende, en gran parte, de compromisos anteriores con un sistema conceptual, una ideología, una ontología y un punto de vista”.

da organização do material psicológico a partir de tendências de reação estabelecidas – com as quais alguém está comprometido – em um grupo. Para o terraplanismo, interpretar literalmente a Bíblia é um dos mais fortes compromissos compartilhados pelo grupo.

### *A ciência da desconsolação e as formas de estranhamento*

As motivações por trás da elaboração da RS de ciência de verdade podem ser mais facilmente compreendidas pelos elementos especificamente percebidos como estranhos. Como afirma Bartlett (1995), “o familiar é prontamente aceito: o estranho pode nos prender” (p. 19, tradução nossa)<sup>114</sup>. Quando se trata da ciência, podemos identificar quatro níveis intercambiáveis nos quais reagimos ao estranho. No nível epistêmico, já falamos que, ao contrário do senso comum, a ciência tende a tornar o familiar desconhecido. E, na medida em que é um empreendimento que tenta descobrir o que não sabemos, orienta-se para o futuro em vez do passado (Farr, 1993). Por conseguinte, a ciência está incessantemente nos propondo novos objetos de pensamento (Castro, 2002). Diferentemente do senso comum, no qual os objetos são tratados como fatos, na ciência, “para confirmar cientificamente a verdade, é preciso confrontá-la com vários e diferentes pontos de vista” (Bachelard, 2005/1938, p. 14). Na medida em que colocar objetos sob novas perspectivas implica a circulação de representações sociais contrastantes, elas se tornam uma fonte de conflitos potenciais entre os grupos (Reteau et al., 2012). A coexistência dessas representações no mesmo espaço público torna problemática as relações entre pessoas e grupos (Moscovici, 2003). Nesse tipo de situação, percebemos que os outros não veem, agem ou reagem às coisas como nós. Sobre isso, Ichheiser (1946) resume bem o que pode acontecer:

A primeira reação característica, ou digamos, a primeira fase da reação, é frequentemente uma mistura de perplexidade e irritação. Seria muito perturbador admitir que as coisas possivelmente não são como as vemos. Seria ainda mais perturbador admitir que possivelmente as vemos como vemos porque somos como somos. E seria totalmente insuportável reconhecer que as coisas não são como as vemos, mas sim, pelo menos em parte, como são vistas por aqueles de quem discordamos (p. 100, tradução nossa)<sup>115</sup>.

No segundo nível, podemos falar em uma riscologia ou percepção sobre a segurança ontológica. Como afirma Giddens (2012), “em todas as sociedades, a manutenção da

---

<sup>114</sup> “The familiar is readily accepted: the unfamiliar may hold us”.

<sup>115</sup> “The first characteristic reaction, or let us say, the first phase of reaction, is frequently a mixture of perplexity and irritation. It would be very disturbing to admit that things are possibly not as we see them. It would be still more disturbing to admit that possibly we see them as we do because we are as we are. And it would be utterly unbearable to recognize that things are not as we see them but that they are, at least partly, as they are seen by those with whom we disagree”

identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica” (p. 125). Haja vista que essa preocupação é uma força ativa no resgate e na manutenção de tradições, ameaças a elas – comumente derivadas da ciência – são experimentadas como ameaças à integridade do eu (Giddens, 2012; Sherman & Cohen, 2002). Não por acaso, as RS podem ser vistas como a ação de um “sistema imunológico” do senso comum (Bauer, 2009). Como afirma Moscovici (1978), “uma representação social surge onde houver perigo para a identidade coletiva” (p. 179). Por meio delas, os indivíduos e os grupos resistem aos conceitos, conhecimentos e atividades que ameaçam sua identidade, assimilando as novas ideias às já existentes de modo a neutralizar a ameaça (Bauer & Gaskell, 1999; De Rosa & Mannari, 2020). A representação de ciência, nesse caso, passa a funcionar como “uma forma de defesa, um modo de *atenuar e enfrentar a ameaça*” (Moscovici, 1978, p. 108-109, grifos do autor).

O próximo nível é o emocional e parece ter como resposta humana principal, o medo. Segundo Moscovici (2003), “o medo do que é estranho (ou dos estranhos) é profundamente arraigado” (p. 56). Na medida em que ameaçam o sentido de ordem e a sensação de controle dentro de um grupo, objetos estranhos tendem a evocar medo (Joffe, 2009; Danfá; Aléssio, Santos & Morais, 2017; Sagan, 2006). Como esse medo é comum e tem, por certo, raízes coletivas, uma compreensão mais detalhada desse nível se beneficiaria sobremaneira de uma abordagem dos medos coletivos (Rateau et al., 2021).

Por fim, o último nível envolve as cognições e os sentimentos associados ao estranho. De acordo com Jovchelovitch (2008), “nossa compreensão do que é lógico ou ilógico na vida social está indissociavelmente ligada ao que nos é familiar ou estranho; compreendemos bem o que é parte de nosso contexto cultural e tendemos a compreender mal o que não é” (p. 80). O que é estranho, nesse caso, tende a violar nossas expectativas (Moscovici, 2003). Considerando sugestões que fizemos em outro lugar (Figura 3), costumamos interpretar “outra pessoa ou ser como uma posição que *eu* posso ocupar e uma posição que cria uma perspectiva alternativa no mundo e em mim mesmo” (Hermans, Kempen & Loon, 1992, p. 29, grifo dos autores, tradução nossa)<sup>116</sup>. Tais posições são orientadas e organizadas por definições, expectativas e prescrições sociais (Hermans, 2001). Daí porque Caracciolo (2019) sugeriu que o estranho pudesse ter uma base psicológica – na qual ele identifica a possibilidade de dissonância cognitiva – e fenomenológica ou experiencial (sentida como estranheza). Aqui Festinger (1975) argumentou que a “dissonância existiria por causa do que

---

<sup>116</sup> “*I construe another person or being as a position that I can occupy and a position that creates an alternative perspective on the world and myself*”.

a pessoa tinha aprendido ou das expectativas que passa a alimentar, por causa do que é considerado usual ou apropriado, ou por muitas outras razões” (Festinger, 1975, p. 21). Aronson (1992) enfatizou a violação de uma expectativa a tal ponto que a considerou como “regra prática” para a inferência de dissonância.

Por uma série de características intrínsecas, o conhecimento científico é eficaz em despertar reações nos níveis acima, provocando estranhamento. Não devemos insistir muito mais nesse ponto. Primeiramente, o conhecimento científico se encontra em posição privilegiada em relação aos demais tipos de conhecimento (Chibeni, 2004; Petter, 2011; Provencher, 2007). Segundo, em seu *modus operandi*, a ciência é o único tipo de conhecimento, que busca ativamente remover a identidade, a comunidade e a ideologia (Jovchelovitch, 2008; Latour & Woolgar, 1997). Por último, os cientistas rapidamente se distanciam das formas de conhecimento popular antes vinculadas aos seus campos de especialização (Farr, 1993). Conseqüentemente, uma das características “[...] da ciência contemporânea não é partir do senso comum, mas romper com ele e perturbá-lo de cima a baixo” (Moscovici & Hewstone, 1986, p. 683, tradução nossa)<sup>117</sup>. De acordo com Bachelard “a experiência *científica* é, portanto, uma experiência que *contradiz* a experiência *comum*” (2005/1938, p. 14, grifos do autor).

Em nossos dados, foram as contradições entre a ciência e as expectativas da perspectiva terraplanista que indicaram possíveis elementos não familiares motivadores das RS de ciência. Uma vez que esses elementos podem ser distribuídos em categorias ou padrões, falamos em formas de estranhamento. A primeira delas, a *ambiguidade*, tem forte conotação moral para os terraplanistas. Moralmente, o sistema de crenças terraplanista é dicotômico. O conhecimento científico, porém, não cabe em dicotomias. Por vezes, suas descobertas e produtos são comumente anunciados com um otimismo utópico e, não raro, passam a ser enxergados como distopia, e o que era solução se torna problema. Se compararmos os sentimentos que os primeiros entusiastas da Web 2.0 tinham no começo com o sentimento que têm agora diante de *fake news* e TCs potencializadas pela internet, é isso que veremos. Incontáveis benefícios são socialmente atribuídos à ciência, mas igualmente o são as duas guerras mundiais, a invenção de armas terrivelmente mortíferas, a crise ecológica global, a doutrina eugênica, o chauvinismo etc. (Giddens, 2012). Cientistas são tão responsáveis por tais catástrofes quanto por “soar o alarme avisando-nos do perigo” (Sagan,

---

<sup>117</sup> “Lo propio de la ciencia contemporánea no es partir del sentido común, sino romper con él y trastornarlo de arriba a abajo”.

2006, p. 221). Contra essas ambiguidades, a RS de ciência de verdade nos oferece o conforto de uma ciência voltada para o melhoramento humano.

A próxima forma de estranhamento, a *aleatoriedade*, está associada a um atributo implícito na RS de ciência de verdade, porém comum em representações. Trata-se da ideia de ordem e propósito. No caso do terraplanismo, essas ideias são resgatadas pela cosmologia bíblica, com a qual a “ciência de verdade” estaria de acordo. Ao contrário da ciência determinista do passado, a atual é pautada em princípios de probabilidade e estatística. Nas palavras de Moscovici (1992), “é um mundo menos calmo, mais imprevisível que ela nos descreve, cuja falta de ordem não é assimilada sem um nível de turbulências” (p. 769, tradução nossa)<sup>118</sup>. Nesse mundo, a nova história do surgimento da vida, no nível cósmico, é atribuída ao acaso, enquanto no nível terrestre, é uma vida não criada surgida pelo processo de seleção natural (Shattuck, 1998; Farr, 1993). Se de um lado, regressa-se à cosmologia bíblica, de outro, invoca-se uma conspiração que justifica esse retorno, explicando os motivos para “tirar Deus da equação”. Em certo ponto, a TC que amolda as RS dos terraplanistas também lhes devolve algum sentido de ordem e controle (Keeley, 1999; Finuras, 2018; Frank et al., 2013).

Quanto à *invisibilidade*, na RS de ciência de verdade, essa forma dá lugar à observação e experimentação. A ciência está sempre nos falando de seres, fenômenos e forças que “não podem ser abarcados pelas faculdades humanas” (Shattuck, 1998, p. 318). Embora adquira contornos radicais no terraplanismo, alguma recusa ao invisível é comum entre as pessoas. No caso do coronavírus, por exemplo, estudos pautados na TRS que analisaram a cobertura midiática durante o início da pandemia, perceberam que a racialização do vírus – “vírus chinês” – era um recurso utilizado para tornar a “ameaça invisível” visível (De Rosa & Mannarini, 2020; Ittefac et al., 2021).

No lugar da *complexidade*, a RS de ciência de verdade propõe a simplificação. De um lado, a simplificação elimina os “cálculos complexos” e “teorias mirabolantes” e, de outro, elimina as “burocracias” que impedem a todos de participarem da produção científica. Como diz Lévy-Leblond (2009), “atualmente, as teorias mais avançadas da física fundamental – Teoria das cordas ou das branas – baseiam-se em formalismos matemáticos da mais alta abstração, mas não conseguem encontrar pontos de contato com uma realidade experimental que permitiria colocá-las à prova” (p. 212). Bachelard (2005/1938) nomeou essa tendência a propor abstrações audaciosas, iniciada com Einstein, em 1905, de novo espírito científico. Em

---

<sup>118</sup> “It is a world less calm, more unforeseeable that it describes to us, whose lack of order is not assimilated without a level of turbulences”.



geral, teorias científicas não trazem explicações simples, antes, nos relembram da assustadora complexidade das coisas consideradas “simples”.

A observação e a experimentação também têm um possível papel na absorção da *desproporcionalidade*. De acordo com Koyré (1948), um dos traços que caracteriza a atitude intelectual da ciência moderna é a dissolução do cosmos. Trata-se da destruição da noção de um mundo finito em favor de “um universo aberto, indefinido e mesmo até infinito”, que não mais opõe “os dois mundos do céu e da Terra” e considera que “todas as coisas pertencem ao mesmo nível de Ser” (Koyré, 1948, p. 18). Na astronomia, por exemplo, “as distâncias em relação aos objetos celestiais de investigação colocam a necessidade de inventar numerosas hipóteses” (Valsiner, 2012, p. 125). O problema é que “não nos sentimos à vontade com ordens de grandeza afastadas das nossas” (Shattuck, 1998, p. 302). Sagan (1987) resume o incômodo que os terraplanistas confessaram:

Nós somos o centro do universo. [...] Essa era a opinião que prevalecia – Aristarco à parte – até a época de Copérnico. [...] Depois surgiu a evidência que a Terra era somente um planeta e que aqueles outros pontos brilhantes de luz que se mexiam também eram planetas. Decepcionante. Até deprimente. Era melhor quando éramos centrais e únicos.

— *Mas ao menos nosso Sol está no centro do universo.* Não, aquelas outras estrelas são sóis também e, além disso, nós estamos nos cafundós galácticos. [...]. Deprimente mesmo.

— *Bem, pelo menos a Via Láctea está no centro do universo.* Então, um pouco mais de progresso na ciência. E descobrimos que o centro do universo não existe. E mais: há cem outros bilhões de galáxias. Nada especial sobre esta. Profunda melancolia.

— *Bem, ao menos somos humanos, somos o centro da criação. Nós somos à parte. Todas aquelas outras criaturas, plantas e animais, são inferiores. Nós somos mais elevados. Nós não temos nenhuma conexão com eles. Cada ser vivo foi criado separadamente.* Aí aparece Darwin. Descobrimos um *continuum* evolucionário. Nós estamos proximamente conectados aos outros animais e vegetais. E, além disso, os parentes biológicos mais próximos a nós são os chimpanzés. Aqueles são nossos parentes próximos —aqueles? É uma vergonha [...]

— *Pelo menos somos as criaturas mais inteligentes do universo. Se não houver mais ninguém inteligente em lugar algum, mesmo se nós estivermos ligados aos chimpanzés, mesmo se nós estivermos nos cafundós de um universo vasto e incrível, ao menos ainda existe alguma coisa especial sobre nós.* Mas no instante em que encontrarmos inteligência extraterrestre essa última fração de arrogância acaba (p. 5, grifos do autor).

O breve preâmbulo de descobertas científicas acima pode transmitir a sensação de que a ciência está se esforçado para destituir a importância do ser humano. Todas essas alterações, na concepção científica do mundo, desfiguraram, conflitaram e romperam com as tradições nas quais a identidade de diversos grupos, especialmente vinculados ao cristianismo, baseia-se sem, entretanto, oferecer nada que cumpra a mesma função.

*Mal-entendidos e comunicação científica: prelúdio de uma Psicologia Social da ciência*

Tem sido dito que “se os cientistas pretendem se comunicar efetivamente com membros do público em geral, então, eles também precisam estar cientes da diferença entre a ciência e as representações sociais da ciência” (Farr, 1993, p. 195, tradução nossa)<sup>119</sup>. Mais, é preciso entender que essa diferença não necessariamente reflete uma lacuna que pode ser corrigida por meio de informações científicas consideradas corretas (Kahan et al., 2011; Hornsey & Fielding, 2017; Moscovici, 2003). No universo consensual, representações são elaboradas por sujeitos e grupos que agem como “*bricoleurs* ativos” remendando crenças e concepções que circulam na sociedade (Castro, 2003) com base em seus valores e preocupações habituais. Como vimos, os terraplanistas freneticamente reciclam teorias, temas e objetos antes produzidos no universo reificado. Não é nosso objetivo e está fora de questão avaliarmos a discrepância entre o significado que essas produções têm ou tiveram em seus respectivos campos e o sentido que as RS conferem a elas. Diga-se de passagem, “os cientistas deveriam reconhecer suas próprias lacunas em vez de querer avaliar e corrigir as dos leigos” (Lévy-Leblond, 2009, p. 225). À parte a necessidade de conhecer as RS de ciência dos diferentes grupos, a cooptação de objetos que outrora figuravam no centro de atenção da comunidade científica e depois foram descartados como “pseudocientíficos” levanta, pelo menos, duas questões relevantes para a discussão sobre o conhecimento científico e a comunicação científica.

A primeira dessas questões é a constrangedora relação do conhecimento científico com o misticismo e uma variedade de imposturas. Sabemos que Pitágoras, por exemplo, fundou uma sociedade a qual misturava misticismo com matemática (Garwood, 2008). Quanto a Newton, estima-se que uma larga porcentagem de sua obra trate de alquimia e misticismo (Sokal & Bricmont, 2010). Em geral, a ciência também não resiste à renovação do passado, explícita em regressos à alguma idade de ouro – como no Renascimento –, ou implícita nas referências e na própria etimologia científica que dá nome aos novos fenômenos e objetos. O mesmo se pode dizer das anedotas que correm sobre os cientistas e, ora tornam suas ações folclóricas, heroicas e dramáticas, ora excitam verdadeiras idolatrias (Lévy-Leblond, 2009). Não raro, cientistas podem agir de forma extremamente dogmática. Para alguns, “certa dose de dogmatismo [...] é uma característica funcional e um fato inerente ao desenvolvimento científico maduro” (Kuhn, 2012, p. 11). Seria “tentador considerar tais

---

<sup>119</sup> “If scientists are to communicate effectively with members of the general public then they, too, need to be aware of the difference between science and the social representations of science”.

aspectos míticos como escórias aberrantes que testificam uma época passada e superada da história das ciências” (Lévy-Leblond, 2009, p. 70), mas não é esse o caso. Igualmente, afirmar que “o resto sobrevive porque está baseado em sólidos argumentos empíricos e racionais” (Sokal & Bricmont, 2010, p. 19) parece ser o tipo de coisa que se pode dizer em todas as épocas a propósito da ciência que está em vigor.

Passemos à segunda questão, que consiste em reflexões que deram origem à TRS. Trata-se do fato de que se não podemos atribuir o problema da irracionalidade apenas aos leigos<sup>120</sup>, também não devemos fazer parecer, como alguns têm argumentado (Pilati, 2018), que a “pseudociência” é uma invenção de leigos “ignorantes”, “picaretas” e “charlatões”. Numerosas teorias – ou parte delas – descartadas como pseudocientíficas se originaram no universo reificado. Já no universo consensual, por assim dizer, os brinquedos velhos da ciência encantam ao senso comum. Poderíamos reconhecer que a ciência sofre interferência dos mesmos vieses e preconceitos correntes no senso comum, mas possui mecanismos de autocorreção (Hornsey & Fielding, 2017). Entretanto, antes mesmo que tais mecanismos possam efetivamente atuar, a “pseudociência” já está circulando na mídia, na internet, nos grupos sociais e até no interior de leis e normas sociais adotadas. Foi o que ocorreu com a descoberta fraudulenta, a qual associava a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola ao autismo, publicada pelo *The Lancet*, em 1998 (Provencher, 2007). A revisão por pares falhou, e a revista só fez uma retratação formal 12 anos depois (Jamieson, 2017). Devemos ainda somar, a esse quadro geral, o cronocentrismo. Pela tendência a acreditarmos que o presente é melhor e mais progressivo do que outros períodos de tempo, é mais fácil identificar os preconceitos do passado do que os do presente. A exemplo de outros períodos, quanta “pseudociência” estamos socialmente produzindo e compartilhando sem, no entanto, sermos capazes de perceber?

Para contribuir com a acomodação dessa e de outras questões das quais falamos, temos uma sugestão fleckeaniana. Antes de expô-la, porém, nos parece válido indicarmos um quadro assimilativo no qual essas e outras ideias podem ser integradas. Trata-se do projeto inacabado de Moscovici (1993) acerca da psicologia social da ciência. Frente aos problemas que colocamos, a proposta moscovicianiana merece ser resgatada e desenvolvida em novas pesquisas.

---

<sup>120</sup> Em entrevista com Marková, Moscovici (2003) afirma: “Eu cresci em um tempo em que reinava o fascismo, de tal modo que se poderia dizer que, pelo contrário, são os intelectuais que não são capazes de pensar racionalmente, pois na metade do século vinte eles produziram teorias tão irracionais, como o racismo e o nazismo. Pode crer, a primeira violência anti-semita aconteceu nos colégios e universidades, não nas ruas e foi legitimada não pelos padres ou pelos políticos ignorantes, mas por pessoas estudadas, tais como Mircea Eliade, Emile Cioran e outros filósofos” (p. 305).

Em seu teor, o projeto nasce de uma tripla necessidade: a) corrigir a insatisfatória imagem fornecida pela psicologia social ao senso comum; b) compreender o funcionamento interno da ciência; c) contribuir para a unificação de um campo de investigação (Moscovici, 1993). Em se tratando da unificação de um campo investigativo, Jodelet (2017) reconheceu a difusão de conhecimentos e a “vulgarização científica” como uma “área [de pesquisa em RS] que tende a se tornar autônoma em suas problemáticas e seus métodos” (p. 38). Podemos dividir a proposta de Moscovici (1993), para esse campo, em argumentos, postulados e desdobramentos epistemológicos. Com base na ideia de que o senso comum e a ciência seguem princípios semelhantes (Holtz, 2016), Moscovici (1993) insere dois argumentos centrais: 1) por ser baseado em consensos e negociações, há uma unidade entre conhecimento, influência, indagação e persuasão; 2) a comunidade científica não é um grupo unitário. Os produtores do conhecimento são formados por maiorias e minorias, *insiders* e *outsiders*. Disso resulta que: a) a formação de consensos é produto de decisões, e não apenas dos fatos; disputas nunca são totalmente extintas e revoluções jamais têm êxito absoluto; b) maiorias e minorias possuem ambas epistemologias próprias.

Em relação aos postulados, Moscovici (1993) reúne pressupostos de suas duas teorias, TRS (Moscovici, 1978; 2003) e Teoria das minorias ativas (Moscovici, 2011). As teorias científicas são, doravante, concebidas como representações sociais. Como Farr (1993) já havia notado, “ao conceber uma teoria, um cientista desenvolve uma representação *da* realidade. Quando ele publica a teoria, ela se torna uma representação *na* realidade (ou seja, uma representação social) e, portanto, um objeto de estudo legítimo para o psicólogo social” (p. 190, grifos do autor, tradução nossa)<sup>121</sup>. Uma teoria não pode ser reduzida ao seu conteúdo objetivo (Holtz, 2016). Tomá-las como representações implica considerar que: a) indivíduos têm uma *tendência à informatividade*, que os leva a ler mais informação do que um novo enunciado ou sentença contém; b) pessoas e grupos exercem reciprocamente duas formas de pressão à uniformidade ou consenso: pressão à inferência – incita todos a extrair conclusões sobre qualidades e intenções do autor através de informações que ele oferece sobre si próprio; e pressão à referência – as conclusões inferidas são usadas como premissas para julgar o objeto da comunicação do autor (Moscovici, 1993). Assim ocorre em debates científicos nos quais cientistas discriminam um problema tomando partido e fazendo de suas decisões parte de sua identidade e trajetória (Holtz, 2016).

---

<sup>121</sup> “In devising a theory a scientist develops a representation *of* reality. When he publishes the theory it becomes a representation *in* reality (i.e. a social representation) and so becomes a legitimate object of study for the social psychologist”.

Tanto as tendências citadas quanto as posições delas provenientes variam conforme a pertença do cientista à minoria ou maioria em seu campo. Munida de uma representação distinta e alternativa, uma minoria tenta estabelecer um conflito que nega a legitimidade da representação da maioria e torna a escolha uma necessidade (Moscovici, 1993). Contudo a sustentação dessa tensão depende da capacidade de a minoria se fazer ouvir, o que é um desafio, já que ela não possui credibilidade suficiente para convencer nem poder para impor seus pontos de vista. Cabe ao grupo, portanto, adotar um estilo comportamental (Moscovici, 2011). Na ciência, o estilo que Moscovici (1993) sugere é a objetividade. A objetividade transmite a impressão de que a minoria é desinteressada e, ao contrário da maioria, não deseja exercer pressão em direção à referência. Segue-se que, se os indivíduos são confrontados com a minoria, são impelidos a pensar sobre *o que* ela diz, em vez de *quem* diz. Nesse caso, o processo de inferência ocorrerá na direção da validação do objeto e não do sujeito. Tal validação se beneficia da: a) reflexividade: indivíduos têm interesse reflexivo em informações as quais perturbam os esquemas mentais que orientam sua memória e comportamento; b) marcação: objetos não familiares e atípicos são mais bem reconhecidos; c) relevância: informações discordantes causam mais dúvida e estimulam a combinação de argumentos novos e antigos, fazendo com que ideias e explicações surjam sob nova perspectiva. Por conseguinte “quanto mais se resiste a uma informação, maior é sua influência” (Moscovici, 1992, p. 355, tradução nossa)<sup>122</sup>.

Em seus desdobramentos epistemológicos, tais postulados são articulados com pressupostos de Popper (1972/1934), Kuhn (1997) e Lakatos (1979). A suposição básica é a de que “seguramente a ciência usa não uma, mas duas epistemologias complementares, uma inerente ao conhecimento já feito, a outra ao conhecimento em construção” (Moscovici, 1993, p. 363, tradução nossa)<sup>123</sup>. Segundo Moscovici (1993), uma vez que, na visão popperiana, os cientistas são orientados pelo dissenso e pela elaboração de uma ciência extraordinária e revolucionária, suas estratégias se assemelham às táticas usadas pelas minorias. Já a epistemologia kuhniana, ao enfatizar o consenso e a ciência normal, aproxima-se da estratégia da maioria. Enquanto no primeiro caso, pressões em direção à referência podem levar a uma representação elaborada e alternativa, no segundo, induzem a uma representação restrita ou a um paradigma compartilhado sobre o qual há um consenso da maioria (Moscovici, 1993). Desde que satisfaça aos padrões de exigência, a conversão a um novo paradigma implica a

---

<sup>122</sup> “The more an information is resisted, the greater its influence”.

<sup>123</sup> “Assuredly science uses not one but two complementary epistemologies, the one inherent to already made knowledge, the other to knowledge in the making”.

resistência dos cientistas. Aqui a principal fonte de resistência baseia-se numa comparação entre a estrutura das RS e a arquitetura dos programas de pesquisa de Lakatos (1979). Como nas RS, que possuem um núcleo central no qual se encontram ideias e valores estáveis com os quais os membros de um grupo estão comprometidos, os programas de Lakatos têm um núcleo rígido e um cinto de proteção. Logo, além de a falsificação acontecer nessa rede periférica, o empenho dos cientistas os transforma em verdadeiros crentes cuja crença não cede mais à falsificação do que ao conflito que a resistência instala em suas mentes (Moscovici, 1993).

A despeito da feracidade dessas ideias, é evidente que elas requerem mais sistematização. Todavia o que nos atrai nelas é o esforço genuíno para mostrar “o potencial de uma abordagem que possa reunir diferentes vertentes do estudo da ciência em um quadro comum” (Moscovici, 1993, p. 371, tradução nossa)<sup>124</sup>. A esse esforço é que sugerimos considerar alguns argumentos fleckeanos, os quais resgatam uma característica relevante para a discussão que Moscovici (1993) propõe sobre a comunidade científica. Fleck (2010/1935) distinguia os profissionais especializados dos profissionais gerais através de três tipos de bibliografia: a *ciência dos periódicos*, a *ciência dos manuais* e a *ciência dos livros didáticos*. A ciência especializada seria composta por esses três níveis. A *ciência dos periódicos* é comparada à uma “tropa em marcha” ou “vanguarda” que “não ocupa uma posição fixa; a cada dia, a cada hora, ela está num lugar diferente” (Fleck, 2010/1935, p. 178). Por aspirar à entrada no manual, a *ciência dos periódicos* é “provisória, incerta, não aditiva e marcada por aspectos pessoais, que apresenta sinais soltos e arduamente elaborados” (Fleck, 2010/1935, p. 173). Já a *ciência dos manuais* é considerada a “tropa principal” e representa a comunidade oficial. Move-se de forma mais lenta e modifica sua posição apenas com o passar de anos e décadas (Fleck, 2010/1935). Isso deve ocorrer porque, conforme afirma Kuhn (1997), os manuais “são produzidos somente a partir dos resultados de uma revolução científica. Eles servem de base para uma nova tradição de ciência normal” (p. 183). Sobre a *ciência dos livros didáticos*, Fleck (2010/1935) a considerou retardatária, associando-a aos materiais destinados aos não especialistas, bem como às obras de divulgação científica.

Quando entendemos a estrutura da comunidade científica especializada a partir dessas nuances, fica difícil defender a ideia de que o senso comum é a fonte das “pseudociências”. Como afirma Giddens (2012), “os especialistas tendem a discordar, não somente porque podem ter sido instruídos em variadas escolas de pensamento, mas porque o desacordo ou a

---

<sup>124</sup> “the potential of an approach that could gather different strands of the study of science in a common framework”

crítica é o *motor* do seu empreendimento” (p. 134, grifo do autor). Na *ciência dos periódicos*, o desacordo pode estar longe de ser trivial. Concepções, fenômenos, terapêuticas e propostas radicalmente incompatíveis e autoexcludentes existem em seus respectivos periódicos. Mais, propostas de tratamento nunca antes testadas, críticas e revisões conceituais são comuns. Para Lévy-Leblond (2009), é imprescindível considerar “além da natureza limitada e especializada do conhecimento científico, o seu caráter relativo. Um enunciado científico não pode ser verdadeiro ou falso, mas apenas verdadeiro *se...* ou falso *mas...*” (p. 220-221, grifos do autor). Mesmo essa recomendação não pode ser uma regra aplicável a todas as especialidades. Se por um lado, ela é válida para manter a física de Newton e Einstein no pódio – apesar de suas diferenças –, por outro, nas ciências sociais e humanas, não é aplicável. Nessas áreas, nem todas as diferenças epistemológicas e ontológicas sobre a natureza humana e a realidade, por exemplo, podem ser superadas reconhecendo-se o caráter relativo do conhecimento científico. Por vezes, a condição de veracidade de uma teoria é *se* outra rival for falsa. Entretanto, ainda que ideias diametralmente opostas coexistam, o empreendimento científico não pode descartá-las de antemão, sob o risco de precipitação (Lakatos, 1979; Moscovici, 2003).

Esse quadro se torna ainda mais complexo se considerarmos as pressões sociais, políticas e econômicas que o conhecimento científico sofre (Feyerabend, 1977; Knorr-Cetina, 2005). Ao contrário das preocupações dos políticos, legisladores e membros da sociedade geral, a atividade científica está mais orientada para o futuro do que para o presente. No entanto, como a sociedade nutre expectativas de que a ciência satisfaça demandas do presente, cientistas são conclamados a prestar contas. Nesse cenário, cientistas crentes e convictos, os quais ignoram sistematicamente a provisoriedade de suas produções e a existência de proposições alternativas a elas, podem ter mais êxito na tarefa de exercer influência e autoridade. Afinal, a sociedade não pode resolver seus problemas mais dramáticos com base em concepções provisórias e alternativas nem esperar até que uma solução incerta apareça. Para além de dilemas como esse, a relação entre a ciência e a sociedade é povoada por tensões e conflitos.

### **Implicações e limitações: aspectos da teoria substantiva**

Daqui em diante, nossa discussão transcorrerá num terreno mais incerto, pois buscaremos discutir aspectos mais esparsos vinculados a nossa teoria substantiva. Nossa intenção é menos esgotar as implicações de nossos esquemas explicativos do que apontar direções possíveis para futuras investigações e aperfeiçoamentos. Para isso, discutiremos, na

medida do possível, alguns pontos de acordo ou desacordo com a literatura. Primeiro discutiremos aspectos conceituais e, em seguida, trataremos de questões epistemológicas relacionadas ao nosso esquema explanatório geral.

Nossa teoria substantiva pode ser resumida pelo esquema apresentado na Figura 18. Todos os outros esquemas e diagramas descrevem processos que devem ter acontecido ou estão acontecendo dentro desse processo mais genérico de conversão à perspectiva terraplanista. O conflito, que é o ponto de partida em nosso esquema, é uma força motriz na TRS (Moscovici, 2003; 1978) – e mesmo em outras teorias como a Teoria das minorias ativas (Moscovici, 2011) e a Teoria das decisões coletivas (Moscovici & Doise, 1994) – e na TDC (Festinger, 1975). Em geral, o conflito descreve a presença de duas tendências de resposta mutuamente incompatíveis e semelhantemente atrativas (Festinger, 1964). Mas, em nossa cultura, a permanência do conflito é muito mais estrutural. Para Kahan (2015), o conflito está enraizado nas sociedades democráticas liberais e culturalmente pluralistas. Sob a forma passiva, a existência do conflito nas sociedades democráticas coincide com a própria descrição de polifasia cognitiva num sentido *diacrônico* (Provencher, 2007). Viver em um mundo de autoridades múltiplas, é também viver num mundo de lealdades múltiplas. Como afirma Kolakowski (1963), “nossas vidas são vividas sob a pressão de lealdades contraditórias. Devemos escolher entre lealdades conflitantes em situações concretas e agir em favor de uma em detrimento da outra, sem repudiar a outra inteiramente” (p. 208, tradução nossa)<sup>125</sup>.

Entre os defensores da Terra plana, o conflito vivenciado entre a religião e a ciência é tomado como um dos exemplos históricos mais emblemáticos (Olshanksy, 2018). Claramente, os terraplanistas aderem à doutrina da *Veracitas Dei*. De acordo com Popper (2008), essa doutrina “afirma que a intuição intelectual não nos ilude porque Deus é autêntico e também não nos engana; em outras palavras, nosso intelecto é uma fonte de conhecimento porque Deus também o é” (p. 37). Logo, “se aceitamos a verdade literal de toda e qualquer palavra da Bíblia, então a Terra deve ser chata” (Sagan, 2006, p. 276). Essa é a decisão tomada pelos terraplanistas. Via de regra, ela confere peso àquilo que já os prendia antes do conflito e os vincula ainda mais (Moscovici & Doise, 1994). Sobre os vínculos prévios de um grupo, Hildering e Born (2012) perceberam o mesmo. Em seu estudo, os protestantes que rejeitavam a Teoria da evolução o faziam com base numa tendência prévia de confiar mais na Bíblia do que na ciência. Sobre os vínculos pós-decisórios, uma decisão tende a envolver a

---

<sup>125</sup> “Our lives are lived under the strain of contradictory loyalties. We must choose between conflicting loyalties in concrete situations, and act in favor of one at the expense of another, without repudiating the other altogether”.



pessoa num compromisso seguido de um processo de dispersão de alternativas voltado a um conflito residual (Festinger, 1964). Após a decisão, de um lado, os aspectos negativos da alternativa escolhida e os elementos positivos da alternativa rejeitada são dissonantes com a decisão; e de outro, segue-se da mesma forma para os aspectos positivos da alternativa escolhida e os negativos da alternativa rejeitada (Harmon-Jones & Mills, 2019).

Para o grupo do qual estamos tratando, a decisão tem um efeito ainda de conversão à uma nova *perspectiva representante*. Em relação ao fenômeno da conversão, em seus variados tipos, Travis e Aronson (2020) fazem uma observação relevante. Segundo os autores, quando ocorre a conversão ou algum evento transformador na vida das pessoas, o *self* anterior é experimentado como um *não eu*. Por conseguinte, quando as pessoas se lembram de como eram, elas tendem a visualizar a memória de uma perspectiva de terceira pessoa como se fossem observadores. O contrário ocorre quando se trata de ações consonantes com suas identidades atuais. Não exploramos suficientemente esse aspecto em nossos dados, todavia, há um ou outro canal que se lembra de suas vivências passadas como “globalistas” como se elas fossem dos espectadores. Se relembrarmos que a atribuição usada para explicar por que os terraplanistas já foram “globalistas”, isto é, a “doutrinação”, perceberemos que ela difere da razão pela qual informam ter se convertido, quais sejam, as “evidências bíblicas”, “fatos” e “experimentos”, o padrão estará de acordo com o esperado em termos de perspectiva. Jones e Nisbett (1972) argumentam em favor de uma tendência generalizada de atores atribuírem suas ações a causas situacionais, ao passo que os observadores tendem a atribuí-las a disposições pessoais estáveis.

Um último aspecto que merece algumas colocações pontuais diz respeito ao estado de *sensibilização* que propomos ser ativado pela atribuição disposicional da conspiração. Na ausência de um termo melhor, propomos esse conceito sem a intenção necessariamente de defini-lo pelo sentido que pode ter nas correntes behavioristas ou biológicas. Estamos tratando da *sensibilização* num sentido sociocognitivo. Na vida cotidiana, se alguém se sente enganado ou descobre-se vítima de um ardil, é provável que tome medidas para não ser passado para trás novamente. Isso requer um estado de alerta, desconfiança e preocupação, pelo menos em relação ao ludibriador com o qual as interações futuras são modificadas e pairam sobre a ameaça de novos enganos. No caso do terraplanista, a desconfiança é generalizada porque deve ser proporcional à amplitude e às consequências do engano orquestrado. A literatura sobre TCs identifica essa tendência como viés de proporcionalidade (Andrade, 2020). Ao mesmo tempo que teóricos da conspiração acreditam no poder das pequenas causas, também se mostram céticos ao papel do acaso no surgimento de grandes

catástrofes, epidemias etc. Em suma, estamos empregando ainda o termo *sensibilização* para tratar daquilo que Moscovici e Hewstone (1986) resumem bem: “enquanto o cientista profissional é necessariamente um deflacionista e trata a realidade como um recurso escasso, o cientista amador é um inflacionista e trata a realidade como um recurso abundante” (p. 707, tradução nossa)<sup>126</sup>. Para o terraplanista as coisas parecem acontecer de tal modo que as evidências de conspiração sobram mais do que faltam. São capazes de sobrecarregar sua teoria com uma infinidade de evidências (Clark, 2002). Para onde quer que se olhe pode haver um símbolo ou mensagem subliminar.

Paradoxalmente, a sobrecarga de evidências conduzirá, como propõe a Figura 18, ao oposto da *sensibilização*. Em estudos sobre a pandemia, o aumento da familiaridade ou dessensibilização à pandemia foi indicado como um dos responsáveis pela redução da percepção de ameaça e pelo aumento da hesitação vacinal (Farhart, Douglas-Durham, Trujillo & Vitriol, 2022; Fridman, Gershon & Gneezy, 2021). O trabalho de Stevens, Oh e Taylor (2021), por exemplo, examinou os níveis de ansiedade ligados às 1.465 notícias e *tweets* de usuários em relação à Covid-19 e à pandemia, durante 11 meses. Em seguida, correlacionou-se essas informações com o número de mortes por Covid-19 nos EUA. Os resultados indicaram que, no início, os níveis de ansiedade nos *tweets* aumentaram de forma acentuada, mas declinaram conforme a contagem de mortes cresceu, ou seja, eles sofreram dessensibilização a esse tipo de informação.

Assim parece acontecer com as alegações de conspiração cada vez mais extraordinárias que o movimento terraplanista vai fazendo (Martins, 2019). Identificar mais uma conspiração em meio a tantas outras sobre as quais se acredita haver fartas evidências, não será mais chocante do que se deparar com refutações às teorias sobre elas. O produto final do esquema da Figura 18 é a teoria metaconspiratória da Terra plana, que promete ajustar aquilo que estava de “cabeça para baixo”. Uma vez que os terraplanistas a defendem publicamente, em seus canais, sob recorrentes críticas e zombarias; sob pena de romper com laços sociais relevantes, os quais receiam ter seus nomes vinculados à uma ideia considerada infame; e sob a ameaça de ter seus canais ou conteúdos produzidos com algum gasto de energia e dispêndio de tempo, deletados pelo YouTube, a TDC prevê que o compromisso com a Terra plana tende a aumentar (Yaryan & Festinger, 1961). Dentre outros aspectos, um ponto importante do comprometimento é que, segundo Brehm e Cohen (1962), “ele geralmente

---

<sup>126</sup> “En pocas palabras, mientras que el científico profesional es por necesidad deflacionista y trata la realidad como un recurso escaso, el científico aficionado es inflacionista y trata la realidad como un recurso abundante”.

fornece uma especificação clara da implicação psicológica” (p. 7, tradução nossa)<sup>127</sup>. Isso permite saber o que pode ser consonante ou dissonante para um determinado grupo, o que em nossa pesquisa nos possibilitou analisar as formas de gerenciamento da inconsistência que discutiremos a seguir.

### *Aspectos do gerenciamento de inconsistências*

Na TC da Terra plana, uma ampla gama de consensos, fenômenos e objetos é contradita. Paolillo (2018) também observou essa característica que, dentre outras coisas, sinaliza o esforço que esses indivíduos fazem para manter a consistência de seu sistema de crenças. Para analisar esse esforço em prol da consistência, o trabalho de Kelman e Baron (1968b) foi imprescindível. A abordagem funcional dos autores fornece uma ampliação para a TDC, explorando aspectos e implicações conhecidas, mas pouco investigadas. Uma dessas implicações era a atividade de busca de informação. Festinger (1964) já reconhecia que, havendo dissonância, o indivíduo deveria *buscar* informações capazes de reduzi-la. O modelo dos autores acima também ofereceu um lugar para inserirmos novas sistematizações sobre a polifasia cognitiva (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015), corroborando a ideia de que as linhas de convergência entre a dissonância e a polifasia cognitiva poderiam ser a base para a conciliação dessas duas literaturas (Martinez, 2018).

Mas há aqui algumas diferenças sobre as quais devemos tecer breves considerações. A primeira delas é que, ao contrário do que afirmaram Jovchelovitch e Priego-Hernández (2015), a dissonância cognitiva não “é uma entre outras variedades possíveis de polifasia cognitiva” (p. 178, tradução nossa)<sup>128</sup>. Se o que chamamos de polifasia é um fenômeno, como mostramos, já conhecido por Festinger (1975), justiça seja feita, trata-se do contrário. A polifasia cognitiva é uma das estratégias possíveis para lidar com a dissonância cognitiva, portanto só é admissível dizer que a polifasia antecede a dissonância, quando se trata de uma abordagem diacrônica (Provencher, 2007). Outras distinções aparecerão à medida que avançarmos na discussão das variadas formas de lidar com a inconsistência.

A primeira dessas formas usada pelos terraplanistas era a *negação*, que faz parte dos mecanismos de *redução-evitação*. O uso dessa estratégia é o que provavelmente confere a esse e outros grupos o rótulo de negacionista (Albuquerque & Quinan, 2019). Porém o

---

<sup>127</sup> “A major point about commitment is that it generally provides a clear specification of psychological implication”.

<sup>128</sup> “Cognitive dissonance, we suggest, is one among other possible varieties of cognitive polyphasia”.

simples fato de muitas outras estratégias serem igualmente empregadas pelo grupo indica as limitações do termo. Os objetos e fenômenos negados, em nossa pesquisa, foram semelhantes àqueles percebidos no estudo de Isola-Lanzoni e Gonçalves-Segundo (2019). Em geral, todos os elementos negados eram pouco apreensíveis e já estavam distantes temporalmente pelo passado (dinossauros, Guerra Fria) ou pelo futuro (aquecimento global); fisicamente (satélites, galáxias, aquecimento global); e empiricamente/sensorialmente (ciência moderna, gravidade, esfericidade terrestre). Já o segundo mecanismo usado, a *distorção*, ocorria numa direção assimilativa mais próxima da Terra plana. Lord, Ross e Lerner (1979) identificam esse tipo de assimilação como tendenciosa. Em geral, a *distorção* parece refletir a necessidade de tornar algo menos ameaçador e mais favorável (Sherman & Cohen, 2006; 2002). Quanto ao próximo mecanismo, a *racionalização*, também foi observado no clássico estudo de Festinger et al. (1956). Após a profecia falhar, o grupo racionalizou o fracasso atribuindo a misericórdia divina às orações dos membros. Por fim, o mecanismo mais comum, a *derrogação da fonte*, parece indissociável da própria linguagem hostil que o grupo adota quando fala da ciência e dos cientistas considerados “falsos”, o que está de acordo com a literatura (Melo et al., 2020; Mohammed, 2019; Paolillo, 2018). A *derrogação da fonte* se assemelha à falácia *argumentum ad hominem* e à máxima de que “as pessoas matam o mensageiro quando sua raiva não consegue alcançar a fonte de frustração” (Bauer, 2005, p. 12, tradução nossa)<sup>129</sup>.

No próximo bloco de mecanismos (*redução-confrontação*), dentre os ajustes de *mudança na atitude, na ação ou no padrão*, é a *tentativa de influência*, o mais empregado. O proselitismo ou tentativa de persuadir outros quanto a sua posição também foi identificado no estudo com os *Seekers* (Festinger et al., 1956). Depois que a profecia do grupo falhou, os membros se tornaram mais abertos à mídia jornalística precisamente para tentar influenciar outras pessoas e buscar apoio para sua posição. Como afirmam Moscovici e Doise (1994), “para quem participa de uma decisão, como sabemos, não basta ter escolhido e manifestado sua posição. Ele ainda deve persuadir outros a adotá-la” (p. 96, tradução nossa)<sup>130</sup>.

O penúltimo bloco (*manutenção-evitação*) reúne ajustes comuns, porém não entre o grupo terraplanista. O primeiro deles, a *compartimentalização*, é considerado uma das formas de polifasia cognitiva mais comuns (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015), contudo nossos dados não permitem identificar a extensão na qual os terraplanistas a empregam em

<sup>129</sup> “People kill the messenger when their anger cannot reach the source of frustration”.

<sup>130</sup> “For anyone participating in a decision, it is, as we know, not enough to have chosen and voiced his position. He must still persuade others to adopt it”.

seu cotidiano. Além disso, o grupo tende a priorizar um sistema de comunicação – a propaganda – contrário ao uso desse tipo de polifasia (Quadro 2). É, entretanto, esperado que essa seja uma estratégia incontornável. Afinal, “os ambientes da vida social moderna são muito mais diversos e segmentados” (Giddens, 2002, p. 81). Cada ambiente requer discursos e pensamentos distintos (Wagner et al., 2000). Estudo com pais judeus-israelenses que afirmavam um compromisso com a paz e ao mesmo tempo enviavam os filhos para servirem às forças armadas percebeu o uso da *compartimentalização* para aplicar lógicas opostas na manutenção do amor paterno e do compromisso com o projeto nacional, sem tensão evidente (Friling, 2012). Apesar de ter sido pouco evidenciada em nossos dados, a interação entre a *compartimentalização* e a perspectiva produz um *insight* relevante para a discussão sobre o caráter taxonômico dos grupos na TRS. Se a perspectiva está sempre dada pela relação entre a posição do observador e o objeto observado, objetos diferentes conclamarão posicionamentos distintos, os quais podem não estar em acordo com os valores esperados para o grupo de pertença de um indivíduo. Ou seja, a diferença entre grupos taxonômicos e grupos com “vida orgânica” (Lewin, 1948, p. 165 apud Marková, 2007, p. 224) ou estruturados (Sá, 1998) é relativa. Para os terraplanistas, quando o objeto é a Escola, o *grupo terraplanista* se torna uma categoria taxonômica, pois não é ele quem norteia a posição tomada, e sim outro grupo como o “concurseiro”. Por outro lado, se o objeto fosse o conteúdo escolar em geral, o *grupo terraplanista* voltaria a ser orgânico e representativo, descartando-o como “doutrinação”. É por isso que defendemos a existência de uma *perspectiva representante*. Sem conhecer a posição e o objeto, não podemos dizer muito sobre os vínculos de um indivíduo com um dos inúmeros grupos aos quais pertence.

Os dois últimos mecanismos, *insulação institucionalizada* e *ritualismo compensatório*, estão ambos vinculados. São esses mecanismos que provavelmente estão relacionados ao fato de que o conhecimento, a educação e a alfabetização científica não são a panaceia que a democracia normativa acreditou ser, isto é, não inibem a rejeição à ciência e aos consensos científicos (Bolsen, Druckman & Cook, 2015; Lewandowsky & Oberauer, 2016; Miller, Saunders & Farhat, 2015). Por essa razão, avaliar a aceitação do aquecimento global, da Teoria da evolução e outros consensos científicos não é uma forma precisa de mensurar o conhecimento científico das pessoas, já que aceitar algo é sobre quem as pessoas são e não sobre o que sabem (Kahan, 2017). Em outras palavras, as pessoas podem simplesmente emular o conhecimento de forma ritualística quando ele nada tem a ver com sua identidade, mas com seus objetivos; pois aceitar algo tem efeito de comprometimento. Esses mecanismos podem ter algum efeito na sofisticação, por exemplo, do racismo. Estudos têm mostrado que,

ao se tornarem antinormativas, em vez de se extinguirem, atitudes racistas apenas se tornam mais sutis e dissimuladas (Lima & Vala, 2004; Castro, 2003). Uma diferença, é claro, com alguns estudos, é que não ousaríamos falar aqui em “aceitação sem internalização” (Castro, 2002, p. 289). Essa suposição é pautada no Modelo do déficit. O *ritualismo compensatório* é o inverso disso, é a internalização sem aceitação.

No próximo e último bloco, *manutenção-confrontação*, inserimos as outras duas variedades de polifasia cognitiva. O primeiro mecanismo tratado foi o *reforçamento*, que além de ser uma estratégia comum na resolução de dissonância cognitiva pós-decisão (Harmon-Jones & Mills, 2019), aproxima-se do viés de confirmação na medida em que visa selecionar ou lembrar apenas dos pontos fortes e esperados de um objeto (Klayman, 1995; Lord et al., 1979). Já o mecanismo posterior, a *diferenciação*, em alguns casos pode estar relacionado à ameaça de estereótipo (Sherman & Cohen, 2006; Hall & Crisp, 2008). Basta lembrarmos da rapidez com a qual Marcio afirma não ter “nada contra” “judeus”, mesmo após dedicar longos minutos de vídeo denunciando seu adversário por disseminar princípios judaicos (V42). Já a *transcendência* pode ser comumente observada em exemplos históricos. Durante a Primeira Guerra Mundial, o bordão “a guerra para acabar com todas as guerras” era bastante popular e foi, mais tarde, semelhantemente usado por Franklin D. Roosevelt para justificar a entrada dos EUA na grande Guerra Mundial (Magnoli, 2006). Esse mecanismo também pode ser facilmente percebido no período da Santa Inquisição (Sagan, 2006).

Quanto ao *deslocamento*, é nele que reside nossa segunda distinção em relação à formulação original de Jovchelovitch e Priego-Hernández (2015). As autoras afirmam que “a dissonância cognitiva requer o deslocamento do conhecimento contraditório para restaurar o equilíbrio do eu” (p. 177, tradução nossa)<sup>131</sup>. Essa consideração não traz nenhuma vantagem, pois, se for válida, não há razão para se falar em *três* formas de polifasia cognitiva. Na verdade, pensamos que é imprecisa, pois na dissonância, os sujeitos podem simplesmente extinguir uma crença ou um comportamento. No mundo social, por outro lado, justamente porque raras vezes se pode abolir um conhecimento, instituição, grupo ou indivíduo é que ele é deslocado ou excluído, logo usamos a terminologia das autoras, mas o sentido mais apropriado parece ser o empregado por Falade e Bauer (2018), que falam na manutenção de dois conhecimentos no mesmo espaço, mas sob hierarquia. Finalmente, a última estratégia, a *hibridização*, está bastante de acordo com o esperado, considerando o sistema de comunicação no qual atua (Quadro 2) – propagação. Ao empregá-la, os terraplanistas parecem

---

<sup>131</sup> “Cognitive dissonance requires the displacement of contradictory knowledge in order to restore equilibrium to the self”.

estar sofrendo pressão para a uniformidade, isto é, “tentando encontrar um denominador comum” (Castro, 2002, p. 31) entre a cosmologia hebraica e a visão cosmológica de outros povos. Em relação às hipóteses que levantamos para condições nas quais a *compartimentalização*, o *deslocamento* e a *hibridização* tendem a ser usadas (Figura 20), Castro e Gomes (2005) resumem nosso raciocínio:

Pode-se dizer que essas propostas [sistemas de comunicação] repousam sobre um reconhecimento muito claro do papel da contradição e da existência de uma série de maneiras de lidar com ela que são dedutíveis pela lógica. Ou seja, quando nos deparamos com o fato de que sobre uma determinada questão social relevante existe <crença A> e também <crença não-A>, as opções lógicas disponíveis são quatro. É possível escolher uma contra a outra (Propaganda), ou é possível buscar a conciliação em um nível superordenado, redefinindo as crenças como nada contraditórias (Propagação), ou é possível apenas reconhecer sua existência lado a lado, não favorecendo uma em relação a outra (Difusão) (p.6, tradução nossa)<sup>132</sup>.

Apesar de inegavelmente úteis, os mecanismos citados não podem oferecer um quadro de compreensão oportuno sem um tratamento da alteridade. Os conteúdos que tais mecanismos gerenciam e tornam consistentes com o sistema de crenças e a perspectiva terraplanista são e continuarão sendo produzidos por outros indivíduos e grupos. Como eles são, portanto, fontes potenciais de informações, diferenças, perspectivas, ameaças e ações contraditórias, o diálogo e a proximidade com eles requer manejo constante. Para os terraplanistas, o contato com aqueles que se supõe parte do Sistema maligno passa pela lógica da alteridade radical. A alteridade, por sua vez, constitui um mecanismo de enfrentamento da ameaça (De Rosa & Mannari, 2020) e construção do outro como perigoso (Danfá, Aléssio & Torres, 2021), justificando discriminação e maus-tratos (Joffe, 2009).

Numa TC, a construção de alteridades radicais pode ser ainda mais saliente e recorrente, por isso Joffe (2009) considera que as TCs são “uma forma de resistência às representações sociais mais hegemônicas, que proliferaram nos meios de comunicação de massa de todo o mundo” (p. 314). Segundo Moscovici (1987), “uma teoria da conspiração transforma [...] distinções em barreiras que separam o nativo do estrangeiro (muito diferente do clássico “dentro” e “fora”), separando o humano do não-humano” (p. 166, tradução nossa)<sup>133</sup>. Como na arquitetura militar, as pessoas criam baluartes e trincheiras para se

<sup>132</sup> “It can be said that these proposals rest upon a very clear recognisance of the role of contradiction and the existence of a number of ways for dealing with it that are deducible by logic. That is, when we face the fact that about a certain relevant social issue there is <belief A> and there is also <belief non-A>, the logical options available are four. It is possible to choose one against the other (Propaganda), or it is possible to aim for conciliation on a super-ordinate level, redefining the beliefs as not contradictory at all (Propagation), or it is possible to just acknowledge their existence side by side, not favouring one over the other (Diffusion)”.

<sup>133</sup> “A conspiracy theory changes these distinctions into barriers separating the native from the foreigner (very different from the classic “in” and “out” group), separating the human from the nonhuman”.

defenderem de uma alteridade considerada ameaçadora. Sobre isso, Ichheiser (1946) argumenta que “existem, portanto, várias condições que definem o grau de nossa tolerância sempre apenas relativa. A mais importante delas é a existência de *barreiras físicas definidas* que, através de uma distância visível, estabeleçam e mantenham a *distância social* esperada” (p. 106, grifos do autor, tradução nossa)<sup>134</sup>. Aqui não são necessárias mais distâncias do que aquelas que existem e separam os terraplanistas dos espaços profissionais de produção da ciência. Haja vista que o conhecimento científico é veiculado diariamente pela mídia e em canais no Youtube, as barreiras necessárias são semânticas e servem para apresentar a representação alternativa ou aqueles que a sustentam de modo a limitar seu potencial (Panagiotou & Kadianaki, 2018).

A primeira barreira estabelece *oposições rígidas* pelas quais os grupos opostos são divididos em dois universos distintos: “uma região de luz do dia e claridade versus um ambiente opaco e noturno” (Moscovici, 1987, p. 154, tradução nossa)<sup>135</sup>. Nesse dualismo radical, o mal é demonizado enquanto as origens da bondade são deificadas (Bauman & Donskis, 2014). Há, é claro, uma relação estreita entre as *oposições rígidas* e os *pensamentos proibidos*. A verdadeira sabedoria do cientista de verdade é o que faltou a Adão e Eva, trata-se da obediência, ser temente. Como os terraplanistas tratam a Bíblia como um manual, os *pensamentos proibidos* agem como tabus. O tabu, por sua vez, é um tipo de conhecimento proibido, isto é, refere-se a “proibições muito antigas que [...] diziam respeito a ações em relação às quais existia um forte desejo” (Shattuck, 1998, p. 43).

Quanto à *atribuição de conspiração*, supomos que ela sirva para reduzir o prestígio e a autoridade na medida em que revela que ambos foram alçados de forma escusa. Ela efetua uma ligação entre um objeto ou indivíduo e um atributo – enganador, ocultador, manipulador, doutrinator (Orosz et al., 2016). Já na barreira *estigma*, os indivíduos são reduzidos às coletividades das quais fazem parte (Moscovici, 1987; Shermer, 2011), o que pode ser reflexo de formas extremas de comportamento intergrupar. Afinal, “quanto mais próxima uma situação estiver do extremo intergrupo, mais forte será a tendência dos membros do endogrupo de tratar os membros do exogrupo como itens indiferenciados de uma categoria social unificada” (Tajfel, 1984, p. 279, tradução nossa)<sup>136</sup>; suas razões são ainda *minadas*,

<sup>134</sup> “There are, therefore, several conditions which define the degree of our always only relative tolerance. The most important among them is the existence of *definite physical barriers* which, through a visible distance, establish and maintain the expected *social distance*”.

<sup>135</sup> “a region of daylight and clarity versus an opaque and nocturnal milieu”.

<sup>136</sup> “Cuanto más cerca esté una situación del extremo intergrupar, tanto más fuerte será la tendencia de los miembros del endogrupo a tratar a los miembros del exogrupo como ítems indiferenciados de una categoría social unificada”



pois na medida em que os indivíduos são apresentados “como robôs e fantoches manipulados por forças distantes, seus motivos se tornam suspeitos” (Moscovici, 1987, p. 168, tradução nossa)<sup>137</sup>. Tal como os fantoches, os adeptos do “Globo” têm uma *consciência falsa*.

Não somos os primeiros a comparar alguns raciocínios usuais na teoria marxista ao pensamento conspiratório. Popper (2008) classificou a tradição marxista como “teoria conspiratória da sociedade” (p. 372). Segundo o autor, “a teoria da conspiração é bastante conhecida, na forma marxista, como a conspiração da imprensa capitalista que perverte e suprime a verdade, incutindo falsas ideologias no espírito dos trabalhadores. Entre elas estão, obviamente, as doutrinas religiosas” (Popper, 2008, p. 35). Na teoria de vanguarda de Lenin, as massas eram concebidas como “infantis e ignorantes, em um estado de falta perpétua” (Jovchelovitch, 2008b, p. 7, tradução nossa)<sup>138</sup>. Merton (1945) também falou sobre a *falsa consciência* usada por Marx para explicar não apenas que “a burguesia controla o conteúdo da cultura, difundindo, assim, doutrinas e padrões estranhos aos interesses do proletariado” (p. 142), mas porque o proletário enganado por ela pode resistir à mínima “consciência de classe”. Não é de se estranhar que, em algumas situações, o uso dessa barreira semântica transmita “o sentimento de que nós temos o monopólio da verdade; de que as outras pessoas que acreditam em todas essas doutrinas estúpidas são imbecis; de que, se forem sensatas, elas vão nos escutar; e de que, se não o fizerem, estão fora do alcance da redenção” (Sagan, 2006, p. 257). Assim, essa acepção “não só gera fanáticos — convictos de que todos aqueles que não enxergam a verdade devem estar possuídos pelo demônio — mas pode levar também ao autoritarismo” (Popper, 2008, p. 36).

#### *Breve resgate do fenômeno da “cegueira social”: autocontradição humana e perspectiva*

“O fato de eu ver os outros me verem permite que eu me veja como os outros me veem” (Litt, 1924 apud Graumann & Kallmeyer, 2002, p. 2).

Na TRS, a diversidade de perspectivas dos indivíduos confere tensão dinâmica ao triângulo ego/alter/objeto (Marková, 2006). Nesse modelo, é comum enfatizarmos o *alter* como mediador entre o sujeito e o objeto. Aqui o *alter* também são aqueles com os quais a mediação não ocorre. Sob formas radicais, de um lado, a perspectiva terraplanista coloca o *alter* distante o suficiente para esvaí-lo de semelhanças e nitidez; de outro, bloqueia a

<sup>137</sup> “as robots and puppets manipulated by distant forces, their motives become suspect”.

<sup>138</sup> “As childish and ignorant, in a state of perpetual lack”.

possibilidade de assimilação de perspectivas contraditórias e ameaçadoras ao sistema de crenças e identidade dos adeptos da Terra plana. Por conseguinte os terraplanistas não podem mais se comparar com o *alter*, isto é, reexaminar seu ponto de vista da perspectiva dos outros. Para os terraplanistas, uma das principais implicações desse fenômeno continua sendo o que Garwood (2008) identificou precisamente como paradoxo central do sistema de Parallax. Segundo a autora, “a pesquisa zetética, chamada de ‘livre investigação’, embora afirmasse ser o ápice da busca objetiva da verdade (cooptando assim a imagem mitológica da descoberta heroica), não era aberta de forma alguma” (p. 358, tradução nossa)<sup>139</sup>. Esboçamos essa característica através da Figura 21, a qual sugere que certas contradições só podem ser vistas de outra perspectiva.

A Figura 21 traz um problema com o qual a Psicologia Social está sempre às voltas, sem dispor, no entanto, de uma linguagem comum. Não temos condições de reestabelecer um quadro sistemático de como esse tema tem permanecido subteorizado, mas podemos pinçar alguns apontamentos relevantes para uma discussão. O primeiro remete ao trabalho de Ichheiser (1946) para o qual o fenômeno da *cegueira* foi uma fértil preocupação: “o verdadeiro problema que enfrentamos, portanto, *não* é por que certas pessoas têm preconceitos, mas sim: *por que, embora todas as pessoas tenham preconceitos, percebemos e nos irritamos com apenas alguns deles?*” (p. 93, tradução nossa)<sup>140</sup>. Mais tarde, Ichheiser (1947) formulou o problema em termos de duas formas de percepção e autopercepção falsas. Enquanto a primeira consistia na atribuição de características que nós possuímos, mas os outros que acreditamos tê-las, não as têm, a segunda tinha a ver com “*perceber nos outros certas características que não percebemos em nós mesmos* e, assim, perceber essas características *como se fossem traços peculiares dos outros*” (p.131, grifos do autor, tradução nossa)<sup>141</sup>. Além de identificar essa “falta de *insight*” como um traço genérico da humanidade, o autor o nomeou como *mecanismo-cisco-viga*<sup>142</sup>. Apesar da tentativa legítima de colocação do problema em bases científicas, Ichheiser (1946) não levou suas ideias adiante,

<sup>139</sup> “The central paradox of Parallax’s counterfeit system was that zetetic research, so-called ‘free enquiry’, while claiming to be the ultimate in objective truth-seeking (thus co-opting the mythological image of heroic discovery), was not open at all”.

<sup>140</sup> “The real problem we face, therefore, is *not* why do certain people have prejudices, but rather: *why, although all people have prejudices, do we notice and are irritated by only some of them?*”.

<sup>141</sup> “*Perceiving certain characteristics in others which we do not perceive in ourselves* and thus perceiving those characteristics *as if they were peculiar traits of the others*”.

<sup>142</sup> No original *mote-beam mechanism*. Essa deve ter sido uma provável referência ao Evangelho de Mateus, que em 7:1-5, diz: “Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês. Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão”.

indicando apenas que a sociologia do conhecimento de Mannheim (1968/1929), ao contrário da Psicologia Social, tinha respostas adequadas ao problema. Como sabemos, o sociólogo propôs substituir a noção de *ideologia* por *perspectiva*.

Claramente inspirado em Ichheiser, Heider (1970) também tateou o fenômeno ao explorar a psicologia leiga. Ele estava interessado em entender a relação entre julgamentos equivocados e estilos perceptuais, isto é, “aquilo que a pessoa extrai do mundo porque tem uma forma pessoal de perceber” (Heider, 1970, p. 72). Um desses estilos geraria o que foi concebido como *atribuição egocêntrica*. Nesse tipo de atribuição, “a situação do outro é suposta, implicitamente, como igual à do observador” (p. 70). Essa suposição estaria baseada na “expectativa de que outras pessoas gostarão das mesmas coisas de que nós gostamos” (p. 179). Por sua vez, tal expectativa se ampararia numa atribuição do prazer ao objeto (Heider, 1970). Ocorre que “em vez de considerar humildemente nossas impressões do mundo como interpretações dele, nós as vemos como entendimentos ou apreensões corretas dele” (Jones & Nisbett, 1972, tradução nossa)<sup>143</sup>. Todas as nossas avaliações seriam assim egocêntricas, não fosse o fato de que ocasionalmente aprendemos que elas não são compartilhadas (Jones & Nisbett, 1972). Mas, além de endossar a aceção de Heider, Jones e Nisbett (1972) distinguiram duas perspectivas, a saber, a *perspectiva do observador* e a *perspectiva do ator*. Para ambas as perspectivas, as diferenças atributivas se devem a) ao conhecimento mais detalhado do ator sobre suas circunstâncias, história, motivações e experiências; e b) à saliência diferencial da informação disponível para cada uma dessas perspectivas.

Ainda no paradigma da atribuição causal e da psicologia ingênua, Ross e Ward (1996) colocaram o fenômeno da *cegueira* em bases teóricas e empíricas ainda mais sólidas. Foi estabelecido que a compreensão social do leigo repousa em três convicções acerca da relação entre sua experiência subjetiva e a natureza dos fenômenos que a engendra: 1) vejo as entidades e eventos como eles objetiva e realmente são, e minhas atitudes, crenças, gostos e prioridades decorrem de uma apreensão desapaixonada e imparcial; 2) outras pessoas racionais e de mente aberta compartilharão minhas opiniões, comportamentos e reações se tiverem acesso às mesmas informações que originaram meus pontos de vista; 3) quando isso não acontece, a) o indivíduo pode ter sido exposto a uma informação diferente, sendo possível um acordo caso isso fique claro; b) o indivíduo pode ser “preguiçoso”, “irracional” ou “relutante” em tirar conclusões razoáveis através de evidências objetivas; c) o sujeito pode estar sendo influenciado por alguma ideologia, interesses pessoais ou outro tipo de influência

---

<sup>143</sup> “Rather than humbly regarding our impressions of the world as interpretations of it, we see them as understandings or correct apprehensions of it”.

que distorça sua visão (Ross & Ward, 1996). A esse conjunto de pressupostos, os autores deram o nome de *realismo ingênuo*, considerando-o responsável por mal-entendidos, conflitos, superestimação de diferenças e subestimação de semelhanças.

Embora não tenha se utilizado desse referencial, Castro (2002) se deparou com o fenômeno na avaliação das visões de ciência num fórum sobre gestão de resíduos. A autora, entretanto, não encontrou suporte para a hipótese de que discursos diferentes estariam refletindo visões distintas sobre a ciência. Grupos com posições distintas tinham não só a mesma visão positivista de ciência, como partilhavam dos mesmos pressupostos: “(1) os dados existem, e quem os quiser ver será convencido daquilo que nós dizemos; (2) aqueles que não concordam conosco não estão a analisar as questões de forma suficientemente científica/técnica, mas estão, sim, a basear-se em valores” (Castro, 2002, p. 373).

Até aqui podemos dizer que todas essas colocações são razoáveis e têm algum eco com nossos resultados. Grosso modo, a RS de ciência de verdade compartilhada pelos terraplanistas não parece muito longe das RS que a sociedade, em geral, produz sobre esse mesmo objeto. Já a ciência falsa apenas reflete os desvios e intenções nefastas que invadem e corrompem a ciência tradicional e fazem com que ela não chegue às mesmas conclusões dos terraplanistas sobre o formato terrestre e outra miríade de questões. Antes de explicitarmos nossa posição, vale a pena ainda considerar alguns apontamentos de Moscovici e Hewstone (1986) sobre a *cegueira*. Eles fizeram a seguinte advertência: “a cegueira e a seleção são evidentes na vida social. Explicam muitas coisas, mas não todas. Qualquer explicação que as adote como ponto de partida é parcial” (Moscovici & Hewstone, 1986, p. 704, tradução nossa)<sup>144</sup>. Na TRS, a fonte do preconceito não necessariamente perpassa os supostos efeitos da ideologia, da falsa consciência, da alienação ou do processamento seletivo de informações. Tais explicações são consideradas parciais, porque não levam em conta “que grande parte das informações que chegam até nós e nos afetam é ambígua [...] no sentido de que não sabemos qual é o seu grau de verdade” (Moscovici & Hewstone, 1986, p. 704, tradução nossa)<sup>145</sup>. Em suma, a posição dos autores frente ao problema da *cegueira* e do desacordo sobre a realidade pressupõe que: a) diferentemente da Teoria da percepção e da atribuição na qual a realidade é considerada um dado sensorial, na TRS ela é produto da interação entre os indivíduos; b) as RS moldam a maior parte das explicações de senso comum definindo o grau de realidade dos objetos e dos comportamentos explicados; c) a principal fonte de preconceito envolvendo RS

<sup>144</sup> “La ceguera y la selección son evidentes en la vida social. Explican muchas cosas, pero no todas. Cualquier explicación que las adopte como punto de partida resulta parcial”

<sup>145</sup> “[...] que la mayoría de las informaciones que nos llegan y afectan son ambiguas [...] en el sentido de que no sabemos cuál es su grado de verdad”

decorre do fato de que elas não definem da mesma forma o que é “real” ou “fictício”; d) em vez da distorção ou seleção de informações, admite-se que a representação que possuímos nos leva a classificá-las de modo diferente, isto é, informações que não correspondem à representação terão grau de realidade inferior em relação àquelas que correspondem (Moscovici & Hewstone, 1986).

À parte a discordância quanto à premissa da *cegueira*, as teses acima foram levantadas em caráter provisório. Moscovici e Hewstone (1986) esperavam que, a longo prazo, surgissem explicações mais simples para a imputação de realidade e para a tendência do real a se assemelhar às nossas representações. Dito isso, com as devidas ressalvas<sup>146</sup>, quando comparamos as RS dos terraplanistas sobre a ciência de verdade com as RS de outros públicos que não acreditam que a Terra seja plana, nossos dados evidentemente não sustentam parcimoniosamente a hipótese de representações diferenciais, levando a classificações distintas sobre o que é real e o que não o é. Em nosso esquema, as RS que imputam maior ou menor realidade às coisas o fazem em correspondência com a decisão comunicada por meio da posição tomada em favor da veracidade da Bíblia<sup>147</sup>. Supomos assim que o indivíduo não tinha condições de tomar essa posição antes, caso contrário, não poderia haver conflito. Além disso, essa posição é uma partícula estrutural de uma perspectiva, no caso, *representante*. Ela regula a distância entre o observador, objetos, pessoas e eventos que serão representados. Dependendo da distância, objetos, pessoas e eventos aparecerão menores, maiores, mais ou menos nítidos. Se estiverem próximos do observador, a tendência predominante pode ser a superestimação das semelhanças e subestimação das diferenças; se estiverem distantes, deve ocorrer o inverso. Como essa configuração se refletirá na RS, falamos em *perspectiva representada*.

Uma segunda suposição em nosso esquema é que, seja qual for a alegação de *cegueira*, a afirmação de que há uma contradição que alguém não vê depende de uma perspectiva externa, logo a contradição deve ser um fenômeno também perspectivo. Fora do âmbito da lógica, consistências/inconsistências são valores. Como afirma Moscovici (2003), “desde os gregos, a norma dominante foi o princípio de não-contradição, que se tornou [...] uma categoria imperativa. Ela é tanto um imperativo jurídico, como retórico, dizendo-nos que

<sup>146</sup> Reconhecemos as limitações decorrentes da necessidade de uma análise da estrutura das RS dos terraplanistas.

<sup>147</sup> Com algum malabarismo, até poderíamos argumentar que há uma representação sobre a Bíblia como “inerrante”, como “autoridade máxima” e “literal” com a qual a realidade tende a convergir, mas isso força a TRS numa direção muito pouco parcimoniosa. À guisa do behaviorismo radical, no qual até a linguagem e a cognição têm que ser vistas como comportamento, quase tudo teria que ser considerado representação. Por assim dizer, o estudo das RS não levaria a lugar algum até que tivéssemos um catálogo enciclopédico humanamente inapreensível sobre todas as representações sociais existentes.

não devemos nos contradizer. Ao transgredir essa norma, somos qualificados como irracionais” (p. 328). Mesmo elevados à condição de norma, valores não podem ser tratados em termos de verdadeiro ou falso, relembra Kolakowski (1963):

A realidade dos valores é inconsistente, ou seja, é composta por elementos antagônicos. Esses elementos não podem ser todos aceitos como verdadeiros simultaneamente; no entanto, cada um deles demanda aceitação completa. Isso não é uma contradição lógica, uma vez que valores não são teses teóricas. É uma contradição inerente ao mundo do comportamento humano (p. 206, tradução nossa)<sup>148</sup>.

Nossa terceira e última suposição nos convida a entender o fenômeno da *cegueira* enfatizando a autocontradição. Se o indivíduo não vê semelhanças entre suas representações e comportamentos e as RS e ações dos outros e, no entanto, elas existem, o que ele não percebe é a autocontradição. E porque não percebe a autocontradição, sua perspectiva, suas representações e comportamentos são considerados consistentes. Como não pode mais se comparar com os outros, considerados radicalmente diferentes, não vê a contradição. Essa é a ideia que damos de um *ponto-cego* (Figura 22).

Podemos usar essas proposições para reler alguns resultados de um engenhoso estudo conduzido por Valsiner e Cappelz (2002 apud Valsiner, 2003) sobre a construção de um ato violento. O estudo contou com 30 estudantes universitários dos EUA e 40 da Estônia, os quais foram solicitados a apontar uma arma de brinquedo em direção a uma tela na qual distintas imagens de objetos eram projetadas. Antes de comunicar sua decisão de atirar ou não, deviam descrever cada imagem e seus respectivos sentimentos e pensamentos, além de explicar imediatamente como chegaram à decisão. Enquanto algumas imagens eram neutras, outras eram reconhecíveis, como o *Duck hunt* (pato de videogame popular nos EUA), uma pessoa usando uma máscara da Ku Klux Klan e uma imagem de um sujeito com bigode (Hitler). Nas duas últimas imagens, embora parte dos sujeitos manifestasse sua reprovação, decidiam não puxar o gatilho porque, em suma, acreditavam que estariam usando de “violência para combater a violência” e, por conseguinte se tornando semelhantes às pessoas pelas quais sentem repúdio. Outra parte puxava o gatilho alegando que se tratava apenas de “seres humanos horríveis” que causaram grande mal à humanidade. Um dado interessante é que os indivíduos dessa mesma pesquisa também foram solicitados a avaliar o grau de violência e o nível de prazer em 90 filmes populares (Cappelz, 2003). Mesmo repudiando a violência, havia indivíduos que puxavam o gatilho, enquanto outros sujeitos que relataram mais prazer

---

<sup>148</sup> “The reality of values is inconsistent, i.e., it is composed of antagonistic elements. These elements cannot all be accepted as true simultaneously; yet each of them demands complete acceptance. This is not a logical contradiction, since values are not theoretical theses. It is a contradiction inherent in the world of human behavior”.

com os filmes, não o fizeram. Em nossa visão, aqueles que não puxaram o gatilho possivelmente se compararam e anteciparam a autocontradição. Já a outra parcela dos sujeitos colocou os alvos à distância atribuindo-lhes alteridades radicais que, como estamos argumentando, impedem comparações sociais. Os sujeitos podem até ver a contradição, mas ela não tem efeito de semelhança.

Há, contudo, uma implicação teórica em nosso raciocínio, a qual coloca a revisão da literatura sobre comparação social na ordem do dia. Nossa sugestão depende tanto do modelo de comparação social de Tajfel (1984) quanto da compreensão de Festinger (1954). Resumimos as principais características da abordagem de ambos os autores no Quadro 3:

	Nível	Unidade	Orientação ontológica	Pressão	Status do alvo	Motivo/desfecho	Hipóteses
Festinger	Interpessoal	Indivíduo <i>Self</i>	Realidade (padrão)	Uniformidade	Semelhança (autoavaliação)	Autoavaliação Assimilação	Proximidade do padrão
					Descendente (autoaperfeiçoamento)	Implicações negativas (relevantes)	Outro é ponto de partida
Tajfel	Intergrupual	Grupo Identidade	Fantasia (criação, aumento)	Distintividade	Diferença (autoestima)	Autocategorização	Distância do padrão
					Diferente (identidade)	Contraste (indicadores de exogrupo)	
					Inferior (exclusão)	(maior identificação e comprometimento com endogrupo)	
					Superior (desigualdade, injustiça)	(ameaça de estereótipo)	
						Implicações negativas (irrelevantes)	

**Quadro 3.** Principais diferenças entre a comparação social em Tajfel e em Festinger

Fonte: Elaborado a partir de Tajfel (1984), Festinger (1954), Hogg (2000), Mussweiler (2001), Hall & Crisp (2008)

No Quadro 3, a primeira distinção traçada entre as duas abordagens da comparação social refere-se ao nível. Segundo Tajfel (1984), Festinger estava majoritariamente interessado em comparações feitas entre indivíduos e nas avaliações de si (*self*). Para o autor, essa ênfase negligenciava o fato de que indivíduos são membros de diversos grupos e essas filiações contribuem positiva ou negativamente para sua identidade. Tajfel (1984) entendia, portanto, que no nível interindividual, as comparações estavam preocupadas com pressões intragrupos para a uniformidade no nível da realidade, ao passo que as comparações intergrupais ocorriam com membros de grupos de status diferente, superior ou inferior, mais no nível da “fantasia” do que da realidade. Nas comparações interindividuais, a necessidade de autoavaliação é satisfeita em comparações com indivíduos relativamente semelhantes (Festinger, 1954). Contudo, comparações com pessoas distintas também ocorrem, pois, se de um lado, a similaridade favorece a comparação social quando o intuito é a autoavaliação, o mesmo não ocorre se o objetivo é o autoaperfeiçoamento (Hogg, 2000). Para se autoaperfeiçoar, são feitas comparações descendentes (indivíduos piores em algum padrão) e

ascendentes (pessoas ligeiramente melhores do que nós mesmos). Em Tajfel (1984), porém, há uma necessidade de manter uma identidade positiva, a qual depende da diferenciação. Assim, se um grupo considera outro inferior, a tendência é a exclusão; se, conseqüentemente, considera-se superior, a desigualdade ocorre, por exemplo, na concessão de recursos (Tajfel, Billig, Bundy, & Flament, 1971; Tajfel & Turner, 1979).

Em relação às motivações e aos desfechos das comparações, estudos que investigam as duas abordagens de comparação social sugerem que respostas assimilativas tendem a ocorrer quando indivíduos se avaliam inicialmente como semelhantes, enquanto respostas contrastivas acontecem quando se percebem como diferentes de um padrão comparativo (Mussweiler, 2001; Hall & Crisp, 2008). Ao menor sinal de um contexto intergrupar, o contraste ocorre especialmente entre indivíduos com alto comprometimento e identificação endogrupal. Nesse caso, o contraste ocorre mesmo às custas de pior desempenho em uma tarefa na qual é sabido que está ocorrendo uma comparação com outro grupo com o qual não há identificação, isto é, a ameaça de estereótipo ronda o bom desempenho (Hall & Crisp, 2008). Desse modo, o princípio da realidade deve ter relevância para as comparações interpessoais, porque suas implicações negativas para os objetivos de autoavaliação e autoaperfeiçoamento são importantes. O mesmo não se pode dizer das comparações intergrupais. Se a diferença não existe, ela é prontamente fabricada (Tajfel, 1984). Em suma, a literatura tem observado ainda que se a comparação tem o outro como ponto de partida, há tendência maior à assimilação. Se, de outro modo, o Eu é o ponto de partida, o contraste tende a ser mais comum (Mussweiler, 2001; Hall & Crisp, 2008; Rateau et al., 2012).

Considerando esses achados, é possível que, devido ao contexto intergrupar iminente em nossos dados – o qual reflete o tipo de inferência feita em favor de uma conspiração –, o contraste seja a base da avaliação inicial. Assim, uma explicação alternativa até poderia indicar que se o grupo se considera melhor, isto é, detentor da “ciência de verdade”, não há razões para se comparar com outro grupo. A superioridade seria um fato. O problema com essa compreensão, no entanto, é que nosso grupo se vê como mais “humilde”, “menos dogmático”, mais “aberto” e “questionador”. Devemos, portanto, insistir no fato de que a “falta de *insight*” (Ichheiser, 1946) desses indivíduos é mais bem vista da nossa perspectiva. Se é, por fim, válido que as comparações interpessoais permitem o autoconhecimento (Martinez, 2018), Nietzsche (1992) deve ter razão com seu famigerado *insight* inspirado em Hamlet: “o conhecimento mata a atuação, para atuar é preciso estar velado pela ilusão” (p. 56).



Por certo, a autocontradição é um daqueles fenômenos que a história humana torna clichê. Um relance é o suficiente para perceber grupos perseguidos de uma época se tornando os perseguidores da próxima. Sob a perseguição de Nero (64 D.C.) e do Édito de Milão (313), o Império Romano martirizou cerca de 18.000 cristãos. Já na Inquisição, lideranças da Igreja Católica executaram até 10.000 dissidentes da fé – número que, embora menor, não deixa de surpreender vindo de quem antes era dissidente (De Boni, 2014). Na era seguinte, os dissidentes que protestavam contra a “Idade das trevas” não produziram só luzes. Sob a suprema autoridade da razão, achava-se que o Estado deveria agir como um “jardineiro” eliminando as “ervas daninhas” (Bauman, 1999, p. 29). Pelos ideais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entre 16 e 40 mil cidadãos foram guilhotinados (De Boni, 2014). Mesmo em nome da justiça estrutural, injustiças particulares podem e são cometidas (Bosco, 2017).

Em comentário à ideia creditada a Michelet, Moscovici (2020) afirmou: “‘Cada era sonha com a próxima’. Sem dúvida, mas por tudo isso não escapa do pesadelo da anterior” (p. 3, tradução nossa)<sup>149</sup>. Poderíamos nos iludir com a busca de um ponto médio e equilibrado frente ao problema da autocontradição, todavia o equilíbrio também pode exceder-se; além disso, a consistência também pode ser problemática (Kolakowski, 1963), especialmente se refletir uma busca extrema por consonância com algum princípio ou valor, como os terraplanistas aspiram em relação à Bíblia. É buscando a consistência que, por vezes, nos contradizemos. Ademais, se indivíduos e grupos sociais tendem a ser melhores em ver as contradições dos outros do que as suas próprias, e a consistência é imprescindível (Moscovici, 2011) para influenciar os outros, a influência de um grupo nunca terá êxito total. Seja como for, a assimetria entre a abundância de exemplos práticos e históricos de autocontradições e a escassez de explicações científicas ainda precisa constranger mais a Psicologia Social.

---

<sup>149</sup> “‘Each era dreams of the next one’. No doubt, but for all that, it does not escape the nightmare of the previous one”.

## Considerações finais

Embora a transformação da ciência numa atividade coletiva tenha tornado a formação de consensos imprescindível (Moscovici & Doise, 1994), não há consenso sobre a própria definição desse objeto. Como bem ponderou Merton (2013/1942), “‘Ciência’ é uma palavra enganosamente inconclusiva, que se refere a uma variedade de itens distintos, embora inter-relacionados entre si” (p. 182). Não é que esforços notáveis não tenham se prestado ao trabalho de nos apresentar ilustres propostas sobre a ciência, mas a cada proposição, pudemos ver as fronteiras entre o conhecimento científico e a sociedade em seu entorno se diluírem. Ao longo dos séculos, a atividade científica modificou o senso comum e se tornou uma fonte de fascínio e preocupação entre os diversos públicos. Se o universo reificado tem dúvidas sobre a própria existência da ciência no singular, o universo consensual age como se ela fosse tão clara quanto um espelho. A epistemologia do senso comum foi assim incluída por meio da consolidação de pesquisas de percepção pública de ciência. Esse campo de pesquisas, contudo, não se desvencilhou de uma longa tradição de escárnio ao senso comum, cujos pressupostos sugerem lacunas e déficits no conhecimento popular, os quais cientistas acreditam ser capazes de corrigir.

Na atualidade, essa crença tem sido desafiada pela coexistência de certo interesse do público pela ciência e pelas teorias conspiratórias e *fake news* – estimuladas pela era da Web 2.0. Nossas sociedades massivamente tecnocientíficas não eliminaram esses e outros fenômenos correlatos. Pelo contrário, vimos a ascensão de grupos cujas ideias colidem frontalmente com diversos consensos científicos. O caso mais emblemático e agudo é o movimento terraplanista que, diga-se de passagem, argumenta contra um consenso milenar sobre o qual já não há a menor sombra de debates científicos. Diferentemente do que os divulgadores de ciência e adeptos do Modelo do déficit supunham, a alfabetização científica e o melhor conhecimento científico não têm o efeito esperado na mitigação dessa e de outras tendências. Em alguns casos, ocorre o inverso, o efeito pode ser o de ampliar a rejeição ou a polarização em torno de um consenso científico. Dentre as teorias mobilizadas no campo da Ciência da Comunicação Científica para explicar e prever situações como essa, a TDC reaparece como base teórica. Embora tenha reconhecido essa importante teoria em Psicologia Social, esse novo campo, que se propôs a substituir o Modelo do déficit, não ampliou seu diálogo com ela nem com outras teorias. Pois, na mesma época em que a discussão sobre a popularização da ciência emergia, a Psicologia Social já contava com um arcabouço teórico avesso ao Modelo do déficit. A TRS nasceu em meio a discussão sobre a “vulgarização

científica”, desafiando as visões de seu tempo sobre o senso comum. Portanto, pareceu-nos necessário aproximarmos a TRS e a TDC a fim de compreendermos o fenômeno das RS de ciência para o grupo terraplanista, o qual ressurgiu difundindo a ideia da Terra plana com ênfase numa TC, no YouTube.

Frente às questões norteadoras, as quais reformulamos através dessa proposta de articulação, nossos resultados sugerem que:

a) O mesmo processo que parece tornar a esfericidade terrestre estranha para os terraplanistas, também lhes revela faces estranhas da ciência a ponto de colocar em funcionamento sobretudo o processo de elaboração de RS. Essas dimensões estranhas à perspectiva terraplanista nos levaram à identificação de cinco formas de estranhamento, a saber, *ambiguidade, aleatoriedade, invisibilidade, complexidade e desproporcionalidade*.

b) Enquanto a RS de ciência de verdade se propõe a absorver essas formas de estranhamento e torná-las familiares, a representação alternativa de ciência falsa age como contraparte, propalando-as. Sugerimos que pode ser dessa forma que o terraplanismo constrói uma “ciência” que rejeita a própria ciência.

c) Perante o conflito iminente entre o relato da cosmologia bíblica e a descrição da ciência moderna sobre o formato da Terra, os terraplanistas decidem em favor da veracidade da Bíblia, por conseguinte essa é a posição em função da qual os terraplanistas representam a ciência e é refletida na *perspectiva representada* que suas RS veiculam.

d) Após a decisão, há evidências de que o grupo enfrenta dissonância cognitiva, pois a alternativa rejeitada, a “ciência falsa”, é prontamente desprezada e reavaliada por meio de uma atribuição causal que infere uma conspiração. Tal inferência torna o grupo tão sensível quanto alerta a mensagens subliminares, objetos ocultos e estranhos. Da tentativa de lidar com a dissonância, novas inconsistências são geradas e mecanismos de gerenciamento da inconsistência, dos quais a dissonância cognitiva e polifasia cognitiva fazem parte, são empregados.

e) Nem todas as inconsistências, entretanto, são percebidas. Uma vez que o manejo das contradições requer a regulação do diálogo com a alteridade que as produz ou as expõe, o uso de barreiras semânticas e da atribuição de alteridades radicais, coloca o *alter* à distância. Comparações sociais com o *alter*, as quais poderiam tornar as inconsistências visíveis, não podem ser feitas. Segue-se que os terraplanistas não podem, da sua perspectiva, ver as semelhanças que podem ter com aqueles que consideram, dentre outras coisas, “falsos”, “doutrinados” e “dogmáticos”.

Em conjunto, esses resultados compõem a teoria substantiva que pode ajudar a compreender à *conversão* ao movimento terraplanista. Assim, por meio do estudo das representações sociais, buscamos contribuir para o campo da Ciência da Comunicação Científica, com o qual tem mantido pouco diálogo. Ao insistirmos numa abordagem não baseada no Modelo do déficit, procuramos contribuir com a construção de um esquema alternativo para o estudo da percepção pública de ciência, sobretudo em meio ao desafio referente às teorias conspiratórias.

Esperamos ter contribuído com a ampliação do diálogo também entre a TRS e a TDC, indicando a validade desses paradigmas para o estudo da ciência para grupos adeptos de TCs. Mais especificamente almejamos contribuir para a articulação e a integração da dissonância cognitiva e polifasia cognitiva numa base teórica comum. Essa base, por sua vez, permitiu a identificação de sobreposições conceituais e compreensão sobre as variedades de polifasia cognitiva (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015; Falade & Bauer, 2018).

Por meio da Teoria fundamentada, também nos esforçamos para contribuir com o desenvolvimento da TRS oferecendo uma teoria substantiva sobre a *conversão* ao terraplanismo. Ao investigar as fontes de estranheza associadas à ciência para o grupo, atendemos a uma recomendação moscoviciana antiga, porém pouco explorada.

Somamos nossos esforços a outros no sentido de tentar tornar a TRS mais preditiva (Jovchelovitch & Priego-Hernández, 2015; Jodelet, 2017). A associação da polifasia cognitiva aos sistemas de comunicação pode facilitar a inferência dos diferentes estilos comunicacionais. Reconhecemos, por fim, que nosso empreendimento será mais útil se puder reabilitar e reacender a ambição inicial de Moscovici (1978) por um projeto integralista na TRS, certos de que a integralização não deva ser um projeto apenas dessa teoria, e sim dos variados paradigmas e campos da Psicologia Social (Rateau et al., 2012).

Devemos reconhecer ainda que essas contribuições se tornam significativamente modestas frente às limitações de nosso estudo. Dentre as limitações bibliográficas, vimos a necessidade de revisões sobre a literatura da atribuição causal – embora ela já venha sendo usada em estudos no campo da TRS (Rateau et al., 2021); revisões sobre a literatura da comparação social em Tajfel e em Festinger; revisões sobre o estudo das teorias conspiratórias a fim de contribuir com a sistematização de um quadro investigativo comum. Como nosso objeto foi a ciência e não as TCs – elas são objetos de interesse do grupo que investigamos –, não empreendemos uma revisão sistemática; por fim, uma revisão do campo da história virtual, como indicou Moscovici (2020), pode ser útil na compreensão das

representações sociais virtuais. Em nosso estudo, só pudemos identificar a validade desse conceito ainda de modo muito insatisfatório.

Em se tratando das limitações analíticas, não realizamos uma análise dos elementos simbólicos das TCs partilhadas pelos terraplanistas. Além desse objeto ser secundário em nosso estudo, não contamos com referencial teórico adequado para essa tarefa que, poderia, por exemplo, basear-se em pressupostos do campo da memória coletiva. Também não foi nosso objetivo aprofundar na proposta de Moscovici (1993) acerca de uma Psicologia Social da ciência. Buscamos apenas mostrar seu potencial, mas o campo ainda requer uma sistematização.

Quanto às limitações metodológicas, nossa análise foi documental e se apoiou em pressupostos da abordagem qualitativa. Generalizações sobre diversas características associadas ao grupo que investigamos requerem não só estudos com indivíduos adeptos da Terra plana em outros contextos, mas também pesquisas com populações maiores em nível correlacional. No primeiro caso, estudos com indivíduos que se reúnem fora da internet podem fornecer uma base de comparação em relação às variações sobre a mesma ideia da Terra plana. No segundo, investigações com populações maiores podem ampliar a compreensão sobre diferentes fontes de crença na Terra plana.

Os grupos que estudamos aqui fazem parte de um movimento relativamente organizado, conforme a análise de redes sociais mostrou. Sua crença não pode ser atribuída a lacunas nem a um suposto déficit escolar. Mas certamente há estratos mais minoritários da população que deve acreditar nessa ideia por essas razões. Adicionalmente, nossos dados documentais analisados envolveram apenas os vídeos produzidos pelos canais informantes e não empreendemos uma análise de comentários deixados por usuários nesses vídeos. Diferentemente dos canais informantes, como não poderíamos checar se os comentaristas realmente acreditam na Terra plana, ou mesmo se existem, preferimos deixá-los de fora. Contudo eles podem ser úteis em outras pesquisas com recortes distintos.

Para nossa teoria substantiva, entretanto, nenhum desses estudos substitui a necessidade de pesquisas experimentais. Modelos experimentais são mais adequados ao nível das causas/efeitos. Eles podem permitir:

- a) Uma melhor geração e teste de hipóteses e condições sob as quais a polifasia cognitiva e os diversos mecanismos podem ser aplicados no gerenciamento da inconsistência. O mesmo pode ser dito sobre as formas de estranhamento. Se elas violam expectativas, devemos testar sua capacidade de gerar dissonância cognitiva. Esse tipo de investigação melhoraria não só nosso entendimento sobre

os efeitos de novas teorias, fenômenos e proposições científicas estranhadas pelo público, como ajudaria a sedimentar as aproximações teóricas que fizemos com a gênese das RS.

- b) Aperfeiçoamento e continuidade do estudo experimental da perspectiva a propósito das duas hipóteses – *divergência* e *convergência* – que Graumann e Sommer (1989) integraram. Basicamente uma inversão do método de Pichert e Anderson (1977) pode dar conta da hipótese da *convergência*, enquanto replicações do método original podem reforçar a primeira hipótese.
- c) O estudo experimental de barreiras semânticas também pode ser profícuo. Embora saibamos para que elas servem, pouco sabemos sobre as condições nas quais cada barreira pode ser mais ou menos usada.
- d) O estudo estrutural das RS é necessário. A investigação da estrutura das RS de ciência para terraplanistas pode dar ou não suporte às comparações que fizemos com outros estudos. Além disso, uma vez que elementos centrais são mais estáveis numa RS, o grupo deve ter mais compromisso com eles. E se há mais compromisso com alguns elementos, e não com outros possíveis, eles devem refletir decisões as quais são comunicadas através de posicionamentos. Logo merece ser testada a possibilidade da posição ante uma questão relevante para o grupo predizer correspondentemente elementos do núcleo central. Essa poderia ser uma forma de estudar a *perspectiva representada* na abordagem estrutural.

Devemos insistir que a importância de novos estudos que possam enquadrar as questões acima em diferentes aportes metodológicos está diretamente ligada às implicações que discutimos. Especialmente em relação ao fenômeno da *cegueira* e da autocontradição humana, é preciso avançarmos no sentido de formular hipóteses as quais não apelem a barreiras semânticas como a *falsa consciência*. Além de reforçar o Modelo do déficit, a persistência nesse tipo de explicação pode levar à produção de alteridades radicais sobre os próprios sujeitos cuja perspectiva “desejamos” estudar e compreender. Ao fazê-lo, incorreríamos nos mesmos problemas que vimos na perspectiva terraplanista, isto é, oferecer explicações unilaterais para os erros dos outros e despercebermos os nossos. Não por acaso, uma das dificuldades de estudar *pontos-cegos* sem atribuí-los aos preconceitos e à *falsa consciência* reside nos benefícios que indicá-los pode trazer para quem o faz. Quando Ichheiser (1946) mostrou-se surpreso com o fato de que o *mecanismo-cisgo-viga* era pouco estudado, logo intuiu que os cientistas não estavam isentos do fenômeno (Lima, 2014). Pois, posto nas bases da perspectiva, como era de interesse de Ichheiser (1946) e Graumann (1994),

não deve haver benefícios para ninguém. Benefícios só poderiam surgir da compreensão e do estudo de múltiplas perspectivas.

Finalmente, no que concerne às políticas públicas ligadas à ciência e à divulgação científica, nossos dados indicam a necessidade de que, de um lado, as pesquisas de percepção pública de ciência possam refletir sobre limitações contidas em seus pressupostos, sobretudo aqueles associados ao Modelo do déficit; e de outro, que comunicadores em ciência levem em conta estudos do campo da Ciência da Comunicação Científica e da Psicologia Social. Afinal, a depender da postura adotada, dos termos usados e das expectativas do comunicador, a exposição de informações científicas pode intensificar a rejeição a teorias científicas ou aumentar a polarização em torno delas (Lord et al., 1979; Moscovici & Doise, 1994). Por assim dizer, nossas expectativas precisam ser menos audazes. Se o público entender uma teoria, utilizá-la em alguma situação social, a despeito de discordar dela em favor de crenças e valores os quais parecem mais relevantes em seu cotidiano, o objetivo da comunicação científica terá sido atingido.

## Referências

- Abric, J. C. (2001b). Práticas sociais, representaciones sociales (pp. 195-215). In: In: J. C. Abric. (Org.). Práticas sociales y representaciones. México: Ediciones Ccoyacán.
- Abric, J.C. (2001a) Las representaciones sociales: aspectos teóricos (pp. 11-32). In: J. C. Abric. (Org.). Práticas sociales y representaciones. México: Ediciones Ccoyacán.
- Alba, G. R., Muller, A. N., Arnhold, C., Kieling, A. & Casalinho, J. D. (2018). A Relação entre Extremismo Político, Ilusão de Conhecimento e Crenças Conspiratórias e seus Impactos nos Eleitores de Três Municípios do Rio Grande do Sul. *Revista de Administração IMED*, Passo Fundo, 8(2): 23-38.
- Alberti, L. B. (1435/1992). *De Pictura*. Paris: Macula Dédale.
- Albuquerque, A. & Quinan, R. (2019). Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal "professor terra plana". *Revista Mídia e Cotidiano*, 13(3): 82-104
- Aléssio, R. L. S., Apostolidis, T. & Santos, M. F. S. (2008). Entre o Aborto e a Pesquisa: O Embrião na Imprensa Brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3): 455-463.
- Allain, J. M. & Nascimento-Schulze, C. M. (2009). A Formação de Representações Sociais de Transgênicos: a Importância da Exposição Científica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(4): 519-530.
- Allen, V. (1964). Uncertainty of Outcome and Post-Decision Dissonance. In: Festinger, L. *Conflict, Decision, and Dissonance* (pp. 34-45). California, Stanford University Press.
- Amaro, F. (2012). Uma proposta de classificação para os vlogs. *Revista Comunicologia*, 5(1): 79-108. Recuperado de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/3726>
- Amiot, C. E., Louis, W. R., Bourdeau, S., & Maalouf, O. (2017). Can harmful intergroup behaviors truly represent the self?: The impact of harmful and prosocial normative behaviors on intra-individual conflict and compartmentalization. *Self and Identity*, 16(6), 703–731.
- Anderson, R. C. & Pichert, J. W. (1978): Recall of Previously Unrecallable Information Following a Shift in Perspective. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 17, 1-35.
- Anderson, R. C., Pichert, J. W. & Shirey, L. L. (1983): Effects of the Reader's Schema at Different Points in Time. *Journal of Educational Psychology*, 75, 1-34.
- Anderton, C.L., Pender, D.A. & Asner-Self, K.K. (2011). A Review of the Religious Identity/Sexual Orientation Identity Conflict Literature: Revisiting Festinger's Cognitive Dissonance Theory. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 5 (3-4), 259-281.
- Andrade, G. (2020). Medical conspiracy theories: cognitive science and implications for ethics. *Med Health Care Philos.*, 23(3):505-518.
- Andreouli, E. & Chrysoschoou, X. (2015). Social representations of national identity in culturally diverse societies (pp. 309-322). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Aronson, E. & Carlsmith, M. (1962). Effect of the severity of threat on the devaluation of forbidden behavior. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66(6), 584-588.
- Aronson, E. & Mills, J. (1959). The effect of severity of initiation on liking for a group. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59(2), 177–181.



- Aronson, E. (1969). The Theory of Cognitive Dissonance: A Current Perspective. *Advances in Experimental Social Psychology*, 4: 1–34. doi:10.1016/s0065-2601(08)60075-1
- Aronson, E. (1992). The Return of the Repressed: Dissonance Theory Makes a Comeback. *Psychological Inquiry*, 3(4), 303-311.
- Arruda, A. (2015). Image, social imaginary and social representations (pp. 128-142). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Bachelard, G. (2005/1938). A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento (5a ed.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bacon, F. (2002/1620). *Novum Organum*. São Paulo: Nova Cultural.
- Bacon, F. (2007). *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- Bale, J. M. (2007) Political paranoia v. political realism: on distinguishing between bogus conspiracy theories and genuine conspiratorial politics. *Patterns of Prejudice*, 41 (1): 45-60
- Banchs, M. A. (2000). Aproximaciones Procesuales y Estructurales al estudio de las Representaciones Sociales. *Papers on Social Representations*, 9, 1-15.
- Barkun, M. (2013). *A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America* (2 ed). California: University of California Press.
- Bartlett, F. (1995). *Remembering: a study in experimental and social psychology*. Cambridge University Press. Basham, 2001
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (1999). Towards a Paradigm for Research on Social Representations. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 29(2): 0021-8308.
- Bauer, M. W. (2005). Public Perceptions and Mass Media in the Biotechnology Controversy. *International Journal of Public Opinion Research*, 17 (1): 5-22. doi: <https://doi.org/10.1093/ijpor/edh054>
- Bauer, M. W. (2015). On (social) representations and the iconoclastic impetus (pp. 43-64). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento - Evitando confusões. In: M. W. Bauer & G. Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático (pp. 17-36). Petrópolis: Vozes.
- Bauer, M. W., Kohring, M., Allansdotir, A., & Gutteling, J. (2001). The dramatization of biotechnology in elite mass media (pp. 35-52). In: G. Gaskell & M. W. Bauer (Eds.). *Biotechnology 1996-2000*. Londres: Science Museum.
- Bauer, M., Petkova, K. & Boyadjieva, P. (2008). O conhecimento e atitudes do público face à ciência: medidas alternativas que poderão acabar com as guerras da ciência (pp. 67-88). In: C. M. Nascimento-Schulze, & J. C. Jesuino (Orgs.). *Representações sociais, Ciência e Tecnologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bauman, Z. & Donskis, L. (2014). *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Editora Schwarcz - Companhia das Letras.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- Benoit, P. & Micheau, F. (1995). O intermediário Árabe? (pp. 183-211). In: M. Serres (Org.). *Elementos para uma história das Ciências I: da Babilônia à Idade Média*. Lisboa: Terramar.

- Benoit, P. (1995). A teologia no século XIII: uma ciência diferente das outras (pp.213-232). In: M. Serres (Org.). *Elementos para uma história das Ciências I: da Babilônia à Idade Média*. Lisboa: Terramar.
- Berry, J. W. (1984). Cultural Relations In Plural Societies: Alternatives to Segregation and Their Sociopsychological Implications. In: Miller, N., & Brewer, W. (eds.). *Groups in Contact* (pp. 11-27). Nova Iorque: Academic.
- Berry, J. W. (2011). Integration and Multiculturalism: Ways towards Social Solidarity. *Papers on Social Representations*, 20: 2.1-2.21. Recuperado de <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/414>
- Bertotti, T. G. (2020). Como lidar com a popularização do terraplanismo? Uma proposta a partir da Filosofia da Ciência de Susan Haak. *Revista Eletrônica de Filosofia*, 17(2): 196-207.
- Bessi, A. et al. (2015). Science vs Conspiracy: Collective Narratives in the Age of Misinformation. *PLoS ONE*, 10(2):1-17.
- Bishop, B. A. & Anderson, C. W. (1990). Student conceptions of natural selection and its role in evolution. *Journal of Research in Science Teaching*, 27(5): 415-427.
- Bloor, D. (2009). *Conhecimento e imaginário social*. São Paulo: Editora Unesp.
- Bluteau, R. (1720). *Vocabulario portuguez e latino ...* Coimbra: Officina de Pascoal da Sylva.
- Bolsen, T., Druckman, J. N., & Cook, F. L. (2015). Citizens', Scientists', and Policy Advisors' Beliefs about Global Warming. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 658(1), 271–295.
- Bonfim, C. S. & Garcia, P. M. P. (2021). Investigando a “Terra plana” no YouTube: contribuições para o ensino de Ciências. *REnCiMa*, 12(3): 1-25.
- Boni, L. A. D.. (2014). O estatuto jurídico das perseguições dos cristãos no Império Romano. *Transformação*, 37(spe): 135–168. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-3173201400ne00009>
- Borges, M. N. (2011). Ciência básica: caminhos e perspectivas. *Parc. Estrac.*, 16(32): 403-420.
- Bosco, F. (2017). *A vítima tem sempre razão?: lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*. São Paulo: Editora Todavia S.A
- Bourdieu, P. (2004). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Braga, M., Guerra, A. & Reis, J. C. (2003). *Breve história da Ciência Moderna I: convergência de saberes (Idade Média)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Braga, M., Guerra, A. & Reis, J. C. (2004). *Breve história da Ciência Moderna II: das máquinas do mundo ao universo-máquina (séc. XV a XVII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora
- Brailas, A. V. (2014). Networked Grounded Theory. *The Qualitative Report*, 19(8), 1-16. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2014.1270>
- Brasil (2017). Relatório nacional voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
- Breakwell, G. (2015). Identity process theory (pp. 250-268). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Brehm, J. W. (1956). Postdecision chances in the desirability of alternatives. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 52(3), 384–389.

- Brehm, J. W., & Cohen, A. R. (1962). The theory and the role of commitment. In J. W. Brehm & A. R. Cohen. *Explorations in cognitive dissonance* (pp. 3–10). John Wiley & Sons Inc. doi: <https://doi.org/10.1037/11622-001>
- Brummette, J., Distaso, M., Vafeiadis, M. & Messner, M. (2018). Read All About It: The Politicization of “Fake News” on Twitter.
- Burgess, J. & Green, J. (2009). *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph.
- Burke, P. (2012). *Uma história social do conhecimento II: Da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Campo-Redondo, M., & Labarca Reverol, C. (2009). La teoría fundamentada en el estudio empírico de las representaciones sociales: un caso sobre el rol orientador del docente. *Opción*, 25(60),41-54. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31012531004>
- Canon, L. K. (1964). Self-Confidence and Selective Exposure to Information (pp. 83-96). In: Festinger, L. Conflict, Decision, and Dissonance. California, Stanford University Press.
- Capezza, N. (2003). The Cultural-Psychological Foundations for Violence and Nonviolence. An Empirical Study. *Forum Qualitative Sozialforschung Forum: Qualitative Social Research*, 4(2). doi: <https://doi.org/10.17169/fqs-4.2.717>
- Caracciolo, M. (2016). *Strange Narrators in Contemporary Fiction Explorations in Readers' Engagement with Characters*. Nebraska: University of Nebraska Press.
- Caribé, R. C. V. (2015). Comunicação Científica: reflexões sobre o conceito. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, 25(3): 89-104.
- Carr, N. (2017). The amorality of Web 2.0 (pp. 17-21). In: Utopia is creepy: and other provocations. Nova York. W. W. Norton & Company.
- Castelfranchi, Y. *et al.* (2013). As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o ‘paradoxo’ da relação entre informação e atitudes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 20(supl.): 1163-1183.
- Castells, M. (2011). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, M. (2017). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, P. & Gomes, I. (2005). Genetically Modified Organisms in the Portuguese Press: thematization and anchoring. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 35(1): 1-17.
- Castro, P. (2002). *Natureza, Ciência e retórica na construção social da ideia de ambiente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, P. (2003). Pensar a natureza e o ambiente - alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais. *Estudos de Psicologia*, 8(2): 263-271.
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In: Poupart, J., Deslauriers, J.P., Groulx, L.H., Laperrière, Mayer, R. & Pires, Á. (2008). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Petrópolis: Vozes.
- CGEE. (2015). *A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros: percepção pública da C&T no Brasil*. Brasília, DF.

- Chagas, V. & Toth, J. (2016). Monitorando memes em mídias sociais. In: Silva, T. & Stabile, M. (Orgs.). *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações* (pp. 211-234). São Paulo: Uva Limão.
- Chalmers, A. F. (1993). *O que é ciência afinal?* São Paulo. Editora Brasiliense.
- Chalmers, A. F. (1994). *A fabricação da ciência*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Chibeni, S. S. (2010a). O que é ciência? Unicamp. Recuperado de <https://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>
- Chibeni, S. S. (2010b). *As origens da ciência moderna*. Textos didáticos, Unicamp. Recuperado de <https://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/textosdidaticos.htm>
- Chklóvski, V. (1913/2017). A arte como procedimento (pp. 39-56). In: D. O. Toledo & T. Todorov (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Lisboa: Editora Globo.
- Chklóvski, V. (1917/2006). A ressurreição da palavra. Trad. Letícia Mei & Priscila Nascimento Marques. *Revista de Literatura e Cultura Russa*, 11 (16): 207-219.
- Clarke, S. (2002). Conspiracy Theories and Conspiracy Theorizing. *Philosophy of the Social Sciences* 32: 131-148.
- Cole, J. R. (1980). Cult Archaeology and Unscientific Method and Theory. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 3: 1-33.
- Colagrande, E. A. & Arroio, A. (2018). Representações sociais sobre Ciência e cientista: importante discussão na formação de professores de Química. *ReLAPEQ*, 2(1): 20-40.
- Comte, A. (1978/1844). *Curso de filosofia positiva: Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Abril Cultural.
- Converse, P. E. (2006) The nature of belief systems in mass publics (1964). *Critical Review*, 18:1-3, 1-74. doi: 10.1080/08913810608443650
- Cooper, J. & Fazio, R.H. (1984). A new look at Dissonance Theory. *Advances in Experimental Social Psychology*, 17, 229-266.
- Coruja, P. (2017). Vlog como gênero no YouTube: a profissionalização do conteúdo gerado por usuário. *Comunicologia*, Brasília, UCB, 10(1): 46 – 66.
- Cotton, J. L. & Hieser, R. A. (1980). Selective Exposure to Information and Cognitive Dissonance. *Journal of Research in Personality*, 14: 518-527. doi [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(80\)90009-4](https://doi.org/10.1016/0092-6566(80)90009-4)
- Cotton, J. L., & Hieser, R. A. (1980). Selective exposure to information and cognitive dissonance. *Journal of Research in Personality*, 14(4), 518–527.
- Coutinho, I. M. S. (2016). *O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível*. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo.
- d'Andréa, C. F.B. (2018). Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teóricometodológicos. *Galaxia*, 38: 28-39.
- d'Andréa, C. F.B. (2020). *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- Danfá, L., Aléssio, R. L. d. S., Santos, M. d. F. S., & de Moraes, E. R. C. (2017). Preconceito e descontextualização normativa: considerações metodológicas ilustradas pelas representações

sobre AIDS na África e Africano *Psychologica*, 60(2), 83–99. doi: [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_60-2\\_5](https://doi.org/10.14195/1647-8606_60-2_5)

- Danfá, L.; Aléssio, R. L. S., & Torres, A. R. R. (2021). Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África. *Athenea Digital*, 21(1): e2342. doi: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2342>
- Dany, L. (2016). From the Study of Social Practices to the Study of "Distance to the Object". *Papers on Social Representations*, 26(2): 1-19.
- Dany, L., Apostolidis, T., & Harabi, S. (2014). Distance to the Object and Social Representations: Replication and Further Evidences. *Spanish Journal of Psychology*, 17: 1-9.
- Davidson, J. R. & Kiesler, S. B. (1964). Cognitive Behavior Before and After Decisions (10-20). In: Festinger, L. Conflict, Decision, and Dissonance. California, Stanford University Press.
- Davidson, J. R. (1964). Cognitive Familiarity and Dissonance Reduction (pp. 45-60). In: Festinger, L. Conflict, Decision, and Dissonance. California, Stanford University Press.
- De Rosa, A. S. & Mannari, T. (2020). The “Invisible Other”: Social Representations of COVID-19 Pandemic in Media and Institutional Discourse. *Papers on Social Representations*, 29: 5.1-5.35.
- Delouvé, S. (2015). Repeating is not believing: the transmission of conspiracy theories. *Diogenes*, 62(3-4), 56–63.
- Descartes, R. (2001/1637). *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dortier, J.F. (2012). Le cercle de vienne et le nouvel esprit scientifique (pp. 151-153). In: J. F. Dortier. *Une histoire des Humaines Sciences*. Éditions Sciences Humaines.
- Douglas, K. M. & Leite, A. C. (2017). Suspicion in the workplace: Organizational conspiracy theories and work-related outcomes. *British Journal of Psychology*, 108: 486–506.
- Douglas, K. M. & Sutton, R., M. (2011). Does it take one to know one? Endorsement of conspiracy theories is influenced by personal willingness to conspire. *Conspiracy theories*: 1-19.
- Douglas, K. M. & Sutton, R., M. (2015). Climate change: Why the conspiracy theories are dangerous. *Bulletin of the Atomic Scientists* 71(2): 98-106.
- Douglas, K. M., Sutton, R. M., Callan, M. J., Dawtry, R. J. & Harvey, H. J. (2015): Someone is pulling the strings: hypersensitive agency detection and belief in conspiracy theories, *Thinking & Reasoning*, doi: 10.1080/13546783.2015.1051586
- Douglas, K. M., Sutton, R., M. & Chichočka, A. (2017). The Psychology of Conspiracy Theories. *The Psychology of Conspiracy Theories*, 26(6): 538-542.
- Dutta, Lanvin & Wunsch-Vincent. (2018). *Índice Global de Inovação 2018*: energizando o mundo com inovação.
- Duveen, G. (1993). The development of social representations of gender. *Papers on Social Representations - Textes sur les Représentations Sociales*, 2 (3), 1-177.
- Eco, U. (1998). *Cinco Escritos Morais*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Edgerton, S. Y.: Brunelleschi’s mirror, Alberti’s window, and Galileo’s ‘perspective tube’. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 13(supplement):151-79.
- Elejabarrieta, F. (1994). Social positioning: a way to link social identity and social representations. *Social Science Information*, 33(2), 241–253.

- Empoli, G. (2019). *Os engenheiros do caos* (1a ed.). São Paulo: Vestígio.
- Eve, R. A. & Harold, F. B. (1986). *Creationism, Cult archeology, and other pseudoscientific beliefs: A study of College Students*. *Youth & Society*, 17(4): 396-421.
- Falade, B. A. & Bauer, M. W. (2018). 'I have faith in science and in God': Common sense, cognitive polyphasia and attitudes to science in Nigeria. *Public Understanding of Science*, 27(1) 29–46.
- Fara, P. (2014). *Uma breve história da ciência* (1a ed.). São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional Ltda.
- Farhart, C.E, Douglas-Durham, E., Trujillo, K. L., & Vitriol, J.A. *Vax attacks: How conspiracy theory belief undermines vaccine support*. *Prog Mol Biol Transl Sci*. 2022;188(1):135-169. doi: 10.1016/bs.pmbts.2021.11.001.
- Farr, R. M. (1987). Self/Other Relations and the Social Nature of Realit. In: Graumann & S. Moscovici (eds.) *Changing Conceptions of Conspiracy* (pp. 203-213). New York: SSSP.
- Farr, R. M. (1993). Common sense, science and social representations. *Public Understand. Sci*. 2: 189-204.
- Fasce, A. & Picó, A. (2019). Science as a Vaccine The Relation between Scientific Literacy and Unwarranted Beliefs. *Science & Education*, doi:10.1007/s11191-018-00022-0
- Feeder, K. L. (1984). Irrationality and Popular Archaeology. *American Antiquity*, 49(3): 525-541.
- Feinstein, N. (2010). Salvaging science literacy. *Science Education*, 95(1): 168-185.
- Ferreira, L. O. & Britto, N. B. (1994). Os intelectuais no mundo e o mundo dos intelectuais: uma leitura comparada de Karl Manheim e Pierre Bourdieu (pp. 133-150). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Festinger, L. & Carlsmith, J. M. (1959). Cognitive consequences of forced compliance. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 58(2), 203–210. doi:10.1037/h0041593
- Festinger, L. & Walster, E. (1964). Post-Decision Regret and Decision Reversal (pp. 100-111). In: Festinger, L. *Conflict, Decision, and Dissonance*. California, Stanford University Press.
- Festinger, L. (1961). The psychological effects of insufficient rewards. *American psychologist*, 16: 1-11.
- Festinger, L. (1962). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford Univer. Press.
- Festinger, L. (1964). *Conflict, Decision, and Dissonance*. California, Stanford University Press.
- Festinger, L. (1975). *A Teoria da Dissonância Cognitiva* (4a ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Festinger, L. Riecker, H. W. & Schachter, S. (1956). *When prophecy fails*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Feyerabend, P. (1977). *Contra o método*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- Filho, E. A. S. (1995). Análise de representações sociais (109-148). In: Spink, M. J. (1995). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- Finuras, P. (2018). *As teorias da conspiração*. Research gate: 1-6. Recuperado de <https://www.researchgate.net/publication/323128385>
- Flaubert, G. (1881/2015). *Bouvard e Pécuchet*. Lisboa: Edições Cotovia.

- Fleck, L. (2010/1935). *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Editora Fabrefactum.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Foucault, M. (1989). *Microfísica do poder* (8a. ed.). São Paulo: Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso* (3.ed). São Paulo: Edições Loyola.
- Franco, B. (2005). Algumas ideias sobre as bases teóricas da Análise de Conteúdo. In: Puglisi, M. L.; Franco, B. *Análise de Conteúdo* (pp. 13-17) (2a ed.). Brasília: Liber Livro Editora.
- François, S., Quellec, J.L. & Lescop, L. (2019). Ancient Aliens, des “documentaires” entre extraterrestres et conspirationnisme. *Hal Science Ouverte*, 69-89.
- Frank, B., Bangester, A. & Buer, M. W. (2013). Conspiracy theories as quasi-religious mentality: an integrated account from cognitive science, social representations theory, and frame theory. *Frontiers in Psychology*, 4: 1-12
- Freedman, J. L. & Sears, D. O. (1965). Selective Exposure. In: Berkowitz, L. (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology II*. New York, Academic Press.
- Freitas, T. S. & Silva, A. M. T. B. (2017). Representações Sociais e Ensino de Ciências: análise das produções dos ENPECs – Encontros Nacionais de Pesquisas em Educação em Ciências. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.
- Frey, D. (1986). Recent Research on Selective Exposure to Information (pp. 41-80). In: Berkowitz, L. (Ed.). *Advances in Experimental Social Psychology*, 19. . New York, Academic Press.
- Fridman A., Gershon, R. & Gneezy, A. (2021) COVID-19 and vaccine hesitancy: A longitudinal study. *PLoS ONE* 16(4): 1-12. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0250123>
- Friling, D. (2012). “Having It All”: Cognitive Polyphasia as Preserving a Complex Reality: The Israeli Case. *Papers on Social Representations*, 21, 1-24.
- Friling, D. (2012). “Having It All”: Cognitive Polyphasia as Preserving a Complex Reality: The Israeli Case. *Papers on Social Representations*, 21, 1-24.
- Galli, I. & Fasanelli, R. (2020). Public understanding of science and common sense: Social representations of the human microbiome among the expert and non-expert public. *Health Psychology Open*: 1-14. doi: [10.1177/2055102920913239](https://doi.org/10.1177/2055102920913239)
- Garwood, C. (2008). *Flat Earth: The History of an Infamous Idea*. 2. ed. Macmillan.
- Gaskell, G. et al. (2001). In the public eye: representations of biotechnology in Europe (pp. 53-79). In: G. Gaskell & M. W. Bauer (Eds.). *Biotechnology 1996-2000*. Londres: Science Museum.
- Gaskell, G. et al. (2011). *Europeans and biotechnology in 2010: Winds of change?* European Commission.
- Gaskell, G., Allum, N. & Stares, S. (2002). *Europeans and Biotechnology in 2002: Eurobarometer 58.0*. London School of Economics, UK
- Genesini, S. (2018). A pós-verdade é uma notícia falsa. *Revista USP*, 116: 45-58. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p45-58>
- Germano, M.G. (2011). *Uma nova ciência para um novo senso comum*. Campina Grande: EDUEPB.

- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Giddens, A. (2012). A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Giddens, A., Lash, S., & Beck, U. (2012). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (pp. 89-166). (2a ed.). São Paulo: Editora Unesp.
- Gillespie, A. (2008). Social Representations, Alternative Representations and Semantic Barriers. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 38(4), 375-391.
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Londres: Aldine Transaction.
- Goertzel, Ted. (2010). Conspiracy theories in Science: Conspiracy theories that target specific research can have serious consequences for public health and environmental policies. *EMBO reports*, 11(7): 493-499.
- Goldwag, A. (2009). *Cults, Conspiracies, and Secret Societies*. New York: Vintage books.
- Google (2020). YouTube: Visão geral. Recuperado de <https://chrome.google.com/webstore/detail/youtube/blpcfgokakmgnkcojhhkbfldkacnbeo?hl=pt-BR>
- Goosen, A. (2015). *A vlogger's discourse: new bodies in an online world*. Dissertação (Master of Arts in Cultural Studies). Faculty of Ars, Ku Leuven, Bélgica.
- Grabner, P., Hampel, J., Lindsey, N. & Torgersen, H. (2001). Biopolitical diversity; the challenge of multilevel policy-making (pp. 15-34). In: G. Gaskell & M. W. Bauer (Eds.). *Biotechnology 1996-2000*. Londres: Science Museum.
- Graumann, C. F. & Moscovici, S. (1987). Preface. In: C. F. Graumann & S. Moscovici (eds.) *Changing Conceptions of Conspiracy*. New York: SSSP.
- Graumann, C. F. (1994). Mutual perspective-taking: a presupposition of enlightened tolerance. *Higher Education in Europe*, 21(1), 39-49.
- Graumann, C.F., & Sommer, C.M. (1989). Perspective structure in language production and comprehension. In C.F. Grauman & T. Herrmann (eds.). *Speakers: The Role of the Listener* (pp. 35-54). Clevedon: Multilingual Matters LTD.
- Graumann, F. & Kallmeyer, W. (2002). Perspective and perspectivation in discourse: An introduction. In: Graumann, Carl F./Kallmeyer, Werner (eds.): *Perspective and Perspectivation in Discourse* (pp. 1-11). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Grebe, E. & Natrass, N. (2012). AIDS Conspiracy Beliefs and Unsafe Sex in Cape Town. *AIDS Behav* 16:761–773.
- Guerizoli-Kempinska, O. (2010). O estranhamento: um exílio repentino da percepção. *Niterói*, 29: 63-72.
- Guivant, J. S. (2006). Transgênicos e percepção pública da ciência no Brasil. *Ambiente & Sociedade*, 9(1): 1-25.
- Halaweh, M. (2018). Integrating social media and grounded theory in a research methodology: A possible road map. *Business Information Review*, 35(4): 157–164. <https://doi.org/10.1177/0266382118809168>
- Hall, N. R. & Crisp, R. J. (2008). Assimilation and contrast to group primes: The moderating role of ingroup identification. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44(4): 344-353. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2007.07.007>



- Hamilton, L. C., Cutler, M. J. & Schaefer, A. (2012). Public knowledge and concern about polar-region warming. *Polar Geography*, 35:2, 155-168.
- Harambam, J. & Aupers, S. (2014). Contesting epistemic authority: Conspiracy theories on the boundary of Science. *Public Understanding of Science*: 1-15.
- Harari, Y. N. (2018). *21 lições para o século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Harmon-Jones, E. (1999). Toward an Understanding of the Motivation Underlying Dissonance Effects: Is the Production of Aversive Consequences Necessary? In E. Harmon-Jones & J. Mills. *Cognitive Dissonance: Perspectives on a pivotal theory in social psychology* (pp. 71-99). Washington, DC: APA.
- Harmon-Jones, E., & Harmon-Jones, C. (2002). Testing the Action-Based Model of Cognitive Dissonance: The Effect of Action Orientation on Postdecisional Attitudes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(6), 711–723.
- Harmon-Jones, E., & Mills, J. (2019). An Introduction to Cognitive Dissonance Theory and an Overview of Current Perspectives on the Theory. In E. Harmon-Jones (Ed.), *Cognitive Dissonance: Reexamining a Pivotal Theory in Psychology* (2nd ed., pp. 3-24). Washington DC: American Psychological Association.
- Harmon-Jones, E., Amodio, D. M., & Harmon-Jones, C. (2009). Action-Based Model of Dissonance. A Review, Integration, and Expansion of Conceptions of Cognitive Conflict. *Advances in Experimental Social Psychology*, 41, 119-166.
- Harmon-Jones, E., Harmon-Jones, C. & Levy, N. (2015). An Action-Based Model of Cognitive Dissonance Processes. *Current Directions in Psychological Science*, 24(3), 184–189.
- Harré, R. & Langenhove, L.V. (1991). Varieties of Positioning. *Journal for Theory of Social Behaviour*, 21(4): 393-407.
- Hartley, J. (2009). Utilidades do YouTube: alfabetização digital e a expansão do conhecimento. In: Burgess, J. & Green, J. (2009). *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade* (pp 165-186). São Paulo: Aleph.
- Heider, F. & Simmel, M. (1944). An Experimental Study of Apparent Behavior. *The American Journal of Psychology*, 57(2): 243-259.
- Heider, F. (1946). Attitudes and Cognitive Organization. *The American Journal of Psychology*, 21: 107-112. doi: <https://doi.org/10.1080/00223980.1946.9917275>
- Heider, F. (1970). *Psicologia das relações interpessoais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Heisenberg, W. (1995). *Física e filosofia* (3a ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Hermans, H. J. M. (2001). The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning. *Culture & Psychology*, 7(3), 243–281.
- Hermans, H. J., Kempen, H. J., & Van Loon, R. J. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47(1), 23–33.
- Hildering, P., Consoli, L. & Born, R. V. D. (2012). Denying Darwin: Views on science in the rejection of evolution by Dutch Protestants. *Public Understanding of Science*, 22(8): 988–998.
- Hilger, T. R. & Moreira, M. A. (2016). Uma Revisão de Literatura sobre Trabalhos em Representações Sociais relacionados ao Ensino de Física. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 16(1): 167-186.

- Hobbes, Thomas. (1651/2003). *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hochman, G. (1994). A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina (pp. 199-232). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Hogg, M. A. (2000). Social Identity and Social Comparison. In: Suls, J., Wheeler, L. (eds) *Handbook of Social Comparison* (pp. 401-421). The Springer Series in Social Clinical Psychology. Springer, Boston, MA. [https://doi.org/10.1007/978-1-4615-4237-7\\_19](https://doi.org/10.1007/978-1-4615-4237-7_19)
- Holtorf, C. (2005). *Beyond Crusades: How (Not) to Engage with Alternative Archaeologies*. *World Archaeology*, 37(4): 544-551.
- Holtz, P. (2016). How Popper's 'Three Worlds Theory' Resembles Moscovici's 'Social Representations Theory' But Why Moscovici's Social Psychology of Science Still Differs From Popper's Critical Approach. *Papers on Social Representations*, 25: 13.1-13.24.
- Hornsey, M. J. & Fielding, K. S. (2017). Attitude Roots and Jiu Jitsu Persuasion: Understanding and Overcoming the Motivated Rejection of Science. *American Psychologist*, 72(5): 459-473. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0040437>
- Howarth, C., Cornish, F. & Gillespie, A. (2015). Making community: diversity, movement and interdependence (pp. 179-192). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Ichheiser, G. (1946). *The Jews and Antisemitism*. *Sociometry*, 9(1): p. 92-108. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/2785514>
- Ichheiser, G. (1947). Projection and the Mote-Beam-Mechanism. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 42(1), 131-133. <https://doi.org/10.1037/h0057606>
- Imhoff, R. & Bruder, M. (2014). Speaking (Un-)Truth to Power: Conspiracy Mentality as a Generalised Political Attitude. *European Journal of Personality, Eur. J. Pers.* 28: 25-43. doi: 10.1002/per.1930
- Instituto Datafolha. (2019). *7% dos brasileiros afirmam que Terra é plana, mostra pesquisa*. Folha de S. Paulo. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia>
- Internet World Stats. (2019). *World Internet Users and 2019 Population Stats*. Recuperado de <https://www.internetworldstats.com/stats.htm>.
- Isola-Lanzoni, G. & Gonçalves-Segundo, P. R. (2019). A terra é plana?: Uma análise da articulação entre argumentação epistêmica, multimodalidade e popularização científica no Youtube. *Revista de Estudos do Discurso*, 8: 84-121.
- Ittefac, M., Abwao, M., Baines, A., Belmas, G., Kamboh, S. A., & Figueroa, E. J. (2021). A pandemic of hate: Social representations of COVID-19 in the media. *Anal Soc Issues Public Policy*, 22: 225-252. doi: 10.1111/asap.12300
- Jamieson, K. H. (2017). The Need for a Science of Science Communication: Communicating Science's Values and Norms. In: Jamieson, K. H., Kahan, D. M., Scheufele, D. A. (eds.). *The Oxford Handbook of the Science of Science Communication* (pp. 14-23). Oxford: Oxford University Press.
- Jecker, J. D. (1964a). The Cognitive Effects of Conflict and Dissonance (pp. 21-32). In: Festinger, L. *Conflict, Decision, and Dissonance*. California, Stanford University Press.

- Jecker, J. D. (1964b). Selective Exposure to New Information (pp. 65-82). In: Festinger, L. *Conflict, Decision, and Dissonance*. California, Stanford University Press.
- Jenkins, H. Green, J. & Ford, S. (2015). Onde a Web 2.0 deu errado (pp. 92-146). In: H. Jenkins, J. Green & S. Ford. *Cultura da conexão*. São Paulo: Aleph.
- Jodelet, D. (1984). *Représentations sociales: phénomènes, concepts et théories*. in Moscovici, S. (1984). *Psychologie sociale*, PUF.
- Jodelet, D. (1989). As representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.17-44.
- Jodelet, D. (1999). A alteridade como produto e processo psicossocial. In A. Arruda. *Representando a alteridade* (pp. 47-68). Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D. (2014). A fecundidade múltipla da obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público” (pp. 262-297). In: Almeida, A. M. O., Santos, M. F. S. & Trindade, Z. A. (2014). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Jodelet, D. (2017). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. In: Jodelet, D. *Representações sociais e mundos de vida* (pp. 105-115). São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Joffe, H. (2009). “Eu não”, “o meu grupo não”: Representações Sociais transculturais da AIDS. In: Guareschi, P. A. & Jovchelovitch, S. (orgs.). *Textos em representações sociais* (pp. 297-322) (11. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Jolley, D. & Douglas, K. M. (2014). The Effects of Anti-Vaccine Conspiracy Theories on Vaccination Intentions. *PLOS ONE*, 9(2): 1-9.
- Jolley, D. & Douglas, K. M. (2017). Prevention is better than cure: Addressing anti-vaccine conspiracy theories. *J Appl Soc Psychol*: 1–11. *Political Psychology*, 39(2): 465-478.
- Jolley, D., Douglas, K. M. & Sutton, R. M. (2018). Blaming a Few Bad Apples to Save a Threatened Barrel: The System-Justifying Function of Conspiracy Theories.
- Jones, E. & Nisbett, R. E. (1972). ‘The Actor and the Observer: Divergent Perceptions of the Causes of Behavior. In: E. E. Jones, D. E. Kanouse, H. H. Kelley, R. E. Nisbett, S. Valins, & B. Weiner (Eds.), *Attribution: Perceiving the causes of behavior* (pp. 79–94). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Joule, R.V. & Beauvois, J.L. (1997). Cognitive Dissonance Theory: A Radical View. *European Review of Social Psychology*, 8(1), 1-32.
- Jovchelovitch, S. & Priego-Hernández, J. (2015). Cognitive polyphasia, knowledge encounters and public spheres. *The Cambridge Handbooks of Social Representations*, 163-178.
- Jovchelovitch, S. (2008a). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2008b.) Rehabilitation of common sense: social representations, science and cognitive polyphasia. *Journal for the theory of social behaviour*, 38(4), 431-449.
- Jovchelovitch, S. (2014). Representações Sociais e Polifasia Cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão. In A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade. *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 211-237). Brasília: Technopolitik.
- Kahan et al. (2011). The Tragedy of the Risk-Perception Commons: Culture Conflict, Rationality Conflict, and Climate Change. *Cultural Cognition Project Working*, (89): 1-31.

- Kahan, D. M. & Corbin, J. C. (2016). A note on the perverse effects of actively open-minded thinking on climate-change polarization. *Research & Politics*, 3(4).
- Kahan, D. M. & Stanovich, K. E. (2016). Rationality and Belief in Human Evolution. *Cultural Cognition Project*, 5: 1-31.
- Kahan, D. M. (2013a). A Risky Science Communication Environment for Vaccines. *Science*, 342: 53-54.
- Kahan, D. M. (2013b). Ideology, motivated reasoning, and cognitive reflection. *Judgment and Decision Making*, 8(4): 407-424.
- Kahan, D. M. (2014a). Making Climate-Science Communication Evidence-Based — All the Way Down. *SSRN Electronic Journal*. doi:10.2139/ssrn.2216469
- Kahan, D. M. (2014b). Vaccine Risk Perceptions and Ad Hoc Risk Communication: An Empirical Assessment. *SSRN Electronic Journal*, (17): 1-82. doi:10.2139/ssrn.2386034
- Kahan, D. M. (2015b). Climate-Science Communication and the Measurement Problem. *Advances in Political Psychology*, 36, Suppl. 1: 1-43.
- Kahan, D. M. (2016). The Politically Motivated Reasoning Paradigm, Part 1: What Politically Motivated Reasoning Is and How to Measure It. *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences*, 1-16. doi:10.1002/9781118900772.etrds0417.
- Kahan, D. M. (2017a). ‘Ordinary science intelligence’: a sciencecomprehension measure for study of risk and science communication, with notes on evolution and climate change. *Journal of Risk Research*, 20(8): 995-1016.
- Kahan, D. M. (2017b). Misconceptions, Misinformation, and the Logic of Identity-protective Cognition. *Cultural Cognition Project*, 164: 1-9.
- Kahan, D. M., Jamieson, K. H., Landrum, A., & Winneg, K. (2016). Culturally antagonistic memes and the Zika virus: an experimental test. *Journal of Risk Research*, 20(1), 1-40.
- Kahan, D. M., Jenkins-Smith, H., Tarantola, T., Silva, C. L., & Braman, D. (2015). *Geoengineering and Climate Change Polarization*. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 658(1): 192-222.
- Kahan, D. M., Landrum, A., Carpenter, K., Helft, L. & Jamieson, K.H. (2017). Science Curiosity and Political Information Processing. *Advances in Political Psychology*, 38: 179-199.
- Kahan, D. M., Peters, E., Wittlin, M., Slovic, P., Ouellette, L. L., Braman, D., & Mandel, G. (2012). *The polarizing impact of science literacy and numeracy on perceived climate change risks*. *Nature Climate Change*, 2(10), 732-735. doi:10.1038/nclimate1547
- Kahan, D.(2015a). What is the “science of science communication”? *Journal of Science Communication*, 14(03): 1-12.
- Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kalampalikis & Haas, (2008). More than a Theory: A New Map of Social Thought. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 38(4): 449-459.
- Keeley, B. L. (1999). Of Conspiracy Theories. *The Journal of Philosophy*, 96(3): 109-126.
- Keen, A. (2009). *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- Kelman, H. C. & Baron, R. M. (1968a). Inconsistency as a Psychological Signal (pp. 331-336). In: Abelson, R. P., Aronson, E., McGuire, W. J., Newcomb, T. M., Rosenberg, M. J. &

- Tannenbaum, P. H. (Eds.). *Theories of Cognitive Consistency: A Sourcebook*. Chicago, Rand McNally and Company.
- Kelman, H. C. & Baron, R. M. (1968b). Determinants of Modes of Resolving Inconsistency Dilemmas: A Functional Analysis (pp. 670-683). In: Abelson, R. P., Aronson, E., McGuire, W. J., Newcomb, T. M., Rosenberg, M. J. & Tannenbaum, P. H. (Eds.). *Theories of Cognitive Consistency: A Sourcebook*. Chicago, Rand McNally and Company.
- Khan, S. (2014). Qualitative Research Method: Grounded Theory. *International Journal of Business and Management*; 9(11): 224-233. doi: <http://dx.doi.org/10.5539/ijbm.v9n11p224>
- Kiesler, C. A. (1968). Commitment (pp. 448-455). In: Abelson, R. P., Aronson, E., McGuire, W. J., Newcomb, T. M., Rosenberg, M. J. & Tannenbaum, P. H. (Eds.). *Theories of Cognitive Consistency: A Sourcebook*. Chicago, Rand McNally and Company.
- Knorr-Cetina, K. (2005) *La fabricación del conocimiento: um ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciência (1a ed.)*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.
- Kołakowski, L. (1963). *In praise of inconsistency*. Recuperado de <https://pt.scribd.com/document/167556191/Kolakowski-Leszek-Praise-Inconsistency>
- Kothe, F. R. (1977). *Estranho estranhamento (ostranenie)*. Suplemento Literário de Minas Gerais. Recuperado de <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/>.
- Koyré, A. (1948). *Galileu e Platão: do Mundo do “mais ou menos” ao Universo da Precisão*. Lisboa: Gradiva.
- Kronberger, N. (2015). Of worlds and objects: scientific knowledge and its publics (pp. 358-368). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Kruglanski, A. W. (1987). Blame-Placing Schemata and Attributional Research. In: Graumann & S. Moscovici (eds.) *Changing Conceptions of Conspiracy* (pp. 219-228). New York: SSSP.
- Kuhn, T. (1990). *A revolução copernicana: a Astronomia Planetária no Desenvolvimento do Pensamento Ocidental*. Lisboa: Edições 70.
- Kuhn, T. (2012). *A Função do Dogma na Investigação Científica*. Curitiba: UFPR. SCHLA.
- Kuhn, T. S. (1997). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Kunda, Z. (1990). The Case for Motivated Reasoning. *Psychological Bulletin*, 108(3): 480-498.
- Kupchyshyna, Yuliya & Davydyuk, Yuliya (2017). From defamiliarization to foregrounding and defeated expectancy: linguo-stylistic and cognitive sketch. *The journal of University of SS Cyril and Methodius in Trnava*, 2: 148-184.
- Lakatos, I. (1979). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix.
- Landrum, A. R., & Olshansky, A. (2019). The role of conspiracy mentality in denial of science and susceptibility to viral deception about science. *Politics and the Life Sciences*, 1–17. doi:10.1017/pls.2019.9
- Landrum, A. R., Olshansky, A., & Richards, O. (2019). Differential susceptibility to misleading flat earth arguments on youtube. *Media Psychology*, 1–30. doi:10.1080/15213269.2019.1669461
- Larson, H. J. et al. (2016). The State of Vaccine Confidence 2016: Global Insights Through a 67-Country Survey. *EBioMedicine* 12: 295–301.

- Latour, B. & Woolgar, S. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Leicht, C., Sharp, C. A., LaBouff, J. P., Zarzeczna & Baker, F. E. (2021). Content Matters: Perceptions of the Science-Religion Relationship. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 32: 232-255. doi: <https://doi.org/10.1080/10508619.2021.2003111>
- Lévy-Leblond, J.M. (2009). *A velocidade da sombra: nos limites da ciência*. Rio de Janeiro: DIFEL
- Lewandowsky, S. Oberauer, K. & Gignac, G. E. (2018). NASA Faked the Moon Landing—Therefore, (Climate) Science Is a Hoax: An Anatomy of the Motivated Rejection of Science. *Psychological Science*, 24(5): 622–633.
- Lewandowsky, S., & Oberauer, K. (2016). Motivated Rejection of Science. *Current Directions in Psychological Science*, 25(4), 217–222.
- Lewandowsky, S., Gignac, G. E. & Oberauer, K. (2013). The Role of Conspiracist Ideation and Worldviews in Predicting Rejection of Science. *PLOS ONE*, 8 (10): 1-11.
- Lima, M. E. O. (2014). Social psychology: fundamentals and fundamentalisms. *Temas em Psicologia*, 22(1): 179-193. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2014.1-14>
- Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3): 401-411. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, N. T. (1994). Valores sociais e atividades científicas: um retorno à agenda de Robert Merton (pp. 151-174). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Linden, S. V. (2015). The conspiracy-effect: Exposure to conspiracy theories (about global warming) decreases pro-social behavior and science acceptance. *Personality and Individual Differences*, 87:171–173.
- Lispector, C. (1999). *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lo Monaco, G., Girandola, F. & Guimelli, C. (2016). Experiments inter-connecting the structure of social representations, cognitive dissonance, commitment and persuasion: past, present and future. *Papers on Social Representations*., 25(2), 5.1–5.25.
- Lopes, B. P., Marques, J. B. V. & Freitas, D.(2014). Percepção Pública da Ciência e sua relação com o Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC): Um estudo sobre o Município de São Carlos- SP. *Revista do EDICC (Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura)*, 2: 144-154.
- Lord, C. G., Ross, L. & Lerner, M. R. (1979). Biased Assimilation and Attitude Polarization: The Effects of Prior Theories on Subsequently Considered Evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37 (11): doi: 2098-2109. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.37.11.2098>
- Löwy, I. (1994). Fleck e a historiografia recente da pesquisa biomédica (pp. 233-250). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Macau, E. N. (2007). *Chegamos à lua* (pp. 75-122). In: O. C. Winter & A. F. B. A. Prado (Orgs.). *A conquista do espaço do Sputnik à missão Centenário*. São Paulo: Livraria da Física Editora.
- Magnoli, D. (org.) (2006). *História das guerras* (3. Ed). São Paulo: Contexto.

- Mannheim, K. (1968/1929). *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Manzini, E. J. (1990). *A entrevista na pesquisa social*. Didática. São Paulo, v. 26/27, p. 149-158.
- Marchlewska, M., Chichocka, A. & Kossowska, M. (2017). Addicted to answers: Need for cognitive closure and the endorsement of conspiracy beliefs. *European Journal of Social Psychology*, 48: 109–117. doi: <http://dx.doi.org/10.1002/ejsp.2308>
- Marino, C., Santos, V. F. & Coutinho, I. (2017). Think Olga e narrativas feministas na web: ambiente digital como possibilidade para o exercício da contra-hegemonia. *Anais... XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa*, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais, de 25 a 27 de outubro de 2017.
- Marková, I. (2006). Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marková, I. (2007). Social identities and social representations how are they related? (pp. 215-236). In: G. Moloney & I. Walker (Orgs.). *Social Representations and Identity Content, Process, and Power*. Nova York: Palgrave Macmillan.
- Martinez, R. L. (2018). Bridging cognitive polyphasia and cognitive dissonance: the role of individual differences in the tolerance and negotiation of discrepant cognitions. *Papers on Social Representations*, 27(2), 3.1-3.24.
- Martins, A. F. P. (2020). Terraplanismo, Ludwik Fleck e o mito de Prometeu. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 37(3):1193-1216.
- Martins, L. B. (2019). Extremistas religiosos, terraplanistas, alienígenas e além: a dinâmica da espiral ascendente de complexidade na formação de crenças e experiências contraintuitivas. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, 21 (2):129-144.
- Massarani, L., Castelfranchi, Y. & Fagundes, V. (2021). *O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?* Rio de Janeiro: Fiocruz/COC.
- Mazza, M. (2022<sup>a</sup>). Execução Orçamentária do MCTI em 2022 – Até 21 de fevereiro. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Recuperado de <http://portal.sbpcnet.org.br/analises-orcamentarias-legislativas/>
- Mazza, M. (2022<sup>b</sup>). Execução Orçamentária do MCTI em 2022 – Até 3 de outubro. Recuperado de <http://portal.sbpcnet.org.br/analises-orcamentarias-legislativas/>
- MCTI. (2022). Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação 2022. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Recuperado de [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/indicadores/paginas/publicacoes/arquivos/indicadores\\_cti\\_2022.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/indicadores/paginas/publicacoes/arquivos/indicadores_cti_2022.pdf)
- MCTIC. (2016). Recursos Aplicados - Indicadores Consolidados. Recuperado de [https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/detalhe/recursos\\_aplicados/indicadores\\_consolidados/2\\_1\\_3.html](https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/detalhe/recursos_aplicados/indicadores_consolidados/2_1_3.html).
- Meadows, A. J. (1999). *A comunicação científica*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros.
- Meinerz, M. & Patschiki, L. (2015). Anticomunismo no brasil recente: a interpretação dos partidos comunistas. *Anais online*. Recuperado de <http://www.cih.uem.br/>.
- Melo, E. G. S., Tenório, A. & Junior, H. A. (2010). Representações sociais de ciência de um grupo de licenciandos em Física. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* 9(10): 457-466.

- Melo, L. W. S., Passos, M. M. & Salvi, R. F. (2020). Analysis of ‘Flat-Earther’ Posts on Social Media: Reflections for Science Education from the Discursive Perspective of Foucault. *RBPEC*, 20: 295–313. doi: 10.28976/1984-2686rbpec2020u295313
- Merton, R. (1945). A sociologia do conhecimento. In: R, Merton. *Ensaaios de sociologia da ciência* (1a. ed.) (pp. 109-153). São Paulo: Editora 34.
- Merton, R. (2013/1936). Puritanismo, pietismo e ciência (pp. 15-62). In: R, Merton. *Ensaaios de sociologia da ciência* (1a. ed.). São Paulo: Editora 34.
- Merton, R. (2013/1937). A sociologia do conhecimento (pp. 95-108). In: R, Merton. *Ensaaios de sociologia da ciência* (1a. ed.). São Paulo: Editora 34.
- Merton, R. (2013/1938). A ciência e a técnica militar (pp. 63-80). In: R, Merton. *Ensaaios de sociologia da ciência* (1a. ed.). São Paulo: Editora 34.
- Merton, R. (2013/1942). A ciência e a estrutura social democrática (pp. 181-196). In: R, Merton. *Ensaaios de sociologia da ciência* (1a. ed.). São Paulo: Editora 34.
- Merton, R. (2013/1988). O efeito Mateus na ciência II: a vantagem cumulativa e o simbolismo da propriedade intelectual (pp. 199-232). In: R, Merton. *Ensaaios de sociologia da ciência* (1a. ed.). São Paulo: Editora 34.
- Miller, J. M., Saunders, K. L., & Farhart, C. E. (2015). Conspiracy Endorsement as Motivated Reasoning: The Moderating Roles of Political Knowledge and Trust. *American Journal of Political Science*, 60(4), 824–844. doi:10.1111/ajps.12234
- Miller, M. K., Clark, J. D., & Jehle, A. (2015). *Cognitive Dissonance Theory (Festinger)*. The Blackwell Encyclopedia of Sociology.
- Milton, J. (1667-2015). *Paraíso perdido*. São Paulo: Editora Centaur.
- Mohammed, S. N. (2019). Conspiracy Theories and Flat Earth Videos on YouTube. *The Journal of Social Media in Society Fall*, 8( 2): 84-102.
- Moliner, P. & Abric, J.C. (2015). Central core theory (pp. 83-95). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Montanõ, S. (2017). A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube. *Rev Famecos* (Online)., 24(2): 1-24. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.2.25256>
- Montezano, C. T. & Coutinho, I. (2019). O YouTube como espaço para transmissão de conteúdo informativo na internet. *Anais... Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019*.
- Moore, A. (2015). *Conspiracies, Conspiracy Theories and Democracy*. *Political Studies Review*, 1-11.
- Moscovici, S. & Doise, W. (1994). *Conflict and Consensus: A General Theory of Collective Decisions*. Londres: Sage Publications.
- Moscovici, S. & Hewstone, M. (1986). De la ciencia al sentido comun (pp.679-710). In: S. Moscovici. *Psicología social II. Pensamiento y vida social : psicología social y problemas sociales*. Barcelona: Paidós.
- Moscovici, S. & Vignaux, G. (2003). O estudo das representações sociais: uma nova epistème (pp. 212-246). In: Moscovici, S. (2003). *Representação social: investigação em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.



- Moscovici, S. (1976). L'histoire des sciences et la science des historiens. *Europäisches Archiv für Soziologie*, 7(1):116-126.
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moscovici, S. (1987). The Conspiracy Mentality (pp. 151-170). In: F. Graumann & S. Moscovici (eds.) *Changing Conceptions of Conspiracy*. New York: SSSP.
- Moscovici, S. (1990). The origin of social representations: a response to Michael. *New Ideas in Psychol.*, 8(3): 383-388.
- Moscovici, S. (1992). The new magical thinking. *Public Understanding of Science*, 23(7): 759-779. doi: 10.1177/0963662514537584)
- Moscovici, S. (1993). Toward a Social Psychology of Science. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 23(4): 343-374.
- Moscovici, S. (2003). *Representação social: investigação em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2005). *Crônica Dos Anos Errantes*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda.
- Moscovici, S. (2008). Questões metodológicas (pp. 17-24). In: C. M. Nascimento-Schulze & . C. J. Jesuino (Orgs.). *Representações sociais, Ciência e Tecnologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Moscovici, S. (2008). *Psychoanalysis Its Image and Its Public*. Cambridge: Polity Press.
- Moscovici, S. (2011). *Psicologia das minorias ativas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S. (2020). Reflections on the Popularity of ‘Conspiracy Mentalities’. *International Review of Social Psychology*, 33(1): 9, 1–13. doi: <https://doi.org/10.5334/irsp.432>
- Mota, R. (2010). O papel da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo. *Vidya*, 19(34): 1-14.
- Mounk, Y. (2019). *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mussweiler, T. (2001). Focus of Comparison as a Determinant of Assimilation Versus Contrast in Social Comparison. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(1): 38–47. doi: <https://doi.org/10.1177/0146167201271004>
- National Academy of Sciences. (2017). *The Science of Science Communication III – Inspiring Novel Collaborations and Building Capacity*. Held on November 16–17, 2017, at the National Academy of Sciences in Washington, DC. Doi: 10.17226/24958
- National Scientific Society (2016). *Communicating Science Effectively: A Research Agenda*. Committee on the Science of Science Communication: A Research Agenda, Division of Behavioral and Social Sciences and Education. Doi: 10.17226/23674
- Nascimento-Schulze, C. N., B. Camargo & Wachelke, J. (2006). Alfabetização científica e representações sociais de estudantes de ensino médio sobre ciência e tecnologia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58(2):24-37.
- National Science Council (2016). *Science Literacy: Concepts, Contexts, and Consequences (2016)*. Committee on Science Literacy and Public Perception of Science. Doi: 10.17226/23595.
- Negri, F. & Koeller, P. (2019). *O declínio do investimento público em Ciência e Tecnologia: uma análise do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações até o primeiro semestre de 2019*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

- Negri, F. (2018). *Novos caminhos para a inovação no Brasil*. Washington: Wilson Center, 2018.
- Negri, F. (2021). *Políticas públicas para Ciência e Tecnologia no Brasil: cenário e evolução recente*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. doi: <http://dx.doi.org/10.38116/ntdiset92>
- Nietzsche, F. W. (1992). *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (2001). *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus Livraria, Distribuidora Editora S.A.
- Oliva, A. (1994). Kuhn: o normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica (pp. 67-102). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Oliveira, R. B. & Albuquerque, (2011). Hibridismo das linguagens audiovisuais: observações sobre o cinema e o vídeo em interface com as culturas contemporâneas. *Mediação, Belo Horizonte*, 13(13): 102-112.
- Oliveira, T. (2020). Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. *Revista Fronteiras - estudos midiáticos*, 22(1): 21-35.
- Oliver & Wood, (2014). Medical Conspiracy Theories and Health Behaviors in the United States. *JAMA Internal Medicine*, 174 (5): 817-818.
- Olshansky, A.B.S. (2018). Conspiracy Theorizing and Religious Motivated Reasoning: Why the Earth ‘Must’ Be Flat. Dissertação (Mestrado em Mass Communication) – Texas Tech University.
- Orosz, G., Krekó, P., Paskuj, B., Tóth-Király, I., Bóthe, B., & Roland-Lévy, C. (2016). Changing conspiracy beliefs through rationality and ridiculing. *Frontiers in Psychology*, 7: 1-9. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01525>
- Ortellado, P., Solano, E. & Nader, L. (2015). *Pesquisa manifestação política 16 de agosto de 2015*. USP.
- Orwell, G. (2009). *1984*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Palacios, M. (1994). O Programa Forte da Sociologia do conhecimento e o princípio da causalidade (pp. 175-198). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Palkovich, E. N. (2015). The “Mother” of All Schemas: Creating Cognitive Dissonance in Children’s Fantasy Literature Using the Mother Figure. *Children’s Literature in Education*, 46: 175–189.
- Palmer, R. (2018). *Trust in science is not the answer to conspiracies: it’s throwing water on a grease-fire*. Thesis (Master of Science in Psychology) – Graduate College of the, University of Illinois at Urbana-Champaign, 2018.
- Panagiotou, E. & Kadianaki, I. (2018). From cognitive dissonance to cognitive Polyphasia: A sociocultural approach to understanding meat-paradox. *J Theory Soc Behav*: 1–19.
- Paolillo, J. C. (2018). The Flat Earth phenomenon on YouTube. *First Monday*, 23(12). Recuperado de <https://doi.org/10.5210/fm.v23i12.8251>
- Pasek, J. (2017). It’s not my consensus: Motivated reasoning and the sources of scientific illiteracy. *Public Understanding of Science*, 00(0): 1-20. doi: 10.1177/0963662517733681

- Pedraci, V. D., Carvalho, W. L. P. & Silva, E. S. (2017). Percepção pública da Ciência e da Tecnologia dos medicamentos: reflexões para o Ensino de Ciências. *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC* Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Pew Research Center (2015). *Perception of Conflict Between Science and Religion*. Pew Research. Recuperado de <https://www.pewresearch.org/science/2015/10/22/perception-of-conflict-between-science-and-religion/>
- Pichert, J. W. & Anderson, R. C. (1977): Taking Different Perspectives on a Story. *Journal of Educational Psychology* 69, 309-315.
- Pilati, R. (2018). *Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar* (1a ed.). São Paulo: Editora Contexto.
- Platão. (1972). *A república*. 9 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Popper, K. (1972). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.
- Popper, K. R. (2008). *Conjecturas e refutações* (5.ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Portocarrero, V. (1994). Introdução (pp. 17-22). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Priego-Hernández, J. (2011). *Sexual and Reproductive Health Among Indigenous Mexican Adolescents: A Socio-Representational Perspective*. Thesis, Institute of Social Psychology of the London School of Economics, London.
- Provencher, C. M. C. (2007). *Cognitive polyphasia in the MMR controversy: A theoretical and empirical investigation*. (Tese de Doutorado). London School of Economics and Political Science Institute of Social Psychology.
- Pruitt, D. G. (1987). Conspiracy Theory in Conflict Escalation. In: C. F. Graumann & S. Moscovici (eds.) *Changing Conceptions of Conspiracy* (pp. 191-201). New York: SSSP.
- Quattrociocchi, W., Scala, A. & Sunstein, C. R. (2016). *Echo Chambers on Facebook*. Recuperado de [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2795110](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2795110)
- Rateau, P. *et al.* (2012). Social Representation Theory. *Handbook of theories of social psychology*, 477-497.
- Rateau, P., Tavani, J.L., Delouvé, S. Social representations of the coronavirus and causal perception of its origin: The role of reasons for fear. *Health* (London), 27(1):94-113. doi: 10.1177/13634593211005172.
- Recuero, R. (2017). *Introdução à análise de redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- Recuero, R., Bastos, M. & Zago, G. (2018). *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina.
- Regner, A. C. K. P. (1994). Feyerabend/Lakatos: "adeus à razão" ou construção de uma nova racionalidade (pp. 103-132). In: V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Renedo, A. (2010). Polyphony and Polyphasia in Self and Knowledge. *Papers on Social Representations*, 9, 12.1-12.21.
- Restrepo-Uchoa, D. A. (2013). La Teoría Fundamentada como metodología para la integración del análisis procesual y estructural en la investigación de las Representaciones Sociales. *Revista CES Psicología*, 6(1): 122-133.

- Reynalds, S. (2011). *Retromania: Pop Culture's Addiction to Its Own Past*. London: Faber & Faber.
- Rezende, A. T. et al. (2019). Teorias da conspiração: significados em contexto brasileiro. *Estud. psicol.*, 36: 1-12.
- Rieder, B. (2015). Introducing the YouTube Data Tools. Recuperado de <http://thepoliticsofsystems.net/2015/05/exploring-youtube/>
- Ritter, J. (1995). A cada um a sua verdade: as matemáticas no Egíto e na Mesopotâmia (pp. 47-72). In: M. Serres (Org.). *Elementos para uma história das Ciências I: da Babilônia à Idade Média*. Lisboa: Terramar.
- Rodrigues, A. (1969). Consistência Cognitiva e Comportamento Social. *Arq. bras. Psic. apl.*, Rio de Janeiro, 21 (2):9-86.
- Rodrigues, A. (2018). *Da Inutilidade das Discussões: Uma perspectiva psicológica*. Independently Published.
- Rose, D. (2002). Análise de imagens em movimento. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (eds). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático* (pp. 343-364). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ross, L., & Ward, A. (1996). Naive realism in everyday life: Implications for social conflict and misunderstanding. In E. S. Reed, E. Turiel, & T. Brown (Eds.), *Values and knowledge* (pp. 103–135). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Sá, C. P. (1995). Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria (pp. 19-45). In: Spink, M. J. (1995). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 110 p.
- Sá, C. P. (2007). Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2): 290-295.
- Sá, C. P., Souto, S. & Moller, R. (1996). Socialização do saber acadêmico: uma pesquisa sobre a representação social da ciência à luz da teoria do núcleo central. In: Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sagan, C. (1987). *O ônus do ceticismo*. Tradução de Daniel Sottomaior. *Skeptical Inquirer*, 12: 1-13.
- Sagan, C. (2002). *Os Dragões do Éden – Especificações sobre a evolução da inteligência humana*. Lisboa: Ed. Gradiva:
- Sagan, C. (2006). *O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma vela no escuro*. Companhia das Letras.
- Sagan, C. (2017). *Cosmos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sammut, G., Andreouli, E., Gaskell, G. & Valsiner, J. (2015). Social representations: a revolutionary paradigm? (pp. 3-11). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Santos, J. L. G. dos., Cunha, K. S. da., Adamy, E. K., Backes, M. T. S., Leite, J. L., & Sousa, F. G. M. de (2018). Análise de dados: comparação entre as diferentes perspectivas

- metodológicas da Teoria Fundamentada nos Dados. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 52: 1-8. doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017021803303>
- Santos, J. L. G. et al. (2017). Análise de dados: comparação entre as diferentes perspectivas metodológicas da Teoria Fundamentada nos Dados. *Rev. Esc. Enferm. USP*: 1-8.
- Santos, M. M., Machado, J. A. & Silverio, R. M. (2019). *Percepção pública da C&T no Brasil – 2019*. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.
- Saputra, M. B. (2018). The Internet and Conspiratorial Beliefs: The Inseparable Pair. *Jurnal Komunikasi Indonesia* 7(3): 215-233.
- Schadewald, R. (2015). *The plane truth*. Recuperado de <https://www.cantab.net/users/michael.behrend/ebooks/PlaneTruth/pages/index.html>
- Scheid, N. M. J., Ferrari, N., & Delizoicov, D. (2016). Concepções sobre a natureza da ciência num curso de Ciências biológicas: imagens que dificultam a educação científica. *Investigações Em Ensino De Ciências*, 12(2), 157–181. Recuperado de <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/470>
- Scheufele, D. A., & Krause, N. M. (2019). Science audiences, misinformation, and fake news. *Proceedings of the National Academy of Science*: 3-8. doi:10.1073/pnas.1805871115
- Schlick, M. (1975/1932). Positivismo e realismo (pp. 45-89). In: M. Schlick, R. Carnap & K. Popper. *Os pensadores* (1a ed.). São Paulo: Abril Cultural.
- Schlick, M. (1975/1936). Sentido e verificação (pp. 89-116). In: M. Schlick, R. Carnap & K. Popper. *Os pensadores* (1a ed.). São Paulo: Abril Cultural.
- Serres, M. (1995). Prefacio que convida o leitor a não negligenciar a sua leitura para perceber a intenção dos autores e compreender a disposição deste livro (pp. 7-22). In: M. Serres (Org.). *Elementos para uma história das Ciências I: da Babilônia à Idade Média*. Lisboa: Terramar.
- Sharp, D. (2008). Advances in conspiracy theory. *The Lancet*, 372: 1371-1372.
- Shattuck, Roger. *Conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia*. Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shein, P. P. Li, Y. Y. e Huang, T.C. (2014). Relationship between scientific knowledge and fortune-telling. *Public Understanding of Science*, 23(7), 1–17.
- Sherman, D. K., & Cohen, G. L. (2002). Accepting Threatening Information: Self-Affirmation and the Reduction of Defensive Biases. *Current Directions in Psychological Science*, 11(4), 119–123. doi:10.1111/1467-8721.00182
- Sherman, D. K., & Cohen, G. L. (2006). The psychology of self-defense: Self-affirmation theory. In M. P. Zanna (Ed.). *Advances in experimental social psychology* (pp. 183–242). Elsevier Academic Press.
- Shermer, M. (2011). *The Believing Brain: From Ghosts and Gods to Politics and Conspiracies--- How We Construct Beliefs and Reinforce Them as Truths*. Nova York: Henry Holt an Company.
- Silva, T. & Stabile, M. (2016). Análise de redes em mídias sociais. In: Silva, T. & Stabile, M. (Orgs.). *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações* (pp. 235-260). São Paulo: Uva Limão.
- Silveira, F. L. (2017). Sobre a forma da Terra. *Física na Escola*, 15(2): 3-68.

- Simanek, D. E. (2006). *The Flat Earth*. Recuperado de <https://www.lockhaven.edu/~dsimanek/flat/flaearth.htm>
- Sire, A., Rateau, P. & Trémolière, B. (2018). *Integrating people's reasoning differences to the study of social representations and conspiracy theories*. Researchgate, 1-21.
- Sokal, A. & Bricmont, J. (2010). *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Spink, M. J. (1995). O estudo empírico das Representações Sociais (pp. 85-108). In: Spink, M. J. (1995). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995
- Staerklé, C. (2015). Social order and political legitimacy (pp. 280-294). In: G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Statista. (2020). Most popular social networks worldwide as of January 2019, ranked by number of active users (in millions). Recuperado de <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>.
- Steele, C. M. (1998). The psychology of self-affirmation: sustaining the integrity of the self. *Advances in Experimental Social Psychology*, 21, 261-302.
- Stevens, H. R., Oh, Y. J. & Taylor, L. D. (2021). Desensitization to Fear-Inducing COVID-19 Health News on Twitter: Observational Study. *JMIR Infodemiology*, 1(1): 1-12. doi: 10.2196/26876
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2a. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Tajfel, H. & Turner, J. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In: W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.). *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-37). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P. & Flament, C. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 1(2), 149-178. doi: <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202>
- Tajfel, H. (1984). *Grupos humanos y categorías sociales*. Barcelona: Editorial Herder.
- Travis, C. & Aronson, E. (2020). *Mistakes Were Made (But Not by Me): Why We Justify Foolish Beliefs, Bad Decisions, and Hurtful Acts*. (3.ed.). Boston: Mariner Books.
- Tsang, J. S. (2017). Cognitive Discrepancy, Dissonance, and Selective Exposure. *Media Psychology*, 1-24.
- Unesco. (2019). *How much does your country invest in R&D?* Recuperado de <http://uis.unesco.org/apps/visualisations/research-and-development-spending/>.
- Unesco. (2021). *Relatório de ciências da UNESCO: a corrida contra o tempo por um desenvolvimento mais inteligente*. Unesco. Recuperado de [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377250\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377250_por)
- Vala, J. (2004). Representações Sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: Vala, J. & Monteiro, M.B. (Orgs.). *Psicologia Social*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valsiner, J. (2003). Beyond Social Representations: A Theory of Enablement. *Papers on Social Representations*, 12: 7.1-7.16. Recuperado de <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/351/313>

- Valsiner, J. (2012). Fabricando oposições: *self* dialógico e dualidades na construção de significados. In J. Valsiner (pp. 108-144). *Fundamentos de uma psicologia cultura: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Van Prooijen, J. W. V. & Acker, M. (2015). The Influence of Control on Belief in Conspiracy Theories: Conceptual and Applied Extensions. *Applied Cognitive Psychology, Appl. Cognit. Psychol.* 29: 753–761.
- Van Prooijen, J. W. V. & Douglas, K. M. (2017). Conspiracy theories as part of history: The role of societal crisis situations. *Memory Studies* 10(3): 323–333.
- Van Prooijen, J. W. V. (2016). Sometimes inclusion breeds suspicion: Self-uncertainty and belongingness predict belief in conspiracy theories. *European Journal of Social Psychology*, 46: 267–279.
- Van Prooijen, J. W. V. (2018). Belief in Conspiracy Theories: Gullibility or Rational Skepticism?. *Running Head: Conspiracy Theories*, 1-23.
- Van Prooijen, J.W. & Jostmann, A. N. B. (2013). Belief in conspiracy theories: The influence of uncertainty and perceived morality. *European Journal of Social Psychology, Eur. J. Soc. Psychol.*, 43: 109–115. doi: 10.1002/ejsp.1922
- Van Prooijen, J.-W., Klein, O., & Milošević Đorđević, J. (2020). Social-cognitive processes underlying belief in conspiracy theories. In M. Butter & P. Knight (Eds.), *Handbook of Conspiracy Theories* (pp. 168-180). Oxon, UK: Routledge.
- Vaz, V. (2018). “A arte como procedimento”: 100 anos depois. *RUS (São Paulo)*, 9(12): 3-28.
- Viana, A. W. & Morigi, V. J. (2018). Redes de desejos consonantes: a impossibilidade da polifasia cognitiva na era da pós-verdade. *Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 17(35): 1-18.
- Vitorazzi, D. L. & Silva, A. M. T. B. (2020). As representações do ensino de ciências de um grupo de professores do ensino fundamental: implicações na formação científica para a cidadania. *Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências*, 22: 1-22.
- Wagner, W., Duveen, G., Verma, J. & Themel, M. (2000). “I have some faith and at the same time I don’t believe in it” – Cognitive polyphasia and culture change. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 10: 102-314.
- World Internet Users Statistics (2019). Internet Usage Statistics – The Internet Big Picture. Recuperado de <https://www.internetworldstats.com/stats.htm>
- Yamamoto, J. M. & Ichikawa, E. Y. (2007). Representações sociais da ciência: o que dizem as mulheres pesquisadoras da universidade estadual de Maringá. *Alcance - Univali* 14(1): 27 – 47.
- Yarvan, R. B. & Festinger, L. (1961). Preparatory action and belief in the probable occurrence of future events. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63(3): 603-605.
- You-Gov. (2018). Most flat earthers consider themselves very religious. Recuperado de <https://today.yougov.com/topics/philosophy/articles-reports/2018/04/02/most-flat-earthers-consider-themselves-religious>.
- YouGov-Cambridge. (2018). Brexit and Trump voters are more likely to believe in conspiracy theories. Recuperado de [https://d25d2506sfb94s.cloudfront.net/cumulus\\_uploads/document/pk1qbgil4c/YGC%20Conspiracy%20Theories%20\(all%20countries\).pdf](https://d25d2506sfb94s.cloudfront.net/cumulus_uploads/document/pk1qbgil4c/YGC%20Conspiracy%20Theories%20(all%20countries).pdf).

- Zaiuth, G. & Ogata, M. N. (2010). Representações Sociais de ciência e tecnologia: uma investigação da visão de alunos sobre a ciência. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.
- Zonis, M. & Joseph, C. M. (1994). Conspiracy Thinking in the Middle East. *Political Psychology*, 15(3): 443-459.



## Apêndices

### Apêndice A – Capítulo suplementar

#### Teoria fundamentada: considerações metodológicas suplementares

Como em outros estudos, a combinação da estratégia da teoria fundamentada com outras técnicas de coleta e análise de dados (Brailas, 2014; Campo-Redondo & Reverol, 2009; Halaweh, 2018; Restrepo-Uchoa, 2013), esbarrou na produção de um itinerário metodológico próprio. Por si só, a teoria fundamentada nos dados é uma estratégia metodologicamente onerosa. Além de demandar certa racionalização de tarefas, a simultaneidade entre a amostragem teórica e os diversos procedimentos analíticos, tende a gerar muitos códigos e categorias. Igualmente, as plataformas de redes sociais, como o YouTube produzem ainda mais dados. Cerca de 300 horas de vídeo são carregadas por minuto nessa plataforma (Pedroso, Borges & Oliveira, 2016). Nesse contexto de pesquisa, os desafios intrínsecos à utilização da teoria fundamentada nos dados têm levado à necessidade de adaptações dessa estratégia.

Essas adaptações e remodelagens denotam uma segunda maneira pela qual o uso da teoria fundamentada nos dados pode variar. A primeira delas, devemos lembrar, reside nas próprias origens dessa estratégia metodológica. A teoria fundamentada nos dados foi desenvolvida pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, nos EUA, em 1967, como proposta alternativa à tradição hipotético-dedutiva praticada à época (Santos et al., 2017). Em vez de testes empíricos dedutivos, a abordagem da teoria fundamentada dá um passo em direção ao pensamento conceitual e à construção de teorias através do raciocínio indutivo dirigido a dados qualitativos (Khan, 2014). Essas teorias, entretanto, tendem a ser substantivas. Na obra que originou o método, Glaser e Strauss (1967) distinguiram as teorias substantivas daquelas nomeadas como formais:

por teoria substantiva, queremos dizer aquela desenvolvida para uma área substantiva ou empírica de investigação sociológica, como atendimento ao paciente, relações raciais, educação profissional, delinquência ou organizações de pesquisa. Por teoria formal, queremos dizer aquela desenvolvida para uma área formal ou conceitual de investigação sociológica, como estigma, comportamento desviante, organização formal, socialização, congruência de status, autoridade e poder, sistemas de recompensa ou mobilidade social (p. 32, tradução nossa)<sup>150</sup>.

---

<sup>150</sup> “By substantive theory, we mean that developed for a substantive, or empirical, area of sociological inquiry, such as patient care, race relations, professional education, delinquency, or research organizations. By formal theory, we mean that developed for a formal, or conceptual, area of sociological inquiry, such as stigma, deviant behavior, formal organization, socialization, status congruency, authority and power, reward systems, or social mobility”.

Certamente a teoria substantiva pode catapultar a teoria formal (Santos et al., 2017; Glaser & Strauss, 1967) ou oferecer uma base empírica para ampliação de uma teoria formal existente (Strauss & Corbin, 2008). Aqui emerge a primeira variação a qual mencionamos, isto é, os pressupostos e técnicas utilizadas para geração da teoria substantiva. Depois da obra seminal de Glaser e Strauss (1967), o campo se dividiu em três vertentes metodológicas de teoria fundamentada nos dados: a abordagem clássica representada por Glaser; a proposta de Strauss e Corbin; e a corrente de Kathy Charmaz. Permanece em ambas a distinção entre teoria substantiva e teoria formal, a amostragem teórica, as análises comparativas constantes e a elaboração de memorandos (Santos et al., 2017). No entanto, como Santos et al. (2017) explicam, essas tradições metodológicas distinguem-se em três aspectos: 1) base filosófica: na corrente glaseriana, a ênfase na neutralidade e objetividade reflete uma base positivista; já a abordagem straussiana tem vinculação pós-positivista declaradamente interacionista simbólica e pragmática; Charmaz, por sua vez, endossa o paradigma construtivista; 2) uso da literatura: na proposição clássica, recomenda-se o início da coleta de dados sem qualquer conhecimento prévio da literatura; o mesmo ocorre na vertente charmaziana na qual a literatura deve ser consultada após a análise dos dados; diferentemente, na proposta straussiana, o uso apropriado da literatura é recomendado em todas as etapas da pesquisa; 3) sistema de análise de dados: as três abordagens contam com procedimentos de codificação relativamente diferentes.

Não é nosso intuito tratar das diferenças entre esses procedimentos, haja vista que nos baseamos na proposta de Strauss e Corbin (2008). Feitas as considerações acima, podemos retomar a segunda forma de variação do uso da teoria referente às adaptações com as quais diferentes estudos podem se deparar. Halaweh (2018), por meio de sua proposta de teoria fundamentada na mídia social, apresenta uma integração dessa estratégia ao estudo de mídias sociais. Nessa adaptação, o autor sugere nove etapas: 1) determinar o objeto de pesquisa: inicia-se com um objeto, assunto ou questão ligada ao universo digital sem, entretanto, consultar a literatura; 2) determinar a plataforma ou site: escolha da plataforma ou site em observância ao caráter público das informações; 3) determinar os critérios de seleção de dados: o material deve ser selecionado através de critérios estabelecidos e a amostragem teórica se inicia, findando com a saturação categórica; 4) filtragem e limpeza de dados: dados devem ser organizados e (re)codificados; 5) aplicação da codificação e análise comparativa constante: os dados são analisados, categorizados e subcategorizados; 6) identificação de categorias e formação da teoria: categorias são combinadas e recombinações de modo a possibilitar a emergência da categoria central; 7) revisão de literatura: somente nessa etapa a

literatura pode ser revisada; 8) identificação de semelhanças e diferenças: desse exercício três resultados são possíveis: a) a pesquisa confirma conceitos ou teorias anteriores na medida em que todas as categorias são estreitamente semelhantes às aquelas relatadas na literatura; b) a investigação estende a pesquisa existente na medida em que fornece alguns novos conceitos e teorizações; c) apesar de todas as categorias terem sido nomeadas de forma diferente, elas se referem implicitamente a conceitos já existentes; 9) relato ético dos resultados: fornecimento de anexos, citações originais e omissão de dados privados associados aos sujeitos da pesquisa (Halaweh, 2018).

No que concerne à análise de redes sociais, Brailas (2014) também apresentou uma proposta de sistematização para uso conjugado à teoria fundamentada. Nesse modelo, a teoria fundamentada é mais utilizada durante os processos de codificação aberta, comparação constante, amostragem teórica e memorandos. O produto dessa análise inicial tende a resultar numa rede de códigos interligados os quais podem ser tratados mediante codificação axial e seletiva. Contudo, no lugar desses procedimentos, Brailas (2014) propõe a utilização de técnicas de análise de redes sociais, quais sejam a manipulação da forma de distribuição por meio de algoritmos e a aplicação de alguma métrica – no caso a *modularidade*. No software Gephi, enquanto os algoritmos oferecem variadas formas de apresentação visual da rede, a métrica de *modularidade* permite a detecção de *clusters* e comunidades. Ou seja, Brailas (2014) utiliza esses recursos como blocos de construção conceitual da teoria substantiva. Aqui os nós representam, portanto, códigos, conceitos ou categorias. Já as arestas indicam as conexões entre os códigos. Eis porque se acredita que os pressupostos da análise de redes sociais podem auxiliar na identificação de subcategorias e da categoria central.

Além de aproximações entre a teoria fundamentada e procedimentos de coleta e análise de dados, há propostas de integração teórico-metodológicas. Campo-Redondo e Reverol (2009), por exemplo, defendem que, enquanto metodologia qualitativa, a teoria fundamentada pode auxiliar na determinação do núcleo central das representações sociais e sua estrutura. Nesse sentido, as autoras especulam em favor de uma compatibilidade entre a categoria central derivada da codificação seletiva e o núcleo central de uma representação (Campo-Redondo & Reverol, 2009). Já o trabalho de Restrepo-Uchoa (2013) utiliza os procedimentos metodológicos da teoria fundamentada para discutir possibilidades de articulação metodológica entre a abordagem processual e a estrutural das representações sociais. Basicamente, Restrepo-Uchoa (2013) argumenta que a identificação do conteúdo da representação, o estudo das relações hierárquicas entre seus elementos e a determinação do

núcleo central, coincidem com as três etapas de análise da teoria fundamentada – codificação aberta, axial e seletiva.

Embora tenhamos utilizado como base a sistematização proposta por Strauss e Corbin (2008), não nos baseamos em nenhum dos modelos acima. Isso acarretou na produção de um itinerário de pesquisa que guarda tanto semelhanças quanto distinções em relação a essas propostas. Disso decorre a necessidade de algumas considerações metodológicas suplementares que faremos a seguir.

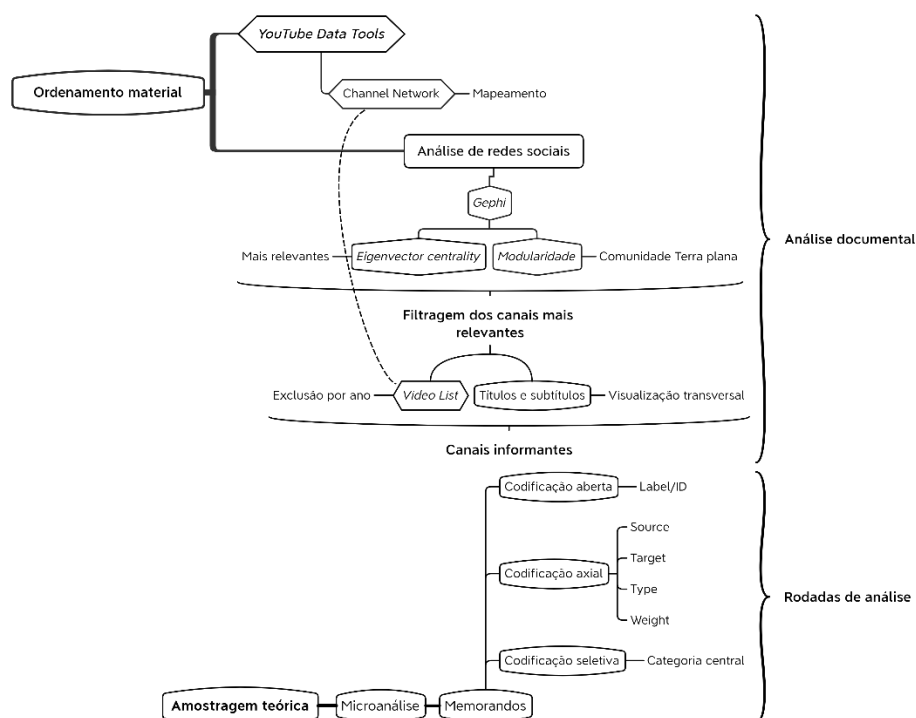
### **Itinerário metodológico: da teoria fundamentada ao sistema de crenças terraplanista**

Todos os procedimentos metodológicos os quais utilizamos se encontram descritos no capítulo de Métodos. Enfatizaremos aqui, portanto, os passos que seguimos na identificação do sistema de crenças terraplanista (Figura 16). Formalmente, o uso que damos ao termo sistema de crenças se aproxima vigorosamente da definição formulada por Converse (2006). Para o autor, um *sistema de crenças* é “uma configuração de ideias e atitudes na qual os elementos estão unidos por alguma forma de restrição ou interdependência funcional” (p. 3, grifos do autor, tradução nossa)<sup>151</sup>. Aqui o sistema de crenças terraplanista não se confunde com as representações sociais sobre os elementos que o integram, porque ele certamente trata da realidade que elas ajudam a produzir. É esperado que todas as informações elementares as quais compõem essa realidade estejam estrutural e hierarquicamente dispostas. A hierarquia seria fruto das variações na centralidade de cada elemento e, a centralidade, por sua vez, resulta em restrições. Em conformidade com a categoria central na teoria fundamentada, um elemento é central na medida em que “altera o status de uma ideia-elemento no sistema de crença” (Converse, 2006, p. 4, tradução nossa)<sup>152</sup>. Podemos resumir nosso percurso até a identificação do sistema de crenças terraplanista com o esquema apresentado pela Figura 23.

---

<sup>151</sup> “We define a *belief system* as a configuration of ideas and attitudes in which the elements are bound together by some form of constraint or functional interdependence”.

<sup>152</sup> “changes the status of one idea-element in the belief system”.



**Figura 23.** Síntese do percurso metodológico

Seria extremamente trabalhoso se a cada vídeo analisado tivéssemos que retornar ao próximo canal informante e selecionar outro vídeo com base em nossos critérios. Isso multiplicaria desnecessariamente o trabalho de coleta e análise que, diga-se de passagem, já envolve quatro procedimentos simultaneamente empregados – microanálise, registro de notas em memorandos, codificação aberta e codificação axial. Por essa razão, durante a etapa de análise documental realizamos um ordenamento material a fim de levantar potenciais fontes de informação e construir um banco de dados com os canais informantes e as respectivas listagens de vídeos os quais poderiam ser analisados a cada rodada de análise (Figura 23). Logo, a título de sistematização das etapas que seguimos, podemos dividir nossa pesquisa em dois momentos: ordenamento material e rodadas de análise.

Durante o ordenamento material tivemos dois objetivos centrais: identificar os canais informantes e preparar o conteúdo produzido por eles para análise. Primeiramente, buscamos conhecer a rede na qual os canais estavam inseridos. Utilizamos o módulo *Channel Network* do *YouTube Data Tools* para minerar os dados dos canais do YouTube associados ao termo “Terra plana”. E em seguida, abrimos o arquivo no Gephi para analisar a rede de canais através de pressupostos da Análise de Redes Sociais (Recuero, 2017; Recuero, Bastos & Zago, 2018) e aplicação das métricas *Eigenvector centrality* e *modularidade*. Esses passos permitem o mapeamento da rede de canais, a identificação da comunidade Terra plana e filtragem dos canais mais relevantes.

Porém, os canais mais relevantes da rede ainda não são os canais informantes. Devemos considerar como canais informantes aqueles os quais são os mais relevantes segundo os critérios de Análise de Redes Sociais priorizados e os critérios adotados em cada pesquisa conforme as perguntas que tentamos responder. Quaisquer que sejam os critérios usados, sugerimos o módulo *Video List*. Esse módulo nos permitiu a geração de uma lista de canais contendo informações substancialmente completas sobre os vídeos produzidos pelos canais mais relevantes<sup>153</sup>. É claro que, dados os nossos propósitos, essa lista não dispensou a necessidade de realizar buscas internas pelos termos “ciência” e “cientista” em cada um dos canais relevantes. Esse tipo de busca permite transferir os títulos hiperlinkados para a planilha e montagem de um banco de dados complementado pelas informações do *Video List*. Além de excluir vídeos repetidos e inadequados ao nosso recorte temporal, lemos os títulos e subtítulos e, quando necessário, visualizamos transversalmente cada vídeo. Na medida em que realizávamos essas ações, classificávamos os vídeos a fim de termos uma ideia sobre o assunto abordado ou enfatizado em seu teor. Elaboramos tabelas e gráficos para entender a média de vídeos produzidos por ano ou por assunto, as categorias nativas mais utilizadas e a classificação desses vídeos. Sobre esse último aspecto, a Tabela 6 exhibe um exemplo de como realizamos uma classificação prévia do conteúdo do canal Ciência de verdade.

**Tabela 6 – Ciência de verdade: classificação segundo título e tema anunciado**

Classificação dos vídeos	$f_i$	$f_a$
“Conhecimento científico”	46,13%	179
Conspirações	29,12%	113
Religião	17,27%	67
Autoajuda, Experiências, Comemorações	5,15%	20
<i>Reacts</i> e referências externas	2,32%	9
Total		388

**Fonte:** dados da pesquisa

O tipo de classificação acima foi o que nos possibilitou chegar automaticamente nos canais informantes. Tendo uma classificação semelhante para cada canal da lista dos mais relevantes (Tabela 2), identificamos a centralidade do tema da ciência e comparamos as combinações desse assunto com outros abordados (Tabela 3). Por conseguinte, chegamos não só aos canais informantes, como ordenamos o material de análise em classes que podiam ser prontamente identificadas e acessadas. Esse trabalho se mostrou indispensável durante a quarta e última rodada de análise (Tabela 4) contendo vídeos com algum tipo de interação

<sup>153</sup> *position, channelId, channelTitle, videoId, publishedAt, publishedAtSQL, videoTitle, videoDescription, tags, videoCategoryId, videoCategoryLabel, duration, durationSec, dimension, definition, caption, thumbnail\_maxres, licensedContent, viewCount, likeCount, dislikeCount, favoriteCount e commentCount.*

entre os terraplanistas e outros indivíduos que não faziam parte do movimento. Na Tabela 6, os vídeos de interações do canal Ciência de verdade pertenciam à classe *Reacts* e referências externas.

Dispondo de canais informantes e um banco de dados com todos os conteúdos produzidos por eles devidamente organizados, passamos ao segundo momento de nossa pesquisa (Figura 23). Aqui o mais importante é que durante a codificação aberta, além dos rótulos dados aos fenômenos (conceitos), sejam atribuídos *IDs* numéricas a cada um deles. Já na codificação axial, é imprescindível o registro sistemático das relações entre as categorias, subcategorias, conceitos, propriedades e dimensões que vão sendo identificadas e reagrupadas. Se de um lado, os conceitos e *IDs* permitirão a construção de uma matriz de nós (*nodes*), de outro, é o registro de conexões conceituais e categóricas que facilitará a produção de uma matriz de arestas (*edges*), indicando o nó fonte ou *source* (categoria, subcategoria, conceito) e o nó alvo – *target*. No Gephi, tanto os nós quanto suas conexões podem ser diretamente feitas em *Laboratório de dados*. Outra opção pode ser a criação de dois arquivos com formato de saída *CSV* (*Nodes* e *Edges*), por exemplo, através do Excel (Figura 24). Ambos podem ser carregados no *Laboratório de dados* do Gephi para produção de um grafo.

	A	B
1	Label	ID
2	Satanás	1
3	Táticas far	2
4	Dar conhe	3
5	Conceitos	4
6	Reescrita	5
7	Sociedade	6
8	Maçonari	7
9	Paganism	8
10	Asquenaz	9
11	Pitágotas	10
12	Platão	11
13	Copérnicc	12
14	G. Bruno	13
15	Gallieu	14
16	Kepler	15
17	Newton	16
18	Cavendish	17
19	B. Frankli	18
20	Darwin	19
21	Einstein	20
22	W. Disney	21
23	C. Sagan	22
24	degrasse	23
25	Sociedade	24
26	Elite 5.0	25
27	Senhores	26
28	Planos e p	27
29	Destruir c	28
30	Redução p	29
31	Escravizar	30
32	Nova Orde	31
33	Sistema n	32
34	Palco	33

	A	B	C	D
1	source	target	Type	Weight
2	32	1	connectio	8
3	107	1	connectio	8
4	124	1	connectio	8
5	135	1	connectio	8
6	158	1	connectio	8
7	174	1	connectio	8
8	212	1	connectio	8
9	2	1	inclusion	6
10	6	1	inclusion	6
11	24	1	inclusion	6
12	33	32	inclusion	6
13	62	32	inclusion	6
14	63	32	inclusion	6
15	108	107	inclusion	6
16	115	107	inclusion	6
17	125	124	inclusion	6
18	126	124	inclusion	6
19	127	124	inclusion	6
20	136	135	inclusion	6
21	137	135	inclusion	6
22	138	135	inclusion	6
23	150	135	inclusion	6
24	159	158	inclusion	6
25	164	158	inclusion	6
26	169	158	inclusion	6
27	171	158	inclusion	6
28	175	174	inclusion	6
29	176	174	inclusion	6
30	197	174	inclusion	6
31	201	174	inclusion	6
32	213	212	inclusion	6
33	217	212	inclusion	6
34	218	212	inclusion	6

**Figura 24.** Matrizes *Nodes* e *Edges*

É digno de nota que o grafo de categorias que apresentamos em nossos resultados (Figura 16) comporta diferenças significativas em relação à proposta de Brailas (2014). Como estávamos interessados, sobretudo numa representação visual simples de todas as categorias, subcategorias e propriedades, as relações expressas na Figura 16 são hierárquicas e estruturais. Ou seja, já havíamos inferido à categoria central antes de construir o grafo, porém

nos faltava uma representação visual mais didática e econômica. Apenas usamos o Gephi para construir uma melhor representação. Com um domínio maior dessas ferramentas, deve ser possível automatizar o processo de identificação da categoria central. No entanto, não nos parece ser algo possibilitado pelo modelo de Brailas (2014), já que nada é dito sobre os critérios mais adequados e precisos para atribuir um peso (*Weigh*) e indicar o tipo (*Type*) de conexão que inferimos entre as categorias, subcategorias e propriedades durante a codificação axial.

Essa é uma das razões pelas quais apresentamos nossos resultados em três momentos: resultados da Análise de Materialidade Audiovisual, perspectiva terraplanista e nosso ponto de vista analítico. Pela perspectiva terraplanista, a categoria central era *Satanás*, pois essa categoria se conectava direta e indiretamente com todas as outras. Por assim dizer, a existência e atuação de *Satanás* é que orquestrou toda uma cadeia de eventos os quais impactam na emergência de um *Sistema maligno* que oculta a realidade e propaga uma ciência falsa. Quando, na sequência, apresentamos nosso ponto de vista analítico e (re)consultamos a literatura, comparando-a com nossos resultados, tiramos duas conclusões previstas por Halaweh (2018): nossa pesquisa tanto confirma conceitos e teorias prévias quanto fornece alguns novos conceitos e teorizações. Como apresentamos os mesmos dados de duas formas diferentes, é desnecessário dizer que categorias nomeadas de forma diferente se referiam implicitamente a conceitos já existentes (Halaweh, 2018). Nem todas as categorias possuem uma correspondência direta, porém, podemos tomar como exemplo as categorias *Formas de gerenciamento do oculto* e *Gerenciamento da alteridade*. Na primeira, os conceitos de *exame*, *questionamento*, *contradição* e *desconforto/conversão* dão origem às teorizações que fazemos sobre conflito, dissonância cognitiva, conversão e decisão/posição. De igual modo, as formas de alteridade da segunda categoria mencionada acima oferecem o ponto de partida para inferências sobre barreiras semânticas, perspectiva, comparação social, etc. É digno de nota, que na discussão dos resultados, o trabalho comparativo com a literatura estimulado pela teoria fundamentada nos dados não acaba. Pelo contrário, se nos resultados o montante de nossos raciocínios é indutivo, na discussão sobre as implicações de nossos dados e eventuais hipóteses, o movimento é mais dedutivo com a finalidade de indicar caminhos para o aperfeiçoamento da teoria substantiva.